

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

LUCAS PATSCHIKI

**OS LITORES DA NOSSA BURGUESIA: o Mídia Sem Máscara em
Atuação Partidária (2002-2011)**

Marechal Cândido Rondon - PR
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

LUCAS PATSCHIKI

**OS LITORES DA NOSSA BURGUESIA: o Mídia Sem Máscara em
Atuação Partidária (2002-2011)**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon, na Linha de Pesquisa Estado e Poder, sob a orientação do prof. Dr. Gilberto Grassi Calil.

Marechal Cândido Rondon - PR
2012

ATA E PARECER



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pimenteira, 1777 - Centro - Cx. P. 95 - http://www.unioeste.br
Fone: (41) 3284-7878 - Fax: (41) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



Programa de Pós-Graduação em História - Nível Mestrado
Reconhecimento pelo Portaria Ministerial - MEC, nº 524, de 29/04/2008, publicada no DCU de 30/04/2008.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos vinte e nove dias do mês de março de 2012, às 09:00 horas, na sala de aula da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon - UNIOESTE, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado em História constituída pelos professores Dr. Gilberto Grassi Calli (Orientador) (UNIOESTE), Dr. Gelsom Rozentino de Almeida (UERJ), Dr. Marcio Antônio Both da Silva (UNIOESTE)), para avaliarem o trabalho "Os litores da nossa burguesia: mídia sem máscara em atuação partidária (2002-2011)", apresentado pelo pós-graduando Lucas Patschiki para a obtenção do título de "Mestre em História" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História da UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado. Nada mais havendo a constar, eu Gilberto Grassi Calli, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pelo pós-graduando avaliado.

Marechal Cândido Rondon, 29 de março de 2012.

Gilberto Grassi Calli
Orientador

Gelsom Rozentino de Almeida
Membro

Marcio Antônio Both da Silva
Membro

Lucas Patschiki
Membro



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pimenteira, 1777 - Centro - Cx. P. 95 - http://www.unioeste.br
Fone: (41) 3284-7878 - Fax: (41) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH
UNIOESTE

PARECER DESCRITIVO

Título da Dissertação: "Os litores da nossa burguesia: mídia sem máscara em atuação partidária (2002-2011)".

Nome do concluinte: Lucas Patschiki

Integrantes da Banca:

1. Prof. Dr. Gilberto Grassi Calli,
2. Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida,
3. Prof. Dr. Marcio Antônio Both da Silva.

parecer:

A dissertação possui uma estrutura são importante para o conhecimento de um tem de grande relevância. A banca destaca o rigor me- todológico a análise crítica e original no trabalho com as fontes. A banca recomenda a publica- ção da dissertação.

Marechal Cândido Rondon, 29 de março de 2012.

Este trabalho é dedicado à memória
de Bruno Bardini (1982-2011).

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa durante determinado tempo acaba por ser quase o norte de vida para o historiador, então antes de qualquer coisa, tenho a obrigação de agradecer minha família, que suportou ao meu lado estes dois anos de altos e baixos. Agradeço especialmente meus pais, Lourdes e José Agostinho, pela compreensão, apoio e tapas na nuca – vocês são meu porto seguro nesta vida conturbada. Meu irmão Ariel, pela ajuda e por toda a experiência de vida, assim sua namorada Liciane. Minha avó Dona Verônica, por todas as risadas tomando café e fumando um cigarrinho. Meus primos Mateus e Vitor, meu tio Paulo e tia Kika. Minha tia Rose e tio Rogério, Débora, Hélvio, Edina e Enzo. Carlos e Denise Kletemberg e família. Tia Erli e Manolo. E meu grande amor, Janaína de Paula do Espírito Santo, por tudo o que já vivemos e por tudo o que ainda nos espera. Do mesmo modo sua família: Dona Maria, Marcelo e família, Sabrina, etc.

Não poderia deixar de agradecer Andréa Zanicoski, por tudo.

Agradeço meu orientador, Gilberto Calil, por ter aceitado esta tarefa e por sempre manter o diálogo franco e verdadeiro – esta é só uma de suas muitas lições que vou levar pelo resto da vida. Assim como meu co-orientador e membro da banca Márcio Both (e Sandrinha). Aos professores do curso de História da Universidade do Oeste do Paraná, que fizeram desta uma segunda casa para mim: Zen, Ruela, Marquinhos e Cíntia, Barraca e Kleyne, Paulo, Carla, Rinaldo, Blankl, Cida, Selma... E um agradecimento mais do que especial para a Iraci, que me salvou de algumas presepadas nestes últimos dois anos. Marechal Cândido Rondon foi decisivo em meu crescimento profissional e pessoal, e desde agora sinto falta de todos.

Ao arguidor convidado para as bancas desta pesquisa Gelsom Rozentino de Almeida, pelas contribuições e olhar crítico, Virgínia Fontes pelo curso ministrado durante o mestrado (que trouxe reflexões importantes para este trabalho ir além), Jefferson Barbosa pelos toques, Carmencita Holleben de Mello Ditzel e Niltonci Batista Chaves por todo o aprendizado durante minha graduação. Agradeço também ao Grupo de Pesquisa de Estado e Poder, ao GT de Marxismo da ANPUH, e ao GEINT, agora dos Movimentos e Partidos Políticos de Direita, cujas indicações de leituras e discussões contribuíram de modo constante para minha formação.

Aos meus camaradas de vida, luta e boteco, velhos e novos amigos, por tudo: Bedin, Nano, Carlão, Samuca, Alana, César, Jeca e a tribo perdida dos *hardtrance*, Calouro, Mutley,

André Cardoso (*Brothers beneath the skin!*), Paula e Boroske, Hugo, Maristela e Vilson (valeu pela capa incrível!), Vânia, Cíntia e Vassoura, Babosa, Cris e Dominik (Helga Sastroz comanda!), Tonhão, Duda, Carem, Guizões (o Grando e o Andrade), Gorenzzo, Lausane e Chico, Suzanne e Fago, Croco e Keka, Jaime, Alexandre Arienti, Jô, Chekeréu, Elaine, Sabugo, Daniel e os Anônimos, Tonho Branco, Dama e Belo, Vitor, Kah, Cleriston, Viteck, Júlio, Magro, Errado, Eder, Rafahell Ciello, Marco Tonho, Brunão, Gabriel, Diogo, Ulisses, Ricardo, Karin, Tinaca, Rodrinks, Mila e Giovanni, Cesinha, Silvia, Xitara e Olavinho, Bel, Karen, Mima, Bóris, Popis, Emer, Beleza, Birk, Kleber, Dona Laura, Betânia, Paty, Marcus, Cátia, Simone, Cristiano, Cabeludo e Senaide, Lucas, Douglas, Gil, Rato, Marco, André, Carla, Presa, Fano, Java, Marcelo, Bomba e Juliana, Cleverson, Insano, Vasco, Dani, Fabrício, Fernandão, Milena, Felipe, Andréa e Cláudio, Jefferson, Matheus, Zilá, Hugo Bagatim, Bruce, Cristiano, Visão, Paulinho Louco, Enig, Pitter, RUDI, Everton, Seu Oswaldo, Aracely e com certeza mais um sem número de pessoas que agora me escapam. Esta dissertação também é devedora de todas as lutas com a galera do LEH e do Centro Acadêmico de História da UNIOESTE (*Do silêncio ao grito!*), do Diretório Acadêmico de História da UEPG e da nossa gestão na Associação dos Pós-Graduandos da UNIOESTE (*Se-Rebeldiar!*).

É estranho, e até difícil, ler estes agradecimentos, pois tantas e tantas pessoas influíram, direta e indiretamente, sobre esta pesquisa, que o receio de ser injusto com qualquer uma delas me apavora. Que esta retratação sirva de abraço forte a cada uma delas, pois apesar de escaparem do papel com certeza habitam parte do meu ser.

Por fim agradeço a Fundação Araucária por ter me concedido uma bolsa de estudos, fundamental para a viabilização material desta pesquisa.



Vilson André Moreira Gonçalves. *Fáceis*. 2012.

RESUMO

Investigamos nesta dissertação a atuação partidária do grupo organizado em torno do *website* Mídia Sem Máscara (www.midiasemmascara.org) entre os anos de 2002 e 2011. Ele se constitui em 2002, no contexto das eleições presidenciais que elegeram Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, apresentando-se como um *observatório de imprensa*, sob a responsabilidade de seu principal organizador Olavo de Carvalho. Este propunha através do Mídia Sem Máscara agrupar uma série de intelectuais de direita em torno de um componente ideológico: o anticomunismo. Após aquela eleição houve rápida ascensão anticomunista na mídia brasileira, elemento de pressão sobre o Partido dos Trabalhadores para que cumprisse os compromissos assumidos com a burguesia e o imperialismo. Explicação que não é suficiente para caracterizar o avanço de um movimento organizado de tipo fascista, que iremos analisar através dos limites do ultraliberalismo como projeto histórico-social, incapaz de solucionar as crises do capital-imperialismo. Nesta conjuntura o anticomunismo serviu como base ideológica comum para o “espectro” fascista da sociedade, um movimento organizador visando o acirramento da luta de classes. O Mídia Sem Máscara partiu destas bases militando por um projeto fascista – ainda não plenamente desenvolvido, já que determinado pela conjuntura. O fascismo é compreendido aqui como um fenômeno nascido com o imperialismo, cuja função política e social primária é o de reorganizar o bloco no poder de maneira brutal durante a crise aberta, para a manutenção e reprodução da sociedade de classes – o que denota seu caráter de luta aberta contra a classe trabalhadora e suas organizações, de maneira geral contra qualquer avanço conquistado pelas classes exploradas. Isto não significa que qualquer crise abre caminho para a alternativa fascista, mas é pela perspectiva de ruptura institucional que os movimentos fascistas contemporâneos organizam-se. Esta é uma das prerrogativas do que podemos chamar de terceira “onda” fascista, ideologicamente distinta das anteriores pela aceitação dos pressupostos econômicos ultraliberais e organizativamente pela ênfase na formação de redes extrapartidárias. Iremos abordar nesta dissertação: a relação da história imediata com a academia; a produção do conhecimento histórico e a questão da verdade histórica; os desenvolvimentos qualitativos do capitalismo no século passado; o desenvolvimento da internet como parte da ampliação das formas de reprodução do capital; a instalação da internet no Brasil; os movimentos fascistas em suas transformações; a trajetória pública de Olavo de Carvalho; a constituição e afirmação do Mídia Sem Máscara; sua organização; peculiaridade discursiva; formas de atuação para propaganda, cooptação e formação de seus leitores-militantes através da internet; os grupos sociais aos quais dirigem-se; sua rede extrapartidária; e suas premissas ideológicas, enfatizando a especificidade de seu anticomunismo (o anticomunismo contra Gramsci).

PALAVRAS-CHAVE: Mídia Sem Máscara; Olavo de Carvalho; Fascismo; Anticomunismo; História Imediata.

ABSTRACT

In this dissertation we investigated the performance of the partisan group organized around the website Maskless Media (Mídia Sem Máscara, www.midiasemmascara.org) between the years 2002 and 2011. The website was founded in the year of 2002 in the context of presidential elections to elect Luiz Inácio Lula da Silva of the Workers Party (Partido dos Trabalhadores), presenting itself as an *observatory of the press*, under the responsibility of the main organizer Olavo de Carvalho. He proposed through the Mídia Sem Máscara group a series of right-wing intellectuals around an ideological component: the anticommunism. After this election there is a fast rise on anticommunism in Brazilian media as an element of pressure on the Labor Party to fulfill the commitments made with the bourgeoisie and imperialism. Explanation that is not sufficient to characterize the progress of an organized movement of fascist type, which we'll analyze through the limits of ultra-liberalism as a social-historical project, unable to resolve the crisis of capital-imperialism. In this conjuncture its anticommunism served as common ideological basis for the fascist "spectrum" of society, organizing a movement aiming the intensification of class struggle. Starting from this bases, the group Mídia sem Máscara began their militating for a fascist project - not yet fully developed, given the circumstances. Fascism is here understood as a phenomenon born with imperialism, which first political and social function is to rearrange the block in the power in a brutal manner during the open crisis, for the maintenance and reproduction of class society – which indicates its character of constant struggle against the working class and generally against any democratic advance. This does not mean that any crisis gives way to an alternative fascist, but is by the perspective of institutional breakdown that contemporary fascist movements are organized. It is one of the prerogatives of what we might call the third fascist "wave", ideologically distinct from the previous by the acceptance of the ultra-liberal economic presuppositions and organizationally by the emphasis on the formation of networks around the party. We investigate in this dissertation: the approaches to the immediate history in academy; the production of historical knowledge and the question of historical truth; the qualitative developments of capitalism in the last century; the development of the internet as part of the expansion of forms of reproduction of capital; the installation of Internet in Brazil; fascist movements in its transformations; the public career of Olavo de Carvalho; the formation of the Mídia Sem Máscara and its affirmation; its organization; discursive peculiarity; ways of activity for propaganda, cooptation and training of their readers-militants over the internet; the social groups which are aimed; its network around the party; and their ideological assumptions, emphasizing the specificity of their anticommunism (the anticommunism against Gramsci).

KEY WORDS: Mídia Sem Máscara; Olavo de Carvalho; Fascism; Anticommunism; Immediate history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Representação da hierarquia DNS.....	p. 68.
FIGURA 2: Hierarquia do CGI.br.....	p. 108.
FIGURA 3: Instituto Olavo de Carvalho e loja de mosaicos Ghellere.....	p. 158.
FIGURA 4: “Flagrantes da vida real”, segundo Carvalho.....	p. 217.
FIGURA 5: Orçamento Geral da União executado em 2010 (inclui “refinanciamentos” da dívida).....	p. 259.
FIGURA 6: <i>Sites</i> de parceiros do Foro do Brasil.....	p. 301.
FIGURA 7: Gráfico da rede do MSM, em análise de Colin Brayton.....	p. 302.
FIGURA 8: Página inicial do site “Vanguarda Popular”.....	p. 313.
FIGURA 9: Camiseta de Olavo de Carvalho vendida na “Vanguarda Popular”....	p. 314.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Investimentos em P&D dos EUA entre 1947-1998.....	p. 53.
TABELA 2: Participantes e ex participantes do conselho de diretores do ICANN, por país, desde 2000.....	p. 82.
TABELA 3: Cursos, palestras e conferências de Olavo de Carvalho.....	p. 129.
TABELA 4: Traduções e serviços editoriais de Olavo de Carvalho.....	p. 133.
TABELA 5: Lançamentos de ciência política da editora UniverCidade.....	p. 140.
TABELA 6: Livros publicados por Olavo de Carvalho.....	p. 141.
TABELA 7: Correligionários do <i>Inter-American Institute</i>	p. 150.
TABELA 8: Cursos oferecidos no Instituto Olavo de Carvalho e preços.....	p. 154.
TABELA 9: Periódicos em que Olavo de Carvalho publicava em 2002.....	p. 182.
TABELA 10: Publicações de “alunos e amigos” em 23.09.02.....	p. 193.
TABELA 11: Colunistas do MSM em 02.04.03.....	p. 194.
TABELA 12: Atuais colunistas do MSM.....	p. 198.
TABELA 13: Comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut.....	p. 227.
TABELA 14: Descrição das comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut.....	p. 228.
TABELA 15: Comunidades relacionadas à comunidade Olavo de Carvalho no Orkut.....	p. 229.
TABELA 16: Descrição das comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut.....	p. 230.
TABELA 17: Resultados eleitorais dos partidos de “extrema-direita” para o Parlamento Europeu de 2009.....	p. 271.
TABELA 18: <i>Sites</i> mantidos por atuais colunistas do MSM.....	p. 299.
TABELA 19: Rede extrapartidária do MSM até oito <i>links</i> de saída.....	p. 304.
TABELA 20: Rede extrapartidária do MSM de sete até dois <i>links</i> de saída.....	p. 309.
TABELA 21: Rede extrapartidária do MSM com um <i>link</i> de saída.....	p. 319.
TABELA 22: Lista de matérias do MSM de 18.09.02.....	p. 329.
TABELA 23: Análise de 10 matérias do MSM de 18.09.02.....	p. 330.
TABELA 24: Mapa da atuação do “gramscismo” segundo Sérgio Augusto de Avellar Coutinho.....	p. 347.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACSP – Associação Comercial de São Paulo
AGCS – Acordo Geral de Comércio de Serviços
AIR – Ação Integralista Revolucionária
ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações
ANDES-SN – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
ANEL – Assembléia Nacional dos Estudantes – Livre
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
BITNET – *Because It's Time Network*
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BNH – Banco Nacional de Habitação
CALTECH – *California Institute of Technology*
ccTLDs – *Country Code Top-Level Domain*
CEDET – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
CERN – *Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*
CGI.br – *Comitê Gestor da Internet no Brasil*
CIA – *Central Intelligence Agency*
CNRS – *Centre National de la Recherche Scientifique*
CSP-CONLUTAS – Central Sindical e Popular-Coordenação Nacional de Lutas
CTAL – Confederação dos Trabalhadores da América Latina
CTB – Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil
CUT – Central Única dos Trabalhadores
DARPA – *Advanced Research Projects Agency*
DCI – *Director of Central Intelligence*
DEM – Partido Democratas
DNS – *Domain Name System*
DoD – *Department of Defense*
EAD – Ensino à Distância
FAPESP – Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo
FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FBI – *Federal Bureau of Investigation*
FCC – *Federal Communications Commission*
FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos
FED – *Federal Reserve System*
FIB – Frente Integralista Brasileira
FMI – Fundo Monetário Internacional
FN – Frente Nacional
GBM – Grupo Banco Mundial
GPS – *Global Positioning System*
GTER – Grupo de Trabalho de Engenharia e Operação de Redes
GTS – Grupo de Trabalho de Segurança de Redes
HACER – *Hispanic American Center for Economic Research*
IAB – *Internet Architecture Board*
IANA – *Internet Assigned Numbers Authority*
ICANN – *Internet Corporation for Assigned Names and Numbers*
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IETF – *Internet Engineering Task Force*

IHTP – *Institut d’Histoire du Temps Présent*
III-PNDH – Terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos
IMIL – Instituto Millenium
IOC – Instituto Olavo de Carvalho
ISOC – *Internet Society*
LNCC – Laboratório Nacional de Computação Científica
MEC – Ministério da Educação
MIL-B – Movimento Integralista Linearista do Brasil
MIT – *Massachussets Institute of Technology*
MSIFT – Movimento Social Italiano Bandeira Tricolor
MSM – Mídia Sem Máscara
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NASDAQ – *National Association of Securities Dealers Automated Quotations*
NFS – *National Science Foundation*
NIC – *Network Information Centre*
NIPC – *National Infrastructure Protection Center*
NPD – *Nationaldemokratische Partei Deutschlands*
OEA – Organização dos Estados Americanos
OMC – Organização Mundial do Comércio
OMPI – Organização Mundial da Propriedade Intelectual
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONG – Organização Não Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PAC – Programa de Aceleração do Crescimento
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PFL – Partido da Frente Liberal
PIB – Produto Interno Bruto
PNSB – Partido Nacional Socialista Brasileiro
PRONA – Partido de Reedificação da Ordem Nacional
PRP – Partido de Representação Popular
PSD – Partido Social Democrático
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PT – Partido dos Trabalhadores
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
PUC – Pontifícia Universidade Católica
RFC – *Request for Comments*
RNP – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
SEI – Secretaria Especial de Informática
TCP/IP – *Transmission Control Protocol/Internet Protocol*
TFP – Tradição, Família e Propriedade
UCC – União Conservadora Cristã
UDN – União Democrática Nacional
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UIT – *United Nations Agency for Information and Communication Technology Issues*
UnB – Universidade de Brasília
UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*
UNESP – Universidade Estadual de São Paulo

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UOBC – União Operária e Camponesa do Brasil
USP – Universidade de São Paulo
VIDE – Vigilância Democrática
WWW – *World Wide Web*

SUMÁRIO

Introdução.....	p. 16.
PARTE 1:	
1. DESENVOLVIMENTOS RECENTES DO CAPITALISMO.....	p. 39.
1.1. As telecomunicações no capital-imperialismo.....	p. 60.
2. A REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES.....	p. 66.
3. A INTERNET NO BRASIL.....	p. 97.
PARTE 2:	
4. INTELECTUAIS E O MSM.....	p. 116.
4.1 Olavo de Carvalho.....	p. 124.
5. O MSM COMO PARTIDO.....	p. 171.
5.1 Criação e afirmação do MSM.....	p. 180.
6. O MSM E O FASCISMO.....	p. 242.
6.1. A continuidade fascista no século XX.....	p. 261.
6.2. O MSM e o <i>Tea Party</i>	p. 287.
7. O MSM E SUA REDE EXTRAPARTIDÁRIA.....	p. 293.
8. O MSM EM SEUS MARCOS IDEOLÓGICOS.....	p. 324.
8.1 O anticomunismo contra Gramsci.....	p. 329.
8.2 A história entre a revolução e a reação.....	p. 352.
Considerações finais.....	p. 380.
Bibliografia.....	p. 388.
Fontes.	p. 402.
Anexos.....	p. 412.

*“Em minha parede há uma escultura de madeira japonesa
Máscara de um demônio mau, coberta de esmalte dourado
Compreensivo observo
As veias dilatadas da frente, indicando
Como é cansativo ser mal”.*

Bertold Brecht. *A máscara do mal.*

INTRODUÇÃO:

Fazer a história, no sentido de reconstruir um processo acabado – como entendia Lucien Febvre, uma pergunta dos vivos em direção aos mortos – nos permite certo distanciamento, um afastamento rumo a uma realidade que não vivemos, e que passamos a descobrir aos poucos. Por mais repugnante que tenha sido este passado, saber que não há sua ameaça a cada esquina – seu distanciamento característico – permite certa sensação de paz, um resqúcio materno do “*tudo aquilo já passou*” antes de ir dormir. De maneira distinta, escrever a história imediata, caso deste trabalho, confunde-se com o fazer história, com a atuação de cada um de nós diante da realidade. E o estudo dos processos ainda inacabados não nos permite nenhum alheamento. É uma história feita de feridas abertas, que nos atingem profundamente e que a cada delineamento do processo, nos infligem o encarar o abismo de frente, exigindo do pesquisador seu engajamento, exatamente porque faz sentir de modo agudo, que cabe a nós, coletivamente, lutar pelo futuro. Mergulhar no universo da fascismo brasileiro, especificamente do Mídia Sem Máscara (daqui pra diante MSM), digerir todo seu conteúdo causou-me náuseas um sem número de vezes. O que me levou adiante neste objetivo foi a convicção de que em nenhum momento minha indignação, minha raiva, converteu-se em histeria. Ou seja, que a lucidez sobre os modos de combate, os posicionamentos necessários diante de um fenômeno fascista, não foram afetados, pelo contrário, as minhas mais caras convicções humanistas tornaram-se mais claras e agudas – como me foi dito por alguém por quem nutro apreço muito especial, não se colhe o mandacaru sem passar pelos espinhos.

O MSM é criado em 2002, no contexto das eleições presidenciais que vieram a eleger Luis Inácio Lula da Silva, apresentando-se como um *observatório da imprensa*, sob a responsabilidade de seu principal organizador, Olavo de Carvalho. Este propunha através do MSM agrupar uma série de intelectuais, articulistas de direita, em torno de um componente ideológico: o anticomunismo. A ascensão anticomunista, maior que o MSM, acompanhou o novo arranjo no bloco no poder após a vitória de Lula – que permitiu o acesso de agentes políticos oriundos da classe operária e de suas entidades a cargos decisórios para a gestão do Estado capitalista no Brasil – inédito na autocracia burguesa até então, e não bem aceita por todas as frações da burguesia. Mas esta explicação, que somente desvela a realidade pelo aspecto político, não é suficiente para caracterizar a ascensão de um movimento fascista, o que iremos analisar através dos limites óbvios do ultraliberalismo como projeto histórico-social, incapaz de solucionar as crises do capital-imperialismo – a mais recente e violenta a

crise de 2008, muito além de uma bolha gerenciadas pelo sistema para sua expansão, mas que traz em seu cerne os limites do sistema em gerenciar as “*crises geopolítica, militar, energética, alimentar, ecológica, ética e social*”¹. Nesta conjuntura o anticomunismo serviu como base ideológica comum para as forças conservadoras e reacionárias da sociedade, em um movimento organizador visando o acirramento da luta de classes, a crise aberta. O MSM partiu destas bases para constituir-se, e avançar, militando por um projeto fascista – anotemos que, este projeto ainda não está plenamente desenvolvido, já que determinado pela conjuntura.

O fascismo é compreendido aqui como um fenômeno surgido com o imperialismo, cuja função política e social primária é o de reorganizar o bloco no poder de maneira brutal durante a crise aberta, para a manutenção e reprodução da sociedade de classes – o que denota seu caráter de organização visando a luta contra a classe trabalhadora e de maneira geral, negando qualquer avanço democratizante. Isto não significa que qualquer crise faz emergir a alternativa fascista, o que será tratado adiante, mas adiantemos, é pela perspectiva de *ruptura* que os movimentos fascistas contemporâneos organizam-se, seja através de partidos formais parlamentares, como a Frente Nacional francesa, seja através de associações da sociedade civil, como no caso do MSM. Esta é uma das prerrogativas do que podemos chamar de terceira “onda” fascista, ideologicamente distinta das anteriores pela aceitação dos pressupostos econômicos ultraliberais. Estes pressupostos utilizados para implementação e manutenção de políticas de Estado ultraliberais, mesmo divergindo estrategicamente, acabam por convergir em seus fins com os objetivos fascistas, sendo o principal a quebra completa da organização da classe operária nos limites estatais-nacionais. Não poderíamos deixar de sublinhar estas ligações profundas que emergem quando analisados fenômenos deste tipo em uma perspectiva de cunho totalizante.

Iremos observar estas ligações quando expusermos nossa leitura do MSM em sua rede extrapartidária, em suas conexões sociais com diversos aparelhos privados de hegemonia da (grande e pequena) burguesia brasileira. Esta ênfase é importante, e justifica a qualificação feita em nosso título ao MSM, como *litores da nossa burguesia*: os litores eram os anunciadores dos antigos magistrados romanos, encarregados de carregarem o feixe faziam-se representantes do poder sobre a vida e morte dos indivíduos, poder que executavam, mas não detinham. Esta é uma maneira de explicitar a situação específica do MSM: prepostos,

¹OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. “Introdução. A complexidade da crise atual”. In. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? Goiânia: CEPEC, 2010. p. 9.

funcionários da classe dominante, que arrogam um poder que não detém, mas que mesmo assim encarnam. O pronome possessivo que estabelecemos sobre a burguesia brasileira (a *nossa* burguesia) é um modo de indicar que mesmo não pertencendo a esta classe, seu projeto social, sua visão de mundo de certo modo nos pertence, pois no sentido mais cru desta afirmação, somos constantemente implicados a interiorizar suas perspectivas como nossas.

A questão que norteou essa investigação foi a de *compreender a atuação partidária do Mídia Sem Máscara entre os anos de 2002 e 2011*. Uma questão propositadamente abrangente, que nos obrigou a analisar nosso objeto em uma série de frentes específicas, levando em conta:

- A necessidade da existência de projetos políticos de cunho fascista no capital-imperialismo;
- A emergência de projetos deste tipo na última crise do capital;
- A articulação de seus intelectuais em torno de seu projeto político e a constituição deste;
- A organização destes intelectuais em um partido não formal;
- As ligações orgânicas de seus intelectuais com a burguesia;
- A origem social e trajetória de vida de seu Estado maior;
- A interpretação dos diversos projetos políticos aos quais se opõem;
- A constituição de seus marcos ideológicos;
- O perfil de leitores e militantes que pretendem atingir;
- A constituição da internet como espaço para a disputa ideológica; e
- A utilização da rede para sua organização e propaganda.

Tais escolhas se delinearão a partir da seguinte hipótese: que as formulações políticas criadas e disseminadas pelo MSM articulam-se a um projeto de sociedade mais amplo, sendo assim, dependentes (o que não significa que são subordinados diretamente) de um Estado-maior, dos intelectuais responsáveis pelos projetos da classe dominante. Assim, a militância do MSM possuiu uma função primal para a dominação: a da busca por um consenso mínimo entre diversos grupos reacionários e fascistas existentes na sociedade (sejam partidos políticos formais, informais ou milícias), o que é possível através de sua autoqualificação como liberais conservadores. Embora o caráter de classe do MSM seja burguês, os indivíduos que o integram, em sua maioria, não corresponderam a esta classe social, sendo provenientes dos estratos médios da sociedade – o que em sua pluralidade de interesses acabou por tornar o MSM, durante este recorte temporal, responsável por uma grande quantidade de pautas e questões, na tentativa de fazer convergir todos estes atores em torno do seu projeto histórico:

economicamente alinhado ao capital-imperialismo e ao mesmo tempo antiliberal (mas não anticapitalista) em relação a moral – cisão contraditória que os permite advogar um projeto de características fascistas. Seu alinhamento com a ofensiva do ultraliberalismo, exprimidas especialmente na necessidade da eliminação da esquerda, evidencia sua compreensão da necessidade do Estado para a implementação e funcionamento deste projeto. Sua tentativa de alcançar o consenso entre diversos grupos reacionários não encerra suas tarefas, que pelo contrário, compreende também a mobilização ativa de parte das classes subalternas, buscando uma ação mais direta nos estratos médios da sociedade, manifestado em seu posicionamento de defesa constante da “classe média” contra o mesmo Estado, que aí assume na dimensão discursiva e ideológica do MSM o papel de “entidade inimiga”, responsável por todos os ataques direcionados à “destruição” da pequena burguesia e da nova pequena burguesia, via sua proletarianização.

Por ultraliberalismo entendemos um projeto histórico-social elaborado, disseminado e aplicado conscientemente por agentes políticos, que não pode ser resumido em suas ações ao campo econômico², embora determinado por este, pela reprodução ampliada do capital imperialismo. Optamos por não referenciar-nos à noção de neoliberalismo, pois concordamos com Virgínia Fontes quando afirma que esta contém “*um teor fortemente descritivo, aplicando-se a uma política, a uma ideologia e a práticas econômicas que reivindicavam abertamente o ultraliberalismo*”, e que mesmo sendo utilizado para denunciar estas práticas políticas, econômicas e ideológicas “*tem como núcleo o contraste fundamental com o período anterior, considerado por muitos como ‘áureo’ (keynesiano ou Estado de Bem-estar Social)*”, assim mistificando “*a percepção do conteúdo similarmente capitalista e imperialista que liga os dois períodos, assim como apaga a discrepância que predominara entre a existência da população trabalhadora nacional nos países imperialistas e nos demais*”³. Todo projeto de reforma econômica é um projeto de reforma moral⁴, o que é crucial para nós, pois de outro modo seria difícil compreender as aproximações entre o fascismo contemporâneo e aquele projeto.

O MSM milita visando à interiorização de todo um modo de ser, uma contrarreforma

²O prefixo formador “neo”, de origem grega, significa novo, atualizado, indicando localização no tempo, enquanto o prefixo formador “ultra” indica mudanças qualitativas em relação ao liberalismo. Quando conseguimos identificar elementos claros desta doutrina, reivindicados abertamente ou não, nas ações do Estado brasileiro, seja justificada de maneira escalar, afirmando sua apropriação como “moderada”, enxergamos uma prática pedagógica que serve para o aprofundamento das relações sociais sob o capital imperialismo. Para mais detalhes ver FONSECA, F. *O ultraliberalismo e seus contendedores*. Disponível em <http://cbrayton.files.wordpress.com/2006/09/teopol15.pdf>, acessado em 17.02.12.

³FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010. p. 154.

⁴Sobre esta discussão está ver o oitavo capítulo desta dissertação: *O MSM em seus marcos ideológicos*.

moral do homem apoiada em alguns elementos agregadores profundamente enraizados na vivência social destes estratos, que apresentados em profunda crise, permitem a construção de explicações e respostas lógicas de fundo moral, civilizacional ou cultural, para crises e convulsões sociais do capitalismo, possibilitando uma dupla ação, mesmo que retórica: por um lado, ele arroga-se de portar a semente de um projeto consequente de sociedade e, por outro, dota de culpa uma suposta atuação global de esquerda – agregando sentido político aos mais diversos fenômenos sociais – através de seu entendimento distorcido de uma suposta “guerra de posições” que estaria sendo levada a cabo de maneira subreptícia pela esquerda mundial (o que chamam de “guerra cultural revolucionária”). Em sua interpretação da revolução passiva como estratégia positiva para esquerda, esta visaria destruir as “bases morais do capitalismo”⁵.

Esta dissertação não busca “responder” o MSM, pelo contrário, rejeitamos conscientemente qualquer intenção de descermos ao seu nível de argumentação e debate político. Ainda assim, como já foi dito por Karl Marx, “*deixar o erro sem refutação é estimular a imoralidade intelectual*”⁶. E além, pois afirmando as funções políticas que seu discurso ideológico cumpre, seria um erro deixar de apontar as distorções históricas e teóricas efetuadas pelo MSM. Isto é parte da função do historiador, arrancar do fetiche a verdade histórica (explicitando seus pressupostos teóricos e metodologicamente como esta é constituída, já que temos em conta que o “*rigor histórico e rigor político se apóiam mutuamente*”⁷), entendendo a quem interessa, as quais grupos sociais servem a busca pela verdade ou sua dissimulação. Afinal, a prática historiográfica não escapa da própria história, a narrativa histórica possui uma função política e ideológica que não está acima das contradições da sociedade de classes.

Na produção do conhecimento histórico, como não existe uma relação unilateral ou cindida entre o historiador, o sujeito que pesquisa, e seu objeto, entre estes forma-se uma troca complexa e dialética. Exatamente por isto esta relação não ocorre de modo distante, passivo, mas ativamente: o historiador sofrerá condicionamentos sociais, históricos, técnicos, etc. e sendo um ser ativo nesta realidade social que o condiciona, terá um “espírito de partido”⁸. Segundo Adam Schaff:

⁵Sobre esta discussão está ver o sexto capítulo desta dissertação: *O MSM e o fascismo*.

⁶MARX, K. *apud* THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Sem editora, 2009. p. 6.

⁷CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995. p. 62.

⁸SCHAFF, A. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 105.

O sujeito que conhece não é um espelho, não é um aparelho registrando passivamente as sensações geradas pelo meio circunvizinho. Pelo contrário, é precisamente o agente que dirige este aparelho, que o orienta, o regula, e em seguida transforma os dados que este lhe fornece. Alguém escreveu muito a propósito que aqueles que comparam o conhecimento à ação de fotografar a realidade esquecem – entre outras coisas – que o aparelho fotográfico registra, e é por isso que uma fotografia nunca é idêntica à outra. O sujeito que conhece “fotografa” a realidade com a ajuda de um mecanismo específico, socialmente produzido, que dirige a “objetiva” do aparelho. Além disso, “transforma” as informações obtidas segundo o código complicado das determinações sociais que penetram no seu psiquismo mediante a língua em que pensa, pela mediação da sua situação de classe e dos interesses de grupo que a ela se ligam, pela mediação das suas motivações conscientes ou subconscientes e, sobretudo, pela mediação da sua prática social sem a qual o conhecimento é uma ficção especulativa⁹.

Assim, a verdade histórica é uma verdade parcial e objetiva, o que não significa que seja uma meia verdade – já que analisada segundo um método, uma base teórica metodológica aprimorada e confirmada pela prática histórica – mas como já dito, é inevitavelmente uma verdade filtrada pelos condicionamentos históricos, técnicos e sociais de quem a pesquisa. Como o conhecimento é sempre um processo, devido à infinidade da realidade estudada (tanto no sentido da quantidade infinita das relações de cada objeto com outros, como no sentido do desenvolvimento “infinito” da realidade), deste modo à verdade também é processual:

A “verdade” equivale certamente a um “juízo verdadeiro” ou a uma “proposição verdadeira”, mas significa também “conhecimento verdadeiro”. É neste sentido que a verdade é um devir: acumulando as verdades parciais, o conhecimento acumula o saber, tendendo, num processo infinito, para a verdade total, exaustiva e, neste sentido, absoluta¹⁰.

O conhecimento é o conhecimento de um objeto infinito, na medida em que é infinita a quantidade das suas correlações: o conhecimento é o processo de acumulação das verdades parciais. Neste, e através deste processo, enriquecemos sem cessar o conhecimento. Como dito, se é parcial, então todo conhecimento científico será objetivo e subjetivo: “*objetivos em relação ao objeto a que se referem e do qual são o 'reflexo' específico, bem como atendendo ao seu valor universal relativo e à eliminação relativa da sua coloração emotiva; subjetivos, no sentido mais geral, por causa do papel ativo do sujeito que conhece*”¹¹. A compreensão sobre este conhecimento “objetivo” precisa ser explicitada, sendo que para Schaff: “é

⁹SCHAFF, A. *História e verdade*. op. cit. p. 81.

¹⁰Idem. p. 98.

¹¹Ibidem. p. 89.

'objetivo' o que vem do objeto. Neste sentido, entende-se por 'objetivo' o conhecimento que reflete (numa acepção determinada do verbo 'refletir') no espírito que conhece o objeto existindo fora e independentemente deste (ao contrário do conhecimento 'subjetivo' que cria o seu objeto)". Deste modo, "é 'objetivo' o que é válido para todos e não apenas para este ou aquele indivíduo. Portanto, é 'objetivo' o conhecimento que tem um valor universal e não apenas individual (ao contrário do conhecimento 'subjetivo' no sentido de individual)", o que vem a ser "livre de emotividade e, portanto, de parcialidade (em oposição com 'subjetivo' no sentido de 'emotivamente colorido' e 'parcial')"¹².

Acredito que uma das melhores sínteses sobre o processo de produção do conhecimento histórico seja de Edward Palmer Thompson através da dialética do conhecimento histórico. Esta dialética seria composta através da confrontação de um conceito ou hipótese, uma tese, com sua antítese, sua determinação objetiva não teórica, do que resulta o conhecimento histórico, a síntese. É pelo

[...] teste dessas hipóteses face às evidências, o que pode exigir o interrogatório das evidências existentes mas de novas maneiras, ou uma renovada pesquisa para confirmar ou rejeitar as novas noções; a rejeição das hipóteses que *não* suportam tais provas e o aprimoramento ou revisão daquelas que a suportam, à luz desse ajuste. Na medida em que uma noção é endossada pelas evidências, temos então todo o direito de dizer que ela *existe* "lá fora", na história real. É claro que *não* existe realmente, como um plasma que adere aos fatos, ou como um caroço invisível dentro da casca das aparências. O que estamos dizendo é que a noção (conceito, hipótese relativa à causação) foi posta em diálogo disciplinado com as evidências, e mostrou-se operacional; isto é *não* foi desconfirmada por evidências contrárias, e que organiza com êxito, ou "explica", evidências até então inexplicáveis. Por isto é uma representação adequada (embora aproximativa) da seqüência causal, ou da racionalidade, desses acontecimentos, e conforma-se (dentro da lógica da disciplina histórica) a um processo que de fato ocorreu no passado. Por isto essa noção existe simultaneamente como um conhecimento "verdadeiro", tanto como uma representação adequada de uma propriedade real desses acontecimentos¹³.

Mas anotemos que nem sempre a história mais objetiva é a história mais aceita, porque isto implica em outro sentido que cumpre ao conhecimento histórico: sua função social. A produção do conhecimento não ocorre de maneira autônoma, dissociada da consciência humana, formada, e também formadora, da existência social entre os homens. Marx e Friedrich Engels já haviam reparado nisto, afirmando com certa ironia, que "*será necessária inteligência tão profunda para entender que, com a mudança das condições de*

¹²SCHAFF, A. *História e verdade*. op. cit. p. 87-88.

¹³THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria: ou um planetário de erros*. op. cit. p. 63-64.

vida das pessoas, das suas relações sociais, de sua existência social, também se modificam suas representações, concepções e conceitos, em suma, também sua consciência?”¹⁴. Esta não é uma relação de causa e efeito, mas nem por isto escapa de ser socialmente determinada, e efetivada socialmente pela sua prática, sendo que esta disputa apresenta-se como disputa política, afinal como sublinhado por Vladimir Ilyitch Uliánov Lênin: “*numa sociedade baseada na luta de classes não pode haver ciência social 'imparcial'*”, sendo que “*esperar que a ciência fosse imparcial numa sociedade de escravidão assalariada seria uma ingenuidade tão pueril como esperar que os fabricantes sejam imparciais quanto à questão da conveniência de aumentar os salários dos operários diminuindo os lucros do capital*”¹⁵. Josep Fontana vai além, e apresenta a história como “*uma das fontes mais eficazes de convicção, de formação de opinião em matérias relativas à sociedade*”, cabendo à produção e utilização da história um papel importante em sociedade: “*não podemos nos despreocupar da função social da história, porque o que está em jogo é demasiado transcendental*”¹⁶: a construção do futuro.

Entendendo a função política que tal tipo de distorção ideológica conscientemente produzida cumpre, esta pesquisa não é uma resposta ao MSM, mas a tentativa de produzir uma explicação científica de sua existência. Ainda que, ao se colocar como observatório, como um farol de empiria social (observando e classificando), como uma produção intelectualizada, o MSM se arvora como produtor de verdades e use esse tipo de autoafirmação como uma espécie de sustentáculo para sua pretensa utilidade crítica, não se pode perder de vista que esta é apenas uma interpretação vulgarizada da produção do conhecimento, da função social da ciência e da história.

Analisar um objeto cujo desenrolar histórico ocorre na contemporaneidade da pesquisa, de modo algum significa apresentar a vida como ela é, mas sim buscar os motivos pelos quais a vida assim está. E tenho plena consciência, que ao abordar a história imediata, analisando criticamente os processos sociais ainda em andamento, adentro um dos terrenos pantanosos para os historiadores acadêmicos. Mas, uma vez que história apresenta a possibilidade, de servir de instrumento de libertação, de desmistificação do mundo, colocando-se ao lado das lutas sociais, pedimos licença para o leitor, para sublinharmos, de

¹⁴MARX, K; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. Lima: Los Libros Más Pequeños del Mundo, 2010. p. 84.

¹⁵LÊNIN, V. I. *As três partes e as três fontes constitutivas do marxismo*. Disponível em [http://files.agb-recife.webnode.com.br/200000028-b54e4b649e/As%20Tr%C3%AAs%20Fontes%20e%20as%20Tr%C3%AAs%20partes%20Constitutivas%20do%20Marxismo%20\(Lenin\).pdf](http://files.agb-recife.webnode.com.br/200000028-b54e4b649e/As%20Tr%C3%AAs%20Fontes%20e%20as%20Tr%C3%AAs%20partes%20Constitutivas%20do%20Marxismo%20(Lenin).pdf), acessado em 14.10.11.

¹⁶FONTANA, J. *A história dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 18.

modo introdutório, que historiograficamente, as dificuldades e problemas que a história imediata supostamente suscita têm muito mais a ver com projetos conservadores de história (e de sociedade) do que necessariamente com dificuldades teórico-metodológicas intrínsecas, e que mesmo estes projetos foram obrigados a revisitar sua postura em relação ao imediato, pelo óbvio motivo de que a busca pela compreensão da história vivida não é exclusividade de uma corporação, mas sim de toda humanidade.

A história imediata faz parte do cabedal de possibilidades de análise do historiador a longo tempo, de Heródoto e Tucídides até Jules Michelet e Marx, tendo se tornado alvo de críticas somente no século XIX, no contexto da institucionalização da disciplina, triunfo de determinado projeto de história, vinculado à escola metódica alemã e que generalizou-se como modelo. Este baseou sua peculiaridade científica na cisão entre o passado e o presente, o que foi importante naquele momento para a profissionalização da disciplina, já que a afirmou distinta e independente da filosofia e da literatura. Este modelo historiográfico, aproximado das ciências naturais, foi elaborado em universidades da Alemanha por pesquisadores que não foram somente funcionários, mas ideólogos daquele Estado, e tornou-se hegemônico por mais de um século, sendo seus resquícios, mesmo com todos os enfrentamentos que teve até hoje, facilmente detectáveis. Como comenta Fontana:

Paradoxalmente, estes homens, que se negavam a aceitar a existência de leis históricas gerais acima das realidades nacionais, seriam os criadores de métodos de pesquisa que se difundiriam universalmente até serem admitidos como norma científica da profissão e que seriam considerados, sem fundamento algum, como equivalentes, no campo da história, aos métodos de investigação das ciências da natureza¹⁷.

Este modelo só foi aceito sem críticas até o início do século XX, quando diferentes escolas e perspectivas passaram a confrontá-lo. Na França isso ficou a cargo de Émile Durkheim e seguidores como François Simiand, que elaborou talvez o mais contundente ataque à “tribo” dos historiadores e seus “ídolos”: o político, o individual e o cronológico¹⁸. E em outros países as críticas surgiram dos autores que Schaff concebe como representantes de um modelo de processo do conhecimento subjetivo-idealista: Robin George Collingwood na Inglaterra, Benedetto Croce na Itália e Charles Austin Beard e Carl Becker nos Estados Unidos. Estes “presentistas”, para além de todas suas falhas e limitações, formularam contraproposições importantes: “- *no conhecimento histórico, o sujeito e o objeto constituem uma totalidade orgânica, agindo um sobre o outro e vice-versa; - a relação cognitiva nunca é*

¹⁷FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 231.

¹⁸SIMIAND, F. *Método histórico e ciência social*. Bauru: EDUSC, 2003.

passiva, contemplativa, mas ativa por causa do sujeito que conhece”, e por fim que, “*o conhecimento e o comprometimento do historiador estão sempre socialmente condicionados; o historiador sempre tem um 'espírito de partido'*”¹⁹.

E a história imediata²⁰, mesmo praticada por diversas correntes não vinculadas à academia, “renasce” no meio historiográfico após 1945, constatação de seus próprios críticos, que assinalaram o óbvio: “*boa parte do que se leu (e editou) nesse período pelo mundo afora sob o rótulo de 'história' foi, na verdade, algum tipo de história política*”²¹, em sua maioria referentes à história imediata (assinalando o *boom* editorial sobre a Segunda Guerra Mundial no período). Neste momento a escola francesa dos *Annales*, propõe-se a disputar este nicho do mercado editorial, em que as “*suspeitas dos profissionais universitários contrastavam com uma demanda social que cresceria bruscamente nessas últimas décadas*”, ou seja, que “*o tempo presente era artigo muito vendido nas livrarias, como se impunha nas emissões televisadas que alcançavam altos índices de audiência*”²². Neste período a expansão midiática, pontuada na fala de Jean-Pierre Azema, tem um crescimento acelerado nos países capitalistas centrais, especialmente através do rádio e da televisão, ainda que o interesse pelo imediato não possa ser resumido a impulsos como este, uma vez que “*Lissagaray escreve antes da imprensa informativa se desenvolver na França; Trótsky pouco recorre aos recursos radiofônicos [...] e a televisão desempenha um papel secundário na enquete dos dois repórteres-historiadores do 'Washington Post'*”²³.

É importante lembrar que, no Brasil se produz história *próxima*, como alguns preferem, desde Francisco Adolfo de Varnhagen, não sendo problemática sua prática até a

¹⁹SCHAFF, A. *História e verdade*. op. cit. p. 105.

²⁰A escolha pelo conceito de história imediata se dá por essa atentar ao tempo histórico como processo social, sendo responsável pelos processos vividos, ainda não acabados. Esta leitura é contraposta com a história do tempo presente que designa seus objetos em relação a distancia temporal do pesquisador. Seriam objetos da história do tempo presente acontecimentos, fenômenos e processos que distam do historiador, até cerca de vinte ou trinta anos no tempo, enquanto a história próxima daria conta dos mesmos em um recorte de cerca de quarenta ou cinquenta anos de distância. Estas perspectivas são defendidas em CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. “Questões para a história do presente”. In. CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 27.

²¹FALCON, F. “História e poder”. In. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 70.

²²AZEMA, J-P. “Tempo presente” (verbe). In. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 741. Georges Duby reconhece que o retorno do político, do acontecimento, da biografia e da narrativa se deram pela expectativa do público. DUBY, G. “L'histoire continue”. Paris: Odile Jacob, 1991. p. 150-152. *apud* FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 395.

²³LACOUTURE, J. “A história imediata”. In. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 227. Refere-se ao escândalo político conhecido como “*Watergate*”, onde os jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein do Washington Post conseguiram comprovar a ligação do presidente republicano Richard Nixon com o assalto à sede do Partido Democrata em Washington em 1972, durante a campanha que o reelegeu. Esta reportagem, que Lacouture utiliza como exemplo de história imediata praticada por jornalistas, abriu caminho para a renúncia de Nixon em 1974.

chegada da percepção francesa. Segundo Ciro Flamarion Cardoso:

O interesse pela História Imediata ou do tempo presente não é assim tão novo! A professora Maria Yedda Linhares, por exemplo, ressalta com razão que tal interesse já norteava em boa medida a Cátedra de História Moderna e Contemporânea que ela dirigia, como catedrática, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atualmente, IFCS da UFRJ). Eu mesmo, como estudante de professores dessa cátedra, pesquisei em 1965, no final da graduação de História, ao escolher, na ocasião, especializar-me em História Contemporânea, orientado pelo professor Francisco Falcon, o tema – então candente e ainda em desenvolvimento – da descolonização no ex-Congo belga, com seus múltiplos conflitos e reviravoltas, ligados em boa parte aos interesses e intervenções do capitalismo internacional (e da ONU, a ele vinculada em boa parte) naquela região²⁴.

Na década de cinquenta, indicada por alguns historiadores como o da institucionalização dos *Annales* na IV seção da *École Pratique de Hautes Etudes* (Escola Prática de Ensino Superior), financiada em parte pela fundação Rockefeller, suas propostas reafirmaram as críticas, já correntes, à história factual. E definindo-se em oposição, apresentaram três proposições: “na primeira apresentam uma definição da história como sendo ‘o estudo cientificamente elaborado sobre as diversas atividades e criações dos homens de outros tempos’”, deixando claro o enfoque geral em tempos passados, e que Fontana entende como “uma visão tópica que reserva a qualificação de ‘científicos’ para os métodos de pesquisa, negando-os aos resultados”. Por segundo fiam-se em produzir um tipo de história para além da tradicional, que para Fontana tem como consequência “uma licença para misturar tudo alegremente, sem regras nem prioridades”. E em terceiro, defendem “a necessidade de relacionar a história com as ciências sociais próximas e modernizar os métodos de trabalho”, que resultaria em “uma retórica sugestiva”, mas possuindo “características globais de antimétodo”²⁵.

Fernand Braudel assumirá a revista após a morte de Febvre em 1956, tendo como programa um projeto de análise histórica de longa duração, próximo ao estruturalismo e com a manutenção da construção de uma “história total”. Neste período a escola irá alçar espaços para além da França, se tornando referência mundial, como alternativa ao marxismo. Novamente segundo Fontana, “*Annales* é radical no estilo, mas acadêmica na forma e conservadora do ponto de vista político; toca as questões de história econômica e social sem risco de contágio marxista, contando como garantia, com uma equipe de ex-comunistas

²⁴HISTÓRIA AGORA. “Entrevista com o professor Ciro Flamarion Cardoso (19.03.07)”. *História Agora*. n.º. 1. Disponível em http://www.historiagora.com/index.php?option=com_content&task=view&id=10&Itemid=30, acessado em 10.09.10.

²⁵FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 273-274.

reconvertidos”²⁶. E a “nova” história política – que, embora não se confunda com a imediata, possui perspectivas que a aproximam da mesma discussão historiográfica –, afirma um marco nesta década, a defesa da tese de doutorado de René Rémond em 1954 acerca da atuação política das direitas na França²⁷. Este “renascimento” do imediato só será plenamente sedimentado em 1978 quando o *Centre National de la Recherche Scientifique* (Centro Nacional de Pesquisa Científica, CNRS) criou o *Institut d’Histoire du Temps Présent* (Instituto de História do Tempo Presente, IHTP). Este é parcialmente descendente da *Comité d’Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale* (Comitê de História da Segunda Guerra Mundial) de 1951 e cujas fundações remontam a 1944 com a *Commission sur l’Histoire de l’Occupation et de la Libération de la France* (Comitê sobre a História da Ocupação e da Libertação da França) no governo provisório de Charles De Gaulle²⁸. O domínio de Braudel durou até o maio de 1968, que em sua eclosão trouxe à tona diversos grupos e movimentos intelectuais de contestação ao estabelecido, de revolta contra o sistema, e teve fortes repercussões no meio acadêmico. Seu espírito “*carregado de esperanças utópicas, sonhos libertários e surrealistas*”²⁹, levaram a diferentes práticas sociais:

[...] o movimento revolucionário como festa coletiva e como comunidades humanas livres e igualitárias, a afirmação partilhada da sua subjetividade (sobretudo entres os feministas); a descoberta de novos métodos de criação artística, desde os pôsteres subversivos e irreverentes, até as inscrições poéticas e irônicas nos muros. A reivindicação do direito à subjetividade estava, inseparavelmente, ligada ao impulso anticapitalista radical que atravessava, de um lado ao outro, o espírito de Maio de 68. Esta dimensão não deve ser subestimada: ela permitiu – a frágil aliança entre os estudantes, os diversos *grupúsculos* marxistas ou libertários e os sindicalistas que organizaram, apesar de suas direções burocráticas, – a maior greve geral da história da França³⁰.

E no ano seguinte Braudel e seu grupo foram substituídos por André Burguière, Jacques Le Goff, Marc Ferro, Emanuel Le Roy Ladurie e Jacques Revel³¹, sem grandes explicações a não ser a necessidade de integrar novos pesquisadores. Fontana compreende esta mudança como um golpe de estado contra o antigo chefe, não por motivos políticos, mas

²⁶FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 278.

²⁷BURGUIÈRE, A. “Anais (escola dos)” (verbete). In. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. op. cit. p. 50.

²⁸INSTITUT D’HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Historique*. Disponível em <http://www.ihtp.cnrs.fr/spip.php%3Frubrique1&lang=fr.html>, acessado em 13.09.10.

²⁹LÖWY, M. “O romantismo revolucionário de maio 68”. *Espaço Acadêmico*. n.º. 84. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/084/84esp_lowyp.htm, acessado em 10.08.10.

³⁰Idem.

³¹LE GOFF, J. “A história nova”. In. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. op. cit. p. 37.

metodológicos: “Braudel queria manter o rigor do programa globalizante e isto o levava a criticar duramente os trabalhos de pesquisa de *Le Roy Ladurie* ou de *Furet*”³², que considerava apenas expressão de uma moda historiográfica. Burguière responderá esta acusação de modo difuso, afirmando a centralidade de se responder às demandas imediatas, mas propositadamente evitando esclarecer como se deram as disputas em torno do projeto de história dominante:

Modismo? Certamente, se o tomarmos como um encaminhamento obrigatório da reflexão ditado pelos problemas e pela *lógica da época*. Os temas que se situam no centro do debate não excluem outras direções de pesquisa, mas representam o papel de instância de totalização. *O campo que definem se torna o que permite explicar a mudança em sua globalidade*. Seu avanço corresponde também à influência de uma disciplina provisoriamente dominante no seio das ciências sociais. É o caso da geografia nos anos 30, *da economia marxista ou quantitativa no ambiente de reconstrução do pós-guerra*, e finalmente da antropologia estrutural a partir dos anos 60³³.

Como visto, esta reação é trazida pelas críticas de 1968, que desnudaram as dificuldades teórico-metodológicas da antiga geração, que indiquemos, centrava-se na mudança de tempos históricos longos, e não nos processos sociais, o que obviamente resultava na recusa de análise do século XX, dos processos vividos (aqui obviamente excetuando as interpretações acerca da Segunda Guerra, escritas ainda no calor do momento por Marc Bloch³⁴, ou um pouco depois por Charles Morazé³⁵). E do mesmo modo foi profundamente criticado o silêncio em relação àqueles que Michelle Perrot chamou de excluídos da história: mulheres, negros, presidiários, operários, etc. Este refluxo não surge somente da óbvia constatação destas lacunas, mas do fato de que havia outros modos de se fazer história, não dominantes na academia francesa, que davam conta destes processos recentes, e já tinham começado a indicar a necessidade de abarcar diferentes temas e objetos. Esta crise teórica (e em boa parte dos casos antiteórica) ficou conhecida como a “crise dos paradigmas das ciências sociais”, que propunha uma contraposição à história social, que era atacada como representante de um paradigma economicista, determinista, holístico, estruturalista e erroneamente dito científico³⁶. Cardoso pensa politicamente este momento:

³²FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 279.

³³BURGUIÈRE, A. “Anais (escola dos)” (verbete) In. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. op. cit. p. 52. Grifos nossos.

³⁴BLOCH, M. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

³⁵MORAZÉ, C. *A lógica da história*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

³⁶BARROS, C. *Para um novo paradigma historiográfico*. Disponível em http://www.h-debate.com/cbarros/spanish/articulos/nuevo_paradigma/hacia/tempo.htm, acessado em 10.09.10.

Neste sentido, estou de acordo com a observação de Bentley no sentido de serem os anos da década de 1960 (em especial os movimentos sociais de diversos tipos ocorridos em vários países, incluindo o Brasil, em 1968), não um ponto de partida, mas, sim, um final. Foi a partir da década seguinte que tomou forma mais visivelmente, por um lado, uma resposta afirmativa, neoconservadora e neoliberal, por outro, uma resposta “chorosa”, negativa – que é o pós-modernismo, não por acaso chamado por alguns de “orfandade de uma geração” [...] – à constatação de que mudanças muito profundas estavam alterando as sociedades humanas. Parece-me evidente que muitos dos elementos de ambas as reações já existiam antes³⁷.

E a “volta” do político, da narrativa, da biografia estão vinculadas diretamente com a recusa das bases teóricas totalizantes. Como afirmado na introdução de *Por uma história política*, livro organizado por Rémond, talvez o nome mais referenciado entre os “novos historiadores políticos”:

Cada vez menos pesquisadores acham que as infra-estruturas governam superestruturas, e a maioria prefere discernir (como os autores deste livro) uma diversidade de setores – o cultural, o econômico, o social, o político – que se influenciam mútua e desigualmente segundo as conjunturas, guardando ao mesmo tempo cada um sua vida autônoma e seus dinamismos próprios. E também sua especificidade: *a política é um lugar de gestão do social e do econômico, mas a recíproca não é verdadeira*³⁸.

Os motivos tomados como problemas para a pesquisa histórica acerca do período imediato, apontados pelas gerações anteriores, e que esta supostamente resolve, soam absurdamente ingênuos se não forem pensados como justificativas para um movimento historiográfico maior, sendo resumidas em duas questões principais: a possibilidade material de produção, no que concerne às fontes e a relação de objetividade do historiador, “*quando se tratava de acontecimentos nos quais havíamos estado mais ou menos envolvidos, dos quais havíamos sido testemunhas, observadores, os quais haviam suscitado em nós reações, engajamentos, tomadas de posição*”³⁹.

Este movimento de retomada da história imediata dentro da academia francesa não passou impune ao estabelecido, sendo considerado subproduto de um movimento de reação contra a história, seus praticantes acusados de mero interesse editorial e de recusa ao caráter científico da história, filiando hereditariamente sua produção a outras disciplinas, como o jornalismo e a sociologia. Há aqui uma confusão proposital acerca das possibilidades

³⁷CARDOSO, C. F. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Bauru: EDUSC, 2005. p. 164-165.

³⁸RÉMOND, R. “Introdução”. In. RÉMOND, R. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 10. Grifos nossos.

³⁹RÉMOND, R. *Por que a história política?* Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1975>, acessado em 10.09.10.

analíticas do historiador, que deixa de se relacionar criticamente com as outras possibilidades de leitura social, e que sem dúvida tem mais a ver com a história do conhecimento do que com a fácil correlação com outro ofício. Obviamente, há um motivo político para tanto: neste caso tem a ver tanto com as disputas dos historiadores franceses por cátedras e financiamento quanto à repercussão destas acusações em disciplinas próximas pela ameaça de “intrusão” da história. “É certo que, na origem, o jornalismo foi o primeiro a chegar ao terreno do presente”⁴⁰, sendo que o que se oculta é a disputa pelo discurso legítimo sobre a realidade social⁴¹, que não se limita ao campo historiográfico, mas envolve projetos e questões relativas ao todo social. Como segunda filiação alheia à disciplina, teríamos a sociologia, assumindo a presunção que ela se limite ao imediato, com a ideia de uma “sociologia do presente” (discussão que ocorre dentro de determinado projeto de sociologia) trazida por Edgar Morin no mesmo período, em 1969⁴². Sobre as justificativas para a recusa do imediato, retornamos a Cardoso:

Outra bobagem que se dizia décadas atrás era que ao historiador compete como objeto o estudo do “passado”, sendo o presente a província das ciências sociais. Na verdade, o historiador, a meu ver, estuda as sociedades humanas (passadas ou presentes) no tempo e, por tal razão, traz aos estudos da História Imediata uma perspectiva bem-vinda por ser diferente da dos outros cientistas sociais: em especial, o historiador tem uma sensibilidade maior para o processo de transformação em sua fluidez; não sente tão fortemente a tentação de recortar o tempo em momentos imóveis comparados entre si (em função, por exemplo, de dados dos censos)⁴³.

Sobre a objetividade e questões que o historiador que trabalha com o imediato enfrenta, Le Goff faz reflexões consideráveis, apontando três grandes diferenças, que resultam em dificuldades, para este tipo de pesquisa histórica. A primeira é em relação aos documentos e fontes, que por um lado podem existir em superabundância, e por outro podem ser inacessíveis – embora o autor observe a possibilidade da história oral, a qualifica como “*uma das mais frágeis que existem*”. A segunda seria a implicação pessoal, já que a proximidade com o objeto explicita o engajamento do historiador, o que segundo ele seria, em especial, problema “*para a redação da história dos períodos muito recentes nos manuais escolares e em seu ensino*”. E por fim, a ignorância do futuro, cujo conhecimento *a priori* permite

⁴⁰PAILLARD, B. “Imediata (história)” (verbete). In. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. op. cit. p. 409.

⁴¹LACOUTURE, J. “A história imediata”. In. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. op. cit. p. 219.

⁴²PAILLARD, B. “Imediata (história)” (verbete). In. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. op. cit. p. 408.

⁴³HISTÓRIA AGORA. “Entrevista com o professor Ciro Flamarion Cardoso (19.03.07)”. *História Agora*. n.º. 1. op. cit.

controlar melhor “*o peso do acaso, a liberdade controlada mas real dos homens, as escolhas, a diversidade limitada, mas existente das possibilidades*”⁴⁴. Então, traça linhas gerais para a validação da história imediata:

O que espero dos historiadores da difícil história imediata, inclusive dos jornalistas, que, se fizerem bem seu ofício, são verdadeiros historiadores da história imediata, são quatro atitudes: ler o presente, o acontecimento, com profundidade histórica suficiente e pertinente; manifestar quanto a suas fontes o espírito crítico de todos os historiadores segundo os métodos adaptados a suas fontes; não se contentar em descrever e contar, mas esforçar-se para explicar; tentar hierarquizar os fatos, distinguir o incidente do fato significativo, e importante, fazer do acontecimento aquilo que permitirá aos historiadores do passado reconhecê-lo como outro, mas também integrá-lo numa longa duração e numa problemática na qual todos os historiadores de ontem e de hoje, de outrora e do imediato, se reúnam⁴⁵.

Suas proposições são cruciais para dotar a leitura do vivido de senso crítico, cientificamente validável, o que inclusive destoa da maior parte das opiniões presentes no mesmo livro. Mas, quando afirma que “*o presente me interessa antes de tudo como cidadão, como homem do presente, mas diante dos acontecimentos, dos fenômenos, dos problemas importantes, minha reação é a de um historiador*”⁴⁶, nota-se a posição conservadora do autor, que separa sua atuação como indivíduo entre duas personas, a do historiador para com o que passou e a de “cidadão” para o que ainda ocorre (para fins de provocação, se Le Goff consegue realizar com sucesso tal cisão, isto incorre em uma óbvia contradição na sua compreensão do ofício do historiador). Também observa-se a reprodução de alguns mitos, como visto no que refere-se ao ensino de história e a hierarquização dos documentos e fontes, embora validemos plenamente suas proposições acerca do rigor e da compreensão processual do presente. Sobre estas questões Cardoso alega que:

As razões invocadas no passado contra a prática da História Imediata – em especial, que é preciso deixar passar algum tempo para que esfriem as paixões e se possa ser “imparcial”; ou que a documentação necessária em parte não esteja acessível para o passado imediato devido a “razões de Estado” – refletiam uma História que acreditava no mito da imparcialidade e dava importância exagerada ou, mais exatamente, unilateral à documentação e às temáticas *políticas* (estatais, militares, diplomáticas); de qualquer modo, limitada ou não por segredos estatais, a documentação sobre o passado imediato é infinitamente mais rica e variada do que aquela de que possamos dispor, por exemplo, para *qualquer* período ou assunto de História Antiga, Medieval ou Moderna! Além de ser muito mais fácil para qualquer um de nós entender o passado mais recente do que outro mais antigo, por estar muito

⁴⁴LE GOFF, J. “A visão dos outros: um medievalista diante do presente”. In. CHAVEAU, A.; TÉTART, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. op. cit. p. 100-101.

⁴⁵Idem. p. 101-102.

⁴⁶Ibidem. p. 93.

mais próximo do presente que vivemos em suas características específicas⁴⁷.

Assinalamos novamente que a confluência feita por diversos autores entre história imediata e a imprensa, tem que ser analisada criticamente, afinal, a história imediata não é modalidade analítica de um observatório da imprensa, embora possa se apresentar de tal modo, dado o papel político desempenhado pela mídia, talvez um de seus maiores papéis seja o de desnaturalizar o espaço que ela ocupa, “o mito da não mediação dos meios de comunicação, o qual resulta na transformação instantânea do vivido em História”⁴⁸. Cabendo então ao historiador do imediato,

[...] conferir uma racionalidade histórica ao imprevisível, ao fabuloso: objetiva desnaturalizar o natural (ou seja, apontar que os eventos noticiados estão inseridos num processo histórico, estão vinculados às práticas sociais humanas e são, de certa forma, opções que possuem alternativas) [...] O historiador possui ferramentas teóricas que lhe proporcionam o distanciamento crítico e a isenção, ao invés da enganadora fórmula constituída pelo distanciamento temporal e pela neutralidade. Neste sentido, o imediato, mesmo com suas peculiaridades deve ser analisado como qualquer outro período histórico⁴⁹.

Novamente, ao assumir posição, o sujeito que escreve história é levado a compreender o passado como campo de disputas, e sua atuação como partícipe da relação de forças políticas. Como Jean Chesneaux aponta suas conjecturas, hipóteses e conclusões podem “ajudar a colocar problemas, a amadurecê-los. Mas suas informações, suas análises e suas dúvidas só puderam ser formuladas e resgatadas pelo autor porque já circulavam em estado latente”, ou seja, “porque eram produzidas por uma prática social”⁵⁰. Nossa prática científica permite sermos objetivos, de maneira alguma idôneos: “a história não faz nada, ela não possui nenhuma imensa riqueza, ela não trava nenhuma batalha. É sobretudo o homem, o homem realmente vivo, que comanda o presente”⁵¹.

Reiteremos que, ao enfatizarmos estas questões relativas a produção do conhecimento histórico, de modo algum, estamos igualando as conclusões de nosso objeto à categoria de verdade histórica ou seus discursos como conhecimento cientificamente validável. Pelo contrário, *nossa honestidade com o leitor desta dissertação é motivo pelo qual nos obrigamos a apontar os erros, distorções e deturpações que os intelectuais do MSM disseminam*

⁴⁷HISTÓRIA AGORA. “Entrevista com o professor Ciro Flamarion Cardoso (19.03.07)”. *História Agora*. n.º. 1. op. cit.

⁴⁸RODRIGUES, G. “História: uma ciência do presente”. In. FERNANDEZ, E. P. F.; PADRÓS, E. S.; RIBEIRO, L. D. T.; GORKON, C. Van. *Contrapontos – Ensaio de história imediata*. Porto Alegre: Folha da história/Palmares, 1999. p. 16.

⁴⁹Idem. p. 17-18.

⁵⁰CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. op. cit. p. 17.

⁵¹Idem. p. 22.

conscientemente através de uma ideologia, e entendendo as funções que esta cumpre na contemporaneidade, entendemos que a verdade histórica de modo algum irá mudar os motivos e modos pelos quais eles mentem. Isto fica claro em uma fala de Olavo de Carvalho, onde apresenta propositadamente uma leitura rasa e distorcida do papel do historiador marxista, visando seu descrédito:

Com honrosas e inevitáveis exceções, a historiografia disponível no mercado livreiro nacional é de orientação predominantemente marxista ou filomarxista. Por isso nossa visão da História é estereotipada e falsa ao ponto de confundir-se com a ficção e a propaganda. A História que os brasileiros aprendem nas escolas e nos livros é uma História para cabos eleitorais. É que ninguém pode ser marxista também sem ler tudo com suspicácia paranóica em busca de motivações políticas ocultas, e abster-se, por princípio, de fazer o mesmo com aquilo que se escreve. Com a maior naturalidade um marxista escarafunchará o “discurso do poder” nas entrelinhas dos autores mais apolíticos e devotados à pura ciência, ao mesmo tempo que se recusará a examinar a presença do mesmo elemento em tipos que, como ele, estão ostensivamente empenhados na luta pelo poder. Para o marxista, a História, por definição, não é ciência descritiva ou explicativa, mas arma de luta por um objetivo bem determinado. “Não se trata de interpretar o mundo, mas de transformá-lo.” O passado não tem pois aí nenhum direito próprio à existência, senão como pretexto para o futuro que se tem em vista. Daí que deformá-lo seja, para o historiador marxista, um direito e até um dever⁵².

Desta forma assumimos tal compromisso, lembrando a epígrafe com que Marx concluiu a primeira introdução d’*O Capital*, já imaginando a crítica ideológica que se seguiria ao lançamento de sua obra: “*seguimos nosso curso, e deixe que a gentalha fale!*”⁵³.

Esta dissertação é dividida em duas partes, a primeira contendo os três primeiros capítulos, relativos às determinações maiores que permitiram a existência de nosso objeto, buscando situar nosso leitor com o “suporte” instrumentalizado pelo MSM para a luta política, a internet, relacionando-a com os desenvolvimentos do capitalismo no século XX. Esta investigação explica-se pela perspectiva totalizante que buscamos defender como via de interpretação efetiva da realidade, presente ou passada, buscando alinhar nosso objeto não só a seus pares no tempo, buscando uma leitura alinhada (não necessariamente linear) das continuidades de acontecimentos e processos sociais “semelhantes” (seja considerando-os através de “fatos sociais” ou de “tipos ideais”)⁵⁴, mas das relações de forças em luta em sua

⁵²CARVALHO, O. “História marxista é charlatanismo”. *O Globo*. 27.05.02. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/05272002globo.htm>, acessado em 10.10.10.

⁵³A citação é de Dante. *A divina comédia*. “O purgatório”. Canto V. De modo algum estamos comparando esta dissertação com a obra maior de Marx, mas fazemos coro com sua voz, quando escreveu que “*todo julgamento da crítica científica será bem-vindo. Quanto aos preconceitos da assim chamada opinião pública, à qual nunca fiz concessões, tomo por divisa o lema do grande florentino: Segui il tuo corso, e lascia dir le gentili!*”. MARX, K. *O Capital*. Volume 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 14.

⁵⁴FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 246.

efetividade histórica⁵⁵. Somente buscando esta leitura totalizante (mesmo que somente indicada em suas possibilidades) podemos atribuir conseqüentemente sentido e significado histórico ao nosso objeto. Quando iniciada esta pesquisa, em levantamento bibliográfico sobre internet, nos deparamos com três principais autores referenciados: Manuel Castells, Pierre Levy, e Adam Schaff. A maioria das pesquisas no Brasil escolhe um ou outro destes autores como base para as suas investigações de objetos isolados na rede, o que não tira o mérito destas, mas acaba por reproduzir os modos pelos quais estas pesquisas construíram suas problemáticas. Aqui não nos cabe ampliarmos uma crítica bibliográfica extensiva, sendo que apenas apontaremos as principais questões que nos levaram a rever historicamente a criação e expansão da internet.

No trabalho do sociólogo Castells observa-se uma leitura histórica evolutiva determinista, já que trata em seu *tour de force*, os três volumes de *Sociedade em rede*⁵⁶, de afirmar e justificar uma suposta ruptura epistemológica que haveria ocorrido no capitalismo contemporâneo, onde agora a mais valia não seria mais constituída através do trabalho manual, mas do intelectual, especificamente através da informação (seu “capitalismo informacional”). Sua obra busca investigar toda a evolução social do século XX, onde a tecnologia, especialmente as tecnologias da comunicação, tomariam para si o papel de motores do desenvolvimento social da humanidade, neste caso a internet sendo a síntese deste novo momento histórico. Estes livros, assim como *A galáxia internet*⁵⁷, contém uma excelente fonte de dados factuais. Pierre Levy traz uma série de questões sobre o relacionamento inter-humano mediado através de máquinas⁵⁸. Ele baseia suas indagações nas especificidades que a rede apresenta como possibilidades de convívio virtual, que acredita ser o cerne para a libertação do homem, trabalhando com um alto grau de dissociação com os outros campos da realidade social (o que já o levou a ser taxado como sendo de extrema ingenuidade, ou como prefere Francisco Rüdiger, dotado da “síndrome de Cândido”⁵⁹, em referência ao conto de Voltaire). Por enfatizar suas especificidades midiáticas seu trabalho acaba por ser dotado de um tom fortemente descritivo, suporte de seus desenvolvimentos metodológicos e interativos,

⁵⁵GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 36-37.

⁵⁶CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000. CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. O poder da identidade. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999. CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Fim de milênio. Volume 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

⁵⁷CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

⁵⁸LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996. LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

⁵⁹RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 160.

marcados principalmente pela análise de rizomas criada por Gilles Deleuze e Félix Guattari⁶⁰. Adam Schaff, o menos citado dentre estes, em *A Sociedade informática*⁶¹ de 1985 faz um interessante exercício ideológico de futurologia encomendado pelo “Clube de Roma” (*think tank* capitalista internacional fundado em 1968, segundo eles, especializado em questões estruturais sobre a sustentabilidade do planeta⁶²) onde busca analisar como se dariam as relações entre os blocos comunista e capitalista através do desenvolvimento de uma nova revolução industrial. Assim como Castells a possibilidade “cibernética” apresenta-se como a síntese maior deste processo, uma nova fase histórica onde a tecnologia da informação possibilitaria, além do fim do trabalho, aos homens a verdade sobre o mundo que os cerca, sobretudo politicamente. A possibilidade de uma vivência suplementar virtual seria crucial para a escolha racional das massas em viver sob um regime “democrático” ou “totalitário”. É um livro impregnado de impressões ideológicas daquele período, e que de um modo geral abarca boa parte dos clichês disseminados pelos defensores das novas expropriações e da superexploração exigidas pela reprodução ampliada do capital-imperialismo. Seu ponto positivo é a indicação da necessidade de recorrer-se aos *Grundrisse* de Marx para buscar instrumentos de análise para os impactos da tecnologia sob a classe trabalhadora. Como pontuado, não nos sentimos confortáveis em apropriar-nos destes resultados específicos como pressupostos para a análise sobre o campo, pelo contrário, pela falta e necessidade de uma perspectiva crítica iniciamos aqui um trabalho maior que nosso objeto (e exatamente por isto não nos propondo de modo algum resolvê-lo), primeiro situando socialmente a tecnologia da informação e seu desenvolvimento, buscando o compreender dentro das determinações do capitalismo em suas evoluções durante o século XX.

No capítulo inicial da primeira parte de nossa dissertação, *Desenvolvimentos recentes do capitalismo*, pretendemos desvelar pontual e inicialmente os processos ocorridos no e pelo capitalismo do século passado. Esta exposição ao leitor é crucial, pois será através dos massivos investimentos estatais dos países capitalistas avançados no período do Pós-Guerra, na pesquisa e implementação de tecnologias militares e estratégicas, que será criada a rede mundial de computadores. A internet nasce das entranhas do complexo industrial-militar-acadêmico e servirá para garantir tanto a superioridade militar e estratégica estadunidense

⁶⁰Sobre os rizomas ver DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrênia. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

⁶¹SCHAFF, A. *A sociedade informática: as conseqüências sociais na segunda revolução industrial*. São Paulo: UNESP; Brasiliense, 1995. Este livro é uma versão estendida e revista do texto de 1982 *Microeletrônica e sociedade*, que fora lançado em 1985 pelo Clube de Roma.

⁶²Maiores informações ver CAPÍTULO BRASILEIRO DO CLUBE DE ROMA. *Quem somos*. <http://www.clubofrome.at/brasil/organisation/index.html>, acessado em 29.12.11.

quanto sua hegemonia econômica, sendo que a utilização da tecnologia da informação foi plena, como suporte e justificativa para a expansão das relações sociais capitalistas.

Estas questões serão abordadas no capítulo *A rede mundial de computadores*, que irá explorar a internet em uma perspectiva global, focando três aspectos: seu desenvolvimento, sua arquitetura de poder e sua normatização e governança, marcada pelo controle direto dos EUA sobre esta mídia. Em nosso terceiro capítulo, *A internet no Brasil*, encerramos nossa discussão sobre a rede, focando no caso nacional a utilização política da tecnologia para fazer avançar o processo de implementação do ultraliberalismo, a governança antipopular e antidemocrática da rede através de um comitê formado pelos exploradores e desenvolvedores do campo dentro do aparelho de Estado brasileiro e apontar sua expansão pelo território e utilização pela população.

Na segunda parte de nossa dissertação iremos tratar especificamente do MSM buscando o compreender em sua organização e atuação partidária. Iniciaremos explorando as funções organizativas que os intelectuais cumprem na sociedade de classes, especialmente em relação as lutas partidárias em nosso quarto capítulo, *Intelectuais e o MSM*. Neste também abordaremos a trajetória pública seu maior articulador, Olavo de Carvalho, buscando as conexões sociais que tornaram possível sua ascensão como intelectual e a formação do MSM.

Em nosso quinto capítulo, *O MSM como partido*, apresentaremos nossos preceitos teóricos e metodológicos que nos permitem investigar o MSM em sua atuação partidária. Neste capítulo ainda abordaremos sua criação, organização, peculiaridade discursiva, formas de atuação para propaganda, cooptação e normatização de seus leitores-militantes através da internet, assim como assinalaremos os grupos sociais para quem dirigem suas proposições políticas e ideológicas.

Em nosso sexto capítulo, *O MSM e o fascismo*, iremos situar teórica e historicamente os movimentos fascistas nos séculos XX e XXI, apresentando suas transformações e continuidades, em torno da origem social, da organização e da ideologia, seja enquanto movimentos ou regimes. Assim buscamos consequentemente assinalar a centralidade do conceito de fascismo para a compreensão destes partidos e organizações na contemporaneidade.

No sétimo capítulo, *O MSM e sua rede extrapartidária*, iremos analisar como constituiu-se esta, as entidades e demais aparelhos privados de hegemonia que aglutinam-se em torno do MSM, formando e ampliando seu alcance político, sua efetividade real.

Em nosso oitavo e último capítulo, *O MSM em seus marcos ideológicos*, buscaremos verificar como foram constituídas as premissas ideológicas que norteiam a atuação do MSM,

em um primeiro momento entendendo a especificidade de seu anticomunismo, e como este serve de base fundamental para a constituição das suas demais percepções ideológicas.

PARTE 1

1. DESENVOLVIMENTOS RECENTES DO CAPITALISMO:

“Por que China?
Por causa das multinacionais, todas as cidades do mundo têm a mesma cara.
Toda a gente vestida de blue-jeans. Andando de Volks ou Ford.
Fumando Marlboro. Morando em edifícios padrão New York.
Tomando em drugstores a sua Pepsi, o seu hot-dog, ouvindo o Elton John.
O mundo virou um entediante lugar-comum”.

Henfil. “Por que China?” In. HENFIL. *Henfil na China: antes da Coca-Cola*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. p. 8.

O capitalismo no começo do século passado adquiriu novos contornos históricos. Sua reprodução ampliada chegou a níveis que superavam qualquer perspectiva delineada por Marx cinquenta anos antes. Será no meio da Primeira Guerra Mundial, em 1916, que Lênin, analisando as mudanças históricas do capitalismo, e o recrudescimento de suas características anteriores, já delineando uma nova configuração, irá escrever *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. O imperialismo então, não surge senão, como o desenvolvimento das características do capitalismo, que, ao atingir um grau elevado de expropriações sociais e de concentração de capitais, “*ganharam corpo e se manifestaram, em toda linha, os traços da época de transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada*”⁶³. Nova configuração que não ocorreu sem enormes custos sociais, como o acirramento das contradições capital e trabalho nos países capitalistas avançados, em uma guerra aberta e devastadora, que dizimou enormes quantidades de seres humanos e repartiu o mundo entre os países, com a conquista de colônias e “semicolônias”. Mudança marcada, no ponto de vista econômico, pela

[...] substituição da livre concorrência capitalistas pelos monopólios capitalistas. A livre concorrência é a característica fundamental do capitalismo e da produção mercantil em geral. O monopólio é precisamente o contrário da livre concorrência. A livre concorrência começou a transformar-se, diante dos nossos olhos, em monopólio, criando a grande produção, eliminando a pequena, substituindo, a seguir, a grande produção por outra ainda maior, e concentrando a produção e o capital a tal ponto que, de seu seio, surgiu e surge o monopólio: os cartéis, os sindicatos, os trustes e, fundindo-se com eles, o capital de uma escassa dezena de bancos que manipulam bilhões. Ao mesmo tempo, os monopólios, que derivam da livre concorrência, não a eliminam, mas existem acima e ao lado dela, engendrando, assim, contradições, fricções e conflitos particularmente agudos e intensos⁶⁴.

Virgínia Fontes assinala algumas características sublinhadas por Lênin para situar este

⁶³LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Brasília: Nova Palavra, 2007. p. 103.

⁶⁴Idem.

novo momento. Primeiro, como já citado, o fim do capitalismo de livre concorrência para a organização de “*enormes empresas 'combinadas', que centralizavam e controlavam diversos ramos técnicos da produção, impulsionavam a ciência e intensificavam a socialização do processo produtivo*”. Em segundo, a fusão entre capitais industriais e bancários, dando “*origem ao capital financeiro e uma oligarquia financeira, sob predomínio do capital bancário, estreitamente ligados aos Estados*”.

Esta interpenetração do capital bancário e industrial alterou o teor dos bancos, agora como administradores do processo, criando os “capitalistas coletivos”, cujo domínio sob a oferta de crédito os permitiam “*expandir ou estrangular determinados setores da produção*”. Terceiro, esta concentração monopolista “*agudizava a separação entre a propriedade do capital e suas formas de gerência*”⁶⁵, já que “*o capital financeiro, concentrado em pouquíssimas mãos e gozando do monopólio de fato, obtém um lucro enorme, que aumenta sem parar com a constituição de sociedades, a emissão de valores, os empréstimos do Estado etc.*”. Assim “*consolidando a dominação da oligarquia financeira e impondo a toda a sociedade um tributo em proveito dos monopolistas*”⁶⁶. Em quarto lugar, “*o predomínio da exportação de capitais sobre a exportação de bens*”, o que marcava profundamente a desigualdade entre países. Em quinto lugar, a “*tendência a uma unificação nacional (com fortes tinturas nacionalistas) dos países dominantes, facilitada pelos sobrelucros advindos da expansão colonial e visando a assegurá-la*”, sendo que esta unificação se daria pela formação de uma aristocracia operária, a “*corrupção dos estratos superiores operários*”, enfatizando sempre a traição dos dirigentes da Segunda Internacional em 1914, quando ficam ao lado das suas burguesias nacionais pela guerra. E por fim “*insistia nas contradições do processo de monopolização: utilização crescente de relações pessoais (associação entre industriais, banqueiros e Estados) em lugar da concorrência entre países; expansão de trabalhadores técnicos e da produção científica*”, ao mesmo tempo não permitindo “*certos avanços tecnológicos que poderiam melhorar as condições reais de existência; excedentes de capitais não se destinavam a melhoria real (como o desenvolvimento da então atrasadíssima agricultura), mas ao enriquecimento de um punhado de oligarcas e de países*”⁶⁷. Segundo Lênin:

As proporções gigantescas do capital financeiro, concentrado em poucas mãos, que deu origem a uma rede extraordinariamente vasta e densa de

⁶⁵FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 106.

⁶⁶LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. op. cit. p. 62.

⁶⁷FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 107.

relações vínculos, e que subordinou ao seu poder não só a massa dos capitalistas, dos pequenos e médios empresários, e mesmo do menor dos patrões, por um lado, e, por outro lado, o aguçamento da partilha do mundo e pelo domínio sobre outros países contra outros grupos nacionais de financistas, tudo isto origina a passagem em bloco de todas as classes possuidoras para o lado do imperialismo. O sinal de nosso tempo é o entusiasmo “geral” pelas perspectivas do imperialismo, a sua defesa furiosa, o seu embelezamento por todos os meios. A ideologia imperialista penetra até no seio da classe operária, que não está separada das outras classes por uma muralha da China⁶⁸.

E como já dito, indica que a disputa entre os países imperialistas pela partilha do mundo não encerrava-se neste momento, pelo contrário, tornava-se parte de uma tensão crescente, cuja relação de forças será ditada pelas consequências subsequentes ao fim da primeira guerra, notadamente a vitória da Revolução Russa e o Tratado de Versalhes. As contradições internas dos países europeus agudizaram-se a ponto de surgirem revoltas nacionais tanto em países como a Alemanha, onde em 1919 a revolução espartaquista é violentamente reprimida e em 1923 é derrotada a intentona nazista. Na Itália, onde os conselhos de fábrica alastraram-se entre 1919 e 1920, vindo a serem esmagados pela reação nos dois anos seguintes, com mais de trinta e um mil operários de Turim perdendo seus empregos, e em seguida, a classe operária sofreria sua derrota maior com a ascensão e consolidação do fascismo. Osvaldo Coggiola nos oferece um quadro geral do conflito que era preparado:

A Segunda Guerra Mundial foi simultaneamente um conflito interimperialista (contradições nacionais) e contra-revolucionário (contradições sociais ou de classe) em que a destruição da URSS visava interromper de vez o processo revolucionário iniciado em 1917, já seriamente abalado pelo isolamento da revolução soviética (e sua principal consequência, a emergência do stalinismo) e pela vitória do nazismo na Alemanha, com a consequente derrota histórica do mais importante proletariado ocidental [...] O outro aspecto está no fato de que a economia armamentista, posta em pé na década prévia à Guerra (em primeiro lugar nas potências totalitárias), foi a única via de saída para a crise em que a economia capitalista mundial tinha entrado em 1929 [...] O fato da Segunda Guerra ter sido a única solução possível para a crise econômica marca uma diferença importante em relação à Primeira Guerra, na qual a questão principal era a redistribuição do mundo entre as potências imperialistas, e não a anexação de um motor artificial (a economia armamentista e, posteriormente, a economia de guerra) à máquina capitalista enguiçada, que se transformará, doravante, numa peça essencial para o funcionamento da economia capitalista mundial⁶⁹.

E dentre todos os países envolvidos diretamente na Segunda Guerra Mundial, serão os

⁶⁸LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. op. cit. p. 129.

⁶⁹COGGIOLA, O. “O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial”. *Olho da história*. nº. 1. Disponível em <http://www.oohodahistoria.ufba.br/01sentid.html>, acessado em 01.06.11.

EUA, que despontarão como a única potência dominante mundial, visto que a União Soviética, único país capaz de fazer frente a esta condição, sofreu penosamente durante a guerra, tendo perdido o maior número de habitantes (entre civis e militares cerca de vinte milhões de seres humanos) e em relação à infraestrutura urbana e industrial. “*A demora em lançar uma segunda frente na Europa deixou Stalin enfurecido e pode ter sido ela mesma calculada pelos Estados Unidos e pela Inglaterra como forma de fazer que a União Soviética suportasse o grosso das batalhas*”⁷⁰, o que é bem provável, visto que os EUA iniciaram os planejamentos para a nova arquitetura econômica do período seguinte antes mesmo do término do conflito⁷¹. No Pós-Guerra, será consolidado um padrão imperialista distinto, caracterizado por novos requisitos para a expansão capitalista, que, deste período até os anos 1980, será “*marcado por uma situação histórica única, na qual a divisão do mundo entre países pós-revolucionários e países capitalistas impôs modificações substantivas no ritmo, na extensão e na forma da expansão do imperialismo*”⁷², constituindo o ciclo de implementação do capital-imperialismo. Segundo Fontes:

Falar, pois, de capital-imperialismo, é falar da expansão de uma forma de capitalismo, já impregnada de imperialismo, mas nascida sob o fantasma atômico e a Guerra Fria. Ela exacerbou a concentração concorrente de capitais, mas tendencialmente consorciando-os. Derivada do imperialismo, no capital-imperialismo a dominação interna do capital necessita e se complementa por sua expansão externa, não apenas de forma mercantil, ou através de exportações de bens ou de capitais, mas também impulsionando expropriações de populações inteiras das suas condições de produção (terra), de direitos e de suas próprias condições de existência ambiental e biológica. Por impor aceleradamente relações sociais fundamentais para a expansão do capital, favorece contraditoriamente o surgimento de burguesias e de novos Estados, ao mesmo tempo que reduz a diversidade de sua organização interna e os enclausura em múltiplas teias hierárquicas e desiguais. À extensão do espaço de movimentação do capital corresponde uma tentativa de bloquear essa historicidade expandida, pelo encapsulamento nacional das massas trabalhadoras, lança praticamente toda a humanidade na socialização do processo produtivo e/ou de circulação de mercadorias, somando às desigualdades precedentes novas modalidades. Mantém o formato representativo-eleitoral, mas reduz a democracia a um modelo censitário-autocrático, similar a assembleias de acionistas, compondo um padrão bifurcado de atuação política, altamente internacionalizado para o capital e fortemente fragmentado para o trabalho⁷³.

⁷⁰HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 48-49.

⁷¹PEREIRA, J. M. M. *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944-2008)*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2009. p. 52.

⁷²FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 149.

⁷³Idem.

Ou seja, são pelas condições de reprodução e ampliação do capitalismo no Pós-Guerra que serão constituídas as bases para o que irá se afirmar como o capital-imperialismo, ou o imperialismo monetário. Este período, exatamente pela nova escala que o capitalismo abrange, aprofundou e deu novas feições ao imperialismo. “*A perpetuação da violência de classes se duplica pela disseminação de envolventes malhas tecidas por entidades cosmopolitas voltadas para o convencimento*”, conjugado com “*a violência clássica do imperialismo, com repetidas e devastadoras agressões militares e imposição de ditaduras contra inúmeras revoltas populares em diferentes países*”⁷⁴. Fontes entenderá este novo momento histórico através de três mudanças qualitativas, mesmo que dentro da mesma dinâmica social de expansão do capital: “*o predomínio do capital monetário, expressando a dominação da pura propriedade capitalista e seu impulso avassaladoramente expropriador*”, que “*aprofundam um traço intrínseco, permanente e devastador do capital, desde seus primórdios: sua necessidade imperativa de reprodução ampliada, sua expansão em todas as dimensões da vida social*”, resultando “*em modificações profundas do conjunto da vida social, que atravessam o universo das empresas, o mundo do trabalho, a forma da organização política, a dinâmica da produção científica, a cultura; enfim, o conjunto da sociabilidade*”⁷⁵. A autora assinala que estes desdobramentos já são prenunciados na obra de Lênin, mas em condições distintas:

A “união íntima” entre industriais e banqueiros, sob a égide dos segundos, ainda seguia muito marcada pela presença direta dos grandes proprietários, em especial dos grandes banqueiros. A separação entre a propriedade e a gestão devia-se à incapacidade da gestão direta pelos proprietários de gigantescas empresas monopolistas e prenunciava a chamada era dos managers (ou gerentes), na qual a empresa, doravante um conglomerado envolvendo múltiplas atividades e incluindo os bancos, predominava sobre a figura singular do proprietário, embora a ele estreitamente associado. Também a expansão colonial direta se modificaria ao final da Segunda Guerra Mundial⁷⁶.

Este movimento de ampliação descomunal é caracterizado pela conversão de países retardatários ao capital-imperialismo, o que não ocorre sem o acirramento das contradições sociais nestas formações sociais, ao mesmo tempo alterando o teor das relações com os países avançados, graças ao aumento vertiginoso de expropriações. É neste momento em que consolida e expande-se a exploração imperialista nos primeiros. Essa situação, garantida pela hegemonia geopolítica dos Estados Unidos (o que de modo algum presume que o

⁷⁴FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 14.

⁷⁵Idem. p. 146-147.

⁷⁶Ibidem. p. 113-114.

imperialismo seja emanado de um único país em relação aos demais), exigiu entre os países capitalistas avançados constituir “alianças” políticas e econômicas de alcance internacional, através das novas instituições transnacionais formadoras de consenso, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM), etc. nas quais prevalece o modelo representativo-eleitoral de fundo acionista-autocrático. Estas instituições supranacionais criadas nesta ocasião serão responsáveis pela mediação e formação de consenso entre os países imperialistas e para a ampliação das formas de reprodução do capitalismo. Por fim, como já assinalado, durante todo período, a convivência entre países imperialistas e pós-revolucionários foi constituinte de tensões internas entre países capitalistas avançados, onde a possibilidade de levantes revolucionários era considerável: como França, Itália ou na Alemanha Ocidental (a extinta República Federal da Alemanha). Deste modo, “*a preservação da expansão capitalista passava a exigir alguma acomodação entre capitais no plano internacional e uma certa pacificação com relação às populações dos países centrais*”, enquanto nos países retardatários, “*a contrarrevolução preventiva [...] se torna condição da acumulação burguesa dependente, num primeiro momento, e da ordem burguesa como um todo, no predomínio do capital-imperialismo*”⁷⁷.

Somente deste modo podemos compreender a elevação do Estado de Bem-estar, ou a “configuração keynesiana” do Estado capitalista como “padrão” para a reprodução capitalista do período nos países avançados no Pós-Guerra, assim como o *status* de cidadania concedida à classe trabalhadora destes, pela expansão de seus direitos sociais – já assinalando que o chamado Estado de Bem-estar nunca generalizou-se, como pretendem alguns analistas, permanecendo restrito a uns nove países⁷⁸. Para delinear sua formação cabe pontuar o tipo de intervenção estatal preconizada por John Maynard Keynes – as que como já indicado chegou a tornar-se “sinônimo” desta configuração do Estado capitalista – rejeitava a “mão invisível do livre mercado” pregada pelos clássicos e neoclássicos, mas de modo algum o sistema em si, sendo que a intervenção estatal na economia era crucial para a sustentação do sistema democrático liberal. O Estado, em sua concepção só deveria intervir na produção “*se e quando houvesse insuficiência de demanda efetiva e crise de desemprego*”⁷⁹, não comprometendo-se com a produção de bens ou serviços. Prevendo a necessidade das crises para a expansão do capitalismo, sempre que o setor privado não fosse capaz de absorver a produção excedente, esta se tornaria responsabilidade do Estado. Esta prática econômica já

⁷⁷FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 152.

⁷⁸LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 285.

⁷⁹CONTADOR, C. R. “Introdução”. In. KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Global, 1982. p. 14-15.

era aplicada pelos Estados Unidos, como combate à grande depressão econômica de 1929-1933, somente superada após sua entrada na guerra⁸⁰.

Assim sendo, para Keynes caberia ao Estado garantir que as condições econômicas encontrassem certo equilíbrio, proporcionando o “pleno emprego”: pleno, no sentido de necessário para a absorção do excedente; para tanto utilizando empréstimos e financiamentos como meios de aumentar a demanda efetiva, pois o nível de emprego só seria garantido com o consumo⁸¹. Suas políticas reguladoras anticíclicas foram aplicadas em uma conjuntura específica:

O período do pós-guerra viu a ascensão de uma série de indústrias baseadas em tecnologias amadurecidas no período entre-guerras e levadas a novos extremos de racionalização na Segunda Guerra mundial. Os carros, a construção de navios e de equipamentos de transporte, o aço, os produtos petroquímicos, a borracha, os eletrodomésticos e a construção se tornaram os propulsores do crescimento econômico, concentrando-se numa série de regiões de grande produção da economia mundial – o Meio Oeste dos Estados Unidos, a região do Rur-Reno, as Terras Médias do Oeste da Grã-Bretanha, a região de produção de Tóquio-Iocoama. As forças de trabalho privilegiadas dessas regiões formavam uma coluna de uma demanda efetiva em rápida expansão. A outra coluna estava na reconstrução patrocinada pelo Estado de economias devastadas pela guerra, na suburbanização (particularmente nos Estados Unidos), na renovação urbana, na expansão geográfica dos sistemas de transporte e de comunicações e no desenvolvimento infra-estrutural dentro e fora do mundo capitalista avançado. Coordenadas por centros financeiros interligados, tendo como ápice da hierarquia os Estados Unidos e Nova Iorque, essas regiões-chave da economia mundial absorviam grandes quantidades de matérias-primas do resto do mundo não-comunista e buscavam dominar um mercado mundial de massa crescentemente homogêneo com seus produtos⁸².

Sérgio Lessa, analisando a constituição do Estado de Bem-estar, aponta elementos confluentes que foram determinantes para seu desenvolvimento. Primeiro, a derrota do movimento operário na Europa pela reação capitalista nos anos subsequentes ao fim da Guerra⁸³. Outro ponto foi o processo de superprodução estadunidense. Os EUA tiveram sua produção duplicada a cada dois anos durante a Segunda Guerra Mundial, que criava uma situação econômica altamente instável para todo mundo capitalista. Aquele país era responsável por metade do PIB industrial, e mesmo tendo uma população equivalente a seis por cento da população mundial era o consumidor de 30% de toda a energia do planeta. Esta situação após o término da Guerra só poderia ser remediada com a ampliação drástica do

⁸⁰MELLO, N. B. *Subdesenvolvimento, imperialismo, educação, ciência e tecnologia no Brasil: a subordinação reiterada*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2004. p. 46.

⁸¹KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. op. cit. p. 110-111.

⁸²HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 125.

⁸³Para mais detalhes ver CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Global, 1986.

consumo interno e externo aos seus bens de produção, já que não havia mais a escala de consumo destrutivo gerado pelo conflito. Do mesmo modo havia de ser combatida a contenção drástica do consumo ocorrida durante o esforço de guerra e integrar produtivamente os combatentes que voltavam para a vida civil como uma massa de trabalhadores desempregados⁸⁴.

Para garantir o consumo externo, foi implementado o *Plano Marshall*, que investiu cerca de treze bilhões de dólares na Europa, onde setenta por cento dos produtos consumidos eram de procedência estadunidense. Do mesmo modo, o Japão recebeu investimentos pesados para sua reconstrução no Pós-Guerra. Mas como Lessa sublinha, mesmo com “*esta canalização de gigantescos recursos, os resultados serão ainda muito tímidos para afastar a ameaça de superprodução que se intensifica na medida em que a Europa e Japão se reconstroem e passam a disputar com os EUA o mercado mundial*”. O que intensificou a necessidade de um mercado interno de massa, o *American Way of Life*. Este foi marcado pela produção em larga escala, o que passou a reduzir drasticamente o preço final do produto, que por sua vez, seria responsável por elevar o consumo, assim alavancando a produção – ele é fundamentalmente ligado à expansão e intensificação do fordismo taylorismo dentro das fábricas e escritórios.

Para tanto foram requeridas diversas medidas articuladas, como a expansão e um novo modelo de propaganda, visando tornar necessário o supérfluo, em que pese à expansão do rádio e da televisão neste período, inaugurando uma era em que a obsolescência programada, a constante superação “por um modelo mais novo”, constituindo uma aceleração do ciclo de consumo em uma escala progressiva. Este aumento do consumo somente se tornaria efetivo com o aumento do poder aquisitivo e do tempo fora do trabalho da classe trabalhadora, traduzida no aumento de salários, na diminuição da jornada de trabalho, na ampliação das férias, as políticas públicas de assistência social, de proteção ao trabalho, etc., que propiciaram a transferência direta de renda para uma população que encontrava-se excluída do consumo, dentre uma série de medidas que os apologistas do Estado de Bem-estar deixam de articular com a crise de superprodução.

O novo *status* oferecido para a classe trabalhadora só pode ser estabelecido mediante o encapsulamento das suas lutas, o que se deu pela instituição de centrais sindicais “domesticadas”, que mediando à contradição entre capital e trabalho, aceitaram o papel de “*disciplinar a força de trabalho através de acordos coletivos de trabalho e, por outro lado,*

⁸⁴LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 279-280.

*possibilita a sintonia no aumento dos salários e na regulamentação dos processos de trabalho entre diferentes plantas de um mesmo ramo industrial*⁸⁵. Obviamente, articulada à estas ações ocorreu a expulsão em massa de comunistas e socialistas dos sindicatos, aliada a uma histeria anticomunista, onde Lessa assinala ainda, a volta da tortura como instância efetiva dos aparelhos policial e judiciário, que vinha sendo abandonada nos países capitalistas centrais desde o século anterior. A mesma máquina de propaganda foi utilizada para institucionalizar o anticomunismo, expressão do combate interno a qualquer grupo e indivíduos que não consentissem, ativa ou passivamente com o sistema.

Outro ponto fundante para o autor é a expansão massiva, a partir da década de cinquenta, das transnacionais em direção aos países do Terceiro Mundo, buscando diminuir seus custos de produção pelo uso da mão de obra e das matérias-primas destes países. Ele interpreta esse movimento inicial como “válvula de escape” da discrepância entre produção e consumo, tornada mais grave pela saturação do mercado para determinados produtos, como o de automóveis. Nestes países periféricos que, como já assinalado, tornaram a contrarrevolução preventiva o modo normal de manutenção e ampliação da reprodução das relações sociais capitalistas, o Estado de exceção foi a forma normal da dominação burguesa durante maior parte do restante do século⁸⁶. Como conclui o autor sobre a suposta “era dourada” que haveria existido sob o Estado de Bem-estar:

Não há, portanto, nenhum indício que o Estado de Bem-Estar tenha promovido uma democratização das relações entre o Estado e a sociedade civil no sentido de aumentar a influência dos indivíduos no desenvolvimento de suas sociedades. Pelo contrário. O Estado de Bem-Estar se desenvolveu na sequência da derrota do movimento operário pós II Guerra Mundial e em um período de domesticação e adestramento das estruturas sindicais aos ditames do capital. Este adestramento será um dos elementos importantes para que, décadas depois, a transição ao neoliberalismo não provocasse uma reação sindical mais importante. Os “gastos sociais”, dos quais alguns teóricos têm tantas saudades, foram, na verdade, a forma mais apropriada, naquelas circunstâncias históricas – e em pouco mais ou menos de nove países em todo o mundo –, do Estado exercer a sua função como comitê gestor dos interesses do capital. Quando as necessidades da reprodução do capital se alteraram, alterou-se no mesmo sentido a atuação do Estado. Transitou-se, sem solução de continuidade, do Estado de Bem-Estar ao Estado neoliberal: seu conteúdo de classe permaneceu o mesmo, não se alterou em nada a sua função social. O que mudou foram as necessidades para a reprodução do capital⁸⁷.

O fenômeno total da expansão das transnacionais, ampliação articulada ao cosmopolitismo burguês (contraponto do internacionalismo proletário), não limitou-se ao

⁸⁵LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 282.

⁸⁶Idem. p. 281-284.

⁸⁷Ibidem. p. 285.

terreno da economia, mas alterou drasticamente todos os campos sociais, o que é visível através do aprofundamento da divisão internacional do trabalho, na relação campo e cidade, no mapa geopolítico do imperialismo, nas mudanças culturais, etc.⁸⁸. A escala de concentração e centralização de capitais intensificaram-se na mesma proporção da escala de alcance destas sociedades anônimas gigantes:

[...] a abrangência das atividades de tais capitais se ramificava, espalhando-se mundialmente; as dimensões da concentração e da centralização (sempre com base no pequeno grupo de países imperialistas que detinham as ações decisivas nas empresas e nas instâncias políticas internacionais) atingiram patamares inusitados. A propriedade de tais conglomerados extrapolava a união íntima entre capitalistas e banqueiros, tornava-se cada vez mais fusal e abstrata, incorporando doravante não apenas bancos e indústrias, mas qualquer forma de capital, como os grandes circuitos de distribuição. Trata-se da formação internacional de massas crescentes de capital portador de juros, ou de capital que, resultando da exploração de mais-valor, a ela precisa retornar, porém sob modalidades que em muito excedem suas bases de exploração prévia, dada a massa impressionante de valor a valorizar. Impulsionava-se uma necessidade sem precedentes de abertura de fronteiras para o capital, de modo a expandir suas condições de reprodução ampliada. Entenda-se aqui, por fronteiras, não apenas as pressões políticas para a abertura de mercados, mas a pressão exercida em diversas direções para apropriar-se de espaços geográficos e formas de existência sociais até então escassamente submetidas à dinâmica da reprodução capitalista. O movimento dessa megaconcentração é triplo: tende a *capturar todos os recursos disponíveis* para convertê-los em capital; precisa promover a *disponibilização de massas crescentes da população mundial*, reduzidas a pura força de trabalho, e, enfim, *transformar todas as atividades humanas em trabalho*, isto é, em formas de produção/extração de valor⁸⁹.

O processo de expansão destas empresas pelo globo é crucial para se compreender as consequências sociais e ecológicas acarretadas pelo capital-imperialismo. Como constata Fontes, esta multinacionalização instaurou “*processos industrializantes em outros países, em alguns casos levados a efeito com a participação ativa de burguesias locais – e de seus governos*”, o que ocorreu “*sob estreita dependência dos países centrais, subalternizando-se (voluntariamente) tais burguesias (e seus governos) a decisões forâneas, resultaram em profundas transformações (a 'modernização') e integraram-nos à socialização internacional dos processos de trabalho*”, e impondo de forma violenta “*uma divisão internacional do trabalho lastreada em autocracias burguesas calcadas em peso militar e no controle estrito da ciência e da tecnologia de ponta pelos países dominantes, ao lado da exportação de indústrias*”, as quais eram “*prioritariamente deslocadas as mais poluentes e/ ou em processo*

⁸⁸FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 164-165.

⁸⁹Idem. p. 165.

de obsolescência”⁹⁰. Sendo então, que

o gigantismo atingido foi de tal ordem que acumulavam receitas maiores do que muitos países. Os lucros crescentes auferidos não permaneciam apenas nas mãos dos maiores proprietários e, eram, em parte, distribuídos aos acionistas. Sua concentração alteraria o perfil dos proprietários, cuja distância da extração direta de valor seria de outro teor, distinto dos precedentes grandes industriais que, mesmos distanciados, compunham ainda um grupo claramente identificável socialmente, em famílias mais ou menos tradicionais, localizados em bairros específicos, com hábitos, educação e tipos de atuação mais ou menos definidos em cada país. A dimensão internacional de atuação dessas multinacionais, principalmente estadunidenses, mas também oriundas dos demais países imperialistas, favorecia o entrecruzamento entre capitais de diferentes origens, em função da escala adquirida e do volume de atividades que empreendiam. Para além de participações acionárias, a magnitude das operações dessas multinacionais nos países hospedeiros-dependentes contribuía para atrair outras multinacionais, para incubar miríades de empresas cuja atuação e lucratividade dela dependiam, como fornecedoras de peças, produção agrícola para processamento, produção química ou de outros insumos, cujas dimensões poderiam ser muito variadas. Em alguns casos, o controle da multinacional sobre tais empresas poderia ser direto e açambarcador, em outros, limitava-se a mantê-las em relação de dependência. Fomentavam a difusão econômica e social das relações capitalistas, estimulando a geração controlada de burguesias locais, assim como atuavam expandindo direta ou indiretamente as massas assalariadas, disponíveis e necessitadas de mercado⁹¹.

Mas esta expansão das transnacionais, em cujo processo foi crucial a intervenção dos Estados nacionais dos países capitalistas avançados, não era capaz de dar conta da crise de superprodução e garantir a expansão do sistema econômico. A solução definitiva para esta, foi o massivo investimento no que Dwight Eisenhower chamou de complexo industrial militar (ao qual acrescentamos o acadêmico, dada sua confluência com as universidades e instituições de pesquisa estadunidenses, o que acentua inegavelmente o caráter classista da ciência). Este é criado nos países capitalistas centrais durante a Primeira Guerra Mundial, como “*instrumento disposto e capaz de romper o nó górdio de como combinar a máxima expansão possível com a taxa de utilização mínima*”, assim “resolvendo” o problema do consumo, sendo que sua expansão no Pós-Guerra será intrínseco ao desenvolvimento do capital, tanto que “*para manter o complexo-industrial-militar, os Estados Unidos se lançam na Guerra da Coréia (1954-56) e, logo depois, substituem a França na Guerra do Vietnã (1958-1975)*”⁹².

Segundo István Mészáros, ele é tão importante que o autor chega a afirmar que é o real motivo para a superação da crise de superprodução de 1929-1933, “*apesar de todas as*

⁹⁰FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 166-167.

⁹¹Idem. p. 169.

⁹²LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 280.

autoglorificadoras mitologias keynesianas e neokeynesianas”, graças ao dinamismo que irá impor sobre toda a economia estadunidense. E os acordos do Pós-Guerra “*apenas ajudaram a intensificá-lo. Dessa maneira, as várias estratégias do keynesianismo foram complementares à expansão desembaraçada do complexo industrial-militar*”⁹³ – lembrando que as dívidas responsáveis pelos custos militares da corrida armamentista eram geridos pelo sistema capitalista, atrelados diretamente a economia dos EUA, que também gerencia a maior dívida do mundo⁹⁴. Coggiola nos oferece os seguintes dados sobre o crescimento do complexo industrial-militar-acadêmico durante a Segunda Guerra Mundial:

Nos Estados Unidos, a produção industrial de armamentos duplicou em cinco anos, perfazendo entre 40% e 45% do total da produção, período no qual o setor civil não variou em valor absoluto. Os empregos industriais passaram de 10 para 17 milhões, entre 1939 e 1943. O total de empregos era de 47 a 54 milhões no mesmo período. Se o PNB aumentou de 150%, a concentração econômica espantosa determinou a feição definitiva do capital monopolista nos Estados Unidos — 250 sociedades industriais passam a controlar 66,5% da produção total, uma percentagem equivalente àquela controlada por 75 mil empresas antes da guerra. As exportações dos Estados Unidos passaram de pouco mais de 5 bilhões de dólares, em 1941, para quase 14,5 bilhões, em 1944. No período 1938-1944, a produção de guerra passou de 2 para 100 nos Estados Unidos; de 4 para 100 na Inglaterra; de 16 para 100, na Alemanha; de 8 para 100 no Japão. A transformação das economias capitalistas em economias de guerra e os diversos pontos de partida para atingir tal objetivo determinam, em última instância, a superioridade dos Aliados: calcula-se em 80 bilhões de dólares o valor do material de guerra produzido pelos Estados Unidos, pela Inglaterra e pelo Canadá, no período anterior ao desembarque de 6 de julho de 1944. No mesmo período, a Alemanha e seus aliados tiveram uma produção equivalente a 15 bilhões, isto é, uma superioridade de mais de 5 para 1 em favor dos Aliados, do ponto de vista dos recursos econômicos consagrados ao esforço bélico⁹⁵.

O complexo industrial-militar-acadêmico foi tão bem sucedido para o desenvolvimento capitalista pela sua capacidade de acabar com a distinção entre consumo e destruição, oferecendo “*uma solução radical para uma contradição inerente ao valor que se autodefine como tal em todas as suas formas*”. Este complexo fornece a capacidade de consumo e desperdício ilimitado, sem estar atrelado ao consumidor, “*com todas as limitações naturais, socioeconômicas e até culturais de seus apetites*”⁹⁶, estando atrelado à defesa da pátria, de “um modo de vida”:

⁹³MESZAROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 685.

⁹⁴Para maiores informações sobre a dívida externa e interna estadunidenses ver CIA. *World factbook*. Disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2079rank.html?countryName=United%20States&countryCode=us®ionCode=noa&rank=1#us>, acessado em 10.10.11.

⁹⁵COGGIOLA, O. “O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial”. *Olho da história*. n.º.1. op. cit.

⁹⁶MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 687.

[...] ao contemplar a antiga prática romana do “desperdício conspícuo” na forma do “devorar saladas de pérolas”, torna-se irresistível a conclusão de sua decadente gratuidade; enquanto, ao contrário, consegue-se legitimar como dever patriótico absolutamente inquestionável o verdadeiro desperdício ilimitado de “devorar” recursos equivalentes a bilhões de tais saladas através dos anos, enquanto milhões incontáveis têm de suportar a inanição como o “destino” do qual não podem escapar. Do mesmo modo, em relação ao segundo aspecto vital, o complexo militar-industrial remove com sucesso as restrições tradicionais do círculo de consumo definido pelas limitações do apetite dos consumidores. Nesse aspecto, ele corta o nó górdio altamente intrincado do capitalismo “avançado” ao reestruturar o conjunto da produção e do consumo de maneira a remover, para todos os efeitos e propósitos, a necessidade do consumo real. Em outras palavras, aloca uma parte maciça e sempre crescente dos recursos materiais e humanos da sociedade a uma forma de produção parasitária e que se *autoconsome*, tão radicalmente divorciada e, na verdade, oposta à real necessidade humana e seu consumo correspondente que pode divisar como sua própria *racionalidade* e finalidade última até mesmo a total destruição da humanidade⁹⁷.

Obviamente, neste caso, Mézaros tem em mente os produtos primários produzidos pelo complexo industrial-militar-acadêmico, armas, em especial nucleares, cuja capacidade de destruição ultrapassa em mais de trinta vezes o próprio planeta. O que não impede que os produtos secundários e terciários advindos da pesquisa e produção para a guerra não acabem sendo integradas ao consumo como mercadorias, como novas necessidades, tendo um efeito tão profundo sobre as relações sociais capitalistas, em especial nas últimas décadas do século passado, que passaram a ser uma das principais justificativas para a superioridade do capitalismo, transformado em uma “nova era”, marcada pelo determinismo tecnológico cego e avassalador, onde estaríamos finalmente a ponto atingir o “pleno emprego”, sendo o trabalho intelectual gerador de riqueza, que acompanharia a “extinção” do trabalho vivo⁹⁸. Este movimento corresponde ao sinalizado por Lênin, quando os grandes monopólios aproximam-se e imiscuem-se com o Estado, sendo este, em última instância, sua garantia de lucratividade. “*De fato, graças à importante transformação das estruturas produtivas dominantes da sociedade capitalista do pós-guerra, paralelamente ao correspondente realinhamento de sua relação com o Estado capitalista*”, que serviu tanto aos “*propósitos econômicos como para assegurar a necessária legitimação ideológica-política*”, sublinhando que esta “ *fusão mística entre produtor/comprador/consumidor de agora em diante é nada menos que a própria 'Nação'*”⁹⁹. Essa “união íntima” que garante a própria reprodução e expansão ilimitada do capital, pois

⁹⁷MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 687-688.

⁹⁸FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 26.

⁹⁹MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 691.

o complexo industrial-militar não só aperfeiçoa os meios pelo qual o capital pode agora lidar com todas essas flutuações e contradições estruturais, mas também dá um “salto quantitativo” no sentido que o alcance e o tamanho absoluto de suas operações rentáveis se tornam incomparavelmente maiores do que poderia ser concebido nos estágios anteriores dos desdobramentos capitalistas. Este salto quantitativo cria canais até então inimagináveis, na medida que atenua qualitativamente a relação de forças a favor do capital por um período diretamente proporcional ao porte dos próprios canais produtivos recém-criados. Se as mistificações e os artifícios dos estágios anteriores lembram os meios e métodos grosseiros do matreiro dono de quitanda (que, de qualquer maneira, podia ser desmascarado com relativa facilidade), seus equivalentes sob o “capitalismo avançado” somente são comparáveis a alguma falcatura multinacional de proporções gigantescas que envolva a manipulação de somas astronômicas entre terminais de computador e o encobrimento até mesmo das mais fraudulentas transações, graças a uma trama ideologicamente bem sustentada, na qual as atividades do defraudador, o pagador, o auditor, o legislador e o juiz coincidem em uma só finalidade¹⁰⁰.

Tal qual o capitalismo, não pode-se dizer que a implementação do complexo industrial-militar-acadêmico ocorreu do mesmo modo em todos os países capitalistas avançados, o que aconteceu dentro da conjuntura mundial específica do desenvolvimento econômico do Pós-Guerra, sob controle direto estadunidense. Mézaros ressalta três pontos da dependência criada através destes aos EUA: primeiro, após as novas alianças militares, “*praticamente todas as restrições do tratado de paz original são rapidamente removidas*” para os países derrotados, permitindo o desenvolvimento de seus próprios complexos industriais-militares-intelectuais, investindo “*virtualmente em qualquer campo da produção militar, com a única exceção dos armamentos nucleares*”. Segundo, porque a pesquisa e desenvolvimento de tecnologias militares “*é um empreendimento internacional*”, atingindo os mais variados setores da produção, onde a participação destes países é fundamental “*para o estabelecimento e/ou modernização de ramos industriais inteiros, nos quais se fundam os 'milagres' do desenvolvimento econômico japonês e alemão*”. Por fim, a ligação mais explícita de todos complexos industriais-militares com a economia estadunidense, “*de longe a mais extensa e dinâmica do mundo ocidental, é sustentada, ao longo de todo o período do pós-guerra, por orçamentos astronômicos de defesa (apesar da ameaçadora dívida interna e externa)*”. Sendo que então, a “*capacidade para sustentar os níveis de produção existentes em seus próprios países, em todas as sociedades capitalistas avançadas são profundamente dependentes do mercado em expansão dos Estados Unidos*”, o que explica as atitudes diante da dívida estadunidense, pois a ampliação produtiva destes países “*não pode ser separada da importância global da produção militarista no que se refere à sua aparentemente incurável*

¹⁰⁰MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 690-691.

dependência da economia norte-americana e do preponderante complexo militar-industrial em seu interior”¹⁰¹.

E, como já pontuado, uma das consequências mais dramáticas resultantes do complexo militar-industrial-acadêmico irá corresponder ao incentivo, direto ou indireto, em conflitos e ditaduras militares no Terceiro Mundo, capazes de aumentar a sua oferta em demanda:

Longe de ser surpreendente ou paradoxal, isto revela uma conexão *necessária*, pois o complexo militar-industrial do capital desenvolvido necessita desesperadamente de canais econômico-militares, impossíveis de obter prontamente, por uma série de razões, dentro dos limites e das modalidades de legitimação de sua própria base doméstica. Assim, apesar da retórica dos “direitos humanos” e da “aliança para o progresso”, somos aqui apresentados a uma relação de *complementaridade* essencial, na qual a oferta pernicioso do complexo industrial-militar “avançado” não consegue gerar internamente a “demanda efetiva” requerida numa escala sempre crescente. Entretanto, visto que a dinâmica do desdobramento socioeconômico e político – principalmente na América Latina, mas de maneira alguma somente lá, como mostram os distúrbios nas Filipinas e na Coreia do Sul – há de provavelmente solapar a estabilidade das ditaduras militares no “Terceiro Mundo”, tais desdobramentos, por implicação, deverão ter severas repercussões na manutenção da viabilidade do complexo militar-industrial também nos países capitalistas avançados¹⁰².

Um dos marcos para a afirmação deste complexo, a partir de 1950, foi a criação da doutrina do “desenvolvimento com segurança” por técnicos do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) para manter o domínio sobre a América Latina e “evitar que o fantasma do regime comunista pairasse sobre a região e colocasse em risco sua área de influência”. Este desenvolvimento tinha como premissa a orientação externa das medidas econômicas, “num tipo de desenvolvimento determinado de fora para dentro, que aceitasse a hegemonia norte-americana”, e que com o programa *Aliança para o Progresso*, “destinado ao combate à pobreza nas áreas periféricas para reduzir a ameaça de instabilidade social e resguardar os interesses dos Estados Unidos nos setores econômico, político e de segurança nos países latino-americanos”¹⁰³, só tornou evidente a militarização das relações imperialistas. Segundo Carlos Medeiros:

O “complexo militar-industrial-acadêmico” gerou, em diferentes momentos, um estímulo tanto de demanda quanto de oferta ao processo de inovações e criou uma rede descentralizada e coordenada de instituições e comunidades

¹⁰¹MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 686-687.

¹⁰²Idem. p. 693.

¹⁰³MELLO, N. B. *Subdesenvolvimento, imperialismo, educação, ciência e tecnologia no Brasil: a subordinação reiterada*. op. cit. p. 46.

tecnológicas sem rival no mundo contemporâneo. Dada esta característica específica, a influência dos militares na tecnologia não foi circunscrita à provisão de recursos ao processo de P&D [Pesquisa e Desenvolvimento] e às compras de governo aos fabricantes de armas, mas incluiu a montagem de instituições voltadas ao deslocamento da fronteira científica e à aceleração do progresso tecnológico. Mais do que as armas criadas por este esforço, este objetivo político tornou-se um traço marcante da ciência e tecnologia americana¹⁰⁴.

Somente o MIT, nos anos que se seguiram a guerra, recebeu cento e dezessete milhões de dólares para pesquisa e desenvolvimento, o CALTECH (*California Institute of Technology*, Instituto de Tecnologia da Califórnia) oitenta e três milhões, a AT&T dezessete milhões, e a General Electric oito milhões – que junto com outras fabricantes de armas como a Lockheed, Westinghouse, IBM, Boeing, a General Dynamics foram privilegiadas por estes investimentos¹⁰⁵. No quadro seguinte, elaborado por Medeiros (que infelizmente não informa o total dos investimentos realizados), podemos observar os indicadores de gastos estimados de pesquisa e desenvolvimento nos EUA, em sua passagem do investimento direto estatal, gestando e consolidando os laboratórios privados, e como a partir da década de oitenta este setor ultrapassa o percentual de investimento (mesmo com o aumento progressivo dos gastos), assumindo a direção do complexo industrial-militar-acadêmico:

TABELA 1: Investimentos em P&D dos EUA entre 1947-1998:

Anos	Total % (1998 milhões U\$)	Indústria	Governo	Universidade	Outros
1947	7,645 100	38,8	53,9	3,9	3,4
1957	50,345 100	35	62,9	0,5	1,6
1967	99,326 100	34,9	62,4	0,9	1,9
1977	103,258 100	45,2	51	1,3	2,5
1987	171,309 100	49,6	46,4	1,8	2,2
1998	227,173 100	65,9	29,5	2,2	2,5

FONTE: NSF. *Science & Engineering Indicator*, 2003. apud MEDEIROS, C. A. de. “O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar” In. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. op. cit. p. 244.

Como consequência deste deslocamento da crise de superprodução para o complexo industrial-militar-acadêmico, “a legitimação da oferta real pela 'demanda fictícia””, o capital acaba por encontrar um novo modo de conduzir e “*administrar as consequências objetivas do desenvolvimento socioeconômico, incluindo suas próprias contradições no plano da interação crucial entre produção e consumo, minimizando, por todo um período histórico*” –

¹⁰⁴MEDEIROS, C. A. de. “O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar”. In. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 226.

¹⁰⁵Idem. p. 232-233.

e tendo seu aspecto mais bem sucedido –, “as mais severas implicações desta última na erupção de crises”¹⁰⁶. Concordamos com Meszáros quando afirma que isto significou “o isolamento de bem mais de um terço da economia das desconfortáveis flutuações e incertezas do mercado”¹⁰⁷. O que sem dúvida tem aspectos intrínsecos com a posterior ofensiva do capital, onde nenhuma característica positiva esperada pelo desenvolvimento das relações sociais capitalistas será concretizada. O autor faz questão de deixar isto explícito:

[...] a tendência anterior à realização de suas precondições mais elementares sofre um grave retrocesso, mesmo nos países capitalistas mais “avançados”, quando a linha de menor resistência do capital, em vez de englobar a totalidade da humanidade na busca efetiva da industriabilidade geral e da produtividade genuína, começa a estipular a brutal ejeção de um número crescente de pessoas do processo de trabalho. A mesma reversão se aplica ao desenvolvimento da ciência e à transformação das práticas produtivas de acordo com suas potencialidades inerentes, que supostamente deveriam favorecer a expansão do valor de uso e a interação dialética da progressiva expansão do valor de uso com o desdobramento das necessidades humanas. Como resultado das novas exigências e determinações do capital, a ciência é desviada de seus objetivos positivos, e a ela é designado o papel de ajudar a multiplicar as forças e modalidades de destruição, tanto diretamente, fazendo parte da folha de pagamento do complexo industrial-militar ubíqua e catastróficamente perdulário, como indiretamente, a serviço da “obsolescência planejada” e de outras engenhosas práticas manipuladoras, divisadas para manter os lobos da superprodução longe das portas das indústrias de consumo¹⁰⁸.

Estes desdobramentos do capital citados acima, a obsolescência programada, articulada à chamada “reestruturação capitalista”, são derivados das mudanças sociais do período, relativas ao processo de estabelecimento do capital-imperialismo, do “*imperialismo* [que] *dissolvia-se no capital-imperialismo que gerara e nutriria*”¹⁰⁹, ou seja, o esgotamento da arquitetura econômica do Pós-Guerra através da ampliação desta mesma, o que na década de setenta irá, aliada a outras causas como a questão do petróleo, gerar crises sucedâneas. Esta transição será o nosso fio condutor para podermos atribuir sentido e significado ao desenvolvimento da internet, dentro do desenvolvimento geral das telecomunicações, como parte do processo de ampliação das formas de reprodução do capital:

Na década de 1970, as condições econômicas, políticas e culturais já exibiam a modificação que as décadas anteriores impulsionaram. Economicamente, as corporações multinacionais ocupavam agora o mundo, impondo mais necessidades de valorização e capturando sempre mais recursos, refletindo-se

¹⁰⁶MESZAROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 693-694.

¹⁰⁷Idem. p. 806.

¹⁰⁸Ibidem. p. 694.

¹⁰⁹FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 194.

numa mega-concentração que extrapolaria os limites das empresas e bancos (eurodólares, petrodólares, etc.). Contribuíram para fomentar a geração de proprietários descarnados, acionistas e outros. Politicamente, já estava dilatado internacionalmente o formato organizativo cosmopolita e encapsulador, que acoplava entidades econômicas, de ação direta e cultural, voltadas para a extensão da sociabilidade do capital. Culturalmente, estava em curso a enorme difusão mediatizada, propulsada pela generalização das televisões, que ecoava – sempre contraditoriamente – os redirecionamentos em curso. Ademais, estes contavam com um lastro intelectual fortemente fragmentário, resultante do desconcerto perante as formidáveis lutas da década de 1960 e de progressivo abandono de expectativas revolucionárias, em boa parte financiada pela malha mercantil-filantrópica já em franca expansão¹¹⁰.

A crise daquela década apresentou quedas violentas na produção e no emprego, sendo que as falências generalizaram-se, atingindo até grandes conglomerados, e os investimentos caíram a níveis extremamente baixos. Ela pode ser apontada na retração das taxas de crescimento das maiores economias do mundo no biênio 1974-1975, o apogeu da crise, (embora alguns países anteriormente, os EUA, já em 1970 e a RFA em 1971, já mostravam um cenário de estagnação). Os EUA tiveram taxas negativas de crescimento, em 1974 de -0,9% e no ano seguinte de -0,8%, e a Inglaterra em 1974 quedas de -7,0% (mesmo que no ano anterior tivesse demonstrado um crescimento de 7,6%). O crescimento total dos países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi de 0,7% em 1974 e de 0,5 % em 1975. Do mesmo modo tanto a inflação quanto o desemprego aumentaram de modo agudo neste momento. A inflação mundial, média feita pelos preços oferecidos aos consumidores foi de 18,1% entre 1973 e 1984, sendo quase metade deste aumento somente no período de 1973-1979. O desemprego na Comunidade Econômica Europeia passou de 3,2% em 1970 para 5,4% em 1975, mantendo esse número em 1977, mas subindo para 6,4% em 1981 e atingindo 8,2% em 1983. Assinalando que é no biênio 1973-1974 que ocorre a elevação violenta do preço do petróleo, que triplica seu valor, de US\$ 3,5 por barril de petróleo bruto para US\$ 11,65 por barril¹¹¹. Obviamente este cenário já estava se desenhando anteriormente, segundo Eurelino Coelho:

O que ocorreu em 1974 não foi um raio em céu azul. O comportamento ao longo do tempo da taxa de lucros é um bom indicador das flutuações cíclicas do processo de acumulação capitalista [...] Manter por vários anos, com breves interrupções, as taxas de lucro próximas dos patamares ótimos foi possível enquanto o aumento da composição orgânica do capital (fruto da aceleração da concentração monopolista de capital e expresso na tendência a

¹¹⁰FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 191-192.

¹¹¹CARCANHOLO, M. D. “Crise econômica atual: seus impactos para a organização da classe trabalhadora”. *Aurora*. n.º. 6. Disponível em <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/1%20CARCANHOLO.pdf>, acessado em 04.06.11.

deslocar trabalho vivo por trabalho morto) e os aumentos reais de salários eram compensados (ou até superados) pelos ganhos com a produtividade do trabalho (renda tecnológica). Ora, as rendas tecnológicas tenderam a decair com a progressiva difusão das inovações técnicas. Nessas condições, a manutenção da taxa de lucro passava a depender do aumento da taxa de mais-valia. Só que o movimento operário, por seu turno, com suas organizações fortalecidas pelo período de quase-pleno emprego, estava em condições de resistir ao aumento da taxa de exploração do trabalho¹¹².

A classe trabalhadora, no decênio subsequente a 1968 tinha o poder de iniciativa organizada suficiente para abrir ofensiva contra o capital em vários países capitalistas centrais: “*o poder do imperialismo não chegou a ser ameaçado globalmente, mas estremeceu e, em algumas pontas, como Vietnã, Nicarágua e Irã, rachou*”. Se a crise deixou as classes dominantes em quase todos os países sem reação, “*as classes subalternas, ao contrário, saíam para a luta aberta*”. Esta série de desdobramentos ofensivos não chegou a constituir “*uma alternativa global dos trabalhadores para a crise do capitalismo tardio*”, sendo que todas as revoluções nos anos setenta foram derrotadas ou tomaram outra orientação que não a anticapitalista. Seguindo o processo de derrota da classe trabalhadora, finalizado no começo da década seguinte, abriu-se caminho para uma violenta reação burguesa, de amplitude global¹¹³:

Golpes e crises de diversas ordens se sucedem no plano internacional, como a ruptura unilateral pelos Estados Unidos, em 1971, do acordo de conversibilidade firmado em Bretton Wood; o aumento generalizado das taxas de juros, estrangulando os países devedores na virada de 1973/1974, ocasião da chamada primeira crise do petróleo; o redirecionamento da economia realizado a partir da nomeação de Paul Volcker para a presidência do Federal Reserve, sob o governo Carter, em 1979, voltada para a contenção da inflação e liberação as taxas de juros, reforçando ainda mais o jugo sobre os devedores, o que estaria na base do Consenso de Washington, uma década depois¹¹⁴.

A amplitude da crise ocorreu pela ampliação desenfreada das relações sociais capitalistas, que com a industrialização dos países periféricos (a internacionalização da produção, onde as filiais passaram de extratoras de matérias primas para atuarem como indústrias de transformação), as novidades tecnológicas e a concentração de capitais determinaram uma sincronização internacional do ciclo industrial. Os limites dos Estados nacionais foram em muito ultrapassados pelas forças produtivas, parte de uma tendência ampliada desde o Pós-Guerra, – desde o início de 1970 mais de 50% das exportações dos Estados Unidos ocorreram entre sucursais de suas transnacionais localizadas fora do território

¹¹²COELHO, E. *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese de Doutorado. Niterói, UFF: 2005. p. 405.

¹¹³Idem. p. 416.

¹¹⁴FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 193.

estadunidense. Esta sincronização internacional do ciclo industrial termina por minar as políticas econômicas anticíclicas, que pelo seu caráter prioritariamente nacional, acabam por serem insuficientes diante das crises do capital¹¹⁵. A ampliação gigantesca do capital, sua concentração e centralização, potencializou violentamente o papel do próprio capital, como pura propriedade capitalista, “*que se torna abstrata, desigualitariamente socializada e extremamente destrutiva*”. E seu caráter abstrato advém de que “*o volume de concentração de capital supera as dimensões das empresas e de qualquer empreendimento singular, configurando-se como o fetiche máximo de uma potência cega da pura forma monetária*”¹¹⁶. Segundo François Chesnais:

Um “patrimônio” ou um “capital” constituído por títulos é amplamente fictício. Compõe-se de créditos, ou seja, promessas sobre uma atividade produtiva futura, depois negociados num mercado muito peculiar que determina seu “preço” de acordo com mecanismos e convenções muito especiais. A constituição de um “patrimônio” ou de um “capital” desse tipo pode ser relacionada também, em diversos graus, com a criação prévia de capital fictício assumindo a forma de crédito. Concedem-se empréstimos e criam-se cadeias de dívidas visando à aquisição de títulos. Caso o valor formal destes despenque, os créditos nas contas dos banqueiros revelam plenamente seu caráter fictício. A própria essência do capital fictício torna sua avaliação difícil e flutuante. Tem-se a obrigação de recorrer aos indicadores que fornecem uma idéia do peso dos mercados e dos ativos financeiros na economia. A lista dos mesmos é longa e seus limites intrínsecos são claros. Tais indicadores expressam, simultaneamente, o poder econômico particular que resulta do fato de os mercados deterem títulos sobre a atividade produtiva e uma simples “bolha”, ou seja, uma acumulação de capital puramente fictício. É no momento dos craques nas bolsas e das maiores crises financeiras que esse caráter fictício é desvendado. As conseqüências para a economia real dessa destruição podem ser terríveis, particularmente caso venham a fragilizar a outra grande forma de capital fictício constituída pelos títulos gerados através da criação anterior de créditos bancários industriais e imobiliários de médio e longo prazos¹¹⁷.

E este movimento não ocorreu sem a expropriação massiva dos trabalhadores, já que o capital financeiro busca apreender “*recursos monetários de todas as instâncias sociais para imperativamente convertê-los em capital, também de maneira difusa*”¹¹⁸. Neste caso pela criação de fundos de pensão, e com menos peso os fundos comuns de investimento e outros investidores institucionais:

¹¹⁵FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 193-194.

¹¹⁶Idem. p. 145-146.

¹¹⁷CHESNAIS, F. “A teoria do regime de acumulação financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações”. *Economia e Sociedade*. n.º. 1. Disponível em <http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/instituto/revistas/economia-e-sociedade/V11-F1-S18/01-Chesnais.pdf>, acessado em 16.10.11.

¹¹⁸FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 145-146.

Os fundos de investimento originaram-se nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha sobretudo como fundos de pensão, ou seja, como uma maneira de minorar os efeitos das aposentadorias insuficientes dos trabalhadores. O baixo valor das aposentadorias lançava os trabalhadores na contingência de reservar parcela de seus salários para uma complementação salarial posterior. Tais fundos tiveram importante crescimento nos anos 1960 e 1970 e suas características são ambivalentes. Procurando preservar os recursos sob sua guarda, de propriedade de trabalhadores, tais exigências os aproximam do capital portador de juros [...] A concentração dos investidores institucionais (fundos de pensão, fundos de investimento, etc.) geraria, em Wall Street, novos ramos de atividades, como gestão de carteiras, mercado de obrigações, serviços de pesquisa, departamento de fusões e aquisições¹¹⁹.

Os fundos de pensão serão articulados com as chamadas reestruturações produtivas, a forma normal exigida pelo capital-imperialismo, a intensificação necessária na extração de mais valia, tornando internacional a concorrência entre os trabalhadores (ampliando drasticamente a taxa de exploração) e impondo o cerceamento para sua circulação internacional. A articulação entre o corte de direitos e a ameaça do desemprego foi utilizada ostensivamente para quebrar as resistências no mundo do trabalho¹²⁰. Novamente, segundo Chesnais:

[...] um dos traços característicos do regime com dominação financeira é o de se originar de uma série de golpes de força (ligados aos nomes de Margaret Thatcher, Paul Volcker e Ronald Reagan). Ainda hoje (ou talvez se deva dizer, hoje mais que nunca), aqueles que dominam o novo regime (os “mercados” tanto quanto os governantes dos países do G7) não estão muito dispostos a negociar qualquer coisa com os assalariados, trabalhadores, camponeses e pouca coisa até entre eles próprios em pé de igualdade. Esta é a lição dos eventos de Gênova, bem como da posição norte-americana a respeito do protocolo – já minimalista – de Quioto¹²¹.

A situação de exploração cada vez mais violenta aos quais os trabalhadores do mundo inteiro são confrontados é complementada pelas expropriações primárias e secundárias, que nos fazem crer que em um futuro próximo o capital irá impedir a reprodução da natureza e da própria humanidade¹²². E o imperialismo monetário prevê em seu desenvolvimento a crise, fornecendo todas as condições para o crescimento desenfreado do capital fictício. Este capital, “*integra a normalidade aberrante da reprodução capitalista*”, e, apesar de “*se denominar fictício, e de constituir de fato um capital fictício (especulativo, promotor de 'bolhas')*”, não significa que não tenha implicações reais e dramáticas na vida social”. Tanto o capital

¹¹⁹FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 195.

¹²⁰Idem. p. 199-200.

¹²¹CHESNAIS, F. “A teoria do regime de acumulação financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações”. *Economia e Sociedade*. op. cit.

¹²²FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 59.

fictício quanto o capital portador de juros “*embora analiticamente cumpram papéis diferenciados*” exigem sua valorização, “*extraindo mais-valor direta ou indiretamente, ou assegurando ganhos através de formas fraudulentas*”¹²³. As bolhas tornam-se parte integrante do funcionamento normal do mercado internacional, sendo até geridas e “inchadas” por Estados nacionais. Podemos observar suas implicações sociais no estouro da bolha das hipotecas estadunidenses de 2008, que na verdade acabou sendo um desdobramento da bolha anterior, de 2002, que atingiu a NASDAQ (*National Association of Securities Dealers Automated Quotations*, Associação Nacional Corretora de Valores e Cotações Automatizadas, que iremos tratar especificamente desta adiante) – desdobramento criado pelo Banco Central daquele país para manter a taxa de investimentos, ou seja, para assegurar através da existência do capital fictício a lucratividade destes capitalistas: “*a existência do capital fictício, de maneira similar à do capital-monetário ao qual está acoplado, impõe um resultado social dramático: não apenas aprofunda as expropriações e intensifica as maneiras de subalternização dos trabalhadores*”, mas afeta “*o futuro da integralidade da vida social, transformando-a em mera condição para a reprodução do capital*”¹²⁴.

1.1. As telecomunicações no capital-imperialismo:

Podemos observar a transição e implementação do capital-imperialismo através do processo de desenvolvimento do setor de telecomunicações nos EUA. Naquele país sempre prevaleceu a exploração privada no desenvolvimento de novos setores, mesmo quando considerados de interesses soberanos nacionais, através do tipo de imiscuidade entre Estado e iniciativa privada do complexo industrial-militar-acadêmico. No caso das telecomunicações o campo de exploração foi completamente entregue para a iniciativa privada. A American Telephone and Telegraph Company (AT&T) foi criada em 1901, para poucos anos depois tornar-se um monopólio, o que garantiria a universalidade de seus serviços através da integração nacional das redes já existentes, de telefonia e telegrafia¹²⁵. O domínio monopólico deste setor teve aval do Congresso estadunidense, sendo a única empresa a não ser incluída na lei antitruste. Para garantir o controle tecnológico acerca do setor, a empresa associada à família Morgan, investe em seu Bell Laboratories, comprando a maior fabricante de

¹²³FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 36.

¹²⁴Idem. p. 38.

¹²⁵COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 56.

equipamentos, a Western Electric e diversas telefônicas regionais, assumindo o monopólio não só do setor e de seus serviços, mas também de sua pesquisa e desenvolvimento, que durou até os anos setenta.

Processo similar ocorreu com o sistema de radiofusão, que foi dividido entre oligopólios nacionais. O Estado para normatizar estes setores irá criar somente em 1934, na gestão de Franklin Delano Roosevelt, a *Federal Communications Commission* (Comissão de Comunicações Federais, FCC), autarquia normatizadora do setor, que regularia as taxas de lucros da AT&T, e funcionaria como a censora midiática oficial:

Com a criação da FCC, os EUA reforçaram seu marco regulatório e reestruturaram o mercado de telecomunicações segundo o que se convencionou denominar de modelo norte-americano. Na indústria e nas redes de *broadcasting*, vigorou uma estrutura de concorrência entre oligopólios privados; na prestação de serviços de telefonia e de telegrafia, vigorou uma estrutura de monopólio privado; e na área de P&D uma estrutura de colaboração entre segmentos militares, industriais e acadêmicos, *na qual a concorrência era ela própria o princípio da cooperação*¹²⁶.

O domínio global estadunidense sobre o desenvolvimento de tecnologias de telecomunicações foi pleno até o fim dos anos setenta, quando outros países, já com seus parques fabris plenamente reconstruídos e interdependentes do complexo militar-industrial-acadêmico estadunidense, passam a disputá-lo, entre eles, a Alemanha, o Japão, a França, a Inglaterra, a Suécia e o Canadá. As empresas do setor destes países também contaram com investimentos diretos de seus Estados nacionais, tanto para o desenvolvimento de equipamentos quanto na diminuição de custos para uso comercial, o que marcou especialmente o modelo produtivo japonês, em seu esquema de inovações. Glória Maria Moraes da Costa nota que a União Soviética, ao contrário da corrida espacial, não tomou este setor como estratégico.

A partir do já citado processo de derrota da classe operária, os anos oitenta iniciaria sob uma “*uma onda de direitização*”, culminando nas eleições de Margareth Thatcher em 1979 no Reino Unido, de Ronald Reagan em 1981 nos Estados Unidos, e Helmut Kohl em 1982 na Alemanha. Estes foram os principais promotores, em escala mundial, do ultraliberalismo econômico, e do ultraliberalismo como política estatal adequada aos interesses do capital-imperialismo. “*Os governos Thatcher contraíram a emissão monetária, elevaram a taxa de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre rendimentos altos,*

¹²⁶COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit. p. 61. Grifos nossos.

aboliram controle sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivos”, e encararam as reações dos trabalhadores atacando greves (os mineiros tiveram um importante papel neste período, levando a cabo greves heroicas), impondo uma nova legislação antisindical e cortando gastos sociais. “*E finalmente – esta foi uma medida surpreendentemente tardia –, se lançaram num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida a indústrias básicas como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água*”¹²⁷. Edmundo Dias sintetiza este processo:

A crise geral das décadas 70 e 80 rompeu o compromisso do *Welfare State*. Para fazer frente a esta crise o capitalismo articula e põe em cena uma dupla solução: o neoliberalismo e a reestruturação produtiva. Estas duas estratégias constituem uma mesma processualidade. O capitalismo, “superados” os principais obstáculos à sua continuidade, entre eles o desmonte objetivo dos estados “socialistas”, coloca em questão o chamado bem estar social. Os capitalistas, “liberam-se” de todo e qualquer compromisso com a satisfação das necessidades reais da população e da ampliação da cidadania. Para tal, levaram a extremos a idéia de liberdade do mercado. Têm ainda uma vantagem adicional: os movimentos partidário, sindical e popular que se reivindicam dos trabalhadores estão, também eles, em uma brutal crise¹²⁸.

Nos Estados Unidos, com Reagan, o caminho foi um tanto diferente da Inglaterra, já que o foco principal de seu governo foi a ofensiva militar e econômica em nome do capital. Externamente, lançando-se em “*qualquer luta nominalmente anticomunista em qualquer lugar do mundo (Nicarágua, Granada, Angola, Moçambique, Afeganistão, etc.)*”¹²⁹, movimento “*decisivo para uma recuperação das economias da Europa ocidental e da América do Norte*”¹³⁰, e que era justificado como modo de afastar qualquer sombra da derrota estadunidense no Vietnã.

Foi sob esta perspectiva, de forte investimento no complexo industrial-militar-acadêmico visando elevar a demanda e assim superar a crise econômica, que as telecomunicações voltam a ser prioridade nas políticas estatais dos EUA. O *Strategic Defense Initiative* (Iniciativa de Defesa Estratégica) idealizou e levou a cabo o projeto Guerra nas Estrelas (cuja implantação foi decidida de forma unilateral, indo contra a ONU (Organização das Nações Unidas) e diversos movimentos populares contra a proliferação de armas

¹²⁷ANDERSON, P. “Balanço do neoliberalismo”. In. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 12.

¹²⁸DIAS, E. F. “Reestruturação produtiva: forma atual da luta de classes”. *Outubro*. n.º. 1. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01_03.pdf, acessado em 16.10.11.

¹²⁹HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. op. cit. p. 296.

¹³⁰ANDERSON, P. “Balanço do neoliberalismo”. In. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. op. cit. p. 13.

atômicas¹³¹), que teve como suporte recursos tecnológicos advindos de sua infraestrutura de telecomunicações, baseado em um estoque de tecnologia de ponta suficiente para a sua projeção global. As principais empresas beneficiadas neste período foram a Rockwell International, a Boeing, a General Dynamics, a Hughes, a General Electric e a Lockheed (que na época chegou a falsificar resultados de testes para o Guerra nas Estrelas)¹³².

Enquanto expandia a doutrina da segurança nacional os EUA salvaguardavam a demanda de consumo do setor, investindo também no desenvolvimento de equipamentos e aplicações comerciais, garantiam para a iniciativa privada acesso aos mercados mundiais. Como parte deste processo, em 1984 nos EUA foi feita a reforma das telecomunicações, que desmembrou a AT&T, que serviu de modelo para um processo global de adaptação ao modelo estadunidense de telecomunicações, no qual os EUA utilizaram ostensivamente o poder de pressão e barganha de entidades supranacionais como a OMC (Organização Mundial do Comércio) e mesmo o FMI onde a concessão de novos empréstimos e/ou prazos para pagamentos da dívida de países do Terceiro Mundo foi utilizada como instrumento de coerção, caso da Argentina que praticamente é chantageada para privatizar seu setor de telecomunicações¹³³. Internamente, as duas gestões Reagan atuaram expandindo o déficit, direcionando investimentos para o complexo industrial-militar-acadêmico, pelos cortes de programas sociais, que a década de sessenta tinha produzido, e também da diminuição crescente recursos para a saúde e a educação, além da ofensiva contra os sindicatos e organizações da classe trabalhadora, como na emblemática greve dos controladores de tráfego aéreo¹³⁴.

Como consequência deste “keynesianismo militar”, como Perry Anderson entende esta política¹³⁵ (ou segundo Maria da Conceição Tavares, “*uma política keynesiana bastarda, de cabeça para baixo*”¹³⁶), resulta-se o aumento exponencial do déficit e da dívida pública dos EUA. Em 1981 este déficit era de setenta e quatro bilhões de dólares e a dívida de um trilhão de dólares. Dez anos depois, o déficit orçamentário chegou a trezentos bilhões de dólares, e a

¹³¹SANTOS, M. *O poder norte-americano e a América Latina no pós-guerra fria*. São Paulo: Anneblume; Fapesp. 2007. p. 67.

¹³²HARTUNG, W. “Profits of war: the fruits of the permanent military-industrial complex”. *Multinational monitor*. janeiro/fevereiro, 2005. Disponível em http://www.thirdworldtraveler.com/Military_Industrial_Complex/Profits_of_War.html, acessado em 08.10.11.

¹³³Para mais informações sobre o processo de privatização das telecomunicações na Argentina ver COSTA, G. M. M. da *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit.

¹³⁴HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. op. cit. p. 296.

¹³⁵ANDERSON, P. “Balanço do neoliberalismo”. In. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. op. cit. p. 13.

¹³⁶TAVARES, M. da C. “A retomada da hegemonia norte-americana”. *Revista de Economia Política*. nº. 2. Disponível em <http://www.rep.org.br/pdf/18-1.pdf>, acessado em 13.02.11.

dívida pública a quatro trilhões de dólares¹³⁷. Reagan foi “o mais apaixonado pelo *laissez-faire* dentre os presidentes do pós-guerra, tenha presidido a maior guinada protecionista desde a década de 1930”, sendo que o aumento drástico da desigualdade entre pobres e ricos no período, para Noam Chomsky, “apenas o funcionamento normal da ‘paixão pelo *laissez-faire*’: a disciplina do mercado para vocês e não para mim, a menos que ‘o campo de jogo’ esteja inclinado a favor dos meus interesses, geralmente como resultado da intervenção estatal em larga escala”¹³⁸.

Este processo ganhou novo fôlego após 1989, com a formulação do Consenso de Washington, “segundo a qual haveria uma fórmula universal, obrigatória para todos os governos, de ajuste fiscal, com suas conseqüências imediatas”, estas sendo o “refluxo dos gastos do Estado, concentrados em políticas sociais e gastos de pessoal, privatização de empresas, abertura da economia ao mercado internacional, precarização das relações de trabalho, incentivo à atração do capital financeiro”¹³⁹. O Consenso de Washington, como ficou conhecido posteriormente, é fruto de um encontro em novembro de 1989, intitulado *Ajustes na América Latina: quanta coisa aconteceu?*, convocado pelo *Institute for International Economics* (Instituto de Economia Internacional), na capital estadunidense, onde reuniram-se funcionários deste Estado e de uma série de órgãos supranacionais com sede na mesma cidade, como o FMI, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento além de diversos economistas latino-americanos. “Embora com formato acadêmico e sem caráter deliberativo, o encontro propiciaria oportunidade para coordenar ações por parte de entidades com importante papel nessas reformas”¹⁴⁰. Segundo o ex-embaixador brasileiro junto ao GATT (*General Agreement on Tariffs and Trade*), Paulo Nogueira Batista:

O valor do Consenso de Washington está em que reúne, num conjunto integrado, elementos antes esparsos e oriundos de fontes diversas, às vezes diretamente do governo norte-americano, outras vezes de suas agências, do FMI ou do Banco Mundial. O ideário neoliberal já havia sido contudo, apresentado de forma global pela entidade patrocinadora da reunião de Washington - o *Institute for International Economics* - numa publicação intitulada *Towards Economic Growth in Latin America*, de cuja elaboração participou, entre outros, Mário Henrique Simonsen. Não se tratou, no

¹³⁷ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996. p. 328.

¹³⁸CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 77.

¹³⁹SADER, E. “Notas sobre a globalização neoliberal”. In. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS*. Rio de Janeiro; EPSJV, 2008. p. 41.

¹⁴⁰BATISTA, P. N. *O Consenso de Washington*. A visão neoliberal dos problemas latino-americanos. Disponível em http://www.fau.usp.br/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aup0270/4dossie/nogueira94/nog94-cons-washn.pdf, acessado em 13.01.11.

Consenso de Washington, de formulações novas mas simplesmente de registrar, com aprovação, o grau de efetivação das políticas já recomendadas, em diferentes momentos, por diferentes agências. Um consenso que se estendeu, naturalmente, à conveniência de se prosseguir, sem esmorecimento, no caminho aberto¹⁴¹.

Ao final deste encontro se resumiram dez regras universais consensuais para seus participantes: 1. Disciplina fiscal, para limitar os gastos nacionais ao arrecadado, numa tentativa de se eliminar o déficit público; 2. Priorização dos gastos públicos; 3. Reforma tributária que amplie a base sobre a qual incide a carga tributária; 4. Liberalização financeira, fim das restrições nacionais e afastamento do Estado do setor; 5. Taxa de câmbio competitiva através do regime cambial; 6. Liberalização comercial, com redução de alíquotas de importação e estímulos para a exportação; 7. Eliminação de restrições ao capital externo, permitindo investimento direto estrangeiro; 8. Privatização; 9. Desregulamentação econômica e trabalhista; e 10. Propriedade intelectual. Para Batista, “*as propostas do Consenso de Washington nas 10 áreas a que se dedicou convergem para dois objetivos básicos: por um lado, a drástica redução do Estado e a corrosão do conceito de Nação*”, e também através do “*máximo de abertura à importação de bens e serviços e à entrada de capitais de risco. Tudo em nome de um grande princípio: o da soberania absoluta do mercado autoregulável nas relações econômicas tanto internas quanto externas*”¹⁴².

Obviamente, falar somente na “exportação” deste projeto de Estado pode dar a falsa impressão de que este processo ocorreu de forma acordada. Este movimento foi perpassado pela violência e coerção imperialista, seja de modo direto, através dos acordos bilaterais ou, através de entidades supranacionais. Estas atuaram em uma conjuntura marcada pela intensificação da dependência financeira dos países do Terceiro Mundo, resultante das crises da dívida (externa e interna) destes países, agravadas pelas crises do petróleo e pela escassez de crédito, também servindo de base para se “*exportar os valores americanos*”, marcados, segundo Chomsky, “*pela onda do futuro: as telecomunicações, a Internet, a tecnologia computacional avançada e outras maravilhas criadas pelo exuberante espírito empresarial americano, catapultado, desde a revolução de Reagan, pelo mercado livre da interferência governamental*”¹⁴³. O que será visível no caso da expansão da rede mundial de computadores.

¹⁴¹BATISTA, P. N. *O Consenso de Washington. A visão neoliberal dos problemas latino-americanos*. op. cit.

¹⁴²Idem.

¹⁴³CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global*. op. cit. p. 75-76.

2. A REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES:

“O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação”.

Max Horkheimer e Teodor W. Adorno. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 114.

A internet é usualmente definida funcionalmente como um sistema de informações globais que: A) “é logicamente ligado por um endereço único global baseado no IP e subsequentes extensões”; B) “é capaz de suportar comunicações usando o TCP/IP [Transmission Control Protocol/Internet Protocol, Protocolo de Controle de Transmissões/Protocolo da Internet] ou suas subsequentes extensões e/ou outros protocolos compatíveis ao IP”; C) “provê, usa ou torna acessível, tanto publicamente como privadamente, serviços de mais alto nível produzidos na infraestrutura descrita”¹⁴⁴. Esta definição é insuficiente, já que naturaliza o desenvolvimento tecnológico e midiático ocorrido principalmente nas últimas décadas do século passado, cujo alcance sobre as relações sociais estamos somente começando a delinear. E ainda ignora as contradições da realidade, ou finge as ignorar, para compreender a rede como um espaço de embates ideológicos dissociados de sua materialidade, das funções sociais que cumpre como parte da ampliação das formas de reprodução do capitalismo contemporâneo.

Foi no seio do complexo industrial militar acadêmico que nasceu a internet, já na década de 1960, sob a tutela do Pentágono e desenvolvida por instituições de pesquisa estadunidenses, para funcionar como modelo de comunicação e compartilhamento de informações descentralizado, assim permitindo sua proteção em caso de um ataque nuclear russo. A ARPANET foi criada pela DARPA (*Advanced Research Projects Agency*, Agência de Projetos de Pesquisa Avançados), agência do DoD (*Department of Defense*, Departamento de Defesa estadunidense)¹⁴⁵ e funcionava através de chaveamento de pacotes, divisão de informações que permitem seu reagrupamento posterior pelo destinatário. Em 1969 foi transmitido o primeiro correio eletrônico entre as Universidades da Califórnia e Stanford,

¹⁴⁴“Internet’ refers to the global information system that (i) is logically linked together by a globally unique address space based on the Internet Protocol (IP) or its subsequent extensions/follow-ons; (ii) is able to support communications using the Transmission Control Protocol/Internet Protocol (TCP/IP) suite or its subsequent extensions/follow-ons, and/or other IP-compatible protocols; and (iii) provides, uses or makes accessible, either publicly or privately, high level services layered on the communications and related infrastructure described herein”. FEDERAL NETWORKING COUNCIL. *Definition of internet*. Disponível em http://www.nitrd.gov/fnc/Internet_res.html, acessado em 14.10.11. Tradução nossa.

¹⁴⁵MEDEIROS, C. A. de. “O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar”. In. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. op. cit. p. 246.

sendo então esta a data comumente considerada para o nascimento da rede. Como compara, não sem ironia o anticomunista Castells, “*de certa forma, foi o equivalente eletrônico das táticas maoístas de dispersão das forças de guerrilha, por um vasto território, para enfrentar o poder de um inimigo versátil e conhecedor do terreno*”¹⁴⁶. E no mesmo ano foram implementadas as suas primeiras quatro estações, além das duas já citadas, também na Universidade de Santa Bárbara e de Utah.

Em 1972 a ARPANET já contava com trinta e sete estações: “*ao lado desta forma de transferência de tecnologia através da aprendizagem e dos conhecimentos incorporados em indivíduos*” ocorria “*a transferência de tecnologia diretamente para as grandes empresas fornecedoras e indiretamente para os seus fornecedores especializados*”, sendo a “*principal forma de difusão de novas tecnologias. Na medida em que as incertezas e os riscos comerciais foram provisoriamente suspensos pelo apoio militar; o ciclo de vida do processo de inovações foi encurtado*”, sendo que ainda “*as oportunidades de exploração comercial foram asseguradas pela acumulação de capacitação técnica dos laboratórios industriais*”¹⁴⁷. Ainda naquela década o sistema se expande para a comunicação entre pesquisadores vinculados à área de defesa estratégica e em 1975 ela deixa de ser uma rede experimental para ser operacional, iniciando o desenvolvimento do protocolo de comunicação TCP/IP¹⁴⁸. Este desenvolvimento, mesmo inicial, é diretamente atrelado à iniciativa privada, como aponta Costa:

A Bolt, Beranek and Newman Technologies (BBN) é um dos melhores exemplos de quão bem sucedido foi o projeto ARPANET. O advento do *e-mail* pela BBN foi decisivo para o bom funcionamento da rede, consagrando a Internet e o sinal @ e permitindo que os centros de pesquisas dispersos por todo o território norte-americano se comunicassem em tempo real. No rastro do ARPANET, também a AT&T, evoluía no segmento de transmissão de dados. Na Conferência Internacional sobre Comunicações de Computadores, realizada em Washington D. C., a tecnologia *Terminal Interface Processor* (TIP) foi ratificada e o *International Network Working Group* (INWG) referendou a liderança dos EUA no desenvolvimento das comunicações digitais de dados em rede¹⁴⁹.

Em 1979 já havia interesse comercial pela rede. A IBM funda a BITNET (*Because It's*

¹⁴⁶CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. op. cit. p. 44.

¹⁴⁷MEDEIROS, C. A. de. “O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar”. In. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. op. cit. p. 241.

¹⁴⁸HTMLSTAFF. *História da internet*. Disponível em <http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=65>, acessado em 13.07.10.

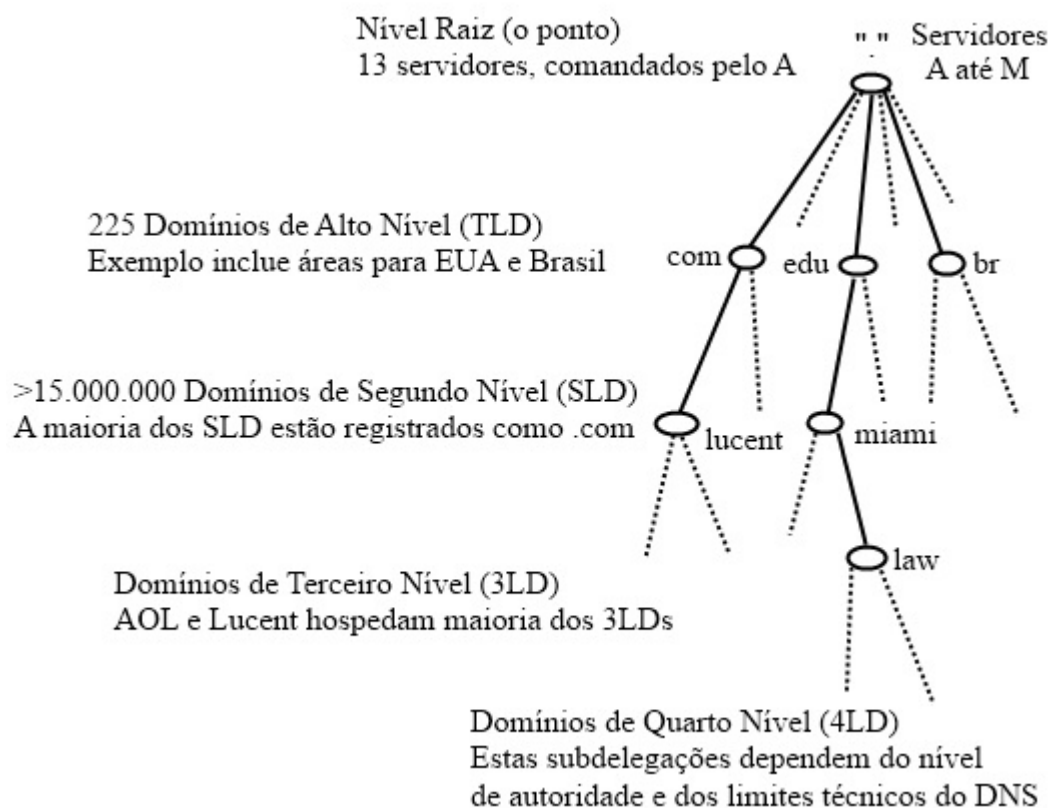
¹⁴⁹COSTA, G.M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit. p. 63-64.

Time Network), que permitia a troca de e-mails e participação em grupos de discussão¹⁵⁰. E nos anos oitenta, quando o protocolo TCP/IP se torna padrão para as redes militares, e o sistema acadêmico já está multiplicado em diversas estações (incluindo diversos países), a rede é dividida, criando-se o MILNET (militar, atrelado ao *Defense Data Network*) e uma nova ARPANET, que em 1986, já ligada a rede da *National Science Foundation*, que criou as diretrizes da NSFNET (novo *backbone*), passa a ser chamada de internet. Em 1989, a ARPANET é desativada pelo *Defense Research Internet*, e a partir de 1993 passa a ser explorada comercialmente, já utilizando a concepção de *World Wide Web* (www), criada em 1990.

Do mesmo modo, já havia se instituído a tecnologia de DNS (*Domain Names System*), criada por Paul Mockapetris, como padrão para a arquitetura da rede, complementando o www. Como todo computador conectado a internet precisa de um endereço específico, para que os dados transmitidos possam ser transmitidos e recebidos, o DNS serve para transpor os números de cada endereço para o código alfanumérico, ou seja, permite a utilização de palavras, nomes, etc. para a navegação *online*. A seguir, temos uma representação parcial do legado da hierarquia DNS, mostrando relações entre os servidores raiz A até M (os 13 servidores raiz coletivamente conhecidos como o ponto “.”), os Domínios de Alto Nível, e os arranjos do terceiro, quarto e demais níveis baixos:

¹⁵⁰ARTEN, F. *O domínio norte-americano e a dromocracia na sociedade cibercultural*. Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_pi-arten.pdf, acessado em 20.08.10.

FIGURA 1: Representação da hierarquia DNS:



FONTE: SIMON, C. L. *Launching the DNS war: dot-com privatization and the rise of global internet governance*. Tese de Doutorado. Coral Gables: University of Miami, 2006. p. 44. Tradução nossa. *Esta representação é datada, sendo que hoje em dia o nível raiz não é mais comandado privadamente dos EUA, mas é de responsabilidade do ICANN.

Como observado na representação, o DNS é um sistema hierárquico que determina a estrutura da internet de modo ostensivamente centralizador, “*um design técnico e uma arquitetura de rede profundamente vinculados à estrutura de defesa dos EUA e do DoD, e do ponto de vista geográfico este design reflete a centralização do poder e o controle mantido por um único país*”. Esta arquitetura “*revela uma geopolítica unilateral da Governança da Internet, que não admitia a representação soberana dos Estados Nacionais*”, o que Silva compreende como “*uma recorrência do imperialismo americano no território das redes. As questões da Governança da Internet que estão sendo debatidas recaem na possibilidade de intervenção regulatória que os EUA não pretendem ceder*”, e que afetam “*de uma forma mais ampla as questões legais, econômicas, voltadas ao desenvolvimento local, regional, global e sócio-cultural*”¹⁵¹.

¹⁵¹SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008. p. 25-26.

A passagem da lógica de utilização militar, na qual os pesquisadores universitários acabaram por aproveitar indiretamente (o sistema não foi desenvolvido para eles, ao contrário do que é comumente divulgado), para a lógica de utilização comercial ocorreu de modo arbitrário, sem qualquer participação popular ou da comunidade de especialistas em informática – que depois começaram a manifestar-se através de uma série de grupos. Não houve nenhuma mediação crítica sobre a arquitetura da rede, tratada como a única possibilidade técnica, o que permitiu o pleno controle dos EUA sobre o campo midiático, garantia que permitiu ao mercado normatizar a internet tanto juridicamente quanto tecnicamente. Não foi somente “a passagem de uma lógica estatal para outra privada”, mas “de uma lógica política militar, de defesa, para outra, de privatização, regulação e globalização econômica, de apoio à reestruturação capitalista e à manutenção da hegemonia norte-americana nas relações internacionais”¹⁵².

Este processo ocorrerá durante as gestões de Bill Clinton, que através do programa *Global Informational Infrastructure* (Infraestrutura Global de Informação), constituíram uma agenda para a “liberalização” dos setores de telecomunicações de diversos países, especialmente os europeus, que ainda não haviam sido privatizados. No documento de 1993, *Tecnologia para crescimento econômico da América, uma nova direção para construir vigor econômico*, assinado pelo então presidente estadunidense e seu vice, Albert Gore, reafirma claramente esta perspectiva, quando diz que:

A “Era da Informação” dos dias de hoje exige agilidade, habilidade e velocidade na movimentação das informações. Onde uma vez a nossa força econômica foi determinada somente pela profundidade dos nossos portos ou pela condição das nossas estradas, hoje é determinada também pela nossa habilidade de mover grandes quantidades de informação com rapidez e precisão e pela nossa capacidade de usar e entender esta informação. Assim como o sistema de rodovias interestaduais marcou uma virada histórica no nosso comércio, hoje a “superestrada da informação” - capaz de mover idéias, dados e imagens em todo o país e no mundo - é crucial para a competitividade americana e nossa força econômica¹⁵³.

Assim os EUA, fizeram-se detentores da maioria das patentes nas telecomunicações,

¹⁵²BOLAÑO, C. R. S.; CASTAÑEDA, M. V. *A economia política da internet e sua crise*. Disponível <http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%20%20%20cesar%20bolano/Marcos%20Bolano.doc>, acessado em 01.09.10.

¹⁵³“*Today's "Information Age" demands skill, agility and speed in moving information. Where once our economic strength was determined solely by the depth of our ports or the condition of our roads, today it is determined as well by our ability to move large quantities of information quickly and accurately and by our ability to use and understand this information. Just as the interstate highway system marked a historical turning point in our commerce, today "information superhighway" -- able to move ideas, data, and images around the country and around the world -- are critical to American competitiveness and economic strength*”. CLINTON, W. J.; GORE JR., A. *Technology for America's economic growth, a new direction to build economic strength*. 22.02.1993. Disponível em <http://ntl.bts.gov/lib/jpodocs/briefing/7423.pdf>, acessado em 14.03.11.

dominando o espaço com sua rede de satélites, e colocando a seu serviço a maior parte das entidades supranacionais para tornar seu modelo de telecomunicações global, ampliando a rede de alcance de suas empresas na mesma escala. Enquanto seus investimentos aceleravam e acirravam a competição entre as empresas tradicionais, os EUA também fomentavam a entrada de novas empresas de telecomunicação e tecnologia da informação. Isto porque o “*novo jogo de expansão e reprodução de poder*” exigia conglomerados transnacionais de maior alcance, capazes de “*dinamizar o setor para dentro e para fora do território norte-americano*”¹⁵⁴. Segundo Costa:

Depois de um processo intensivo de inovações, chegara a hora de conquistar mercados cativos e imprimir uma aceleração no processo de acumulação e de concentração de capital. As novas empresas de alta tecnologia, principalmente as *ponto.com*, imprimiram vigor às bolsas e ao mercado de derivativos, promovendo fusões e aquisições, valorizando ao máximo suas ações e acelerando o processo de financeirização da riqueza. Por trás dos alardeados benefícios de um mundo globalizado, democratizado e integrado pela informação, iniciou-se um poderoso ciclo de expansão e de centralização de capital cujo epicentro emanava também dos EUA¹⁵⁵.

Os setores de telecomunicações e tecnologia da informação (cada vez mais confluentes), por terem sido os primeiros a adequarem-se nas conformações exigidas pela dominância do capital financeiro, foram tratados durante a década de noventa como um novo Eldorado. Foram disponibilizados pelos grandes bancos europeus e estadunidenses os maiores financiamentos vistos, até então, da história do capitalismo. Estes financiamentos “*deram origem a um novo padrão de endividamento extremamente elevado*”, que alçou tal ponto, que “*o grau de exposição ao risco da maioria das operadoras globais obrigou-as a redefinir suas estratégias em função da redução de seu endividamento*”¹⁵⁶. Isto ainda sem levar em consideração o montante convertido em capital pela generalização das privatizações do setor. De “*135 países observados ao final de 2005, tínhamos quatro cujo setor de telecomunicações sempre foi privado, 102 que haviam privatizado, total ou parcialmente, suas empresas de telecomunicações, e apenas 29 cujo setor ainda era estatal*”¹⁵⁷. Novamente, segundo Costa:

Por sua vez, valendo-se de estimativa da Moody’s, nos mostrou que cerca de 80% de todas as *high-yields* ou *junk bonds* emitidas nos EUA, no frenesi do

¹⁵⁴COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit. p. 72-73.

¹⁵⁵Idem. p. 73.

¹⁵⁶Ibidem. p. 73-74.

¹⁵⁷TELECO. *Privatização: telecomunicações no mundo. Evolução do setor de telecomunicações*. Disponível em http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialprivat/pagina_2.asp, acessado em 09.10.11. Para informações sobre as privatizações em termos globais ver FRANSMAN, M. *Telecoms in the internet age: from boom to bust to...* Oxford University Press, 2002.

boom, foram direcionadas para operadores de telecomunicações. Igualmente, na última década, cinco das dez maiores fusões e aquisições da história também envolveram empresas de telecomunicações. *De acordo com a Thomson Financial Securities, entre 1996 e 2001, os bancos emprestaram 890 mil milhões de dólares através de empréstimos sindicados; cerca de 480 mil milhões de dólares de dívida foram fornecidas pelos mercados obrigacionistas e 500 mil milhões foram obtidos a partir de aumentos de capital próprio e emissões no mercado acionista.* A crença em que uma explosão da Internet e em suas aplicações criaria uma procura quase infinita por acessos de banda larga e por serviços de valor adicionado, ofertados por empresas globais, levou o mercado financeiro a movimentar cifras astronômicas¹⁵⁸.

Entre os anos de 1996 e 2000 a NASDAQ, bolsa de valores *on-line* onde são negociadas ações de empresas de alta tecnologia, teve seu valor aumentado de mil para cinco mil pontos, crescimento de cerca quatrocentos por cento. “*O número de transações diárias no NASDAQ passara de 325 milhões em 1995 para 1,5 mil milhões em apenas cinco anos e a massificação de investimentos nas start-ups e nas empresas de teleinformática, puxadas pelo crescimento das operações de brokerage na Web*”¹⁵⁹. Estas empresas viraram fetiches para os investidores, “*grandes e pequenos em busca do lucro fácil e de liquidez*”. Empresas não tradicionais foram atraídas a fazerem oferta pública inicial de ações nesta bolsa, pelos seus processos para abertura de capital serem mais eficientes e baratos que na tradicional Bolsa de Valores de New York (*New York Stock Exchange*). Entre os anos de 1997 e 2000 suas operações financeiras “*impulsionaram cerca de 1.600 empresas, gerando cerca de US\$ 316,5 trilhões. Em março de 2000, depois de atingir o pico mais alto, a bolha estourou e apresentou uma queda [de] 32%*”¹⁶⁰.

Esta “*exuberância irracional*” (nas palavras de Alan Greenspan, presidente do FED, *Federal Reserve*, Banco Central estadunidense) alimentou uma bolha de ativos, ou seja, uma massa de investimento ativos para lucro futuro, que foi alimentada pela política econômica do FED como parte da expansão econômica dos EUA no período, mantendo o nível de consumo

¹⁵⁸COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil.* op. cit. p. 73-74. Grifos nossos. *High-yields* ou *junk bonds* são obrigações de renda fixa que são avaliados abaixo do grau de investimento no momento da compra. Estes bônus têm um risco maior de inadimplência ou outros efeitos adversos do crédito, mas normalmente pagam rendimentos mais elevados do que os títulos de melhor qualidade, a fim de torná-las atraentes para os investidores.

¹⁵⁹Segundo Yuri Gitahy “*qualquer pequena empresa em seu período inicial pode ser considerada uma startup. Outros defendem que uma startup é uma empresa com custos de manutenção muito baixos, mas que consegue crescer rapidamente e gerar lucros cada vez maiores. Mas há uma definição mais atual, que parece satisfazer a diversos especialistas e investidores: uma startup é um grupo de pessoas à procura de um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando em condições de extrema incerteza*”. MOREIRA, D. “O que é uma startup?” *Exame.com*. 20.10.10. Disponível em <http://exame.abril.com.br/pme/dicas-de-especialista/noticias/o-que-e-uma-startup>, acessado em 09.10.11. Já *brokerage* refere-se a ação de agentes corretores; corretagem. BAB.LA. *Brokerage* (verbetes). Disponível em <http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/brokerage>, acessado em 09.10.11.

¹⁶⁰COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil.* op. cit. p. 74.

através do crédito – lembrando o contexto turbulento do período, em fins de 1998 Greenspan já tinha reduzido duas vezes a taxa de juros, que enfrentando a queda da taxa de lucro tentava “neutralizar pressões deflacionárias internacionais cada vez mais poderosas”. Articulada a esta medida o FED coordenou “o socorro (bailout) de um fundo de hedge de bilhões de dólares. Greenspan explicou que o Fed fez isso porque, se deixasse o fundo falir, muito provavelmente se desencadearia uma desintegração financeira mundial”¹⁶¹. Isto resulta da estrutura econômica do capital-imperialismo, que tende ao aumento drástico da desigualdade social, o que “tende a criar um problema de realização — isto é, uma insuficiência de procura agregada em relação ao produto. A ascensão de lucros estimula a acumulação rápida e o crescimento do produto, mas os salários estagnados ou em queda limitam o crescimento da procura”. Então para manter o nível de lucratividade e ao mesmo tempo adiar a crise de superprodução são utilizados diversos mecanismos econômicos: “os lucros em crescimento rápido estimulam a elevação rápida de negócios de investimento, os quais constituem uma parte da procura pelo produto. Isto pode perpetuar uma expansão por algum tempo”, mas que não é articulada com outras medidas em relação ao problema da realização, ocorre “rapidamente um desequilíbrio pois os meios de produção cresceriam demasiado rapidamente em relação ao produto”¹⁶². É própria da dominância do capital financeiro a produção de bolhas de ativos, que estão intrinsecamente ligadas com suas as expansões econômicas – afinal, o capital fictício “realiza lucros fictícios que somente podem-se tornar reais no nível individual e nunca no nível de sua totalidade. Contudo, enquanto exista a crença que eles possam ser tornados reais, continuará a bolha especulativa criada pelo capital fictício”¹⁶³. Anotando que, uma bolha de ativos, segundo David Kotz, é

[...] uma ascensão auto-perpetuadora do seu preço que resulta da expectativa de aumentos futuros no preço do mesmo. Exemplo: se investidores financeiros esperarem que o preço do imobiliário ascenda rapidamente no futuro próximo, eles terão um incentivo para comprar imobiliário a fim de obter ganhos de capital com a ascensão de preços. Isto pode tornar-se um processo auto-sustentador se os lucros ganhos pelos investidores com a ascensão do preço do activo atraírem cada vez mais investidores, cujas compras por sua vez fazem que o preço do activo continue a ascender¹⁶⁴.

¹⁶¹BRENNER, R. “A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão?”. *Outubro*. n.º. 3. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3_02.pdf, acessado em 13.10.11.

¹⁶²KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Orgdemo/A_severidade_da_crise_economica_atual_Set_2010.doc, acessado em 13.10.11.

¹⁶³CARCANHOLO, R. A. “A grande depressão do século XXI: a função do trabalho improdutivo e do capital fictício”. In. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 31.

¹⁶⁴KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. op. cit.

As bolhas de ativos podem ser verificadas em relação a cada ofensiva do capital, nas expansões econômicas dos EUA sob o capital-imperialismo, 1982-90, 1991-2000 e 2001-2007. Estas bolhas cumprem um papel fundamental, ao “*prolongar uma expansão ao retardar a percepção de que a crise tende a resultar do aumento da desigualdade. Assim o faz pelo aumento da riqueza de papel daqueles que possuem o activo que passa pelo processo de bolha*”¹⁶⁵. Este aumento da riqueza faz com que o consumidor gaste este crescimento em relação aos seus rendimentos. E a bolha dos “ponto.com” estourou em 10 de março de 2000:

A bolha tinha, contudo, claramente tornado-se bem mais frágil do que Greenspan percebera, e em conformidade mais dependente de seu patrocínio e apoio. Já ao final de 1998, e depois de novo ao final de 1999, o Fed tiver de com [sic] vigor afrouxar o crédito de modo a reverter importantes declínios no mercado de valores e manter os preços das ações subindo. Quando, ao contrário, Greenspan continuou a insistir por toda a primeira metade de 2000 que o Fed não mais alimentaria a bolha, os preços das ações começaram a cair, mesmo embora a taxa de juros reais a curto prazo mal modificaram-se. Os e-business viram o valor de seus títulos despencar primeiro, no segundo trimestre de 2000. Do final do meio do ano em diante, os mercados mais amplos começaram a cair de forma alarmante. Ao final de 2001, o índice Nasdaq [...] tinha decrescido em 60% de seu pico do início de 2000. O S&P [índice ponderado de valor de mercado onde o valor do ativo é multiplicado pelo número de ações em circulação, e o peso de cada ativo no índice é proporcional ao seu preço de mercado] 500 era território de especulação, caindo em mais de 20% de seu ponto alto. *Cinco trilhões em ativos desfizeram-se como fumaça*¹⁶⁶.

Com o estouro da bolha dos “ponto.com” e subsequentes escândalos envolvendo a NASDAQ, os analistas “voltaram” a atuar com maior dose de cautela em relação às telecomunicações e ao mercado de tecnologia – até porque a grande maioria destas empresas fechou após queimarem seu capital de risco e a maioria das corretoras transferiram seus investimentos para uma nova bolha, a do crédito imobiliário nos EUA –, especulando que, em longo prazo, as empresas de telecomunicação passariam por um processo de fusão e consequente monopolização do setor, dividido globalmente entre quatro ou cinco grandes operadoras. Como visto, este movimento é uma exigência para a reprodução do capitalismo contemporâneo. Dados de 1999 exibem que, das vinte maiores operadoras de telefonia, as cinco maiores estadunidenses, SBC, Bell Atlantic, GTE, Bell South e U. S. West foram responsáveis por mais de cento e setenta e um milhões de acessos, enquanto a estatal chinesa,

¹⁶⁵KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. op. cit.

¹⁶⁶BRENNER, R. *O boom e a bolha. Os Estados Unidos na economia mundial*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 314-315. *apud* VIANA, N. “Crise financeira, Estado e regularização jurídica”. *Direito GV*. n.º. 6. Disponível em <http://www.direitogv.com.br/subportais/publica%C3%A7%C3%B5e/direitogv10/06.pdf>, acessado em 13.10.11. Grifos nossos.

a China Telecom, foi responsável naquele ano por mais de cento e oito milhões de acessos.

Segundo um ranking de 2004, a maior receita anual gerada por uma operadora de telecomunicação foi a da Nippon Telegraph and Telephone Corporation (que fora privatizada em 1985¹⁶⁷), que naquele ano faturou sozinha cerca de noventa e sete milhões de dólares. Entretanto, quando agrupamos as operadoras estadunidenses, AT&T, SBC, MCI/WorldCom, Bell Atlantic, GTE, Bell South, Sprint e U. S. Western, a receita conjunta destas atingiu cerca de duzentos e trinta e dois milhões de dólares. As europeias, Deutsch Telecom, British Telecom, France Telecom, Telecom Italia, Telefónica e Vodafone Air Touche, somaram juntas cerca de cento e vinte e seis milhões de dólares.

Das indústrias de equipamentos para telecomunicações, as estadunidenses Lucent, Motorola, Cisco, Hughes, 3COMd, IBM, HP e Qualcomm faturaram juntas cerca de setenta e oito bilhões de dólares, sendo ultrapassadas somente pela soma das companhias europeias, Alcatel, Siemens, Bosch, Ericsson e Vodafone que lucraram setenta e oito bilhões e novecentos milhões de dólares. As empresas japonesas NEC, Fujitsu e Matsushita somaram vinte e dois bilhões e seiscentos milhões de dólares. A telefonia móvel nos EUA cresceu cento e doze por cento naquele ano, deste total sendo mais de noventa e sete por cento de aparelhos digitais. Na França, Alemanha, Itália, Espanha e Inglaterra, cuja ampliação resultou em uma drástica diminuição do número de linhas fixas, as linhas móveis cresceram cento e trinta e sete por cento, sendo toda digital, com exceção da Espanha. No Japão seu crescimento foi de cerca de sessenta e um por cento, também toda digital. Na Índia este tipo de serviço cresceu duzentos e quarenta e um por cento, enquanto na China teve seiscentos e setenta e três por cento de aumento, sendo nos dois países os terminais totalmente digitalizados.

Na área da tecnologia da informação naquele ano, os EUA possuíam mais de cento e noventa e cinco milhões de *hosts* (computadores conectados a uma rede), ou seja, possuindo sessenta e três usuários por cem habitantes e um total de cerca de setenta e seis computadores pessoais a cada cem habitantes. Nos países europeus supracitados possuíam cerca de doze milhões de *hosts*, com a média de quarenta e seis usuários por cem habitantes e quarenta e dois PCs por cem habitantes. O Japão tinha mais de dezesseis milhões de *hosts*, com cerca de cinquenta usuários por cem habitantes e o total de PCs de cinquenta e quatro a cada cem habitantes. A Índia possuía mais de cento e quarenta e três mil *hosts*, tendo cerca de três usuários por cem habitantes e um PCs na mesma média, enquanto na China existiam mais de cento e sessenta e dois mil *hosts*, tendo cerca sete usuários por cem habitantes e quatro PCs na

¹⁶⁷TELECO. *Privatização: telecomunicações no mundo. Evolução do setor de telecomunicações.* op. cit.

mesma média¹⁶⁸. Estes dados, mesmo desatualizados, nos permitem visualizar e concordar com as conclusões da autora:

[...] ao longo da extensa cadeia de valor que conformam as telecomunicações, na qual incluem-se componentes, equipamentos de transmissão de redes públicas e privadas, *private e public switches*, telefonia fixa e móvel, os EUA possuem larga superioridade na tecnologia satélite. Entretanto, no campo da transmissão móvel, de redes e em *switches*, os EUA perdem poder para os europeus e, em eletrônica de consumo, perdem a competição para o Japão. Em compensação, quando adentramos nas áreas de tecnologias da informação, da Internet e das ferramentas de gestão, ou seja no campo das aplicações em *e-business* e em *e-commerce*, em todos os segmentos, sem exceção, os EUA estão à frente de seus concorrentes¹⁶⁹.

A hegemonia estadunidense não restringe-se ao campo econômico, as formas de reprodução do capital atuam sobre diversos níveis da sociedade, e a internet acaba por ser partícipe, e de certo modo instrumento de pedagogia, oferecendo “*potencialmente a possibilidade de reproduzir de forma ampliada valores e idéias inerentes [...] ao modo de viver norte-americanos*”¹⁷⁰. Deste modo sua gestão, o controle sob seu formato técnico e seu conteúdo é inestimável. Em relação à internet foi criado o mito, divulgado exhaustivamente, que esta seria uma “terra de ninguém”, que não pertenceria ou seria controlada por nenhum Estado ou grupo privado, o que como já discutimos em relação a sua arquitetura, é simplesmente mentiroso¹⁷¹.

A primeira central de normatização e controle da rede foi o NIC (*Network Information Centre*, Rede de Centros de Informação), que localizava-se no Centro de Pesquisas de Stanford, ainda nos tempos dos primeiros experimentos na rede¹⁷². Em 1972, estas responsabilidades foram transferidas para o recém-criado IANA (*Internet Assigned Numbers Authority*, Autoridade de Atribuição de Números para a Internet), estabelecido informalmente como referência de funções técnicas normativas para a ARPANET, serviço realizado pelo

¹⁶⁸COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit. p. 76-77. Com a exceção óbvia do aumento do número de *hosts* e da telefonia móvel nada nos números atuais de faturamento das empresas destes setores indica mudanças drásticas. Optamos por reproduzir os dados de Costa por agregarem tanto o setor de operadoras de telecomunicações, de prestadores de serviços desta e o setor de tecnologia da informação.

¹⁶⁹COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. op. cit. p. 77.

¹⁷⁰Idem.

¹⁷¹Além dos meios de comunicação envolvidos neste processo, em especial telejornais e filmes, onde os que possuem as capacidades cognitivas para se ambientarem na rede são representados como seres com poderes inigualáveis, transformando assim hackers em lendas, também é importante notar a pressão de juristas de diferentes países, que para poderem combater, especialmente, a quebra de direitos autorais que a rede proporciona aos seus usuários, utilizaram amplamente este argumento.

¹⁷²GLOBAL ONENESS. *History of the internet: encyclopedia II - history of the internet - maintaining the infrastructure*. Disponível em http://www.experiencefestival.com/a/History_of_the_Internet_-_Maintaining_the_infrastructure/id/5164084, acessado em 12.01.11.

Information Sciences Institute (Instituto das Ciências da Informação) para o DARPA, que relembremos é uma instância do Departamento de Defesa estadunidense.

O IANA nasce em março daquele ano quando Vint Cerf e Jon Postel pediram para fosse feito um catálogo dos números de tomada (*socket*) através do *Request for Comments* (RFC¹⁷³) número trezentos e vinte e dois. “*Então os administradores da rede foram convidados para apresentar uma nota ou uma ligação telefônica, 'descrevendo a função e os números de tomada de programas de serviços de rede em cada host'*”. Este catálogo acabou por ser publicado no RFC quatrocentos e trinta três de dezembro do mesmo ano, onde Postel propôs assinaturas oficiais de cada número de porta dos serviços em rede e sugeriu uma função administrativa, para manter e permitir acesso a um registro geral¹⁷⁴: “*Eu proponho que deve se existir um czar (eu?) que lide com os números de tomadas oficiais para uso em protocolos padrões. Este czar também deve rastrear e publicar uma lista daqueles números de tomada onde hosts podem obter serviços específicos*”¹⁷⁵.

O IANA foi dirigido por Postel (que afinal fora empossado como czar) desde sua criação até seu falecimento em 1998 – após sua morte irá ser efetuada a transição do IANA para o ICANN. Com o crescimento da rede, este registro geral passou a crescer exponencialmente, primeiro passando por diversas instâncias do aparelho de Estado estadunidense, depois sendo confiada a iniciativa privada:

Como a primeira ARPANET cresceu, os *hosts* passaram a serem referidos por nomes, e um arquivo HOSTS.TXT seria distribuído da *SRI International* para cada *host* na rede. Com o crescimento da rede, isso se tornou complicado. A solução técnica veio na forma do *Domain Name System*, criado por Paul Mockapetris. A *Defense Data Network* [Rede de Dados da Defesa] - *Network Information Center* [Centro de Informações da Rede] (DDN-NIC) da SRI lidavam com todos os serviços de registro, incluindo os Domínios de Alto Nível como .mil, .gov, .edu, .org, .net, e .us, da administração *root nameserver* e atribuições de números da Internet sob contrato com *United States Department of Defense* [Departamento de Defesa dos Estados Unidos]. Em 1991, o *Defense Information Systems Agency* [Agência de Defesa dos Sistemas de Informação] (DISA), encarregado pela administração e manutenção do DDN-NIC (gerenciado pela SRI até este ponto) passou para o *Government Systems, Inc.*, que subcontratou isto para a pequena empresa do

¹⁷³Literalmente um “pedido de comentário”, documento que descreve previamente os padrões de cada protocolo da rede a serem considerados um padrão.

¹⁷⁴WIKIPEDIA. *Internet Assigned Numbers Authority*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Assigned_Numbers_Authority, acessado em 12.01.11.

¹⁷⁵“*I propose that there be a czar (me ?) who hands out official socket numbers for use by standard protocols. This czar should also keep track of and publish a list of those socket numbers where host specific services can be obtained*”. POSTEL, J. *RFC 349*. Disponível em <http://tools.ietf.org/html/rfc349>, acessado em 12.01.11. Tradução nossa. Assinalamos que este nome, IANA, foi somente citado textualmente no RFC 1060 de 1990 embora sua função já estivesse consolidada a longo tempo. REYNOLDS, J. K. *RFC 1060*. Disponível em <http://tools.ietf.org/html/rfc1060>, acessado em 12.01.11.

setor privado Network Solutions, Inc.¹⁷⁶.

Com o crescimento da rede na década de oitenta, a participação na sua normatização passou a interessar outros países, especialmente europeus – o que distingue-se da governança propriamente dita, mas abrindo uma via de acesso para a interferência em sua arquitetura, atuando na formatação desta relação de poder. Este problema diplomático foi resolvido pela criação do *Internet Engineering Task Force* (Força-Tarefa de Engenharia da Internet, IETF) em 1986. A justificativa para sua criação, veiculada no RFC 3935 é banal, mas aponta corretamente suas funções: “*O objetivo do IETF é o de fazer a Internet funcionar melhor. A missão do IETF é o de produzir alta qualidade, técnica relevante e documentos de engenharia que influenciem o modo que as pessoas projetam, usam, e gerenciam a Internet de tal modo que faça a Internet funcionar melhor*”¹⁷⁷. Em sua existência, o IETF coordenou um grande número de grupos de trabalho, concluídos e ainda em funcionamento, sendo diretamente responsável por uma grande série de RFCs, ou seja, o maior dentre todos os responsáveis pelos padrões normativos da internet nos dias de hoje.

Antes de 1993 os conselheiros do IETF eram escolhidos pelo *Internet Architecture Board* (Conselho de Arquitetura da Internet, IAB), que foi criado pelo DARPA em 1979, e depois passaram a serem eleitos através de um Comitê de Nomeação (conhecido como NomCom)¹⁷⁸. Os presidentes do IETF evidenciam a ligação destes intelectuais como o complexo industrial-militar-acadêmico: durante o ano de 1986 o presidente designado foi Mike Corrigan; de 1986 até 1994 Phill Gross; de 1994 até 1996, Paul Mockapetris, criador do DNS e que fundou em 1999 a companhia Nominum; de 1996 até 2001, Fred Baker, membro ativo da indústria de comunicação e redes desde os anos setenta, tendo trabalhado para a CDC, Vitalink, ACC, dentre outras. Atualmente é associado da Cisco; de 2001 a 2005, Harald Tveit Alvestrand, que já tinha trabalhado para Norsk Data, UNINETT, EDB, Maxware e

¹⁷⁶“As the early ARPANet grew, hosts were referred to by names, and a HOSTS.TXT file would be distributed from SRI International to each host on the network. As the network grew, this became cumbersome. A technical solution came in the form of the Domain Name System, created by Paul Mockapetris. The Defense Data Network - Network Information Center (DDN-NIC) at SRI handled all registration services, including the Top Level Domains of .mil, .gov, .edu, .org, .net, .com and .us, root nameserver administration and Internet number assignments under a United States Department of Defense contract. In 1991, the Defense Information Systems Agency (DISA) awarded the administration and maintenance of DDN-NIC (managed by SRI up until this point) to Government Systems, Inc., who subcontracted it to the small private-sector Network Solutions, Inc.”. GLOBAL ONENESS. *History of the internet: encyclopedia II - history of the internet - maintaining the infrastructure*. op. cit. Tradução nossa.

¹⁷⁷“The goal of the IETF is to make the Internet work better. The mission of the IETF is to produce high quality, relevant technical and engineering documents that influence the way people design, use, and manage the Internet in such a way as to make the Internet work better”. AVESTRAND, H. T. RFC 3935. Disponível em <http://www.ietf.org/rfc/rfc3935.txt>, acessado em 12.01.11. Tradução nossa.

¹⁷⁸IETF. *NomCom*. Disponível em <http://www.ietf.org/nomcom/>, acessado em 12.01.11.

Cisco, sendo atualmente funcionário do Google; de 2005 a 2007, Brian Carpenter, engenheiro que trabalhou com Tim Berners-Lee, inventor do www, no CERN (*Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*, Organização Europeia para Pesquisa Nuclear) e para a IBM; e Ross Housley, cujo mandato ainda não se encerrou, já tendo trabalhado para *Air Force Data Services* (Serviços de Informação da Força Aérea estadunidense), Xerox, Spyru e RSA e que em 2002 fundou sua própria companhia, a Vigil Security LLC¹⁷⁹.

A participação na normatização da internet tornou-se ainda mais problemática durante a abertura da rede para sua exploração comercial, no começo da década de noventa. Esta transição ficou conhecida como a “Guerra do DNS” e inicia nos EUA, quando uma série de provedores de serviço de Internet constitui redes próprias, abrindo ligações de acesso (*gateways*) para fins comerciais. A rede passou exigir a expansão da capacidade de transmissão oferecida. “*Para suprir essa deficiência foi criada uma nova rede denominada NFSNET Backbone financiada pela IBM, pelo MCI e pelo MERIT, juntamente com a NFS*”, a *National Science Foundation* (Fundação Nacional de Ciência estadunidense). Esta rede não deu conta desta expansão, então em 1991, as mesmas três empresas criam a Advanced Networks and Services, uma companhia supostamente sem fins lucrativos, que implantou a ANSNET – *backbone* com poder de transmissão de dados trinta vezes maior que a anterior. Esta desvinculação estatal no controle operacional da rede foi planejada desde a década anterior, quando o DoD passou a financiar a integração dos computadores pessoais fabricados por empresas estadunidenses ao protocolo TCP/IP. “*Com a tecnologia para criação de redes telemáticas abertas ao domínio público e com as comunicações em pleno processo de desregulamentação, a NSF procedeu a imediata privatização da Internet. Com a sua total privatização, a NSFNET foi encerrada em 1995*”¹⁸⁰.

Até 1993 a NSF proibia o uso comercial da rede, e com sua abertura iniciou-se a demanda de registro de nomes de domínios, especialmente de primeiro nível, os “.com”, que ficaram sob a responsabilidade da já citada companhia Network Solutions. Como a demanda cresceu esta empresa “persuadiu” o NSF para que se pudesse cobrar pelos registros, “*para controlar pessoas que estavam estocando uma porção de nomes e para ajudar a pagar mais empregados e recursos tecnológicos para manter a demanda*”¹⁸¹. Este processo impulsionou a

¹⁷⁹WIKIPEDIA. *Internet Engineering Task Force*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Engineering_Task_Force#Chairs, acessado em 12.01.11.

¹⁸⁰MONTEIRO, A. Q. *Trabalho, ciberespaço e acumulação de capital: estudo sobre produção e consumo na interatividade da internet comercial*. Dissertação de Mestrado. Marília: UNESP, 2008. p. 27-28.

¹⁸¹“*Network Solutions persuaded the National Science Foundation to let it charge a couple of hundred dollars to register each domain name in .com, both to keep folks from stockpiling a bunch of names and to help it to pay for some more employees and computer resources and so forth to keep up with the demand*”. LITMAN. J. *The DNS*

normatização jurídica sobre a rede, foi neste campo que desenrolaram-se as disputas acerca dos registros de DNS. As contestações sobre os nomes de domínio levaram uma série de grandes empresas a reivindicar o registro de nomes, que já possuíam sob *copyright*, através de processos judiciais. Então foram adotadas novas regras para “aplar” os donos de marcas registradas, passando-se a requerer de todos os registrantes de domínios, dos já existentes e futuros, que justificassem suas prerrogativas sob este. Foram dados trinta dias para o que os donos de domínios registrados comprovassem que seu direito era superior ao dos donos das marcas registradas, ou então seu domínio seria suspenso. Isto somente acarretou novos processos, desta vez para que os domínios não fossem tirados do ar.

Foi quando a comunidade da internet, em especial a *Internet Society* (Sociedade da Internet, ISOC), unida aos donos de domínios decidiu investir de maneira mais incisiva contra a Network Solutions, que já acumulava milhões de dólares, a quebra de seu monopólio interessava a diversas companhias. Foi criado um comitê *Ad Hoc International* (IAHC), composto por dois representantes dos grupos de interesses das marcas registradas; pela OMPI (Organização Mundial da Propriedade Intelectual); pela UIT (*United Nations Agency for Information and Communication Technology Issues*, Agência das Nações Unidas para Assuntos de Tecnologia da Informação e Comunicação); pela NSF; e por cinco representantes da IETF, visando construir uma série de Domínios de Primeiro Nível. Estes foram sete ao todo (como .biz ou .glass, por exemplo) que serviriam para facilitar acordos judiciais. Esta iniciativa fracassou, pois maior parte do público usuário da rede reconhecia somente o “.com” como “domínio verdadeiro”¹⁸². Do mesmo modo, vários de países reivindicavam poder decisório sobre a rede, que alçava certa expansão mundial, tornado esta questão também um problema diplomático.

Em 1998, visando agregar estes diversos grupos em disputa, o Departamento de Comércio dos EUA cria o ICANN (*Internet Corporation for Assigned Names and Numbers*, Corporação da Internet para Nomes e Números Designados) pelos EUA. Ela seria uma entidade supostamente independente, que teria a responsabilidade de definir padrões para a rede, seus formatos e tipos de domínios, coordenando tecnicamente a definição de endereços IP e gerenciando o root server da internet¹⁸³. “A ‘guerra’ terminou graças a um compromisso”, onde a “*ISOC obteve mais controle público do DNS, ainda que os interesses comerciais*

wars: trademarks and the internet Domain Name System. Disponível em <http://www-personal.umich.edu/~jdlitman/papers/DNSwars.pdf>, acessado em 12.01.11. Tradução nossa.

¹⁸²LITMAN, J. *The DNS wars: trademarks and the internet Domain Name System*. op. cit., acessado em 12.01.11. Para maiores informações sobre este processo ver SIMON, C. L. *Launching the DNS war: dot-com privatization and the rise of global internet governance*. op. cit.

¹⁸³ICANN. *Fatos*. Disponível em <http://www.icann.org/br/general/fact-sheet.html>, acessado em 12.12.10.

tenham permanecidos muito poderosos. Assim, os interesses comerciais privados e aqueles das comunidades de 'guardiões' da Internet foram adequadamente protegidos". Mas os autores assinalam que "este não foi o caso dos interesses dos Estado-nação e da comunidade da Internet em geral. Esses são os dois aspectos mais frágeis da governança do ICANN"¹⁸⁴.

Embora com o ICANN justificando esta suposta independência pela obtenção de domínios ccTLDs (*Country Code Top-Level Domain*, Domínio de Alto Nível para Código de País) por países com os quais os EUA possuem conflitos políticos abertos, fica claro para nós a fragilidade desta, dada a utilização da internet como forma de ampliação das relações sociais capitalistas, tendo, quase instrumentalmente, um marcado uso político para a disputa ideológica em países como Iraque, Irã e Coréia do Norte, que tiveram seus domínios liberados (.iq, .ir e .kp, respectivamente). E mesmo assim, ainda são assegurados os direitos de veto aos EUA, sendo que, última instância, depende deste a existência ou não existência na rede:

Pelo atual acordo [de 2007, retificado], o ICANN ainda é ligado à gestão norte-americana em dois pontos. O contrato prevê que o domínio genérico ".com", mais popular do planeta, tenha aval dos Departamentos de Comércio e Justiça dos EUA, que limitam preços para defender a concorrência do setor, e que qualquer alteração no root server que possa alterar a estabilidade da rede seja comunicada ao Departamento de Comércio, que pode vetar a mudança - embora, historicamente, nunca tenha feito isto. Segundo o acordo mais recente, definido em setembro de 2006, o governo norte-americano e o ICANN se manterão conectados até o dia 30 de setembro de 2009, com possibilidade de estender a ligação por mais dois anos ou não renovar o contrato, o que faria da entidade, *tecnicamente, um órgão totalmente independente*¹⁸⁵.

O ICAAN define-se como "uma entidade sem fins lucrativos de benefício público, é a organização internacional responsável por administrar e supervisionar a coordenação do sistema de nomes de domínio da Internet e seus identificadores exclusivos", responsável por "preservar a estabilidade operacional da Internet, promover a concorrência, obter a ampla representação das comunidades globais da Internet e desenvolver políticas apropriadas para sua missão"¹⁸⁶. A entidade irá acabar por estabelecer sua estrutura de decisões pelo sistema de *multistakeholder*, que irá agrupar na entidade, com mesmo peso, representantes da iniciativa privada, de Estados nacionais e da comunidade de usuários da internet, criando uma instância diplomática diferente da tradicional (como o modelo da ONU, considerado ultrapassado, já

¹⁸⁴KURBALIJA, J.; GELBSTEIN, E. *Governança da internet*. Questões, atores e cisões. Disponível em <http://www.diplomacy.edu/poolbin.asp?IDPool=590>, acessado em 12.01.11.

¹⁸⁵FELITTI, G. "IGF 2007 confirma função do ICANN, mas debate novo gerenciamento". *IDGNow!* Disponível em <http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/11/19/idgnoticia.2007-11-19.8192687980>, acessado em 10.11.10. Grifos nossos.

¹⁸⁶ICANN. *Fatos*. op. cit.

que não abre espaço para os conglomerados transnacionais)¹⁸⁷:

A estrutura e os processos normativos da ICANN também garantem que vários níveis recebam as contribuições dos diferentes governos. A independência da ICANN favorece a resposta rápida a mudanças no cenário comercial, técnico e geopolítico da Internet e do DNS. Mesmo sendo rápido e flexível, o processo da ICANN também requer e leva em conta as sugestões de todos os grupos interessados e afetados¹⁸⁸.

Este sistema de representação é definido por Silva como “*multilateral, cuja responsabilidade governamental atua com atores da sociedade para um pacto global de Internet onde as correlações de forças se alteram de forma democrática, equitativa e equilibrada, igualitária com objetivo de atender as demandas da sociedade global*”¹⁸⁹. Esta é uma percepção ingênua e idealista deste modelo de representação, e que mistifica o poder estadunidense, omitindo que o ICANN continua fazendo parte do seu aparato de Estado, sendo que, como já foi dito, o poder de veto dos EUA sobre a rede é o poder real sobre a existência desta. Não se pode perder a perspectiva que, em relação à internet:

[...] há 13 servidores-raiz distribuídos em todo o mundo (10 nos Estados Unidos e 3 em outros lugares; dos 10 que se encontram nos Estados Unidos, vários são operados por agências do governo estadunidense). Se um desses servidores parar de funcionar, os 12 remanescentes continuariam a funcionar. Mesmo que os 13 servidores-raiz deixassem de funcionar simultaneamente, a resolução dos nomes de domínio (principal função dos servidores-raiz) continuaria em outros servidores de domínio, distribuídos hierarquicamente por toda a Internet. Por essa razão, milhares de servidores de nomes de domínio contêm cópias do arquivo raiz da zona, e colapsos imediatos catastróficos da Internet não podem ocorrer. Levaria algum tempo antes que quaisquer conseqüências funcionais pudessem ser notadas, período durante o qual seria possível reativar os servidores originais ou criar novos¹⁹⁰.

O que se observa é que este suposto processo de independência, é mais dependente do que afirma-se, sendo mediado pelos termos pautados pelos EUA, e que mesmo quando ocorrem uma determinada abertura, ela não ocorre sem que com isso, deixe-se de disseminar o modelo estadunidense como padrão, o que nos faz reafirmar as considerações de Fontes quando trabalha com o que chama de teias do capital-imperialismo, constituídas por entidades

¹⁸⁷UOL NOTÍCIAS. *Reunião mundial no Rio debate internet mais segura e democrática*. 10.11.07. Disponível em <http://governanca.cgi.br/noticias/reuniao-mundial-no-rio-debate-internet-mais-segura-e-democratica-1>, acessado em 12.10.10.

¹⁸⁸ICANN. *Fatos*. op. cit. Grifos nossos.

¹⁸⁹SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. op. cit. p. 7.

¹⁹⁰KURBALIJA, J.; GELBSTEIN, E. *Governança da internet*. Questões, atores e cisões. op. cit.

supranacionais, “*modalidades de interconexão interimperialista*”, que atuam “*de maneira correlata, mas não mecanicamente conectadas a cada empresa*”¹⁹¹. Para nós, o ICANN pode ser interpretado plenamente segundo este conceito. Segundo a autora:

Este formato associativo desigual, mas formalmente democrático no plano internacional, contribuiu para intenso desenvolvimento das forças produtivas entre as potências imperialistas ocidentais. Intensificava-se a produtividade, em parte devedora do crescimento do complexo industrial-militar e da permanência de alta belicidade contra terceiros países e assegurava-se alta lucratividade, aprofundando a concentração de capitais e *agudizando a urgência de novos âmbitos – espaciais e sociais – de reprodução ampliada* [...] queremos ressaltar o quanto instituições deste tipo resultaram em formatos originais de organização econômica, política e ideológica. Não eliminavam conflitos internos, mas sua maior abrangência abriu modalidades de interconexão imperialista até então desconhecidas¹⁹².

A tabela abaixo nos mostra a participação de conselheiros em termos de nacionalidade. Lembrando que isto não significa que sejam representantes de Estado, tal como na diplomacia tradicional, mas também de empresas e usuários oriundos destes:

TABELA 2: Participantes e ex participantes do conselho de diretores do ICANN, por país, desde 2000:

País	Diretores e contatos atuais	Ex-diretores e contatos
Estados Unidos da América	8	15
Alemanha		4
França	2	3
Brasil	1	3
Austrália	1	3
Japão		3
Canadá		3
Holanda		2
Reino Unido		2
Itália		2
Espanha		2
Chile	1	1
Irlanda	1	
México		1
Portugal		1
Áustria		1

¹⁹¹FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 172.

¹⁹²Idem. p. 173.

País	Diretores e contatos atuais	Ex-diretores e contatos
Gâmbia	1	
Senegal		1
África do Sul	1	
Quênia		1
Noruega	1	
Finlândia	1	
Letônia		1
Bulgária		1
Suíça		1
Índia	1	
Malásia		1
Nova Zelândia	1	
Hong Kong	1	
Taiwan	1	
China		1
Coréia do Sul		1

FONTE: ICANN. *Board representation by nationality*. Disponível em <http://www.icann.org/en/maps/board.htm>, acessado em 12.12.10.

Não há nenhuma garantia de participação popular na gestão do ICANN, mas sim, a construção e manutenção de uma rede internacional, que serve e assegura-se como mediação para diferentes interesses capitalistas. A entidade de modo algum constitui-se em tribuna aberta para discussão, até porque seus conselheiros são submetidos a indicação de seus organismos internos, e mesmo seu direito a voto passa por este crivo. O que se observa é a criação de uma rede agrupando institutos nacionais de pesquisa e desenvolvimento, empresas geradoras de tecnologia, gestores e consultores para negócios na rede, e que através de uma linguagem comum, técnica e jurídica, atuam como mediadores, formando consensos provisórios, para garantir em perspectiva global a manutenção e ampliação da exploração sobre este campo social, gerada e assegurada pelo Estados nacionais, e tendo seu epicentro no Estados Unidos. “*Para além dessas instituições oficiais e mais visíveis, como o GBM [Grupo Banco Mundial] ou o FMI, o procedimento se estendeu à generalização internacionalizada de outras entidades, com múltiplas funções*”, sendo que “*algumas delas, mesmo com aparência e formato jurídico privado, respondiam diretamente às agências estratégicas de seus países de origem (militares, policiais, de espionagem, ou econômicas)*”, cumprindo como função “*disseminar modos de agir e assegurar recursos (monetários, políticos e mesmo militares)*”

para seus aliados, tanto nos países capital-imperialistas, quanto em outros países”¹⁹³. A entidade serve como instância mediadora de conflitos entre os condutores do capital, criando uma rede que garante sua reprodução, expansão e aprofundamento. Segundo Fontes, estas entidades “atuam no sentido de aprofundar mecanismos e regras comuns a seus interesses, ainda que aprofundando a dependência e a desigualdade entre Estados; mediam e procuram converter a cifras calculáveis os conflitos burgueses interpaíses”, responsáveis por treinar, educar e incorporar “de maneira desigual setores burgueses de diferentes países e, finalmente, para neutralizar os setores populares e as lutas (muitas vezes similares) que emergem nos diferentes países, estabelecem protocolos de atuação, tanto para o convencimento quanto para a repressão”, e do mesmo modo buscando “redirecionar tais reivindicações”¹⁹⁴. Isto fica claro na fala de Rod Beckstrom, Presidente e Diretor Geral do ICANN:

Somos a personificação da Internet e compartilhamos o que poderia ser chamado de uma dualidade central: uma infraestrutura e também um conjunto de valores. Ao mesmo tempo, uma construção de engenharia. De fato, um milagre da engenharia, se considerarmos as vinte milhões de vezes por segundo que o sistema DNS é usado, no mundo inteiro, por segundo - vinte milhões - quarenta milhões - bem, dá para ter uma ideia. Somos uma organização baseada em valores. A própria Internet é uma construção e uma visão. Em ambos os casos, miraculosa¹⁹⁵.

E por fim, nos cabe apontar sobre as tentativas já existentes para afastar a rede desta governança, a mais promissora destas é a Free Net desenvolvida por Ian Clarke¹⁹⁶, que já é distribuída para uso, mas possui uma série de problemas de *interface*, e o P2PDNS, cujo desenvolvimento é liderado por Peter Sunde, porta-voz do Pirate Bay. O projeto ganhou impulso como resposta à aprovação da *Combating Online Infringement and Counterfeits Act* (Lei de Combate à Violação *Online* e Falsificações), aprovado pelo comitê jurídico do Senado estadunidense, cujo conteúdo permite ao governo dos EUA desligar *sites* suspeitos de manterem conteúdo ilegal e abre caminho para o DoD, “através de ordens judiciais, obrigar os ISP [servidores de serviço de internet] a redirecionarem o tráfego de clientes para fora de *sites estrangeiros*”. O P2PDNS é um servidor raiz alternativo, com a intenção de se construir um novo sistema de DNS, cujo objetivo maior seria manter a Internet sem censura. Sua infraestrutura será baseada em BitTorrent. “O objetivo é desenvolver um sistema capaz de merecer a maior confiança do que o DNS existente. Atualmente, há já código desenvolvido

¹⁹³FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 172.

¹⁹⁴Idem. p. 176.

¹⁹⁵BECKSTROM, R. *O futuro da ICANN*. Fala de abertura do Primeiro fórum .ORG anual. Washington, 28.01.10. Disponível em <http://www.icann.org/pt/presentations/future-of-icann-beckstrom-28jan10-pt.htm>, acessado em 16.10.11.

¹⁹⁶FREE NET PROJECT. *Home*. Disponível em <http://freenetproject.org/>, acessado em 20.02.12.

que é uma prova de conceito e um RFC (Request for Comments) está a caminho”¹⁹⁷, mas mesmo com seu desenvolvimento adiantado, ainda não há previsão para sua plena utilização.

Até este momento vimos que o desenvolvimento tecnológico e científico no capitalismo, desde sua concepção até suas consequências, não ocorrem dissociados da materialidade das relações sociais e econômicas que os engendram. *Queremos deixar claro que a tecnologia e a ciência, possuem um caráter classista, portando interesses objetivos das classes que fornecem as condições para o seu desenvolvimento, cumprindo funções específicas para o processo total de reprodução das relações sociais capitalistas.* Afirmar que a tecnologia não possui “função de um propósito social pré-determinado: são parte do contexto histórico em meio ao qual a vida é articulada”¹⁹⁸, linha defendida por autores como Andrew Feenberg, é defender que o livre mercado seria capaz de dotar o campo de produção do conhecimento científico de uma autonomia plena para todo o processo de pesquisa e desenvolvimento, exceto, e aí vindo a tornar-se determinante, em relação ao consumo do produtos que este desenvolve. Esta falsificação sobre a autonomia do campo de produção tecnológico perante a sociedade é o marco constitutivo que implica a neutralidade em seu uso – problema grave que se apresenta para a classe trabalhadora, por exemplo, na ocupação de fábricas¹⁹⁹ – a fetichização da tecnologia como racionalidade técnica, não social e transhistórica²⁰⁰. Como nos avisa Marx:

A natureza não constrói máquinas, locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, selfatinas, etc. São produtos da industriabilidade humana; materiais naturais transformados em órgãos da vontade humana sobre a natureza, ou da participação humana na natureza. *São órgãos do cérebro humano, criados pela mão humana*; o poder do conhecimento, objetivado. O desenvolvimento do capital fixo indica o grau geral em que o conhecimento social se tornou força direta da produção, e a que grau, conseqüentemente, as próprias condições do processo da vida social têm sido produzidos, não apenas na forma do conhecimento, mas também como órgãos imediatos da prática social, do processo real de vida²⁰¹.

O desenvolvimento tecnológico, possui um duplo desdobramento: primeiro, sua

¹⁹⁷NÓBREGA, J. “Alternativa P2P tenta desafiar ICANN”. *Computerworld.com.pt*. 30.11.10. <http://www.computerworld.com.pt/2010/11/30/alternativa-p2p-tenta-desafiar-icann>, acessado em 12.12.10.

¹⁹⁸RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. op. cit. p. 68.

¹⁹⁹Para fins de introdução sobre esta discussão ver NOVAES, H. T. *O fetiche da tecnologia*. A experiência das fábricas recuperadas. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

²⁰⁰MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. op. cit. p. 528.

²⁰¹MARX, K. “Grundrisse. Foundations of the critique of political economy (rough draft)”. Harmondsworth: Penguin Books; New Left Review, 1974. p. 706. *apud* BRYAN, N. A. P. “Educação, trabalho e tecnologia em Marx”. *Educação & Tecnologia*. n.º. 1. Disponível em <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutect/article/view/1010>, acessado em 10.10.11.

apropriação como maquinaria, como capital fixo ou constante, que nos “*indica o grau geral em que o conhecimento social se tornou força direta da produção*”, e em seguida, sobre “*as próprias condições do processo da vida social têm sido produzidos*”, ou seja, não só na produção deste conhecimento, “*mas também como órgãos imediatos da prática social, do processo real de vida*”²⁰². Então, antes de perguntar-nos sobre as possibilidades em disputa sobre a apropriação de determinada tecnologia, temos sempre ter em mente que sua constituição está historicamente ligada à *fórmula da maquinaria*, que busca:

[...] não a diminuição relativa da *jornada individual de trabalho* — jornada esta que é parte necessária da jornada de trabalho mas a redução da *quantidade de trabalhadores*, isto é, das muitas jornadas paralelas, formadoras de uma jornada coletiva de trabalho, fundamental à constituição da maquinaria. Em outros termos, uma quantidade determinada de trabalhadores é posta para fora do processo de produção e seus postos de trabalho extintos como sendo, ambos, inúteis à produção de mais-trabalho. Tudo isso abstraindo da eliminação daquelas especializações surgidas mediante a divisão do trabalho de onde resulta, por conseqüência, uma depreciação da própria capacidade de trabalho [...] A oposição entre capital e trabalho assalariado desenvolve-se, assim, até sua plena contradição. É no interior desta que o capital aparece como meio não somente de depreciação da capacidade viva de trabalho, mas também como meio de tomá-la *supérflua*. Em determinados processos isso ocorre por completo; em outros, esta *redução* se efetua até que se alcance o *menor número* possível no interior do conjunto da produção. O trabalho necessário coloca-se, então, imediatamente como população *supérflua*, como excedente populacional — aquela massa incapaz de gerar mais-trabalho²⁰³.

Ao impor a ciência à produção, à divisão social do trabalho, o capitalismo expropria o conhecimento do trabalhador manual sobre seu trabalho, atribuindo ao trabalhador intelectual, o especialista, o conhecimento autorizado sobre a máquina (embora efetivamente nem o trabalhador intelectual, e muito menos o patrão, seja dotado da experiência na utilização da maquinaria, o que é constantemente reafirmado pelos trabalhadores durante as “operações padrão”, ou seja, ao atuar segundo as indicações do patrão e do especialista atrasam consideravelmente o ritmo da produção). Isto aprofunda a divisão social do trabalho, separando concepção e execução, os trabalhadores manuais e intelectuais, mesmo que o produto final (expropriado do trabalhador pelo patrão) seja resultado de um trabalhador coletivo. Ou seja, *a autonomia relativa do campo de produção tecnológica explicita o*

²⁰²MARX, K. “Grundrisse. Foundations of the critique of political economy (Rough draft)”. Harmondsworth: Penguin Books; New Left Review, 1974. p. 706. *apud* BRYAN, N. A. P. “Educação, trabalho e tecnologia em Marx”. *Educação & Tecnologia*. op. cit.

²⁰³MARX, K. “Maquinaria e trabalho vivo (os efeitos da mecanização sobre o trabalhador)”. *Crítica Marxista*. nº. 1. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/CM_1.7.pdf, acessado em 11.10.11.

*engendramento da tecnologia na forma e nos propósitos da classe dominante: “a tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração de técnicas”*²⁰⁴. O desenvolvimento tecnológico altera o próprio processo real de vida, *as condições de produção do processo da vida social*, a tecnologia insere-se diretamente no mundo da produção, o que também significa que terá um papel mediador, um desdobramento indireto na reprodução das relações sociais determinadas pela organização social de produção. Nesta consideração a superestrutura não é uma instância deslocada da base, e muito menos uma simples emanção desta, como se esta fosse uma relação mecanicista, ela é uma metáfora que indica a relação dialética e histórica entre o mundo material e suas formas espirituais – indicando que esta separação é metodológica, na realidade este processo ocorre de maneira orgânica. Ela é a mediação ideológica que tem como chão social as relações de produção – neste sentido, podemos considerá-la como parte da *ideologia histórica* que engendra os indivíduos, mediando suas possibilidades de ação.

Então, em relação à internet temos que diferenciar *suas formas e seu conteúdo*. Sua *forma*, como parte do desenvolvimento total tecnológico, não escapa a determinação do mercado, pois fazem parte de um sistema onde mercadorias são produzidas através de mercadorias²⁰⁵. Por *formas materiais* entendemos o conjunto total de produtos tecnológicos que possibilitam sua utilização: computadores, *tablets*, celulares, modems, roteadores, processadores, etc.; e a totalidade da rede de telecomunicações: linhas telefônicas, redes de fibra óptica, satélites, super servidores, etc. Mas a forma não resume-se somente ao aspecto material, pois também engendra as *formas virtuais*, como sistemas operacionais, navegadores, protocolos, etc., e também formas menores, de formatação dos diversos objetos necessários para a existência do conteúdo na internet, como vídeos, tabelas, planilhas, etc. Em síntese, as formas, em toda sua diversidade, *irão permitir e determinar a existência do conteúdo na internet*.

Em relação às formas, estas são fortemente condicionadas pelas relações de produções de determinado período histórico, tanto em seu desenvolvimento quanto em sua utilização. Ou seja, a informação está ligada diretamente às inovações na produção, na produtividade e na competitividade, que no caso da tecnologia da informação é a chamada “ponta” que atua primeiro na obsolescência programada, a necessidade do nascer e morrer de mercadorias em tempo quase instantâneo, que como já vimos, é a forma normal de submissão da indústria ao

²⁰⁴MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 19.

²⁰⁵SRAFFA, P. *Produção de mercadorias por meio de mercadorias*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

mercado financeiro no capital-imperialismo. Um paralelo possível é com o livro como suporte material, cuja produção, impressão, distribuição, etc. coloca-se disposto na lógica do mercado editorial – lembrando da forte regulamentação estatal em relação a história desta produção material, cuja apropriação pelas classes subalternas ocorreu através do alinhamento e desenvolvimento posterior da forma desenvolvida para o uso dos dominantes.

E o que chamamos de *conteúdo*, refere-se ao *conjunto total das possibilidades de interações comunicativas humanas mediadas e permitidas pelas formas (material e virtual) da tecnologia*. Esta definição extrapola a referência à internet como uma nova mídia, já que permite a mediação de um sem número de usos comunicativos (seja no que refere-se às capacidades já instaladas como forma, a *Web 2.0* por exemplo, ou outras ainda em caráter exploratório, como a *Web 3.0*), cuja definição por abrangência, multimidiática, acaba por não ser definida pela imposição de uma mídia sobre outra, mas a interconexão destas. Deste modo em vez de uma descrição que pode estar tornando-se obsoleta enquanto estas linhas são escritas, preferimos uma abordagem ampla para esta definição, ou seja, *todas as possibilidades comunicativas permitidas (ou mediadas) pelas formas*. Obviamente, não há como definir limites exatos entre as formas virtuais totalizantes (ao contrário das reais) e as formas menores, as *formas de mídia ou objetos*, que permitem a ação comunicativa mediada e o conteúdo neste caso, pois possuem uma relação dialética de dependência em seu desenvolvimento e utilização – mas é por esta cisão metodológica que poderemos indicar algumas possíveis relações desenvolvidas pelos indivíduos e a rede. Do mesmo modo podemos prosseguir com nosso paralelo com a produção material dos livros, mas agora abordando seu conteúdo. Segundo Terry Eagleton:

Seria um erro insinuar que a crítica marxista se move mecanicamente do “texto”, para a “ideologia”, para as “relações sociais” e então para “as forças produtivas”. Ela lida, em vez disso com a unidade desses “níveis da sociedade”. É verdade que a literatura faz parte da superestrutura, mas ela não é apenas um reflexo passivo da base econômica. Engels esclareceu esse ponto em uma carta a Joseph Bloch em 1890 [...] A intenção de Engels é negar a existência de qualquer correspondência mecânica e biunívoca entre a base e a superestrutura; os elementos da superestrutura reagem constantemente à base econômica e o influenciam. A teoria materialista da História nega que a arte possa, por si só, mudar o curso da História; mas ela insiste que a arte pode ser um elemento ativo em tal mudança. Na verdade, quando Marx se propôs a refletir sobre a relação entre a base e a superestrutura, ele escolheu justamente a arte como exemplo do caráter complexo e indireto desta relação²⁰⁶.

Mesmo determinado pelo mercado em sua constituição, a forma que adquire e os

²⁰⁶EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: UNESP, 2011. p. 24-25.

balizamentos que integra como parte de determinado período histórico, o conteúdo do livro conhece uma autonomia maior que o mero reprodutor da hegemonia burguesa, até porque esta burguesia é fracionada, possuindo representações distintas de seu lugar na sociedade. Seguindo a discussão de Eagleton, “*a arte encontra-se imersa em ideologia, mas também consegue distanciar-se dela, a ponto de nos permitir 'sentir' e 'observar' a ideologia de onde surge*”. Sendo que a diferença entre ciência e arte, “*não é que elas lidam com objetos de estudo diferentes, mas que lidam com os mesmos objetos de modo diferente*”, enquanto “*a ciência nos fornece conhecimento conceitual de uma situação; a arte nos proporciona a experiência dessa situação, que é equivalente à ideologia. Mas ao fazer isso, ele nos permite 'ver' a natureza dessa ideologia*”, deste modo encaminhando o sujeito “*ao entendimento completo da ideologia, que é o conhecimento científico*”²⁰⁷.

Este espaço abre a possibilidade da disputa, através do acesso direto das classes subalternas ao consumo e à produção de bens culturais, de propaganda, de organização, agindo tanto sobre o conteúdo quanto a forma, de modo mais incisivo sobre as formas virtuais²⁰⁸. As possibilidades contra hegemônicas através da utilização da rede são tratadas pelos EUA como uma questão política relativa à manutenção da ordem econômica, atentando contra a “liberdade” do livre mercado, pensada em termos geralmente geopolíticos. Dada esta importância, os EUA atuam na manutenção de seu poder *nas duas frentes*. Uma fala de John Serabian Jr., gerente para questões de operação de informação da CIA (*Central Intelligence Agency*, Agência Central de Inteligência estadunidense) nos permite visualizar isto:

O diretor da CIA, George Tenet, no início deste mês [Janeiro de 2000] testemunhou perante o Comitê de Inteligência do Senado em sua conferência anual de ameaças mundiais instruindo que a ameaça cibernética estrangeira é uma das principais questões transnacionais que enfrentamos como nação. Em seu testemunho, ele observou que os EUA estão cada vez mais dependentes “... do fluxo livre e seguro da tecnologia. Qualquer adversário, estrangeiro ou doméstico, que desenvolver a habilidade para interromper este fluxo “... irá ter o potencial para nos enfraquecer dramaticamente ou mesmo nos tornar desamparados.” Os recentes ataques ao e-commerce enfatizam este ponto. Seja qual for suas motivações, os atacantes tiraram a ameaça do reino do abstrato e a fizeram real. O DCI [*Director of Central Intelligence*, Diretor de Inteligência Central] em seu testemunho enfatizou que “... como em tantas áreas nesta era tecnológica, nós estamos verdadeiramente em uma corrida com a tecnologia em si”²⁰⁹.

²⁰⁷EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. op. cit. p. 39.

²⁰⁸Sobre isto ver: SMANIOTTO, M. A. “*Software livre e possibilidades contra-hegemônicas*”. *Anais IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt2/12_MarcosSmannotto.pdf, acessado em 20.02.12.

²⁰⁹“*The Director of Central Intelligence, George Tenet, earlier this month testified before the Senate Select Committee on Intelligence in his annual worldwide threat briefing that the foreign cyber threat is one of the key*

Ao referir-se ao livre fluxo das informações como correspondente ao fluxo do livre mercado, Serabian enfatiza que a forma pelas quais o mercado *online*, e implicitamente o financeiro depende do controle do desenvolvimento das formas, a necessidade de sempre estar um passo a frente em termos de segurança, proteção contra o desenvolvimento desta por outros atores políticos. Este movimento abre para a maior de todas as novas demandas virtuais, o do mercado de segurança. O desenvolvimento deste setor de exploração na rede irá ocorrer dentro da mesma lógica de entrelaçamento entre Estados e a iniciativa privada do complexo industrial-militar-acadêmico. “*Tivemos a Guerra Fria, a guerra contra o terrorismo... agora temos a guerra dos códigos*”²¹⁰, ou seja, uma guerra pela utilização política e econômica desta própria tecnologia. Prossegue sua fala apontando que o “*maior desafio na próxima década*” será “*encontrar caminhos para defender nossa infraestrutura e proteger nosso comércio enquanto mantemos uma sociedade aberta*”²¹¹. Para tanto esta defesa não se resume a CIA, mas envolve uma articulação de todas as agências de Estado, como o NIPC (*National Infrastructure Protection Center*, Centro de Proteção de Infraestrutura Nacional), instância do FBI (*Federal Bureau of Investigation*, Bureau Federal de Investigações) com suporte da CIA, em “*avaliar estas ameaças através de todo o espectro de atores estatais e não estatais*”²¹². Isto porque “*ao contrário das ameaças da guerra fria, ameaças cibernéticas podem vir de quase todo lugar. Elas podem se originar de qualquer localização, afetar sistemas em qualquer lugar do mundo, disfarçar as origens e rotas de viagem, e fazer tudo isso instantaneamente*”²¹³.

*transnational issues that we face as a nation. In that testimony he noted that the U.S. is increasingly dependent on '... the unimpeded and secure flow of technology.' Any adversary, foreign or domestic, that develops the ability to interrupt that flow '... will have the potential to weaken us dramatically or even render us helpless.' The recent e-commerce attacks underscore this point. Whatever their motivation, the attackers have taken the threat out of the realm of the abstract and made it real. The DCI in his testimony emphasized that '... as in so many areas in this technological age, we are truly in a race with technology itself'". SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. 23.02.00. Disponível em https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2000/cyberthreats_022300.html, acessado em 10.10.10. Tradução nossa.*

²¹⁰Declaração de Cofer Black, ex agente da CIA em 03.08.11. R7. *Confrontos virtuais vão substituir a guerra fria, diz ex-agente da CIA*. Governos ainda discutem represálias aos ataques virtuais. Disponível em <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/confrontos-virtuais-vaio-substituir-a-guerra-fria-diz-ex-agente-da-cia-20110803.html>, acessado em 16.10.11.

²¹¹“*A major challenge in the next decade will be to find ways to defend our infrastructure and protect our commerce while maintaining an open society*”. SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

²¹²“*I want to emphasize our need to evaluate this threat across the full spectrum of state and non-state actors, recognizing that proliferation of malicious capabilities exists at every level and across an equally broad range of potential targets. In light of the sophistication of many other countries and non-state actors in programming and Internet usage, the threat to our information systems has to be viewed as a factor requiring considerable attention by every agency of government*”. SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

²¹³“*Thus, unlike the threats of the cold war, cyber threats can come from almost anywhere. They can originate*

Este discurso indica a metodologia adotada pelos EUA em relação aos seus “inimigos”, que quaisquer sejam suas motivações, são enquadrados como atores estatais e não estatais. Os inimigos estatais seriam os “*muitos dos países cujos programas de guerra cibernética nós [já] seguimos*”, e que seriam – no original, *são*, tratando qualquer espectro de ameaça como realidade indubitável – “*os mesmos que, em um confronto militar convencional com os Estados Unidos, não iriam triunfar*”. Sendo que então para estes países “*os ataques cibernéticos, lançado de dentro ou de fora dos EUA, contra os sistemas informáticos públicos e privados nos EUA*”, que seriam necessários “*para nivelar o campo de jogo durante uma crise armada contra os Estados Unidos*”²¹⁴. Seriam então relevantes declarações feitas por militares estrangeiros:

Em uma entrevista um oficial Russo sênior comentou que um ataque contra um alvo nacional, como transportes ou o sistema de distribuição de energia iria – e eu cito – “... em virtude de suas conseqüências catastróficas, iria coincidir completamente com o uso de [armas] de destruição em massa”. Um General Chinês em 1996 indicou em uma publicação militar que em futuras guerras computadores seriam vulneráveis em três maneiras. “Nós podemos fazer os centros de comando do inimigo não funcionarem alterando seu sistema de dados. Podemos fazer o “quartel-general” do inimigo fazer o julgamento incorreto enviando desinformação. Podemos dominar o sistema bancário do inimigo e até mesmo a sua ordem social como um todo.” Como esses casos ilustram, o campo de batalha da era da informação certamente incluiria ataques contra nossa infraestrutura nacional²¹⁵.

Os atores não estatais considerados (e tratados) como ameaças eminentes seriam essencialmente terroristas – mesmo que se qualifique de modo distinto os diferentes atores, o modo de se operar em relação a todos é o mesmo. “*Alguns podem ser alinhadas com cultos ou*

from any location, affect systems anywhere in the world, disguise origins and travel routes, and do it all instantaneously. CIA focuses on threats overseas, but it is often difficult until very late in a given scenario to know whether an attack ultimately originated overseas or if an overseas computer is merely an intermediate step”. SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

²¹⁴“*Many of the countries whose cyber warfare programs we follow are the same ones that realize that, in a conventional military confrontation with the United States, they will not prevail. These countries perceive that cyber attacks, launched from within or outside the U.S., against public and private computer systems in the U.S., represent the kind of asymmetric option they will need to level the playing field during an armed crisis against the United States*”. SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

²¹⁵“*In an interview a senior Russian official commented that an attack against a national target such as transportation or electrical power distribution would - and I quote - ". . . by virtue of its catastrophic consequences, completely overlap with the use of [weapons] of mass destruction.*" A Chinese General in 1996 indicated in a military publication that in future wars computers would be vulnerable in three ways. "We can make the enemy's command centers not work by changing their data system. We can cause the enemy's headquarters to make incorrect judgment by sending disinformation. We can dominate the enemy's banking system and even its entire social order." As these anecdotes illustrate, the battle space of the information age would surely include attacks against our domestic infrastructure”. SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

grupos do ódio, e outros ainda podem ser patrocinados por empresas industriais estrangeiras que tentam roubar informações confidenciais de seus concorrentes". Então, *"terroristas e outros atores não estatais têm vindo a reconhecer que as armas cibernéticas podem lhes oferecer então novas ferramentas, de baixo custo, e fáceis de esconder para apoiar as suas causas"*²¹⁶. Sendo que, estes *"já fazem uso da Internet para comunicar-se, levantar fundos, recrutar e coletar informações de inteligência"*²¹⁷. Entre os diversos grupos que já utilizaram plenamente a rede, citam-se o Hezbollah, o Hamas e Al'Qaeda, e outros exemplos como:

Um grupo que se denomina Tigres Negros da Internet assumiu responsabilidade pelos ataques em Agosto de 1998 no sistema de e-mails dos postos diplomáticos do Sri Lanka pelo mundo, incluindo aqueles nos Estados Unidos. Simpatizantes do Terceiro Mundo dos rebeldes Mexicanos Zapatistas tiraram do ar páginas da web pertencentes a instituições financeiras mexicanas. Enquanto este ataque não resultou em dano para os alvos, foi considerado um sucesso pelos ativistas e foram utilizados para gerar propaganda e angariar simpatizantes. Separatistas curdos na Grécia e Turquia, separatistas da Caxemira e rebeldes Zapatistas no México também hackearam páginas oficiais do governo na web e postaram nelas propaganda antigovernamental e fotos²¹⁸.

O reconhecimento das possibilidades contra hegemônicas, mesmo que resumindo os mais diversos grupos como terroristas, para um combate comum e unificado, nos aponta para as possibilidades que o uso da rede poderia oferecer para a construção coletiva de projetos de sociedade alternativos. Como Robert S. Mueller, diretor do FBI, explana com preocupação em um de seus discursos, *"a Internet se tornou a plataforma primária para comunicação. Ela também se tornou uma ferramenta para disseminar propaganda extremista, e para recrutamento de terroristas, treinamento e planejamento"*. Dentre seus diversos usos, ela possibilita a construção de uma *"rede social para os extremistas semelhantes*

²¹⁶*"Some may be aligned with cults or hate groups, and still others may be sponsored by foreign industrial concerns attempting to steal proprietary information from competitors. Terrorists and other non-state actors have come to recognize that cyber weapons offer them new, low-cost, easily hidden tools to support their causes"*. SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

²¹⁷*"Terrorists and extremists already use the Internet to communicate, to raise funds, recruit, and gather intelligence. They may even launch attacks remotely from countries where their actions are not illegal or with whom we have no extradition agreements"*. SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

²¹⁸*"A group calling themselves the Internet Black Tigers took responsibility for attacks in August 1998 on the email systems of Sri Lankan diplomatic posts around the world, including those in the United States. Third-country sympathizers of the Mexican Zapatista rebels crashed web pages belonging to Mexican financial institutions. While such attacks did not result in damage to the targets, they were portrayed as successful by the activists and used to generate propaganda and rally supporters. Kurdish separatists in Greece and Turkey, Kashmiri separatists in India, and Zapatista rebels in Mexico have also hacked official government Web pages and posted anti-government propaganda and pictures"*. SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. op. cit. Tradução nossa.

intelectualmente... incluindo aqueles que ainda não radicalizaram, mas que podem tornar-se [radicais] através do anonimato do ciberespaço". E finaliza categórico: "*em outras palavras, a Internet se tornou um facilitador – e até um acelerador – para a atividade terrorista e criminosa*"²¹⁹.

Obviamente, não compartilhamos a caracterização superficial destes diversos grupos (por eles tomada como fato), o que segundo Enrique Padrós é característico das próprias fontes oficiais, "*cuja lógica interna (informação, contra-informação, pontos de vista, etc.) pode capturar o leitor desatento prejudicando seu discernimento quanto à avaliação dessa documentação específica levando-o a uma aceitação tácita de que o seu conteúdo é expressão imediata de veracidade*"²²⁰, sendo que mesmo quando há indicações tomadas como verdadeiras, advindas do senso comum, ou de posições midiáticas de massa, trata-se de uma caracterização primária, definida por interesses imediatos. Também não concordamos com a naturalização da rede como instrumento primário de comunicação, o que pode ser objetivamente levantado na possibilidade de acesso ao *hardware* e à própria rede, mas aqui é importante apontar que toda preocupação estadunidense em regular, dar forma e manter o controle direto sobre este espaço social tem uma justificativa clara, a de reproduzir e aprofundar as relações sociais vigentes sob o capitalismo, tendo preocupações tanto em relação a sua posição como nação hegemônica quanto o acirramento da luta de classes dentro das formações sociais. Como já escreveu Antonio Gramsci:

As relações internacionais precedem ou seguem (logicamente) as relações sociais fundamentais? Indubitavelmente seguem. Toda inovação orgânica na estrutura modifica organicamente as relações *absolutas* e *relativas* no campo internacional, através de suas expressões técnico-militares. Até mesmo a posição geográfica de um Estado nacional não precede, mas segue (logicamente) as inovações estruturais, ainda que reagindo sobre elas em certa medida (exatamente na medida em que as superestruturas reagem sobre a estrutura, a política sobre a economia, etc.). De resto, as relações internacionais reagem passiva e ativamente sobre as relações políticas (de hegemonia dos partidos)²²¹.

Então para nós, não significa que a internet seja instrumento direto para a dominação

²¹⁹“*The Internet has become a primary platform for communication. It has also become a tool for spreading extremist propaganda, and for terrorist recruiting, training, and planning. It is a means of social networking for like-minded extremists...including those who are not yet radicalized, but who may become so through the anonymity of cyberspace. In other words, the Internet has become a facilitator—even an accelerant—for terrorist and criminal activity*”. MUELLER, R. S. III. *Countering the terrorist threat*. Preparedness group conference. 06.10.10. Disponível em <http://www.fbi.gov/news/speeches/countering-the-terrorism-threat>, acessado em 12.11.10. Tradução nossa.

²²⁰PADRÓS, E. S. “História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos”. *Tempo e argumento*. n.º. 1. Disponível em <http://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/708/599>, acessado em 12.12.10.

²²¹GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 20.

imperialista de um único país, mas que seu uso atual é majoritariamente voltado para a reprodução ampliada do capital-imperialismo, expropriando e expandindo as relações sociais capitalistas para praticamente todas as localidades que ainda conseguiam resistir a sua plena inserção no sistema dominante. Como situa Dênis de Moraes:

O sistema tecnológico incorpora ao capitalismo a sua lógica expansiva, caracterizada pela contínua integração dos fluxos de informação em um sistema comum de altíssima velocidade, a um custo decrescente (em boa parte assegurada pela redução da força de trabalho em face da introdução de tecnologias de ponta). É por meio da absorção de privilegiados que as forças do capital garantem o monopólio de acesso a conhecimentos essenciais à volatilidade das transações financeiras e à constituição de dividendos competitivos. A fluidez informativa possibilitada pelas tecnologias, portanto, não representa um bem comum e não desfaz, por si só, exclusões na periferia do capitalismo. Apenas grandes empresas e instituições hegemônicas têm a prerrogativa de utilizá-la extensivamente em função de seus interesses particulares²²².

Sua ampliação da rede mundial de computadores, como parte do amplo desenvolvimento das tecnologias de informação, garantiu diretamente a mundialização do capital monetário, tornando acessível o investimento em todas as bolsas de valores e investimentos do mundo para qualquer capitalista, atuando diretamente na predominância do capital portador de juros sob o capital funcionante. Como parte do complexo militar-industrial-acadêmico garantiu a plena subalternização à tecnologia produzida nos países capitalista avançados, diretamente tributária do investimento estatal. Funciona ampliando a demanda do complexo, que serve por si só como elemento de contenção para as crises de superprodução, no que também participa através das estratégias de manipulação de demanda, através da obsolescência programada. Serve como peça crucial para a ofensiva do capital contra o trabalho, como parte do movimento maior de expropriações secundárias, servindo como modo operacional para a reestruturação produtiva tanto no setor primário como secundário da economia. Serve como fio condutor para a disseminação ideológica de todo um modo de ser, hegemonia que mesmo em disputa, ocorre em condições altamente desiguais – esta disseminação hegemônica de modo algum se faz em cisão ao elemento coercitivo, visto os ataques desencadeados pela guerra cibernética e o controle direto da tecnologia pelos Estados Unidos (o que não deve presumir que não há conflitos postos neste controle), como tratados aqui acerca da internet, mas que poderia também ser expandido para o sistema de

²²²MORAES, D. de. “Mídia e poder mundial”. *História e Luta de Classes*. n.º 2, fevereiro, 2006. Disponível em <http://site.projetoHam.com.br/arquivos/revistas/2.Linguagem%20Comunicacao%20e%20Cultura.edicaoCompleta.pdf>, acessado em 13.10.11.

GPS (*Global Positioning System*)²²³.

²²³Seu predomínio é evidente na relação das línguas mais utilizadas na rede (por milhões de usuários): 1º Inglês: 536,6; 2º Mandarim: 444,9; 3º Espanhol: 153,3; 4º Japonês: 99,1; 5º Português: 82,5; 6º Alemão: 75,2; 7º Árabe: 65,4; 8º Francês: 59,8; 9º Russo: 59,7; 10º Coreano: 39,4; Total das outras línguas: 350,6. INTERNET WORLD STATS. *Internet world users by language*. Disponível em www.internetworldstats.com/stats7.htm, acessado em 10.09.10.

3. A INTERNET NO BRASIL:

*“Por que o computador/Pode chegar ao sertão/E na internet não/Tem lugar pra rimador?
[...] Quero o futuro no páreo/Mas não esqueço o passado”.*

Walter Medeiros. *A peleja do cordel de feira com a internet.*

Neste capítulo iremos abordar a entrada e expansão da rede mundial de computadores no Brasil, focando a utilização política da tecnologia como parte do processo de constituição da hegemonia ultraliberal, a governança da rede através do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), a expansão de seu alcance pelo território e utilização pela população. Entendemos o Estado capitalista como uma condensação material de uma relação de forças, ou seja, perpassado pela luta entre as classes e frações de classes²²⁴, o que impede que o tornemos sujeito histórico ou como mero “instrumento”. Sua materialidade institucional é marcada pelas relações sociais de produção e pela divisão social do trabalho, contradições que são inseridas em sua própria estrutura. Assim, o Estado também torna-se um produtor de hegemonia, e conta com determinada “autonomia relativa”, seja por sua linguagem, tempo e agentes próprios (a elite política e a burocracia), seja por ter o poder de delimitar as formas da exploração, o que só é possível através de seu conjunto de aparelhos sustentados pela divisão entre trabalho manual e intelectual, e a atuação orgânica deste último com a dominação política – processo de “*legitimação de práticas do Estado e de seus agentes como portadores de um saber particular, de uma racionalidade intrínseca... A apropriação da ciência pelo capital se faz certamente na fábrica, mas igualmente pelo Estado*”²²⁵.

No Brasil, a internet chega graças a iniciativas isoladas de pesquisadores universitários pertencentes a instituições como a Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)²²⁶, que a partir de 1987 começaram a construir redes que os ligavam ao BITNET estadunidense²²⁷ – estes pesquisadores e instituições irão ser tratadas como os “pioneiros” da rede no país, em tentativa de assim se afirmarem como agentes competentes para atuarem politicamente em todo o processo. A rede só irá tornar-se objeto de uma política estatal específica em 1990, quando o Ministério da Ciência e Tecnologia lança a RNP (Rede Nacional de Ensino e Pesquisa), que irá disseminar o primeiro *backbone* nacional no ano

²²⁴POULANTZAS, N. *O Estado, o poder, o socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 185.

²²⁵Idem. p. 64.

²²⁶CARVALHO, M. L. B. de. *Linha do tempo da internet no Brasil*. Disponível em <http://homepages.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/Brasil.html>, acessado em 20.10.10.

²²⁷SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. op. cit. p. 200-210.

seguinte, sendo que em 1993, este já conectava onze Estados da federação a velocidades mínimas de 9.600 bits por segundo, em grande medida impulsionados por investimentos feitos em relação à rede para organização da *Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e o desenvolvimento* em 1992 no Rio de Janeiro (mais conhecida como ECO 92). No ano de 1995,

cerca de 400 instituições de ensino e pesquisa do país se ligaram em rede, incluindo a maioria das universidades e institutos de pesquisa governamentais; Estimativa: 60.000 usuário ativos para uso acadêmico; Segundo as estimativas da época, mais de 10.000 hosts estavam interligados em rede no Brasil. Adotada a premissa de que cada host era utilizado por seis usuários, o número total de usuários ativos era estimado em 60 mil, primariamente para uso acadêmico²²⁸.

Em abril do mesmo ano, dois anos após a liberação nos EUA para a exploração comercial, o mesmo ocorre no nosso país. Esta abertura foi considerada estratégica para a ampliação da capacidade da rede: “*Essa 'privatização' da rede, ao contrário do que ocorreu nos EUA, deu-se, no Brasil, como se fosse algo natural, sem maiores discussões sobre serviço público, universalização ou os termos que tradicionalmente animam o debate político nacional sobre comunicação*”²²⁹. Esta desdobrou-se pela ampliação e reconfiguração do RNP em um *backbone* de uso misto (comercial e acadêmico). Com destaque para a iniciativa privada, já que existiam onze empresas participando do servidor www da Embratel:

A espinha dorsal da RNP previu pontos de presença em todas as capitais do país, ligação entre as capitais geradoras de maior tráfego a velocidades de 2Mbits/seg (em substituição aos 64Kbits/seg anteriores) e transformação das ligações de 9.6 Kbits/seg em ligações a 64K bits/seg. Para complementar a conectividade na região amazônica, incluindo as cidades Tefé (AM), Cáceres (MT), Santarém e Marabá (PA), Alcântara (MA) e Fernando de Noronha (PE), o MCT estabeleceu um convênio com o Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal²³⁰.

O crescimento posterior da rede é relegado para o mercado, através das privatizações e em menor parte pela ampliação dos *backbones* privados, embora sua estrutura continue vinculada a governança da internet e às políticas públicas de comunicação. Em 2012 existem seis *backbones* nacionais: a RNP, a Embratel, o Banco Rural, a Unisys, a Global-One e a IBM (que inicia baseada nos EUA). Mas como Carlos Afonso aponta, em artigo de 2000, essa ampliação não ocorreu em termos de democratização:

²²⁸CARVALHO, M. L. B. de. *História da internet Brasil*. op. cit.

²²⁹BOLAÑO, C. R. S.; CASTAÑEDA, M. V. *A economia política da internet e sua crise*. op. cit.

²³⁰CARVALHO, M. L. B. de. *História da internet Brasil*. op. cit.

Tal como todos os outros recursos brasileiros, a infraestrutura básica para a disseminação da Internet é restrita aos principais municípios e prioriza as camadas mais abastadas da sociedade, tendo como paradigma de utilização o acesso individual que reproduz nossa política de transportes. Tal como esta é feita para quem tem carro, nossas “autopistas da informação” são feitas para quem tem microcomputador, linha telefônica e dinheiro para pagar o acesso à Internet – ou seja, para os ricos. Dos mais de cinco mil municípios brasileiros, menos de 300 (ou menos de 6%) conta com a infraestrutura mínima necessária para que possam ser instalados serviços locais de acesso à Internet. Os cerca de cinco milhões de usuários da Internet no Brasil são menos de 3% de nossa população. O Brasil é de longe o pior colocado em números per capita de usuários, computadores pessoais, linhas telefônicas e servidores Internet (hosts) entre as nove maiores economias do mundo. Os circuitos que conectam os provedores de serviços à Internet estão entre os mais caros do mundo, inviabilizando o pequeno provedor de serviços em áreas menos ricas. Não há no país nenhum plano em escala nacional para implantar mecanismos efetivos e abrangentes de democratização de acesso, como telecentros em áreas, cidades ou bairros de menos recursos, conexão maciça de escolas públicas, programas de treinamento básico, pesquisa em alternativas de conexão a baixo custo etc. Um amplo programa poderia ser realizado em menos de dois anos gastando menos de 0,2% do PIB, mas não há sequer estudos de viabilidade planejados para isso no programa oficial da “sociedade da informação” até agora proposto²³¹.

Embora distem 12 anos no tempo, estas críticas continuam válidas, mesmo tendo existido uma real ampliação da rede, especialmente relativa à banda larga no Brasil, os avanços fizeram-se insuficientes e de maneira a agraciar somente interesses mercadológicos: existem grandes áreas no país ainda sem possuir disponível estes serviços, há apenas 5,8 conexões para cada 100 brasileiros, e os serviços extremamente caros, 24 vezes mais caros do que nos EUA. Cerca de 104,7 milhões de brasileiros não acessam a internet²³².

As ações sobre a internet dentro do aparelho de Estado foram articuladas em diversas instâncias, sendo que uma síntese oficial do processo está no *Livro verde da sociedade da informação no Brasil*, lançado em 2000 pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. O livro resulta de discussões de cerca de cento e cinquenta especialistas e atores políticos (entre empresas, universidades públicas e privadas, instituições estatais e não governamentais), reunidos em doze grupos de trabalho, cuja coordenação geral foi de Tadao Takahashi. Segundo a biografia de indicados para o ICANN de 2003, ele

[...] foi fundador e ex-diretor da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa do Brasil (RNP), a internet acadêmica no Brasil. Desde 1999, ele serviu como

²³¹AFONSO, C. A. *Internet no Brasil: o acesso para todos é possível?* Disponível em <http://reseau.crdi.ca/uploads/user-S/10245206800panlacafoant.pdf>, acessado em 10.10.10.

²³²SALVADORI, F. “Banda larga no Brasil é cara e ruim; entenda”. *Galileu*. Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI138571-17770,00-BANDA+LARGA+NO+BRASIL+E+CARA+E+RUIM+ENTENDA.html>, acessado em 03.05.11.

presidente do Programa Nacional do Brasil para a Sociedade da Informação. Atualmente atua como presidente do Capítulo Brasileiro da Internet Society, na qual ele é um promotor para uma maior participação dos usuários da Internet do Brasil nas discussões sobre o futuro da Internet. De 1995-1996 e novamente de 1999-2002, o Sr. Takahashi foi membro do Comitê Gestor da Internet no Brasil. Presidente pela América Latina e pelo Nó de Extensão do Caribe Nó da Força Tarefa das Nações Unidas para TIC, o Sr. Takahashi tem uma paixão pelo entendimento das necessidades e interesses dos usuários individuais da Internet, especialmente os de comunidades de baixa renda. Trabalhando para trazer acesso à Internet para crianças em regiões mais remotas da América Latina, o Sr. Takahashi teria negociado com traficantes a permissão para instalar telecentros para acesso à Internet nas regiões que controlam. O Sr. Takahashi também atuou no Comitê Consultivo de Membros original da ICANN em 1998²³³.

As propostas do *Livro verde* vão além de seu campo específico, visto que para sua implementação desvelam parte de um programa maior, um “novo paradigma”, que segundo eles, afetaria “*do mesmo modo, regiões, segmentos sociais, setores econômicos, organizações e indivíduos*”²³⁴. Nota-se claramente, a naturalização da sociedade da informação como superação histórica, baseado em um determinismo tecnológico. “*Rapidamente nos adaptamos a essas novidades [tecnológicas] e passamos – em geral, sem uma percepção clara nem maiores questionamentos – a viver na Sociedade da Informação*”, esta caracterizada como “*uma nova era em que a informação flui a velocidades e em quantidades há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais*”²³⁵.

Neste ponto o *Livro verde* não poderia fazer-se mais claro, quando afirma que “*a sociedade da informação não é um modismo. Representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico*”. E o marcam como “*um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura de*

²³³“Tadao Takahashi is the founder and former Director of Brazil's National Research Network (RNP), the Academic Internet in Brazil. Since 1999, he has served as Chair of Brazil's National Program for the Information Society. He currently serves as Chair of the Brazilian Chapter of the Internet Society, which he has promoted as a platform for wider participation of Brazil's Internet users in discussions about the future of the Internet. From 1995-1996 and again from 1999-2002, Mr. Takahashi was a member of Brazil's Internet Steering Committee. Chair of the Latin America and Caribbean Outreach Node of the United Nation's ICT Task Force, Mr. Takahashi has a passion for understanding the needs and interests of individual users on the Internet, particularly those from low-income communities. Working to bring Internet access to children in Latin America's most remote regions, Mr. Takahashi has even negotiated with drug lords for permission to install telecenters for Internet access in regions they control. Mr. Takahashi also served on ICANN's original Membership Advisory Committee in 1998”. ICANN. *Nominees of the 2003 Nominating Committee to the ICANN board, GNSO council, and At-Large advisory committee*. 16.06.03. Disponível em <http://www.icann.org/en/committees/nom-comm/nominee-biographies-16jun03.htm>, acessado em 05.12.11. Tradução nossa.

²³⁴TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000. p. 5.

²³⁵Idem. p. 3.

informações disponível". Considerado também em "*sua dimensão político-econômica, decorrente da contribuição da infra-estrutura de informações para que as regiões sejam mais ou menos atraentes em relação aos negócios e empreendimentos*", já que "*sua importância assemelha-se à de uma boa estrada de rodagem para o sucesso econômico das localidades*". E termina afirmando sua "*marcante dimensão social, em virtude do seu elevado potencial de promover a integração, ao reduzir as distâncias entre pessoas e aumentar o seu nível de informação*"²³⁶. Este tipo de percepção acaba por ser reproduzida em uma série de instâncias do aparelho de Estado brasileiro, e como vê-se na citação seguinte, possui uma intenção social clara:

A difusão acelerada das novas tecnologias de informação e comunicação vem promovendo profundas transformações na economia mundial e está na origem de um novo padrão de competição globalizado, em que a capacidade de gerar inovações em intervalos de tempo cada vez mais reduzidos é de vital importância para empresas e países. A utilização intensiva dessas tecnologias *introduz maior racionalidade e flexibilidade nos processos produtivos, tornando-os mais eficientes quanto ao uso do capital, trabalho e recursos naturais*. Propiciam, ao mesmo tempo, *o surgimento de meios e ferramentas para a produção e comercialização de produtos e serviços inovadores, bem como novas oportunidades de investimento*²³⁷.

Este tipo de argumentação, tratada em termos de definição de um novo padrão, um novo paradigma, esvaziado de argumentação social, já que determinado pelas novas tecnologias, e assim tratado como inevitável, cabendo à sociedade adaptar-se a este, ou sucumbir, tal qual a URSS para Castells²³⁸, que simplesmente teria se tornado anacrônica. Como James Petras adverte, "*a lógica capitalista é uma lógica linear do capital, que o vê mover-se para cima e para fora sem nenhuma compreensão de sua ascensão e declínio*", ainda deixando de situar esta "*'lógica' em relação ao papel da política, ideologia e políticas de Estado na fixação dos parâmetros e condições para a acumulação do capital*"²³⁹.

Então estes ideólogos tem que compor sua ruptura para os termos políticos nacionais, através das diferenças atribuídas ao desenvolvimento tecnológico nas distintas formações sociais: "*a sociedade da informação está sendo construída em meio a diferentes condições e projetos de desenvolvimento social, segundo estratégias moldadas de acordo com cada contexto*", sendo que já estariam "*transformando as estruturas e as práticas de produção, comercialização e consumo e de cooperação e competição entre os agentes, alterando, enfim,*

²³⁶TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. op. cit. p. 5.

²³⁷Idem. p. 17. Grifos nossos.

²³⁸CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. op. cit. p. 47.

²³⁹PETRAS, J. *Armadilha neoliberal e alternativas para a América Latina*. São Paulo: Xamã, 1999. p. 31-32.

a própria cadeia de geração de valor”. Assim sendo “os países economicamente desenvolvidos, bem como boa parte daqueles em vias de desenvolvimento, já adotam políticas e iniciativas voltadas para a sociedade da informação”, sendo que ao Estado nacional caberia “acelerar o processo de articulação efetiva de um programa nacional para a sociedade da informação”.

Como atrelada diretamente a prática política, este processo é pontuado em seus “sucessos”, ou seja, servindo-se de alavanca para levar a prática de implementação ultraliberal adiante: “a Internet brasileira teve grande impulso, primeiramente na comunidade científica e, logo após, como plataforma de expansão do setor privado, estando aberta também a serviços de natureza comercial desde 1995”, associada à “privatização de todo o sistema brasileiro e a criação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), fatores que estão permitindo maior e mais rápida disponibilidade de acesso aos meios de comunicação”²⁴⁰. O que se soma às “atividades comerciais no Brasil que se valem da Internet estão ganhando enorme expressão, a ponto de perfazerem praticamente metade do mercado latino-americano, em número de usuários e em volume de transações e negócios”, além de “algumas aplicações de governo têm tido enorme impacto, tanto na melhoria da eficiência interna de funcionamento como na prestação de serviços ao cidadão”, e contando com a “base tecnológica instalada no País e um considerável contingente de recursos humanos qualificados, abarcando desde pesquisa e desenvolvimento até fomento a empreendimentos”²⁴¹. Sendo assim,

o País dispõe, pois, dos elementos essenciais para a condução de uma iniciativa nacional rumo à sociedade da informação. E a emergência do novo paradigma constitui, para o Brasil, oportunidade sem precedentes de prestar significativa contribuição para resgatar a sua dívida social, alavancar o desenvolvimento e manter uma posição de competitividade econômica no cenário internacional. A inserção favorável nessa nova onda requer, entretanto, além de base tecnológica e de infraestrutura adequadas, um conjunto de condições e de inovações nas estruturas produtivas e organizacionais, no sistema educacional e nas instâncias reguladoras, normativas e de governo em geral²⁴².

Quando se referem à inserção do país na “sociedade da informação”, temos de ter em mente a sua abertura às “determinações” desta nova economia, ação coordenada entre a abertura comercial, a chamada reestruturação produtiva na produção na busca pelo fim efetivo dos direitos dos trabalhadores, sobretudo os manuais (quando não sua plena extinção do

²⁴⁰TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. op. cit. p. 5.

²⁴¹Idem.

²⁴²Ibidem. p. 5-6.

processo produtivo). Segundo Ronaldo Sardenberg, Ministro da Ciência e Tecnologia do período:

O conhecimento tornou-se, hoje mais do que no passado, um dos principais fatores de superação de desigualdades, de agregação de valor, criação de emprego qualificado e de propagação do bem-estar. A nova situação tem reflexos no sistema econômico e político. A soberania e a autonomia dos países passam mundialmente por uma nova leitura, e sua manutenção - que é essencial - depende nitidamente do conhecimento, da educação e do desenvolvimento científico e tecnológico [...] Alavancar o desenvolvimento da Nova Economia em nosso País compreende acelerar a introdução dessas tecnologias no ambiente empresarial brasileiro, objetivo de um dos mais ambiciosos programas do Avança Brasil: o Programa Sociedade da Informação, que resulta de trabalho iniciado em 1996 pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Sua finalidade substantiva é lançar os alicerces de um projeto estratégico, de amplitude nacional, para integrar e coordenar o desenvolvimento e a utilização de serviços avançados de computação, comunicação e informação e de suas aplicações na sociedade. Essa iniciativa permitirá alavancar a pesquisa e a educação, bem como assegurar que a economia brasileira tenha condições de competir no mercado mundial²⁴³.

Estas afirmações são baseadas ideologicamente neste “salto para o futuro” que supostamente ocorreria pela inserção do país na “era da informação”. Como afirma Eliane Mora, “o governo e a classe dominante lançam uma cortina de fumaça argumentando que o desemprego é fruto da desqualificação dos trabalhadores e, por isso, se faria necessário um amplo programa de qualificação profissional”, sustentando, desta maneira, “que cada trabalhador esteja mais preparado para competir por um emprego”, ou seja, “primeiro o governo tenta responsabilizar o próprio trabalhador por estar desempregado ou com o emprego sob risco. Depois, tenta vender a ilusão de que, com mais qualificação, fica mais fácil garantir emprego”. A autora deixa isto em termos claros: “mentiras óbvias, pois, se assim fosse, nos países centrais não haveria taxas de desemprego tão altas, posto que o nível de escolaridade e qualificação profissional são muito superiores aos dos países periféricos”, concluindo que, se “requalificação profissional ou a educação são formas eficazes para combater o desemprego implica a ilusão de que estas poderão criar os postos de trabalho fechados pelo capital”²⁴⁴. Francisco de Oliveira analisa criticamente este processo:

Avassalada pela terceira revolução industrial, ou molecular-digital, em combinação com o movimento da mundialização do capital, a produtividade do trabalho dá um salto mortal em direção à plenitude do trabalho abstrato. Em sua dupla constituição, as formas concretas e a “essência” abstrata, o

²⁴³SARDENBERG, R. M. “Apresentação”. In. TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. op. cit. p. V.

²⁴⁴MORA, E. A. “Tensões na formação profissional da CUT e na disputa dos fundos públicos”. *Outubro*. n.º. 6. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/06/out6_06.pdf, acessado em 10.11.10.

consumo das forças de trabalho vivas encontrava obstáculos, a porosidade entre o tempo de trabalho total e o tempo de trabalho da produção. Todo o crescimento da produtividade do trabalho é a luta do capital para encurtar a distância entre essas duas grandezas. *Teoricamente, trata-se de transformar todo o tempo de trabalho em trabalho não-pago; parece coisa de feitiçaria, e é o fetiche em sua máxima expressão. Aqui, quase se fundem mais-valia absoluta e relativa: absoluta porque o capital usa o trabalhador quando necessita dele, relativa porque isso é possível somente devido à enorme produtividade. A contradição: a jornada da mais-valia relativa deveria ser de diminuição do trabalho não-pago, mas é o seu contrário. Então, graças à produtividade do trabalho, desaparecem os tempos de não-trabalho: todo o tempo de trabalho é tempo de produção.* Os serviços são o lugar da divisão social do trabalho onde essa ruptura já aparece com clareza. Cria-se uma espécie de “trabalho abstrato virtual”. As formas “exóticas” desse trabalho abstrato virtual estão ali onde o trabalho aparece como diversão, entretenimento, comunidade entre trabalhadores e consumidores: nos shoppings centers. Mas é na informação que reside o trabalho abstrato virtual. *O trabalho mais pesado, mais primitivo, é também lugar do trabalho abstrato virtual. Sua forma, uma fantasmagoria, um não-lugar, um não-tempo, que é igual a tempo total. Pense-se em alguém em sua casa, acessando sua conta bancária pelo seu computador, fazendo o trabalho que antes cabia a um bancário: de que trabalho se trata?*²⁴⁵

Retornando para o *Livro verde*: “o longo período de crise na evolução brasileira no setor se estendeu até 1995, quando o Governo Federal propôs novas diretrizes, que seriam sancionadas em uma nova *Lei de Telecomunicações*”, que priorizou a “privatização do sistema Telebrás; concepção de um regime de duopólio para todos os serviços durante um período de transição até o final de 2001; competição crescentemente ampla a partir de 2002”²⁴⁶. Este processo de desmonte das estatais, justificada pelo símbolo de “modernização”²⁴⁷, se articulou com diversas proposições, aqui a mais significativa, a Lei de Informática (Lei nº 5.804), do governo Fernando Collor. Esta acabava com o poder da Secretaria Especial de Informática (SEI), criada em 1979 para “militarizar a questão da informática como forma de garantir o protecionismo nacional”, de controlar a importação do setor, assim acabando com a reserva de mercado nacional, com os incentivos fiscais, e diminuindo a porcentagem de acionistas (entre físicas e jurídicas de capital votante) brasileiros para que a empresa fosse considerada de capital nacional de setenta para cinquenta e um por cento²⁴⁸. Augusto Gadelha faz uma síntese deste processo na revista de 15 anos do

²⁴⁵OLIVEIRA, F. de. *O ornitorrinco*. Disponível em <http://afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Oliveira,%20Francisco/Francisco%20de%20Oliveira%20-%20O%20Ornitorrinco.rtf>, acessado em 13.12.10. Grifos nossos.

²⁴⁶TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. op. cit. p. 121.

²⁴⁷GADELHA, A. C. “Editorial”. *CGI.br*. nº. 3. Disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03>, acessado em 18.11.10.

²⁴⁸ZAVERUCHA, J. *Frágil democracia*: Collor, Itamar, FHC e os militares (1990-1998). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 64-65.

CGI.br:

Iniciamos na década de 1980 com a criação de redes acadêmicas que, apesar das dificuldades impostas pelo monopólio da Embratel no transporte internacional de dados (as denominadas “transfronteiras”), lograram se conectar às redes acadêmicas dos EUA no final da década. Essas redes acadêmicas foram as precursoras da Internet no País [...] No início da década de 1990, com a criação da RNP por iniciativa do MCT, consolidada pela equipe comandada por Tadao Takahashi, e com o estabelecimento da primeira conexão com protocolo TCP/IP, pela equipe liderada por Demi Getschko na Fapesp, o Brasil começou efetivamente a participar da Internet [...] O Terceiro Setor no Brasil, sob a liderança de Betinho, contribui para a expansão de nossa rede primordial, ao usá-la (apesar das dificuldades de então) para divulgar, pelo mundo todo, a ECO-92 realizada no Rio de Janeiro [...] Em seguida vieram os empreendedores que perceberem as oportunidades de novos negócios de provimento de acesso e de conteúdos para a Internet. A participação mais ampla da sociedade, em particular das empresas, se dá com a disseminação do uso da Web. Até meados de 1995, todos esses atores estavam conversando, mas isoladamente em suas próprias comunidades. O Governo, na recém-inaugurada Nova República, percebeu a importância da rede e a mobilização crescente criada em torno dela. A necessidade de coordenar esses esforços motivou a criação do CGI.br²⁴⁹.

A lógica da acumulação e da exploração permeia a disseminação e popularização da internet no Brasil, servindo como suporte, como justificativa e processo pela implementação do ultraliberalismo. A mesma Lei de informática do Collor, mesmo analisada dentro do desastre de seu plano econômico e dos casos de corrupção de seu governo, é considerada este marco decisivo para o país. José Carlos Cavalcanti, professor de Economia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no lançamento do Grupo de Trabalho de Economia de Redes pelo CGI.br em 1995, do qual é um dos coordenadores, explicita como se dá a relação entre democratização como acesso universal à internet no Brasil, pensado como direito social, e democracia como possibilidade de escolha dos representantes do CGI.br, momento de disputas entre grandes empresas fornecedoras ou operadoras de tecnologia de informação:

A missão deste GT está segmentada em duas dimensões: a Macroeconômica e a Microeconômica. Na dimensão Macro, o GT procura dotar a Internet/Br de instrumentos para que ela se coloque a serviço da definição de um Modelo Brasileiro de Reestruturação Industrial, em um contexto de abertura e integração econômicas. Na dimensão Micro, o GT procura dotar a Internet/Br de instrumentos da teoria e prática econômicas que dêem auto-sustentação econômico-financeira (dentro dos critérios de eficiência e equidade) aos seus objetivos primordiais de: - Cobertura nacional e ampla capilaridade; - Vasta gama de aplicações, e - Baixo custo para o usuário final, com papel prioritário

²⁴⁹GADELHA, A. C. “Editorial”. *CGI.br*. n.º. 3. op. cit.

para a livre iniciativa²⁵⁰.

Como visto, em nenhum momento esconde-se sob qual perspectiva política, econômica e social esta tecnologia deve servir. Novamente assinalemos, este processo é sempre reafirmado em termos de determinação histórica, ao qual somente nos caberia como papel a sujeição. Segundo Francisco de Oliveira, o capitalismo brasileiro “*perdeu a capacidade de escolha, de 'seleção', e por isso é uma evolução truncada: como sugere a literatura da economia da tecnologia, o progresso técnico é incremental*”, baseado numa escala “*evolucionista, neoschumpeteriana*”, já que esta “*revolução molecular-digital anula a fronteira entre ciência e tecnologia: as duas são trabalhadas agora num mesmo processo, numa mesma unidade teórico-metodológica. Faz-se ciência fazendo tecnologia e vice-versa*”. E já que o progresso se faz “*incremental, ele depende fundamentalmente da acumulação científico-tecnológica anterior. Enquanto o progresso técnico da Segunda Revolução Industrial permitia saltar à frente, operando por rupturas sem prévia acumulação técnico-científica*”, pois tratava-se “*de conhecimento difuso e universal*”, este “*o novo conhecimento técnico-científico está trancado nas patentes, e não está disponível nas prateleiras do supermercado das inovações. E ele é descartável, efêmero*”. Isto tem consequências drásticas sobre os países periféricos, pois “*essa combinação de descartabilidade, efemeridade e progresso incremental corta o passo às economias e sociedades que permanecem na rabeira do conhecimento técnico-científico*”.

Do que se extraem duas implicações com as quais já lidamos, e que só tendem a se aprofundar: “*do ponto de vista da acumulação de capital, isto tem profundas consequências. A primeira e mais óbvia é que os países ou sistemas capitalistas subnacionais periféricos podem apenas copiar o descartável, mas não copiar a matriz da unidade técnico-científica*”, ou seja “*uma espécie de eterna corrida contra o relógio*”. E a segunda, segundo ele, “*menos óbvia, é que a acumulação que se realiza em termos de cópia do descartável, também entra em obsolescência acelerada, e nada sobra dela, ao contrário da acumulação baseada na Segunda Revolução Industrial*”, o que “*exige um esforço de investimento sempre além do limite das forças internas de acumulação, o que reitera os mecanismos de dependência financeira externa. Mas o resultado fica sempre aquém do esforço*” sendo que “*as taxas de acumulação, medidas pelo coeficiente da inversão sobre o PIB, são declinantes, e declinantes também as taxas de crescimento*”. Então, somente resta ao autor constatar que “*a contradição*

²⁵⁰CAVALCANTI, J. C. *Economia de redes*. Disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo1.htm>, acessado em 04.11.10.

se agudiza porque a mundialização introduz aumento da produtividade do trabalho sem acumulação de capital, justamente pelo caráter divisível da forma técnica molecular-digital, do que resulta a permanência da má distribuição da renda”²⁵¹.

No caso da internet, para o processo avançar sem que existam rupturas para a contestação (e indiquemos a própria existência da governança da rede no Brasil é para maioria da população desconhecida), ela ocorre dentro de um Comitê restrito, que funciona em uma lógica de Conselho, sem abertura para participação popular, sendo exclusivo para os representantes do Estado e dos exploradores do campo – corroborando novamente com a mudança do lugar da política, das grandes decisões para uma democracia formal, mas acionária. Em 1995, é criado o já citado Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), “*para coordenar e integrar todas as iniciativas de serviços Internet no país, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a disseminação dos serviços ofertados*”²⁵². O Comitê é composto por vinte e um membros, sendo nove representantes do governo federal. Tem uma reserva de quatro representantes do setor empresarial, divididos por: provedores de acesso e conteúdo; provedores de infraestrutura de telecomunicações; indústria de bens de informática, telecomunicações e software; segmento das empresas usuárias da internet. Além destes possui quatro representantes do “terceiro setor”, três representantes da comunidade científica e um “representante de notório saber em assuntos de Internet”. Segundo Demi Getschko, o representante “vitalício” em notório saber:

“Até 1994, tínhamos cerca de mil domínios registrados, apenas” [...] Os sinais claros de expansão da rede para toda a sociedade chamara à cena o CGI.br, criado em 1995 para assumir o controle do .br, da distribuição de números IP (Internet Protocol) e tomar as iniciativas necessárias para dar solidez à infraestrutura da rede no país. De 1995 a hoje, a Internet no Brasil deu um salto incalculável, e o .br contabiliza cerca de dois milhões de nomes de domínio, o que coloca o País entre os oito com maior número de domínios no mundo. A autossustentação do sistema de registro do .br é conseguida com a cobrança anual de R\$ 30,00 por domínio. Uma das mais baixas do mundo, mas que, mesmo assim, permite obter recursos para uma gama de outras atividades de interesse para a Internet no Brasil, hoje executadas pelo NIC.br. Berço do CGI.br Com a crescente popularização da Internet, em 1995 o Ministério das Comunicações (MC) e o MCT decidiram lançar um esforço comum de implantação de uma Internet integrada no País, abrangendo todo tipo de uso: comercial, público e governamental. Para coordenar e integrar as iniciativas de serviços Internet, foi criado o Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br²⁵³.

²⁵¹OLIVEIRA, F. de. *O ornitórrinco*. op .cit.

²⁵²CGI.BR. *Histórico*. Disponível em <http://www.cgi.br/sobre-cg/definicao.htm>, acessado em 30.10.10.

²⁵³Declaração de GETSCHKO. In. CGI.BR. “CGI.br: uma história de sucesso”. *CGI.br*. n.º. 3. op. cit.

Segundo Michéle da Silva, “visando a necessidade de coordenar e integrar todas as iniciativas de serviços de Internet no país, o Governo Fernando Henrique Cardoso, em 1995, através dos Ministérios da Comunicação e da Ciência e Tecnologia” criou o CGI.br, pela da Portaria Interministerial nº 147 de 31.05.95, que “passou a ser um aparato jurídico de regulação e de privatização da Internet no Brasil”²⁵⁴. Arthur Pereira Nunes, do Ministério da Ciência e da Tecnologia, afirma em seu caráter essencialmente democrático, pois “são poucas as atividades no Brasil que têm tal representação dos setores da sociedade civil”, testemunhando que “minha visão na época era de que, ao ter membros da sociedade, as decisões do CGI.br seriam tomadas em consonância com as reais necessidades das comunidades na Internet, dos pequenos e grandes usuários”²⁵⁵. Gadelha, atual Secretário de Política da Informática do Ministério da Ciência e Tecnologia, e um dos coordenadores do CGI.br, nos diz que:

Em 1995, quando o CGI.br foi criado, a Internet já estava num plano de explosão. Mas ainda fomos vencendo algumas batalhas até acabar com o monopólio das telecomunicações no Brasil – que era visto sob um conceito de soberania do País, em 1997. É natural que as novas tecnologias gerem muitas incertezas, mas muita gente contribuiu para que as coisas acontecessem e para que dessem certo. Foi uma revolução muito grande. Em menos de 30 anos, vimos toda a sociedade ficar em torno desse meio de comunicação mundial que é a Internet. A rede mundial de computadores modificou e teve impactos em todos os setores: na educação, no comércio, nos bancos. E o CGI.br é uma iniciativa muito bem-sucedida, porque apostou na explosão da Internet²⁵⁶.

O Comitê, dentro dos termos discutidos sobre o ICANN, declara-se como “modelo de governança na Internet pioneiro no que diz respeito à efetivação da participação da sociedade nas decisões envolvendo a implantação, administração e uso da rede”, supostamente tendo como base, “princípios de multilateralidade, transparência e democracia”, já que “desde julho de 2004 o CGI.br elege democraticamente seus representantes da sociedade civil para participar das deliberações e debater prioridades para a internet, junto com o governo”²⁵⁷. Sua estrutura, que explicita a contradição acerca desta suposta democracia no Comitê, dispõe-se da seguinte maneira:

²⁵⁴SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. op. cit. p. 203.

²⁵⁵CGI.BR. “CGI.br: Uma história de sucesso”. *CGI.br*. nº. 3. op. cit.

²⁵⁶Idem.

²⁵⁷CGI.BR. *Histórico*. Disponível em <http://www.cgi.br/sobre-cg/definicao.htm>, acessado em 30.10.10.

FIGURA 2: Hierarquia do CGI.br:



FONTE: NIC.BR/CGI.BR. TIC domicílios e TIC empresas 2007. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil: a evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em <http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf>, acessado em 12.11.10.

Através desta aparência técnica dada ao CGI.br, um de seus objetivos primeiros é servir de suporte (em termos amplos, de participação ativa) para um projeto determinado de sociedade, já que “na prática, a tarefa do regulador foi sempre a de normatizar o que já existia no mercado, com regras esparsas e bastante específicas”²⁵⁸, e traz as prerrogativas econômicas como *paradigma* para normatizar determinada mídia, dentro de uma lógica determinista tecnológica, para justificar a própria necessidade deste projeto de sociedade:

A sociedade deve acompanhar e apoiar as atividades do Comitê, de forma que o número de relações no ambiente virtual cresça e, sobretudo, se fortaleça fazendo com que os investimentos no Brasil possam trazer desenvolvimento e uma melhor qualidade de vida aos cidadãos. *Esses valores administrados pelo Comitê devem pautar-se em princípios de uma economia onde prevaleça a livre iniciativa e a concorrência leal e sadia.* Os provedores têm no Comitê as diretrizes para que, através de campanhas conjuntas, *propiciem a*

²⁵⁸ VELOSO, E. M. *Legislação sobre internet no Brasil*. Consultoria Legislativa da Câmara de Deputados, 05.09. Disponível em http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/fiquePorDentro/temas/regulacao_da_internet/2009-6863%20Estudo%20Internet.pdf, acessado em 12.12.10.

*conscientização da população e usuários com vistas à mudança cultural, compatibilizando os grandes investimentos em marketing na Internet com ações de cunho social e informativo*²⁵⁹.

Os seus maiores projetos se verificam em torno da questão da segurança, seja para garantir a navegação segura em termos de crimes cibernéticos (roubo, fraude, invasão de privacidade, etc.) e a quebra de direitos autorais. Ele conta com dois grupos de trabalho permanentes: o GT de Segurança de Redes (GTS), criado em 1996, e que “até abril de 2002, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Vazquez, da IQM/Unicamp, o GTS possuía dois sub-grupos”, o primeiro de “backbones, coordenado por Ricardo Maceira (Embratel), cujo principal objetivo era discutir a questão da segurança nas redes ligadas à Internet sob a ótica das redes provedoras de backbone”, e o segundo de provedores “coordenado por Nelson Murilo (Pangeia) e Rubens Kuhl Jr. (UOL), cujo foco era os aspectos de segurança relacionados com as empresas provedoras de acesso à Internet”²⁶⁰. Hoje em dia ele é coordenado por Adriano Mauro Cansian, da UNESP (Universidade Estadual Paulista). E o GTER, GT de Engenharia e Operação de Redes, responsável por três pontos básicos: O primeiro sendo o “planejamento da evolução de infra-estrutura e de serviços Internet no Brasil através de estudos, recomendações e de propostas de padrões comuns para protocolos e serviços”; o segundo “a concepção e operação de procedimentos administrativos para a alocação de endereços IP e registro de domínios para qualquer instituição solicitante no país”; e por fim, “a implantação e operação de Pontos de Troca de Tráfego (PTTs) no Brasil”²⁶¹.

Como pode ser observados nos anexos 1 e 2 desta dissertação, o grupo responsável pela regulação e estabelecimento de normas e diretrizes estatais para o uso da rede, se faz mais um espaço de embates e construção do consenso entre os exploradores do setor, incrustado na ossatura material do Estado. “O conjunto das operações do Estado se reorganiza atualmente em relação a seu papel econômico. Isso vale, além das medidas ideológico-repressivas do Estado”, voltadas “para sua ação na normalização disciplinar, a estruturação do espaço e do tempo, o estabelecimento de novos processos de individualização e corporalidade capitalistas, para a elaboração de discursos estratégicos, para a produção da ciência”. Então, “se o processo de acumulação do capital pauta doravante diretamente a

²⁵⁹RIPAMONTE, N. *Os riscos do grande avanço na democratização da internet*. Disponível em [http://www.cbeji.com.br/br/downloads/secao/O%20Comitê%20Gestor%20da%20Internet%20do%20Brasil%2001_07_04\[1\].doc](http://www.cbeji.com.br/br/downloads/secao/O%20Comitê%20Gestor%20da%20Internet%20do%20Brasil%2001_07_04[1].doc), acessado em 10.10.10. Grifos nossos.

²⁶⁰CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTS*. Disponível em <http://www.nic.br/grupo/gts.htm>, acessado em 13.12.10.

²⁶¹CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTER*. Disponível em <http://www.nic.br/grupo/gter.htm>, acessado em 20.12.10.

ação do Estado, ele só se traduz em seu seio quando articulado e inserido na sua política de conjunto. Toda medida econômica do Estado tem portanto um conteúdo político”, tanto em um “*sentido geral de uma contribuição para a acumulação do capital e para a exploração*” quanto “*no sentido de uma necessária adaptação à estratégia política da fração hegemônica*”. Assim, “*não apenas as funções político-ideológicas do Estado são doravante subordinadas a seu papel econômico, como também as funções econômicas estão doravante diretamente encarregadas da reprodução da ideologia dominante*”²⁶². É o Estado dando forma para a exploração em um novo setor do capital, potencializando a expansão da fração de classe em sua gerência como parte de um processo mais amplo, nacional e naturalizado como consequência lógica, racional, de novas tecnologias, as atrelando com as mudanças no mundo do trabalho e dando ao processo uma aparência de igualdade, de democratização, na busca pela universalização do conhecimento.

Dentre os diversos setores já afetados pela tecnologia, ou “reestruturados”, citaremos somente dois exemplos já consolidados: Primeiro, a disseminação indiscriminada do Ensino à Distância (EAD) no Brasil nos últimos anos, que amplia as vagas para o ensino superior brasileiro diminuindo drasticamente a qualidade da formação dos profissionais. Como se posiciona o ANDES-SN, Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior: “*a centralidade da educação a distância - EAD nas políticas do MEC [Ministério da Educação] é cada vez mais evidente. Aos poucos, está sendo configurado um quadro que terá trágicas consequências para a educação brasileira, caso não seja revertido de modo radical*” e a proposta do “*MEC da Universidade Aberta do Brasil, uma instituição de direito privado e não-gratuita, a minuta de decreto que regulamenta o art. 80 da LDB e o disposto na última versão do anteprojeto de lei que dispõe sobre a educação superior*” que visam antecipar os “*termos da OMC reclamados pelos EUA, Inglaterra e Austrália mesmo sem a efetivação desse Tratado de Livre Comércio (TLC) no escopo do Acordo Geral de Comércio de Serviços (AGCS)*”. Aplicando estas medidas “*o Brasil abre seu mercado ao comércio transfronteiriço de educação sem contar nem mesmo com as contrapartidas usuais nos Tratados de Livre Comércio*”, ou seja, “*é uma abertura unilateral aos cyber-rentistas que estão ávidos pelo acesso ao expressivo mercado educacional brasileiro que, somente na educação superior, já movimenta cerca de R\$ 18 bilhões/ano*”²⁶³.

O segundo refere-se ao sistema bancário, onde a rede já é “*o principal canal de*

²⁶²POULANTZAS, N. *O Estado, o poder, o socialismo*. op. cit. p. 170-171.

²⁶³ANDES-SN. *Educação à distância, abertura do mercado educacional ao capital estrangeiro e ampliação espúria da educação superior*: Uma crítica à política de EAD do governo Lula da Silva. Disponível em <http://www.andes.org.br/imprensa/Uploads/Circ290-05.zip>, acessado em 13.11.10.

relacionamento entre bancos e clientes”. Em estudo encomendado pela Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), “os caixas eletrônicos são o principal meio para a realização de transações bancárias, com mais de um terço das 47 bilhões de operações realizadas em 2009”, e o uso da rede, através do “Internet Banking vem em seguida, com 20% das operações e aumento de 17,7% na comparação com 2008, puxado, sobretudo, pelo crescimento do número de contas de Internet Banking, no período, de 8%”, sendo que no total em 2009, “o País possuía 35 milhões de contas de Internet Banking e 134 milhões de contas correntes”²⁶⁴.

A informática, de um modo geral, não é objeto de uso cotidiano de toda a população, seu acesso passa por clivagens classistas, tornando o computador pessoal objeto de fetiche, de desejo²⁶⁵. Um estudo particular, da Razorfish, traz indicativos desta leitura, mesmo que utilizando parâmetros de análise social típicos do Banco Mundial: “Dos 28 milhões de lares brasileiros que possuem computadores, 63% são da classe C, enquanto 23% pertencem às classes A e B e 14% à classe D. O número de desktops presentes nos lares dessa faixa da população cresceu 15% entre 2006 e 2009”, o que aumenta em muito as possibilidades de acesso informativo destas famílias, e que supostamente diminuiria, por assim dizer, o poder da televisão. O que é reafirmado quando analisada a quarta *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2008* do CGI.br:

As áreas urbanas de menor poder aquisitivo e a área rural no Brasil representam uma considerável camada social que fica à margem do fenômeno da sociedade da informação e da expansão da infra-estrutura das digitais. De acordo com pesquisas do CGI.br, a comparação entre os domicílios nas áreas urbana e rural evidencia uma expressiva diferença na penetração dessas tecnologias: enquanto 28% dos domicílios nas áreas urbanas possuem computador, nas áreas rurais a penetração dessa tecnologia é de apenas 8%. Com relação ao acesso à Internet, enquanto nas áreas urbanas a penetração do acesso chega a 20% dos domicílios, nas áreas rurais esse percentual cai para apenas 4%. Mesmo se considerarmos somente as áreas urbanas, as variáveis socioeconômicas também revelam as dimensões das desigualdades existentes no país. Nos domicílios urbanos pertencentes às classes D e E, o acesso à Internet é praticamente inexistente (1%), enquanto nos domicílios de classe A o acesso é praticamente universal (93%). Esse quadro é ainda agravado pelo fato de a classe A representar apenas 1% da população urbana e as classes D e E representarem quase um terço dos indivíduos nessas áreas²⁶⁶.

Não há universalização de acesso à internet para as classes subalternas, a não ser pelas

²⁶⁴CGI.BR. “Sem sair de casa”. *CGI.br*. n.º 3. op. cit.

²⁶⁵Verificar as tabelas nos anexos 3 até 9 desta dissertação para mais informações.

²⁶⁶BARBOSA, A. F.; CAPPI, J.; GATTO, R. *Os caminhos para o avanço do governo eletrônico no Brasil*. Disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo63.htm>, acessado em 04.04.11.

novas exigências sobre a classe trabalhadora urbana no contexto da reestruturação produtiva do capital, que para utilização privada conta com 1% de acesso. O campesinato e a população do interior do país são colocados à margem do processo de difusão às novas tecnologias. A única classe que é capaz de abarcar completamente as novas tecnologias, suas linguagens e possibilidades é a de maior renda, com 93% de acesso, embora estes dados ainda não nos permitam mensurar as diferenças geracionais.

Em relação ao acesso móvel da rede, “a classe C está usando as tecnologias digitais e móveis para fazer mais do que socializar e se comunicar e, sim, para acessar novas oportunidades educacionais e empresariais. As mídias sociais são as mais acessadas”, representando então cerca de “21% do tempo gasto online por meio dos celulares, seguidas por músicas (19%), esportes (17%), jogos online (15%), vídeos online (12%) e entretenimento (9%)”, enquanto o “acesso a páginas pessoais, chats, compras online e internet banking ficam em 4% cada um do total de uso da internet via dispositivos móveis”²⁶⁷. Mas, mesmo que o tempo e o acesso tenham aumentado, a diferenciação crucial explicita-se em relação ao consumo. Segundo levantamento do Ibope, com 2,5 mil pessoas, “a maioria dos consumidores brasileiros que realizam compras na web pertencem às classes A e B e gastam, em média, R\$ 118 por mês”, sendo que sozinhas “as classes A e B respondem por 61 por cento das compras realizadas na internet, seguidas pela classe C, com 35 por cento, e D e E que, juntas, somam apenas 4 por cento”²⁶⁸. Com isto, entendemos que as classes subalternas podem ter agora determinado acesso ao *hardware* e à rede, assinalando o aumento vertiginoso da oferta de crédito durante as duas gestões de Luiz Inácio da Silva (“Há oito anos, o crédito disponibilizado em todo o país era de apenas R\$ 380 bilhões. Hoje, o Brasil tem mais de R\$ 1,6 trilhão circulando na economia em forma de empréstimo”²⁶⁹), mas que mesmo assim, a tecnologia não é parte da vida diária da maioria dos trabalhadores – lembrando que o Brasil é o décimo país com a pior distribuição de renda do planeta. Segundo Mora:

Para competir numa economia globalizada, os capitalistas buscam desenvolver máquinas cada vez mais modernas, de alta tecnologia, tarefa reservada aos

²⁶⁷KNEBEL, P. “Estudo ressalta a nova classe média digital no país”. *Jornal do Comércio*, 01.11.2010. Disponível em <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=45175>, acessado em 05.01.11.

²⁶⁸AGÊNCIA REUTERS. *Classes A e B lideram e-commerce brasileiro*. 08.12.10. Disponível em <http://info.abril.com.br/noticias/mercado/classes-a-e-b-lideram-e-commerce-brasileiro-08122010-28.shl>, acessado em 05.01.11.

²⁶⁹GANTOIS, G. *Aumento do crédito e do consumo são heranças de Lula*. Governo aproveitou os anos dourados da economia mundial, mas deixa inflação em risco. 31.12.2010. Disponível em <http://noticias.r7.com/economia/noticias/aumento-do-credito-e-do-consumo-sao-herancas-de-lula-20101231.html>, acessado em 13.03.11.

países centrais. Para a maioria da força de trabalho dos países periféricos, entre os quais o Brasil, está reservada a simples operação das tais máquinas, portanto o trabalho simples. Sob relações de produção capitalistas, o desenvolvimento de máquinas de alta tecnologia e de novas formas de organização do trabalho, o que ocorre é uma desqualificação da maioria dos trabalhadores, e a substituição do antigo trabalhador qualificado por um novo perfil de trabalhador qualificado, apenas com uma instrução básica, que vai no sentido oposto da qualificação mais geral, ou seja, da qualificação para a realização de tarefas mais complexas. Portanto, uma qualificação profissional cujo objetivo é apenas operar máquinas que desenvolvem, elas sim, tarefas complexas²⁷⁰.

O uso pleno da tecnologia, e em um sentido mais amplo da ciência em geral, é negado para as classes subalternas, “a afirmação do fim da sociedade do trabalho é a justificativa da apresentação da ciência e da tecnologia como possibilidade superior de resolução das contradições sociais”, a transformando em “racionalidade sempre crescente e independente do confronto entre classes, projetos e concepções de mundo”²⁷¹. Somente pela luta da ampliação do acesso às formas de gestão e normatização da tecnologia pelas classes subalternas e pelos movimentos sociais podemos trazer estas novas questões para o debate público, assinalando especificamente o caráter de classe da ciência e da tecnologia no capital-imperialismo. Um primeiro passo importante coloca-se na abertura do CGI.br, ou seja, seu fim como Comitê exclusivo do Estado e das empresas exploradoras do setor, o que é justificado por um cientificismo tecnocrático, antidemocrático e antipopular. É crucial que se discuta a falsa percepção de que a tecnologia é neutra, ou que a internet se faz espaço público. Trata-se de um espaço de embates e organização, mas cuja utilização consequente pelas classes subalternas tem de estar submetida a análise concreta das relações de forças que a compõem.

²⁷⁰MORA, E. A. “Tensões na formação profissional da CUT e na disputa dos fundos públicos”. *Outubro* n° 6. op. cit.

²⁷¹DIAS, E. F. “Reestruturação produtiva’: forma atual da luta de classes”. *Outubro*. n°. 1. op. cit.

PARTE 2

4. INTELECTUAIS E O MSM:

Neste trecho da dissertação iremos abordar o papel dos intelectuais na sociedade de classes e situar a trajetória pública de alguns intelectuais do MSM, focando Olavo de Carvalho que figura efetivamente como o intelectual a frente do empreendimento. Buscamos situá-los em sua trajetória de vida, atentando para a constituição das relações sociais que os levarão à militância no MSM, na defesa conjunta desta visão de mundo.

Antes de podermos compreender plenamente o papel que o marxismo atribui aos intelectuais nas sociedades capitalistas avançadas (chamadas sociedades ocidentais em contraposição às sociedades orientais²⁷², o que não presume sua localização geográfica²⁷³), é necessário abordar introdutoriamente a questão do Estado e da hegemonia segundo Antonio Gramsci. Estes conceitos foram analisados por ele em uma situação onde se fazia urgente a revisão e autocrítica da atuação dos Partidos Comunistas na Europa ocidental – ele escreve dentro de uma cadeia fascista, tendo sido observador e partícipe do processo de derrota da classe trabalhadora no período. As estratégias desenvolvidas naquele momento, sob o signo da Terceira Internacional Comunista em processo de consolidação do stalinismo, eram marcadas pelo economicismo, pelo mecanicismo, pela cristalização do materialismo histórico dialético em doutrina determinista²⁷⁴. Christine Buci-Glucksmann recupera a urgência da autocrítica revolucionária, e como o autor irá avançar teoricamente tendo como base a análise das relações de força do período:

Em 1920, na crise imediata do pós-guerra, que, de resto, provocou um desenvolvimento da burocracia estatal, de um “empreguismo dos pequenos-burgueses”, agora desclassificados, Gramsci pensa que a situação revolucionária é capaz de “*abalar toda a superestrutura do capitalismo*”. Mas após a vitória e depois a consolidação do fascismo, “a artilharia pesada do aparelho de Estado” finalmente triunfou sobre sua “*ficção jurídica*”. A despeito de uma crise formidável, as superestruturas resistiram, reestruturando-se. Não cabe então *retomar* toda a análise do funcionamento infra-estrutura/superestrutura próprio do Ocidente, dos países capitalistas desenvolvidos? [...] A estratificação complexa das relações Estado/sociedade, própria do capitalismo desenvolvido, não exige uma outra estratégia diferente da de outubro de 1917, estratégia que Gramsci pensava ser válida para a Itália

²⁷²Nas sociedades ocidentais “*a sociedade civil era largamente atomizada e a aparelhagem coercitiva estatal se apresentava como sujeito político coletivo fundamental na legitimação social da dominação burguesa*”. NEVES, L. M. W.; SANT’ANNA, R. “Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia”. In: NEVES, L. M. W. *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo: Xamã, 2005. p. 22.

²⁷³As “*noções de 'Oriente' e 'Ocidente' que não deixam de ser 'objetivamente reais', ainda que, quando analisadas, demonstram ser nada mais que uma 'construção' convencional, isto é, 'histórico-cultural'*”. GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 137.

²⁷⁴Sobre este processo ver FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 309-318.

de 1920? A todas essas questões, Gramsci responderá através de uma *ampliação do conceito de Estado*²⁷⁵.

Através da comparação estratégica entre o sucesso da revolução na Rússia em 1917 com o fracasso dos levantes do proletariado na Alemanha em 1919²⁷⁶, cuja revolução era esperada desde Marx e Engels, levaram-no a buscar na ampliação, na complexificação, do Estado a principal diferença entre os dois processos. “*Nos países capitalistas desenvolvidos, a classe dominante possui reservas políticas e organizativas que ela não possuía na Rússia, por exemplo. Isso significa que as crises econômicas não tem repercussões imediatas no campo político*”, incorrendo que “*a política está sempre atrasada em relação ao econômico. O aparelho de Estado é muito mais resistente que o que se imaginava, e ele consegue nos períodos de crise organizar muito mais fiéis ao regime que a crise permitiria suportar*”²⁷⁷.

Esta é uma das anotações mais fortes contra o determinismo economicista, que conjectura mecanicamente uma crise econômica como uma crise social, pois, desconsiderando a organicidade dialética entre a infraestrutura e a superestrutura, acaba por vezes presumindo uma crise econômica *necessariamente* como uma crise revolucionária. Reafirmando a leitura de Marx, de que as crises revelam as contradições insanáveis da estrutura social, não deixa de observar que “*forças políticas que atuam positivamente para conservar e defender a própria estrutura*”, recorrendo a diversos esforços “*para saná-las dentro de certos limites e superá-las*”²⁷⁸.

Trata-se de analisar o Estado em uma unidade complexa, o que o autor chamou de *integral*, e depois Buci-Glucksmann de *Estado ampliado*, sendo “*possível dizer, de que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção*”²⁷⁹. Este movimento ocorre como consequência da luta de classes, já que “*pôs-se um novo problema de hegemonia, isto é, a base histórica do Estado se deslocou. Tem-se uma forma extrema de sociedade política*”, motivada “*ou para lutar contra o novo e conservar o que oscila, fortalecendo-o coercivamente, ou como expressão do novo para esmagar as resistências que encontra ao desenvolver-se, etc.*”²⁸⁰. Deste modo é possível para Gramsci afirmar, que “*na política, o erro acontece por uma inexata compreensão do que é o Estado (no significado integral: ditadura + hegemonia); na guerra, tem-se um erro semelhante,*

²⁷⁵BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 67.

²⁷⁶Para maiores informações ver LOUREIRO, I. *A revolução alemã, 1918-1923*. São Paulo: UNESP, 2005.

²⁷⁷GRAMSCI, A. “La costruzione del partito comunista”. Turim: Eunadi, 1971. p. 121. *apud* BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: op. cit. p. 67.

²⁷⁸GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 37.

²⁷⁹Idem. p. 244.

²⁸⁰Ibidem. p. 262-263.

transportado ao campo inimigo (incompreensão não só do próprio Estado, mas também do Estado inimigo)”²⁸¹.

O Estado nas sociedades ocidentais não se faz e sustenta como uma única fortaleza, que assume como garantia de sua existência *somente* a coerção estatal, embora esta não possa ser minimizada²⁸², já que perpassa o processo, mas necessita ser entendido em suas ampliações, com a incorporação de reivindicações das classes subalternas, através do consenso ativo dos dominados. O estado torna-se *“todo o conjunto das atividades teóricas e práticas com as quais a classe dirigente justifica e mantém não somente a sua dominação, mas também consegue obter o consenso ativo dos dominados”²⁸³*. Em termos sintéticos: por Estado estrito (a sociedade política) compreende-se *“o aparelho governamental encarregado da administração direta e do exercício legal da coerção sobre aqueles que não consentem nem ativamente nem passivamente”²⁸⁴*. E por sociedade civil, o *“conjunto dos aparelhos privados de hegemonia – um dos terrenos da luta de classes em sociedades capitalistas modernas, sendo mesmo um dos espaços fundamentais da luta de classes em sociedades capitalistas”*, caracterizado por estarem *“sob Estados de direito, com mercados eleitorais e conquistas (e reivindicações) democratizantes”²⁸⁵*. E está muito além de qualquer identificação mecanicista com seu governo, o que Gramsci afirma ser uma confusão típica da fase corporativa-econômica.

O Estado não se faz passível de mudanças consequentes sem a ruptura revolucionária, já que nele se dão os espaços da construção do consenso entre os dominantes – os espaços de disputas intraclasses da burguesia, mediadores de suas disputas pelo bloco no poder – e o convencimento dos dominados, pois, *“se a ampliação do Estado significa a incorporação seletiva de reivindicações populares, diz respeito também à construção de barreiras cada vez mais fortalecidas contra as lutas dos subalternos”²⁸⁶*. Para além de uma concepção instrumentalista, este é compreendido como órgão de um grupo social que o utilizará para crescer o máximo possível, mas que *“este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de*

²⁸¹GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 257.

²⁸²ANDERSON, P. “As antinomias de Gramsci”. In. ANDERSON, P. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 46.

²⁸³GRAMSCI, A. “Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo Stato moderno”. Torino: Einaudi, 1966. p. 79. *apud* BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. op. cit. p. 129.

²⁸⁴BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008. p. 178.

²⁸⁵FONTES, V. “A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e lutas teóricas na década de 1980” In LIMA, J. C.; NEVES, L. M. W. *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006. p. 201.

²⁸⁶FONTES, V. M. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 231.

*todas as energias 'nacionais'". O Estado é concebido como uma sucessão de equilíbrios instáveis entre classes e frações, onde "os interesses do grupo dominante prevalecem, mas até determinado ponto, ou seja, não até o estreito interesse econômico-corporativo"*²⁸⁷.

Esta leitura implica mudanças estratégicas profundas, já que para Gramsci, a hegemonia vem para superar nas sociedades ocidentais o conceito de revolução permanente²⁸⁸, e a guerra de movimento é excedida pela guerra de posição²⁸⁹. Gramsci discute a hegemonia historicamente, pautando-se no processo de entrada do fordismo-taylorismo (ou americanismo) na Europa. Este buscou "*desenvolver em seu grau máximo, no trabalhador, os comportamentos maquinais e automáticos, quebrar a velha conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado*"²⁹⁰, objetivo em grande medida atingido:

Na América, a racionalização do trabalho e o proibicionismo estão indubitavelmente ligados: as investigações dos industriais sobre a vida íntima dos operários, os serviços de inspeção criados por algumas empresas para controlar a "moralidade" dos operários são necessidades do novo método de trabalho. Quem ironizasse estas iniciativas (mesmo fracassadas) e visse nelas apenas uma manifestação hipócrita de "puritanismo" estaria se negando qualquer possibilidade de compreender a importância, o significado e o alcance objetivo do fenômeno americano, que é também o maior esforço coletivo até agora realizado para criar, com rapidez inaudita e com uma consciência do objetivo jamais vista na história, um tipo novo de trabalhador e de homem²⁹¹.

Assim, "*a hegemonia nasce da fábrica e necessita apenas, para ser exercida, de uma quantidade mínima [no sentido de racional, do número necessário] de intermediários profissionais da política e da ideologia*". Estes profissionais citados são característicos de uma "*sociedade 'racionalizada', na qual a 'estrutura' domina mais imediatamente as superestruturas*"²⁹², e que tem como função, através da "*estrutura maciça das democracias modernas, seja como organizações estatais, seja como conjunto de associações na vida civil*", organizar o consenso. Isto porquê "*um Estado vence uma guerra quando se prepara de modo minucioso e técnico no tempo de paz*"²⁹³, atuando como força "civilizadora", pedagógica:

Se todo Estado tende a criar e a manter um certo tipo de civilização e de cidadão (e, portanto, de convivência e de relações individuais), tende a fazer desaparecer certos costumes e atitudes e a difundir outros, o direito será o

²⁸⁷GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. 41-42.

²⁸⁸Idem. p. 24.

²⁸⁹VACCA, G. *Guerra de posição e guerra de movimento*. Disponível em <http://www.franca.unesp.br/GUERRA%20DE%20MOVIMENTO.pdf>, acessado em 06.01.12.

²⁹⁰GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 266.

²⁹¹Idem. p. 266.

²⁹²Ibidem. p. 247-248.

²⁹³GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 24.

instrumento para esta finalidade (ao lado da escola e de outras instituições e atividades) e deve ser elaborado para ficar conforme a tal finalidade, ser maximamente eficaz e produtor de resultados positivos [...] o Estado deve ser concebido como “educador” na medida que tende precisamente a criar um novo tipo ou nível de civilização. Dado que se opera essencialmente sobre as forças econômicas, que se reorganiza e se desenvolve o aparelho de produção econômica, que se inova a estrutura, não se deve concluir que os fatos da superestrutura devam ser abandonados a si mesmos [...] O Estado, também neste campo, é um instrumento de “racionalização”, de aceleração e de taylorização; atua segundo um plano, pressiona, incita, solicita e “pune”²⁹⁴.

Esta difusão e aceitação ativa de uma visão de mundo, que não é sua, pelas classes subalternas (que “*estando historicamente na defensiva, não podem adquirir consciência de si a não ser por negações, através da consciência da personalidade e dos limites de classe do adversário*”²⁹⁵) é a chamada fase hegemônica, entendida de forma processual²⁹⁶. Quando busca historicamente o apogeu de determinado modo de ser, “*pode-se dizer que toda cultura tem o seu momento especulativo ou religioso, que coincide com o período de completa hegemonia do grupo social do qual é expressão*”, que “*talvez coincida precisamente com o momento no qual a hegemonia real se desagrega na base, molecularmente, mas o sistema de pensamento, justamente por isso (para reagir à desagregação), aperfeiçoa-se dogmaticamente, torna-se uma 'fé' transcendental*”²⁹⁷. Este momento não pode ser compreendido descolado da luta de classes, já que transpassa a sociedade política, o Estado, e a sociedade civil organizada, através dos aparelhos privados de hegemonia:

O fulcro do conceito gramsciano de sociedade civil – e dos aparelhos privados de hegemonia – remete para a organização e, portanto, para a produção coletiva, de visões de mundo, da consciência social, de formas de ser adequadas aos interesses do mundo burguês (a hegemonia) ou, ao contrário, capazes de opor-se resolutamente a este terreno dos interesses (corporativo), em direção a uma sociedade igualitária (“regulada”) na qual a eticidade prevaleceria, como o momento eticopolítico da contra-hegemonia)²⁹⁸.

Cada grupo social acaba por formar ao menos uma elite de intelectuais, que “*deve possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe*”, ou, levando em conta sua capacidade de exercer domínio econômico sobre as outras, toma a decisão de delegá-los, escolhendo “*'prepostos'*

²⁹⁴GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 28.

²⁹⁵Idem. p. 190.

²⁹⁶Ibidem. p. 41.

²⁹⁷GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 198-199.

²⁹⁸FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. op. cit. P. 133.

(empregados especializados) a quem confiar esta atividade organizativa das relações gerais exteriores à empresa”²⁹⁹. Em relação a função deste intelectual, Gramsci nos diz que “*todo grande político não pode deixar de ser também um grande administrador; todo grande estrategista, um grande tático; todo grande doutrinário, um grande organizador*”, objeto de clivagem interna, avaliação pela qual “*julga-se o teórico, o formulador de planos por suas qualidades de administrador, e administrar significa prever as ações e as operações necessárias para realizar o plano, inclusive as 'moleculares' (e mais complexas, é óbvio)*”³⁰⁰. Sua capacidade organizativa coloca-se a serviço do partido buscando formar:

Uma consciência coletiva, ou seja, um organismo vivo, só se forma depois que a multiplicidade se unifica através do atrito dos indivíduos: e não se pode dizer que o “silêncio” não seja multiplicidade. Uma orquestra que ensaia, cada instrumento por sua conta, dá a impressão da mais horrível cacofonia; *porém estes ensaios são a condição para que a orquestra viva como um só “instrumento”*³⁰¹.

Estes maestros, os intelectuais, têm sua importância no quadro geral das relações sociais afirmadas segundo uma distinção metodológica básica de Gramsci, que não valida qualquer “*critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais*”, mas o desenvolvendo pelo e através do materialismo histórico dialético, ou seja, “*no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais*”³⁰². Historicamente, toda classe, “*todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais*”, elementos ativos dotados de certas “*especializações' de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a classe deu à luz*”, aos quais cabe proporcionar “*homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político*”. E cita como exemplo o empresário, que “*cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc.*”. Estes intelectuais do novo “*grupo social 'essencial'*”, nascido das raízes de uma “*estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura*”, serão chamados de orgânicos, pois relacionados a um organismo social com a função de organizadores, dirigentes – uma relação indissociável da práxis.

Os intelectuais remanescentes do grupo dominante anterior, da ordem social anterior,

²⁹⁹GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 15-16.

³⁰⁰GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 285.

³⁰¹Idem. p. 333. Grifos nossos.

³⁰²GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 18.

os “*representantes de uma continuidade histórica*”³⁰³, serão entendidos pela categoria de intelectual tradicional. E estes, mesmo representando um grupo superado, não são completamente relegados, pois como já abordado, “*nenhuma forma social jamais confessará que foi superada*”³⁰⁴. Por esta posição anterior, costumam ocupar postos relevantes na organização das relações sociais, continuidade inevitável, “*que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas*”. Os intelectuais tradicionais, através das redes que compõem e da consciência de “*sua 'qualificação'*”, apresentam-se “*a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social dominante*” – eles não deixam de corresponder a sua função, mas alterando seu posicionamento, também alteram o quadro geral das relações de força, o que justifica socialmente esta categorização distinta – tendo “*consequências de grande importância no campo ideológico e político*”³⁰⁵. Gramsci compreende estas disputas, afirmando que “*uma das características mais marcantes de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista 'ideológica' dos intelectuais tradicionais*”, posição que pode ser alcançada quanto mais rápido e ágil “*o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos*”.

A conceituação gramsciana de intelectual afirma-se contra a concepção burguesa de intelectual, definida pelo preenchimento de certos parâmetros ideais para tal caracterização, pois para Gramsci, ao contrário, “*em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e mais degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora*”³⁰⁶, sendo que, quando referencia-se a distinção entre o trabalho manual e intelectual, “*faz-se referência, na realidade, somente à imediata função social da categoria social dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso*”, tornando impossível “*separar o homo faber do homo sapiens*”³⁰⁷. Isto o permite argumentar que é “*possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais*”, que “*as categorias especializadas para o exercício da função intelectual*” foram historicamente formadas “*em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem*

³⁰³GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 16.

³⁰⁴GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 37.

³⁰⁵GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 16-17.

³⁰⁶Idem. p. 18-19.

³⁰⁷Ibidem. p. 52-53.

elaborações mais amplas e mais complexas em ligação com o grupo social dominante”³⁰⁸.

Concluindo que, socialmente:

A relação entre intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, mas é “mediatizada”, em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os “funcionários”. Seria possível medir a “organicidade” dos diversos estratos intelectuais, sua conexão mais ou menos estreita com um grupo social fundamental, fixando uma gradação das funções e das superestruturas de baixo para cima (da base estrutural para o alto) [...] Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. Os intelectuais são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político³⁰⁹.

É preciso enfatizar esta questão, pois a relação dos intelectuais com a organização social não ocorre dissociada das classes sociais, alheia de sua posição de classe no modo de produção, sendo “*mediatizada*’, em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os ‘funcionários’”. Muitos autores utilizam a passagem acima para cindir a sociedade civil e política do mercado, do terreno da produção e distribuição. Isto tornaria o Estado, e seus funcionários alheios à estrutura, os tomando somente como responsáveis pela gestão das formas de exploração, reduzindo as relações sociais em uma base mecanizante, automática – para não dizer idealista. “*A elaboração das camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas segundo processos históricos tradicionais muito concretos*”, o que possui consequências diretas sobre sua relação com as classes sociais fundamentais. Os intelectuais não se consistem em casta, sendo que se sua diferenciação refere-se pela clivagem classista, nas sociedades ocidentais eles cumprem uma série de especializações, “*a própria função organizativa da hegemonia social e do domínio estatal dá lugar a uma certa divisão do trabalho e, portanto, a toda uma gradação de qualificações*”³¹⁰. No exercício da dominação nem todos os intelectuais tem o mesmo peso, estando em constante batalha para sua afirmação como os agentes competentes para a gestão (ou “representação”) dos interesses das classes. A função histórica dos partidos está entrelaçada com a capacidade dirigente de seus intelectuais:

O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que cada um possui em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o

³⁰⁸GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 18-19.

³⁰⁹Idem. p. 20-21.

³¹⁰Ibidem. p. 20-21.

esforço muscular-nervoso no sentido de um novo equilíbrio e fazendo com que o próprio esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova perpetuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção de mundo [...] O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”, já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-ciência e à concepção humanista retórica, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente” (especialista + político)³¹¹.

Como visto, estas questões ultrapassam este trecho, perpassando nossa dissertação. Aqui iremos buscar estabelecer paralelos entre a formação dos intelectuais do MSM, que em sua sequente ação política, constituiriam seu Estado Maior, os responsáveis maiores por afirmarem proposições que os demais escritores/militantes assumem como pressupostos para sua atuação política. Mas indiquemos, mesmo com o MSM afirmando certa autonomia (no sentido de não depender inteiramente da atuação de um único indivíduo), não prescinde de seu fundador e maior organizador, Olavo de Carvalho – em palavras claras, sem a participação deste provavelmente esta forma atual seria bem distinta. Iremos indagar sobre a trajetória pública deste, buscando entender sua origem social, formação intelectual e experiência profissional, sua vivência em aparelhos privados de hegemonia, e também a reinterpretção do seu passado, crucial já que parte desta leitura para constituir uma base de coerência para atuação política no presente.

4.1. Olavo de Carvalho:

Nosso intento aqui é traçar a trajetória pública de Olavo de Carvalho, não nos propondo investigar sua biografia, gênero que nos levaria a considerar como recorte temporal desta pesquisa o da vida do biografado, e exigiria, através de sua experiência privada buscar traçar paralelos com a constituição de suas posições políticas e ideológicas³¹². O que buscamos, através de linhas gerais de sua vivência, é atentar para alguns indícios sociais, que nos permitirão visualizar as etapas de sua formação, o “desenvolvimento necessário” para a atuação política posterior, atrelada ao MSM. Segundo Bourdieu:

Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial

³¹¹GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 53.

³¹²Para mais detalhes sobre esta discussão ver: OLIVEIRA, F. R. de. *Trajetórias intelectuais no exílio*: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2010. p. 21-27.

da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais das investigações oficiais – cujo limite é a investigação judiciária ou policial –, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da *confidência* que prevalece nesses mercados protegidos [...] o objeto desse discurso é a apresentação *pública* e, logo, a oficialização de uma representação *privada* de sua própria vida, pública ou privada, implica um aumento de coações e de censuras específicas (das quais as sanções jurídicas contra as usurpações de identidade ou o porte ilegal de condecorações representam o limite)³¹³.

Basearemos este trecho da pesquisa em relatos autobiográficos, sendo que assim, temos de indicar para nosso leitor que a veracidade destes fatos escapa da nossa alçada (dada à centralidade de nosso objeto, o MSM, não pudemos recorrer a uma investigação detalhada destes personagens, buscando outros documentos que avalizariam ou não seus relatos), exatamente por sofrer, como na citação anterior, as censuras específicas típicas de uma apresentação pública. Isto implica que estamos conscientemente reproduzindo imagens atribuídas por estes à suas vivências, releitura que podemos, segundo Bourdieu, compreender como sendo *uma leitura ideológica de sua própria vida*: a criação “artificial” de sentido para sua vida, “*seleccionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência como fins*”³¹⁴. Não nos sentimos embaraçados diante deste procedimento, pois não produzimos nenhuma pergunta específica para investigar o passado dos intelectuais do MSM, buscando estritamente sublinhar em sua vivência sua origem e trajetória social (o que também implica que não poderemos abrir crítica explícita, a não ser buscando apresentar incoerências existentes em relatos destes).

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho nasceu em Campinas (São Paulo), no dia 29 de abril de 1947. Atualmente casado, pela terceira vez, com Roxane Andrade de Souza³¹⁵, é pai de oito filhos: Heloísa, Luiz, Tales, Davi, Maria Inês, Percival, Leilah Maria e Pedro³¹⁶. Foi o segundo filho do Luiz Gonzaga de Carvalho, que exercia como profissão a advocacia³¹⁷, enquanto sua mãe, Nicéa Pimentel de Carvalho, é apontada como tendo sido operária na

³¹³BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 188-189.

³¹⁴Idem. p. 184-185.

³¹⁵BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/acidental.htm>, acessado em 13.11.11.

³¹⁶CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997. p. 86.

³¹⁷ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. *Curriculum Vitæ*, 2005. op. cit.

indústria gráfica³¹⁸. Sua primeira infância é marcada pela doença, uma infecção pulmonar³¹⁹, que, presumimos pela sua medicação (penicilina), desenvolveu-se em um tipo grave de artrite³²⁰. Passou sete anos acamado, período marcado pela vida familiar, “*a limitação e o tédio da vida doméstica, ora o aconchego dos braços de minha mãe e a inesgotável riqueza do mundo pequeno: eu tinha dezenas de miniaturas - soldados, bichos, carros*”³²¹ e principalmente pelo alegado desconhecimento do mundo exterior, que viria a “desapontá-lo”:

Depois, quando repentinamente tudo passou e saí para o mundo, ele era tão feio, tedioso e miserável que aí sim comecei a me sentir doente. A reserva de sonhos e imagens acumulada ao longo de anos de torpor físico revelou, então, sua utilidade. Com grande facilidade eu me isolava interiormente do cenário em torno, fugindo para um universo mais interessante, de minha própria invenção. Mas não era do tipo avoadado. Desenvolvi uma habilidade incrível de fazer uma coisa pensando em outra, de manter uma ligação mínima com o ambiente para que ninguém percebesse que eu não estava ali. Na escola, simulava atenção com um centésimo do cérebro, enquanto os noventa e nove por cento restantes ficavam pensando em coisas lindas [...] Cheguei a ter longas conversas com as pessoas mais chatas do universo, fingindo eficazmente um interesse que as lisonjeava, enquanto por dentro fantasiava as criações mais extraordinárias, enredos inteiros repletos de aventuras, cavaleiros, princesas, castelos e dragões³²².

Após sua cura, relembra seu estranhamento nos primeiros contatos com o mundo exterior, especialmente o colégio: “*Embutido no uniforme, eu me parecia exteriormente com os demais meninos, mas por dentro era um bebê, simplório como um passarinho, por total ignorância não só dos pecados como também de tudo o mais*”. Assinala a forte influência religiosa (revestida de um caráter místico) em sua educação, seja no colégio, onde indica que “*os professores leram-me trechos do Evangelho, que me comoviam até às lágrimas, mas daí, mediante uma lógica que me escapava, deduziam e me atribuíam a incumbência de confessar meus pecados*”³²³, seja especialmente no período enfermo:

As pessoas saudáveis vivem no mundo horizontal: quando mergulham na verticalidade, dormem e esquecem tudo. Não percebem que há ali outro espaço, tão real quanto o da agitação cotidiana: o universo do silêncio. O doente percebe claramente a passagem, a pulsação entre o oculto e o manifesto, o latente e o patente, o mistério e a claridade, bem como as rotações incessantes de sentido entre os seis pólos de uma cruz de três

³¹⁸CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo I*. op. cit. p. 86.

³¹⁹CARVALHO, O. de. “Um capítulo de memórias”. *Diário do Comércio*. 23.06.08. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/080623dc.html>, acessado em 27.02.12.

³²⁰CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000007.html>, acessado em 08.01.12.

³²¹CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000009.html>, acessado em 08.01.12.

³²²CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. op. cit.

³²³CARVALHO, O. de. “Um capítulo de memórias”. *Diário do Comércio*. 23.06.08. op. cit.

dimensões onde o homem está cravado no centro da esfera armilar do mundo. O signo da esfera armilar gravou-se em mim, sem nome, sem palavras, por fim sem imagens – pura latência interior–, antes mesmo que eu tivesse a menor consciência de qualquer ênfase religiosa que lhe estivesse associada. Reencontrei-o muitas vezes, mais tarde, nos ritos da Igreja, na arquitetura dos templos, na ordem interna das obras de arte, e em dois dos maiores livros escritos neste século: *O Simbolismo da Cruz*, de René Guénon, e *A Estrutura Absoluta*, de Raymond Abellio, que, uma vez lidos, se incorporaram definitivamente à minha concepção das coisas, como traduções verbais quase perfeitas de uma experiência primordial e arquetípica. Suponho que todos os homens tenham vivido essa experiência. Apenas, passando por ela demasiado rapidamente, não repararam nem na sua beleza, nem no seu alcance metafísico. Tão distraído e fútil é o ser humano, que somente a doença tem o poder de forçá-lo à contemplação. Mas nem toda doença serve: não pode ser breve e intensa como um desmaio, nem tão prolongada que leve ao entorpecimento da consciência. Só a doença consumptiva, que derruba sem adormecer, que enfraquece sem derrotar, produz aquela imobilidade paciente e serena em que a profundidade das coisas começa lentamente a revelar-se. Mais tarde, a sentença de Aristóteles – “A imobilidade gera a sabedoria” – retiniu em minha alma como uma verdade tão certa e tão alta, que nela reconheço a marca do sagrado³²⁴.

Adolescente, já morando em São Paulo, tinha como interesse escolar principalmente a biologia e o latim, “*por influência de dois ótimos professores*”. Aos dezessete anos, em 1965, começa a trabalhar no jornal *Notícias Populares*³²⁵, e no ano seguinte teria se filiado ao Partido Comunista Brasileiro, “*pertenci à ala marighelista do PCB, assisti de perto à preparação do que viria a ser o movimento guerrilheiro*”³²⁶, que viria a abandonar ao fim de 1968 por discordar da estratégia da luta armada. Este rompimento se deu de modo silencioso à época (aparentemente ele não chegara a formar-se quadro), mas marcante em sua biografia posterior: “*Eu, como todo brasileiro, primeiro tomei a posição e depois fui estudar o assunto. Quando estudei o assunto, descobri a cagada monumental que tinha feito*”³²⁷. Assinalemos que não faz sentido afirmar o abandono do PCB pela discordância sobre a passagem para luta armada, já que neste período os que abandonavam o partido o faziam para entrar na luta armada (a não ser que tenha abandonado o partido com os marighelistas antes da mudança estratégica e tenha omitido a informação)³²⁸.

Trabalhando cinco horas por dia no jornal, neste mesmo período Carvalho frequentou como ouvinte aulas de filosofia, de estudos literários e de religiões comparadas na Pontifícia

³²⁴CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. op. cit.

³²⁵BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

³²⁶CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 319.

³²⁷MATEVSKI, N. “Na base do doa a quem doer. Entrevista com Olavo de Carvalho”. *Gazeta do Povo*. 20.06.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista_gazeta.htm, acessado em 13.01.12.

³²⁸A única referência externa encontrada sobre a passagem de Olavo de Carvalho pelo PCB foi em uma entrevista de Barbara Abramo para a revista *Trip*. BRESSANE, R. “Senhora do destino”. *Trip*. n.º. 138. Disponível em <http://revistatpm.uol.com.br/49/vermelhas/home.htm>, acessado em 03.03.12.

Universidade Católica (PUC-SP) e na Universidade de São Paulo (USP), onde posteriormente afirmou sair decepcionado³²⁹. Ingressou no curso de Filosofia no Conjunto de Pesquisa Filosófica da PUC do Rio de Janeiro, que cursou durante três anos, não o concluiu pelo fechamento do curso após a morte de seu principal promotor, o Padre Stanislavs Ladusāns, filósofo estoniano residente no Brasil. Segundo Carvalho, não deu prosseguimento aos seus estudos porque “os outros cursos de Filosofia que eu conhecia neste país não me interessavam, pois eram demasiado ruins”³³⁰, mesmo tendo apresentado dois trabalhos de conclusão de curso durante o curso na PUC: *Estrutura e sentido da enciclopédia das ciências filosóficas de Mário Ferreira dos Santos* e *Leitura analítica da “crise da filosofia ocidental” de Vladimir Soloviev*. Estes “trabalhos de conclusão de curso” chamam atenção por terem sido supostamente apresentados antes da conclusão dos créditos habituais necessários para a possibilidade da defesa da pesquisa de conclusão, que geralmente obrigam a defesa no quarto ano do curso (matérias de pesquisa, tempo de orientação, matérias obrigatórias anteriores), dando a impressão de serem na realidade trabalhos relativos à disciplinas específicas.

Neste meio tempo ganha sua licença de jornalista, e já tendo constituído família, dedica-se ao trabalho em tempo integral. Passa pela *Folha da Manhã* como repórter, redator *copydesk*, setorista credenciado no Palácio do Governo (1967-1971); pela revista *Brasil-Israel* como crítico de filmes (1968); pelo *Cidade de Santos* como editor de notícias (1971-1972); pela revista *Atualidades Médicas* como editor de texto (1973-1974); pelo *Jornal da Tarde* do Estado de S. Paulo como editor assistente de notícias políticas (1973-1975); pelo *Jornal da Semana* como secretário de redação (1976-1977); e de 1977 até 2005 trabalhou como *freelance* em um sem número de revistas e jornais, como *Claudia*, *Nova*, *Contexto*, *Escola*, *Planeta*, *Sala de Aula*, *Escola*, *Bravo*, *República*, *Primeira Leitura*, etc.³³¹. Segundo Carvalho “na ditadura militar, com muitos amigos presos, torturados, mortos, percebi que o Brasil ia ladeira abaixo para as trevas. Achei que o melhor era me retirar e estudar para entender o que se passava. Isolei-me dos 20 aos 47 anos”³³². De acordo com seu *Curriculum Vitae*:

Desde muito jovem iniciou seus estudos de filosofia, psicologia e religiões comparadas. Não tendo encontrado, na época, cursos universitários de boa qualidade sobre os tópicos que eram de seu interesse – e tendo recebido o Registro de Jornalista Profissional por tempo de serviço, de acordo com a legislação que então entrou em vigor –, abdicou temporariamente dos estudos

³²⁹BERTOL, R. “Filósofo accidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

³³⁰CIDRAL, F. “Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Vidaqui*. 31.10.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/quee.htm>, acessado em 13.01.12.

³³¹CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/english/1Resume.pdf>, acessado em 14.01.12.

³³²BERTOL, R. “Filósofo accidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

universitários formais e buscou professores particulares e conselheiros qualificados que o orientassem³³³.

Entre estes professores, “*merecedores de sua mais profunda gratidão, por lhe haverem dado acesso a uma formação que jamais poderia adquirir numa universidade brasileira*”³³⁴, destaca:

- Juan Alfredo César Müller, psicólogo clínico diplomado pelo Instituto de Psicologia de Zurique e ex-aluno de Jung, L. Szondi e Marie-Louise von Franz; sob a orientação do Dr. Müller, estudou psicologia durante mais de dez anos; - Marcel van Cutsem, filólogo e erudito belga, residente em São Paulo, sob cuja orientação estudou línguas e literatura; - Lívio Vinardi, físico e esoterista argentino, sob cuja orientação estudou bioenergética, parapsicologia e assuntos afins. - Marco Pallis, religioso e erudito budista, residente em Londres, autor de *A Buddhist Spectrum, Peaks and Lamas* e *The Way and the Mountain*, livros clássicos na área das Religiões Comparadas. - José Khoury, erudito e filólogo libanês, de quem aprendeu princípios de língua árabe e história da civilização islâmica. - Martin Lings, diretor da Seção de Manuscritos Orientais do Museu Britânico, de quem recebeu orientação pessoal para o estudo de religiões comparadas³³⁵.

Passa a década de setenta sem nenhuma participação pública, “*a partir de 1975, concentrou seus esforços no estudo das Artes Liberais – as sete disciplinas básicas para a formação dos letrados na Europa Medieval (Lógica, Retórica e Gramática; Aritmética, Música, Geometria e Astrologia)*”³³⁶, e na década seguinte irá buscar afirmar seu nome como astrólogo. Segundo ele, seu primeiro contato com a astrologia fora “*uma casualidade. O Dr. Müller [Juan Alfredo César Müller] contratou-me na época em que eu trabalhava no Jornal da Tarde para redigir um curso de psicologia baseado em astrologia, já que era argentino e não dominava muito bem o português*”, sendo que “*depois destas aulas, um mundo sem limites se abriu para mim*”³³⁷. Lança cinco livros relativos ao tema nos anos 80, além de participar de uma série de revistas, traduções, organizações e apostilas. Segundo Carvalho:

Não existe possibilidade alguma de entendimento de qualquer civilização antiga sem o conhecimento da Astrologia. O modelo de visão do mundo baseado nos ciclos planetários e nas esferas esteve em vigor durante milênios e isto continua a estar, de certo modo, no “inconsciente” das pessoas. Apesar de algumas deficiências no modelo astrológico, foi ele quem estruturou a

³³³ ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

³³⁴ Idem.

³³⁵ Ibidem

³³⁶ Ibidem.

³³⁷ TÓTORA, R. “Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Porto do Céu*. 01.06.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm>, acessado em 10.01.12. Para maiores informações sobre Juan Alfredo César Müller ver CENTRAL NACIONAL DE ASTROLOGIA. *Juan Alfredo César Müller*. 27.01.10. Disponível em <http://cnaastrologia.org.br/site/blog/2010/01/27/juan-alfredo-cesar-muller/>, acessado em 10.01.11.

humanidade pelo menos a partir do império egípcio-babilônico, o que significa, no mínimo, cinco mil anos de história. A Astrologia é um elemento obrigatório, por isto quem não a estudou, não estudou nada, é um analfabeto, um estúpido³³⁸.

Ao fim da década começa a dedicar-se ativamente à filosofia que, do mesmo modo que a astrologia, aparece “*por contingência*”³³⁹ (na citação a seguir isto é revestido quase de um “destino manifesto” clarificado, que traria sua verdadeira função social como cidadão):

Até os 35 anos, eu não falava de assuntos filosóficos com ninguém a não ser comigo mesmo; vivia numa solidão intelectual quase completa. Então, comecei a dar conferências para um pequeno grupo de estudantes. Eu também escrevia, mas apenas resumos para os meus alunos, e teria continuado de bom grado a fazer o mesmo a vida inteira se as circunstâncias não me tivessem tirado de minha solidão para fazer de mim uma espécie de inspetor da saúde mental dos intelectuais brasileiros. Estou feliz por ter abandonado a modéstia da vida solitária unicamente para fazer algo de útil e objetivo, sem concessões às minhas vaidades de juventude, as quais já estavam mortas³⁴⁰.

Na tabela seguinte, sobre as apresentações públicas proferidas por Olavo de Carvalho, organizada por Roxane Carvalho e Érica Pinheiro, podemos observar seus desdobramentos posteriores mais claramente:

TABELA 3: Cursos, palestras e conferências de Olavo de Carvalho:

Título	Evento	Instituições promotoras	Local	Data
<i>Introdução ao estudo das medicinas tradicionais</i>	Seminário sobre sistemas culturais de saúde	Ministério da Previdência e Assistência Social e Secretaria de Estado da Saúde São Paulo	São Paulo	21.08.86
<i>Saúde e cultura</i>	Ciclo de debates medicina e cura	XVIII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina	Universidade Estadual de Campinas	26.07.87
<i>Introdução ao estudo das ciências tradicionais</i>	Não consta	Não consta	Instituto de Biociências da USP	25.05.81
<i>Felicidade e infortúnio</i>	Palestra no I Simpósio de casamento e divórcio	Sociedade Brasileira de Szondi	São Paulo	26.04.80
<i>Possibilidades e limites da pesquisa científica em astrologia</i>	Palestra no ciclo Cosmo: realidade e ficção	SESC (Serviço Social do Comércio)	São Paulo	16.10.89
<i>Introdução às artes liberais</i>	Cinco palestras proferidas	Escola Dante Alighieri	Salvador	11.88
<i>Ortega y Gasset</i>	Palestra	Associação Pallas Athena	São Paulo	13.06.84

³³⁸TÓTORA, R. “Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Porto do Céu*. 01.06.00. op. cit.

³³⁹ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

³⁴⁰NEDELUCU, D. “Entrevista com Olavo de Carvalho”. *Rádio Nacional*. Bucareste, 12.11.98 <http://www.olavodecarvalho.org/textos/nedelcu.htm>, acessado em 10.01.12..

Título	Evento	Instituições promotoras	Local	Data
<i>Introdução ao pensamento filosófico de Mário Ferreira dos Santos</i>	Palestra	União Brasileira de Escritores	São Paulo	07.05.89
<i>Simbolismo maçônico n'A Flauta Mágica de Mozart</i>	Conferência pronunciada no Teatro Municipal de São Paulo	Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo	São Paulo	08.09.83
<i>Ler e escrever: introdução ao Trivium</i>	Curso privado	Não consta	Não consta	06-12.84
<i>Introdução à vida intelectual</i>	Curso	Instituto Santo André	Rio de Janeiro	03.87-03.89
<i>O fim do ciclo nacionalista</i>	Palestra	Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos	Rio de Janeiro	04.92
<i>A violência como metáfora: o Silêncio dos Inocentes</i>	Palestra no ciclo Violência contra a infância, comemorativo da Semana da Criança de 1993	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo	São Paulo	1993
<i>História essencial da filosofia</i>	Curso em doze aulas	Casa de Cultura Laura Alvim	Rio de Janeiro	06-09 e 10-12.93
<i>Pensamento e atualidade de Aristóteles</i>	Curso em vinte aulas	Casa de Cultura Laura Alvim	Rio de Janeiro	03-06.94
<i>Análise simbólica do filme Coração Satânico</i>	Conferência no ciclo Leituras e linguagens	Universidade Estadual do Norte Fluminense	Campos	04.04.95
<i>Aristóteles em nova perspectiva</i>	Curso em doze aulas	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Salvador	Salvador	8-19.05.95
<i>Filosofia e ensino da filosofia no Brasil</i>	Conferência no Encontro estadual de estudantes de filosofia	Universidade Católica de Salvador	Salvador	10.06.95
<i>A estrutura do Organon e a unidade das ciências do discurso em Aristóteles</i>	Comunicação lida no V Congresso Brasileiro de Filosofia	Faculdade de Direito da USP	São Paulo	05.09.95
<i>A arte de estudar</i>	Quatro conferências	Instituto cultural Brasil-Alemanha	Salvador	11.95
<i>Aristóteles em nova perspectiva</i>	Três palestras	Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco	Recife	10-12.01.97
<i>Situação presente da cultura brasileira</i>	Conferência de lançamento do livro O imbecil coletivo	Teatro da Faculdade da Cidade	Rio de Janeiro	22.08.96
<i>Empresariado e cultura</i>	Conferência	Associação Gaúcha dos Advogados de Direito Imobiliário Empresarial	Não consta	10.05.97
<i>O futuro do pensamento brasileiro</i>	Conferência	Instituto de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco,	Não consta	13.03.97
<i>Os mais excluídos dos excluídos</i>	Conferência	UNESCO	Paris	23.05.97

Título	Evento	Instituições promotoras	Local	Data
<i>Introdução à lógica e à metodologia científica</i>	Curso em cinco aulas	Escola Superior de Administração Fazendária da Delegacia da Receita Federal	Rio de Janeiro	13-17.04.98
<i>Reparando uma injustiça pessoal</i>	Conferência	Clube Militar do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	31.03.99
<i>Filósofos brasileiros do século XX</i>	Conferência	Casa de América Latina	Bucareste	08.09.99
<i>Christianisme et globalisation</i>	Conferência	Congresso <i>Latinité et nouvel ordre mondial</i>	Cluj-Napocca (Romênia)	06.98
<i>Ser e poder: o problema fundamental da filosofia política</i>	Conferência no congresso <i>United Nations intellectual leaders striving for the stable development of mankind</i>	ONU, Conference Room I	Nova Iorque	05.01.01
<i>Censura e desinformação</i>	Conferência	Clube Naval do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	27.11.01
<i>Sobre a defesa nacional</i>	Conferência no I Simpósio sobre Estratégia da Resistência e Mobilização da Vontade Nacional	Comando Militar da Amazônia	Não consta	07.12.01
<i>Sistemas políticos contemporâneos</i>	Conferência	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército	Não consta	02.05.02
<i>Argumento e prova em direito e ciência política</i>	Curso	Instituto Brasiliense de Direito Público	Brasília	27.02-02.03.02
<i>Educação liberal</i>	Curso	Instituto Paraná Desenvolvimento	Não consta	03-05.02
<i>Totalitarismo islâmico: herdeiro do comunismo e do nazismo</i>	Palestra	Clube A Hebraica	São Paulo	24.05.04
<i>O Brasil perante os conflitos da nova ordem mundial: oportunidades e desafios</i>	Palestra	Ordem dos Advogados do Brasil-SP	São Paulo	06.08.04
<i>Seminário de filosofia</i>	Curso permanente	Instituto Olavo de Carvalho	Curitiba, São Paulo e Porto Alegre	Não consta
<i>História Essencial da filosofia</i>	Curso permanente	Instituto Olavo de Carvalho	Curitiba e São Paulo	Não consta

“Pronunciou ainda vários outros cursos e conferências nas seguintes entidades: Associação Paulista de Medicina, SP, Universidade Estadual de Campinas, SP, Centro Educacional da Lagoa, RJ, Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos, RJ, Espaço Verdi, UERJ, Instituto Liberal, Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, Clube Militar (Rio de Janeiro), Universidade Mackenzie (São Paulo), Casa de Cultura Laura Alvim, RJ, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, Associação Comercial do Rio de Janeiro, UNESCO (Paris), ONU (Nova York)”. FONTE: ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho. Curriculum Vitæ*, 2005. Disponível em <http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/olavcrvl.htm>, acessado em 19.02.11.

A partir de 1989, com a formatação dos cursos permanentes, seus Seminários de

filosofia, “diminuiu a atividade jornalística para se dedicar mais aos cursos, os Seminários de Filosofia, que dá duas vezes por mês no Rio e em São Paulo”. Nestes cursos “calcula ter tido cerca de cinco mil alunos e escrito umas dez mil páginas”³⁴¹, sendo este momento em que começa a firmar-se como intelectual de certo renome. Segundo sua própria descrição o Seminário seria,

[...] em primeiro lugar, um curso de filosofia (o único que pode ajudar você a praticar a filosofia em vez de apenas repetir o que outras pessoas, ilustres o quanto se queira, disseram a respeito dela. Mas, pela sua própria natureza, a filosofia não é um saber especializado sobre uma determinada classe de objetos: é uma atividade integral da inteligência que se volta sobre todos os campos do saber e da experiência em busca de sua unidade, de seu fundamento e de sua significação última para a consciência humana. Não há limites, portanto, para os conhecimentos especializados que possam se tornar necessários, como subsídios auxiliares, ao aprendizado e exercício da filosofia: a formação filosófica é, também e inseparavelmente, a abertura da inteligência à totalidade sistêmica dos conhecimentos humanos. Por essa razão, o *Seminário* é também um sistema de educação integral, com abertura para os seguintes campos de estudos, além da filosofia *strictu sensu*: 1. Religião comparada; 2. Letras e artes; 3. Ciências humanas; 4. Ciências da natureza; 5. Comunicação e expressão. Essa abrangência torna o Seminário uma espécie de *Introdução geral aos estudos superiores em sua totalidade* [...] Buscando constantemente o nexos entre conhecimento e autoconsciência, o filósofo (ou, o que é exatamente o mesmo: o estudante) submete-se à *disciplina da sinceridade*, que se torna, de maneira lenta, gradual e segura, um caminho de ascese espiritual: o desenvolvimento do *senso pessoal da verdade*.³⁴²

E o resume em seis tópicos de abrangência:

1º Um curso de filosofia. 2º Um sistema de educação integral. 3º Uma introdução geral aos estudos superiores. 4º Uma teoria e prática da interdisciplina. 5º Um caminho de ascese espiritual. 6º Um método de desenvolvimento da inteligência pessoal. Caso esses seis objetivos lhe pareçam grandes demais para poderem ser atingidos todos de uma vez, o próprio Seminário lhe mostrará que não é possível atingir nenhum deles separadamente: *filosofia, educação integral, ampliação do horizonte cognitivo, unidade do conhecimento, ascese espiritual fundada na autoconsciência e desenvolvimento da inteligência humana* são, apenas, seis nomes de uma só e mesma coisa³⁴³.

O Seminário irá ser o primeiro e maior passo para a consolidação de Carvalho como comentarista político. É através deste que passa a “trabalhar” como intelectual, podendo subsistir como colunista, escritor e palestrante (abandonando parte do trabalho técnico que

³⁴¹ ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

³⁴² CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* Disponível em <http://www.seminariodefilosofia.org/o-que-e>, acessado em 10.01.12.

³⁴³ CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* op. cit.

desenvolvia nas redações de imprensa e a astrologia)³⁴⁴. Será pelo desenvolvimento deste, e posterior desdobramento no Instituto Olavo de Carvalho, que ele irá centralizar seus esforços por reconhecimento. Segue-se uma tabela com os trabalhos editoriais realizados por Carvalho:

TABELA 4: Traduções e serviços editoriais de Olavo de Carvalho:

Obra e autor	Função	Cidade	Editora	Ano
<i>A glândula tireóide: suas funções e disfunções</i> , pelo Dr. José Carlos da Rosa (org.)	Preparação do texto	São Paulo	ESPE	1976
<i>Tabu</i> , por Allan Watts	Tradução	São Paulo	Editores Três	1978
Comentários à <i>Metafísica Oriental</i> de René Guénon, por Michel Veber	Edição e organização	São Paulo	Não consta	1983
<i>Como vencer um debate sem precisar ter razão. A “dialética erística”</i> , por Arthur Schopenhauer	Texto e comentários	Rio de Janeiro	Topbooks	1997
<i>As seis doenças do espírito humano</i> , por Constantin Noica	Preparação e edição	Rio de Janeiro	Record	1999
<i>Aristóteles</i> , por Émile Boutroux	Preparação e edição	Rio de Janeiro	Record	2001
<i>A origem da linguagem</i> , por Eugen Rosenstock-Huessy	Preparação e edição	Rio de Janeiro	Record	2002
<i>Estética como ciência da expressão e lingüística geral</i> , por Benedetto Croce	Tradução	Rio de Janeiro	Record	Não consta
<i>Do hábito</i> , por Félix Ravaisson	Tradução inédita	Não consta	Não consta	Não consta
<i>Teatro oficina: onde a arte não dormia</i> , por Ítala Nandi	Edição e prefácio da 2ª. edição	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora	1997
<i>O espírito das revoluções</i> , por J. O. de Meira Penna	Edição	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora	1997
<i>O exército na história do Brasil</i> . III volumes.	Editor	Rio de Janeiro; Salvador	Biblioteca do Exército e Fundação Emílio Odebrecht	1998
<i>Ensaio reunidos de Otto Maria Carpeaux</i> . III volumes.	Edição	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora; Topbooks	1999-
<i>A sociedade de confiança</i> , de Alain Peyrefitte	Tradução e edição	Rio de Janeiro	Instituto Liberal do Rio de Janeiro; Topbooks	2000

FONTE: ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

Já nos anos noventa irá lançar seus livros sobre política e filosofia, que atingem certa expressão e o ajudam a consolidar-se como colunista político “de direita”. Seu primeiro lançamento em livro, contudo, nasce de uma polêmica com a Sociedade Brasileira para a Pesquisa Científica, que recusa a lançar um artigo seu sobre Aristóteles, e que toma certa

³⁴⁴Os valores cobrados atualmente pelo Seminário de filosofia são de: 1 mês R\$ 35,00; 3 meses R\$ 95,00; 6 meses R\$ 180,00; ou mensalidades fixas de US\$ 20,00. Pelo Curso *online* de filosofia são cobrados: 1 mês R\$ 50,00; 3 meses R\$ 145,00; 6 meses R\$ 290,00 ou mensalidades fixas de US\$ 30,00. SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Assine já*. Disponível em <http://www.seminariodefilosofia.org/assine>, acessado em 13.01.12.

repercussão midiática³⁴⁵. No meio da querela Bruno Tolentino, poeta e amigo de Carvalho, o orienta a lançar um livro, o que resultou em *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César* de 1995 (Tolentino assina o “prefácio”). Segundo Carvalho:

Durante muito tempo eu mesmo publiquei meus livros, em tiragens pequenas, para um círculo de alunos e amigos. Em 1995, por insistência do Bruno Tolentino, lancei “O Jardim das Aflições” numa tiragem maior, por uma editora profissional. Aí, por uma coincidência, fui trabalhar na Editora da Faculdade da Cidade e lancei por lá “O Imbecil Coletivo”, que deu uma encrenca dos diabos e me lançou em polêmicas de imprensa, que não procurei mas das quais não fugi e nas quais, graças a Deus, me saí muito bem³⁴⁶.

Olavo de Carvalho irá emergir na imprensa no vácuo deixado pela morte de Paulo Francis em 1997, em plena conjuntura onde a grande mídia batalhava ostensivamente pela implementação do ultraliberalismo. Francisco Fonseca empreendeu uma obra de fôlego, onde analisou todos os editoriais da grande imprensa brasileira, a saber o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, entre 1985 e 1992, sobre a formação da hegemonia ultraliberal, a agenda estratégica para a formação do consenso em torno deste:

A exaustiva análise que procuramos empreender dos quatro jornais num período tão controvertido, em termos políticos, econômicos, sociais, ideológicos e internacionais, articulando-se a complexa conjuntura [...] houve imensa semelhança no modus operandi dos jornais em foco. O quarteto interpretou a chamada “onda neoliberal” de forma peculiar, mas teve como fio condutor a tentativa de estabelecer uma nova hegemonia, mediante a constituição de uma Agenda Ultraliberal, na qual a esfera privada obtivesse a precedência em relação ao Estado, o Capital sobre o Trabalho, e o (ultra)liberalismo – ao estilo de cada um – a primazia político-ideológica e cultural. Para tanto, os exemplos internacionais, tomados como uma tendência desejável e inescapável, foram magistralmente utilizados como forma de demonstrar a vitória do capitalismo liberal e o conseqüente “fim da história”. Todos os que se opuseram, por qualquer motivo, a estas idéias foram desqualificados e deslegitimados, num processo autoritário e arrogante desenvolvido pelos periódicos³⁴⁷.

A formação e consolidação desta hegemonia não dispensaram os funcionários responsáveis por ocupar as trincheiras ideológicas que “*são particularmente expressas nos jornais*”³⁴⁸: os intelectuais. Segundo Carla Luciana Silva, que examina a atuação partidária da revista *Veja* neste processo entre os anos de 1989 e 2002: “*nas readequações capitalistas, o neoliberalismo se construiria em torno de valores como ‘moderno’, avançado, vitorioso. Para*

³⁴⁵BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

³⁴⁶CIDRAL, F. “Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Vidaqui*. 31.10.00. op. cit.

³⁴⁷FONSECA, F. C. P. da. *O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 327.

³⁴⁸Idem. p. 29.

que isso ocorresse seria necessário o convencimento daqueles que seriam os construtores do programa”, exigindo a educação dos “pequenos e médios proprietários, a pequena, média e alta burguesia”, ou seja, “ensinar a classe dominante a manter sua dominação diante do novo quadro político e econômico, a ‘nova ordem mundial’”. Isto porque naquele momento o ultraliberalismo “estava ainda em construção enquanto hegemonia. Não era um fato dado, não foi imposto de forma simples, nem segundo fórmulas exatas”³⁴⁹.

Este espaço aberto, que era necessário e urgente preencher e consolidar, abriu caminho para vários comentaristas alinhados à direita, como Diogo Mainardi e Marcelo Sabino, da *Veja*, Reinaldo Azevedo do *Primeira Leitura*, Nelson Ascher, da *Folha de S. Paulo* e Ali Kamel e Arnaldo Jabor da *Rede Globo*³⁵⁰. Como assinala Carlos Nelson Coutinho, Olavo de Carvalho “surgiu, com enorme respaldo dos meios de comunicação, um intelectual de extrema-direita, de uma agressividade completa contra o marxismo”³⁵¹. E não podemos deixar de citar que é nos anos noventa que ocorre a reestruturação do ramo jornalístico no Brasil, especialmente afetado pelas tecnologias da informação: além de diminuir drasticamente o consumo do jornalismo impresso (tendência que é dada como irreversível) substituiu-se mecanicamente o trabalho de uma série de especialistas, técnicos e mesmo jornalistas de renome, especialmente notada na demissão de correspondentes substituídos por notas de agências internacionais de notícias, geralmente empresas de origem estatal estrangeiras de jornalismo como a *British Broadcasting Corporation* (BBC) e a *Radio France Internationale* (RFI). O desemprego passa a ser determinante para corte de salários e assédio ideológico. Segundo Martins:

Os jornalistas perderam sua segurança no emprego, essa também uma das razões pela direitização da profissão. A mídia empresa descobriu como aviltar a classe, seja explorando a vaidade de alguns, seja amedrontando a maioria com o desemprego. Fazer-se notar como dissidente é demissão certa. Os baixos salários, mantidos pela troca constante dos mais velhos por estagiários e recém-formados, forçando quem tem experiência a se tornar assessor de imprensa agravou o quadro. A expressão “jornalista independente” que poderia designar um jornalismo maduro e seguro é a demonstração de sua fraqueza – os jornalistas independentes, pagando como autônomos suas contribuições para a aposentadoria, arcando com seus seguros-saúde, sem garantias, não passam de frilas [trabalhadores “free-lance”, que recebem por matéria ou fotografia vendida], ou estressados obrigados a aceitar qualquer

³⁴⁹SILVA, C. L. *Veja: o indispensável partido neoliberal*. Cascavel: Edunioeste, 2009. p. 20.

³⁵⁰GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. “Direita na mídia”. *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo_destaca_ascensao_da_direita_na_midia, acessado em 14.01.12.

³⁵¹VALOR ECONÔMICO. “Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho”. *Valor Econômico*. 24-26.11.00. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al0512200091.htm>, acessado em 21.01.12.

pagamento por suas matérias. Os grandes jornais não têm mais correspondentes fixos e se abastecem, quando algum fato exige, com reportagens enviadas por frilas internacionais ou, no máximo pelos chamados frilas fixos, cuja estabilidade depende das equipes que se sucedem nas redações centrais. Ganhar muito é arriscado, chama a atenção em todo plano de economia previsto pelo jornal³⁵².

Este poder de criação de intelectuais-funcionários, submetidos às novas condições de trabalho, sua rápida formatação como “formadores de opinião” dependeu ainda do alcance destas publicações. Segundo Luis Nassif: “o Mainardi é um exemplo. Começou-se a criar um mito de que ele seria o novo Paulo Francis. Mas quando você vê as coisas que ele escreve... E não estou entrando em juízo de valor, mas em juízo de qualidade. De repente, você o transforma num personagem”. Estes são afirmados em seu valor como intelectuais através de seus pares: “você tem o Sabino elogiando o Ali Kamel, que elogia o Mainardi, etc. Ou seja, cria-se dentro da imprensa um negócio fora das estruturas de controle dos jornais, grupos de autopromoção que são uma coisa mafiosa”. Articulação que também serve para a defesa contra possíveis intervenções de intelectuais não alinhados com a agenda destes aparelhos privados de hegemonia: “destrói-se pessoa que não seja do grupo e passa-se a tentar criar reputações intelectuais. E quem são as novas personalidades intelectuais que surgem? Ali Kamel, Mário Sabino, Mainardi. É inacreditável! Mainardi!”³⁵³. Como citado, podemos sem grandes temores justificar parte desta necessidade de novos intelectuais de direita pela morte de Paulo Francis, afinal este fora:

[...] um dos maiores salários da imprensa brasileira, ocupando páginas inteiras na Folha de S. Paulo (por 14 anos) e O Estado de S. Paulo (durante sete anos), lidas com avidez por milhares de pessoas. Quando uma de suas incontinências verbais não fundamentadas lhe acarretou uma ação de indenização de 100 milhões de dólares, por parte dos diretores da Petrobras, chamados por ele de ladrões, Francis reagiu não como um jornalista, mas como um proprietário ameaçado. Seu patrimônio [...] incluía, além dos salários (US\$ 20 mil no Estadão e provavelmente mais na Globo), dois apartamentos em Manhattan, a área mais valorizada de Nova York, US\$ 3 milhões em conta bancária “e administrada, sabe-se hoje, por seu amigo Ronald Levinsohn, aquele da caderneta Delfin”³⁵⁴.

³⁵²MARTINS, R. “Veríssimo: imprensa brasileira é de direita”. *Direto da Redação*. 19.11.07. Disponível em <http://www.diretodaredacao.com/noticia/verissimo-imprensa-brasileira-e-de-direita>, acessado em 21.01.12.

³⁵³CINTRA, A.; LOBREGATTE, P. “A deterioração ética e moral do jornalismo. Entrevista com Luis Nassif”. *Portal Vermelho*. 05.03.08. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=2796, acessado em 20.01.12.

³⁵⁴PINTO, L. F. “Paulo Francis e a bomba esquecida”. *Observatório da Imprensa*. 04.05.10. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/paulo-francis-e-a-bomba-esquecida>, acessado em 14.01.11. Para mais detalhes sobre Francis ver: BATISTA, A. B. “Paulo Francis e o cenário político-ideológico de 1989: Análise do discurso sobre o fim do socialismo no leste europeu’ e ‘o perigo Lula’ no processo político-eleitoral brasileiro daquele ano”. *Anais do Simpósio Nacional de História 2011*. Disponível em

Olavo, que estreitou contatos com Paulo Francis em seus últimos anos, lhe dedica o livro *Imbecil coletivo I*³⁵⁵ – lançado pela Editora da UniverCidade do Rio de Janeiro (o “*único centro de ensino superior em todo o mundo com erro de ortografia no nome*”³⁵⁶), que é de propriedade do mesmo Ronald Levinsohn que administrava parte dos bens de Francis. Os contatos com aquela faculdade foram frutíferos, inclusive Carvalho passou a utilizar seus espaços físicos para a realização do Seminário de filosofia entre de 1997 até 2001, sendo nomeado diretor de sua editora entre 1999 e 2001³⁵⁷.

Levinsohn era o dono da Delfin crédito imobiliário, a maior caderneta de poupança do País, com cerca de quatro milhões de clientes, quando em 1982 estourou um escândalo envolvendo um acordo sobre a dívida desta com o Banco Nacional de Habitação (BNH), o “*grande escândalo financeiro que a ditadura não conseguiu encobrir*”³⁵⁸:

Contra parecer técnico de sua Diretoria de Terras, contra avaliação de uma comissão oficial, a despeito de recomendação contrária de seu próprio presidente e à custa das demissões de um de seus diretores e de um assessor deste, o BNH – Banco Nacional da Habitação aceitou quitar as dívidas do Grupo Delfin, de cerca de Cr\$ 70 bilhões, em troca de terrenos avaliados oficialmente em cerca de Cr\$ 9 bilhões. A operação foi concretizada há duas semanas, aparentemente sem aprovação formal da diretoria do BNH (sete diretores mais o presidente José Lopes de Oliveira). Para contornar a relutância da diretoria, ela limitou-se a “tomar conhecimento” de uma decisão em nível ministerial – Ministro Mário Andreazza, do Interior; Delfim Neto, do Planejamento, Ernane Gavêas, da Fazenda –, mas antes disso demitiu-se o diretor de Poupança e Empréstimo, Lycio de Faria³⁵⁹.

Com a divulgação pública do acordo, milhares de clientes promoveram uma corrida para retirar suas poupanças, o que fez “*que todo o sistema de cadernetas de poupança, que já tinha 40 milhões de depositantes espalhados em várias instituições financeiras independentes, fosse sendo incorporado pelos grandes bancos comerciais*”³⁶⁰. O processo

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846_ARQUIVO_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf, acessado em 20.02.12.

³⁵⁵Na página onde Carvalho divulga comentários positivos sobre sua obra constam duas referências de Paulo Francis. A primeira sobre o livro *Sobre Aristóteles em nova perspectiva*: “*Olavo de Carvalho vai aos filósofos que fizeram a tradição ocidental de pensamento, dando ao leitor jovem a oportunidade de atravessar esses clássicos*”. E a segunda sobre *O imbecil coletivo I*: “*Livro imperdível. Exijam dos livreiros*”. CARVALHO, O. de. *Opiniões da crítica*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/critica.htm>, acessado em 12.01.12.

³⁵⁶DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer\$idade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da270620011.htm>, acessado em 13.01.12.

³⁵⁷CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit.

³⁵⁸DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer\$idade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. op. cit.

³⁵⁹FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 In. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 311.

³⁶⁰ATTUCH, L. “A redenção da Delfin”. *Istoé Dinheiro*. 05.04.06. Disponível em

durou anos, e expôs a troca de favores (ou como dito na época “*predominância de aspectos políticos*”³⁶¹) que envolveu o escândalo, que parecia encerrado em 1991 quando um acordo com o Banco Central, onde era garantido que o empresário ficasse com o espólio da Delfin e pagasse a dívida em 13 anos, tendo dois de carência. Nenhum pagamento foi efetuado. A maneira agressiva que toca seus negócios, que Alberto Dines denunciou sobre a cobertura da mídia no caso Delfin, onde “*foram jornalistas abancados em postos-chave da mídia carioca e paulista – inclusive em jornais populares – que receberam generosos financiamentos para a compra de imóveis e, em troca, ofereceram-lhe a mafiosa proteção*”, fica clara em entrevista do próprio Levinsohn:

DINHEIRO – Numa entrevista recente, o professor Di Genio [João Carlos Di Genio, dono do curso e colégio Objetivo] o acusou de ter quebrado a poupança Delfin... LEVINSOHN – Ih, meu Deus do céu! Vinte anos atrás, ele era cafetão. Ele arranjava mulheres para congressistas e pessoas importantes em Brasília. Ele tinha um circo para festas na casa dele. Chamava mulheres, tinha um plantel. Então, vem agora querer tirar carta de honesto comigo? Eu devo honestidade a quem me julgou. Eu já fui julgado, absolvido, arquivado. Fui vítima de uma conspiração que um dia será devidamente esclarecida. Nunca quis briga com o professor Di Genio, mas Deus não me deu a virtude do medo [...] DINHEIRO – Como foi resolvida a questão da Delfin? LEVINSOHN – A empresa fechou com a alegação falsa de que havia patrimônio negativo. No dia em que foi liquidada, o patrimônio era positivo em US\$ 200 milhões. E todos os depositantes receberam o dinheiro. Tenho uma dívida de Deus de ter sobrevivido ao regime militar e ao coronel Mário Andreazza. DINHEIRO – Ele o perseguia? LEVINSOHN – Ele queria ser presidente, mas, num belo dia, perdeu a convenção da Arena e recebeu um telex de 3 metros e meio com os votos dos 42 deputados que não o apoiaram. Fui eu que mandei. Estamos quites. No caso Delfin, sou um sobrevivente. Tenho brigas com o Banco Central, mas são coisas que estão em julgamento e sobre as quais prefiro não falar³⁶².

Somente em 2006 o Superior Tribunal de Justiça julgou o último recurso do caso, inocentando o empresário: “*a venda dos terrenos ao BNH foi feita dentro da lei e a preço justo*”³⁶³. Neste período, o empresário já havia a muito retornado ao Brasil, sendo que a criação da UniverCidade³⁶⁴ remonta a 1998, que em pouco tempo tornou-se uma das maiores empresas de ensino superior do país. Este crescimento deve-se às mudanças na legislação sobre o ensino superior feitas pelo Ministro Paulo Renato de Souza, no governo Fernando

http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843_A+REDENCAO+DA+DELFIN, acessado em 14.01.11.

³⁶¹FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 In. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. op. cit. p. 315.

³⁶²ISTOÉ DINHEIRO. “Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Isto é Dinheiro*. 28.05.03. Disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADA, acessado em 13.01.12.

³⁶³ATTUCH, L. “A redenção da Delfin”. *Isto é Dinheiro*. 05.04.06. op. cit.

³⁶⁴UNIVERCIDADE. *Histórico*. Disponível em <http://www.univercidade.br/ainstituicao/historia.asp>, acessado em 15.01.12.

Henrique Cardoso, especialmente na autonomia que os centros universitários passaram a ter diante das faculdades privadas para abrir e fechar cursos. Segundo Levinsohn “*com uma simples carta para o Ministério da Educação, uma universidade pode pedir para se tornar um centro universitário*”. Segundo o empresário, entendendo que “*o Brasil precisa de ensino de baixo custo para aqueles que estão segregados da sociedade e que só podem pagar 80 ou 100 dólares*”³⁶⁵, e aproveitando esta nova oportunidade, seu centro universitário abriu uma série de cursos e turmas (só no primeiro ano de jornalismo a Univercidade teria vinte e uma turmas³⁶⁶), cobrando mensalidades “*em média, de 320 reais. Muitas universidades paulistas, que cobravam entre 800 reais e 900 reais, não ficaram nada satisfeitas*”. Além disso, por ter suas rendas garantidas pela imensa quantidade de imóveis e fazendas que é proprietário Levinsohn pode levar a cabo uma estratégia de negócios agressiva, “*não me dedico a isso para ganhar dinheiro. Posso dizer que não perco nem ganho. Às vezes, falta algum e eu até coloco do meu. Estamos faturando R\$ 100 milhões por ano, mas num modelo de equilíbrio*”, eliminando a concorrência ou a forçando a baixar o nível do ensino oferecido, em especial no que refere-se à pesquisa (segundo ele a “*Constituição brasileira que é irreal e estabelece que o ensino não pode estar dissociado da pesquisa*”). Não nos cabe aqui aprofundar esta discussão, visto que ela resulta de embates intrincados entre grupos e frações da burguesia brasileira, sendo que as fontes utilizadas correspondem exatamente a publicações de intelectuais ligadas às estas, como Attuch e Dines, além da fala pública de Levinsohn. Mas podemos sem grandes traumas afirmar que este último utiliza-se de seu empreendimento universitário de modo ostensivo a afirmar uma visão específica de mundo: “*a UniverCidade é uma ação para ajudar os outros e dar ao País o muito que o Brasil me deu. Fui beneficiário da transformação de um país que era uma porcaria em um país com uma economia de respeito*”. Sendo que seus investimentos editoriais não seguiriam outra direção, “*estamos publicando livros, como do general Golbery do Couto e Silva, e do intelectual Jean-François Revel, para disseminar a cultura. Não é uma ação para ganhar dinheiro. A história das falências brasileiras tem dois campeões: as editoras e as livrarias*”³⁶⁷.

Aqui não nos cabe trabalhar com todos os lançamentos da editora³⁶⁸, pois só a seção de ciência política da UniverCidade nos oferece um panorama dos pressupostos ideológicos que

³⁶⁵ISTOÉ DINHEIRO. “Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.

³⁶⁶DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer\$idade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. op. cit.

³⁶⁷ISTOÉ DINHEIRO. “Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.

³⁶⁸Para outras informações sobre seu catálogo ver UNIVERCIDADE. *Editora*. Disponível em <http://www.univercidade.br/editora/index.asp#ciepol>, acessado em 15.01.12.

defende:

TABELA 5: Lançamentos de ciência política da editora UniverCidade:

Autor	Título	Descrição
Augusto Frederico Schmidt	<i>Antologia política</i>	A obra contém 113 artigos publicados entre 1947 e 1965 em que o autor comenta os mais importantes fatos da época e faz observações sobre personalidades (lançada em parceria com a editora Topbooks)
Golbery do Couto e Silva	<i>Geopolítica e poder</i>	Assinado pelo general que criou o Serviço Nacional de Informações, o livro expõe seu pensamento político e inclui textos de importância histórica
Jaime Rotstein	<i>Contrato com o Brasil</i>	O livro é fruto de estudos sobre a conjuntura social, política e econômica brasileira, e contribui para uma reflexão sobre as deficiências e desafios da soberania nacional
Jean-François Revel	<i>A obsessão antiamericana - causas e consequências</i>	O livro aborda as leis de Segurança Nacional, Segurança Pública e Segurança Nuclear sob o foco dos Direitos Fundamentais
Thomas Sowell	<i>Ação afirmativa ao redor do mundo - estudo empírico</i>	O livro debate as teorias, os princípios e efeitos da ação afirmativa nos Estados Unidos e em outros países, examinando as semelhanças e diferenças entre eles

FONTE: UNIVERCIDADE. Editora. Disponível em <http://www.univercidade.br/editora/index.asp#ciepol>, acessado em 15.01.12. Obviamente não somos contra a reedição de livros históricos de conteúdo político autoritário ou mesmo fascista, mas anote-se, que se estas são feitas sem o devido acréscimo de comentários que contextualizem, explicitem e critiquem seu caráter ideológico, só servem para fomentar os grupos políticos que os reivindicam – caso dos lançamentos da UniverCidade.

Não sem motivo, é quando adentra este círculo que Olavo de Carvalho consegue alcançar maiores audiências, *O imbecil coletivo* esgotou “em três semanas a primeira edição da obra, e em quatro dias a segunda”³⁶⁹, sendo divulgado em capas de revistas, como a *República* de julho de 1997 (Ano 1, nº. 9)³⁷⁰, e através das querelas públicas do autor com intelectuais de esquerda, e também de direita, assinale-se. “*Publiquei meu primeiro livro aos 48 anos. Comecei a lecionar numa universidade aos 50. Estreei como articulista no Globo aos 53, uma idade em que as tchurma só pensa em aposentadoria. Com 56, tenho planos que requerem quatro décadas de trabalho*”³⁷¹.

A tabela seguinte dá conta dos livros publicados por Olavo de Carvalho. Note-se a evolução de seus lançamentos, de livros sobre astrologia lançados por editoras minúsculas para os livros sobre política, em editoras de renome, e os livros que fazem esta mediação editorial, que tem certo caráter “psico-filosóficos-culturais-políticos”:

³⁶⁹SOUZA, R. A. *Biografia*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/bio.htm>, acessado em 10.01.12.

³⁷⁰MAIER, F. *Olavo “Denisovich” Carvalho*. 17.03.02. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0132.htm>, acessado em 19.01.12.

³⁷¹CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. op. cit.

TABELA 6: Livros publicados por Olavo de Carvalho:

Título	Cidade	Editora	Ano
<i>Questões de simbolismo astrológico</i>	São Paulo	Speculum	1983
<i>Universalidade e abstração</i>	São Paulo	Speculum	1983
<i>O crime da Madre Agnes, ou: a confusão entre espiritualidade e psiquismo</i>	São Paulo	Speculum	1983
<i>Astros e símbolos</i>	São Paulo	Nova Stella	1985
<i>Fronteiras da tradição</i>	São Paulo	Nova Stella	1987
<i>Símbolos e mitos no filme “O silêncio dos inocentes”</i>	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1992
<i>Os gêneros literários: seus fundamentos metafísicos</i>	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1992
<i>O caráter como forma pura da personalidade</i>	Rio de Janeiro	Astroscientia Editora/Instituto de Artes Liberais	1993
<i>A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci</i>	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1994
<i>Uma filosofia aristotélica da cultura</i>	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1994
<i>O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil</i>	Rio de Janeiro	Diadorim	1995
<i>O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras</i>	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora e Academia Brasileira de Filosofia	1996
<i>Aristóteles em nova perspectiva: introdução à teoria dos quatro discursos</i>	Rio de Janeiro	Topbooks	1996
<i>O futuro do pensamento brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo</i>	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora	1997
<i>A longa marcha da vaca para o brejo & os filhos da PUC. O imbecil coletivo II</i>	Rio de Janeiro	Topbooks	1998
<i>Coleção história essencial da filosofia</i>	São Paulo	É Realizações	2002-2006
<i>A dialética simbólica - Ensaios reunidos</i>	São Paulo	É Realizações	2006
<i>Maquiavel ou a confusão demoníaca</i>	Campinas	Vide Editorial	2011

Ainda editou as seguintes apostilas (distribuição interna no Instituto de Artes Liberais): *Seminário permanente de filosofia e humanidades*, em quarenta e dois fascículos, e *Pensamento e atualidade de Aristóteles*, em sete fascículos. FONTE: ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.; LIVRARIA CULTURA. *Pesquisa sobre Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.livrariacultura.com.br/scripts/busca/busca.asp?palavra=olavo+de+carvalho&tipo_pesq=&tipo_pesq_new_value=false&tkn=0, acessado em 05.01.12.

E neste período Carvalho passa a trabalhar em uma série de revistas, jornais e editoras. Até 2001: diretor do Seminário de Filosofia na UniverCidade; de 1998 até 1999: diretor de texto para a Biblioteca do Exército, editando o livro *O Exército na história do Brasil*; de 1999 até 2001: editor de publicação da série Biblioteca de filosofia da editora Record; de 1999 até 2001: diretor da editora da UniverCidade; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal *O Globo*; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal *Zero Hora*; de 2002 até 2005: palestrante em Ética e Filosofia Política na Pós-Graduação em Administração Pública da PUC

Paraná; de 2005 até os dias de hoje: colunista semanal dos jornais *Diário do Comércio* e *Jornal do Brasil*³⁷².

O período entre 1996 e 2005, pode ser considerado o ápice da vida jornalística de Carvalho, não mais alcançará o mesmo número de colunas e publicações em jornais e revistas de alcance nacional do que nestes anos. Chega mesmo a discursar na UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e na ONU (parte do mesmo “governo mundial” que depois denunciará):

[...] Olavo continuou a lecionar seus cursos de Filosofia na Universidade da Cidade e a escrever seus artigos, agora para vários jornais, como *Jornal da Tarde*, *O Globo*, *Zero Hora*, e revistas, como *República* e *Época*, além de promover palestras em todos os cantos de nosso País. O embate com a alcatéia “imbecil coletiva” não diminuiu, pelo contrário, aumentou – a exemplo das réplicas, tréplicas e kílloplas de Olavo com “Fedelli e seus fedelhos”. Se fosse responder a todas as provocações, o dia para Olavo teria que ter 72 horas, o ano 1000 dias³⁷³.

Em relação ao fim da parceria com Levinsohn em 2001 não nos cabe, como já dito antes, conjecturar motivos, assinalando que na disputa entre este e Alberto Dines sobre a *UniverCidade*³⁷⁴, Carvalho irá posicionar-se da seguinte maneira em 30.06.01:

1. Após recalcitrar um pouco, no aguardo de provas que lhe enviei em seguida, o jornalista Alberto Dines me avisou por e-mail, ontem, estar persuadido de que não fui o autor dos ataques contra ele, e prometeu publicar isso na próxima edição do *Observatório da Imprensa*, terça-feira que vem, cancelando portanto as referências ofensivas que fez à minha pessoa. Para documentar o que se passou realmente por ocasião da querela entre a *UniverCidade* e o prof. Gianotti, enviei a Alberto Dines e publico logo abaixo o ensaio, infelizmente incompleto, “Crise da universidade ou eclipse da consciência?”, que foi a minha resposta a Gianotti, publicada parcialmente na revista *Livro Aberto*, de São Paulo. Essa resposta, assinada, era de teor bem diverso daquela que logo a seguir saiu no *Jornal do Brasil* e que terminou por desencadear o conflito entre a *UniverCidade* e Alberto Dines. Não fui, não sou nem serei nunca o ghost writer de ninguém. 2. Como se depreenderá da leitura desse ensaio, minha posição no debate universidade pública versus universidade privada não coincide plenamente nem com a da *UniverCidade* nem com a da comissão Gianotti, endossada por Alberto Dines. No meu entender, embora haja lugar tanto para a universidade empresa quanto para a universidade repartição

³⁷²CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit.

³⁷³MAIER, F. *Olavo “Denisovich” Carvalho*. 17.03.02. op. cit.

³⁷⁴Para maiores detalhes ver DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer\$idade – *UniverCidade*”. *Observatório da Imprensa*. op. cit.; ISTOÉ DINHEIRO. “Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.; e GENTILI, V. “Levinsohn vs. Veja”. *Observatório da Imprensa*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da090520011.htm>, acessado em 22.01.12.

pública, nenhuma dessas duas fórmulas atende satisfatoriamente ao objetivo essencial da idéia de universidade, que é a preparação da elite intelectual. A primeira é orientada para o mercado de trabalho, a segunda para um conceito gramsciano, vil e oportunista, de “elite intelectual” compreendida como o novo “Príncipe” de Maquiavel, sinistro planejador de tramóias revolucionárias. Dito de outro modo, a primeira faz empregados, a segunda militantes. Nenhuma das duas pode produzir o tipo de cientista e erudito acadêmico que o país necessita para se afirmar como potência cultural – o primeiro passo (e não o último, como o concebe a miserável imaginação uspiana) da construção de uma autêntica soberania nacional³⁷⁵.

Em maio de 1998 lança seu *site* (indicação própria, como já pontuado outras ferramentas da internet o marcam como lançado em 1999³⁷⁶), em conjunto com Marcelo de Polli (editor do *Wunderblogs*³⁷⁷, que reunia uma série de blogueiros de direita³⁷⁸ e que chegam a lançar um livro com reproduções dos *blogs*³⁷⁹), passando a atuar de modo intensivo na rede, utilizando este espaço, que como já indicamos ainda era incipiente para publicar trabalhos seus e de autores consagrados (no começo especialmente Otto Maria Carpeaux), fazer chamadas de seu Seminário de filosofia, logo depois agregando um fórum de discussão, etc. Em abril de 1999 foi ganhador do “*site* do mês” do guia de jornalismo da *Openlink*³⁸⁰.

O *site* consta como o número 247.215 no ranking de tráfico global e de número 9.160 no ranking de tráfico brasileiro, ambos indicados pela ferramenta *Alexa*, a mais utilizada para avaliar informações sobre internet. Seu visitante médio gasta dois minutos para navegação neste, abrindo em média 2,2 páginas em cada visitação. Ainda indica que existem 631 outros *sites* que relacionam *links* para sua página pessoal³⁸¹. Olavo de Carvalho, em texto sem data, chamado *Aos visitantes desta homepage*, faz uma síntese deste e um pedido:

Há anos empreendo um combate cultural e político, de proporções nacionais, sem qualquer patrocinador, sem qualquer ajuda oficial ou privada. Aonde quer que me chamem para falar, vou e falo, independentemente de remuneração ou

³⁷⁵CARVALHO, O. de. *Aviso de Alberto Dines & considerações sobre a universidade*. 30.06.01. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/dines2.htm>, acessado em 19.01.12.

³⁷⁶CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. Disponível em <http://web.archive.org/web/19991004034606/http://olavodecarvalho.org/>, acessado em 19.01.12.

³⁷⁷Os blogs podiam ser acessados pelo site www.wunderblogs.com. Hoje ele encontra-se fora do ar. “*Difícil dizer exatamente onde aquele grupo se formou; talvez em algum instante da diáspora dos colonistas iniciais do Digestivo Cultural, ou do encontro deles com leitores e debatedores, ou ainda de uma lista de discussão, cujo moderador era o Polzonoff, que existiu na segunda metade de 2002*”. LIMA, R. *Como era gostoso meu Wunderblog*. Disponível em <http://www.nacaradogol.mundo-exotica.net/arquivo/002520.htm>, acessado em 19.01.12.

³⁷⁸Ver MACHADO, C. E. “Para ‘mentor’ do Wunderblog.com, blogueiro tem ironia e falta de respeito”. *Folha.com*. 03.07.04. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45593.shtml>, acessado em 19.01.12.

³⁷⁹SILVA, A. S.; ORTIZ, F.; DE POLLI, M. et all. *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004.

³⁸⁰CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. op. cit.

³⁸¹ALEXA. *Site info for www.olavodecarvalho.org*. 19.01.12. Disponível em <http://www.alexa.com/siteinfo/olavodecarvalho.org#>, acessado em 19.02.12.

ajuda de custo, que às vezes vêm, às vezes não vêm. Por mim, eu continuaria assim, mas simplesmente não dá mais. Só neste mês, quando não parei em casa mais de dois dias – vivendo em aviões, hotéis e táxis, escrevendo artigos nos intervalos de mil e um cursos e conferências –, minhas despesas com telefone celular (só para dar um exemplo de despesa, entre outros) ultrapassaram 3 mil reais. É claro que ainda não paguei [...] É uma ironia cruel que difamadores profissionais, eles próprios amparados por partidos políticos, por ONGs, por empresários de grande porte (não há uma só publicação de esquerda neste país que não leve subsídios de fundações milionárias), espalhem na *internet* a mentira sórdida de que sou subsidiado por fulano ou beltrano. Não, ninguém me subsidia. Teriam a obrigação de fazê-lo, mas não o fazem. Se o fizessem, meu trabalho, que sem recursos já alcança repercussão bastante para espalhar o pânico entre a canalha intelectual esquerdista, produziria efeitos de maior envergadura ainda [...] Peço, portanto, que os visitantes desta *homepage* contribuam, na medida de suas possibilidades e da sua generosidade, para o prosseguimento deste trabalho. Qualquer contribuição, grande ou pequena, regular ou esporádica, será bem-vinda [...] Todas as contribuições irão para o Instituto Brasileiro de Humanidades, uma ONG regularmente constituída, de modo que poderão ser descontadas do imposto de renda. Desde já, obrigado³⁸².

Como indicado na citação, é de propriedade de Carvalho o Instituto Brasileiro de Humanidades, ou como prefere “membro fundador”³⁸³, criado em 2001. Teve seu primeiro congresso (e aparentemente o único) em Vassouras, Rio de Janeiro, entre os dias de 16 e 18 de junho de 2000. A chamada do Congresso nos deixa clara a dominância de Carvalho sobre este:

Ao longo de vinte e cinco anos de atividade pedagógica, Olavo de Carvalho deu cursos sobre temas diversos, em muitas cidades do Brasil e algumas do Exterior. Só muito raramente os cursos eram repetidos. Assim, os ensinamentos transmitidos pelo filósofo permaneceram dispersos entre grupos que não tinham qualquer comunicação entre si [...] Assim, pela primeira o público terá acesso a uma certa visão de conjunto do pensamento filosófico de Olavo de Carvalho. Essa visão é necessariamente experimental e provisória, principalmente por ter como objeto uma filosofia vivente, em constante estado de elaboração. Não sendo possível abranger todos os temas lecionados, o próprio Olavo de Carvalho fez uma seleção dos oito principais, designando como expositores oito alunos que tiveram a oportunidade de estudá-los mais detidamente³⁸⁴.

O congresso foi organizado por Paulo Vieira da Costa Lopes e Nanci Galvão, do Rio de Janeiro, e por Edson Manoel de Oliveira Filho de São Paulo. Proclamado como sucesso, participaram deste, além de Carvalho, Alvaro Velloso de Carvalho, Ronaldo Castro de Lima

³⁸²CARVALHO, O. de. *Aos visitantes desta homepage*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/aosvisitantes.htm>, acessado em 12.01.12.

³⁸³CARVALHO, O. de. *Pauteiro da USP*. 30.06.01. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/pauteiro.htm>, acessado em 14.01.12.

³⁸⁴I CONGRESSO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE HUMANIDADES. *Primeira comunicação*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/congresso.htm>, acessado em 19.01.12.

Jr., Lúcia de Fátima Junqueira, Henriette Fonseca, Fernando Manso, Alexandre Bastos, Pedro Sette Câmara, Marcelo de Polli, Luciano Saldanha Coelho, Nelson Lehman da Silva, Vera Márcia, Romeu Cardoso, Amílcar Rosa, Paulo Mello e o embaixador José Osvaldo de Meira Penna³⁸⁵. Após este primeiro Congresso não houve outras edições, aparentemente o Instituto como Organização Não Governamental (ONG), serve somente como instância de financiamento para Carvalho e para o MSM.

No ano de 2002 é fundado o MSM, momento em que Olavo de Carvalho passa a organizar uma série de intelectuais em torno do si, criando um instrumento poderoso para unificar organizativamente e ideologicamente à direita fascizante. O *site* é bancado pela publicidade da Livraria Cultura³⁸⁶, por doações através da ONG Instituto Brasileiro de Humanidades, como já discutido, e alegadamente pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP)³⁸⁷ – não encontramos nenhum indício que nos permita validar este último patrocínio, embora, seja necessário indicar que a ACSP sustenta e apoia abertamente Carvalho através de publicações e promoções. Isto pode ser observado no patrocínio de diversos seminários e palestras, como o lançamento de *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*³⁸⁸, cuja introdução é de Carvalho:

Vejo-me no dever de dizer essas coisas principalmente porque se aproxima a data do Seminário “Democracia, Liberdade e o Império das Leis”, que a Associação Comercial de São Paulo vai promover no Hotel Cesar Business nos dias 15 e 16 de maio [de 2007], e porque tenho a certeza de que ali, pela primeira vez, intelectuais liberais e conservadores vão olhar de frente a questão da estratégia comunista continental em vez de refugiar-se nas teorizações usuais, tão corretas no conteúdo geral quanto deslocadas da situação política especial. O Seminário é uma antiga idéia minha que tive a sorte de soprar nos ouvidos certos e, sem grande ajuda da minha parte, frutificou graças à tenacidade do líder empresarial Guilherme Afif Domingos, do psiquiatra Heitor de Paola e dos combativos redatores do jornal eletrônico *Mídia Sem Máscara* (Paulo Diniz Zamboni, Edward Wolff, Graça Salgueiro e tantos outros), bem como da colaboração da Atlas Foundation for

³⁸⁵CARVALHO, O. de. *Sucesso total do I Congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/sucesso.htm>, acessado em 19.01.12.

³⁸⁶Esta chega a cancelar seu contrato de publicidade em 2010, mas volta atrás na decisão. Mais informações ver: CARVALHO, O. de. *Livraria (in)Cultura agride covardemente o Mídia Sem Máscara*. Disponível em http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=2471, acessado em 20.01.12. CARVALHO, O. de. *Aviso*. Editorial. 12.03.11. Disponível em <http://www.midiasem mascara.org/editorial/11915-aviso.html>, acessado em 20.01.12.

³⁸⁷Ver INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. *Olavo de Carvalho* (verbeta). Disponível em http://www.institutodefilosofia.com.br/pdf/grandes_fb.pdf, acessado em 20.01.12. Olavo de Carvalho nega este patrocínio. Ver FONSECA, E. “Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil”. *Panorama Mercantil*. 07.07.11. Disponível em <http://www.midiasem mascara.org/artigos/entrevistas/12147-entrevista-de-olavo-de-carvalho-ao-site-panorama-mercantil.html>, acessado em 19.02.12.

³⁸⁸CARVALHO, O. de. “Introdução”. In. *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*. São Paulo: É Realizações, 2006. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/terraqueo.html>, acessado em 19.01.12.

A ACSP mantém o *Diário do Comércio*, onde Carvalho escreve desde 2005. E será através deste emprego que ele poderá manter sua militância, já que naquele mesmo ano ele é demitido das revistas *Bravo!*, *Primeira Leitura* e *Época* e dos jornais *O Globo* e *Zero Hora*, o que pegou o próprio Carvalho de surpresa (ele na época rebate a carta de demissão do *Zero Hora* e instiga seus leitores a mandarem cartas para as revistas pedindo sua recontração³⁹⁰). As explicações para as demissões supostamente seria ideológica:

Nos vinte anos de governo militar, nunca vi um só jornalista ser expulso de toda a “grande mídia” brasileira por divulgar algum fato politicamente indesejado. Esse privilégio, que me lisonjeia ao ponto de me corromper a alma, ficou reservado para ser conferido à minha irrisória pessoa no período histórico imediatamente posterior, chamado, por motivos esotéricos, “redemocratização”. Por informar ao público a existência do Foro de São Paulo e os laços mais que íntimos entre partidos políticos e quadrilhas de narcotraficantes e seqüestradores, fui chutado do *Globo*, da *Época*, da *Zero Hora*, do *Jornal do Brasil* e do *Jornal da Tarde*. O número dos que por esses e outros canais me chamaram de louco, de mentiroso, de desinformante, de teórico da conspiração e coisas similares conta-se como as estrelas do céu. Excluído do círculo das pessoas decentes, só encontrei um último abrigo neste bravo *Diário do Comércio*, onde me sinto cinicamente bem entre outros meninos malvados como Moisés Rabinovici, Roberto Fendt e Neil Ferreira³⁹¹.

A ACSP foi fundada em 1894 por Antonio Proost Rodvalho, sendo uma das mais antigas e bem consolidadas entidades patronais brasileiras³⁹². É uma associação civil de direito privado, além de uma empresa prestadora de serviços – ela não cobra nenhuma contribuição compulsória de seus filiados³⁹³. Segundo o histórico oficial da Associação, sua missão se baseia em três fundamentos: o primeiro, “*unir os setores empresariais e trabalhar*

³⁸⁹CARVALHO, O. de. “Traição anunciada”. *Diário do Comércio*. 08.05.06. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/060508dc.html>, acessado em 20.01.12. Segundo Afif na apresentação da publicação *Digesto Cultural*: “Nada melhor para caracterizar esta nova fase a DIGESTO do que apresentar as importantes contribuições estudadas no Seminário Internacional sobre Democracia Liberal, promovido pela Associação Comercial de São Paulo em parceria com a Atlas Foundation, o Mídia Sem Máscara e o Diário do Comércio em maio último, cujo tema Democracia, Liberdade e o Império das Leis, resume a linha editorial que se pretende dar à publicação”. DOMINGUES, G. A. *A nova Digesto cultural*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova_digesto.htm, acessado em 10.01.12.

³⁹⁰DIVERSOS. *Cartas ao Globo e a Olavo de Carvalho*. Parte I. Cartas enviadas ao Globo. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas_oglobo_oglobo.htm, acessado em 20.01.12.

³⁹¹CARVALHO, O. de. “Escolha desgraçada”. *Diário do Comércio*. 25.05.10. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/100525dc.html>, acessado em 20.01.12.

³⁹²Para mais informações sobre a formação da ACSP e sua atuação inicial ver PERISSINOTTO, R. M. *Estado e capital cafeeiro: burocracia e interesse de classe na condução da política econômica (1889-1930)*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 180-195.

³⁹³COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n.º. 57. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a07v2057.pdf>, acessado em 20.01.12.

em defesa da livre iniciativa”; o segundo “*representar e expressar a opinião legítima e independente dos empresários de São Paulo, na busca dos melhores caminhos do desenvolvimento*”; e, por fim, “*prestar serviços de qualidade a seus associados*”³⁹⁴ tendo como base o “*modelo de Gestão da Qualidade ISO 9001:2008*”³⁹⁵. Sua filiação é voluntária e aberta para todos os setores da economia:

O quadro associativo da entidade reúne empresários representantes de todos os setores da economia, tais como: industriais, comerciantes, agros-pecuaristas, prestadores de serviços e profissionais liberais, de todos os portes e nacionalidades. Em perfeita sintonia com o desenvolvimento tecnológico, a ACSP dispõe de recursos humanos e técnicos que possibilitam a seus associados, independentemente de sua infra-estrutura tecnológica e informatização de processos, o acesso aos bancos de dados da instituição de maneira rápida e segura. Para grandes usuários a ACSP desenvolve soluções específicas, de acordo com suas necessidades³⁹⁶.

Segundo Paulo Roberto Neves Costa, nos anos 90 “*entre os associados predominavam as pequenas e médias empresas do comércio e dos serviços. No final dessa década, o quadro de associados não mudou: 60% do setor de comércio, 20% de indústria e 20% de serviços e profissionais liberais*”³⁹⁷. A ACSP trabalhou para que sua imagem não estivesse ligada somente aos comerciantes, mas que agregaria “*todos os segmentos empresariais, ou melhor, os empresários de um modo geral, já que todos estariam envolvidos e atuando no âmbito da ‘livre iniciativa’*”. Nesta época, entendia-se “*que os grandes empresários tinham seus escritórios de representação política em Brasília, e que portanto, não precisavam das entidades, das quais os pequenos empresários dependiam*”³⁹⁸, então foi crucial à associação apresentar-se como “*uma empresa prestadora de serviços e, de outro, como uma ‘escola de civismo’ e um espaço de formação de lideranças empresariais*”³⁹⁹. Seu programa de atividades do ano de 1990 traçava os seguintes objetivos para longo prazo:

-representar “efetiva e eficientemente” todos os segmentos do empresariado; - defender e promover a livre iniciativa; -priorizar a atuação junto às micro, pequenas e médias empresas; -canalizar a capacidade de agregação da

³⁹⁴ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional_historia.html, acessado em 21.01.12.

³⁹⁵ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *A ACSP*. Disponível em <http://www.acsp.com.br/institucional/institucional.html>, acessado em 21.01.12.

³⁹⁶ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. op. cit.

³⁹⁷ COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.

³⁹⁸ COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil (1984-1994)*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 65.

³⁹⁹ COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.

entidade para a promoção de um desenvolvimento econômico do país sob “o prisma da economia liberal”; -prestar serviços, institucionais ou não, ao empresariado, em especial ao associado⁴⁰⁰.

Politicamente a associação não identificava-se partidariamente (embora estivesse envolvida diretamente com partidos, sobretudo nos anos 70 e 80⁴⁰¹), sendo que “*episódios como as candidaturas de Paulo Maluf e Guilherme Afif Domingos aos cargos de governador e presidente da República são exceções isoladas que confirmam a regra*”⁴⁰², preferindo focar-se nas readequações à economia interna que as ações plenamente políticas. Seu comportamento “*tendeu a permanecer meramente reativo, não apenas no âmbito da política econômica, como também, e de forma mais intensa, em relação ao funcionamento das instituições políticas*”⁴⁰³. Mas um traço marcante em suas análises e opiniões é o anticomunismo (para eles a “revolução de 1964” acabara traída pelo seu burocratismo de cunho “bolchevique”⁴⁰⁴):

Em suma, do final dos anos 1970 até meados dos anos 1990, a concepção de política da ACSP foi marcada pela idéia do fantasma da “esquerda”, que existiria dentro e fora do governo; pela crítica à ação política isolada e pulverizada de empresários junto às autoridades; pelo tratamento dos conflitos e críticas ao governo vindas de outros setores da sociedade – em especial os trabalhadores –, como “baderna”; pelo reconhecimento da necessidade de atuar politicamente no novo contexto social, político e econômico da abertura política, embora não houvesse clareza do que isso significava; e, por último, pelo receio em relação às mobilizações, fossem da população em geral, fossem do próprio empresariado. Esta concepção de política era justificada exatamente pela democracia, ou pelo “regime democrático”, que se consolidava. Apesar de todas as imprecisões e possíveis preconceitos, havia uma extrema convicção em relação aos seus próprios posicionamentos e análises. É isto o que mostra a avaliação do então presidente da ACSP, Guilherme Afif Domingos, sobre a conjuntura política de meados da década de 1980, para quem a entidade via a si própria como algo fora da “oligarquia” e do grupo que definia os rumos do país⁴⁰⁵.

A ACSP não faz parte do planejamento direto dos rumos econômicos da classe dominante, acha-se em posição inferior à fração hegemônica da burguesia, o que os permite certa mobilidade de crítica e extremismo que não coadunaria com o papel desempenhado por

⁴⁰⁰COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 87.

⁴⁰¹Idem. p. 338.

⁴⁰²COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.

⁴⁰³COSTA, P. R. N. “Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990”. *Opinião Pública*. n.º. 2. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci_arttext, acessado em 21.01.12.

⁴⁰⁴COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 197.

⁴⁰⁵COSTA, P. R. N. “Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990”. *Opinião Pública*. n.º. 2. op. cit.

aquela nos arranjos do bloco no poder. Embora tivessem “*seus interesses ao menos parcialmente garantidos pela política econômica e pelas formas institucionais da política, o regime político*”. O “civismo” que defendiam os caracterizou de certo governismo, privilegiando “*o contato personalizado com os membros do Executivo e das instâncias burocráticas*”⁴⁰⁶, em vez de manifestações abertas, que como visto, consideravam como parte da “baderna” do proletariado. Paulo Roberto Neves Costa conclui, resumidamente, que o comportamento político e ideológico da ACSP e também da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, de cunho sindical:

[...] revelou que se trata do comportamento de uma determinada fração de classe social, a dos pequenos e médios empresários, cuja unidade, ainda que contemple algumas variações, se dá a partir dos seguintes aspectos comuns: 1) tipo de atividade econômica e volume de renda dos negócios, principalmente no que diz respeito à posição no processo de definição do modelo de desenvolvimento econômico; 2) posição em relação ao conjunto do empresariado, ou seja, não se tratava de uma fração hegemônica, e, portanto, ocupava posição subordinada em relação à definição das políticas de Estado e ao processo de constituição do regime político; e 3) forma de pensar a política e os padrões de ação política, o que remete à questão sobre as semelhanças nos padrões de ação política, a despeito da diversidade em relação à natureza, à história e ao funcionamento dessas duas entidades⁴⁰⁷.

Este posicionamento ultrapassa o recorte temporal daquele pesquisador e reproduz-se pelos anos 2000, especialmente no que refere-se à ideologia da “livre iniciativa”, que a própria associação “*constata e até procura discutir, mas tem dificuldade em enfrentar em termos de ação política mais intensa e agressiva*”⁴⁰⁸, o que explica sem dificuldades o apoio e suporte financeiro a Olavo de Carvalho e intelectuais congêneres, inclusive quando estes iniciam a organização política para a oposição de cunho fascista⁴⁰⁹, o que ultrapassaria em muito as necessidades dos jornais e revistas atreladas à fração burguesa do capital financeiro-especulativo, hegemônica dentro do bloco no poder desde os anos 90⁴¹⁰.

Naquele mesmo ano de 2005 das demissões, Carvalho mudou-se para os EUA – não

⁴⁰⁶COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 333-335.

⁴⁰⁷COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.

⁴⁰⁸COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 344.

⁴⁰⁹O que de modo algum opõe-se ao chauvinismo várias vezes demonstrado pelo empresariado paulista. O próprio Afif, quando ocupava o cargo de Secretário de Emprego e Relações de Trabalho do governo do Estado de São Paulo, afirmou em evento na cidade de Mauá “*que os paulistas gostam mais de trabalhar do que os brasileiros de outras regiões*”. SARTORATO, D. “Afif diz que só paulistas têm vontade de trabalhar”. *ABDCD Maior*. 20.05.08. Disponível em http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=6774, acessado em 22.01.12.

⁴¹⁰BOITO JR., A. *As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil*. Disponível em <http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf>, acessado em 22.01.12.

sabemos indicar se como resultado destas –, passando a residir em Richmond em Virginia, como correspondente do *Diário do Comércio* (onde a partir de 2008 passa a publicar um suplemento somente seu). Desde 2010, sua permanência naquele país é garantida por um visto categoria EB-1, concedido “*para estrangeiros com habilidades extraordinárias, aprovadas pelo governo Americano*”⁴¹¹. Em 2006, de sua casa nos EUA, Carvalho começa seu programa semanal de rádio, o *True Outspcak* (em português “Sinceridade de fato”) utilizando a tecnologia de *streaming* para transmiti-lo pela internet. Ele tem duração de cerca de uma hora e abre participação para o público através de *e-mails*, telefone ou VOIP (*Voice over Internet Protocol*, Voz sobre IP, que permite o roteamento da conversação através da rede): “*este programa nasceu da pura impossibilidade de responder por escrito a dezenas de e-mails que me chegam por dia com consultas sobre livros, estudos, política, religião e filosofia. Dirige-se especialmente aos leitores e alunos que me enviam esses pedidos*”⁴¹².

A ida para os EUA também impulsiona a fundação do *The Inter-American Institute for philosophy, government, and social thought* em 2010. Ele busca servir de base para a atuação de Olavo de Carvalho naquele país, especialmente através das traduções de materiais em português: “*sua primeira iniciativa será disponibilizar para estudantes Hispânicos ou Americanos traduções de uma grande parte do material em português originário do Seminário de Filosofia*”⁴¹³. A tabela seguinte nos mostra os “correligionários” (tradução aproximada para “*fellows*”) participantes daquele instituto:

TABELA 7: Correligionários do *Inter-American Institute*:

Membro	Cargo	Biografia resumida*
Olavo de Carvalho	Presidente do Instituto, Distinto Correligionário Sênior em Filosofia, Ciência Política e Humanidades	“ <i>Olavo de Carvalho, nascido em 1947, é um filósofo e escritor Brasileiro que atualmente reside nos Estados Unidos após ter ensinado filosofia política na Universidade Católica do Paraná, Brasil, de 2001 até 2005. É autor de uma dúzia de livros sobre questões filosóficas e políticas, sendo um respeitado colunista seminal para uma vasta audiência em seu nativo Brasil e um público popular crescente neste país</i> ”
Roberto Micheletti	Distinto Correligionário Sênior em Liderança Política e Governança Constitucional	“ <i>Roberto Micheletti, nascido em 13 de agosto de 1943 é ex Presidente de Honduras (28 junho de 2009 – 27 janeiro de 2010). Ele sucedeu para a Presidência como resultado de uma crise constitucional criada pelo então presidente Manuel Zelaya em junho de 2009 em uma tentativa ilegal de alterar a Constituição nacional</i> ”

⁴¹¹CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit.

⁴¹²CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outspcak*. op. cit.

⁴¹³“*Its first initiative will be to make available for interested Hispanic and American students translations of the huge amount of Portuguese materials originated from the Seminário de Filosofia’s online philosophy program*”. CARVALHO, O. de. “A word from our presidente”. *The Inter-American Institute*. 04.06.10. Disponível em <http://www.theinteramerican.org/about-us/mission-statement/128.html>, acessado em 10.01.12.

Membro	Cargo	Biografia resumida*
Justice Tom Parker	Distinto Correligionário Sênior em Lei Constitucional e Jurisprudência	<i>“Justice Tom Parker foi o primeiro eleito para a Suprema Corte do Alabama em 2004; sendo reeleito para a Corte em 2010. Justice Parker é conhecido como o juiz mais conservador da Suprema Corte”</i>
Alejandro Peña-Esclusa	Distinto Correligionário Sênior em Política e Liderança em Direitos Humanos	<i>“Ex candidato à Presidência na Venezuela Alejandro Peña-Esclusa é um líder Latino Americano proeminente, amplamente respeitado por combinar experiência política com uma sólida fundação moral e intelectual em um tempo em que rapidamente aumenta o perigo geopolítico e ameaças de segurança sem precedentes na região”</i>
Herbert W. Titus	Distinto Correligionário Sênior em Lei Constitucional, Jurisprudência e Política Pública	<i>“Pesquisador, autor e conferencista conhecido nacionalmente, Herbert W. Titus é do Conselho Legal da empresa de William J. Olson. Ele ensinou lei constitucional, lei comum e outros temas por quase trinta anos em cinco diferentes Escolas de Direito aprovadas pela Associação Americana de Advogados”</i>
Dr. Judith Reisman	Distinto Correligionário Sênior em Estudos de Modas Sociais, Direitos Humanos e Análise Forense da Mídia	<i>“Dr. Judith Reisman é solicitada em todo mundo para falar, apresentar conferências, testemunhar e aconselhar indivíduos, organizações, profissionais e governos sobre Análise Forense da Mídia, a análise científica de imagens, fotografias, cartuns, ilustrações, pornografia e textos sobre assédio sexual de mulheres e crianças em seus lugares de trabalho, escolas e casas”</i>
Dr. Edwin Vieira, Jr.	Distinto Correligionário Sênior em Jurisprudência, Lei Constitucional e Lei Monetária	<i>“Edwin Vieira, Jr., possui quatro títulos de graduação de Harvard: A.B. (Universidade de Harvard), A.M. e Ph.D. (Escola de Graduação em Artes e Ciências de Harvard), e J.D. (Escola de Lei de Harvard). Por quase trinta e seis anos tem praticado direito, especializando-se em casos que trazem questões de lei constitucional”</i>
Dr. Paul Gottfried	Distinto Correligionário Sênior em Civilização Ocidental e História das Ideias	<i>“Paul Gottfried passou os últimos trinta anos escrevendo livros e gerando hostilidade entre os conservadores ‘aprovados pela mídia’”</i>
Vladimir Tismăneanu	Distinto Correligionário Sênior em Ciência Política	<i>“Vladimir Tismăneanu, nascido em 04 de julho de 1951, é um cientista político, analista político, sociólogo e professor na Universidade de Maryland, romeno e estadunidense. Especialista em sistemas políticos e política comparada, ele é o diretor do Centro da Universidade de Maryland para o Estudo das Sociedades Pós-Comunistas”</i>
Jeffrey Nyquist	Distinto Correligionário Sênior em Ciência Política	<i>“Jeffrey Nyquist é um analista político e escritor preocupado com a ameaça do totalitarismo global dominante e a queda do Ocidente”</i>
Dr. Ted Baehr	Distinto Correligionário Sênior em Estudos de Cultura, Mídia e Entretenimento de Massa	<i>“Ted Baehr é fundador e editor do Movieguide® (atualmente conhecido como www.movieguide.org) e presidente da Christian Film & Television Commission®”</i>

Membro	Cargo	Biografia resumida*
Dr. Ahmed Youssif El Tassa	Distinto Correligionário Sênior em Sinologia, Filosofia Clássica Chinesa e Medicina Chinesa	“Dr. Ahmed Youssif El Tassa, MD, é um dos melhores pesquisadores mundiais sobre filosofia chinesa e medicina chinesa. Ele vive em Pequim, China, desde 1991. Dr. El Tassa é o primeiro ocidental a receber o título de Mestre em Filosofia Chinesa da Academia Chinesa de Ciências Sociais [...] Depois e dez anos de pesquisa na mesma academia, e apesar de seu feroz ateísmo, ele defendeu com sucesso sua tese sobre a relação intrínseca entre corpo humano, alma e espírito, o que o permitiu ser o primeiro pesquisador não Chinês a receber o título de Professor de Filosofia Chinesa naquela instituição”
Stephen Baskerville	Correligionário Sênior em Ciência Política e Direitos Humanos	“Stephen Baskerville é Professor Associado de Governo na Universidade Patrick Henry e Pesquisador Correligionário no Centro Howard para Família, Religião e Sociedade e no Instituto Independent”
Colonel Alfonso Plazas-Vega	Correligionário Sênior em Política e Liderança em Direitos Humanos	“Coronel Alfonso Plazas-Vega é amplamente reconhecido como um dos líderes na luta contra as redes de guerrilha Marxistas que dominaram o tráfico ilegal de drogas no Hemisfério Ocidental e oprimiram mais de dez milhões de pessoas, não somente através do flagelo do crime urbano e da corrupção sistemática de funcionários públicos, mas também por inaugurar movimentos de guerrilha Marxista e terrorismo em vários países da América, seja no Norte, no Sul ou Central”
Mina Seinfeld de Carakushansky	Correligionário Sênior no Estudo da Demanda Efetiva de Drogas e Políticas de Redução	“Reconhecida através da América do Sul, da Europa e da América do Norte como uma liderança na batalha contra o vício em drogas e problemas sociais associados. Professora Carakushansky é Presidente dos Humanitários Brasileiros em Ação (BRAHA) e tem sido pelos últimos dez anos a Coordenadora Internacional do Formando Lideranças na América Latina para a Redução da Demanda de Drogas, um Programa da Rede de Prevenção de Drogas das Américas e da Fundação América Livre de Drogas”
Steve Baldwin	Correligionário Sênior em Liderança Prática Política	“Steve Baldwin é um líder veterano em todos os níveis de organização política conservadora, dos movimentos locais até a rede nacional entre os mais proeminentes líderes políticos, assim como um autor, um erudito e consultor político”
Dr. Earle Fox	Correligionário Sênior em Filosofia da Ciência e Visão de Mundo do Monoteísmo Ético	“Earle Fox é um padre Anglicano que recebeu seu título de Doutor em Filosofia em 1964 na Universidade de Oxford pesquisando a relação entre ciência e teologia”
John Haskins	Correligionário Sênior para a Compreensão Pública da Lei, Propaganda e Revolução Cultural	“John Haskins escreve e entrevista sobre sociedade, política, educação, religião, direitos dos pais e sabotagem de governos constitucionais pela esquerda e pela autointitulada ‘direita’”.
Miguel Bruno Duarte	Correligionário em Filosofia e Ciência Política	“Miguel Bruno Duarte é um Filósofo Português cujo trabalho é focado nas relações econômicas, políticas e religiosas do liberalismo clássico”
John Wahl	Correligionário Júnior em Liderança Prática Política	“John Wahl é apresentado como um ascendente estrategista político e operativo de campanhas com impressionantes conquistas já em seus vinte e poucos anos”

FONTE: THE INTER-AMERICAN INSTITUTE. *Fellows*. Disponível em <http://www.theinteramerican.org/about-us/fellows.html>, acessado em 20.01.12. Tradução nossa. *Resumo das biografias ofertadas pelo Inter-American Institute.

Como visto na tabela, Carvalho cercou-se de uma série de intelectuais e pessoas

renomadas nos EUA, mas ao contrário do que espera-se o *Inter-American Institute* não deslancha como *think tank* para a direita estadunidense, resumindo suas atividades cotidianas nas centralização da publicação de *blogs* dos autores citados e no suporte material para a realização do Seminário de filosofia em sua versão traduzida. Bem menos do que o intento desejado, tanto que a citação seguinte, onde Carvalho explica os motivos para sua ida aos EUA, funciona muito mais como um pedido de doações:

Desde que cheguei aos EUA, em maio de 2005, assumi como dever pessoal, fora e independentemente do meu trabalho de correspondente jornalístico e da preparação do livro *A Mente Revolucionária*, informar ao maior número possível de jornalistas, intelectuais, empresários e políticos americanos a verdade sobre o estado de coisas no Brasil, a abrangência dos planos do Foro de São Paulo, a aliança entre partidos de esquerda e organizações criminosas, a colaboração ativa e essencial do governo Lula na revolução continental cujas personificações mais vistosas são Hugo Chávez e Evo Morales [...] Não quero me gabar dos resultados obtidos, mas sei que, na mídia conservadora e nos think tanks republicanos, já quase ninguém mais acredita na mentira idiota de que Lula é um antídoto à subversão chavista. Estou consciente de ter contribuído ativamente para sepultá-la. Mais dia, menos dia, notícias do falecimento chegarão ao governo americano, se é que já não chegaram⁴¹⁴.

Em 2009 é fundado o Instituto Olavo de Carvalho (IOC), idealizado por Luciane Amato, que o dirige segundo orientações de Carvalho e que conta com Simone Caldas como vice-diretora. Ele conta com um espaço físico na Rua Visconde do Rio Branco n.º. 449, no bairro Mercês em Curitiba:

Na casa, linda e muito aconchegante – quem conhece a Luciane sabe do que eu estou falando –, há salas de aulas para grupos, salas de acompanhamentos individuais, sala de estudo de línguas, sala de música, biblioteca, sala de reuniões dos grupos de estudo; há ainda os jardins, as flores e plantas, os quadros e os mosaicos, os retratos de nossos mestres, as notas musicais vindas das aulas de música soando por todo o Instituto; há a nossa *Étoile*, uma linda boxer que cuida da casa; enfim, há ainda a administração, a recepção, a cozinha, o cantinho do café...⁴¹⁵

O IOC oferece uma série de atividades pagas, divididos entre grupos de estudo, cursos, atendimentos individuais, palestras e eventos. Oferece três modalidades de associação, além dos cursos individuais. Os custos para associar-se são os seguintes (em valores mensais): associado tipo um de cento e dez reais (permite acesso a todo o *site*, exceto cursos *online* de

⁴¹⁴CARVALHO, O. de. *Apelo urgente de Olavo de Carvalho a seus leitores brasileiros*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/donation.html>, acessado em 22.01.12.

⁴¹⁵CALDAS, S. *O instituto*. 08.08.10. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/o-instituto/quem-somos.html>, acessado em 22.01.12.

idiomas); associado tipo dois de duzentos reais (permite acesso global ao *site*); associado tipo três de trezentos reais (permite acesso global a todas as atividades e financia bolsas de estudos para outros alunos). A justificativa para cobrança é que “o Instituto é uma entidade sem fins lucrativos, não recebe nem jamais receberá qualquer forma de financiamento estatal, e se mantém exclusivamente das doações e do trabalho dos seus membros”⁴¹⁶. A tabela a seguir indica os preços mensais dos cursos “avulsos”:

TABELA 8: Cursos oferecidos no Instituto Olavo de Carvalho e preços:

Opção de cursos (em andamento)	Preço mensal
Oficina de literatura	R\$ 45,00
Grupo de estudos	R\$ 75,00
Português	R\$ 45,00
Latim	R\$ 45,00
Grego	R\$ 45,00
Poesia Módulo I – Introdução à poesia – 16 aulas	R\$ 180,00
Poesia Módulo II – A Poesia de Camões – 16 aulas	R\$ 180,00
Poesia Módulo III – Bocage – Parte I – 4 aulas	R\$ 45,00
Poesia Módulo IV – Bocage – Parte II – 4 aulas	R\$ 45,00
História da filosofia Módulo I – Dos Pré-socráticos aos Diálogos Platônicos – 17 aulas	R\$ 180,00
História da filosofia Módulo II – Platão – 16 aulas	R\$ 180,00
História da filosofia Módulo III – As leis de Platão – 16 aulas	R\$ 180,00
Literatura Módulo I - Once more unto the breach, dear friends: poesia, história e a Henriada de William Shakespeare – 16 aulas	R\$ 180,00
Literatura Módulo II – William Shakespeare – Parte II – 16 aulas	R\$ 180,00
Francês Módulo I – Francês – 16 aulas	R\$ 180,00
Francês Módulo II – Francês – 16 aulas	R\$ 180,00
História Módulo I – História da inquisição – 4 aulas	R\$ 45,00
História Módulo II – Educação monástica medieval – 8 aulas	R\$ 90,00
História Módulo III – História das cruzadas – 4 aulas	R\$ 45,00
História Módulo IV – Tópicos de arte medieval - Parte I – 8 aulas	R\$ 90,00
História Módulo V – Tópicos de arte medieval - Parte II – 8 aulas	R\$ 90,00
História Módulo VI – Idade média – Elementos estruturais – 8 aulas	R\$ 90,00
Educação da imaginação Módulo I - A imaginação, seus elementos componentes e sua função cognitiva - 4 aulas	R\$ 45,00
Educação da imaginação Módulo II - Os quatro discursos: do descritivo ao poético - 4 aulas	R\$ 45,00
Educação da imaginação Módulo III - A estrutura geral da narrativa bíblica - 7 aulas	R\$ 90,00
Educação da imaginação Módulo IV - As imagens e símbolos da bíblia (Parte I) e introdução a elementos de gramática - 4 aulas	R\$ 45,00
Educação da imaginação Módulo V - As imagens e símbolos da bíblia (Parte II) e sua narrativa - 4 aulas	R\$ 45,00
Educação da imaginação Módulo VI - A narrativa bíblica - 4 aulas	R\$ 45,00
Educação da imaginação Módulo VII - Arquétipos: a literatura como desenvolvimento do mito - 4 aulas	R\$ 45,00
Educação da imaginação Módulo VIII - O mito deslocado: a literatura - 4 aulas	R\$ 45,00
Italiano - Módulo I - 16 aulas	R\$ 180,00
Palestras - Ângelo Monteiro - A filosofia e a poesia	R\$ 50,00
Palestras - Ângelo Monteiro – Autobiografia	R\$ 50,00
Palestras - Ângelo Monteiro - Arte ou desastre	R\$ 50,00

FONTE: INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. op. cit.

⁴¹⁶INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/inscricoes.html>, acessado em 22.01.12.

Os grupos de estudo funcionam desde 2009, em um primeiro momento sob orientação de Luciane Amato, dedicando-se ao estudo do latim; de história antiga, medieval, da Igreja e dos Estados Modernos; de autores clássicos da literatura; das ciências sociais e de arquitetura, música, poesia. Para o ano de 2012 os temas de estudo propostos são “*teoria e história da música e da arte, literatura brasileira, história do séc. XX e estudos luso-brasileiros*”. Estes grupos dividem-se em o grupo de estudos literários, o grupo de estudos de filosofia, o grupo de “transcrição e edição” e o grupo de estudos de escritores.

O grupo de estudos de filosofia (“*aspirantes a filósofos*” como identificam-se) existe desde 2010 e é formado por treze pessoas. “*Atualmente o objetivo do grupo é preparar seus integrantes para a elaboração do trabalho de conclusão do Curso Online de Filosofia de Olavo de Carvalho*”. O grupo de “transcrição e edição” é responsável por “*transcrever as aulas*”, exercício para “absorção” do conteúdo e contribuição para o “*registro e documentação da obra filosófica de Olavo de Carvalho, cujas [sic] partes mais essenciais foram expostas, até hoje, apenas oralmente*”⁴¹⁷. O grupo de estudos literários, também funciona desde 2010 e busca “*o enriquecimento do imaginário, através das trocas de experiências a respeito das obras lidas e estudadas, e uma maior compreensão do fenômeno literário, através do das obras de Northrop Frye, F.R. Leavis e Susanne Langer, entre outros*”. Seus trabalhos ainda “*deram origem e alimentam o que hoje é feito na Oficina de Literatura do IOC*”. O grupo de estudos de escritores busca analisar a vida e obra de escritores luso-brasileiros. Os autores analisados por eles até então seriam os seguintes: Machado de Assis, José Geraldo Vieira, Marques Rebelo, Ângelo Monteiro, Georges Bernanos, François Mauriac, Karen Blixen, Gertrud von le Fort, Jakob Wassermann e Camilo Castelo Branco⁴¹⁸.

Os cursos oferecidos no IOC são de idiomas, piano erudito, o “programa de enriquecimento instrumental”, de suporte para aprofundamento e acompanhamento do curso *online* de filosofia e os atendimentos individuais (através do que chamam de *bio-iatria*). Os cursos de línguas são oferecidos pelos seguintes “instrutores”: Bruno Yoshio Mori, de Alemão e Italiano; Simone Guimarães, de Francês; Fernando de Moraes, de Inglês e Grego. O curso de piano erudito é dado por Luiz Alberto Santos. O chamado “programa de enriquecimento instrumental” é ofertado por Simone Caldas, e trata-se de um programa psicopedagógico elaborado por Reuven Feuerstein, “*para que qualquer pessoa seja capaz de aumentar suas*

⁴¹⁷INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Pesquisa e estudos*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/pesquisa-e-estudo.html>, acessado em 23.01.12.

⁴¹⁸Idem.

capacidades intelectuais, ampliando sua atuação social". O curso de suporte para o curso online de filosofia também é de responsabilidade de Simone Caldas, sendo seu objetivo "auxiliar os alunos do Curso Online de Filosofia na coordenação das atividades de base propostas pelo filósofo Olavo de Carvalho"⁴¹⁹.

Os atendimentos individuais são oferecidos por Luciane Amato e quatro alunos seus: Eduardo Dipp, Francisco Escorsim, Simone Caldas e Melina Rejaile. As aulas são sempre individuais, de duração de uma hora e meia, presenciais ou não (na sede do IOC ou através do Skype), não sendo admitido faltas. Os atendimentos individuais são tratados como "o coração do Instituto Olavo de Carvalho", espécie de "suporte de que muitos necessitavam para o ingresso sério na vida intelectual proposta pelo Olavo; como paideia, formação integral voltada para o fortalecimento da consciência e expansão de seu horizonte; como ciência prática do sentido da vida"⁴²⁰. A ofertadora do curso o define como:

[...] sintetizada no termo que ela tomou emprestado de Julián Marías: *bio-iatria*, isto é, medicina das doenças biográficas [...] "somente juntei os muitos ensinamentos de Olavo de Carvalho, sobretudo em matéria de ética, psicologia e biografia, somei estudos de Marías, Lain Entralgo, Lavelle, Szondi, Frankl e outros, e, caso a caso, apliquei o que aprendi, isto é, adotei um método tutorial de ensino, partindo do ponto em que se encontrava cada um dos meus alunos ao chegar até mim e tentando fazer com que se realizasse nele a operação realizada em mim pela presença de Olavo de Carvalho." [...] Em todo caso, trata-se sempre de uma retificação de biografias através da educação verdadeira⁴²¹.

Estes atendimentos propõem uma verdadeira contrarrevolução moral dos alunos, tendo como objetivos:

– a ampliação do imaginário e do horizonte de consciência; – o surgimento e fortalecimento de uma consciência moral; – o esforço para desfazer mentiras existenciais e contar direito a própria história; – o preenchimento de lacunas culturais, bem como a dissolução dos efeitos nocivos de uma pseudo-educação estúpida; – o fortalecimento da vontade; – a busca incessante da sinceridade existencial e da honestidade intelectual; – o estudo e aprofundamento dos temas que *realmente interessam* ao aluno, evitando a gratuidade e a aquisição de conhecimentos desacompanhada de comprometimento pessoal; – a abertura da alma para todos os aspectos da realidade, e sobretudo para a dimensão espiritual da existência humana⁴²².

⁴¹⁹INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Cursos*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/cursos.html>, acessado em 23.01.12.

⁴²⁰INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Atendimentos individuais*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/atendimentos.html>, acessado em 23.01.12.

⁴²¹Idem.

⁴²²Ibidem.

As palestras e eventos geralmente são internos “*desdobramentos de outras atividades desenvolvidas (como as reuniões de apresentação dos resultados dos grupos de estudos literários)*”, abrindo a partir de dezembro de 2010, para palestrantes de fora, no caso deste primeiro evento, o poeta e ensaísta Ângelo Monteiro, que no dia dez daquele mês de dezembro palestrou sobre *Autobiografia* e no dia seguinte sobre *A filosofia e a poesia*⁴²³.

Podemos concluir que o IOC concretizou-se em um espaço importante para a formação e constituição ideológica de futuros intelectuais, possíveis quadros para o MSM, sendo ainda o maior limitador para sua expansão a falta de recursos financeiros, embora tenham conseguido consolidar-se em torno de uma sede física. Os horários oferecidos são todos alternativos, ou seja, não conseguem preencher horários habituais para instituições de ensino, buscando os horários noturnos em função do mercado de trabalho, o que pode ser explicado, aparentemente, porque no mesmo local de funcionamento do IOC em horário comercial funciona uma loja de mosaicos. Do mesmo modo não há no seu *site* indicação se alguma parte das mensalidades destina-se para Olavo de Carvalho ou para o MSM. Esta independência financeira assinala a distância que buscam manter do Estado no seu processo educativo, nenhum dos seus cursos é regulamentado e do mesmo modo nenhum de seus “instrutores” possui formação pedagógica consequente: dos quadros indicados que pudemos apurar Melina Rejaile é formada em Comunicação Social (Jornalismo) pela faculdade Tuiuti⁴²⁴, Francisco Escorsim é formado em Direito pela PUC Paraná⁴²⁵ e Eduardo Dipp é formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná e Especialista em Psicomotricidade Relacional⁴²⁶. Na imagem seguinte vê-se o IOC e a loja de mosaicos Ghellere, de propriedade de Luciane Amato, esposa de Ronaldo Bohlke:

⁴²³INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Palestras e eventos*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/palestras-e-eventos.html>, acessado em 23.01.12

⁴²⁴“Participação em banca de Melina Abou Rejaile e Leandro Taques. *Top Cristã*. 2001. *Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Tuiuti do Paraná*”. MOLIANI, J. A. *Curriculum lattes*. Disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=N539772>, acessado em 23.01.12.

⁴²⁵Também mantém o blog *A elegância vai ao cinema* e escreve para o *Paraná Online*. Ver ESCORSIM, F. *Por que elegância?* Disponível em <http://cinemaelegante.blogspot.com/2005/03/por-que-elegancia.html>, acessado em 23.01.12. ESCORSIM, F. “A seriedade de Alegria”. *Paraná Online*. 19.10.07. Disponível em <http://www.parana-online.com.br/colunistas/201/50421/?postagem=A+SERIEDADE+DE+IALEGRIAI>, acessado em 23.01.12.

⁴²⁶MADRETERNA. *4º oficina de música e arte católica*. Releases da área de expressão. Disponível em <http://www.zizafernandes.com/oficina/releaseexpressao.php>, acessado em 23.01.12.

FIGURA 3: Instituto Olavo de Carvalho e loja de mosaicos Ghellere:



FONTE: GOOGLE STREET VIEW. R. Visconde do Rio Branco, 449. Mercês, Curitiba. Foto de junho de 2011. Disponível em http://maps.google.com.br/maps?q=visconde+do+rio+branco+449+curitiba&um=1&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x94dce408143850cf:0x80007abc7f4cfdff,R.+Visc.+do+Rio+Branco,+449+-+Merc%C3%AAs,+Curitiba+-+PR,+80410-000&gl=br&ei=NKsdT7DiGMvo2gXuydH0Cw&sa=X&oi=geocode_result&ct=title&resnum=1&ved=0CCYQ8gEwAA, acessado em 23.01.12.

Em 2011 é lançada a livraria virtual do Seminário de filosofia⁴²⁷, em parceria com o Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico (CEDET), empresa especializada em desenvolver franquias de livrarias virtuais⁴²⁸. É um espaço para a venda de livros escolhidos por Olavo de Carvalho e colaboradores. Em verificação feita no dia 09.07.11 possuíam quase mil livros para venda, de mais de quarenta editoras. Destas, sem dúvida as que mais se destacam são as que alinham-se ao perfil do Seminário, como a “É Realizações”, com mais de cento e vinte livros para venda; a Topbooks com mais de cem livros, a Mises Brasil com mais de quarenta livros; e a Vide Editorial com cinco livros⁴²⁹.

A editora “É realizações”, de propriedade de Edson Filho (um dos organizadores do congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades) criada em 2000 e localizada em São Paulo, é responsável pelo lançamento de autores como Alejandro Peña Esclusa, Eric Voegelin, Heitor

⁴²⁷LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA; CEDET. *Quem somos*. Disponível em <http://livraria.seminariodefilosofia.org/sobre-o-site/informacoes-gerais/quem-somos.html>, acessado em 25.01.12.

⁴²⁸CEDET. *Livrarias virtuais CEDET*. Disponível em <http://www.cedet.com.br/index.php/?CEDET/Informacoes-para-Clientes/livrarias-virtuais-cedet.html>, acessado em 25.01.12.

⁴²⁹LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Livros à venda*. Disponível em <http://livraria.seminariodefiosofia.org>, acessado em 09.07.11.

de Paola, Mário Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho, Paulo Mercadante, etc⁴³⁰. Seu proprietário é casado com Angela Zogbi de Oliveira, que vem de uma próspera família de banqueiros, o que, segundo Edson “o dinheiro dela ajuda, claro. Ela acredita no meu projeto e está junto comigo, senão eu não teria condições de investir a longo prazo” – em 2011 o investimento total da “É Realizações” foi de seis milhões de reais. Além disto, conta com investidores para coleções específicas, caso da Biblioteca René Girárd (que até 2013 pretende ter 60 títulos) e que teria o custo de um milhão e quinhentos mil reais: “a É teve o apoio da fundação americana *Imitatio*, bancada pelo milionário Peter Thiel, cofundador do PayPal, investidor do Facebook [...] mas, conta o editor, a *Imitatio* só entrou com R\$ 200 mil – menos de 15% do total”. Segundo o seu proprietário a editora não possui “uma proposta ideológica. Diz que é, antes, uma cartada pragmática, uma vez que, opina, o nicho é dominado por autores marxistas”. A É Realizações lançou vários livros de Olavo de Carvalho, que também ofereceu cursos no espaço que a editora mantém em São Paulo, mas seu proprietário e ele “romperam por ‘problemas pessoais’”⁴³¹.

A editora Topbooks foi criada em 1990 por José Mário Pereira (“nascida às vésperas das eleições de 1990 com a publicação de três economistas em campanha – Roberto Campos, Delfim Netto e César Maia”⁴³²) no Rio de Janeiro, e ficou nacionalmente conhecida com o lançamento da autobiografia de Roberto Campos (*A lanterna na popa*) em 1994. Como narra Pereira:

“Eu não tinha dinheiro nem para comprar o papel e havia duas grandes editoras interessadas em publicar suas memórias, mas o Roberto gostou da proposta que fiz: dividiríamos os lucros em 50% para cada um, e eu ainda trabalharia como pesquisador, divulgador, e o que mais ele precisasse”. O papel Pereira comprou a crédito, tendo por avalistas poderosos como Roberto Marinho e Israel Klabin. “O dono da empresa de papel não acreditava, ligou para a secretária deles para ver se era verdade”⁴³³.

A editora tem mais de 300 livros em seu catálogo, e é difícil não notar certo caráter conservador nos lançamentos da Topbooks, mas a crítica não pode ser generalizada, ela denota mais a postura de convivência intelectual de José Mário Pereira, “capaz de reunir num mesmo acontecimento figuras tão dispares quanto Roberto Marinho e Luís Carlos Prestes, e

⁴³⁰É REALIZAÇÕES. *Catálogo*. Disponível em <http://www.erealizacoes.com.br/editora/catalogo.asp>, acessado em 25.01.12.

⁴³¹VICTOR, F. “O que é, que é?”. *Folha de S. Paulo*. 12.01.12. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha_Ilustrada_07-01-2012.pdf, acessado em 25.01.12.

⁴³²TOPBOOKS. *A editora*. Disponível em <http://www.topbooks.com.br/>, acessado em 25.01.12.

⁴³³QUEM. “Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro”. *Quem*. 14.11.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_QUEM_141103.htm, acessado em 25.01.12.

*continuar querido pelos dois*⁴³⁴, que uma postura ideológica da editora. Esta postura de “convivência política” de Pereira permite para a Topbooks abarcar parcerias extremamente ecléticas ao longo dos anos, inclusive abrindo espaço para a direita fascista (todos os livros de Carvalho lançados pela Topbooks são em parceria com a já citada UniverCidade). Suas principais parcerias foram com a Academia Brasileira de Letras, com a Fundação Biblioteca Nacional, com a Fundação Roberto Marinho, com a Fundação Casa de Rui Barbosa, com a UniverCidade e com o *Liberty Fund*, estadunidense⁴³⁵. Este último

[...] criado em 1960 por Pierre F. Goodrich, um milionário de Indianápolis, que apostava nos livros como o melhor meio de deter a expansão do comunismo. Dedicada à reflexão e ao debate sobre a liberdade, a fundação de Goodrich, que era advogado e empresário, manteve-se atuante mesmo após a sua morte, em 1973, e vem publicando edições primorosas dos maiores clássicos do pensamento ocidental⁴³⁶.

A Mises Brasil é o braço editorial do Instituto Ludwig von Mises Brasil (versão brasileira, mas reclamam, não subordinada ao estadunidense *The Ludwig von Mises Institute*⁴³⁷) fundado em 2008. Este busca:

I - promover os ensinamentos da escola econômica conhecida como Escola Austríaca; II - restaurar o crucial papel da teoria, tanto nas ciências econômicas quanto nas ciências sociais, em contraposição ao empirismo; III - defender a economia de mercado, a propriedade privada, e a paz nas relações interpessoais, e opor-se às intervenções estatais nos mercados e na sociedade. O IMB acredita que nossa visão de uma sociedade livre deve ser alcançada pelo respeito à propriedade privada, às trocas voluntárias entre indivíduos, e à ordem natural dos mercados, sem interferência governamental. Portanto, esperamos que nossas ações influenciem a opinião pública e os meios acadêmicos de tal forma que tais princípios sejam mais aceitos e substituam ações e instituições governamentais que somente: a) protegem os poderosos e os grupos de interesse, b) criam hostilidade, corrupção, e desesperança, c) limitam a prosperidade, e d) reprimem a livre expressão e as oportunidades dos indivíduos⁴³⁸.

Presidido por Hélio Beltrão Filho, o instituto gerencia uma série de atividades em torno da propaganda da escola austríaca de economia: textos, um *blog* coletivo, colunistas, entrevistas, vídeos, biblioteca virtual, loja virtual (que possui desde camisetas e chaveiros até livros) além de organizar diversos encontros e congressos. Os livros, fora os oferecidos

⁴³⁴PONTES, I. “Vocação: editor”. *Tribuna da Imprensa*. 12.12.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_TI_121203.htm, acessado em 25.01.12.

⁴³⁵TOPBOOKS. *A editora*. op. cit.

⁴³⁶QUEM. “Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro”. *Quem*. 14.11.03. op. cit.

⁴³⁷MISES INSTITUTE. *Daily*. Disponível em <http://mises.org/>, acessado em 26.01.12.

⁴³⁸MISES BRASIL. *Sobre nós*. Disponível em <http://www.mises.org.br/About.aspx>, acessado em 26.01.12.

gratuitamente pela biblioteca virtual⁴³⁹ (também disponibilizam *links* para pesquisas acadêmicas com mesmo enfoque⁴⁴⁰), são vendidos com preços muito mais baixos que costuma-se encontrar no mercado⁴⁴¹ – seus lançamentos contam com parcerias com a É Realizações e o Instituto de Estudos Empresariais. São quase em sua totalidade traduções de livros de economistas ultraliberais feitas por seus próprios integrantes. Destes destacam-se Hélio Beltrão, Rodrigo Constantino, Wagner Lenhart, Alexandre Barros, Fabio Barbieri, Rosely Sayão, Klauber Cristofen Pires e Ubiratan Iorio (os dois últimos também colunistas do MSM)⁴⁴².

A Vide editorial é a menor de todas as editoras trabalhadas, tornando-se relevante por ser a responsável pelo último lançamento de Carvalho, *Maquiavel ou a confusão demoníaca* de 2011. A editora nasce em 2009 em Campinas, e é o braço editorial do “movimento” da Vigilância Democrática (VIDE), sendo que seu *site*, tal qual ao da livraria virtual do Seminário de filosofia, também é desenvolvido e gestado em parceria com a CEDET⁴⁴³.

A VIDE, que faz parte da rede extrapartidária do MSM, declara como sendo seus, entre vários, os seguintes princípios:

- Somos partidários da democracia representativa como a forma de governo que melhores resultados apresenta até os nossos dias [...] - Para isso é preciso ter em vista, continuamente, o necessário aperfeiçoamento da representação como instrumento e suporte da opinião pública, sendo viável incorporar instrumentos diretos de manifestação como forma de contribuir para o melhor desempenho do representante [...] - Entendemos por Direitos e Liberdades Fundamentais, aqueles que se afirmam perante o Poder Público ou terceiros devendo, obrigatoriamente, fazer respeitar os limites inalienáveis do direito à Vida; à livre expressão do Pensamento e Opinião; à garantia da Propriedade; à Igualdade perante a Lei; à Privacidade; à Segurança pessoal e familiar, sem prejuízo de outros de natureza correlata ou complementar [...] - Defendemos o Estado de Direito, onde todos os indivíduos, governantes e cidadãos comuns, estejam submetidos ao mesmo conjunto de leis; - Acreditamos que a contrapartida da Liberdade a que todos temos direito é a Responsabilidade [...] - Confiamos no Mérito como valor e na Igualdade de Oportunidades, excluídas as discriminações de qualquer espécie, como condição para uma sociedade justa, sadia e harmoniosa [...] - Consideramos a existência de uma Imprensa Livre, responsável, independente, sem tutelas e protegida de coações políticas e econômicas um requisito absolutamente indispensável em qualquer

⁴³⁹Estão disponíveis vinte e oito livros para download. MISES BRASIL. *Biblioteca*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Ebooks.aspx?type=99>, acessado em 26.01.12.

⁴⁴⁰Estão disponíveis sete *links* para pesquisas acadêmicas. MISES BRASIL. *Trabalhos acadêmicos*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Ebook.aspx?id=38>, acessado em 26.01.12.

⁴⁴¹Dos 29 livros disponíveis a média de preço é de cerca de 24 reais (os livros mais caros são de outras editoras). MISES BRASIL. *Loja virtual*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Products.aspx>, acessado em 26.01.12.

⁴⁴²Para a lista completa de autores ver MISES BRASIL. *Autores*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Authors.aspx?type=articles>, acessado em 26.01.12.

⁴⁴³Ver nota 428.

país que se queira verdadeiramente democrático⁴⁴⁴;

No mesmo manifesto, contando com o direcionamento da “divina providência”, ainda declaram que: primeiro, “*que todo cidadão livre tem o direito e a responsabilidade de se opor a quaisquer manobras do poder político no sentido de adquirir atributos autoritários, independente do seu viés ideológico*”; segundo, “*que todo ser humano deve ter preservado o seu direito à legítima defesa incluídos, para esse fim, o acesso aos meios materiais necessários*”; terceiro “*que a corrupção e o fisiologismo político crescentes na vida nacional são grandes obstáculos ao bom desempenho do sistema democrático*” e que por isto “*devem ser combatidos sem meias palavras através da efetiva transparência de todos os procedimentos da vida pública*”; e por fim, de modo mais explícito, “*que a oposição aos direitos e liberdades fundamentais e as tentativas de submissão do estado a interesses de pessoas ou associações devem ser combatidas em todas as suas formas*”⁴⁴⁵.

Até então o manifesto não mostra-se explícito, o que ocorre quando a VIDE explica melhor este último ponto em relação à esquerda, que para eles “*de fato, todos os movimentos políticos de esquerda são inerentemente anti-democráticos e em grande parte autoritários. O apoio destes movimentos a regimes democráticos é apenas uma concessão tática*”, o que seria proclamado “*abertamente por todos os partidos e movimentos importantes de esquerda no Brasil*”⁴⁴⁶. Em relação à direita: termo que para eles, no Brasil é “*ainda associado a conservadorismo, nacionalismo e autoritarismo. Todas essas associações são apenas fruto de distorções culturais provenientes de uma educação sofrível e aparelhada*”, já que supostamente existiriam “*direitistas que são progressistas, revolucionários, globalistas, liberais e libertários*”⁴⁴⁷. Neste sentido cabe explicitar que as diferenças entre estes conceitos da ciência e prática política são abertamente gritantes, e que não dizem respeito a meras abstrações, mas a representações de grupos sociais em luta – a diferença entre libertários e liberais, para situarmos somente um destes absurdos, ultrapassa a semântica. Estas “assemelhações” propostas são argumentações ideológicas provenientes de uma leitura binária da realidade (especialmente marcada entre conservadores e reacionários, discussão que realizamos no capítulo final desta dissertação). O mesmo servindo ao seu verbete para os “revolucionários”:

⁴⁴⁴VIDE. *Manifesto*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/VIDE-Informacoes-Gerais/Documentos-VIDE/manifesto-do-vide.html>, acessado em 26.01.12.

⁴⁴⁵Idem.

⁴⁴⁶VIDE. *Esquerda*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbetes-Ideologia/esquerda.html>, acessado em 26.01.12.

⁴⁴⁷VIDE. *Direita*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbetes-Ideologia/direita.html>, acessado em 26.01.12

O termo Revolucionário é utilizado para designar todos aqueles que são favoráveis à mudanças radicais nas tradições e leis. O revolucionário considera que o estado atual das coisas está completamente errado e que tudo deve ser mudado. O revolucionário tem pouco ou nenhum respeito pelas leis e tradições e geralmente justifica suas atitudes imorais e ilegais com a inversão de conceitos consagrados. Por exemplo: é comum ver um revolucionário redefinir o termo democracia a seu bel prazer para dar apoio a ditaduras. Converse com um socialista revolucionário que você perceberá rapidamente que os únicos argumentos que possui são fruto de conceitos distorcidos⁴⁴⁸.

Entre os artigos publicados em sua página (muitas vezes copiados com autorização de outros *sites* ou *blogs*) encontram-se André Gonçalves Fernandes, Luís G. Pereira, Raphael Farinazzo, César Kyn, Roberto Fendt (do Mises Brasil) e Joel Pinheiro da Fonseca (vencedor do primeiro Premio Mises Brasil na categoria artigos⁴⁴⁹), além de uma série de autores do MSM, como Tibiriçá Ramaglio, Olavo de Carvalho, Ipojuca Pontes, Percival Puggina, Marcus Boeira, Klauber Cristofen Pires, etc.⁴⁵⁰ (a VIDE também é membro da UnoAmérica de Alejandro Peña Esclusa⁴⁵¹).

E são responsáveis por uma série de eventos, maioria em parceria com a Fundação Liberdade e Cidadania⁴⁵², entidade de pesquisa e propaganda do Partido Democratas (DEM)⁴⁵³, e atualmente presidido pelo Deputado Federal José Carlos Aleluia. Nestes eventos são comuns os nomes de Sandra Cavalcanti, Pedro Salomão José Kassab, Ricardo Vélez Rodrigues, do Deputado Federal Guilherme Campos, Antonio Roberto Batista, Paulo Roberto de Oliveira Kramer, Antônio Paim, Dário Jorge Giolo Saadi, César Kyn d'Ávila, Djalma Moreira de Carvalho Filho, Eiiti Sato, Roberto Fendt, Luiz Alberto Machado, dentre vários⁴⁵⁴.

A VIDE editorial possui poucos livros lançados, fora o já citado livro de Carvalho, os seguintes: *Marxismo e descendência* de Antonio Paim, *Da guerra à pacificação: a escolha colombiana* de Ricardo Vélez Rodrigues, *O enigma quântico* de Wolfgang Smith (com prefácio de Carvalho) e *A psicologia do sentido da vida* de Izar Aparecida de Moraes

⁴⁴⁸VIDE. *Revolucionário*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/revolucionario.html>, acessado em 26.01.12.

⁴⁴⁹TAVARES, N. *Instituto Mises Brasil divulga o resultado do I Prêmio IMB*. 01.03.10. Disponível em <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=631>, acessado em 26.01.12.

⁴⁵⁰VIDE. *Artigos*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/>, acessado em 26.01.12.

⁴⁵¹VIDE EDITORES. *UnoAmérica*. 19.12.08. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/unoamerica-uniao-de-organizacoes-democraticas-da-america.html>, acessado em 18.03.12.

⁴⁵²VIDE. *Editoriais*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/>, acessado em 26.01.12.

⁴⁵³FUNDAÇÃO LIBERDADE E CIDADANIA. *A fundação*. Disponível em <http://www.flc.org.br/fundacao.asp>, acessado em 26.01.12.

⁴⁵⁴VIDE. *Editoriais*. op. cit.

Xausa⁴⁵⁵. Em seu *site* disponibilizam para a consulta *online* o *Dicionário de filosofia e ciências culturais*, de Mário Ferreira dos Santos e o *Dicionário de obras básicas da cultura ocidental* de Antonio Paim⁴⁵⁶. Assinalemos, que Vélez Rodrigues e Paim foram intelectuais orgânicos do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) e de sua revista, a *Convivium*, junto com nomes como Adolpho Crippa, Creusa Capalbo, Miguel Reale, Nelson Saldanha e Paulo Mercadante⁴⁵⁷ – o integralista Gumercindo Rocha Dórea foi secretário da revista por anos⁴⁵⁸. O Instituto e a *Convivium* foram responsáveis pela constituição e luta por um determinado sentido de história, sua “história das ideias”, que amputava a dialética e mitigava a luta de classes, atuando em convergência com a ditadura civil militar empresarial. Segundo Jurucê, a:

[...] IBF/Convivium possuía todo um trabalho militante que ultrapassa a “mera” disseminação ideológica nas páginas de seus aparelhos de informação. Este aparelho de hegemonia filosófica da burguesia possuía uma atividade militante ampla – organizativa/diretiva/educativa – que extrapolava a aparência de organização puramente filosofante que sua intelectualidade disseminava e buscava lhe imprimir. Sua atuação se igualava a de um partido político, mas com um “nicho”, um campo de batalha mais específico: o da “filosofia”, da **hegemonia filosófica**, que, por sua vez, se desdobrava na formação política, na agência de notícias, na prática organizativa-diretiva-educativa do aparelho de informação revista *Convivium*⁴⁵⁹.

Desta síntese da trajetória da vida pública de Olavo de Carvalho, onde buscamos enfatizar sua formação e constituição das relações sociais que possibilitaram sua atividade militante nos últimos vinte anos, podemos observar sua ascensão, em termos sociais e de *status*. Na infância, pela presença contínua da mãe e mesmo pelo tratamento recebido em seus anos enfermo, a penicilina (do mesmo modo que sua formação inicial em colégios católicos), podemos indicar que Carvalho nasce em uma família da nova pequena burguesia, e mesmo dotada de certa influência ou contatos sociais, visto a dificuldade que existia para a obtenção do medicamento no período. Também podemos observar sua origem social através das representações que constitui, pois mesmo quando Carvalho afirma ter nascido em família empobrecida, que justifica na necessidade do trabalho materno para complementar o orçamento familiar com os rendimentos do pai advogado, relembra a atitude deste perante

⁴⁵⁵VIDE EDITORIAL. *Vide editorial*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=40&Itemid=55, acessado em 26.01.12.

⁴⁵⁶VIDE EDITORIAL. *Índice do Dicionário de obras básicas da cultura ocidental*. Disponível em <http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/indice/indice.html>, acessado em 26.01.12.

⁴⁵⁷GONÇALVES, R. J. M. *História fetichista: o aparelho de hegemonia filosófica Instituto Brasileiro de Filosofia/Convivium (1964-1985)*. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009. p. 88-89.

⁴⁵⁸Idem. p. 102.

⁴⁵⁹Ibidem.

outros estratos sociais:

Meu pai, Luiz Gonzaga de Carvalho, tinha um jeito muito especial de ser amável, humilde e atencioso com os mendigos da sua cidadezinha, que o adoravam. Isso era tanto mais notável porque ele sabia muito bem ser grosso quando queria, especialmente com pessoas importantes. Tinha até um estilo de insultar absolutamente original, artístico mesmo, o qual copio na parca medida dos meus talentos⁴⁶⁰.

Sua formação erudita formal foi marcada pela necessidade do trabalho, encontrando-se desde a adolescência já ligado à imprensa, exercendo funções menores. Após o fechamento do curso de Filosofia da PUC do Rio de Janeiro, Carvalho segue a vida de trabalhador intelectual “de segundo escalão” sem maiores destaques, que foi possibilitada pelo recebimento da carteira de “prático”. Para o sustento da prole, que por sinal não é pequena, consolidou-se como um intelectual “técnico”, como visto nas funções que desenvolveu em diversas redações e editoras: editor de reportagem, editor de texto, secretário gráfico, secretário de redação, editor de política, editor de economia, colaborador ocasional, tradutor, organizador de texto, etc.

Quando aparece a chance de “especializar-se” elege a astrologia, responsável por parte de sua subsistência durante as décadas de setenta e oitenta. A mudança para a filosofia, e dela para a política, foi seu grande “pulo do gato”, primeiro afirmando-se em pequenos círculos influentes (como pode ser visto pelos primeiros locais de suas palestras e cursos), para através destes depois alçar maiores públicos. Alçando espaços na imprensa, visibilidade garantida através de suas articulações, sua base como “filósofo” autodidata, sem formação acadêmica consequente, o permitiu ir além dos meros comentários políticos de um jornalista “prático”, trazendo novos elementos analíticos para a criação do seu discurso ideológico e uma série de conhecimentos específicos, especialmente acerca de intelectuais e acadêmicos (brasileiros e estrangeiros), que se são pouco visíveis em publicações de circulação nacional, menos ainda são criticados de maneira incisiva. O debate intelectual acadêmico no Brasil não é nem de longe de visibilidade ou alcance nacional. Carvalho diversas vezes fora ridicularizado por responder acusações com citações de autores praticamente desconhecidos, a ponto de tornar-se parte da “caricatura” deste:

Quando menino Olavo tinha o hábito não de brincar com as outras crianças, mas de bater boca e refutar tudo que elas diziam. Eis um relato de quando Olavo tinha 9 anos: Menina: - Olavo, vamos brincar de médico? Olavo: - Certo (examina a menina). Menina: - Então o que eu tenho doutor? Olavo: -

⁴⁶⁰CARVALHO, O de. “A nova religião nacional”. *Diário do Comércio*. 26.03.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070326dc.html>, acessado em 14.01.12.

Veja bem, eu analisei você e conclui que você tem câncer, gota e celulite!
Menina: - Quê?! A gente só tá brincando! Como você é chato! Olavo: - Ora, cala a boca sua burra! Eu sei o que eu tô falando, eu estudo esse negócio já faz 7 anos! Quer discutir comigo é?! Você que só conhece as asneiras que sua mãe e o farmacêutico te falam! Eu já li mais de 80 bulas de remédio⁴⁶¹!

Mas é exatamente através deste tipo de prática que ele afirmou seu *status* de intelectual perante seus pares de direita – embora mantenha detratores entre estes, suas proposições afirmativas gerais “pegaram”, tornaram-se referência, especialmente sua hipótese maior (que para ele é confirmada): a existência de um movimento revolucionário de cunho gramsciano, o permitiu tomar posição de destaque nas formulações anticomunistas brasileiras, tornando-se parte integrante do imaginário da direita nacional, assim como a percepção de uma suposta hegemonia que a esquerda brasileira manteria sob a Universidade e a vida cultural.

A partir da metade da década de noventa, Olavo de Carvalho alcança o auge de sua carreira, escrevendo para os maiores jornais e revistas do país e chegando até a discursar na ONU e na UNESCO – condicionada diante da necessidade do combate ideológico contra a esquerda, seus movimentos sociais e partidos, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), diretamente marcada pela necessidade da reprodução do discurso anticomunista. Esta posição era compartilhada pelo conjunto da burguesia durante os anos noventa, e gradativamente irá diluir-se entre as suas frações com o processo de inserção plena na ordem pelo PT, seja através das negociações diretas com a burguesia em suas gestões municipais e através da Central Única dos Trabalhadores, CUT (os acordos tripartites iniciam-se já em 1993⁴⁶² e este tipo de negociação amplia-se especialmente com os planejamentos conjuntos com a Federação das Indústrias de São Paulo a partir da segunda metade daquela década⁴⁶³), seja pela mudança do caráter de classe da direção (o chamado campo majoritário) do próprio partido⁴⁶⁴. Do mesmo modo os acirramentos das tensões entre as frações da burguesia na implantação de políticas ultraliberais, evidenciadas na segunda gestão de Fernando Henrique Cardoso, cindiram o apoio unificado aos partidos identificados com a classe dominante, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o antigo Partido da Frente Liberal (PFL),

⁴⁶¹DESCICLOPÉDIA. *Olavo de Carvalho* (verbetes). Disponível em http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo_de_Carvalho, acessado em 19.01.12.

⁴⁶²OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do “novo sindicalismo”*: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008. p. 18.

⁴⁶³BOITO JR., A. “Burguesia no governo lula”. *Crítica Marxista*, n.º. 21. Disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-A-boito.pdf>, acessado em 29.01.12.

⁴⁶⁴COELHO, E. Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). op. cit.

atual Democratas. Segundo Francisco de Oliveira:

A Era FHC [Fernando Henrique Cardoso] começou apoiando-se numa indefectível aliança de classes, para o qual o paradigma classista ainda retinha todo seu poder heurístico. Mas a via neoliberal escolhida não foi o produto da aliança: ao contrário, a aliança foi o produto da escolha neoliberal. Ou, em outras palavras, nunca os aliados “atrasados”, ACM [Antônio Carlos Magalhães] *et cetera*, deram o tom do governo FHC. O centro irradiador do consenso que FHC liderou era seu próprio grupo, o PSDB como partido, e o núcleo universitário-burguês-plutocrático como vanguarda. A base eleitoral formou-se com o êxito do Plano Real. Mas FHC detonou a unidade do núcleo que lhe dava sustentação, com as radicais mudanças operadas na propriedade do capital, e a estagnação produzida pelo “modelo” escolhido, de inserção na globalização, destruiu o apoio eleitoral. Em outras palavras, o paradigma classista, válido para o primeiro período da aliança, foi pelos ares. O que sobrou foi uma enorme indeterminação na política, que é o nome próprio do caleidoscópio. A vitória de Lula é o produto direto dessa indeterminação⁴⁶⁵.

E o próprio PT explorou as fissuras operadas na classe dominante, “*essa insatisfação do grande capital industrial durante a campanha eleitoral*”, ao enfatizar a “produção” contra a “especulação”, tentando “*introduzir uma cunha no interior do bloco no poder, mostrando à grande burguesia industrial interna que ela tinha porque apoiar a candidatura Lula*”⁴⁶⁶. Mesmo com o apoio seletivo da burguesia, o anticomunismo não desvaneceu, pelo contrário, conheceu uma ascensão midiática:

A hipótese aqui assumida é que as mídias não aderiram a Lula [...] Em algum momento, quando as pesquisas de intenção de voto mostravam o estrago nas outras candidaturas e a inapetência eleitoral de José Serra, as grandes mídias certamente fizeram acordos com o candidato petista. A Rede Globo, particularmente, detentora de volumosa dívida externa, mudou de posição, e um dia depois da eleição apresentou o programa do “caminho de Garanhuns” de um predestinado. Mas aqui já estava em desenvolvimento a estratégia de fazer o agora presidente eleito reconhecer os interesses de classe de quem manda na sociedade. O interessante é que a cobrança do programa classista que se faz a Lula, sobretudo pela *Folha de S.Paulo* e pelo âncora Boris Casoy, passou a funcionar em sentido contrário: é uma armadilha e uma advertência para receber de volta do presidente a reiteração dos compromissos de respeito aos contratos, pedra de toque anunciada na “Carta ao Povo Brasileiro”⁴⁶⁷.

A partir do momento em que os capitalistas o reconhecem como representante autorizado e competente para a gestão do Estado capitalista brasileiro (e assinalemos, isto se fez confirmado definitivamente após os casos de corrupção dos mandatos presidenciais de

⁴⁶⁵OLIVEIRA, F. de. “O enigma de Lula: ruptura ou continuidade?” In. ESTANQUE, E.; SILVA, L. M. e; VÉRAS, R.; FERREIRA, A. C.; COSTA, H. A. (orgs.) *Mudanças no trabalho e ação sindical: Brasil e Portugal no contexto da transnacionalização*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 97.

⁴⁶⁶BOITO JR., A. “Neoliberalismo e relações de classe no Brasil”. *Idéias*. n.º. 1. Disponível em <http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf>, acessado em 29.01.12.

⁴⁶⁷OLIVEIRA, F. de. “O momento Lênin”. *Novos Estudos CEBRAP*. n.º. 75. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci_arttext, acessado em 29.01.12.

Luís Inácio da Silva). A hegemonia ultraliberal tornou-se ainda mais efetiva sendo que, então, o anticomunismo passa a não mais representar as mesmas necessidades: se antes ele era utilizado como base comum para a tentativa de constituição de uma oposição unificada contra o governo, assim tolerando e assimilando a formação e organização de novos intelectuais e militantes radicais, especificamente na pequena burguesia e nova pequena burguesia, neste novo momento ele dilui-se, tornando-se elemento de pressão da burguesia que dá sustentação ao governo, elemento ideológico de controle social sobre este. Não sem motivo, este é o momento das demissões de Carvalho em 2005 de uma série de revistas e jornais, sendo que vieram a ocupar estes espaços indivíduos como Mário Sabino, Diogo Mainardi ou Reinaldo Azevedo, cujas atuações ideológicas não são direcionadas para a organização partidária. Neste momento Carvalho já possuía articulações suficientes para a manutenção de sua militância, garantida principalmente pela Associação Comercial de São Paulo. Com a fundação do MSM ele radicaliza sua prática política anterior, passando a agregar e refinar projetos de cunho chauvinistas e fascizantes, militando abertamente por partidos e organizações de novo tipo, que não se colocassem somente contra uma possível ascensão da esquerda, mas contra qualquer abertura democratizante permitida pela burguesia.

Entendemos que esta apresentação da trajetória de vida pública de Olavo de Carvalho, é crucial, por ser o principal intelectual do MSM, que articula os demais em torno de uma militância comum, assumindo a função de liderança maior, suas opiniões e percepções servem como crivos para o formato e conteúdo do MSM. Mas este não poderia ser gerido e sustentar-se em atuação partidária sem a constituição efetiva de um Estado maior, para coordenar o trabalho através de diversas instâncias em torno de objetivos comuns. Para tanto, os intelectuais participantes deste Estado maior serão os os intelectuais que terão suas proposições tomadas como estruturantes para a atuação dos demais militantes do MSM. Podemos identificá-los através de alguns fatores: trajetória pública anterior, o “peso” do curriculum, caso de Heitor de Paola, Ipojuca Pontes e Denis Rosenfeld; pela “especialização” de alguns intelectuais sobre dados aspectos da realidade social, ou seja, apropriando-se de pressupostos de Carvalho ou dos outros citados, “aperfeiçoaram” estes ao tratar de um tema específico, a ponto de tornarem-se referências nestas discussões até pelos primeiros: caso de Graça Sagueiro no que refere-se à América Latina e de Julio Severo sobre família, aborto e homossexualismo – excluem-se deste quadro “especialistas” como Marcus Boeira (comentarista sobre direito) ou Nivaldo Cordeiro (sobre atualidades e filosofia), por estes não terem se afirmado como referências maiores sobre os temas. Do mesmo modo excluimos nomes como Klauber Cristofen Pires ou Ubiratan Iorio, cuja importância é mais notada na

articulação do MSM com outros grupos e institutos (no caso dos dois evidentemente em relação ao Instituto Millenium e ao Von Mises Brasil). A existência da distinção hierárquica entre estes intelectuais, mesmo que de modo informal, corrobora nossa hipótese de que o MSM entende-se e atua como partido, não como empreendimento individual de Carvalho, o que discutiremos no capítulo seguinte.

5. O MSM COMO PARTIDO:

“Militância, por seu lado, não se cria da noite para o dia. Ela começa com círculos muito pequenos de intelectuais que, por anos, nada fazem senão discutir e discutir, analisando diariamente, com minúcia obsessiva, uma conjuntura política na qual não têm o mínimo poder de interferir. É do seu debate interminável que emergem, aos poucos, certas maneiras de pensar e falar que, consolidadas e simplificadas em esquemas repetitivos, se tornam espontaneamente a linguagem dos insatisfeitos em geral. Quando estes aceitam a linguagem do núcleo intelectual como expressão de suas queixas (por mais inadequada que essa linguagem seja objetivamente), é então que começa o adestramento da militância propriamente dita. De início suas iniciativas podem parecer deslocadas e pueris, mas elas não visam a alcançar nenhum resultado objetivo: são apenas ação imanente, destinada a consolidar a militância. Isto é tão importante, tão vital, que todo movimento político sério tem de começar sacrificando eleições e cargos ao ídolo da solidariedade militante”.

Olavo de Carvalho, “A falta que a militância faz”. *Diário do Comércio*. 05.07.10.

Neste capítulo da dissertação iremos apresentar ao nosso leitor a constituição do MSM como partido. Para tanto abordaremos a conjuntura de seu surgimento e dos anos de nosso recorte temporal; sua autocaracterização como observatório de imprensa (ou como preferem *media watch*); apresentaremos seus intelectuais (seus editores e colunistas); sua estratégia para inserção política e formação de seus militantes através da internet, ou seja, que estratos sociais pretendem atingir e como; o modo pelo qual particularizam seu discurso político. Para nós, todos estes tópicos referem-se à sua constituição como partido – mesmo que não consolidando-se no formato parlamentar formal, é construído com este sentido (sua não formalização como partido eleitoral é explicada pela conjuntura em que existe, pois indiquemos, o capitalismo e a desigualdade social no Brasil nunca foram tão propícios para a burguesia quanto na última década, ou seja, não há ainda a necessidade imediata de institucionalizar-se a direita fascista). Ou como eles próprios afirmam, a etapa atual é da ação através de “*círculos muito pequenos de intelectuais que, por anos, nada fazem senão discutir e discutir, analisando diariamente, com minúcia obsessiva, uma conjuntura política na qual não têm o mínimo poder de interferir*”⁴⁶⁸.

Afirmar o MSM como um partido é compreender como uma associação da sociedade civil cumpre uma ação partidária: através de seus intelectuais organiza e dissemina um discurso político ideológico; forma quadros e militantes de base, além de arregimentar simpatizantes utilizando como estratégia principal a guerra de posições, ou seja, organizativamente atuando em uma série de organizações e frentes (sua rede extrapartidária), que visam operar ofensivamente em momentos de crise aberta. Este “momento de crise”, a crise de hegemonia de Gramsci, é tratado como horizonte de expectativa para o MSM, ou seja, um espaço para sua atuação plena. Neste sentido, a crise aberta

⁴⁶⁸CARVALHO, O. de. “A falta que a militância faz”. *Diário do Comércio*. 05.07.10. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/100705dc.html>, acessado em 05.10.10.

se apresenta, dentro do discurso do MSM, como o momento onde todas as forças políticas iriam apresentar-se “desmascaradas” o que justificaria toda sua organização durante os anos.

Assim, a compreensão do conceito de partido político formulado por Gramsci é fundamental para situar o MSM. O autor irá caracterizar tanto partidos burgueses de seu tempo quanto pensar criticamente a estrutura e os princípios do partido revolucionário, que chama de “moderno Príncipe”. *Iremos tratar de maneira ampla o conceito gramsciano de partido, especialmente porque esta leitura é compartilhada pelo MSM, que a irá absorver e deturpar, visando apresentar-se como o partido “antirrevolucionário” por excelência, o que exigiria para esta condição de combate formatação inversamente semelhante*⁴⁶⁹ – assinalemos que o próprio Carvalho pediu a inclusão de seu nome na “bibliografia” do *website Gramsci e o Brasil*, dedicado à pesquisas nacionais que referenciem o marxista sardo⁴⁷⁰. Este trecho é essencialmente teórico, onde buscamos apresentar o referencial gramsciano de modo mais fiel possível, já que esta questão não esgota-se neste capítulo, mas perpassa toda a dissertação.

Para Gramsci os partidos políticos são “*uma nomenclatura de classe*”, atuando para a expansão do grupo social do qual se originam⁴⁷¹. São organizadores, “*os organismos que, na sociedade civil, não só elaboravam as diretrizes políticas, mas educavam e apresentavam os homens supostamente em condição de aplicá-las*”⁴⁷², o que já inicialmente não os resume à formalidade eleitoral burguesa: “*os 'partidos' podem se apresentar sobre os nomes mais diversos, mesmo sob o nome de antipartido e de negação dos partidos*”⁴⁷³. Gramsci identifica esta pluralidade de formas possíveis assinalando historicamente que, na Itália do Pós-Primeira Guerra, “*pela falta de partidos organizados e centralizados, não se pode prescindir dos jornais: são os jornais, agrupados em série, que constituem os verdadeiros partidos*”⁴⁷⁴, embora reconhecendo que “*as revistas são estéreis se não se tornam a força motriz e formadoras de instituições culturais de tipo associativo de massa, isto é, cujos quadros não são fechados*”⁴⁷⁵. Aos partidos políticos, cabe um papel histórico que torna “*evidente que, para o partido que se propõe anular a divisão em*

⁴⁶⁹Em entrevista Carvalho, quando perguntado, se “*não existe nada que o senhor goste nas idéias de esquerda?*” respondera que “*a pergunta é um pouco simplória. ‘A esquerda’ é uma tradição cultural e política com mais de duzentos anos de existência, coisa de uma complexidade e riqueza quase inabarcáveis, e, mesmo que se esforçasse muito para fazer só porcaria, teria necessariamente de produzir alguma coisa boa nesse ínterim, ao menos por equívoco. Quando penso ‘a esquerda’, o que vem à minha mente é algo de imensamente mais vasto do que aquilo que se entende pelo termo nesse favelão intelectual que é o Brasil. ‘A esquerda’ é, por exemplo, Charles Péguy, é Jules Michelet, é John Ruskin, é Heinrich Heine, é José Ingenieros. Nem o mais empedernido dos reacionários pensaria em jogar tudo isso fora. Quantas páginas de Lênin, de Marx, de Gramsci, não li com grande satisfação! Faça a sua pergunta a algum cabo eleitoral, não a um homem de estudos*”. FONSECA, E. “Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil”. *Panorama Mercantil*. 07.07.11. op. cit.

⁴⁷⁰CARVALHO, O. de. *Gramscianos enfezadinhos, uni-vos!*. 26.12.98. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/enfeza.htm>, acessado em 29.03.12.

⁴⁷¹GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 313.

⁴⁷²Idem. p. 341-342.

⁴⁷³Ibidem. p. 326.

⁴⁷⁴GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 218.

⁴⁷⁵Idem. p. 237.

classe, sua perfeição e seu acabamento consistem em não existir mais, porque já não existem classes e, portanto, suas expressões”⁴⁷⁶. Sua importância advém de sua responsabilidade na “elaboração e na difusão das concepções de mundo, na medida em que elaboram essencialmente a ética e a política adequada a elas”, funcionando “quase como ‘experimentadores’ históricos de tais concepções”⁴⁷⁷. O trecho abaixo, em que Gramsci retorna para Maquiavel para compreender o partido como correlato do Príncipe, capaz de operar a superação do estado das coisas, sublinha a sua importância na contemporaneidade:

No mundo moderno, só uma ação histórico-política imediata e iminente, caracterizada pela necessidade de um procedimento rápido e fulminante, pode se encarnar miticamente num indivíduo concreto: a rapidez só pode tornar-se necessária diante de um grande perigo iminente, grande perigo que cria precisamente de modo fulminante, o fogo das paixões e do fanatismo, aniquilando o senso crítico e a corrosividade irônica que podem destruir o caráter “carismático” do *condottiero* (o que aconteceu na aventura de Boulanger). Mas uma ação imediata desse tipo, por sua própria natureza, não pode ser ampla e de caráter orgânico: será quase sempre do tipo restauração e reorganização, e não do tipo peculiar à fundação de novos Estados e de novas estruturas nacionais e sociais (como era o caso no *Príncipe* de Maquiavel, onde o aspecto de restauração era só um elemento retórico, isto é, ligado ao conceito literário da Itália descendente de Roma e que devia restaurar a ordem e a potência de Roma), será de tipo “defensivo” e não criativo original, ou seja, no qual se supõe que uma vontade coletiva já existente tenha se enfraquecido, dispersado, sofrido um colapso perigoso e ameaçador, mas não decisivo e catastrófico, sendo assim, necessário reconcentrá-la e fortalecê-la; e não que se deva criar uma vontade coletiva *ex novo*, original, orientada para metas concretas e racionais, mas de uma concreção e racionalidade ainda não verificadas e criticadas por uma experiência histórica efetiva e universalmente conhecida⁴⁷⁸.

Assim sendo, as ações imediatistas não suprem as necessidades a serem superadas, o que só é possível através da ação “*ampla e de caráter orgânico*” que decorrerá do seu caráter de classe, do seu projeto histórico. Como bem nota Igor Santos, “*um partido formalmente existente pode não exercer nenhuma atividade de organização de ‘vontades coletivas’ e não se constituir como parte ativa de certa classe, isto é, pode não se constituir como partido político para as classes*”⁴⁷⁹. Para cumprir sua função, o partido revolucionário, “*o moderno príncipe, o mito-príncipe não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto, só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação*”. E sua forma, só se fará efetiva, se vinculada ao desenvolvimento histórico de cada formação social, pois é “*a primeira célula na qual se sintetizam germes de*

⁴⁷⁶GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 313.

⁴⁷⁷GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 105.

⁴⁷⁸GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 16.

⁴⁷⁹SANTOS, I. G. “A ‘eficiência real’: apontamentos de Gramsci para uma história/concepção dos partidos políticos”. *Anais V CEMARX*. Disponível em http://www.unicamp.br/ce marx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessao2/Igor_Santos.pdf, acessado em 19.03.11.

vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais”⁴⁸⁰.

Evidentemente, o grupo social de que o partido é partícipe “*não é isolado; tem amigos, afins, adversários, inimigos*”. Sendo então, reafirmamos, “*somente do quadro global de todo o conjunto social e estatal*” se poderá obter a justa compreensão sobre “*a história de um determinado partido*”, já que “*terá maior ou menor significado e peso precisamente na medida em que sua atividade particular tiver maior ou menor peso na determinação da história de um país*”⁴⁸¹ – inclusive, em dada determinada conjuntura da relação de forças, partidos “*representam um só grupo social na medida em que exercem uma função de equilíbrio e de arbitragem entre os interesses de seu próprio grupo e os outros grupos, fazendo com que o desenvolvimento do grupo representado ocorra com o consenso e com a ajuda dos grupos aliados*” – assinalando que “*com o partido totalitário, estas fórmulas perdem o significado e são assim minimizadas as instituições que funcionavam segundo tais fórmulas*”, e que esta “*própria função é incorporada pelo partido, que exaltar o conceito abstrato de 'Estado' e procurará de vários modos dar a impressão de que a função 'de força imparcial' continua ativa e eficaz*”⁴⁸². Novamente segundo Santos, a peculiaridade metodológica de Gramsci, oferece

ao invés das tão freqüentes histórias de partidos políticos que perseguem resoluções, teses, textos de polêmicas, etc., que mais configuram uma história das idéias, o italiano, sugere que a reconstituição deva ser feita na tentativa de realçar a relação entre partido e sua base; entre partido e outros partidos; entre os partidos e os movimentos sociais. Essa sugestão aparece na sua proposição de análise da “*eficiência real*” do partido. Dessa maneira, a nosso ver, a luta de classes é alçada ao seu papel principal e permite a aparição de novos sujeitos na história dos partidos políticos que, na maioria das vezes, ficam circunscrita apenas ao “*estado maior*” partidário⁴⁸³.

Cabe aos partidos políticos selecionarem “*individualmente a massa atuante, e esta seleção opera-se simultaneamente nos campos prático e teórico, com relação tão mais estreita entre teoria e prática quanto mais seja a concepção vitalmente e radicalmente inovadora e antagônica aos antigos modos de pensar*”, que através de sua atuação, acabarão por formar “*os elaboradores das novas intelectualidades integrais e totalitárias, isto é, o crisol da unificação de teoria e prática entendida como processo histórico e real*”, ou seja, que a formação de seus militantes “*se realize através da adesão individual e não de modo 'laborista', já que se trata de dirigir organicamente 'toda a massa economicamente ativa' – deve-se dirigi-la não segundo velhos esquemas, mas inovando*”. E a pedagogia política “*só pode tornar-se de massa, em seus primeiros estágios, por intermédio de uma elite na qual a concepção implícita da atividade humana já se tenha tornado,*

⁴⁸⁰GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 16.

⁴⁸¹Idem. p. 87-88.

⁴⁸²Ibidem. p. 59.

⁴⁸³SANTOS, I. G. “A ‘eficiência real’: apontamentos de Gramsci para uma história/concepção dos partidos políticos”. *Anais V CEMARX*. op. cit.

em certa medida, consciência atual coerente e sistemática e vontade precisa e decidida”⁴⁸⁴. Devendo-se compreender “o caráter 'doutrinário' estritamente entendido de um grupo” através de “sua atividade real (política e organizativa) e não pelo conteúdo 'abstrato' da própria doutrina”, do mesmo modo, que “chama-se 'doutrinário' porque representa não só interesses imediatos mas também aqueles futuros (previsíveis) de um certo grupo”, o sendo “em sentido pejorativo quando se mantém numa posição puramente abstrata e acadêmica e não se esforça por organizar, educar e dirigir uma força política correspondente, de acordo com as 'condições já existentes ou prestes a aparecer”⁴⁸⁵.

Esta indicação de Gramsci é importante, pois, embora reafirme papel de direção do partido, não perde a perspectiva de que o chamado partido de quadros é necessário somente como um de “seus primeiros estágios”. Ele não rompe com a posição de Lênin, mas determina a estratégia pelo desenvolvimento econômico, político e social de cada formação social, assinalando que nas sociedades “ocidentais” um partido de quadros, formado somente por revolucionários profissionais, não seria capaz de assumir as responsabilidades de condutor da guerra de posição. “A luta ideológica contra o extremismo de esquerda deve ser travada contrapondo-se a tal extremismo a concepção marxista e leninista do partido do proletariado como partido de massa”, demonstrando-se “a necessidade de que ele adeque sua tática às situações com o objetivo de poder transformá-las, de não perder o contato com as massas e de conquistar zonas de influência cada vez maiores”⁴⁸⁶.

Ele indica três grupos de elementos confluentes para a construção do partido revolucionário. O primeiro “um elemento difuso, de homens comuns, médios, cuja participação é dada pela disciplina e pela fidelidade, não pelo espírito criativo e altamente organizativo”. O segundo, “o elemento de coesão principal que centraliza no campo nacional que torna eficiente e poderoso um conjunto de forças que, abandonadas a si mesmas, representariam zero ou um pouco mais”, sendo “este elemento é dotado de força altamente coesiva centralizadora e disciplinadora e também (ou melhor, talvez por isso mesmo) inventiva”. E, por fim, “um elemento médio, que articule o primeiro com o segundo elemento, que os ponha em contato não só 'físico', mas também moral e intelectual”. Estes três elementos confluentes, quando atingidas suas “proporções definidas”, permitem ao partido alcançar “o máximo de eficiência”⁴⁸⁷. Firmadas estas clivagens:

[...] pode-se dizer que um partido não pode ser destruído por meios normais quando, existindo necessariamente o segundo elemento, cujo nascimento está ligada a existência das condições materiais objetivas (e, se este segundo elemento não existe, qualquer raciocínio é vazio), ainda que em estado disperso e errante não podem

⁴⁸⁴GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 105.

⁴⁸⁵GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 275.

⁴⁸⁶GRAMSCI, A. *Escritos políticos*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 346-347.

⁴⁸⁷GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 315-318.

deixar de se formar os outros dois, isto é, o primeiro que necessariamente o terceiro com sua continuação com seu meio de expressão. Para que isto ocorra, é preciso que se tenha criado a convicção férrea de que uma determinada solução dos problemas vitais seja necessária. Sem esta convicção não se formará o segundo elemento, cuja destruição é mais fácil em virtude de seu número restrito, mas é necessário que este segundo elemento, mas é necessário que este segundo elemento, se destruído, deixe como herança um fermento a partir do qual volte a se formar [...] O critério para julgar este segundo elemento deve ser procurado: 1) naquilo que realmente faz; 2) naquilo que prepara na hipótese de sua destruição. É difícil dizer qual dos dois fatos é o mais importante. Como na luta deve-se sempre prever a derrota, a preparação dos próprios sucessores é um elemento tão importante quanto tudo o que se faz para vencer⁴⁸⁸.

Estes pontos são cruciais para compreender e impedir o processo de burocratização do partido. *“Criando chefes para si, os próprios operários criam com as próprias mãos, novos patrões, cuja principal arma de domínio reside na superioridade técnica e intelectual, e na impossibilidade de seus mandantes exercerem um controle eficaz”*. Com a possibilidade de fazer da política carreira, somada a *“complexidade progressiva da atividade política, em virtude da qual os líderes dos partidos se tornam cada vez mais profissionais e devem ter noções cada vez mais amplas, um tato, uma prática burocrática e, freqüentemente, uma esperteza cada vez mais ampla”*, escolhendo isolar-se da base e *“dando margem à flagrante contradição que se manifesta nos partidos avançados entre as declarações e as intenções democráticas e a realidade oligárquica”*. Gramsci compreende que *“se não existe diferença de classe”*, desde que *“a orquestra não crê que o regente seja um patrão oligárquico”*, a questão torna-se técnica, *“de divisão do trabalho e de educação, isto é, a centralização deve levar em conta que nos partidos populares a educação e o 'aprendizado' político se verificam em grande parte através da participação dos seguidores na vida intelectual”*, sendo que uma possível solução para o fenômeno, poderia *“ser encontrada na formação de um estrato médio o mais numeroso possível entre os chefes e as massas, que sirva de equilíbrio para impedir os chefes de se desviarem nos momentos de crise radical e para elevar sempre mais a massa”*⁴⁸⁹.

A estrutura deste partido deveria dar-se tal qual *“o comando do maestro: acordo prévio alcançado, colaboração, o comando como uma função distinta, não hierarquicamente imposta”*⁴⁹⁰. O que torna a disciplina *“certamente, não como acolhimento servil e passivo de ordens, como execução mecânica de uma tarefa (o que, no entanto, também será necessário em determinadas ocasiões, como por exemplo, no meio de uma ação já decidida e iniciada)”*, e sim como a *“assimilação consciente e lúcida da diretriz a realizar. Portanto, a disciplina não anula a personalidade em sentido orgânico, mas apenas limita o arbítrio e a impulsividade irresponsável,*

⁴⁸⁸GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 318-319.

⁴⁸⁹Idem. p. 166-167.

⁴⁹⁰Ibidem. p. 273.

para não falar da fátua vaidade de sobressair”⁴⁹¹. Esforço que nos traz novamente para a centralidade do partido político neste processo, que para a classe trabalhadora é “*nada mais do que o modo próprio de elaborar sua categoria de intelectuais orgânicos, que se formam assim, e não podem deixar de formar-se, dadas as características gerais e as condições de formação, de vida e de desenvolvimento do grupo social dado*”, no que concerne ao “*campo político e filosófico, e não no campo da técnica produtiva*”. E ainda “*para todos os grupos, é precisamente o mecanismo que realiza na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, de modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política*”, atuando como elemento de “*soldagem entre os intelectuais orgânicos de dado grupo, o dominante, e intelectuais tradicionais; e esta função é desempenhada pelo partido precisamente na dependência de sua função fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes*”. Estes “*elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como 'econômico'*”, irão, através do partido político, ser treinados “*em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política*”⁴⁹².

Os intelectuais não se constituem uma casta, sua diferenciação se daria pela clivagem classista, mas, nas sociedades ocidentais, essa clivagem se dá através de uma série de especializações, “*a própria função organizativa da hegemonia social e do domínio estatal dá lugar a uma certa divisão do trabalho e, portanto, a toda uma gradação de qualificações*”⁴⁹³. Portanto, estas distinções acabam por nos indicar, que no exercício da dominação nem todos os intelectuais tem o mesmo peso, que como já indicado em relação à organização do partido, estes estão em constante batalha para sua afirmação como os agentes competentes para a gestão (ou representação) dos interesses das classes fundamentais, e mesmo existindo disputas, há estabelecida uma hierarquia que determina as funções específicas de cada intelectual, ou grupo de intelectuais no exercício da hegemonia. A função histórica dos partidos, e em especial do revolucionário, como visto está entrelaçada com a capacidade dirigente de seus intelectuais, o que torna o partido uma escola de vida estatal:

Se o Estado representa a força coerciva e punitiva de regulamentação jurídica de um país, os partidos, representando a adesão espontânea de uma elite a tal regulamentação, considerada um tipo de convivência coletiva para a qual toda a massa deve ser educada, devem mostrar em sua vida particular interna terem assimilado, como princípios de conduta moral, aquelas regras que no Estado são obrigações legais. Nos partidos, a necessidade já se tornou liberdade, e daí nasce o enorme valor político (isto é, de direção política) da disciplina interna de um partido e, portanto, o valor de critério que tem tal disciplina para avaliar a força de expansão dos diversos partidos. Deste ponto de vista, os partidos podem ser considerados escolas da vida estatal. Elementos de vida dos partidos: caráter (resistência aos

⁴⁹¹GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 308-309.

⁴⁹²GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 24.

⁴⁹³Idem. p. 21.

impulsos das culturas ultrapassadas) honra (vontade intrépida ao sustentar o novo tipo de cultura e de vida), dignidade (consciência de operar por um fim superior), etc.⁴⁹⁴.

Cabe então, ao moderno Príncipe, ter “*uma parte dedicada ao jacobinismo (no significado integral que esta noção teve historicamente e deve ter conceitualmente), como exemplificação do modo pelo qual se formou concretamente e atuou uma vontade coletiva que, pelo menos em alguns aspectos, foi a criação ex novo, original*”. Sendo o terreno em disputa para a construção de um novo Estado, “*a vontade coletiva e a vontade política em geral no sentido moderno, a vontade como consciência operosa da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo*”. Dividindo suas tarefas, para a atuação racional dentro de uma formação social, em duas direções, “*uma das primeiras partes deveria precisamente ser dedicada à 'vontade coletiva', apresentando a questão do seguinte modo: quando é possível dizer que existem as condições para que se possa criar e se desenvolver uma vontade coletiva nacional-popular?*”, para posteriormente produzir “*uma análise histórica (econômica) da estrutura social do país em questão e uma representação “dramática” das tentativas feitas através dos séculos para criar esta vontade e as razões dos sucessivos fracassos*”. O “*Príncipe toma o lugar, nas consciências, da divindade ou do imperativo categórico, torna-se a base de um laicismo moderno e de uma completa laicização de toda a vida e de todas as relações de costume*”, em cujo desenvolvimento “*subverte todo o sistema de relações intelectuais e morais, uma vez que seu desenvolvimento significa de fato que todo ato é concebido como útil ou prejudicial, como virtuoso ou criminoso*”⁴⁹⁵, tendo como medida o próprio partido. Assim, se constrói como o formador por excelência do homem novo, responsável pela construção de um novo modo de ser:

O moderno Príncipe deve e não pode deixar de ser o anunciador e o organizador de um reforma intelectual e moral, o que significa, de resto, criar o terreno para um novo desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular no sentido de uma forma superior e total de civilização moderna. Estes dois pontos fundamentais – formação de uma vontade coletiva nacional-popular, da qual o moderno Príncipe é ao mesmo tempo o organizador e a expressão ativa e atuante, e reforma intelectual e moral – deveriam constituir a estrutura do trabalho⁴⁹⁶.

Cabe ao partido também a função de polícia política, que Gramsci compreende no processo de superação da estratégia de revolução permanente. “*A técnica política moderna mudou completamente após 1848, após a expansão do parlamentarismo, do regime associativo sindical e partidário, da formação de vastas burocracias estatais e ‘privadas’ (político-privadas, partidárias e sindicais)*”, assim como as “*transformações que se verificam na organização da polícia*”, para

⁴⁹⁴GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 267.

⁴⁹⁵Idem. p. 16-19.

⁴⁹⁶Ibidem. p. 18.

além “do serviço estatal destinado à repressão da criminalidade, mas também do conjunto das forças organizadas pelo Estado e pelos particulares para defender o domínio político e econômico das classes dirigentes”. Este movimento tornou, não só os partidos políticos, mas como “outras organizações econômicas ou de outro gênero” em “organismos de polícia política, de caráter investigativo e preventivo”⁴⁹⁷. Mas esta atuação policial tem uma determinação social, como Gramsci nota:

[...] a questão deve ser posta em outros termos; ou seja, sobre os modos e as orientações com que se exerce essa função. O sentido é repressivo ou expansivo, isto é, de caráter reacionário ou progressista. Um determinado partido exerce sua função de polícia para conservar uma ordem externa, extrínseca, freio de forças vivas da história ou a exerce no sentido de levar o povo a um novo nível de civilização, da qual a ordem política e legal é uma expressão programática? De fato, uma lei encontra que a infringe; 1) entre os elementos sociais reacionários que a lei alijou do poder; 2) entre os elementos progressistas que a lei reprime; 3) entre os elementos que não alcançaram o nível de civilização que a lei pode representar. Portanto, a função de polícia de um partido pode ser progressista ou reacionária⁴⁹⁸.

E a reforma cultural não ocorre dissociada de um novo programa econômico, o qual “é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral”. Sem que se alterem drasticamente as relações sociais no mundo da produção, não “pode haver reforma cultural, ou seja, elevação civil das camadas mais baixas da sociedade”⁴⁹⁹. E o epicentro desta reforma moral e intelectual só pode ser o partido:

Assinalei de outra feita que, numa determinada sociedade, ninguém é desorganizado e sem partido, desde que se entendam organização e partido num sentido amplo, e não formal. Nesta multiplicidade de sociedades particulares, de caráter duplo – natural e contratual ou voluntário –, uma ou mais prevalecem relativamente ou absolutamente, constituindo o aparelho hegemônico de um grupo social sobre o resto da população (ou sociedade civil), base do Estado compreendido como aparelho governamental-coercitivo. Ocorre sempre que os indivíduos pertencem a mais de uma sociedade particular e muitas vezes as sociedades que estão essencialmente (objetivamente) em contraste entre si. Uma política totalitária tende precisamente: 1) a fazer com que os membros de um determinado partido encontrem neste único partido todas as satisfações que antes encontravam em uma multiplicidade de organizações, isto é, a romper todos os fios que ligam estes membros a organismos culturais estranhos; 2) a destruir todas as outras organizações ou a incorporá-las num sistema cujo único regulador seja o partido. Isto ocorre: 1) quando um determinado partido é portador de uma nova cultura e se verifica uma fase progressista; 2) quando um determinado partido quer impedir que uma outra força, portadora de uma nova cultura, torne-se “totalitária”; verifica-se então uma fase objetivamente regressiva e reacionária, mesmo que a reação não se confesse como tal (como sempre sucede) e procure aparecer como portadora de uma nova cultura⁵⁰⁰.

⁴⁹⁷GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 78.

⁴⁹⁸Idem. p. 307-308.

⁴⁹⁹Ibidem. p. 18.

⁵⁰⁰Ibidem. p. 253-254.

Retomando, os partidos políticos: são os organizadores avançados das classes e suas frações, afirmados como sua expressão avançada, necessários, atuando sobre estas para desenvolvê-las; podem existir sob a forma jurídica de partidos ou não; são os organismos responsáveis por formarem os intelectuais destes grupos sociais, selecionando-os entre a massa e preparando-os para a vida estatal; são os formuladores e experimentadores de projetos históricos, buscando convertê-los em “vontade coletiva”; comportam o conflito, já que formuladores do consenso por excelência entre seu próprio grupo social; tomam o caráter de imperativo categórico, responsáveis pela reforma moral e intelectual do homem; tem validade histórica, já que mensurados pela sua eficiência real, dependentes do reconhecimento como expressão de um grupo social, e passível do fenômeno do transformismo; contém uma estrutura organizativa interna propositiva, seu Estado-maior (que pode ou não fazer parte do partido em si, como no caso de uma força dirigente externa), e uma hierarquia interna composta na relação entre seus quadros e a massa militante (dialética intelectuais-massa), cabendo ao partido formar um exército organicamente preparado para os momentos de crise; formam uma rede partidária; são organismos preventivos de polícia política, defendendo determinada ordem política; não podem ser destruídos por meios normais.

5.1. Criação e afirmação do MSM:

O MSM foi criado em 2002, sendo sua primeira publicação em 8 de agosto daquele ano, como acusado pelo *Internet Archive Wayback Machine*⁵⁰¹. Já nesta primeira “edição” (o modo pelo qual contabilizam suas publicações é similar ao de um jornal) contou com a participação de cinquenta e três colunistas, tendo como editores responsáveis Diego Casagrande⁵⁰² e Olavo de Carvalho. O MSM organizou-se em torno deste último, que além de editor e responsável pelo seu *Quem somos*, vinha publicando há algum tempo artigos de vários colunistas em sua página pessoal (que segundo a mesma ferramenta de arquivos, tem sua primeira página publicada em 1999⁵⁰³). Foram creditados como responsáveis: “*editor: Olavo de Carvalho; Concepção e design: Olavo de Carvalho; Desenvolvimento e ASP: Arley Lobato; Edição e manutenção: Maria Inês P. de*

⁵⁰¹Serviço de arquivamento *online*. As páginas do MSM consultadas se encontram disponíveis em INTERNET WAYBACK MACHINE. Consulta por www.midiasemmascara.org. http://web.archive.org/web/*/http://www.midiasemmascara.org, acessado em 13.10.10.

⁵⁰²Jornalista gaúcho, que já trabalhou no Zero Hora, RBS TV, TVCOM, Rádio Gaúcha e Rede Pampa de Comunicação. Recebeu diversos prêmios e menções honrosas e publicou os livros *Porto Alegre - 48 horas sob terror* e *Vanguarda do Atraso - Ameaças à liberdade de expressão durante o governo do PT no Rio Grande do Sul*. Trabalha hoje em dia na Band News e apresenta e dirige o programa diário *Opinião Livre* em Porto Alegre. WIKIPÉDIA. *Diego Casagrande*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Diego_Casagrande, acessado em 12.12.10. O autor mantém o blog <http://diegoreporter.blogspot.com/>.

⁵⁰³INTERNET WAYBACK MACHINE. Consulta por www.olavodecarvalho.org. disponível em <http://web.archive.org/web/20020802221943/www.olavodecarvalho.org/>, acessado em 13.10.10.

Carvalho; Redação: Roxane Andrade de Sousa, Maria Inês de Carvalho e Josiane de Carvalho”.

Mesmo com esta estrutura organizada, e já contando com articulistas de direita renomados, cujas publicações na época somavam um número significativo de jornais e revistas, o MSM é caracterizado como projeto particular, de responsabilidade supostamente individual: Olavo de Carvalho seria o maior encarregado, junto com sua família: “*MÍDIA SEM MÁSCARA é um empreendimento pessoal, de escala familiar como uma padaria ou uma quitanda. A redação constitui-se de mim, de minha esposa e de duas das minhas filhas*”. E as participações destes colunistas seriam de “*amigos que trabalham de graça, por generosidade, patriotismo e senso do dever*”, acrescentando um sentido de abnegação e heroísmo para o empreendimento: “*pouco nos importa a desproporção de forças. Quando os grandes se acovardam, os pequenos têm de dar o exemplo*”⁵⁰⁴. Anotemos, esta teatralidade discursiva sobre o fardo autoinfligido é típica de anticomunistas renomados da história brasileira, sendo o trecho seguinte de óbvia semelhança com os lamentos do Almirante Pena Boto Jr. ou Plínio Salgado:

[...] no Brasil, só eu e mais dois ou três amigos, isolados e sem dinheiro, temos tentado enfrentar o monstro. O ódio que desaba sobre nós por isso, a covardia e a mesquinhez dos expedientes a que homens poderosos têm recorrido para nos calar, a má vontade surda e cega - quando não a ironia e a chacota - que os indiferentes e alienados opõem aos nossos esforços, são indescritíveis⁵⁰⁵.

Este caráter de responsabilidade enfaticamente individualista, que Carvalho atribui ao seu empreendimento, aos moldes de Schumpeter⁵⁰⁶, busca invocar a imagem mítica do pequeno burguês em luta pela ascensão social pela via do *self-made men*, que começa sua vida com uma quitanda, uma padaria (anotemos, nisto incorreram em impressionante exatidão, explorando a própria família como mão de obra), que enxerga apenas em si mesmo, em seu trabalho, a responsabilidade por seu destino, pelo seu fracasso ou sucesso. Assim, criar o MSM exigiu em primeiro lugar a propriedade privada de um espaço, seu *site* ou sítio, que embora seja inicialmente de um valor irrisório, pode valorizar-se, tornando-se uma referência, que “*não serve apenas como um fator de desenvolvimento econômico*”. Para eles, a propriedade privada “*serve principalmente para o cidadão dar um chute*

⁵⁰⁴CARVALHO, O. de. *Quem somos*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20021028120828/www.midiaseम्मascara.org/quem.asp>, acessado em 13.10.10.

⁵⁰⁵Idem.

⁵⁰⁶“*Podemos definir empreendedorismo ou função empresarial como o atributo individual de perceber as possibilidades de lucros ou ganhos eventualmente existentes. Ora, como isso se constitui em uma categoria de ação, esta pode ser encarada como um fenômeno empresarial, que põe em destaque as capacidades perceptiva, criativa e de coordenação de cada agente. O empreendedor é aquele indivíduo que percebe que uma determinada idéia poderá lhe proporcionar ganhos e se empenha para desenvolvê-la na prática. O fato de esse indivíduo ser ou não um empresário (no sentido de ser diretor ou dono de uma empresa), no momento em que nasce sua boa idéia, não é, portanto, relevante para que possamos defini-lo como empreendedor*”. IORIO, U. João, Maria, José, *empreendedorismo e intervencionismo*. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/economia/11466-joao-maria-jose-empreendedorismo-e-intervencionismo.html>, acessado em 13.10.10.

no traseiro de quem ouse se meter na sua vida ou bulir com os seus filhos”⁵⁰⁷. A propriedade privada é tratada como a determinação para a existência de seus proprietários como indivíduos, e que ameaçada, necessita de um combate que ultrapassa em muito o espaço da padaria ou da quitanda, sendo que então é função do MSM perseguir todo e qualquer sujeito do corpo social que negue à propriedade esta função social. Nestes termos resume-se qualquer tentativa de reforma no estatuto da propriedade privada é tomada como atalho histórico para seu fim, sua dissolução – e consequente proletarização dos proprietários. Esta confusão é proposital e importante, pois permite ao MSM atribuir o mesmo sentido teleológico tanto para reformistas quanto para radicais (sejam quais forem os taxados destes rótulos), os combatendo como atores com estratégias distintas, mas em busca de um mesmo fim histórico: o comunismo, o fim definitivo da propriedade privada (toda e qualquer, não somente dos meios de produção). Que fique claro, o anticomunismo é o maior de seus motes, é o unificador central para sua atuação política.

Em segundo lugar foi necessário dotar o MSM de um conjunto de habilidades, que para além da mera capacidade da escrita, se deu pela especialização, pelo conhecimento específico acerca da realidade social, determinado pelo mercado, e anótemos dividido entre quem interessa a sua existência (quem necessita que determinado produto esteja em circulação), e seu público consumidor propriamente dito (que confundem-se mas não são necessariamente de um mesmo grupo social). Neste caso específico não trata-se de um público pagante, mas que é levado a consumir ativamente o projeto político divulgado pelo empreendimento. Só que a simples leitura – ou mais uma aba aberta em seu navegador – não garante o resultado esperado. Este público é levado a interagir, antes por meio de e-mails, depois comentários na própria página do texto, e por fim, como opção, doando dinheiro para a manutenção e reprodução do *serviço prestado*. Chamamos a atenção para a ideia deste “serviço prestado”, pois é assim que em diversos momentos o MSM irá se definir, este serviço qualificado como de *segurança*: de prevenção e de ataque contra os inimigos do *status quo*, mas tendo seu poder de ataque restrito, já que determinado pela conjuntura, pelo tamanho da corrente, para seguir a metáfora utilizada por Gilberto Calil para categorizar os integralistas no Pós-Guerra como *cães de guarda da burguesia*⁵⁰⁸.

Olavo de Carvalho, cuja trajetória de vida já tratamos, há décadas trabalhava como intelectual a serviço da classe dominante. A tabela seguinte nos permite visualizar, através dos periódicos em que publicava em 2002, algumas relações constituídas por ele:

⁵⁰⁷PIRES, K. C. *Vamos trabalhar juntos?* 12.02.10. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/cultura/10789-vamos-trabalhar-juntos.html>, acessado em 08.10.10.

⁵⁰⁸CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005.

TABELA 9: Periódicos em que Olavo de Carvalho publicava em 2002:

Publicação	Sites (alguns já fora do ar)	Comentário de Olavo de Carvalho
O Globo	http://www.oglobo.com.br	“Artigos semanais”
Época	http://www.epoca.com.br	“Artigos semanais”
Bravo!	http://www.revbravo.com.br	“Leia lá os artigos de Olavo de Carvalho e de outros jornalistas da pesada: Bruno Tolentino, Sérgio Augusto, Millôr Fernandes e tutti quanti...”
Jornal da Tarde	http://www.jt.com.br	“Traz todos os artigos de Olavo de Carvalho publicados no Jornal da Tarde de São Paulo”
Zero Hora	http://zerohora.clicrbs.com.br/	Não consta descrição
Folha de S. Paulo	http://www.folha.com.br/	Não consta descrição
Leader	http://www.iee.com.br/leader/	“Revista dos liberais de Porto Alegre – os mais combativos que existem no Brasil – com artigos de J. O. de Meira Penna e Olavo de Carvalho”
Libertárias	http://13571113.vila.bol.com.br/shikida/index-2.html	“Revista on-line de Cláudio Shikida, 'um espaço para a divulgação de opiniões muitas vezes ignoradas pela maliciosa estratégia do silêncio”
O Expressionista	http://www.bsnet.com.br/usr/chiuso	“Inteligente jornal on-line de Santos, SP”
Mídia Sem Máscara	http://www.midiasesmmascara.org	“Jornal on-line com o objetivo de desmascarar a mídia brasileira”

FONTE: CARVALHO, O. de. *Links*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2>, e http://www.olavodecarvalho.org/semana/arquivo_2002.htm, acessados em 09.10.10.

Até aí, nada surpreendente, dado que as seis ou nove famílias que comandam o oligopólio sobre a mídia brasileira⁵⁰⁹ sempre puderam arrogar-se de empregar intelectuais de esquerda, fossem acadêmicos, jornalistas, escritores, cartunistas, etc., paternalmente chamados por estes proprietários como “os nossos comunistas” – cuja interferência sobre o projeto editorial destas empresas obviamente era nula ou mínima (a não ser no sentido de justificar algum tipo de neutralidade jornalística, etc.). Mas então apresentemos a opinião de seu principal intelectual, Olavo de Carvalho, sobre seus empregadores:

Se algo aprendi nos dezesseis anos que decorreram desde meus primeiros avisos sobre a mais vasta e silenciosa trama revolucionária que já se viu no mundo, foi que a “burguesia” é a classe mais indefesa que existe. Acovardada perante o prestígio dos vigaristas intelectuais mais baixos e sórdidos, ela se apega a qualquer pretexto para enxergar, no inimigo que planeja assassiná-la, todas as virtudes mais róseas e fictícias e evitar assim o confronto com uma realidade temível. O famoso “aparato ideológico da burguesia”, de que falam os marxistas, jamais existiu. Ele é apenas uma projeção invertida do próprio aparato ideológico revolucionário, destinada a impedir, mediante a denúncia preventiva de maquiavelismos imaginários, que um dia um real aparato burguês de autodefesa venha a existir. Quando a burguesia, pelo menos brasileira, consente em dizer algo em seu próprio favor, ela o faz com tanta discrição e delicadeza que dá a impressão de estar disputando com o adversário mais bondoso e compreensivo do mundo, e não com as “máquinas de matar” que os

⁵⁰⁹ GIANNOTTI, V. “Comunicação e hegemonia. A batalha da hegemonia exige convencimento e força”. *Brasil de Fato*. 18.10.11. Disponível em <http://www.brasildefato.com.br/content/comunica%C3%A7%C3%A3o-e-hegemonia>, acessado em 14.11.11.

revolucionários se orgulham de ser⁵¹⁰.

Esta citação é importante, pois situa temporalmente o sentido de suas intervenções políticas, especialmente iniciadas a partir de 1993. Daí em diante o que se lê é uma torrente de afirmações típicas de Carvalho sobre a conjuntura social brasileira, onde considera tanto a sociedade política quanto a sociedade civil como sequestradas pelos “revolucionários”, resumidos na figura “*dos vigaristas intelectuais mais baixos e sórdidos*”, os quais a burguesia não se importaria em combater, contentando-se em somente administrar a produção e os investimentos financeiros na busca do lucro. Ou seja, ele interpreta o Estado e a sociedade civil como instâncias idealizadas, dissocia a ideologia da sua relação real com a estrutura produtiva econômica, configurando-se então em meros locais para a “batalha das ideias”, o que não interessaria ao empresário brasileiro, que ingenuamente (sem ninguém para abri-lo os olhos) confiaria sua manutenção ao “*adversário mais bondoso e compreensivo do mundo*”, que na realidade prepararia assim, através do seu aparato ideológico, o terreno para que os revolucionários venham a apresentar-se como realmente são: as “*máquinas de matar*”, que “*se orgulham de ser*”. Obviamente, esta é uma deturpação frágil por ser geral, mas que apresenta claramente a existência da crise provocada pelo inimigo infiltrado e corroborada pela incoerência da classe dominante, especialmente a brasileira, em permitir sua existência: seria “comprovada” a acusação na gestão do Estado capitalista pelo Partido dos Trabalhadores e na grande mídia pelo seu desinteresse em alinhar-se abertamente aos estratos mais reacionários da burguesia na luta contra os elementos ideológicos “externos” que estariam destruindo as “bases civilizacionais do Ocidente judaico-cristão”, como a família, a Igreja, a comunidade, etc.

Deixemos claro, esta preocupação com que Olavo de Carvalho analisa a burguesia brasileira é retribuída por esta, que o dota de meios e rendimentos para levar esta luta adiante (presumimos que a retribuição financeira não é tão farta assim, o próprio reclama bastante sobre sua subsistência) – como já dito sua permanência nos EUA é financiada pelo Diário do Comércio, veículo de imprensa da Associação Comercial de São Paulo, onde o autor publica uma coluna e um suplemento próprio desde 2008. Segundo Guilherme Afif Domingos, presidente desta associação:

A decisão de publicar a separata do Diário do Comércio com os principais artigos escritos por Olavo de Carvalho neste jornal visa permitir que as idéias, opiniões, informações e conclusões desse filósofo, jornalista, conferencista, escritor e, sobretudo, polemista, possam alcançar um número maior de brasileiros [...] Os textos apresentados revelam a vasta cultura do autor, sua imensa capacidade de se informar e, principalmente de analisar as informações, seu raciocínio lógico e argumentação racional e, muitas vezes, sua contundência na defesa de suas posições. Como liberais, acreditamos no confronto das idéias, mas, infelizmente, o que se assiste no Brasil, é a predominância quase esmagadora, tanto na mídia, como nos

⁵¹⁰CARVALHO, O. de. “A burguesia indefesa”. *Diário do Comércio*. 17.08.09. Disponível em <http://www.midiasem mascara.org/editorial/7949-a-burguesia-indefesa.html>, acessado em 08.10.10.

ambientes universitários, de uma única corrente de pensamento [supostamente de esquerda], que, por ser muitas vezes diferenciada por nuances, leva a maioria dos observadores a acreditar que existe um debate verdadeiro⁵¹¹.

Cabe-nos apresentar, de modo sintético, a conjuntura que determinou a necessidade da existência de um agrupamento partidário como MSM, a demanda criada pelo tipo de discurso político que propagam. O MSM surge como parte de uma onda maior, mundial, de partidos fascistas que acompanham a crise do capital – ou melhor, sua inevitável crise sob o capital-imperialismo (o que discutiremos em um capítulo específico adiante). No Brasil, com eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002, este tipo de discurso emerge rapidamente, revestido de um anticomunismo justificado como “preventivo”, atentando para esta mudança no bloco no poder, novidade na autocracia burguesa brasileira. Lula marcou sua trajetória e identidade política como um ex operário surgido das lutas sindicais durante a ditadura civil militar empresarial, e membro fundador do maior partido de esquerda já existente no país, o Partido dos Trabalhadores, e da Central Única dos Trabalhadores, a CUT, cujo histórico de lutas marcaram profundamente a experiência da classe trabalhadora no Brasil nas décadas de oitenta e noventa. O partido durante a década de noventa irá passar por um processo de transformismo, abandonando o caráter classista e de superação do capitalismo pelo socialismo, por um reformismo em conformidade com o capital, do mesmo modo a CUT de uma central combativa passou a gerenciar os conflitos entre capital e trabalho. Não nos cabe aqui focar este processo, mas sublinhar que o PT em 2002 já não oferecia nenhum perigo evidente ao *status quo*⁵¹². Como muito bem assinala David Maciel:

De um projeto de “revolução dentro da ordem” cujos desdobramentos carregavam as potencialidades de uma “revolução contra a ordem”, para usarmos os conceitos de Florestan Fernandes, PT e CUT migraram para um projeto de “reforma dentro da ordem” que evoluiu posteriormente para a “reprodução da ordem” nos marcos do padrão de acumulação neoliberal e da autocracia burguesa reformada. No entanto, nesta fase este movimento transformista carregava uma particularidade importante, pois a cooptação de PT e CUT se baseou muito mais na capacidade que a autocracia burguesa demonstrou de condicionar e modelar sua ação política e social do que na incorporação de aspectos de seu projeto no programa político das classes dominantes⁵¹³.

⁵¹¹DOMINGOS, G. A. *Informar e estimular o debate*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/mundo_real/03_prefacio.htm, acessado em 10.09.10.

⁵¹²Não nos cabe abordar profundamente o processo de transformismo do PT, mas indicamos as seguintes pesquisas: IASI, M. L. *As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2006; COELHO, E. *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. op. cit. GARCIA, C. *PT: da ruptura com a lógica da diferença à sustentação da ordem*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2008. OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do “novo sindicalismo”*: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula. op. cit. BOITO JR., A. “A burguesia no governo Lula”. *Crítica Marxista*, op. cit.

⁵¹³MACIEL, D. “Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula”. *Anais Marx e o marxismo 2011: teoria e prática*. Disponível em <http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MM2011/TrabalhosPDF/AMC401F.pdf>, acessado em 10.12.11.

Isto fica evidente na *Carta aos brasileiros* redigida naquele mesmo ano, e que foi o “*billet doux eleitoral de Lula para a comunidade empresarial, e a chave mestra para o acesso do PT às transações de porta fechadas com bancos e empreiteiras durante a campanha*”⁵¹⁴ – o ápice do processo transformista do partido. Entre vários compromissos políticos contidos nesta, destacam-se a manutenção da estabilidade econômica e política, estímulo à criação de um mercado interno de consumo de massas, a realização de reformas estruturais, o respeito aos contratos e obrigações com os organismos internacionais e a manutenção do equilíbrio fiscal. Dias entende que

ao longo dos seus primeiros anos o PT tinha um diferencial em relação aos demais partidos. Propunha-se como partido acoplado aos movimentos sociais sem abandonar a via parlamentar. Repito: nos primeiros anos. O debate do pacto social, tanto no PT quanto na CUT, registrou a negativa da militância. Do mesmo modo, a ida ao Colégio Eleitoral. A crescente institucionalização do partido, que caminhou *pari passu* ao seu sucesso eleitoral, foi alterando um velho debate entre “partido de quadros e de massas”. A perda das referências internacionais por parte dos trabalhadores foi utilizada progressivamente para pavimentar o caminho de uma compreensão da cidadania liberal desprovida de determinações classistas⁵¹⁵.

Nos dois mandatos de Lula (2002-2010), a combinação entre as políticas econômicas extremamente favoráveis ao capital financeiro, “*regime de metas de inflação, política de superávit primário, taxas de juros elevadas, câmbio valorizado*”, e o retorno do financiamento estatal do grande capital, integrando as grandes empresas brasileiras na dinâmica imperialista, associadas às políticas sociais “compensatórias”, de transferência direta de renda impuseram uma série de mudanças diretas para o capital no Brasil. No âmbito do capital financeiro o Brasil passou a ser protagonista de negociações, utilizando as políticas financeiras de Estado como objeto de barganha, o que aliado ao financiamento estatal, marcadamente através da figura do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e uma política externa “independente”, propiciaram, segundo Maciel, “*uma nova etapa do capitalismo brasileiro*”, que seria caracterizada “*pelo aprofundamento do padrão de acumulação dependente-associado [...] sob comando do grande capital externo, encarnado na forma das empresas transnacionais e do capital financeiro*”⁵¹⁶. Já as transnacionais brasileiras, em especial atuantes na América Latina e na África, excluem o médio e pequeno capital, mas articulam-se mais claramente ao Estado – que subsidia e prepara o campo político, econômico e jurídico para sua atuação – ao mesmo tempo em que operam capital bancário, financeiro e o grande capital industrial monopolista nacional. “*O Brasil está em*

⁵¹⁴“*Lula’s electoral billet-doux to the business community, and the key broker for the PT’s backdoor transactions with banks and construction firms during the campaign*”. ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. Vol. 33, n.º. 7, 31.03.2011. Disponível em <http://www.lrb.co.uk/v33/n07/perry-anderson/lulas-brazil>, acessado em 10.09.11. Tradução nossa. *Billet doux*: carta de amor em francês.

⁵¹⁵DIAS, E. F. “Democrático e popular?”. *Outubro*. n.º. 8. São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2003. p. 18-19.

⁵¹⁶MACIEL, D. “‘Melhor impossível’: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula”. *Universidade e Sociedade*. n.º. 46. Brasília: ANDES-SN, 2010. p. 120-122.

*terceiro lugar no ranking das 100 empresas de países 'emergentes' com o potencial para desafiar empresas transnacionais estadunidenses e européias [...] São 14 as empresas com origem no Brasil, somente atrás de empresas da China e da Índia*⁵¹⁷.

Este desenvolvimento está profundamente enraizado no Estado, seus dois grandes pilares são a política de crédito e política externa brasileira. Sobre a política de crédito é crucial a mudança de estatuto do BNDES em 2003, visando “*apoiar empresas com capital brasileiro na implantação de investimentos e projetos no exterior, mas com ênfase comercial, especialmente ligados aos projetos de integração regional*”. Será marcada pela falta de transparência aos critérios empregados para conceder tais empréstimos, sequer ocorrendo indicações sobre o repatriamento dos lucros obtidos no exterior, não existindo “*qualquer menção explícita a critérios ou fatores sociais, ambientais e trabalhistas para os financiamentos brasileiros no exterior*”. A falta de transparência deste processo, indica um procedimento, generalizado no segundo mandato de Lula, o da centralização destas decisões na figura do presidente e seu gabinete, obrigando os grandes capitalistas brasileiros a negociarem diretamente em Brasília seu acesso ao “Bolsa Capital”. Dentre as empresas subsidiadas figuram: Sadia e Perdigão (a Brasil Foods, sua fusão), Bertine, JBS, Ambev, Aracruz e Votorantim, Petrobrás, Ipiranga, Braskem, CSN, Gerdau, Usiminas, Vale, Embraer e Odebrecht. E sua política externa baseou-se na contradição, já que “*ao mesmo tempo que busca enfatizar sua autonomia e independência, deixa intactas as verdadeiras causas das assimetrias internacionais*”. Não interessado em alterar, ou até denunciar, as desigualdades inerentes ao capital-imperialismo, o governo Lula lutou para “*ser parte do jogo internacional como um jogador reconhecido, para poder se tornar mais um dos que 'ditam as regras', perpetuando e aprofundando os mecanismos de poder*”⁵¹⁸. Como assinala Anderson:

Nunca antes o capital foi tão próspero quanto no governo Lula. Basta apontar para o mercado de ações. Entre 2002 e 2010, a Bovespa superou todas as outras bolsas do mundo, subindo rapidamente 523 por cento, e agora representando o terceiro maior complexo de valores mobiliários de futuros de commodities na Terra. Enormes ganhos especulativos obtidos por uma burguesia moderna acostumada a apostar nos preços das ações. Para os setores mais numerosos e avessos a riscos da classe média, as taxas altíssimas de juros geraram rendimentos mais do que satisfatórios sobre os depósitos bancários simples. Transferências sociais duplicaram desde a década de 1980, mas os pagamentos da dívida pública triplicaram. Gastos com o *Bolsa Família* totalizaram meros 0,5 por cento do PIB. Os rendimentos obtidos da dívida pública tiveram um aumento massivo para 6-7 por cento. Receitas fiscais no Brasil são maiores que da maioria dos outros países em desenvolvimento, em 34 por cento do PIB, principalmente por causa dos compromissos sociais inscritos na Constituição de 1988, o ponto alto da democratização do país, quando o PT era ainda uma força crescente e radical. Mas os impostos continuaram assustadoramente regressivos.

⁵¹⁷GARCIA, A. S. “Empresas transnacionais brasileiras: dupla frente de luta”. In. INSTITUTO ROSA LUXEMBURG STIFTUNG (org.). *Empresas transnacionais brasileiras na América Latina: um debate necessário*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 11.

⁵¹⁸Idem. p. 14-15.

Aqueles que vivem com menos de dois salários mínimos perdem metade de sua renda para o Tesouro, aqueles que vivem com 30 vezes o salário mínimo perdem cerca de um quarto⁵¹⁹.

Em relação às classes subalternas, este período foi marcado pela ampliação das políticas de transferência direta de renda (através de programas federais), pela ampliação do crédito, e pelo encapsulamento das lutas da classe trabalhadora, através do movimento de cooptação das lideranças sindicais e pelo transformismo ocorrido dentro do Partido dos Trabalhadores. Os programas de combate à miséria estrutural do país foi o maior compromisso afirmado por Lula na sua campanha de 2002, que logo em seu primeiro ano deu origem ao fracassado Fome Zero. “*A acomodação dos ricos e poderosos seria necessário, mas a miséria teria de ser tratada com mais seriedade do que fora no passado*”⁵²⁰. Após esta experiência, no seu segundo ano de mandato, tendo como base os programas já existentes, é criado o Bolsa Família. Trata-se da transferência direta de renda para mães de baixíssima renda, que exige a matrícula dos filhos da família na escola, bem como acompanhamento obrigatório do calendário de saúde (vacinas, etc.). Os valores são muito baixos, doze dólares por criança, em média trinta e cinco dólares mensais. Mas eles são feitos diretamente pelo governo federal, através de um cadastro único, e que atinge mais de doze milhões de domicílios, quase um quarto da população. Este programa, malgrado seu baixo custo efetivo teve enorme repercussão social, tornando-se o trunfo político mais eficiente de Lula. Ele alterou profundamente o quadro eleitoral, quebrando as correntes de poder local sobre os “currais eleitorais”, como conhecidos popularmente, para vinculá-los diretamente ao governo federal – efeito ampliado pelos investimentos federais nos Estados, através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Da mesma forma, aproximando a figura do presidente com a população mais pobre, que anteriormente só conhecia a faceta repressiva do Estado, retirou parte do poder das famílias que controlam a grande imprensa brasileira:

Para a mídia, a popularidade de Lula significou uma perda de poder. A partir de 1985 e com o fim do regime militar, foram os donos da imprensa e da televisão que, na prática, selecionaram os candidatos determinaram o resultado das eleições. O caso mais notório foi o apoio de Collor pelo império Globo, mas a coroação de Cardoso

⁵¹⁹“*Never has capital so prospered as under Lula. It is enough to point to the stock market. Between 2002 and 2010, Bovespa outperformed every other bourse in the world, rocketing by 523 per cent; it now represents the third largest securities-futures-commodities complex on earth. Huge speculative gains accrued to a modern bourgeoisie accustomed to gambling on share prices. For more numerous and risk-averse sectors of the middle class, sky-high interest rates yielded more than satisfactory returns on simple bank deposits. Social transfers have doubled since the 1980s, but payments on the public debt trebled. Outlays on the Bolsa Família totalled a mere 0.5 per cent of GDP. Rentier incomes from the public debt took a massive 6-7 per cent. Fiscal receipts in Brazil are higher than in most other developing countries, at 34 per cent of GDP, largely because of social commitments inscribed in the constitution of 1988 at the high point of the country’s democratisation, when the PT was still a rising radical force. But taxes have remained staggeringly regressive. Those living on less than twice the minimum wage lose half their income to the Treasury, those on 30 times the minimum wage a quarter of theirs*”. ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

⁵²⁰“*Accommodation of the rich and powerful would be necessary, but misery had to be tackled more seriously than in the past*”. ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

pela imprensa, mesmo antes de apresentar suas intenções a candidatura, foi não menos impressionante. O relacionamento direto de Lula com as massas quebrou este circuito, cortando o papel da mídia na formação da cena política. Pela primeira vez, um governante não dependia de seus proprietários, e foi odiado por isto⁵²¹.

Do mesmo modo, os aumentos do salário mínimo tiveram importância, especialmente porque começaram ao mesmo tempo em que o governo petista enfrentava a exposição ampla da mídia sobre diversas práticas de corrupção. Até 2010, o aumento acumulado do mínimo foi de 50% (mesmo assim, o salário mínimo hoje é menor que o de 1986, em plena crise financeira⁵²²). Estes aumentos beneficiaram não só a população produtivamente ativa, mas como as pensões são indexadas ao salário mínimo, dezoito milhões de beneficiários da Previdência Social. Somando-se a estes aumentos, é necessário sublinhar o crescimento generalizado do crédito consignado. Estes empréstimos com desconto em folha, antes negados para a maioria da população, passaram a ser oferecidos para compra dos mais diversos bens, de eletrodomésticos até a casa própria, assim como a ampliação gigantesca do mercado de crédito. *“Combinados, transferências condicionais de dinheiro, salários mínimos mais altos e o novo acesso ao crédito desencadeou um aumento sustentado do consumo popular, e uma expansão do mercado interno que, finalmente, depois de uma longa estiagem, criou mais empregos”*⁵²³.

Graças ao crescimento econômico, efeito da conjuntura internacional durante o primeiro mandato de Lula, e o aumento da exportação da soja e de minério, especialmente pela demanda chinesa, e com as taxas de juros financeiras nos EUA mantidas artificialmente até o estouro da bolha imobiliária em 2008, o Produto Interno Bruto brasileiro cresceu cerca de quatro por cento entre os anos de 2004 e 2006. Recuperação que passou a gerar para o Estado receitas maiores, garantidas prioritariamente para o pagamento dos juros da dívida interna, superior a dois trilhões de reais, e externa, superior a trezentos e cinco bilhões de dólares (a dívida externa chegou a ser dada como paga pela publicidade oficial, quando na verdade significava que o acúmulo das reservas cambiais brasileiras se igualara a dívida).

Tais posicionamentos apontam como resultado principal a maior redução da pobreza na história brasileira, sendo que o número de pobres teria caído de cerca de cinquenta para trinta milhões em seis anos, e o número de indigentes diminuiu pela metade. Isto não significa que o

⁵²¹“*For the media, Lula’s popularity meant a loss of power. From 1985 and the end of military rule, it was the owners of the press and television who in practice selected candidates and determined the outcome of elections. The most notorious case was the backing of Collor by the Globo empire, but the coronation of Cardoso by the press, before he had even thrown his hat into the ring, was scarcely less impressive. Lula’s direct rapport with the masses broke this circuit, cutting out the media’s role in shaping the political scene. For the first time, a ruler did not depend on their proprietors, and they hated him for this*”. ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

⁵²²DIEESE. *Médias anuais do salário mínimo*. Disponível em <http://www.dieese.org.br/esp/salmin/tabela.zip>, acessado em 10.09.11.

⁵²³“*Together, conditional cash transfers, higher minimum wages and novel access to credit set off a sustained rise in popular consumption, and an expansion of the domestic market that finally, after a long drought, created more jobs*”. ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

problema social tenha sido solucionado, ou mesmo que a desigualdade tenha diminuído. O país ainda possui cerca de nove milhões e meio de famintos, vinte por cento da população com mais de quinze anos é analfabeta, há um déficit de oito milhões de moradias, além de mais de onze milhões de moradias em domicílios inadequados, e uma taxa de desemprego na média de quatorze por cento nas Regiões Metropolitanas, segundos dados de 2009, taxa que aplicada ao número total da população economicamente ativa no país nos dá o número de cerca de quatorze milhões e cem mil desempregados.

Então, concordando com Maciel, não podemos ser ingênuos diante dos números, estas mudanças tiveram um impacto modesto na estrutura social brasileira, se analisadas tendo em vista a concentração de renda e a superexploração do trabalho. Primeiro, se o acumulado do PIB entre 2004 e 2008 foi de cerca de vinte e seis por cento, o crescimento do emprego foi de apenas treze e meio por cento, sendo a maioria destes na geração de empregos de menor qualificação e de menor renda. Segundo, embora uma pesquisa do IPEA, que dividiu a população total do país em três faixas de renda entre os anos de 1995 e 2008, a faixa mais pobre teria diminuído de trinta e quatro para vinte e seis por cento da população, a faixa média teria aumentado de cerca de vinte e dois para trinta e sete por cento e a faixa superior de renda teria diminuído de cerca de quarenta e quatro para trinta e sete por cento, o mesmo IPEA apontou em 2008 a pobreza extrema atingia cerca de vinte e nove por cento da população total⁵²⁴. E esta “nova classe média”, anunciada no exterior como a maior das vitórias do capitalismo na América Latina, precisa ser compreendida socialmente, pois apesar de seu aumento nos rendimentos, ela corresponde à classe trabalhadora, em condições de expropriação e exploração cada vez mais agudas:

[...] desde a virada de 2005 em diante, os rendimentos dos salários do decil mais pobre da população teria crescido quase o dobro em comparação com os salários do decil mais rico. Melhor de tudo, cerca de 25 milhões de pessoas moveram-se para as fileiras da classe média, daqui para diante a maioria da nação. Para muitos comentaristas, nacionais e estrangeiros, este é o desenvolvimento mais esperançoso da presidência de Lula. Esta é a *pièce de résistance* ideológica nas contas brilhantes de ladrões de loja como o editor responsável pela América Latina para o *Economist*, Michael Reid, ansioso para tremular esta nova classe média no Brasil como o farol de uma estável democracia capitalista na “batalha pelas almas” de um “continente esquecido” contra perigosos agitadores e extremistas. Grande parte deste aclamação repousa sobre um artifício de categorização, sendo que alguém com um rendimento tão baixo quanto 7000 dólares por ano (o pauperismo está outros lugares) é classificado como “classe média”, enquanto que de acordo com o mesmo esquema utilizado pela classe mais alta - a super elite de sociedade brasileira, compreendendo apenas 2 por cento da população - começa em quase o dobro da renda média per capita da população do mundo. Márcio Pochmann, chefe do principal instituto do país em pesquisa econômica aplicada, tem incisivamente observado que uma descrição mais acurada do que a tão falada nova classe média, seria simplesmente a

⁵²⁴MACIEL, D. “Melhor impossível: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula”. *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 126.

de “trabalhadores pobres”⁵²⁵.

A desigualdade continua nos mesmos patamares. Mesmo as pesquisas mais otimistas apontam somente a diminuição de cerca de meio por cento⁵²⁶. Indica-se uma estimativa em que “entre 10.000 e 15.000 famílias recebam a sua parte no leão dos 120 bilhões de dólares de pagamentos anuais da dívida pública (o custo do Bolsa Família é de 6,9 bilhões de dólares)”, sendo que na última década existiu um aumento sem precedentes no número de milionários brasileiros. “A explosão do mercado de ações por si só deveria ser advertência suficiente contra qualquer ingenuidade acerca deste assunto”⁵²⁷.

Mas o alcance hegemônico do projeto ultraliberal nos anos de Lula não se deu pela mera manutenção das políticas estatais anteriores, trata-se de uma mudança qualitativa, que teve como principais fatores os movimentos transformistas operados sobre as entidades representativas da classe trabalhadora. Notadamente a CUT, que passa da independência e reivindicação para a institucionalização dentro de espaços no Estado capitalista e assume plenamente o papel de mediador entre o capital e trabalho – justificados pela manutenção da “governabilidade” nos primeiros anos da gestão federal petista, e depois pela sua contribuição num “novo” projeto para o Estado brasileiro.

A partir de 2003, a CUT abdica plenamente sua postura crítica, deixando de organizar a classe trabalhadora para enfatizar seu papel na gestão de Lula, apoiando a reforma sindical governista, que “sem abolir o sindicalismo de Estado, conferirá um enorme poder decisório em econômico às centrais sindicais em relação às entidades sindicais e estruturas confederativas”, o que para Maciel significará “a adesão definitiva do núcleo duro do novo sindicalismo ao estatismo da estrutura sindical brasileira”⁵²⁸. Este movimento desdobrará cisões, seja pela saída de setores da esquerda, que irão vir a formar novas centrais combativas, como a Intersindical e a Conlutas (mais tarde CSP-Conlutas), ou de partidos e grupos ditos de esquerda que irão aproveitar as vantagens

⁵²⁵ “[...] from the turning point of 2005 onwards, the incomes of the poorest decile of the population purport to have grown at nearly double the rate of those in the top decile. Best of all, some 25 million people have moved into the ranks of the middle class, henceforward a majority of the nation. For many commentators, domestic and foreign, this is the most hopeful single development of Lula’s presidency. It is the ideological pièce de résistance in the glowing accounts of boosters like the Latin American editor of the Economist, Michael Reid, eager to hold up the new middle class in Brazil as the beacon of a stable capitalist democracy in the ‘battle for the soul’ of a ‘forgotten continent’ against dangerous rabble-rousers and extremists. Much of this acclaim rests on an artifice of categorisation, in which someone with an income as low as \$7000 a year (pauperism elsewhere) is classified as ‘middle class’, while according to the same schema the uppermost class – the super-elite of Brazilian society, comprising just 2 per cent of the population – starts at scarcely twice the average per capita income of the world’s population. Marcio Pochmann, the head of the country’s leading institute of applied economic research, has trenchantly remarked that a more accurate description of the much touted new middle strata would be simply ‘the working poor’”. ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

⁵²⁶ MACIEL, D. “Melhor impossível: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula”. *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 126.

⁵²⁷ “The explosion of the stock market alone should be warning enough against any naivety on this score”. ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

⁵²⁸ MACIEL, D. “Melhor impossível: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula”. *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 130-131.

econômicas e políticas propiciadas pela reforma sindical, especialmente em “*dotar à direção das centrais sindicais de um controle maior sobre as suas bases e de modo a provê-las com fundos financeiros vultuosos*”⁵²⁹, tal como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) que irá fundar a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), disseminando pelo movimento sindical o apoio organizado ao governo petista e a hegemonia ultraliberal (defendendo sua forma “moderada”)⁵³⁰. Sobre a CUT no governo Lula, Maciel nos diz que:

Suas críticas a aspectos da ação governamental como a política de juros altos, o câmbio valorizado ou as metas de superávit primário, não chegam a se transformar em mobilização e oposição ao governo, prevalecendo a orientação corporativista que vem dos anos 90. De fato, a CUT ampliou sua inserção institucional no governo Lula, participando de instâncias tripartites como o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, o Fórum Nacional do Trabalho, além de indicar dirigentes para o governo, entre outros, como Luis Marinho, ex-presidente da central que assumiu o Ministério do Trabalho e Emprego e posteriormente o Ministério da Previdência. Com isto a CUT continuou sendo a maior central sindical do país, reforçando-se como aparelho sindical com a reforma sindical parcial de 2008, que reconheceu as centrais sindicais como instâncias superiores da estrutura sindical estatal e possibilitou-lhes o acesso à uma parte expressiva da contribuição sindical, garantindo assim sua sustentação financeira. Além disso, a reforma sindical do governo Lula contribuiu poderosamente para o crescimento numérico das centrais sindicais, pois se em 2001 apenas 38% dos sindicatos eram filiados a alguma central, em 2011 esta porcentagem subiu para 68,35%. Assim, de central sindical criada para combater a estrutura sindical estatal, a CUT transformou-se em parte de suas instâncias máximas, completando o ciclo transformista iniciado com a reforma sindical do regime militar ainda no final dos anos 70⁵³¹.

Este “estilhaçamento” em diversas centrais é característico da crise ainda vivenciada pela esquerda brasileira, que no âmbito sindical concorre pela desmobilização extensiva da classe trabalhadora dirigida pelas centrais e partidos aliados do governo federal. Esta fica evidente nos dados sobre a taxa de sindicalização, se nos anos 1980 a taxa de sindicalizados correspondia a mais de 30% da força formal de trabalho no Brasil, nos dias de hoje ela gira em torno de 17%⁵³², desconsiderando aqui o aumento massivo da força informal de trabalho entre as duas décadas. “*O governo Lula enredou a esquerda socialista e os movimentos sociais combativos numa armadilha, que, aqui, estamos chamando de armadilha lulista, desdobrada em duas frentes*”. A primeira destas é a chamada “*tese do mal menor, ou seja, ruim com Lula, pior com o PSDB/PFL-DEM, o que significa considerar o neoliberalismo moderado de Lula preferível ao neoliberalismo extremado, de [Geraldo] Alckmin, em 2006, e agora, de [José] Serra*”. Já a segunda frente da armadilha

⁵²⁹BOITO JR., A.; GALVÃO, A.; MARCELINO, P. *Brasil: o movimento sindical e popular na década de 2000*. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal26/05boito.pdf>, acessado em 10.11.11.

⁵³⁰MACIEL, D. “Melhor impossível! a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula”. *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 131.

⁵³¹MACIEL, D. “Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula”. *Anais Marx e o marxismo 2011: teoria e prática*. op. cit.

⁵³²ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit.

caracteriza-se pelo “receio de denunciar o caráter anti-popular do governo Lula e fechar a possibilidade de interlocução com as massas lulistas e com parte do próprio movimento social”⁵³³. Embora já existam dados que mostram que os movimentos de greve e de contestação popular passaram a se organizar de modo cada vez maior a partir de 2004, estas ações são em sua grande maioria defensivas e com reivindicações salariais⁵³⁴. A partir de 2010 surgiram de modo mais explícito greves e ocupações de fundo político, também graças a certa consolidação das centrais de esquerda (onde o próprio aparelho sindical cutista e associados, como a Força Sindical, sua antiga “concorrente”, e a CTB fizeram o papel de delegados do capital contra os trabalhadores) e no âmbito estudantil da Assembléia Nacional dos Estudantes – Livre (ANEL), mas ainda não se observa uma resolução breve para esta crise. “O governo Lula se diferencia dos governos neoliberais anteriores, pois levou à incapacidade dos trabalhadores de viabilizar um projeto histórico alternativo a níveis ainda não vistos depois da Ditadura Militar”, sendo que “a tarefa de construir uma alternativa política e social é longa e árdua”⁵³⁵.

Assim, nos anos Lula, abriu-se um “nicho de mercado”, representado pelo interesse na existência e demanda de público para os “serviços” oferecidos pelo MSM. Para este empreendimento alçar estabilidade ainda faltava garantir sua produção e circulação. Em um *site*, tal qual uma revista ou jornal, só há consumo pelo leitor se existe quantidade relevante de material produzido, divulgado em espaços de tempo contínuos. Para se mensurar como isto se dá na internet, podemos utilizar como exemplo as ferramentas de *feed* RSS, abreviatura de *Rich Site Summary* (RSS 0.91), *RDF Site Summary* (RSS 0.9 e 1.0) ou *Really Simple Syndication* (RSS 2.0), padronizado na linguagem XML. Estas ferramentas fornecem listas de atualizações de *sites* assinalados pelo usuário em tempo real. Ou seja, sem uma quantidade assegurada de material a ser disponibilizado regularmente, não há como se manter um índice de visitantes, ou melhor, possíveis leitores e militantes.

Olavo de Carvalho se cercará de diversos associados neste empreendimento, embora cada um destes com pesos simbólicos e culturais distintos. Este peso pode ser mensurado pelo currículo anterior de cada um, como nos casos de Ipojuca Pontes e Denis Rosenfield; ou pela relevância que ganhará com discussões específicas, caso de Graça Salgado acerca da América Latina e o Foro de São Paulo, ou Júlio Severo como ativista “pró-família”; ou ainda como “vulgarizadores”, que providenciam leituras cotidianas, baseados em proposições anteriores, como Tibiriçá Ramaglio,

⁵³³MACIEL, D. “Melhor impossível: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula”. *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 131.

⁵³⁴Estes dados encontram-se em BOITO JR., A.; GALVÃO, A.; MARCELINO, P. *Brasil: o movimento sindical e popular na década de 2000*. op. cit.

⁵³⁵MACIEL, D. “Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula”. *Anais Marx e o marxismo 2011: teoria e prática*. op. cit.

Klauber Cristofen Pires ou Carlos Azambuja⁵³⁶. Obviamente, estas qualificações não são rígidas, mas que em uma leitura posterior do material produzido e somando-se ao peso político específico de cada um, nos ajudam compreender o funcionamento do MSM. Como já indicado, esta rede de autores constituiu-se em torno de Carvalho, que havia utilizado seu próprio *site* como tubo de ensaio para o que veio a ser o MSM, publicando artigos de diversos destes autores, além de utilizar seus cursos de filosofia como momento de cooptação e normatização ideológica. A rede extrapartidária do MSM ainda era incipiente em 2002, como se vê na tabela abaixo:

TABELA 10: Publicações de “alunos e amigos” em 23.09.02:

Publicação	Site (alguns já fora do ar)	Comentário de Olavo de Carvalho
O Indivíduo	http://www.oindividuo.com	<i>“Diz um dos editores, Pedro Sette Câmara: 'Homepage do polêmico jornal lançado por universitários da PUC - Rio, em grande parte inspirado nas idéias de Olavo de Carvalho [...] O jornal se opõe ao discurso universitário emburrecedor’”</i>
Ronaldo Castro	http://www.icones.com.br/astra/filo/filo.html	<i>“Homepage de um dos mais talentosos discípulos de Olavo de Carvalho. Página de filosofia, simbolismo e ciências tradicionais. Traz, além de vários textos de Olavo de Carvalho, a conferência do poeta e filósofo Ângelo Monteiro, Apresentação de Olavo de Carvalho na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, e a tese de Ronaldo Castro, A simbólica na busca da unidade do saber’”</i>
Chez Moi (Equador)	http://www.geocities.com.Paris/LeftBank/2574/	<i>“Simpática e inteligente homepage de uma ex-aluna. Traz vários textos de Olavo de Carvalho’”</i>
Mendo Castro Henriques	http://www.terravista.pt/PortoSanto/1139/	<i>“Mendo Castro Henriques, professor da Universidade Católica Portuguesa, mantém esta homepage, onde você encontrará um excelente estudo sobre a 'Política' de Aristóteles, além de ensaios sobre Fernando Pessoa, Eric Voegelin, Pascal e outros autores’”</i>
O melhor abandonado	http://www.geocities.com/Paris/Villa/5364/	<i>“José Carlos Zamboni, um professor de literatura que – pasmem – sabe escrever, mostra que ainda há vida inteligente no Brasil’”</i>
José Osvaldo de Meira Penna	http://www.meirapenna.org/	<i>“Artigos e conferência do maior dos nossos escritores liberais’”</i>

FONTE: CARVALHO, O. de. *Publicações de alunos e amigos*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2>, acessado em 09.10.10.

O aumento destas publicações está ligado diretamente com o aumento do alcance da rede no Brasil, o que passou a gerar maior interesse sobre este tipo de atuação política (não só por grupos que já se organizavam em torno da internet como o MSM) e com o desenvolvimento de formas simplificadas para a produção de conteúdos por usuários comuns, como o Blogger ou o Youtube. Mesmo assim, em comparação com outros grupos, esta rede já indicava a preocupação do MSM em ampliar a ocupação destes espaços virtuais. Esta organização pode ser observada na tabela seguinte:

⁵³⁶Informações relativas a cada um destes columnistas do MSM encontram-se nas tabelas seguintes.

TABELA 11: Colunistas do MSM em 02.04.03:

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	Site
Alceu Garcia (pseudônimo)	Brasileira	Não consta	5	http://www.oindividuo.com/ ; http://offmidia.blogspot.com
Antonio Roberto Batista	Brasileira	Médico, com mestrado em sociologia pela USP	1	Não consta
Argemiro Luis Brum	Brasileira	Professor do DECon/UNIJUI, Doutor pela EHESS de Paris-França, coordenador, analista e pesquisador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (CEEMA).	1	Não consta
Bráulio Porto Matos	Brasileira	Professor da faculdade de Educação da UNB	1	Não consta
Bruno Moretzshon	Brasileira	Não consta	3	http://offmidia.blogspot.com
Carlos Alberto Reis Lima	Brasileira	Médico neurologista, também formado em História e Ciência Política na UFRGS em nível de Mestrado.	18	Não consta
Denis Lerrer Rosenfield	Brasileira	Professor de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com doutorado de Estado em Filosofia pela Universidade de Paris, é autor, entre outras obras, de <i>Hegel</i> e editor da revista <i>Filosofia Política</i> .	2	Não consta
Diogo Chiuso	Brasileira	Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda	4	http://www.oexpressionista.com.br
Evandro Ferreira	Brasileira	É jornalista e designer gráfico. Coursou arquitetura por dois anos em Brasília, e se formou em publicidade em Belo Horizonte	7	http://www.outonos.com
Félix Maier	Brasileira	É militar da reserva e escritor	9	http://www.usinadeletras.com.br ; http://www.ternuma.com.br ; http://www.navedapalavra.com.br ; http://www.angelfire.com/sc3/ricardobergamini/
Fernando Carneiro	Brasileira	Não consta	1	Não consta
Graça Salgueiro	Brasileira	Psicóloga clínica	8	Não consta
Guilherme de Almeida	Brasileira	Engenheiro civil e advogado.	1	Não consta
Heitor de Paola	Brasileira	Médico, psicanalista, escritor e comentarista político	10	Não consta

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	Site
Henri Yves Pinal Carrières	Brasileira	Cursa História na Universidade Federal Fluminense (hoje é diplomata)	6	
Henrique Dmyterko	Brasileira	Engenheiro mecânico, tradutor e professor	2	
Huascar Terra do Valle	Brasileira	Advogado, escritor e poeta	16	http://www.grupoinconfidencia.com.br
Ipojuca Pontes	Brasileira	Cineasta, diretor, jornalista, escritor e ex Ministro da Cultura do governo Collor	2	Não consta
José Osvaldo de Meira Penna	Brasileira	Advogado pela Universidade do Brasil, ingressou na carreira diplomática em 1938. Coursou também a Universidade de Columbia (Nova Iorque), o Instituto Carl Gustav Jung de Psicologia (Zurique), e a Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro. Foi secretário-geral adjunto do Ministério das Relações Exteriores para a Europa Oriental e a Ásia, e embaixador em Israel, Nigéria, Noruega, Equador e Polônia Criou em 1986, a Sociedade Tocqueville. Presidiu o Instituto Liberal de Brasília e é membro da Sociedade Mont Pélérin	3	http://www.meirapenna.org ; http://www.essencial.com.br/il/
Jan Lamprecht	Zimbábue	Escritor	0	http://www.africancrisis.org
Janer Cristaldo	Brasileira	Bacharel em direito, graduado em filosofia, é escritor e trabalha como tradutor, e articulista de jornais <i>online</i> e <i>sites</i> do Brasil.	4	Não consta
João Accioly	Brasileira	Advogado	1	Não consta
José Nivaldo Cordeiro	Brasileira	Economista e mestre em Administração de Empresas na FGV-SP	16	Não consta

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	Site
Márcio Chalegre Coimbra	Brasileira	Advogado. Professor dos Departamentos de Direito e Relações Internacionais da Universidade Católica de Brasília e UniCEUB - Centro Universitário de Brasília. PIL pela Harvard Law School. MBA em Direito Econômico pela Fundação Getúlio Vargas. Especialista em Direito Internacional pela UFRGS. Mestrando em Relações Internacionais pela UnB. Vice-Presidente do Conil - Conselho Nacional dos Institutos Liberais pelo Distrito Federal. Sócio do IEE - Instituto de Estudos Empresariais	1	http://www.direito.com.br
Maria Inês de Carvalho	Brasileira	Não consta, filha de Olavo de Carvalho	2	Não consta
Maria Lucia Victor Barbosa	Brasileira	Graduou-se em Sociologia e Política e Administração Pública pela UFMG. Socióloga, professora universitária e escritora	8	Não consta
Martim Vasques da Cunha d'Eça	Brasileira	Escritor e jornalista	2	http://www.oindividuo.com/
Milla Kette	Brasileira	Escritora e empresária residente em Ohio/EUA	20	http://www.politicars.com.br/milla.htm ; http://www.pd-literatura.com.br ; http://www.dominiofeminino.com.br ; http://www.oexpressionista.com.br ; http://www.offmidia.com/
Olavo de Carvalho	Brasileira	Filósofo, escritor e jornalista	15	www.olavodecarvalho.org , www.seminariodefilosofia.org
Patrícia C. de Andrade	Brasileira	Não consta	3	Não consta
Paulo Diniz Zamboni	Brasileira	Professor de História e Geografia	22	Não consta
Paulo Leite	Brasileira	Jornalista residente em Washington/EUA	26	http://www.offmidia.com/
Pedro Paulo Rocha	Brasileira	Não consta, autor de <i>A psicanálise no divã</i>	1	Não consta
Percival Puggina	Brasileira	Arquiteto, empresário e escritor	7	Não consta
Ricardo Alfaya Saravia	Brasileira	Não consta (presidente do Conselho de Meio Ambiente de Candiota/2008)	1	Não consta
Roxane Andrade de Sousa	Brasileira	Não consta, esposa de Olavo de Carvalho	1	Não consta

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	Site
Sandro Guidalli	Brasileira	Jornalista	64	http://guidalli.blogspot.com
Tadeu Viapiana	Brasileira	Economista, diretor de comunicação e marketing	3	Não consta

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas.* Disponível em <http://replay.waybackmachine.org/20030402124624/http://midiasemmascara.org/autor.asp?cod=69>, acessado em 13.04.1.

Não podemos admitir o caráter de empreendimento individual que Carvalho tenta afirmar ao observarmos a pluralidade e quantidade de articulistas que publicaram naquele primeiro ano no MSM. Do mesmo modo observa-se que a quantidade de material produzido não remete diretamente a importância do colunista, atentando para o caráter normatizador, ou editorial, dos textos produzidos por Olavo de Carvalho, Heitor de Paola, José Osvaldo de Meira Penna ou Percival Puggina, que não constituem a maior parte do material produzido. Neste momento foi marcante a participação dos colunistas menores em difundir o MSM através do confronto ideológico em espaços virtuais, especialmente através do *site* Mídia Independente⁵³⁷. Neste *site* qualquer cadastrado pode enviar textos, opiniões e comentários de caráter jornalístico, e foi amplamente explorado por colunistas menores, “vulgarizadores”, como Paulo Leite, Sandro Guidalli e Milla Kette. Estes foram responsáveis por uma série de discussões naquele *site*, fazendo uma divulgação importante para o MSM em seu início.

Os *links* listados na primeira edição do MSM dão conta de dois colunistas (Diego Casagrande e Martim Vasques da Cunha), dois jornais nacionais, *O Estado de São Paulo* e o *Zero Hora*, além de órgãos de imprensa e jornalistas estrangeiros. A mera comparação com a lista de *sites* mantidos diretamente pelos atuais colunistas do MSM (que no mês de dezembro de 2010 encontrava-se em sua “edição” de número 214) cujo domínio hoje é propriedade de Edson Camargo Alves, morador de Curitiba, Paraná, descrito como editor-executivo do *site*⁵³⁸ (e que tem disponível mais de 300 megas de conteúdo), nos permite vislumbrar o seu crescimento quantitativo e qualitativo:

⁵³⁷O Centro de Mídia Independente (CMI Brasil) apresenta-se como “*uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. O CMI Brasil quer dar voz à quem não têm voz constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que frequentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses das elites econômicas, sociais e culturais*”. Sua estrutura permite que “*que qualquer pessoa disponibilize textos, vídeos, sons e imagens*”, assim tornando-se um lugar privilegiado para a disseminação e confrontação dos textos do MSM. Sua ferramenta de busca indica 290 postagens que incluem o nome de Olavo de Carvalho e 264 relativos ao MSM. Mais informações disponíveis em CMI Brasil. *Leia com atenção*. Disponível em <http://prod.midiaindependente.org/indymediabr/servlet/OpenMir>, acessado em 14.11.11.

⁵³⁸Dados disponíveis em <http://registro.br/>, acessado em 10.09.10. O *site* cujo registro foi verificado é o www.midiasemmascara.com.br, o qual é redirecionado automaticamente para o domínio www.midiasemamascara.org.

TABELA 12: Atuais colunistas do MSM:

Nome	Nacionalidade	Profissão*	Artigos**	Site
Carlos Azambuja	Brasileira	Historiador	61 artigos desde 2004	Não consta
Marcus Boeira	Brasileira	Advogado, doutorando em Direito do Estado pela USP e professor universitário	19 artigos desde 2009	http://marcusboeira.blogspot.com
Leonardo Bruno	Brasileira	Advogado	25 artigos desde 2004	http://cavaleiroconde.blogspot.com
Olavo de Carvalho	Brasileira	Filósofo, escritor e jornalista	101 artigos desde 2004, além do programa de rádio semanal	www.olavodecarvalho.org , www.seminariodefilosofia.org , http://theinteramerican.org/
José Nivaldo Cordeiro	Brasileira	Empresário, economista, mestre em Administração de Empresas pela FGV	101 artigos desde 2009	Não consta
Fernando Lobo d'Eça	Brasileira	Advogado tributarista	2 artigos desde 2008	Não consta
Alejandro Peña Esclusa	Venezuelana	Ex-candidato à presidência na Venezuela e presidente das ONG's Fuerza Solidária e da Uno América	44 artigos desde 2005	http://www.fuerzasolidaria.org , http://www.unoamerica.org
Cicero Harada	Brasileira	Advogado, ex-procurador do Estado de São Paulo e Conselheiro da OAB	2 artigos desde 2009	Não consta
John Haskins	Estadunidense	Escritor e jornalista	Seção internacional	www.undergroundjournal.net
Ubiratan Iorio	Brasileira	Economista e presidente do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP)	29 artigos desde 2004	www.ubirataniorio.org
Alan Keyes	Estadunidense	Advogado, ex-diplomata norte-americano (administração Reagan) e ex-candidato à presidência do mesmo país	1 artigo desde 2009	www.alankeyes.com , www.aipnews.com , www.selfgovernment.us
Eduardo Mackenzie	Franco-colombiana	Jornalista, escritor e investigador ligado ao <i>Institut d'Histoire Sociale</i> (Nanterre, França)	36 artigos desde 2009	Não consta
Félix Maier	Brasileira	Escritor	45 artigos desde 2004	Não consta
Jeffrey Nyquist	Estadunidense	Sociólogo	30 artigos desde 2004	www.jrnyquist.com
Heitor de Paola	Brasileira	Médico, psicanalista, escritor e comentarista político	91 artigos de 2004	www.heitordepaola.com , www.escolasempartido.org
Daniel Pipes*	Estadunidense	Historiador, especialista em Oriente Médio e professor universitário	45 artigos desde 2004	http://www.danielpipes.org

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	Site
Klauber Cristofen Pires	Brasileira	Bacharel em Ciências Náuticas, analista da Receita Federal, condecorado como Colaborador Emérito do Exército Brasileiro	110 artigos de 2009	http://libertatum.blogspot.com
Ipojuca Pontes	Brasileira	Cineasta, diretor, jornalista, escritor e ex Ministro da Cultura do governo Collor	91 artigos desde 2004	Não consta
Percival Puggina	Brasileira	Arquiteto, empresário e escritor	105 artigos desde 2005	www.puggina.org
Cel. Luis Alberto Villamarin Pulido	Colombiana	Coronel na reserva do Exército Colombiano, escritor e membro das Academias de História de Huila, Militar da Colômbia e da Sociedade Bolivariana de História	56 artigos desde 2005	http://www.luisvillamarin.co.nr
Tibiriça Ramaglio	Brasileira	Blogueiro	32 artigos desde 2009	http://observatoriodepiratininga.blogspot.com
Carlos Reis	Brasileira	Médico neurologista, mestre em história e ciência política pela UFRGS	31 artigos desde 2004	Não consta
José Antônio Giusti Tavares	Brasileira	Doutor em Ciência Política e Professor de Ciência Política no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi Pesquisador Associado no <i>Centre d'Études et de Recherches Internationales, Fondation Nationale des Sciences Politiques</i> , em Paris; <i>Guest Scholar</i> e <i>Visiting Fellow</i> do <i>Helen Kellogg Institute for International Studies, Notre Dame University</i> , em Indiana, US. Autor dos livros <i>A estrutura do autoritarismo brasileiro, Sistemas eleitorais nas democracias contemporâneas e Representação política e governo</i> . Organizador e coautor de <i>Totalitarismo tardio – o caso do PT</i>	02 artigos desde 2011	Não consta
Cel. Jorge Batista Ribeiro	Brasileira	Coronel do Exército e cientista social	Não consta	Não consta
“The Rightwatcher”	Presume-se que brasileira	Blogueiro especialista em ficção “nerd”	7 artigos desde 2009	Não consta
Graça Salgueiro	Brasileira	Psicóloga clínica e analista política	70 artigos desde 2004	http://notalatina.blogspot.com
Julio Severo	Brasileira	Ativista cristão e escritor	77 artigos desde 2004	www.juliosevero.com , http://escolaemcasa.blogspot.com

*Descrição fornecida pelo próprio MSM. **Número de artigos também fornecidos pelo MSM, e que não correspondem nem ao total de artigos de todos os autores nem todos os que já publicaram no portal. FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/colunistas.html>, acessado em 10.05.11.

Esta tabela nos indica que o MSM foi bem sucedido em sua estratégia para a consolidação de seus quadros, mesmo com a diminuição numérica indicada pela segunda tabela, observou-se um salto qualitativo na organicidade destes. Caso da formação de “especialistas” em determinadas áreas sociais, caso já citado de Júlio Severo e Graça Salgueiro⁵³⁹, além de Marcus Boeira e “The Rightwatcher”. E aproximando-se de grupos reacionários internacionais, com textos de autores como Alejandro Peña Esclusa (atualmente preso na Venezuela por sua participação na tentativa de Golpe de Estado contra Hugo Chavez), Alan Keyes, Eduardo Mackenzie e o Cel. Luis Alberto Villamarin Pulido. De maneira geral, seus avanços não foram em encontro aos intelectuais acadêmicos brasileiros, sendo o único cooptado neste sentido José Antônio Giusti Tavares, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (que soma-se a Denis Rosenfield). No ambiente acadêmico servem de referência ideológica para grupúsculos fascistas, tal como a União Conservadora Cristã (UCC). A UCC na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde conta com um “núcleo” de duas pessoas, e na Universidade de São Paulo (USP), com quatorze pessoas – mesmo com uma quantidade mínima de militantes, na USP, na eleição para o Diretório Central dos Estudantes da USP em 2011 sua chapa ficou em quinto lugar entre as dez concorrentes⁵⁴⁰. O único grupo no movimento estudantil vinculado organizadamente ao MSM é o da Juventude Conservadora da UNB, organizado por Felipe Melo e que coordenam a gestão 2011/2012 do Diretório Central dos Estudantes daquela Universidade. Antonio José de Pinho, bacharel em Letras e mestre em Linguística, já organiza um grupo semelhante na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao qual são solidários⁵⁴¹. Em seu “manifesto” declaram que sua existência se daria

[...] em virtude do recrudescimento das ações e do comportamento dos ditos “libertários” – que se valem de suas bandeiras “emancipadoras” e autoafirmativas para justificar comportamentos reacionários e intolerantes –, faz-se extremamente necessário um contraponto, uma outra visão de tudo o que anda acontecendo. A Juventude Conservadora da UnB surge com essa proposta invocando o sagrado preceito democrático da liberdade de pensamento e expressão [...] e no senso de responsabilidade e justiça imprescindível ao exercício da Cidadania [...] Somos um grupo de estudantes que pensa de maneira semelhante e que, frente à crise instalada na UnB, recusa-se a ficar em silêncio⁵⁴².

⁵³⁹Graça Salgueiro fez “parte de um grupo de alunos do Recife, que se reúnem mensalmente para assistir às fitas do Seminário de Filosofia e depois me enviam perguntas por e-mail ou telefone. — O. de C.”. CARVALHO, O. de. *Minha aluna e Marcos Bagno*. Carta e comentários. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/bagno.htm>, acessado em 23.09.11.

⁵⁴⁰ALVES, N.; GALHARDO, R. “Extrema direita universitária se alia a skinheads. Jovens estudantes neo-conservadores fogem ao estereótipo de arruaceiros mas defendem ação violenta das gangues”. *Ig*. 26.09.11. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/extrema-direita-universitaria-se-alia-a-skinheads/n1597226175495.html>, acessado em 14.11.11.

⁵⁴¹JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Conservadores da UFSC, bem vindos!* Disponível em <http://unbconservadora.blogspot.com.br/2012/05/conservadores-da-ufsc-bem-vindos.html>, acessado em 21.04.12.

⁵⁴²JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Manifesto da Juventude Conservadora da UnB*. Disponível em

Garantida a produção, faltaria ainda definir o nicho específico do público consumidor a ser atingido, seu público-alvo, a quem se dirigirá preferencialmente, baseando-se seja em pesquisas de opinião ou o supondo, como público que necessita ou deseja determinado produto. Não nos cabe aqui mensurar quantitativamente o público do MSM, mas explicitar que seus intelectuais trabalham conscientemente na apropriação de imagens, preconceitos e conhecimentos cotidianos produzidos e reconhecidos como seus por um estrato social em uma determinada formação social⁵⁴³. Sendo então que:

Linguagem significa também cultura e filosofia (ainda que no nível do senso comum) e, portanto, o fato “linguagem” é, na realidade, uma multiplicidade de fatos mais ou menos organicamente coerentes e coordenados: no limite, pode-se dizer que todo ser falante tem uma linguagem pessoal e própria, isto é, um modo pessoal de pensar e sentir. A cultura, em seus vários níveis unifica uma maior ou menor quantidade de indivíduos em estratos numerosos, mais ou menos em contato expressivo, que se estendem entre si diversos graus, etc. [...] Disto se deduz a importância que tem o “momento cultural” também na atividade prática (coletiva): todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo “homem coletivo”, isto é, pressupõe a conquista de uma unidade “cultural-social” pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, solda-se conjuntamente na busca de um mesmo fim, com base numa idêntica e comum concepção de mundo⁵⁴⁴.

O que buscamos assinalar, é que a efetividade do discurso ideológico irá depender do grupo social a que ele se dirige, dialogando com seu senso comum (reiterando, de nenhum modo o MSM ultrapassa estas barreiras produzindo conhecimento científico). E que a socialização de determinado conhecimento pela propaganda “*é uma condição necessária para sua validação e socialização, construindo, também, um ciclo constante e auto-regenerativo: conhecimento → publicidade → opinião pública → novo conhecimento*”. Sendo que é a opinião publicizada deste grupo que irá prover a legitimidade e aceitação, “*condição de reingresso no fluxo de informação e conhecimento*”⁵⁴⁵. O público ao qual o MSM dirige-se, obviamente não é constituído pela classe trabalhadora, sendo que a centralidade da propriedade privada em seu discurso ilustra isto perfeitamente. E quando dirigem-se às frações da burguesia colocam-se como “possibilidade”, defendendo alternativas que estas poderiam fazer suas, em formatos de “apelos” e “consultas de consciência”, etc. – além disso, tanto a classe dominante quanto a classe trabalhadora possuem suas instâncias próprias de disputas e produção de consenso. O MSM visa especificamente o descontentamento típico da “classe média”, inevitável, visto seu lugar intermediário na sociedade de classes: sua “eterna” crise.

<http://unbconservadora.blogspot.com.br/2010/06/carta-manifesto-da-juventude.html>, acessado em 03.03.12.

⁵⁴³GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 209.

⁵⁴⁴GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 398.

⁵⁴⁵BARRETO, A. de A. *Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica*. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651998000200003&script=sci_arttext&tlng=es, acessado em 13.10.10.

Aqui devemos desviar um pouco nossa narrativa, para explicitar a compreensão do marxismo sobre estes estratos médios. O marxismo entende que cada modo de produção comporta duas classes fundamentais: a classe que explora, dominante política e ideologicamente, e a classe que é explorada, dominada política e ideologicamente. Mas como verifica Nicos Poulantzas, “*uma sociedade concreta, uma formação social, comporta mais de duas classes, na medida que está composta de vários momentos e formas de produção*”, sendo então “*que as duas classes fundamentais de toda formação social são as do modo de produção dominante*”⁵⁴⁶. Sendo então que os estratos médios, intermediários entre as classes fundamentais, existem dependentes dos movimentos e conflitos entre estas, no caso do modo de produção capitalista, entre a burguesia e o proletariado. Poulantzas irá demarcar estes estratos entre dois grupos distintos: a *pequena burguesia tradicional* e o que chama de *nova pequena burguesia*.

A primeira é vinculada à pequena produção, à pequena propriedade ou à oficina, o pequeno comércio, pois “*trata-se das formas de artesanato e de pequenas empresas familiares, nas quais o mesmo agente é de uma só vez proprietário dos meios de produção e de trabalho, e trabalhador direto*”, que tem como especificidade não explorar o trabalho assalariado, “*ou então só o fazem muito ocasionalmente*”. Sendo que “*o trabalho é feito essencialmente pelo proprietário real ou membros de sua família, que não têm retribuição em forma de salário. Esta pequena produção obtém lucro na venda de suas mercadorias e pela participação na redistribuição total da mais valia*”, mas “*não arremata diretamente sobretrabalho*”⁵⁴⁷. Já a nova pequena burguesia é constituída pelos “*trabalhadores assalariados não produtivos*”, que são “*trabalhadores que não produzem mais-valia. Vendem eles também sua força de trabalho; seu salário está determinado, ele também, pelo preço da reprodução e de sua força-trabalho, mas sua exploração se faz pela extorsão direta do sobretrabalho, e não pela produção de mais-valia*”. Ela agrega os funcionários de escritório, “*colarinhos brancos*”, os funcionários do setor de comércio, e também os funcionários de Estado, dentre vários. E situando, que “*estes dois grandes conjuntos ocupam na produção posições diferentes, que não têm nada em comum*”, questiona: “*podem ser considerados como constituindo uma classe, a 'pequena burguesia'?*”⁵⁴⁸, para em seguida analisar suas diferenças e semelhanças:

A primeira inclui precisamente critérios políticos e ideológicos. Pode-se, com efeito, considerar que essas posições diferentes na produção e na esfera econômica têm, entretanto, ao nível político e ideológico, *os mesmos efeitos*. De um lado a “pequena propriedade”, do outro lado alguns assalariados que não vivem sua exploração senão sob a forma do “salário” e da “competição” longe da produção, apresentariam, por estas razões econômicas e não obstante distintas, as mesmas características políticas

⁵⁴⁶POULANTZAS, N. *As classes sociais*. Disponível em http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/as_classes_sociais.pdf, acessado em 10.03.10.

⁵⁴⁷Idem.

⁵⁴⁸Ibidem.

e ideológicas: “individualismo” pequeno-burguês, inclinação ao “statu-quo” e temor à revolução, mito da “promoção social”, e aspiração ao status burguês, crença no “Estado neutro” acima das classes, instabilidade política e tendência a apoiar “Estados fortes” e bonapartismos, formas de rebelião do tipo “jacquerie pequeno burguesa”. Estas características ideológico-políticas *comuns* bastariam, se tal fosse o caso, para considerar que estes dois conjuntos, que ocupam posições diferentes, na economia, constituem uma classe, relativamente unificada, a pequena burguesia. Além disso, ainda neste caso, nada impediria de distinguir “*frações*” de uma mesma classe. Com efeito [...] o marxismo estabelece igualmente distinções entre frações de uma classe. Estas se distinguem das simples camadas porque refletem diferenciações econômicas importantes, e podem inclusive se revestir, enquanto frações, de um papel de *forças sociais*, importante e relativamente distinto do das outras frações⁵⁴⁹.

Seu posicionamento dependente, incapaz de realizar um projeto próprio, pois subordinado às classes fundamentais, “*não significa que os diversos conjuntos pequeno-burgueses tenham simplesmente posições de classe que os aproximem seja da burguesia, seja da classe operária*”, e sim que “*sua própria determinação estrutural de classe só possa ser apreendida em sua relação, no seio da divisão social do trabalho*”. Assim, não podendo ser considerada do mesmo modo que as classes fundamentais, pois são estas “*que especificam os lugares, na divisão social do trabalho, da burguesia e da classe operária*”, e que não irão se referir “*somente às relações econômicas, mas também às relações ideológicas e políticas da determinação estrutural de classe desses conjuntos*”⁵⁵⁰, sempre relacionalmente. Esta leitura permite a Poulantzas afirmar que “*o subconjunto ideológico pequeno burguês é um terreno de luta e um campo de batalha particular entre a ideologia burguesa e a ideologia operária*”, ou seja, não constituído mecanicamente, mas resultado entre relações de forças, “*mas com a intervenção própria dos elementos especificamente pequeno-burgueses*”. Então “*esse terreno de luta não é um terreno vago: é um terreno desde já circunscrito pela ideologia burguesa e pelos elementos ideológicos pequeno-burgueses*”⁵⁵¹.

Mas a *posição ideológica* da pequena burguesia e da nova pequena burguesia não deriva automaticamente da constatação de sua situação intermediária na sociedade de classes. Ela, que não chega a constituir um conjunto ideológico “*com coerência própria e sistematicidade relativa*”, está sujeita às influências ideológicas das duas classes fundamentais da sociedade, a burguesia e o proletariado, capazes de manterem uma posição política relativamente autônoma e de longo prazo. Então, ela teria seu “sub conjunto” ideológico “*constituído pela influência da ideologia burguesa (dominante) sobre as aspirações próprias da pequena burguesia em relação à sua situação específica de classe*”⁵⁵², ou seja, um limite muito claro para posicionar-se política e ideologicamente. Então, mesmo estando sujeita às relações de força de determinada conjuntura

⁵⁴⁹POULANTZAS, N. *As classes sociais*. op. cit.

⁵⁵⁰POULANTZAS, N. *As classes sociais no capitalismo hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 221-224.

⁵⁵¹Idem. p. 314-315.

⁵⁵²POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978. p. 254.

histórica, Poulantzas consegue identificar algumas características, de modo “esquemático”, relativas ao seu posicionamento social no mundo do trabalho. No caso da pequena burguesia, da pequena produção ou propriedade, em que o proprietário é também trabalhador direto, ele identifica que este, “*opõe-se ao mesmo tempo à burguesia – é progressivamente esmagada economicamente por ela – e ao proletariado, pelo medo da proletarização e pelo seu apego feroz à (pequena) propriedade*”⁵⁵³.

Isto implicaria em:

a) Um aspecto ideológico *anticapitalista do status quo*: contra a “grande riqueza”, as “grandes fortunas”, mas *status quo* apesar de tudo, porque este conjunto se agarra à sua propriedade e teme a proletarização. Isto conjuga-se muitas vezes com o aspecto “igualitarista”, de aspirações contra os monopólios e de um regresso à “igualdade de possibilidades”, de uma “justa” concorrência, por um lado, e com o “cretinismo parlamentar” de um igualitarismo pelo sufrágio, por outro: esta pequena-burguesia quer mudanças sem que o sistema mude. Assim, detecta-se igualmente nela a aspiração a uma “participação” na “distribuição” do poder político, sem vontade de transformação radical deste. b) Um aspecto ideológico, ligado não à transformação revolucionária da sociedade, mas ao mito da “*passerelle*”. Medo da proletarização, por baixo, atração para a burguesia, por cima, a pequena burguesia aspira a tornar-se burguesia, pela passagem individual, para o topo, dos “melhores” e dos “mais capazes”. Este aspecto assume, assim, freqüentemente, formas “elitistas”, de uma renovação das elites, de uma substituição da burguesia “que não cumpre o seu papel” pela pequena burguesia, sem que a sociedade seja mudada. c) Um aspecto ideológico do “*fetichismo do poder*” de que falava Lenin. Pelo seu isolamento econômico (que dá igualmente origem ao “individualismo pequeno-burguês”) e pela sua aproximação-oposição econômica à burguesia e ao proletariado, crença no Estado “neutro” acima das classes. Esta pequena burguesia espera que este Estado neutro lhe traga “de cima a chuva e o bom tempo”, em suma: que detenha o seu declínio. Ainda: isso conduz muitas vezes a uma “estatolatria”. A pequena burguesia *identifica-se* neste caso ao Estado, cuja neutralidade se juntaria à sua, concebendo-se como uma classe “neutra” entre a burguesia e a classe operária, pilar, pois, dominante “importações” da ideologia e da classe operária, desviadas de um Estado que seria o “seu” Estado. Aspira à “arbitragem” social, no sentido em que desejaria, como dizia Marx, que toda a sociedade se tornasse pequeno-burguesa⁵⁵⁴.

E em relação à nova pequena burguesia, os que “*vivem sua exploração não na produção, mas principalmente sob a forma jurídica – portanto, largamente 'ilusória'*”⁵⁵⁵, ele compreende efeitos análogos à ideologia:

a) Aspecto ideológico anticapitalista do *status quo*. Estando a exploração efetiva aqui oculta, porque principalmente vivida sob a forma do salário, este conjunto aspira a uma “justiça social” pela redistribuição, por meio do Estado, dos rendimentos (salários). Declarações contra a “grande riqueza”, que tomam assim principalmente, a forma de reclamação contra o fisco. Aspecto “igualitário”, que toma a forma de uma igualização dos “rendimentos” e se conjuga aqui também muitas vezes com o “cretinismo parlamentar”. Receio igualmente de proletarização, mas receio sobretudo de uma transformação revolucionária da sociedade, em virtude da insegurança vivida ao nível de salário. Receio de uma convulsão que possa afetar os

⁵⁵³POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 255.

⁵⁵⁴Idem. p. 255-256.

⁵⁵⁵Ibidem. p. 256.

salários dos trabalhadores que não vivem na produção e do papel dos meios de produção na exploração. Isto manifesta-se, de resto, nas formas corporativistas particulares de que se reveste, neste conjunto a luta social. b) Aspecto ideológico da *passarelle*: aspiração a subir. Esta tendência ideológica da *passarelle* e da “promoção” não decorre aqui, como acontecia no primeiro conjunto, do seu caráter transitório, mas do fato real de este conjunto ser efetivamente afetado numa sociedade capitalista, *pelo mais alto índice de mobilidade social* (simultaneamente, ascendente, e ainda mais, descendente). Se este conjunto não é, *enquanto tal*, transitório, tudo se passa como se, em virtude de suas condições de vida, os seus membros (no decorrer das gerações) se encontrassem aí apenas “*de passagem*”. Esta tendência ideológica, na medida em que este conjunto de trabalhadores assalariados passou por uma instrução escolar elevada, que determina a sua qualificação como força de trabalho, assume aqui formas particulares. Trata-se da ideologia da “neutralidade” democrática da “cultura”, e da consideração do aparelho escolar e universitário “neutro” como meio de promoção e de acesso dos “melhores” à condição burguesa. c) Aspecto ideológico do fetichismo do poder. Também aqui, é o isolamento (que dá origem ao “individualismo pequeno-burguês”) que conta, não sob a forma que assume na pequena propriedade, mas sob a forma de isolamento e de concorrência de um salariado, para quem não age o fator de “*trabalhador coletivo*” na produção: isolamento que não é portanto rompido pela progressiva concentração do setor comercial. Crença num Estado neutro acima das classes, e fenômenos de estatolatria, assumindo aqui a forma de “*cesarismo social*”, de crença na “justiça” de um Estado forte. Ao que é preciso acrescentar o aspecto ideológico próprio desse conjunto dos trabalhadores assalariados que fazem parte do aparelho de Estado – administração. Produzindo os aparelhos de Estado, enquanto instituições, *a sua própria ideologia interna*, estes assalariados estão-lhe particularmente submetidos: o aspecto ideológico do Estado neutro acima das classes funciona particularmente aqui, enquanto elemento essencial da ideologia interna dos aparelhos de Estado. Neste caso, mais do que em qualquer outro intervêm a estatolatria e a identificação ao estado e às suas “cúpulas”, pelo canal do burocratismo e da subordinação hierárquica⁵⁵⁶.

Estas percepções pequenas burguesas são exploradas em um sem número de passagens de Olavo de Carvalho, como neste caso discutindo a valorização do “outro” na literatura e artes nacionais:

Não conheço um único bom livro brasileiro no qual a polícia tenha razão, no qual se exaltem as virtudes da classe média ordeira e pacata, no qual ladrões e assassinos sejam apresentados como homens piores do que os outros, sob qualquer aspecto que seja [...] À luz da “ética” daí resultante, não existe mal no mundo senão a “moral conservadora”. Que é um assalto, um estupro, um homicídio, perto da maldade satânica que se oculta no coração de um pai de família que, educando seus filhos no respeito à lei e à ordem, ajuda a manter o *status quo*?

Compreendendo “ética” como uma categoria a histórica e universal, Carvalho propositadamente reafirma o senso comum da pequena burguesia como superioridade moral. Neste sentido fica clara a apreensão da função social da arte e da cultura, seja em termos de capital social, a neutralidade do aparelho escolar e universitário destinado a sua ascensão social, ou como mercadoria, objeto de fetiche e status, ao qual espera-se o reconhecimento pelo consumo como

⁵⁵⁶POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 256-257.

único horizonte de expectativa que deveria reger sua produção. Com este movimento ele pode culpabilizar o artista engajado socialmente como agente direto e consciente de atuação subversiva contra esta “ética”, ou seja, sua associação na luta pela destruição de todo e qualquer parâmetros de ação humana considerada civilizada, o que geralmente é traduzido em termos religiosos (a referência à “moral satânica” não está presente na citação sem motivo).

Obviamente não estamos atribuindo a estes apontamentos esquemáticos de Poulantzas, leituras sociológicas estáticas, um caráter de leitura histórica – de modo algum estamos resumindo os grupos sociais pertencentes aos estratos médios brasileiros nestes esquemas. Pelo contrário, nossa utilização aqui destes parâmetros se dá como hipótese para a verificação em nosso objeto – o que não fazemos de maneira desautorizada, pois uma série de pesquisas históricas e científicas já foram realizadas e consideraram válidas seus apontamentos para a realidade brasileira⁵⁵⁷ – ainda sublinhando que aqui não estamos investigando objetivamente a pequena burguesia e a nova pequena burguesia brasileira em seu conjunto nos anos de nosso recorte temporal, mas qualificando e categorizando a expectativa do MSM em atingir este público como seu alvo.

Por sua posição intermediária, a pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia não são apáticos diante de outros discursos ideológicos, sob uma condição de sujeição passiva, o que faz com que o MSM não dispute simplesmente reconhecimento por parte dos seus leitores, mas estes em si. Como trata Pierre Bourdieu, “*os sofistas invocavam uma noção que me parece muito importante, a de kairos. Professores do uso da palavra, sabiam que não bastava ensinar às pessoas a falar, mas que era necessário além disso ensiná-las a falar a propósito*”, sendo que o “*kairos, na origem é a mira do alvo*”. Esta extrapola o discurso por si mesmo, sendo que “*para acertar na presa, para que as palavras acertem no alvo, para que as palavras compensem, para que as palavras produzam os seus efeitos, é necessário dizerem-se não só as palavras gramaticalmente corretas mas também as palavras socialmente admissíveis*”⁵⁵⁸. O que Carvalho converte em uma composição mecânica, direta, entre classe e cultura, de maneira propositadamente restrita (cultura como acesso aos objetos culturais “emanados” pela burguesia) para poder torná-la mera caricatura:

O líder de uma classe é, por definição, aquele que se eleva interiormente acima dela por seu talento e saber, sem abandonar o seu padrão de vida exterior nem a adesão íntima aos interesses e valores do seu meio de origem. Para quem tome a cultura no

⁵⁵⁷Dentre estas podemos citar SAES, D. “Classe média e política”. In. FAUSTO, B. (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano. Volume 3: Sociedade e Política 1930-1964. Rio de Janeiro, Bertand, 1991; SAES, D. “Classe média e políticas de classe (uma nota teórica)”. *Contraponto: Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos Noel Nutels*. Ano II, n.º 2, novembro 1977; SAES, D. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979; CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit.; CALIL, G. G. “A pequena burguesia e projeto social”. In. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.; KOLING, P. J. *Estado e poder: Abordagens e perspectivas*. Cascavel: Edunioeste, 2008; BOITO JR, A. “Classe média e sindicalismo”. *Politeia: história e sociedade*. n.º. 1. Volume 4. Vitória da Conquista: DEHIS UESB, 2004.

⁵⁵⁸BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século; Sociedade unipessoal, 2003. p. 128-129.

seu sentido verdadeiro de conhecimento interiorizado numa personalidade melhor, e não de mera ostentação de diplomas, a identificação de níveis de cultura com diferenças de classe social é um preconceito sociológico boboca. Se todo operário, ao adquirir cultura, se tornasse um burguês, não teria havido um único líder operário neste mundo. O mesmo aplica-se, analogicamente, a qualquer grupo social de origem. Ao elevar-se, por seus conhecimentos, à condição de pajé, um índio não se torna branco⁵⁵⁹.

Primeiro idealiza a figura do líder de uma classe, como se esta “função” fosse plenamente determinada pela meritocracia, o que já vimos ser uma característica ideológica pela qual a pequena burguesia reconhece-se e vislumbra o acesso à ascensão social. E considera ainda o capital cultural como capital social, este como elemento automático de ascensão social, capaz de arrancar os indivíduos de suas classes, ao mesmo tempo, que ainda eliminaria suas origens, suas experiências e vivências anteriores – transforma o “índio” em “branco”. Para Carvalho a cultura, ou o que ele acha que a sociologia considera cultura, seria emanada para e pela burguesia, sendo que então seu acesso, logicamente, só poderia ocorrer transmutando indivíduos em burgueses. Ou pior, em indivíduos que viveriam uma vida plenamente frustrada, já que não poderiam possuir o que considerariam como seu direito: o que chama de “*multidão dos semi-intelectuais ressentidos*”.

É por esta argumentação que ele “explica” as revoluções modernas, que supostamente teriam sido levadas a cabo por lideranças da classe média intelectualizados: “*os movimentos ideológicos de massa sempre recrutaram o grosso de seus líderes da multidão dos semi-intelectuais ressentidos*”. Por estarem “*afastados do trabalho manual pela instrução que receberam, separados da realização nas letras e nas artes pela sua mediocridade endêmica, que lhes restava? A revolta.*”⁵⁶⁰. E retorna a Ortega y Gasset para argumentar:

A “rebelião das massas” a que se referia José Ortega y Gasset (*La Rebelión de las Masas*, 1928) consistia precisamente nisso: não na ascensão dos pobres à cultura superior, mas na concomitante impossibilidade de democratizar o gênio. A inveja resultante gerava ódio aos próprios bens recém-conquistados, que pareciam tanto mais inacessíveis às almas quanto mais democratizados no mundo: daí o clamor geral contra a “cultura de elite”, justamente no momento em que ela já não era privilégio da elite⁵⁶¹.

Assim, dada a “democratização” da cultura, é a classe média, celeiro de intelectuais, o objeto de disputa ideológica, já que “*a classe revolucionária não se forma entre os proletários ou camponeses, muito menos entre os miseráveis e desempregados, mas entre as massas afluentes de classe média alimentadas de doutrina comunista nas universidades*”⁵⁶². Que se faça claro, a classe média não se transmuta em classe revolucionária, mas para a lógica que credita irracionalidade para

⁵⁵⁹CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 85.

⁵⁶⁰CARVALHO. O. de. “Dialética da inveja”. *Folha de S. Paulo*. 26.08.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/030826fsp.htm>, acessado em 20.10.10.

⁵⁶¹Idem.

⁵⁶²Ibidem.

os movimentos coletivos e populares, as lideranças, então, construiriam o grupo de respectivos liderados, formatando-os em determinadas prerrogativas ideológicas, e sendo assim, os sujeitos da história, cuja base social supostamente estaria nos estratos médios da sociedade:

Basta que os intelectuais envolvidos numa e noutra [os dois planos do “gramscismo”: mudança da base moral e reconhecimento de esquerdistas como lideranças populares] comunguem ainda que vagamente de um espírito revolucionário gramsciano, para que, numa espécie de cumplicidade implícita, cada qual realize sua tarefa e todos os resultados venham a convergir na direção dos fins gramscianos. Isto não exclui, é claro, a hipótese de um comando unificado, mas, para o sucesso da estratégia gramsciana, a unidade de comando, ao menos ostensiva, é bastante dispensável na fase da luta pela hegemonia⁵⁶³.

E retorna a Otto Maria Carpeaux, que em suas elucubrações acerca do ensino superior, em franco processo de especialização, conclui que a culpa é dos usos da universidade pelos estratos médios da sociedade. *“O século XIX, o século liberal, abre a todos todas as possibilidades. A educação superior é o caminho da ascensão. A preeminência da classe média no século XIX baseia-se na sua cultura universitária. Mas o século XX acaba com isso”,* já que o *“grande capitalismo precisa mais de exércitos de pequenos empregados do que de self-made men; as profissões liberais estão superlotadas”,* e ao mesmo tempo *“o movimento socialista repele os que resistem à proletarização e suas humilhações e privações”.* Assim, *“privada dos privilégios da Inteligência, a classe média quebra furiosamente o instrumento, como uma criança quebra o brinquedo insubmisso”.* Sem ter sentido social de suas ações, a classe tornada sujeito homogêneo, *“é uma criança essa nova classe média; mas uma criança perigosa, cheia dos ressentimentos dos déclassés, furiosa contra os livros que já não sabe ler e cujas lições já não garantem a ascensão social. Está madura para a violência”.* Sendo o inspirador destas massas de intelectuais, *“pai espiritual comum do fascismo e do bolchevismo, Georges Sorel, o ideólogo da violência [...] homem profundamente pequeno-burguês, representante típico das classes médias francesas”*⁵⁶⁴. E refere a esta atuação das classes médias:

⁵⁶³Já adiantando um pouco sobre esta questão, tratada de modo completo adiante, para Carvalho *“o objetivo primeiro do gramscismo é muito amplo e geral em seu escopo: nada de política, nada de pregação revolucionária, apenas operar um giro de cento e oitenta graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções, sem o confronto ideológico direto que só faria excitar prematuramente antagonismos indesejáveis [...] Se de um lado jornalistas de esquerda promovem um ataque maciço aos criminosos de colarinho branco e de outro lado intelectuais de esquerda lutam para que os chefes de bandos de assassinos armados sejam reconhecidos como 'lideranças populares' legítimas, o efeito conjugado dessas duas operações é bem nítido: atenuar a gravidade dos crimes contra a pessoa, quando cometidos pela classe baixa e aproveitáveis politicamente pelas esquerdas, e enfatizar a dos crimes contra o patrimônio, quando cometidos por membros da classe dominante. Eis aí a luta de classes transformada em supremo critério da moral, desbancando o preceito milenar, arraigado no senso comum, de que a vida é um bem mais sagrado do que o patrimônio”.* CARVALHO. O. de. *A nova era e a revolução cultural.* Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/livros/negramsci.htm>, acessado em 27.10.10.

⁵⁶⁴CARPEAUX, O. M. *A idéia da universidade e as idéias das classes médias.* Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/carp3.htm>, acessado em 21.10.10.

O fascismo foi impossível na Rússia. É também um fato fundamental que a Rússia não conheceu, não teve uma classe média. Ora, seguindo a corrente da época, o bolchevismo criou uma classe média. A burocracia soviética, os stakhanovistas e outras camadas privilegiadas do operariado não são outra coisa senão uma nova classe média [...] o fascismo e o bolchevismo têm o lado comum de serem expressões das novas classes médias. E a ideologia que permite explicar o espírito das novas classes médias é a ideologia pequeno-burguesa, violentamente revolucionária e antiintelectualista. [...] Poder-se-ia acreditar que os grandes obstáculos dessa revolução fossem os capitalistas e os trabalhadores, ou, na Rússia, um regime milenário e eclesiasticamente consolidado. Engano. Vimos a fraqueza incrível do regime czarista, a derrota fácil dos socialistas, o suicídio dos capitalistas. O verdadeiro obstáculo — e Sorel o previra bem — era a Inteligência. É ela que merece as diatribes mais cruéis dos chefes e dos caudilhos. Para a vitória final, precisa-se acabar com a Inteligência⁵⁶⁵.

A questão da “rebeldia” pequeno burguesa aparece caracterizada como sendo de cunho “juvenil”, limitada pela má compreensão, ou falta absoluta dela, do papel de provedores que teriam os condutores do capitalismo durante os últimos séculos, inaugurando uma era de felicidade sem deveres nunca vista antes. Antes de comentarmos este tipo de posicionamento, retornamos a Carvalho, em citação longa, mas que ilustra perfeitamente as características tratadas anteriormente:

O capitalismo distribuiu a imensas massas de classe média benefícios que antes eram privilégios da aristocracia. Mas a aristocracia pagava um alto preço por eles: era a casta guerreira, pronta a morrer no campo de batalha em lugar dos comerciantes e camponeses, isentos *a priori* de obrigação militar. Uma vida de liberdade e prazeres à sombra da morte iminente ou uma vida de trabalho e abstinência na relativa segurança da rotina econômica, eis as duas formas básicas de existência que, no seu equilíbrio mútuo, marcaram o repertório da humanidade ocidental até pelo menos o começo do século XIX. Cento e poucos anos bastaram para que, em amplas áreas da superfície terrestre, não só o acesso a uma quantidade de bens materiais nunca antes imaginados, mas a liberdade e os meios para a busca de prazeres praticamente sem limites fossem abertos à pequena burguesia e a boa parte da classe trabalhadora, sem que a isso correspondesse um acréscimo de obrigações morais. Bem ao contrário, a demanda crescente de satisfações veio acompanhada de uma intolerância cada vez maior ao sofrimento e da revolta geral contra toda forma de “repressão”. A eternidade e a morte desapareceram do horizonte, a primeira tornando-se uma ficção de outras épocas, a segunda uma idéia indecente, proibida nas conversações saudáveis. Em pouco tempo a Europa e as Américas povoaram-se de uma nova classe de adolescentes crônicos, ávidos de sensações, rebeldes a toda limitação, desfrutando da obra dos séculos como se fosse um direito natural e vivendo cada dia como se fosse a data inaugural de uma espécie de eternidade terrestre. Postiça, desequilibrada, fútil e baseada na ingratidão radical para com as gerações anteriores, essa forma de vida produziu uma tremenda acumulação de culpas inconscientes, as quais, não podendo recair sobre os culpados autênticos — que toleram a idéia de culpas ainda menos que a da morte — são projetadas de volta sobre a fonte de seus benefícios imerecidos. Daí o aparente paradoxo, tantas vezes notado, de que o ódio ao capitalismo não germine entre suas supostas vítimas, os pobres, mas justamente entre seus principais favorecidos: a classe média, os estudantes e intelectuais, o *beautiful people* da mídia e da moda, os filhinhos-de-papai que vão à universidade num BMW de cem mil dólares e destroem o refeitório porque a comida não é de graça. Não há nisso paradoxo algum: há apenas a lógica implacável da projeção

⁵⁶⁵CARPEAUX, O. M. *A idéia da universidade e as idéias das classes médias*. op. cit.

neurótica. A premissa oculta dessa lógica é o fato de que o verdadeiro pecado do capitalismo, a ruptura do equilíbrio natural entre prazeres e deveres, não pode ser denunciado. Tornou-se um tabu. É preciso então inventar culpas imaginárias, negar a realidade manifesta da prosperidade geral crescente e, num giro lógico formidável, imputar ao capitalismo até mesmo a miséria dos países socialistas⁵⁶⁶.

Pode aparentar que este ressentimento arbitrado em relação aos estratos médios da sociedade impediria este de ser seu público-alvo. Estas atribuições de “caráter” para os estratos médios da sociedade tem uma dupla função no discurso do MSM: ao mesmo tempo implicar a potencialidade de revolta, inclusive fascista, da pequena e nova pequena burguesia, alertando esta burguesia que sem um compromisso em torno de si, este potencial pode vir a voltar-se contra sua classe – ou de modo mais simplista, seria uma força social que estaria deixando de ser utilizada para a manutenção de sua hegemonia. E para o MSM assumir-se como gestor competente para prover sentido e significado para a atuação política destes estratos médios. Ou seja, capazes de serem responsáveis por sua “educação”, por certa dramaticidade verborrágica transformada em “domesticação” contra uma esquerda sub reptícia, que supostamente agiria através da

[...] insegurança do homem que prospera no meio de uma multidão de concorrentes menos felizes e, por isto mesmo, forçosamente mais invejosos. A inveja tem o poder de acionar, no cérebro das vítimas, um conjunto de reações automáticas destinadas a exorcizá-la, que constituem todo um complexo ritual de camuflagem: o homem próspero de classe média resguarda-se do olhar perfurante do invejoso desviando-o para alvos genéricos – “o capitalismo”, “a sociedade de consumo”, etc. – e o neutraliza aliando-se com ele no ataque comum a um bode expiatório que, tendo ademais a reconfortante vantagem de estar distante demais para poder ser atingido, garante que toda a operação não passará dos efeitos verbais. O invejoso, se é por sua vez invejado por outro menos próspero ainda, pode passar adiante o mesmo jogo de impressões, e assim *ad infinitum*. Ninguém parece se dar conta de quanto essa eterna vigilância contra a inveja mútua alimenta a própria inveja na medida em que a consagra como mola mestra das ações e reações humanas. Esse estado de coisas reduz a vida da nossa classe média alta a um permanente jogo de simulações que termina por corromper todos os sentimentos humanos e rebaixar as consciências ao nível da insensibilidade mais pétrea⁵⁶⁷.

Deste modo, a pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia, por sua posição social, têm seus indivíduos, especialmente os trabalhadores intelectuais, com certo grau de instrução, disputados por projetos históricos antagônicos, sendo que em relação ao projeto revolucionário, o MSM necessita abrir o combate em sua defesa por que ao deixar de resistir contra o proletariado, assumindo sua luta, acabaria por tornar-se não mero cúmplice, mas executor ativo de sua própria destruição. E se qualificam negativamente a classe média, não o fazem sem sublinhar a capacidade política desta, que mesmo qualificada como “força destruidora”, não deixa de ser uma

⁵⁶⁶CARVALHO, O. de. “A farsa radical”. *Jornal do Brasil*. 21.06.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070621jb.html>, acessado em 13.04.11.

⁵⁶⁷CARVALHO, O. de. “Moral postiça”. *Jornal da Tarde*, 23.12.99. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/991223jt.htm>, acessado em 13.04.11.

força, a quem só faltariam seus verdadeiros representantes para guiá-los.

O MSM constrói sua peculiaridade linguística, sua reconhecibilidade textual, centrando fogo no uso do humor, da grosseria. Seu discurso apreende uma série de chavões humorísticos, de estereótipos constitutivos do conhecimento mais superficial, de preconceitos (ou conceitos pré-concebidos) utilizados para uma orientação não problematizada do cotidiano, e que trazem à tona através do riso, um modo de ridicularizar o outro dentro de padrões aceitáveis por determinados grupos sociais – como visto a pequena e nova pequena burguesia. A citação seguinte, sua interpretação sobre o modelo universitário brasileiro, ilustra o quanto esta dimensão discursiva se faz considerável para o MSM:

[...] sendo os mestres da persuasão elíptica os senhores do mundo acadêmico no momento, é inevitável que seus alunos tomem o seu *modus argumentandi* como modelo principal senão único da aquisição de autoridade intelectual, e gastem os melhores anos de suas vidas no esforço de aprender a imitá-lo, galgando etapas na ascensão profissional à medida que se impregnam dos cacoetes de seus professores e tornando-se, por antecipação, os mistificadores das gerações vindouras. Ou rompemos agora essa maldita cadeia de transmissão, *ou dia virá em que o povo brasileiro, para ser persuadido de qualquer bobagem, não exigirá qualquer razão mais séria do que o estalar do chicote da Tiazinha*⁵⁶⁸.

Como visto, Carvalho situa a linguagem como sinal de *status*, de diferenciação, mesmo que para desconsiderar o discurso alheio, como no caso ilustrado. Mas o que é importante assinalar é que ele reconhece que em seu conteúdo veicula toda uma visão de mundo, o que fica claro quando pergunta-se: “*como unir senso de humor, eloquência de argumentação e lucidez filosófica? Essas coisas vêm sempre juntas ou então não vêm*”⁵⁶⁹. Então seu discurso, é articulado através de uma das técnicas mais incisivas, em termos de eficácia política que existe, o humor, que, sem entrar necessariamente no conteúdo alheio, visa “*diminuir o adversário, suscitando o riso num determinado auditório*”⁵⁷⁰ tendo em mente que “*numa assembléia que ri, é muito difícil conservar a liberdade de não rir... É preciso correr o risco de se isolar do grupo, rompendo sua homogeneidade. Eis por que o riso solitário permanece um signo negativo, sugerindo falta de sociabilidade ou, pior, anormalidade patológica*”⁵⁷¹. Como argumenta Barbieri:

No cômico é o imaginário que prevalece, a imagem patética, ridícula, estranha, diferente e por isso risível. Explora-se a diferença como abjeção, usando-se o exagero, o bizarro, o não senso, para marcar a distância do semelhante tomado como normal. O cômico surge como descarga direta, pois, o sujeito se alivia por não ser

⁵⁶⁸CARVALHO, O. de. *Lógica da mistificação, ou: o chicote da tiazinha*. 05.04.99. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/tiazinha.htm>, acessado em 23.10.10. Grifos nossos.

⁵⁶⁹CARVALHO, O. de. *A filosofia não é para os tímidos*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/timidos.htm>, acessado em 10.10.10.

⁵⁷⁰BARONAS, R. L. *Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada*. Disponível em <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/7.pdf>, acessado em 30.10.10.

⁵⁷¹YONNET, P. “O planeta do riso, sobre a midiaticização do cômico”. In. *Le Débat*. n°. 59, março-abril, 1990. p. 153. apud MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 623.

esse outro: “antes ele do que eu”, pois o eu não suporta estar nesse lugar de derrisão. No humor, assim como na sublimação, trata-se de transcrever algo do registro do não dizível que, se atinge a forma de dito, passa ao registro da linguagem. Como disse Lacan, a linguagem alcança “*seu ponto máximo de eficácia quando ela consegue dizer alguma coisa dizendo outra*”⁵⁷².

Obviamente não estamos afirmando uma única dimensão ao humor ou ao discurso do MSM, mas o que marca a fala de seus intelectuais é o que na análise do discurso é chamado de derrisão, a técnica que une no discurso o humor e a violência, o dissociando e diferenciando da injúria⁵⁷³, e que supostamente, ou melhor, quanto mais aprimorada for sua utilização, seria capaz de tornar o sujeito pronunciador do discurso não suscetível a sanções jurídicas. É um discurso que utiliza como mote figuras de agressão, que se assemelham tanto com a “*injúria e a metáfora polêmica quanto o sarcasmo, a antífrase e o calembur*”, explorando “*a fronteira entre injúria e palavras espirituosas (ou jogos de palavras) pode ser extremamente tênue e móvel*”. O “efeito” de derrisão dependerá “*amplamente do contexto, da intenção que se pode atribuir ou não ao autor, da reação da pessoa atingida, da atitude do público e de seu pertencimento ou não ao mundo social e ideológico do autor, etc.*”⁵⁷⁴. Além disto, a derrisão tem maiores chances de ser aceita socialmente, já que escapa da agressão simples, atingindo outras dimensões da realidade social para fazer emergir o riso. “*O leitor/ouvinte terá que buscar amparo no contexto, uma vez que a piada vai ‘brincar’ tanto com fatos linguísticos, como com fatos concernentes ao entorno sócio-cultural para veicular discursos geralmente ‘não-autorizados’ socialmente*”⁵⁷⁵.

Olavo de Carvalho em mais de uma ocasião “explicou” o seu uso de palavrões como contraposição em relação às agressões de críticos – que se estende a qualquer um que ele entenda que deva criticar – mas mesmo assim, afirma sobre seu programa de rádio: “*a linguagem e o estilo do programa serão exatamente iguais aos de minhas conversas domésticas com meus alunos, amigos e familiares, sem nenhuma estilização radiofônica*”, o que tornaria a agressão uma suposta “*última defesa pessoal*” contra um “*estado de barbárie mental*”⁵⁷⁶. Segundo o próprio, “*mais vale um bom palavrão atirado em público à cara de um Tarso Genro, de um Marco Aurélio Garcia, do que mil palavras construtivas atiradas ao vento*”⁵⁷⁷. O que tenta situar contextualmente:

⁵⁷²BARBIERI, C. P. *Perversão, humor e sublimação*. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso, acessado em 30.09.10.

⁵⁷³BONNAFOUS, S. “Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen”. In. GREGOLIN, M. do R. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 35.

⁵⁷⁴Idem. p. 40.

⁵⁷⁵MUNIZ, K. da S. *Piadas: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 145.

⁵⁷⁶CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outspcak*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/true_outspcak.html, acessado em 09.09.10.

⁵⁷⁷CARVALHO, O. de. “Geração maldita”. *Diário do Comércio*. 08.12.09. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/091208dc.html>, acessado em 18.09.10.

Os palavrões, segundo entendo, foram inventados precisamente para as situações em que uma resposta delicada seria cumplicidade com o intolerável [...] No Brasil de hoje é assim: qualquer acusação cretina jogada ao ar sem o menor respaldo se arroga a dignidade intelectual de um “argumento” e exige resposta cortês daqueles cujos sentimentos acaba de ferir da maneira mais impiedosa e crua. Incitando a repulsa e ao mesmo tempo sufocando sua expressão, esse ardid prende o interlocutor numa camisa-de-força verbal, usando maliciosamente as regras mesmas do debate educado como peças de uma armadilha psicológica maliciosa e sádica. É um truque inventado pela propaganda nazista e comunista, mas, “nêfte paíf”, tornou-se procedimento usual nas discussões públicas hoje em dia⁵⁷⁸.

Nota-se a importância que a derrisão assume em seu discurso, tomando a forma efetiva de argumento, tanto em suas tentativas de desacreditar o discurso alheio quanto para desmistificar a realidade vivida. A ofensa torna-se mais importante que o argumento racional, as “*mil palavras construtivas atiradas ao vento*”, já que o meio ao qual se direciona tal discurso estaria já impregnado pelas “*armadilhas psicológicas do inimigo*”. É uma tentativa elucubrada da prática política do MSM, pois seus próprios emissores entendem as limitações de seu discurso diante da sociedade, constatando a resistência real contra a aceitação de suas propostas políticas. Mas como já discutimos, sua organização é toda voltada visando à crise aberta, sendo que então qualquer resistência é justificada como constatação da interiorização das categorias “esquerdistas” pelo corpo social, parte estratégica fundamental para a guerra cultural.

Então este suposto “ato de defesa” suscitado seria suficiente para utilização como estratégia discursiva. Afinal, se o uso pelo “inimigo” é permitido, seria então ingenuidade negar-se o uso de uma dimensão discursiva, que tem considerável penetração, pois se faz popular, já que “sem rebusqueios”, etc. Este tipo de dimensão é especialmente valorizada em ações de sua base, especialmente através de *e-mails*⁵⁷⁹. Este tipo de leitura social é reafirmada na tentativa de Ipojuca Pontes, outro colunista do MSM desde seu início, de resumir o carisma de Lula em uma atitude que remeteria somente à “aparência” deste diante do jogo político. “*Por trás de tudo, claro, um espectro se abate sobre a Era Vertiginosa - o espectro de Lula, um tipo que engana bem o país (e o mundo, segundo dizem)*”, cujo caráter é julgado, “*pelo viés da psicologia*”, como remetendo “*à imagem do criminoso reincidente*”.

Para Pontes a essência da personalidade do ex-presidente seria dissimulada pela sua aparência, pelos “*seus truques, arroubos e impulsos incontrolláveis, o uso do deboche e do palavrão como arma de represália, a sistemática adoção da mentira enquanto norma de conduta, o fato de aceitar com naturalidade atos desonestos e justificá-los*”. Deste modo Lula teria a capacidade de dissimular qualquer atitude sua ordenando discursivamente “*valores no qual o crime parece fazer*

⁵⁷⁸CARVALHO, O. de. “Barbárie mental”. *Jornal do Brasil*. 15.02.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070215jb.html>, acessado em 09.09.10.

⁵⁷⁹Somente o autor desta dissertação durante a eleição de 2010 recebeu cerca de 150 correios eletrônicos de propaganda anticomunista, destes, quase sua totalidade composta de ofensas pessoais e/ou caricaturas de políticos petistas – para o MSM a esquerda moderada é o pior dos inimigos, o que será discutido adiante.

sentido, etc.”. Ele irá buscar “confirmar” esta sua percepção sobre Lula, resgatando um acontecimento da adolescência deste: “*é bom não esquecer que um dos primeiros gestos conscientes de Lula, ainda adolescente, segundo ele próprio, foi justamente o de tentar enganar a mãe: ao cabo do primeiro dia no emprego, para impressionar D. Lindu, sujou de graxa o macacão de trabalho*”, julgando que “*na troca da essência pela aparência, deu-se por feliz*”⁵⁸⁰.

Deste modo, apropriando-se de uma visão metodológica oriunda do marxismo de maneira propositadamente errônea, ele busca resumir o ex-presidente em uma suposta “essência”, a de um “*criminoso reincidente*”, que seria mascarada pela “aparência”, seu carisma seria sua capacidade de dissimulação – e assinale-se que Lula, de qualquer modo, *teria afinal trabalhado naquele dia*. Esta é uma acusação grave, e que não escaparia de sanções jurídicas caso a autonomia política do PT não estivesse limitada pela sua política de conciliação de classes – onde a defesa da integridade de um de seus militantes históricos, e que ocupava a presidência da República, é menos importante que um possível “mal estar” político que viesse a impedir a governabilidade do Estado (obviamente não estamos estendendo aqui este tipo de sanção somente ao MSM, mas a maioria da grande mídia brasileira, como já discutido). Pontes, afirmando-se em posição de sujeito que denuncia, aponta um alvo para uma indignação social – a corrupção – e busca revestir-se de uma superioridade moral, de uma importância social e política do mesmo porte que seu alvo de acusação.

Sobre a banalização que é gerada pela utilização sistemática da derrisão, Georges Minois nos diz que:

*A zombaria política generalizada, longe de desembocar na subversão, acaba contribuindo para banalizar as práticas que denuncia. Os meios políticos conseguem exterminar o cômico, tornando-se eles próprios cômicos. Certos políticos, tanto homens quanto mulheres, parecem mais grotescos que suas marionetes. Para uns, é dom natural; outros chegam a isso à custa de trabalho e graças às opiniões esclarecidas de seus conselheiros em comunicação*⁵⁸¹.

O autor entenderá que este tipo do uso do humor, foi tornado habitual na contemporaneidade, onde “*tudo deve ser tratado de forma humorística*”, em que “*até os filmes mais violentos, ou mais sombrios, encarregam-se de um lado humorístico – uma piscadela para o espectador o faz compreender que não é preciso acreditar muito no que vê*”⁵⁸², é parte de um processo social, que revela o relativismo em sua característica mais obscena, a da incredulidade cética, que escapa ao ateísmo, pois não se trata de racionalmente opor-se ao clericalismo, por exemplo, mas o cinismo, em um mundo onde a violência é tratada com uma insensatez

⁵⁸⁰PONTES, I. *Se Lula existe, tudo é permitido*. 22.12.09. Disponível em <http://www.midiaseemmascara.org/artigos/governo-do-pt/10628-se-lula-existe-tudo-e-permitido.html>, acessado em 12.12.10. Grifos nossos.

⁵⁸¹MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. op. cit. p. 596. Grifos nossos.

⁵⁸²Idem. p. 620.

inconcebível. “O humor agressivo e maldoso, chafurdando no obsceno e no escatológico, tal como o estampam certas revistas e desenhos animados, confirma essa tendência: a ferocidade caricatural não choca porque não é levada a sério”. Sendo que “os excessos do grotesco, que aumentaram ao longo do século XX”, no que considera um “empenho desesperado e numa vertigem de degradação em Arrabal, Michaux, Artaud, Céline ou Günter Grass, traduzem a raiva impotente diante do absurdo universal. Mas essa banalização do grotesco foi integrada na visão desenvolvida do mundo”⁵⁸³, ao contrário de outros tempos, como o de Denis Diderot, que escreveu que o “gracejo de uma sociedade é uma espuma leve que se evapora no palco; o gracejo de teatro é uma arma cortante que feriria na sociedade. Não se tem com seres imaginários o comedimento que se deve ter com seres reais”⁵⁸⁴.

Seja qual for a justificativa para o uso da agressão, seja através da derrisão ou da violência simples, ela é justificada como técnica discursiva para a disputa ideológica, onde, supostamente, atacar a aparência automaticamente significaria revelar automaticamente a essência do inimigo, sua realidade obscurecida pelo discurso. Sobre isto, Carvalho em seu *True outspoken* irá considerar seu uso, porque “palavrões são um instrumento de comunicação, o único possível em certas circunstâncias”, usando como exemplo um artigo de Dráusio Varella (não descobrimos o conteúdo deste artigo), preparado para ser discutido ao vivo, que segundo o próprio, “a única resposta para aquilo ali é o famoso vai tomar no cu, porque tem coisa que você não pode discutir seriamente, vocês está entendendo, tem coisa que é de uma sem-vergonhice, de uma safadeza tão grande, que a única reação possível é aquela que vem direto do coração”. Sendo esta, “que vem direto do coração é o que? É uma reação de raiva, de indignação, e é mandar o sujeito tomar no cu mesmo”.
E segue:

[...] eu até os cinquenta e oito anos de idade, cinquenta e sete, cinquenta e oito, não falava palavrão, tá certo. Eu era um sujeito até bem educado, agora, acontece que chega um momento em que eu me toquei: pera aí, a educação, a polidez está servindo de instrumento de controle do meu comportamento, tá servindo de instrumento opressivo encima [sic] de nós. Quer dizer, o sujeito vem e te fala coisas mortalmente ofensivas em linguagem adocicada, naquele estilo Paulo Evaristo Arns, naquele estilo untuoso, né, sugere até as vezes o seu assassinato, né, começa a justificar homicídio em massa etc., etc. e quer ser respondido polidamente, tá certo. Ora, eu vejo, por exemplo, esses polemistas de mídia brasileira, conservadores e liberais, que discutem com essa turma esquerdista, e mesmo quando eles provam o seu ponto, provam a superioridade das suas ideias, eles saem perdendo, porque eles não têm a violência psicológica do outro lado. Esse pessoal da esquerda, todos eles, são de uma violência psicológica fora do comum. Para eles, quando conversam com você, eles olham pra você já vendo em você o cadáver, tá certo. A ideia deles é homicídio, é genocídio em massa, é homicídio em massa, é genocídio. Eles acham que eliminação do inimigo de classe não tem problema nenhum, e até um mérito, e eles tão olhando pra você e vendo o inimigo de classe, vendo teu cadáver ali. E você

⁵⁸³MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. op. cit. p. 620-621.

⁵⁸⁴DIDEROT, D. *Paradoxo sobre o comediante*. São Paulo: Escala, 2006. p. 47.

achando que é apenas uma divergência de ideias, e querendo manter a discussão na esfera polida, até talvez até com todo aquele formalismo acadêmico. É por isto que, polemistas que em outro contexto seriam brilhantes, como Denis Rosenfield, Zé Nivaldo Cordeiro, etc., às vezes levam desvantagem porque, porque eles são educados demais. E outra coisa, quando o sujeito vem com uma ideia maligna, maliciosa, capciosa, tá certo, e agressiva, às vezes até uma ideia homicida, ideia assassina, tá certo, como essas desse pessoal do vermelho.org, que fazem apologia de Stálin. Fazer apologia de Stálin é fazer apologia do genocídio, tá certo, o pessoal vem com essas ideias e se você lhe responder educadamente, você está conferindo dignidade a estas ideias. Viu ora, refutar polidamente nós refutamos polidamente ideias que ainda estando erradas tem aquela dignidade mínima da vida acadêmica, da vida intelectual. Agora, apologia de Stálin não tem isso meu Deus do céu, apologia de Che Guevara não tem isso, porque o sujeito está fazendo apologia do Che Guevara está dizendo o seguinte: nós vamos matar você, é isto que ele quer dizer. Você é da direita, tá certo, e nós vamos fazer como o Che Guevara, nós vamos matar você. É isto que o sujeito está dizendo, e quer ser respondido com educação? Educação o caralho! Vai tomar no cu, seu filho de uma puta! Tá entendendo?⁵⁸⁵.

Imputando “razão” sobre a realidade para sua atuação política, “*a superioridade ou a comprovação de seus pontos na divergência de ideias*”, passa a creditar ao tom bem educado, a polidez acadêmica a causa de seus fracassos no convencimento, pois este tom não seria condizente com o tipo de combate que estaria sendo levado ao cabo, que seria definido em termos de vida ou morte, pela existência ou não do ser que defende determinada posição. Deste modo, reduz o campo político eleitoral burguês em uma leitura binária, como arena de confronto de seres de naturezas opostas e irreconciliáveis, e que tem de ser refutado, já que permite a existência “democrática” destes “*apologistas da violência*”. Este tipo de leitura só é possível quando descredita-se qualquer racionalidade a atuação política dos homens, abandonando qualquer pauta, questão ou projeto social existente dentro de uma realidade histórica, em que se vive e se atua, para compreender *qualquer decisão* como “tarefa” para o cumprimento de um “fim da história”, marcado entre os conservadores e revolucionários, sendo que os primeiros sempre estariam com a superioridade da razão simplesmente porque defendem o que “já existe” (iremos retornar a este entendimento em nossa discussão sobre anticomunismo). E qualquer consideração sobre um uso “preventivo” da derrisão de modo algum sustenta-se, indo até contra esta noção, que explicita a impossibilidade de qualquer analogia profilática para a agressão – tal qual a violência ela só se faz “defensiva” quando praticada em relação a alguém e/ou algo.

Nas próximas imagens a relação do MSM com a derrisão emerge de modo grotescamente explícito. Elas foram veiculadas na sua seção “humor” do *site*, publicadas durante a eleição estadunidense de 2008. Naquele país, a disputa presidencial é polarizada entre dois partidos: o Republicano, com o qual o MSM identifica-se, mas de maneira crítica, sempre o exaltando a explicitar de maneira agressiva suas posições, e cujo animal simbólico é um elefante. E o Partido

⁵⁸⁵CARVALHO, O. de. *True outspoken*, sem data. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=OhGx8NXX5V4>, acessado em 12.12.10. Transcrição nossa.

Democrata, que combatem como o maior dos “responsáveis” pela contaminação da sociedade estadunidense pelos “valores esquerdistas”, e seu animal simbólico, o burro. Segundo Carvalho, “nas fotos abaixo, vemos como ambas as agremiações são atenciosas para com a opinião pública”⁵⁸⁶:

FIGURA 4: “Flagrantes da vida real”, segundo Carvalho:



Diálogo entre um representante da mídia e a liderança republicana.



Porta-voz do movimento gay expõe suas reivindicações à liderança democrata.

FONTE: CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html>, acessado em 18.09.10.

A primeira fotografia, que nos mostra um elefante, o Partido Republicano, comandado por uma adestradora, a mídia. Isto se alinha a crítica que fazem aos membros daquele partido, que seriam corretos em suas propostas e atuações políticas, mas que teriam abdicado “ingenuamente” o combate cotidiano aos seus inimigos externos e internos (leiam-se comunistas), considerados desaparecidos após a queda da União Soviética em 1989, permitindo-se ser “domesticado” por estes mesmo inimigos, de maneira sub reptícia. A segunda fotografia é muito mais violenta em seu significado, pois embora a girafa não seja costumeiramente associada a nenhum estereótipo

⁵⁸⁶CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html>, acessado em 18.09.10.

relacionado ao homossexualismo, a inusitada foto busca considerar como “espécie distinta”, cuja organização em grupos de luta por seus direitos e pelo reconhecimento jurídico específico, seria para o MSM uma das formas de atuação subterrâneas da esquerda mundial, cujo domínio sobre as tendências liberais seria completo – pela lógica machista do MSM representada na subjugação sexual.

O MSM busca através da atribuição de sentido político para a potencialidade do riso e do escárnio a interiorização do estereótipo, que configura-se deste modo como padrão de reconhecimento e atuação diante do cotidiano, proposição ideológica explicita-se como estratégia política quando é afirmada como parte do seu combate, especificamente em relação ao politicamente correto, que é compreendido como cerne fundamental na guerra de posições (ou como eles preferem guerra cultural) levada a cabo contra uma suposta esquerda mundial, tomada como sujeito “obscuro” a ser plenamente “desmascarado”⁵⁸⁷:

I. O “Politicamente correto” é, se quiserem, um silencioso marxismo cultural. Se o velho marxismo era uma coisa de massas, este novo marxismo é uma coisa silenciosa. O politicamente correto não é uma ideologia coletiva. É, isso sim, uma crença privada. Mas, atenção, é uma crença privada partilhada, em silêncio, por milhões. É um **manual de comportamento e de policiamento do pensamento e do vocabulário.** **II. O velho marxismo assentava numa simples dicotomia moralista:** havia os “bons”, os operários, e os “maus”, os burgueses. O novo marxismo cultural readaptou essa lógica para a esfera cultural, religiosa e étnica: **há o “mau”, o Ocidente branco, e há o “bom”, o resto do mundo não-ocidental. Isto, como é óbvio, gera a farsa moral do politicamente correto.** Uma farsa que mina o debate das nossas sociedades⁵⁸⁸.

Assim, pensar criticamente os motivos pelos quais um discurso como este leva ao riso, ao tratar indolentemente o que é intolerável, nos permite ao menos refletir, já que é difícil mensurar o riso, sobre o quanto uma visão de mundo restrita e excludente acaba por ser interiorizada por boa parte da população. “*Atrás dessa cacofonia de risos organizados está, sabe-se bem, o novo tirando que zomba perdidamente dos valores morais: o índice de audiência, ele próprio agente do deus supremo, que é a economia*”, sendo que, com certeza, “*o cômico que vende bem é aquele que o público exige. Produz-se então uma osmose entre as tendências profundas e os interesses, terminando em um cômico de supermercado, do qual se louva o 'caráter liberador e oxigenante'*”

⁵⁸⁷Para situar já o leitor, adiantemos o que Olavo de Carvalho entende como o “truque maior” das esquerdas pós-1989: “*E que cazzo de diferença existe afinal entre 'linha justa' e 'politicamente correto?' De que adiantou destruir a máquina da censura mental comunista se agora é a intelectualidade em peso que cai em cima de nós como um bando de comissários-do-povo para fiscalizar, patrulhar, pressionar, chantagear, ameaçar, denegrir? Pior: abrigados sob a convicção geral de que 'o comunismo morreu', os novos comissários estão livres para agir igualzinho aos antigos sem que ninguém os possa acusar de comunistas. É o derradeiro truque da mais histriônica das ideologias: fingir-se de morta para assaltar o coveiro*”. CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 74.

⁵⁸⁸RAPOSO, H. “*O que é o politicamente correto?*” *Jornal Expresso*. 23.04.10. apud FONSECA, J. C. S. da. *Farsa moral do politicamente correto*. 09.05.10. Disponível em <http://www.midiaseemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11055-farsa-moral-do-politicamente-correto.html>, acessado em 13.10.10. Grifos do autor.

num mundo pouco propício ao exercício do riso”⁵⁸⁹.

É baseado nestes matizes de senso comum e bom senso que, como já vimos, são compartilhados pela pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia, que o MSM constituiu seu discurso ideológico, buscando o convencimento destes, não só pelo conteúdo que disseminam, mas pela forma escolhida. Então o estereótipo, o preconceito, o senso comum, são utilizados como figuras de linguagem (ou até como ilustrações) para o ataque, para a atribuição de descrédito ao outro, o que constitui o cerne da utilização da derrisão. Utilizam a potencialidade do riso e do escárnio para fortalecer imagens interiorizadas por estes estratos sociais, como a meritocracia, a subordinação hierárquica, a defesa do *status quo*, a atribuição de externalidade da origem da corrupção no Estado, que teria sua neutralidade corrompida por determinados agentes políticos, a neutralidade da cultura (a cultura popular resumida como preconceitos e imagens estereotipadas) como sedimentação a histórica, da exclusão dos que não assumem ativamente a moral dominante, etc. Como afirma Bourdieu, “*o produto linguístico só se realiza completamente como mensagem se for tratado como tal, isto é, decifrado*”⁵⁹⁰.

Ainda sobre as possibilidades de mistificação através do discurso jornalístico, sobre os modos de manipulação da mídia sobre a informação, Perseu Abramo nos oferece uma leitura contundente. Ele aponta padrões, “*tipos ou modelos de manipulação, em torno dos quais gira, com maior ou menor grau de aproximação ou distanciamento, a maioria das matérias da produção jornalística*”, que são utilizados cotidianamente, e sublinha-se articulados, para criar uma realidade esvaziada de seu conteúdo social, na qual situa quatro grandes padrões que atingem toda a imprensa. O primeiro é o padrão de ocultação, “*que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa*”, anotando que “*não se trata, evidentemente, de fruto do desconhecimento, e nem da mera omissão diante do real. É, ao contrário, um deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade*”. Esta técnica é vital para a tomada de decisão de que determinado fato é “*não-jornalístico*”, este incorrendo que “*não há menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência por meio da imprensa*”⁵⁹¹, sendo também como “*tática zero*”, baseado em uma estratégia de guerra estadunidense, pela qual não se fala abertamente sobre o inimigo, evitando criar qualquer tipo de clima, favorável ou desfavorável, que possa ser utilizado politicamente por este. O segundo é o padrão de fragmentação, em que já “*eliminados os fatos definidos como não-jornalísticos, o 'resto' da realidade é apresentado pela imprensa ao leitor não como uma realidade, com suas estruturas e interconexões, sua dinâmica e seus movimentos e processos próprios, suas causas, suas condições e suas conseqüências*”. Assim, “*o todo real é*

⁵⁸⁹MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. op. cit. p. 622.

⁵⁹⁰BOURDIEU, P. *Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 24-25.

⁵⁹¹ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 25-27.

estilhaçado, despedaçado, fragmentado em milhões de minúsculos fatos particularizados, na maior parte dos casos desconectados entre si, despojado de seus vínculos com o geral, desligados de seus antecedentes e de seus conseqüentes no processo em que ocorrem". Este padrão, que articula a fragmentação da realidade com sua descontextualização, soma-se à eliminação de fatos no padrão anterior, sendo "essenciais, assim, à distorção da realidade e à criação artificial de uma outra realidade"⁵⁹². O terceiro padrão é o da inversão "que opera o reordenamento das partes, a troca de lugares e de importância dessas partes, a substituição de umas por outras e prossegue, assim, com a destruição da realidade original e a criação artificial de outra realidade". Abramo nota que existem várias formas deste padrão se apresentar, sendo as principais: a inversão da relevância dos aspectos: "o secundário é apresentado como principal e vice-versa; o particular pelo geral e vice-versa; o acessório e supérfluo no lugar do importante e decisivo; o caráter adjetivo pelo substantivo; o pitoresco, o esdrúxulo, o detalhe, enfim, pelo essencial". A inversão da forma pelo conteúdo, onde "o texto passa a ser mais importante que o fato que ele reproduz; a palavra, a frase, no lugar da informação; o tempo e o espaço da matéria predominando sobre a clareza da explicação; o visual harmônico sobre a veracidade ou a fidelidade; o ficcional espetaculoso sobre a realidade". A inversão da versão pelo fato: "não é o fato em si que passa a importar, mas a versão que dele tem o órgão de imprensa, seja essa versão originada no próprio órgão de imprensa, seja adotada ou aceita de alguém – da fonte das declarações e opiniões", sendo que "tudo se passa como se o órgão de imprensa agisse sob o domínio de um princípio que dissesse: se o fato não corresponde à minha versão, deve haver algo errado com o fato". E a inversão da opinião pela informação, sendo que este se faz quase inevitável quando ocorre a articulação sistemática dos outros padrões, sendo que é caracterizado por "substituir, inteira ou parcialmente, a informação pela opinião", e é feita através da "negação, total ou quase total, da distinção entre juízo de valor e juízo da realidade"⁵⁹³.

Isto corrobora com a leitura de Gramsci sobre a mídia italiana de seu período, entre que chamou jornais de informação, "um serviço de informação, isto é, o jornal em questão oferece diariamente aos seus leitores, ordenados e separados, os juízos sobre os eventos publicados pelos outros jornais". E os jornais de opinião, cuja "rubrica tem uma outra função: serve para reafirmar os próprios pontos de vista, para detalhá-los, para apresentar, em contraditório, todas as suas facetas e toda a casuística", estes "didaticamente" repetindo-se, "de forma não mecânica e sem pedantismo as próprias opiniões", e assim tendo "um caráter quase 'dramático' e de atualidade, como obrigação de responder a um adversário"⁵⁹⁴. Mas sendo distintos, confundem-se propositada e intencionalmente.

⁵⁹²ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 27-28.

⁵⁹³Idem. p. 28-31.

⁵⁹⁴GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 243.

O quarto padrão de Abramo é o padrão de indução, “*resultado e ao mesmo tempo o impulso final da articulação combinada de outros padrões de manipulação dos vários órgãos de comunicação com os quais ele tem contato*” e é marcado, através do “*reordenamento, ou recontextualização da realidade, pelo subtexto – aquilo que é dito sem ser falado*”, pela “*presença/ausência de temas, segmentos do real, de grupos da sociedade e de personagens*”. Isto é verificado quando “*alguns assuntos jamais, ou quase nunca, são tratados pela imprensa, enquanto outros aparecem quase todos os dias. Alguns segmentos sociais são vistos pela imprensa apenas sob alguns poucos ângulos, enquanto permanece na obscuridade toda a complexa riqueza de suas vidas e atividades*”. Então, enquanto “*alguns aspectos são sistematicamente lembrados na composição das matérias sobre determinados grupos sociais, mas igualmente evitados de forma sistemática quando se trata de outros*”. No que o autor conclui, que “*depois de distorcida, retorcida e recriada ficcionalmente*”, a realidade é também “*dividida pela imprensa em realidade do campo do Bem e realidade do campo do Mal, e o leitor/espectador é induzido a acreditar não só que seja assim, mas que assim será eternamente, sem possibilidade de mudança*”⁵⁹⁵.

O leitor já deve ter notado que o MSM absorve estes padrões de manipulação de modo ostensivo para a constituição de seu discurso ideológico (não interessando se consciente ou inconscientemente, no sentido de conhecer diretamente a obra de Abramo), utilizando politicamente as consequências deste uso abusivo, indiscriminado, pois:

Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e freqüentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela da realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele a capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento. Daí que cada leitor tem, para si, uma imagem da realidade que na sua totalidade *não é real*. É diferente e até antagonicamente oposta à realidade. A maior parte dos indivíduos, portanto, move-se num mundo que não existe, e que foi artificialmente criado para ele justamente a fim que ele se mova nesse mundo irreal. A manipulação das informações se transforma, assim, em manipulação da realidade⁵⁹⁶.

Ainda como etapa para a afirmação do empreendimento, o MSM foi à busca de seus consumidores, através da propaganda, entendida como publicidade. “*A propaganda está ligada à catequese e ao convencimento, enquanto a publicidade refere-se a tornar público, remetendo ao que não deve ser mantido em segredo, ao que todos devem saber*”, distinção básica, mas crucial, já que “*a propaganda pode não ser pública, isto é, ela não supõe a generalização ampla de seus*

⁵⁹⁵ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 33-35.

⁵⁹⁶Idem. p. 24.

próprios pressupostos, estando mais voltada diretamente para o convencimento”. Virgínia Fontes irá explorar as duas categorias em seu sentido histórico, pois “*a transformação da publicidade em propaganda – isto é, a mercantilização da difusão e da informação – faz parte da expansão contemporânea do capitalismo*”⁵⁹⁷. Já a publicidade está diretamente ligada com o mito liberal do Estado neutro, sujeito idôneo acima das classes e seus conflitos, e foi uma das lutas levadas a cabo pelo trabalhadores, no sentido de tornar público votações de representantes, dos debates políticos. “*Tornar público, socializar informações provenientes dos Estados e dos governos – foi uma das conquistas dessas lutas dos trabalhadores e estes o fizeram, muitas vezes, por meio de seus próprios jornais e impressos*”, cujo processo resultou na incorporação de demandas populares na própria ossatura material do Estado, em um processo específico, o de sua ampliação. “*Traduz-se na introdução de elementos de democratização – esparsos e tendenciosos – e, por que não, de alguma dimensão pública no Estado*”⁵⁹⁸.

A propaganda é relacionada com a produção e difusão de visões de mundo, “*de livros para leitura popular que pudessem contrapor-se às formas de propaganda dominante, traduzidas pela publicação de folhetins disciplinadores, de literatura de ordem moralizante, de 'catecismos' diversos*”, sendo elemento central para os movimentos organizados da classe trabalhadora: “*Aliás, uma das primeiras preocupações desses partidos (que fossem anarquistas, socialistas ou marxistas) era exatamente a difusão não apenas de suas próprias palavras de ordem ou visões de mundo, mas também de uma cultura mais ampla para as camadas populares*”, que através de seus “*setores partidários de 'agit-prop' – agitação e propaganda – constituíram-se em formas de aprendizado social e de acesso à literatura, ao debate internacional, às discussões filosóficas ou econômicas*”⁵⁹⁹. Assinalando, segundo Gramsci, que

[...] uma associação normal concebe a si mesma como uma aristocracia, uma elite, uma vanguarda, isto é, concebe a si mesma como ligada por milhões de fios a um determinado agrupamento social e, através dele, a toda humanidade. Portanto, esta associação não se considera como algo definitivo e enrijecido, mas como tendente a ampliar-se a todo um agrupamento social, que é também considerado como tendente a unificar toda a humanidade⁶⁰⁰.

O movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade, é partícipe do mesmo processo que desencadeia uma “*verdadeira analfabetização política*”, cuja inculcação “*vem se exercendo de forma regular e insidiosa através da imprensa e da mídia em geral, que crescentemente adota a fórmula banalizante do marketing. Para este, quanto menos o consumidor*

⁵⁹⁷FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Bom texto, 2005. p. 179-180.

⁵⁹⁸Idem. p. 179-180.

⁵⁹⁹Ibidem. p. 183-184.

⁶⁰⁰GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 231.

pensar, melhor será para a venda do produto”⁶⁰¹. A citação seguinte é longa, mas devido ao caráter normatizador para a propaganda do MSM, iremos citá-la integralmente no que se refere a internet:

A idéia é a seguinte: **DIVULGAÇÃO, EXPOSIÇÃO E TOMADA DE ESPAÇOS**. Seguem algumas sugestões para a ação na internet: 1) Se você não tem um blog, faça um. É de graça e você não vai gastar mais que alguns minutos. Não precisa ter textos originais. Encha o blog de textos que julgar interessantes, citando a fonte, claro. Adicione marcadores (ou tags), por exemplo: o texto fala sobre o Foro de São Paulo - coloque “foro de são paulo”, “lula”, “pt”, “Fidel”, “comunismo”, “farc”, “socialismo”, etc. nessas tags. Elas servem para auxiliar alguns mecanismos de busca. Mas seja honesto e liste apenas o essencial. 2) Comente as matérias dos jornais. Cadastre-se nesses meios, a maioria é de graça, e comente sobre as matérias. Não precisa ser uma tese de doutorado, basta uma manifestação enérgica. O que importa, nessa estratégia de ocupação de espaços é a **VISIBILIDADE**. Deixe as pessoas que irão ler em seguida saberem que a opinião delas tem simpatizantes, que elas não estão sós, afinal sabemos que o povo brasileiro é conservador. Também classifique os demais comentários. 3) Crie tópicos no Orkut em comunidades variadas e neutras. Só não encha a comunidade de tópicos para não ser o chato da história. Use o bom senso para descobrir em qual comunidades [sic] postar e como fazê-lo. Um tópico por dia, apenas isso, em comunidades diferentes, você não será inconveniente. Use como assunto os desmandos comuno-socialistas, as barbaridades petistas, material é o que não falta. É aconselhável acompanhar esses tópicos e respondê-los, se necessário. Use o Twitter; para espalhar coisas é uma ferramenta ótima. RTs, frases soltas, comentários, perguntas capciosas a esquerdistas famosos (eles estão aos montes e simplesmente não saem do Twitter!), qualquer coisa é material para essa pulverização. Idem para MySpace, FaceBook e todas as outras redes sociais. 4) Cuidado para não ser chato, ranzinza, antipático ou violento com as pessoas neutras ou doutrinadas. Elas não tiveram culpa de estudar no Brasil atual. Temos que ser simpáticos e **AGREGAR**. O frescor do ideário direitista, sem aquele ranço revolucionário, sem as barbas e a bolsa de couro fedida ajuda muito nisso. Não é difícil reforçar as características de **LIBERDADE E RESPONSABILIDADE** que o pensamento direitista abarca. 5) Não pense que você mudará a opinião daqueles dinossauros. Esses já estão perdidos. Nos resta os apolíticos, os ainda não totalmente doutrinados, os jovens. Lembre-se que, por quase meio século, a esquerda no Brasil realizou uma bem sucedida tomada de espaços nos meios acadêmicos e culturais a partir da doutrina gramsciana. Acontece que temos agora acesso a informações que há algum tempo não tínhamos e hoje ainda temos um instrumento poderoso: a internet, o único lugar onde a esquerda tem chance de apanhar. 6) Textos gigantes e difíceis sobre conjuntura política têm menos visibilidade para a maioria das pessoas que frases curtas. Foque seu público. Use o **HUMOR**, ridicularize os cocômunistas, num estilo à la *Comunistas Caricatos*, *Opinião Popular*, etc. O humor é poderoso! 7) Quem tem conhecimento de línguas pode fazer a mesma coisa em sites de notícias estrangeiros. Fale para os outros habitantes da Terra o que se passa na Bananalândia! Comente as notícias da FOX, CNN, escreva twitts em inglês, conte para o mundo a bomba que se encontra no calcanhar deles! 8) Adesivos em carros, nas janelas de casa e camisetas também ajudam, mas fica ao critério de cada um o uso desses meios de divulgação, por uma questão de auto-preservação. 9) Troque telefone com direitistas da internet da sua região (aqueles que seguramente reconhecer). Contatos pessoais, nem que seja para falar um oi, são mais convincentes do que o mero conhecimento na rede. Cuidado com fakes e clones. 10) **TENHA CUIDADO**. Como sabemos, muitos revolucionários são perigosos e não têm freio moral. Portanto, mude freqüentemente suas senhas, faça senhas complicadas, não abra links nem se envolva pessoalmente nas discussões. Por outro lado, seja enérgico e não demonstre

⁶⁰¹FONTES, V. *Considerações sobre um debate eleitoral*. Disponível em <http://www.artnet.com.br/~gramsci/arquiv236.htm>, acessado em 10.10.10.

medo ou fraqueza. Mas se preserve. Se quiser, escreva usando pseudônimos⁶⁰².

Como visto, não há necessidade que o partidário do MSM torne-se produtor de conhecimento, articulando sua experiência, seu lugar de classe e atuação no sentido de desmistificar sua vivência cotidiana, mas sim, que dentro das suas possibilidades, ele torne-se reproduzidor de um conhecimento já disponibilizado para tanto, desde que “*citando a fonte, claro*”. Isto garante uma falsa homogeneização de seus partidários, já que a mera reprodução pela repetição nada mais garante que a interiorização ideológica não mediada pelo sujeito, ou melhor, mediada, pois inevitável, mas que em tese não precisaria sê-la. Ou seja, provoca o efeito duplo de reiterar o senso comum do militante, ao mesmo tempo em que reafirma a superioridade das teorizações do MSM, que não necessitam ser colocadas em xeque, mas veiculadas “passivamente” de acordo com as instruções. E forçando-os ao embate, através do conhecimento fragmentado do adversário (que torna-se deste modo também superficial), obriga-se que o discurso seja construído como oposição – no sentido de abarcar o discurso adversário ao mesmo tempo que reafirma sua caracterização anterior, *como confirmação de suas hipóteses*, o que “evita” a cooptação ou convencimento pelo inimigo –, tendo em vista que, mesmo esgotada a argumentação com determinado opositor, estes simplesmente seriam considerados “dinossauros perdidos”. E a necessidade da militância justificada pelo espaço que supostamente não possuiria o projeto político que o MSM defende, obrigado a enfrentar uma luta injusta, já que “*a esquerda no Brasil realizou uma bem sucedida tomada de espaços nos meios acadêmicos e culturais a partir da doutrina gramsciana*”, dá-se o mote para a atuação partidária do indivíduo, visando atingir prioritariamente, “*os apolíticos, os ainda não totalmente doutrinados, os jovens*”⁶⁰³. Pretende-se tão somente normatizar o discurso de seus militantes, não os dotando de referencial teórico-metodológico adequado para a intervenção em distintos campos do corpo social, nos quais teriam de buscar por si próprios a análise para a atuação adequada, e assim compondo ativamente o projeto político com o Estado-maior do MSM, mas sim buscando instrumentalizá-los verticalmente, sem nenhum tipo de participação decisória, para a ocupação de espaços, para a guerra de posição. Guerra entendida em termos literais, já que “*revolucionários são perigosos e não têm freio moral. Portanto [...] seja enérgico e não demonstre medo ou fraqueza. Mas se preserve*”. Afirmando a emergência do combate organizam seus militantes em torno do pressuposto da crise que se aproxima, justificativa para a necessidade da atuação em termos violentos e virulentos.

O MSM, tal qual um pequeno empreendimento, tomou como caminho para a propaganda, baseando-se no antigo boca a boca, no convencimento individual pela argumentação, o que na

⁶⁰²MARTINS, T. F. *Resistência e reação*. 17.07.10. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/conservadorismo/11247-resistencia-e-reacao.html>, acessado em 13.10.10.

⁶⁰³Idem.

internet se faz possível pelo acesso às redes sociais, em especial o Orkut (Carvalho já algumas vezes foi denominado com o epíteto de “filósofo de Orkut”). A popularização das redes sociais acompanhou a difusão do acesso à *web* no país e a queda do preço do *hardware*. O Orkut é uma rede social *online* filiada ao Google, criada em 2004, por um funcionário desta, chamado Orkut Büyükkökten. Ela possibilita a interação entre indivíduos através de perfis (que formam redes de “amigos”) e comunidades (redes de interesses semelhantes). No Brasil ela foi a primeira rede social *online* de massas, ganhando sua versão em português no ano seguinte, seu sucesso foi tão grande que em 2008 a sede do Orkut foi transferida dos EUA para o Brasil. Sobre seu alcance, o CGI.br nos traz dados:

Segundo os dados apurados, 86% dos usuários ativos de Internet no Brasil acessaram redes sociais. A Itália ocupa o segundo lugar no número de acessos, com (78%); seguida por Espanha (77%); Japão (75%); Estados Unidos (74%); Inglaterra (74%); França (73%); Austrália (72%); Alemanha (63%); e Suíça (59%). O Orkut segue como a rede social mais acessada pelos brasileiros, com 26,9 milhões de visitantes únicos no mês de maio. Facebook e Twitter aparecem empatados com 10,7 milhões. Cada brasileiro dedica, em média, mais de cinco horas a esses tipos de *sites*. O número de visitas em redes sociais em todo o mundo aumentou 24% em comparação com o ano passado e os internautas gastam, em média, 66% mais tempo nesses *sites* do que há um ano. Segundo o estudo, a expansão e a presença das redes sociais e *blogs* é uma tendência irreversível⁶⁰⁴.

A utilização estratégica desta rede social possibilitou ao MSM alcance imediato ao leitor, rapidez na crítica cotidiana e penetração em termos de massa. “*Os sites de redes sociais, assim, parecem estar atuando bastante na sociabilidade no mundo offline. Estão sendo apropriados como formas de criação e manutenção de grupos com menor investimento, como formas de acesso a capital social e mesmo, como espaços sociais*”, cuja opção como investimento permite “*ser apropriada com um fim diferente, expondo grupos sociais que perpassam a existência de um mesmo ator em diferentes níveis e com diferentes tipos de valores associados*”⁶⁰⁵. A comunidade oficial do MSM nesta rede, posse da usuária Priscila Garcia e moderada por *Cristina, Isabela Y e Ana Maria Nunes, possui cerca de quatro mil membros e existe desde 20.11.04⁶⁰⁶. Sobre estes espaços de disputa, Raquel Recuero diz que

[...] as redes sociais na Internet não deveriam ser vistas como um reflexo completo

⁶⁰⁴CGI.BR. “No podium”. *CGI.br*. n.º 3. op. cit.

⁶⁰⁵RECUERO, R. *Uma reflexão sobre redes sociais online e offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/uma_reflexao_sobre_redes_sociais_online_e_offline.html, acessado em 13.10.10. Apontamos que a noção de rede *offline* tem de ser compreendida criticamente, visto que naturaliza as redes *online*, dando uma impressão de determinismo tecnológico, o que recusamos.

⁶⁰⁶Uma comunidade no Orkut é criada por um usuário, que encarrega-se e pode encarregar outros usuários de sua moderação. Uma comunidade pode ter seus tópicos de discussões abertos ao público em geral, para leitura e comentários, pode ter ser restrita a possibilidade de comentar e pode ser somente acessível aos membros, que são aceitos ou rejeitados pelo moderador. A rede social não informa o crescimento de dada comunidade, sendo que os dados da comunidade do MSM são referentes ao dia 22.10.10.

das redes sociais offline, mas como desveladoras de vários aspectos destas e como complexificadoras de seu espaço de atuação. É inegável que a apropriação das ferramentas vai afetar as redes sociais offline, pois há maior espaço de circulação de informações, por conta da maior clusterização das redes online e da maior conectividade. Além disso, o espaço online permite que as redes fiquem em permanente conexão, influenciando também os valores que circulam nessas redes e a percepção dos atores destes⁶⁰⁷.

Dentre os resultados obtidos por esta iniciativa, podemos observar o tópico “Novo na comunidade”, de 10.01.05 da mesma comunidade, onde um usuário da rede social, Breno, apresenta-se: “*eu não sabia da existência do Mídia sem Máscara até conhecer essa comunidade. Eu sentia muita falta de ter aonde ler matérias que contam a verdade. Agora além de ler diariamente o Mídia sem Máscara eu recomendo para os amigos*”. E continua, discorrendo que “*sempre leio a esquerdista e mentirosa revista 'Caros amigos' apenas para saber o tamanho da lavagem cerebral que eles tentam fazer no povo brasileiro. Depois de ser torturado voluntariamente lendo a revista 'Caros amigos' nada melhor do que ler Mídia Sem Máscara*”. Ao que Cristiano, no dia seguinte, responde: “*seja bem vindo Breno. Igual a você existem milhares de brasileiros que nunca ouviram falar do MSM mas querem desesperadamente algo assim*”, no que acaba indo além para afirmar, meio fantasticamente, que “*a meta é essa, expandir além da Internet para versão impressa e TV*”. E comentando sobre uma matéria do MSM, sobre o apoio de Chico Buarque ao regime cubano, escreve sobre a mídia em geral: “*muitos, ao comentar, diziam: 'Ninguém fala nada?', 'Nenhuma voz para denunciar esse tipo de postura psicótica? desse cantor?', 'Nenhuma notinha? Umazinha sequer?' Isso acontece com inúmeros artigos postados no MSM*”, citando casos de outros segmentos sociais que encontraram na rede espaço para expressão, como “*Judeus, por exemplo, em via de regra encontram ali, fora os jornais da comunidade, o único contraponto, o famoso outro lado tão elementar ao jornalismo e a democracia*”⁶⁰⁸. O público, mesmo que segmentado, é atingido através da rede, não só como leitor, mas também encontra espaço para expressar suas impressões, dúvidas ou simplesmente reafirmar o que é escrito, além da possibilidade de inserção em um grupo social específico, determinado pelas suas concordâncias ideológicas.

Para fins de visualização montamos as seguintes tabelas (as comunidades relacionadas são propostas pelo moderador da comunidade original, no caso da tabela a seguir, do MSM, e os moderadores destas comunidades relacionadas aceitam ou não esta proposta):

⁶⁰⁷RECUERO, R. *Redes sociais online x redes sociais offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/redes_sociais_online_x_redes_sociais_offline.html, acessado em 23.10.10. Grifos da autora.

⁶⁰⁸TÓPICO DA COMUNIDADE “MÍDIA SEM MÁSCARA”. *Novo na comunidade*. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=775794&tid=6254698>, acessado em 20.12.10. Optamos por corrigir os erros de português das mensagens do Orkut.

TABELA 13: Comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut:

Comunidade relacionada e número de membros	Data de criação	Comunidades relacionadas em 2º grau e número de membros
Julio Severo, conte conosco (441)	19/06/07	Olavo de Carvalho (6.350); Eu Amo a Rozangela Justino (70); ABRACEH (253); VIVA À CONSTITUIÇÃO DE 1988 (77); Encontro p/ Consciência Cristã (687).
Cinema sem máscara (88)	16/11/07	RGE (151); HQ em FOCO! (130); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo de Carvalho (6.350); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Oba! Morreu um comuna! (200); Jornada nas Estrelas: Original (1.645); Bush: Eu faria o mesmo (887).
GloboNews: canal do governo (69)	02/05/08	Olavo de Carvalho (6.350); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Cinema sem máscara (88); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo 40oC (116); Oba! Morreu um comuna! (200); Chicuzinho Alencar (21);
Yolhesman Crisbelles (132)	15/09/07	Olavo de Carvalho (6.350); Roberto Campos 1917-2001 (2.012); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Olavo 40°C (116); Diga não a Eduardo Paes (36); Cinema Sem Máscara (88); Oba! Morreu um comuna! (200); GloboNews: canal do governo (69).
Oba! Morreu um comuna! (200)	29/09/08	Chicuzinho Alencar (21); Baranga Feghali (25); Paulo Ramos, ninguém merece... (12); Não a Molon, petralha do Rio (11); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); GloboNews: canal do governo (69); Peidou pra mussenga (12); Política social é o cacete! (88); Comunistas caricatos (974).
Comunistas caricatos cariocas (18)	24/09/09	FORA LULA (121.873); Olavo de Carvalho (6.350); Oba! Morreu um comuna! (200); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo 40°C (116); Cinema Sem Máscara (88); Chicuzinho Alencar (21); Comunistas caricatos (974).
Olavo 40°C (116)	24/11/06	Olavo de Carvalho (6.350); Yolhesman Crisbelles (132); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Chicuzinho Alencar (21); Baranga Feghali (25); Diga não a Eduardo Paes (36); Olavos da Garoa (9); ODC in SM (17); Não voto em defensor d bandido (4.756).
Comunistas caricatos (953)	10/04/06	FORA LULA (121.872); Eu Defendo o Cel. Ustra (95); A RESISTÊNCIA!!! (262); Olavo de Carvalho (6.350); Oba! Morreu um comuna! (200); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo 40°C (116); Bush: Eu faria o mesmo (887).
Olavo de Carvalho (6350)	21/04/04	Filosofia em Olavo de Carvalho (887); Ciranda com Olavo de Carvalho (188); TrueOutspeak Olavo De Carvalho (769); Educação Liberal (623); Moderação OdeC (8); Escola Sem Partido (1.077); ÍnclitoAceno Olavo de Carvalho (217); Eric Voegelin (649).

FONTE: SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Mídia Sem Máscara"*. Disponível em <http://www.orkut.com.br/>, acessado em 13.10.10.

Ao que completa-se com um quadro das descrições desta mesmas comunidades:

TABELA 14: Descrição das comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut:

Comunidade relacionada	Descrição da comunidade*
Julio Severo, conte conosco	“Por estar sendo procurado pelo Ministério Público Federal, o escritor evangélico JULIO SEVERO (herói nacional), autor do livro 'O Movimento Homossexual' (editora Betânia) teve que sair do Brasil, sem condições para isto, juntamente com três filhos pequenos, um destes recém-nascido. Em sua incansável luta pró-família, JULIO SEVERO tem denunciado o que está por trás do Movimento Homossexual, não só no Brasil, mas também em todo o mundo. JULIO tem escrito, traduzido ou adaptado artigos denunciando as artimanhas não só do movimento homossexual, mas também sobre pedofilia, aborto e sobre desconstrução da família. Por conta desta coragem, SEVERO e sua família tem pago um preço muito alto. Antes de sair do Brasil, o que se deu recentemente, ele andou durante muito tempo escondido, aprisionado em sua casa”
Cinema sem máscara	“Esta é a nova versão da antiga comunidade 'Cinema Sem Máscara', que foi sabotada por petralhas e retirada do Orkut. Esta é a crônica do bizarro cinematográfico nacional!”
GloboNews: canal do governo	“Se você está cansado desse canal de 'notícias' politicamente correto, que sempre 'pega leve' com o governo, que nunca mencionou o Foro de S. Paulo, que faz campanha contra os Estados Unidos, que chama Raul Castro de 'presidente' ao invés de ditador, que chama bandido de 'cidadão', então este é seu lugar”
Yolhesman Crisbelles	“Yolhesman Crisbelles é uma gozação, um troféu fictício criado pelo jornalista Augusto Nunes, dado semanalmente a políticos e personalidades. O nome 'Yolhesman Crisbelles' não significa rigorosamente nada. Por isso mesmo, foi escolhido para batizar o troféu reservado a frases sem pé nem cabeça, declarações cretinas ou delírios retóricos. Bote aqui seu 'Yolhesman', compartilhe com a gente a pérola que você encontrou em jornais, revistas ou no Orkut!”
Oba! Morreu um comuna!	“Se você não tem peninha quando morre alguém que durante toda vida apoiou o que a humanidade tem de pior (comunismo, banditismo, pedofilia, invasão de propriedade privada...) aqui é seu lugar. Eu não comemoro morte de gente que tem apenas opinião diferente. Mas gente que se envolve com comunismo, que esteve envolvido em crimes, ou que apoia ferrenhamente e faz parte dos desinformantes, que arrasam o nome de gente boa pela 'causa'? Esses eu acho ótimo quando morrem. Não sou eu que decido o que acontece com a alma deles. Mas que faz bem pro mundo, faz. COMUNA DA CAPA: Che Quer-Vara, o psicopata, o assassino, o porco fedorento. Herói dos canalhas, dos retardados e dos comunistinhas de boutique”
Comunistas caricatos cariocas	“Comunidade dedicada a mostrar o que a esquerda festiva carioca têm de melhor: o humor involuntário! Comunista do mês: Jaguar”
Olavo 40°C	“Comunidade criada por admiradores, alunos e amigos do filósofo Olavo de Carvalho que moram na cidade do Rio de Janeiro e região (integrantes de outros estados também são bem-vindos!). Vamos debater os problemas do Grande Rio!”
Comunistas caricatos	“Comunidade dedicada a mostrar o que os comunistas têm de melhor: o humor involuntário! Depois de um longo inverno, estou resgatando minha antiga comunidade. Caricatos da vez: Paulo Vannuchi, o esqueropata do direituzumano”
Olavo de Carvalho	“OLAVO DE CARVALHO é considerado como um dos mais originais e audaciosos pensadores brasileiros. A tônica de sua obra é a defesa da interioridade humana contra a tirania da autoridade coletiva. Crê num vínculo indissolúvel entre a objetividade do conhecimento e a autonomia da consciência individual. É autor de dezesseis livros, dentre os quais se destacam 'O Jardim das Aflições' e 'O Imbecil Coletivo'. É também jornalista, e escreve hoje para os jornais Diário do Comércio e Jornal do Brasil. Mantém um programa de rádio semanal, líder de audiência no site onde é transmitido. Contrastando com a imagem rancorosa que seus adversários quiseram sobrepôr à sua figura autêntica, é na realidade um homem de alma generosa e temperamento equilibrado, que sabe amar, socorrer e perdoar. Sites: http://www.olavodecarvalho.org ; http://www.seminariodefilosofia.org ; http://www.institutoolavodecarvalho.com ; http://theinteramerican.org ; <i>Audioblog</i> : http://www.blogtalkradio.com/olavo ”

*Excluímos da citação avisos sobre regras, contra linguagem obscena, spans, etc. Disponível em <http://www.orkut.com.br/>, acessado em 20.12.10.

E, tendo como centro a comunidade de “Olavo de Carvalho”, já citada acima, montamos a

seguinte tabela:

TABELA 15: Comunidades relacionadas à comunidade Olavo de Carvalho no Orkut:

Comunidade relacionada e número de membros	Data de criação	Comunidades relacionadas em 2º grau e número de membros
Filosofia em Olavo de Carvalho (930)	21/10/04	Mário Ferreira dos Santos (968); Rene Girard (206); O Jardim das Aflições (245); Mortimer Adler (277); Ciranda com Olavo de Carvalho (186); TrueOutspeak Olavo De Carvalho (815).
Ciranda com Olavo de Carvalho (186)	27/05/06	Filosofia em Olavo de Carvalho (930); Ângelo Monteiro (130); CONSERVADORES DE PERNAMBUCO (30); Mário Ferreira dos Santos (968); René Guénon e a Tradição (386).
TrueOutspeak Olavo De Carvalho (815)	06/12/06	Filosofia em Olavo de Carvalho (930); Alunos do Olavo de Carvalho (109); Olavo de Carvalho - Acústico (28); Mídia Sem Máscara (4.111); Eric Voegelin (660); Pobreza NÃO gera criminalidade (116); Hernán Cortez, o conquistador (19).
Educação Liberal (652)	23/02/07	Conservadorismo (1.777); Mortimer Adler (277); Educação Liberal (71); Liberal Education (159); Clube do Livro Liberal (211); Escola Sem Partido (1.106); Olavo de Carvalho do B (696).
Moderação OdeC (8)*	29/06/07	
Escola Sem Partido (1.106)	26/04/08	Educação Liberal (652); Sou Historiador! Não Comunista (1.095); Eu respeito todas as religiões (81.166); Marx é inquestionável?! (1.805); Homeschooling (392); Mídia Sem Máscara (4.111); Ambientalismo Cético (259); Contra o Relativismo Moral (390); Minorias Não Sabem Brincar (1.905).
ÍncritoAceno Olavo de Carvalho (237)	23/03/09	Olavo de Carvalho do B (696); Karl Marx - o embusteiro (388); Casa do Aumentador (18); René Guénon e a Tradição (386); Prof. Luiz Gonzaga de Carvalho (190); Platão, Sócrates e Aristóteles. (16.164); Revista <i>Filosofia Concreta</i> (44); PROCCON - Conservador Cristão (71).
Eric Voegelin (660)	24/06/04	Roger Scruton (52); Julián Marías (134); P-CON Partido Conservador (330); CONSERVADORES DE PERNAMBUCO (30); Rene Girard (206); Ortega y Gasset (1.031); Bruno Tolentino (500); Embaixador Meira Penna (517); Filosofia em Olavo de Carvalho (930); Mário Ferreira dos Santos (968); Conservadorismo (1.777).
Mídia Sem Máscara (4.111)	20/11/04	Julio Severo, conte conosco ! (441); Cinema Sem Máscara (86); Yolhesman Crisbelles (134); GloboNews: canal do governo (72); Oba! Morreu um comuna! (227); Comunistas caricatos cariocas (22); Olavo 40°C (119); Comunistas caricatos (953).

*Comunidade criada para hospedar as regras da comunidade Olavo de Carvalho. FONTE: SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Olavo de Carvalho"*. Disponível em <http://www.orkut.com.br/>, acessado em 20.12.10.

E do mesmo modo, as descrições das comunidades:

TABELA 16: Descrição das comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut:

Comunidade relacionada	Descrição da comunidade*
Filosofia em Olavo de Carvalho	<i>“Comunidade para discussão da filosofia na vida e obra de Olavo de Carvalho”</i>
Ciranda com Olavo de Carvalho	<i>“Comunidade voltada para todos os PERNAMBUCANOS e NORDESTINOS em geral, admiradores da obra do filósofo OLAVO DE CARVALHO ,com o intuito de formarmos uma grande CIRANDA através do estreitamento dos laços e da comunhão de idéias”</i>
TrueOutspeak Olavo De Carvalho	<i>“Comunidade destinada a discussões sobre os temas veiculados pelo Professor OLAVO DE CARVALHO em seu talk show semanal 'True Outspeak', que estreou no dia 4/12/06, transmitido dos EUA. Sintonize www.blogtalkradio.com/olavo e ouça o programa TODA SEGUNDA, ÀS 20H, HORA DE BRASÍLIA. Mais detalhes em www.olavodecarvalho.org/true_outspeak.html. Vamos relembra os temas abordados em cada semana e discuti-los. ATENÇÃO: esta comunidade é exclusiva de admiradores do Professor e de suas idéias. Portanto, se você tem algum problema com ele, vá dormir (se é que você já não está dormindo o profundo sono da consciência moral)”</i>
Educação Liberal	<i>“Em contraste às demais artes, aqui entendidas como artes ou ofícios utilitários (produção de utilidades que servem às necessidade dos homens) e as sete belas-artes (produção de obras que têm o poder de elevar o espírito humano), o indivíduo elevar-se-á acima de seu ambiente material para viver uma vida intelectual -- racional --, portanto livre para adquirir a verdade. Mais sobre Educação Liberal em: http://www.olavodecarvalho.org/palestras/2001educacaoliberal.htm Aristoi é um grupo dedicado a implantar projetos de revitalização intelectual em nosso país através da promoção da educação clássica. http://www.aristoi.com.br/”</i>
Moderação OdeC	<i>“Este espaço foi criado para hospedar as regras da comunidade Olavo de Carvalho, assim como para comunicados da moderação. A entrada de membros não é permitida”</i>
Escola Sem Partido	<i>“Se você sente que seus professores estão comprometidos com uma visão unilateral, preconceituosa ou tendenciosa das questões políticas e sociais; se percebe que outros enfoques são por eles desqualificados ou ridicularizados e que suas atitudes, em sala de aula, propiciam a formação uma atmosfera de intimidação incompatível com a busca do conhecimento; se observa que estão engajados na execução de um projeto de engenharia social, que supõe a implementação de uma nova escala de valores, envie-nos uma mensagem relatando sua experiência (acompanhada, se possível, de elementos que possam comprová-la). Ajude-nos a promover a liberdade de pensamento e o pluralismo de idéias nas escolas brasileiras. www.escolasempartido.org”</i>
ÍncritoAceno Olavo de Carvalho	<i>“HALL OF JUSTICE FOR THE ILLUSTRIOUS AND EMERITUS'. Comunidade dos admiradores, simpatizantes e críticos da obra do filósofo e jornalista Olavo de Carvalho. Aberta para debates construtivos. Site: http://www.olavodecarvalho.org; Site: http://www.seminariodefilosofia.org; Site: http://www.institutoolavodecarvalho.com/; Audioblog: http://www.blogtalkradio.com/olavo; http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/biblioc.htm; https://twitter.com/OdeCarvalho”</i>
Eric Voegelin	<i>“In order to degrade the politics of Plato, Aristotle, or Saint Thomas to the rank of 'values' among others, a conscientious scholar would first have to show that their claim to be science was unfounded. And that attempt is self-defeating. By the time the would-be critic has penetrated the meaning of metaphysics with sufficient thoroughness to make his criticism weighty, he will have become a metaphysician himself. The attack on metaphysics can be undertaken with a good conscience only from the safe distance of imperfect knowledge.' The New Science of Politics; Introduction, §3”**</i>
Mídia Sem Máscara	<i>“Mídia Sem Máscara é um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira. Se você ainda não conhece, não perca! www.midiasemmascara.org Aqui no orkut, a comunidade Mídia Sem Máscara foi criada para debater os artigos e notícias publicados no website”</i>

*Excluímos da citação avisos sobre regras, contra linguagem obscena, spans, etc. Disponível em <http://www.orkut.com.br/>, acessado em 20.12.10. ** “A fim de rebaixar a política de Platão, Aristóteles ou São Tomás para o posto de 'valores' entre outros, um pesquisador consciente deveria primeiro ter de mostrar que as pretensões destes de ser ciência eram improcedentes. No momento em que o aspirante a crítico penetra no significado da metafísica com rigor suficiente para fazer sua crítica ter peso, ele terá se tornado um metafísico ele mesmo. O ataque à metafísica pode realizada com uma boa consciência, somente a partir da distância de segurança de conhecimento imperfeito'. The New Science of Politics; Introduction, §3”. COMUNIDADE ERIC VOEGELIN. Apresentação. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=114660>, acessado em 20.12.10.

Mesmo que esta rede pareça singela, uma simples busca pelo MSM no Orkut nos permite vislumbrar a penetração na rede social, existindo 22 comunidades relacionadas ao seu material, 47 para Olavo de Carvalho, e mais de 1.000 para usuários relacionados e tópicos para cada um deles (infelizmente a versão atual da ferramenta de busca da rede social não informa mais o resultado total⁶⁰⁹). A rede social atua como mais uma frente de atuação para o MSM, uma das mais importantes, pois propicia o “infiltramento” de seus militantes em uma série de comunidades, onde abrem fogo contra seus inimigos políticos e alinham-se com outros grupos reacionários. Como visto esta estratégia alinha-se à guerra de posições, uma bem organizada guerrilha em uma série de frentes virtuais, que acabam por ter um alcance muito mais amplo que somente o *site* obteria.

A propaganda no Orkut sem dúvida foi fundamental na estruturação e afirmação do MSM como partido. O que não significa que não existam conflitos nesta atuação, sendo que o próprio Carvalho oferece um comentário sobre as reações na rede social contra ele: “*um breve exame das páginas do Orkut dedicadas à nobre e aparentemente difícil tarefa de dar cabo da minha reputação é sempre, para mim, uma surpresa renovada. Existem, é verdade, páginas a meu favor, e até superam em número as de esculhambação*”, mas a “*atenção permanente e incansável que aí recebo de inimigos a quem em geral nunca vi e dos quais nada sei – muitos deles ocultos sob pseudônimos exóticos – ultrapassa tudo quanto uma vaidade mesmo demencial poderia exigir. Eles parecem não pensar em outra coisa, noite e dia*”⁶¹⁰. Mesmo quando suas proposições políticas são rejeitadas, não significa de modo algum sua completa desqualificação, pois colocando o discurso em movimento, criando reações e discussões, ele passa a suscitar interesse por parte dos que a observam, seja por uma afinidade política anterior ou mera curiosidade, expediente explorado francamente⁶¹¹.

Esta contraposição que MSM “cumpre”, é colocada contra uma suposta generalização “esquerdizante” que enxergam no conjunto da mídia brasileira. A citação que se segue, do *Quem somos* do MSM de 2002, é decisiva para sua compreensão:

Essa manipulação é geral e não está limitada aos militantes ou colaboradores de um partido. A corrente que nos domina hoje é constituída da totalidade da oposição esquerdista dos anos 70, que se diversificou em agremiações distintas para poder mais facilmente dominar o conjunto sem dar uma impressão demasiado flagrante de controle monolítico. Mas o controle monolítico existe. A uniformidade da censura seletiva nos vários jornais e canais de TV é evidente demais para que alguém possa negá-la com honestidade. Mais notável ainda é a unanimidade das reações da imprensa diante de qualquer ameaça comum ao esquerdismo dominante. Como a própria campanha eleitoral [para a presidência em 2002] está demonstrando, as

⁶⁰⁹Disponível em ORKUT. Serviço de busca. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=>, acessado em 10.10.10.

⁶¹⁰CARVALHO, O. de. *Karl Marx na fonte da juventude*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070730dc.html>, acessado em 22.10.10.

⁶¹¹ROBSON, R. *Sobre o medo de ser flagrado lendo Olavo de Carvalho*. 26.12.08. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/081226sobreomedo.htm>, acessado em 12.10.10.

várias facções da esquerda estão separadas apenas por picuinhas, mas cada vez mais unidas no propósito de caluniar, criminalizar e excluir do processo político qualquer coisa que seja ou pareça direitista. O movimento comunista sempre teve, dentro de suas fileiras, uma divisão entre esquerda e direita. Isso faz parte até do vocabulário historicamente consagrado com que os líderes do Partidão rotulavam as dissidências internas: “desvio pequeno-burguês de esquerda”, “revisão de direita”, etc. A esquerda brasileira se prevalece da total ignorância popular sobre a história do movimento comunista para nos impingir, a título de “direita”, a sua própria ala direita, isto é, o tucanato. Tudo o que esteja portanto à direita do tucanato já não é uma direita legítima - é uma facção marginal, criminosa, que deve ser reprimida, calada e excluída da vida pública... em nome do pluralismo e da democracia. Toda a mídia nacional é instrumento dócil a serviço dessa manobra. O pior é que, ao mesmo tempo, os jornais que a isso se prestam são ainda rotulados de “conservadores” pela própria esquerda, que assim se serve gostosamente de instrumentos “acima de qualquer suspeita”⁶¹².

A acusação deste “esquerdismo generalizante” em 2002 assume o sentido imediato de acusação contra o suposto apoio de grupos midiáticos, como as empresas do grupo Roberto Marinho para a eleição de Lula, em sua versão “*light*” como já apontamos, visando reunir entre seus simpatizantes da burguesia as frações que rejeitam e ou desconfiavam da possibilidade de gestão do Estado capitalista por agentes políticos que não foram originários de sua própria classe. Após os oito anos de Lula e sua sucessão por Dilma Roussef este discurso sobre as empresas midiáticas nacionais estarem “*cada vez mais unidas no propósito de caluniar, criminalizar e excluir do processo político qualquer coisa que seja ou pareça direitista*” faria pouco ou nenhum sentido, visto o ataque massivo que desencadearam contra o governo federal. Mas para o MSM, o espectro “esquerdizante” de modo algum resume-se à esquerda, indo além da hipótese da “absorção entrista” da intelectualidade revolucionária da década de setenta pela mídia burguesa, ou como se os casos em que efetivamente ocorreram não fossem subordinados a uma mudança ideológica, o MSM arroga-se de enxergar uma “ala direita” do movimento comunista no PSDB. E justifica este julgamento “logicamente”, pois se *toda* a mídia é de domínio da esquerda, e esta exclui qualquer manifestação “à direita do tucanato” – como se o antigo Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas, herdeiro autorizado da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e seus intelectuais estivessem excluídos aqui – só pode significar que então o PSDB é uma “ala direitista do movimento esquerdista”, o que seria “comprovado” pela origem esquerdista de seus intelectuais, especialmente José Serra, Fernando Henrique Cardoso ou José Arthur Gianotti (sendo que para formular este tipo de acusação o MSM propositadamente esquece a origem política de alguns de seus principais articulistas). E este tipo de leitura acaba por acertar seu público-alvo, que partindo da premissa da existência de imparcialidade na mídia, reivindica que este “estado” atual que a mídia brasileira atravessa é parte de um “estado das coisas” maior. Como um leitor que se identifica pelo *nickname* de Ipanades comenta, “*nossos governantes são tal e qual nossos meios de comunicação -*

⁶¹²CARVALHO, O. de. *Quem somos*. op. cit.

absolutamente imorais, anti-éticos, indecentes e corruptos. A diferença reside no fato dos governantes viverem de aparências que os meios de comunicação produzem”⁶¹³.

Deste modo, é claro que o MSM não compreende o papel de um observatório da imprensa na perspectiva da ampliação do acesso à informação, entendido como bem público, mote habitual para este tipo de iniciativa: “A idéia do *media-watching* surgiu nos Estados Unidos agregando-se às experiências anteriores do *ombudsman* e do *media-criticism*, como forma de sensibilizar a comunidade e os profissionais da mídia para a complexidade da função jornalística na sociedade moderna”. Um dos muitos exemplos é o Observatório da Imprensa mantido pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, que se afirma como “*fórum permanente onde os usuários da mídia – leitores, ouvintes, telespectadores e internautas –, organizados em associações desvinculadas do estabelecimento jornalístico*” supostamente podem “*manifestar-se e participar ativamente num processo no qual, até há pouco, desempenhavam o papel de agentes passivos*”⁶¹⁴.

O MSM oferece uma réplica a este observatório: “*esquadrinhando as múltiplas edições do Observatório fica evidente que se trata de um órgão monopolizado pela esquerda, sobretudo a esquerda mais radical, petista. Nele não há lugar para opiniões de outros quadrantes político-ideológicos*”⁶¹⁵. Tal qual o já citado *Quem somos*, é esta a argumentação padrão, é a mera constatação do mito da idoneidade jornalística que irá justificar a atuação partidária do MSM. Este tipo de iniciativa de universalização (mesmo que truncada e dissociada das condições reais de produção) ainda adquire sentido e significado como expressão de um movimento maior de desqualificação intelectual:

O que torna as coisas ainda mais difíceis é que nos últimos anos o estímulo geral à expressão de crenças esquerdistas encorajou todos os analfabetos do país a dar opiniões. Cada um deles, armado do sentimento de certeza que lhe infunde o fato de estar do lado da maioria falante, recorre com a maior sem-cerimônia ao *argumentum ad ignorantiam* (“isso nunca chegou ao meu conhecimento, portanto isso não existe”) e é reforçado nesse vício pela totalidade da mídia que lhe sonega, precisamente, os conhecimentos que ele não deseja ter. Será preciso mais do que esse hábito generalizado para explicar o descenso abissal das capacidades intelectuais no país, justamente na década em que as verbas de “educação” foram centuplicadas, a indústria livreira progrediu formidavelmente, o ensino universitário cresceu como nunca e já não há mais de dois ou três por cento de crianças fora da escola primária? Não, os brasileiros não estão emburrecendo por falta de livros, jornais ou escolas. Estão emburrecendo porque em vez de educação e informação receberam propaganda esquerdista e se acostumaram a identificá-la com a cultura e a inteligência⁶¹⁶.

⁶¹³Comentário de “Ipanades”, em 10.09.2010, no artigo de FONSECA, J. C. S. da. *Dilma na luta armada*. Disponível em <http://www.midiaseimmascara.org/artigos/eleicoes-2010/11403-dilma-na-luta-armada.html>, acessado em 20.12.10.

⁶¹⁴OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Objetivos*. Disponível em <http://www.observatorioidaimprensa.com.br/objetivos.asp>, acessado em 10.10.10.

⁶¹⁵GARCIA, A. *Observando o observatório*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0156.htm>, acessado em 19.09.10.

⁶¹⁶CARVALHO, O. de. *Quem somos*. op. cit.

Novamente aqui o papel de mistificação assume proporções de crítica social, neste caso inventando um suposto “centuplicamento das verbas da educação”, que correspondem à mesma porcentagem do Produto Interno Bruto há décadas, incapaz sequer de dar conta da ampliação da população brasileira, e que foi obrigado a dar conta da “universalização” dos ensinamentos básicos e médio (embora exista um número relevante de indivíduos da faixa etária que deveria ser atendida nestes anos de ensino que continua fora da escola), ou seja, maquiando a queda brutal da qualidade de ensino, para ficarmos somente neste argumento, para julgar que o brasileiro estaria “emburrecendo” não “por falta de livros, jornais ou escolas”, mas porque “em vez de educação e informação receberam propaganda esquerdista e se acostumaram a identificá-la com a cultura e a inteligência”.

Esta manipulação massiva do papel da grande mídia seria então colocada em xeque pelas possibilidades que o jornalismo *on-line* oferece. Ele supostamente estaria mais distante das nefastas influências estatais aos quais os outros meios de comunicação estariam sujeitados. Isto é retomado quando, em sua reafirmação da necessidade da derrubada do governo petista, aproveitando o ensejo criado por em uma discussão de um editorial da Folha de S. Paulo de fevereiro de 2009, sobre o caráter suave da nossa ditadura, que perto das outros regimes latino-americanos do período teria sido uma simples “ditabranda”⁶¹⁷:

Os únicos “golpistas”, por assim dizer, são alguns jornalistas corajosos e independentes, que não se vendem ao governo, como também a internet e seus milhares de blogs. Os blogs, por assim dizer, estão salvando a honra do vergonhoso e vendido jornalismo brasileiro. Direi mais: estão salvando a política brasileira de uma falta de oposição, já que o PSDB, espiritualmente, colabora com o petismo, de alguma forma. Os milhares de cidadãos comuns, honestos, que escrevem em sites independentes e blogs e comentam no twitter ou mesmo revistas e jornais que publicam matérias de grande interesse ao público, agora são acusados de “golpistas”. As forças armadas estarão de prontidão, esperando nossa ordem. Nós, os blogueiros, somos sustentados pelo capitalismo internacional e pela burguesia malvada, que financia nossas opiniões. Os “movimentos sociais” como o MST; revistas esquerdistas camaradas do tipo Carta Capital ou Caros Amigos; e sites que ninguém lê, como Carta Maior, dos Emires Saderes da vida, coitadinhos, são pobrezinhos, não vêem um centavo do dinheiro do contribuinte⁶¹⁸.

Observa-se que o MSM inverte a leitura da esquerda, que associa socialmente, através da análise concreta, a grande mídia, o Estado capitalista e os conglomerados empresariais, já que como agora o Estado estaria sendo gerido por um partido “proletário” esta correlação social também teria sido invertida, ou em caminho de o ser, gerando uma leitura politicista completamente dissociada da própria realidade. Isto para afirmá-los em uma situação de “independência” (que por si só já seria

⁶¹⁷TOLEDO, C. N. de. “Crônica política sobre um documento contra a 'ditabranda'”. *Sociologia Política*. n.º. 34. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a14v17n34.pdf>, acessado em 20.03.11.

⁶¹⁸BRUNO, L. *Diga não aos verdadeiros golpistas*. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/11425-diga-nao-aos-verdadeiros-golpistas.html>, acessado em 20.12.10.

mentirosa), mas que em última instância seria garantida pela distância que mantém-se do Estado. Ipojuca Pontes comenta sobre a função do jornalismo *online* (“*diante da grande imprensa um espectro se impõe e apavora: o do jornalismo on line, livre e ativo como um falcão em vôo pleno*”⁶¹⁹) para as direitas:

Muita gente boa aponta o jornalismo eletrônico como o principal responsável pela ruína dos jornalões. Os motivos não são nada desprezíveis: blogs e sites não gastam com papel nem mantêm grandes redações, nem tampouco sofrem com perdas de receitas publicitárias - embora hoje, como se tornou evidente, o jornalismo on line comece a morder firme nas contas das grandes e pequenas agências de propaganda. Por outro lado, graças ao avanço da tecnologia digital, o jornalismo eletrônico conta com um dispositivo excepcional: sua dinâmica permite acompanhar e refazer a notícia a cada segundo, sempre em cima do fato, possibilitando até mesmo a transmissão de imagens ao vivo [...] No entanto, não é apenas no plano da operacionalidade que o jornalismo on line causa rebuliço. Se a imprensa é, em essência, notícia e análise, o jornalismo eletrônico permite as duas coisas - o que o torna mais ágil, denso e promissor, cumprindo, em qualidade e quantidade, um papel sem paralelo no jornalismo de todos os tempos. Ademais, para fazer a análise qualificada, o jornalismo de site dispõe de tempo, espaço e liberdade (inimagináveis nas folhas de hoje em dia) [...] Por sua vez, o jornalismo eletrônico, quando exercido à vera, sem a inibição dos códigos de redação e intermediários de praxe, cria uma ambiência especial, feita de independência, pesquisa e ousadia que só encontra paralelo no extraordinário clima de parceria que se estabelece entre quem escreve e quem lê. Não é por outro motivo, penso, que há quem passe entre 10 e 12 horas por dia navegando (termo preciso) na internet, transformando-se o navegador num potencial repassador de matérias, ou seja, num internauta⁶²⁰.

Esta postura em relação a “revolução das telecomunicações”, como parte integrante do imperialismo monetário, já era esperada pela direita latino-americana, em especial no que se refere na sua “convergência” – entre empresas transnacionais de telecomunicação, da mídia e da tecnologia da informação, capazes de forjar o consenso em termos globais ou regionais –, o “*que promete ser o grande protagonista na próxima etapa dos meios de comunicação audiovisuais do século XXI*”⁶²¹. Segundo Pedro Simoncini, empresário argentino da mídia:

O desenvolvimento dos meios de comunicação quebrou o isolamento dos primeiros núcleos da sociedade nos períodos iniciais de nossa história, permitindo um enriquecedor encontro e intercâmbio de culturas entre os povos a medida que esses meios se foram fazendo cada vez mais eficientes e velozes, em seu modo de vincular indivíduos e comunidades. As últimas novidades no mundo das comunicações, e especialmente as eletrônicas, impulsionam as transformações tanto no campo do entretenimento como no da informação. Fusões, aquisições, vendas, têm mudado a estrutura de empresas que haviam permanecido quase inalteradas desde o início da era eletrônica no começo ou meados de nosso século. Por sua vez, a ação destas

⁶¹⁹PONTES, I. *Jornalismo falido x jornalismo on line*. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/cultura/11284-jornalismo-falido-x-jornalismo-on-line.html>, acessado em 20.12.10.

⁶²⁰Idem.

⁶²¹“[...] *que promete ser el gran protagonista em la próxima etapa de los medios de comunicación audiovisuales del siglo XXI*”. SIMONCINI, P. “Garantizar el acceso a la información”. In. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafíos a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. Buenos Aires: Ameghino, 1999. p. 54. Tradução nossa.

empresas transformadas em organizações multinacionais, cada vez maiores e diversificadas, que empregam tecnologia de ponta, tem mudado o panorama dos mercados, tanto, que hoje pode-se afirmar que são peças estratégicas de mosaicos regionais ou mundiais que cobrem zonas inteiras classificando a população de usuários em setores, ao quais oferecem serviços diversificados e cada vez mais segmentados⁶²².

Assim a tecnologia de informação não foi apropriada somente no processo de implementação das políticas ultraliberais na América Latina, como já discutido, mas “a diversificação dos mecanismos tecnológicos permite também multiplicar os serviços que os meios podem prestar a distintos setores ou áreas da sociedade”⁶²³, neste caso, prestando-se à exploração política. Como num comentário no MSM, “se tem uma coisa que existe na internet e não existe mais em lugar nenhum é a publicidade do pensamento conservador. Quem não tem internet tem que se esmerar para ter acesso a coisa remotamente semelhante ao Mídia sem Máscara”⁶²⁴.

Este processo de convergência relaciona-se diretamente com o que José Arbex Jr., da citada revista *Caros Amigos*, chama de “revolução conservadora' propiciada pela tecnologia”, mais “um eficaz instrumento de dominação”, que facilita e amplia a profundidade da fabricação social da amnésia, que já era praticada, mas que agora é pautada “mediante a imposição da velocidade informativa”, pois “notícias do mundo inteiro são despejadas em tamanha quantidade, e com tanta rapidez, que mal tomamos conhecimento de um assunto e logo outro já ocupa os telejornais e, conseqüentemente, as manchetes da mídia impressa”, E que tornam esquecido em um espaço de tempo muito curto, “aquilo que havia pouco ainda era considerado 'fundamental”⁶²⁵.

Sobre o papel da mídia, sua atuação política e ideológica para a dominação e reprodução das relações sociais vigentes, outro teórico que nos traz elementos é Octavio Ianni, sendo que suas argumentações já abordam a questão da mídia em alcance global, através da internet. Ele tinha um

⁶²²“El desarrollo de los medios de comunicación quebró el aislamiento de los primeros núcleos de la sociedad en los períodos iniciales de nuestra historia, permitiendo un enriquecedor encuentro e intercambio de culturas entre los pueblos a medida que esos medios se fueron haciendo cada vez más eficientes y veloces, en su modo de vincular individuos y comunidades. Las últimas novedades en el mundo de las comunicaciones, y especialmente las electrónicas, motorizan las transformaciones tanto en el campo del entretenimiento como de la información. Fusiones, adquisiciones, ventas, han cambiado la estructura de empresas que habían permanecido casi inalteradas desde comienzos de la era electrónica a comienzos o a mediados de nuestro siglo. A su vez, la acción de estas empresas transformadas en organizaciones multinacionales, cada vez más grandes e diversificadas, que emplean tecnología de punta, ha ca cambiado el panorama de los mercados, tanto, que hoy puede afirmarse que son piezas estratégicas de mosaicos regionales o mundiales que cubren zonas enteras clasificando la población de usuarios en sectores, a los cuales se brindan servicios diversificados y cada vez más segmentados”. SIMONCINI. P. “Garantizar el acceso a la información”. In. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafíos a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. op. cit. p. 53-54. Tradução nossa.

⁶²³“La diversificación de los mecanismos tecnológicos permite también multiplicar los servicios que los medios pueden prestar a distintos sectores o áreas de la sociedad moderna: educación, capacitación, medicina, etc.”. SIMONCINI. P. “Garantizar el acceso a la información”. In. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafíos a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. op. cit. p. 55-56. Tradução nossa.

⁶²⁴Comentário de “Visitante”, em 26.09.2009, no artigo de SALGUEIRO, G. *Brasil: opção preferencial pela ilegalidade – Parte 2*. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/governo-do-pt/8935-brasil-opcao-preferencial-pela-ilegalidade-parte-2.html#comment-15925>, acessado em 12.12.10.

⁶²⁵ARBEX JR., J. “O legado ético de Perseu Abramo e Aloysio Biondi”. In. ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 9.

entendimento distinto da questão do Príncipe moderno de Gramsci, que não seria mais um partido, mas o que chama de “Príncipe Eletrônico”, formado pela “*mídia em geral, particularmente a mídia eletrônica*”, estando “*presente no mundo todo, formando a opinião pública mundial numa escala excepcional*”, ou seja, a modalidade partidária formadora de opinião por excelência. Obviamente ele refere-se às grandes corporações midiáticas globais, que ao divulgarem interpretações próximas dos acontecimentos, atuam como “*uma agência, uma instituição, que é ubíqua, que está presente em todos os lugares do mundo, que registra fatos, que esquece muitos fatos e que, em geral, transmite já com interpretação*”⁶²⁶.

Ele entende o Príncipe de Maquiavel e o Moderno Príncipe de Gramsci, como arquetípicos, mas que tem suas funções sociais plenamente enraizadas, pois “*respondem a diferentes desafios histórico-sociais*” resultando “*em diferentes avaliações sobre o dirigente e as condições de sua atuação, visto em suas especificidades e em suas interrelações, tensões, e acomodações e dissociações*”⁶²⁷. E exatamente neste sentido ele interroga se os formatos e modos associativos que os autores prenunciaram e/ou teorizaram são válidos tendo em vista “*os desafios históricos-sociais da globalização*” que colocariam em crise uma série de “*categorias 'clássicas' da política*”. Para tanto afirma suas considerações na seguinte conjuntura:

Em primeiro lugar, a globalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, propicia o desenvolvimento de relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica de alcance mundial. Alteram-se as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, no âmbito de uma vasta, complexa e contraditória sociedade civil mundial em formação. Isto significa a emergência e dinâmica de grupos sociais, classes sociais, estruturas de poder, acomodações, tensões e lutas em escala mundial. Em segundo lugar, no bojo desse mesmo processo de globalização político-econômica e sócio-cultural, desenvolvem-se tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas que agilizam, intensificam e generalizam as articulações, as integrações, as tensões, os antagonismos, as fragmentações e as mudanças sócio-culturais e político-econômicas, pelos quatro cantos do mundo. Em terceiro lugar, e simultaneamente a todos os desenvolvimentos, nexos, contradições e transformações em curso, desenvolve-se uma nova configuração histórico-social de vida, trabalho e cultura, desenhando uma totalidade geohistórica de alcance global, compreendendo indivíduos e coletividades, povos, nações e nacionalidades, culturas e civilizações. Esse é o novo e imenso palco da história, no qual se alteram mais ou menos radicalmente os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros, em todo o mundo⁶²⁸.

Estas são considerações importantes e coerentes, mas temos que levar em conta que não se dá um novo momento, supostamente “pós-moderno”, que alteraria o quadro anterior como ruptura revolucionária dos processos históricos anteriores, como imagina boa parte dos teóricos da

⁶²⁶RODA VIVA. *Entrevista com Octavio Ianni*. 25.11.01. Transcrição disponível em <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0776>, acessado em 20.12.10.

⁶²⁷IANNI, O. “O príncipe eletrônico”. *Questiones*. n.º. 4. Disponível em <http://www.journals.unam.mx/index.php/cuc/article/view/2033/1595>, acessado em 20.12.10.

⁶²⁸IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/ianni.rtf>, acessado em 20.12.10.

“sociedade da informação”, e que sim, o quadro que situa se dá no bojo do aprofundamento das relações sociais sob o capitalismo. Como Virgínia Fontes e Stefano Garroni situam, “*nós continuamos a viver sob o domínio do capitalismo. O que era um movimento mais ou menos reduzido à Europa e aos Estados Unidos no século XIX tornou-se o modo de existência (e de produção) dominante na maior parte do planeta, um pouco mais de um século depois*”, mas que “*no entanto temos o sentimento de viver em outro mundo [...] O mesmo reino da acumulação ampliada parece trazer um outro modo cultural de existência!*”⁶²⁹. Este movimento é percebido por Ianni também em sua massificação do consenso forjado, da dominação que sente-se quase como sufocante, pois cria uma série de tarefas para a libertação do homem que lhe dão a impressão de “escaparem” das formações nacionais, colocando-se acima dos povos. É necessário frisar, embora o campo de luta das contradições seja nacional, em uma dada formação social, não é possível do mesmo modo minimizar a atuação dos grandes *think tanks*, dos oligopólios midiáticos, que tem uma atuação impessoal, mas crucial para o destino dos mais diferentes países.

Para ele, o novo Príncipe Eletrônico, apresenta-se como “*uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial*”. É uma instância organizativa, “*o intelectual coletivo e orgânico das estruturas e blocos de poder presentes, predominantes e atuantes em escala nacional, regional e mundial*”. É exatamente por ser um formulador do consenso, não é “*homogêneo nem monolítico*”, pois “*além da competição evidente ou implícita entre os meios de comunicação de massas*” e que também é passiva de ser colocada em contradição, pela “*irrupções de fatos, situações, relatos, análises, interpretações e fabulações que pluralizam e democratizam a mídia*”. A grande capacidade destas instâncias estaria em expressar “*a visão do mundo prevalecente nos blocos de poder predominantes, em escala nacional, regional e mundial, habitualmente articulados*”, atingindo “*desde o narcotráfico e o terrorismo transnacionais às guerras e revoluções, dos eventos mundiais da cultura popular aos movimentos globais do capital especulativo*”, já que estes eventos acabam refinando “*o príncipe eletrônico, tornando-o mais sensível ao que vai pelo mundo, desde a perspectiva das classes e grupos sociais subalternos tanto quando de permeio à perspectiva das classes e grupos sociais predominantes*”⁶³⁰.

Compreendendo esta mídia como técnica social,

Trata-se de um meio de comunicação, informação e propaganda presente ativo no cotidiano de uns e outros, indivíduos e coletividades, em todo o mundo. Registra e interpreta, seleciona e enfatiza, esquece e sataniza o que poderia ser realidade e o imaginário. Muitas vezes, transforma a realidade, seja em algo encantado seja em algo escatológico, em geral virtualizando a realidade, em tal escala que o real

⁶²⁹FONTES, V.; GARRONI, S. “O trabalho abstrato e a cultura contemporânea, os desafios atuais do pensamento histórico” In. FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. op. cit. p. 54.

⁶³⁰IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. op. cit.

aparece como forma espúria do virtual [...] O que singulariza a grande corporação da mídia é que ela realiza limpidamente a metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania. Realiza limpidamente as principais implicações da indústria cultural, combinando a produção e a reprodução cultural com a produção e reprodução do capital; e operando decisivamente na formação de “mentes” e “corações”, em escala global [...] Assim, o que parece neutro, útil, positivo, logo se revela eficiente, influente ou mesmo decisivo, no modo pelo qual se insere nas relações, processos e estruturas que articulam e dinamizam as diferentes esferas da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial [...] São organizados, mobilizados, dinamizados e generalizados como técnicas de comunicação, informação, propaganda, entretenimento, mobilização e indução de correntes de opinião pública, mitificação ou satanização de eventos, figuras, partidos, movimentos e correntes⁶³¹.

Para nós, não trata-se de aceitar plenamente as proposições de Ianni acerca do Príncipe Eletrônico, que não abarca as particularidades de cada formação social (seus conflitos de classes e intraclasses), já que atenta para o modo de produção vigente, de certo modo, não realizando suas mediações. Mas sim, reafirmar que existe na generalização do “pensamento único” uma tentativa de homogeneização do que circula midiaticamente em nível global, baseada solidamente nos órgãos de comunicação transnacionais. A própria existência de discursos como o do MSM contradiz o “pensamento único”, mas atentando também para indicar que um discurso ideológico na contemporaneidade deve ser investigado em uma perspectiva global e não como fenômeno isolado. Ianni também torna explícito que existe uma relação consciente entre quem constrói a informação, explorada em uma série de perspectivas como visto em Abramo, e desigual, pois mesmo com sua amplificação através da internet, que acaba por “permitir” novas possibilidades de atuação contra hegemônica, não amplia automaticamente o entendimento do vivido a que o indivíduo poderia ter acesso. Ao contrário, através da convergência faz-se ainda mais impactante, e como assinalado, constituí-se em um cenário global no capital-imperialismo, o que trataremos detalhadamente adiante.

O posicionamento do MSM como observatório da imprensa nem de longe corresponde à democratização pregada pela pluralidade de leituras sociais, mas objetiva levar a cabo a liberdade de expressão em termos que sejam definidos pelo mercado: a censura, que desde a transição democrática perdeu seu caráter de política estatal para se tornar privada, regulada pelas grandes corporações midiáticas. Não conseguimos compreender o MSM se deixamos de analisar sua organização como a de um partido. Ou seja, sua busca por “*representar – mesmo que sem mandato real ou delegação explícita e consciente – valores e interesses de segmentos da sociedade*” que não estão “*acima dos conflitos de classe, da disputa do poder ou das divergências partidárias*”⁶³². Neste sentido conseguimos estabelecer algumas características pelas quais o MSM apresenta-se para a

⁶³¹IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. op. cit.

⁶³²ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 46-47.

atuação política, que serão retomadas e, em alguns casos aprofundadas, nos próximos capítulos. Sua autocaracterização, destinada a possibilitar sua inserção como agente político competente, para a atuação crítica da realidade, foi estrategicamente seu maior ponto de apoio para o agrupamento e normatização de seus quadros assim como para a disseminação ideológica, para fins de propaganda através da internet. Também vimos que seu discurso, seu público-alvo e sua forma de propaganda são cuidadosamente preparados, visando a sua consolidação e de seus intelectuais como referências maiores para a direita fascista e para os agrupamentos reacionários da sociedade.

6. O MSM E O FASCISMO:

*“Twist the truth - then twist your arm/It's the Emperor Caligula School of Charm/
Don't take his word 'cause it's not worth having it (he's an Art-Nazi)/He's a tinpot Hitler gone berserk/
A self-made man from another man's work/More tonque in cheek than a french kiss from Judas Iscariot”.*

Martin Walkyier. “Art Nazi”. *The Silent Whales of Lunar Sea*. 1995.

Neste capítulo iremos situar teórica e historicamente o MSM, buscando compreender os motivos pelos quais os movimentos políticos de cunho fascista *se fazem necessários* na fase atual do capitalismo. Somente através desta leitura mais ampla poderemos compreender a própria existência do MSM. A atribuição de sentido fascista para determinado movimento ou ideologia de direita não deve ser feita inconsequentemente, ou de maneira caricata, já que esta leitura antes de tudo presume uma *nova* força a ser considerada na relação de forças – “nova” força no sentido de uma relevância maior, que faz o conceito de fascismo “escapar” dos grupúsculos, que na contemporaneidade associam-se diretamente aos que iremos chamar de fascismos de primeira onda (os fascismos clássicos), os considerando somente uma parte do “espectro fascista” existente. Por entendermos que estas considerações não são habituais, iremos neste capítulo primeiro abrir uma linha de interrogação teórica, situando os fascismos clássicos e a conjuntura que permitiu sua ascensão – a “crise fascista”. Prosseguiremos apontando a crise de 2008, que em seus desdobramentos específicos aponta para a ascensão de movimentos e partidos fascistas. Em seguida apontaremos as transformações que estes movimentos e partidos tiveram de cumprir para continuar apresentando-se como opções políticas válidas no Pós-Guerra (os fascismos de segunda onda) e após o declínio da URSS (os fascismos de terceira onda). Por fim iremos situar alguns movimentos e partidos fascistas de terceira onda na contemporaneidade, sublinhando suas funções políticas e sociais diante das crises do capital-imperialismo.

O fascismo não é um desenvolvimento “natural” ou óbvio da direita, “*gênero de que o fascismo é uma espécie*”⁶³³, pois cumpre papéis específicos, resguardando determinados grupos sociais na disputa do bloco no poder, o que garante a sobrevivência do Estado capitalista. Assim como cumpre um papel específico na ofensiva contra as forças da classe trabalhadora em um processo de crise serve como elemento rearticulador do bloco no poder, alterando as relações entre as diferentes frações da burguesia (grande e pequena) para a superação da crise. Antes de qualquer desenvolvimento, iremos apresentar o conceito de fascismo de Leandro Konder, que irá balizar as mudanças e permanências assinaladas, para quem trata-se de:

[...] uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se

⁶³³KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 27.

fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara “modernizadora”, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário. Seu crescimento num país pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas); e pressupõe também as condições da chamada sociedade de massas de consumo dirigido, bem como a existência nele de um certo nível de fusão do capital bancário com o capital industrial, isto é, a existência do capital financeiro⁶³⁴.

A situação de crise aberta é um dos pontos chave para compreender a ascensão de movimentos deste tipo, o que delimita que “*nem todo movimento reacionário é fascista*” e “*nem toda repressão – por mais feroz que seja – exercida em nome da conservação de privilégios de classe ou casta é fascista*” do mesmo modo que o conceito “*não se deixa reduzir, por outro lado, aos conceitos de ditadura ou de autoritarismo*”⁶³⁵. Mas, que fique claro, isto não significa que os movimentos e partidos fascistas cumprem suas tarefas políticas em um sentido coerente na disputa política, dados a centralidade e do irracionismo e do pragmatismo, que possuem reflexos tanto ideológicos quanto hierárquicos. “*Para uma política ser eficaz, ela precisa ser levada à prática através de iniciativas concretas, manobras, concessões, acordos, golpes de audácia, formas de arregimentação das forças disponíveis que transcendem da mera atitude doutrinária*”⁶³⁶. O que não nos impede de sublinhar diferenças concretas entre os momentos da ascensão históricas de projetos deste cunho. Ou mais especificadamente, segundo Calil:

Diversas características que marcaram a trajetória dos movimentos fascistas foram completamente abandonadas quando de sua ascensão ao poder, particularmente seu discurso anticapitalista e sua denúncia do grande capital. Todos os processos históricos concretos de ascensão do fascismo ao poder foram precedidos por um compromisso entre os movimentos fascistas e o grande capital monopolista, abandonando-se qualquer discurso ou prática de questionamento ao capitalismo. Assim, também no caso de movimentos fascistas que não ascenderam ao poder, é necessário analisar com muito cuidado suas proposições pretensamente anticapitalistas, tendo em vista que não é possível cotejá-las a uma prática efetiva de governo. A veiculação de um discurso pretensamente anticapitalista correspondia a uma necessidade concreta dos movimentos fascistas, embasando sua auto-representação como movimentos “revolucionários”, tendo em vista o atendimento das expectativas de sua base social fundamentalmente pequena burguesa, a qual, em um contexto de crise econômica e social, responsabilizava o grande capital pelas conseqüências destas crises. É importante ressaltar que os movimentos fascistas não são constituídos a priori como “instrumentos do grande capital”, mas, ao contrário, surgem historicamente formados pela pequena burguesia e apenas posteriormente, com o acirramento da luta de classes, passam a expressar diretamente o interesse do

⁶³⁴KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 53.

⁶³⁵Idem. p. 25.

⁶³⁶Ibidem. p. 28.

grande capital⁶³⁷.

Sublinhemos esta peculiaridade combativa do movimento, que o reveste de caracteres “anticapitalistas”, ou melhor, o posiciona *contra alguns elementos ou movimentos parciais do capitalismo*. Sua origem social é constituída por elementos oriundos dos estratos médios da sociedade, cujo afastamento do bloco do poder os permite construir um aparato ideológico capaz de oferecer possibilidades políticas maiores para as burguesias em caso do acirramento da luta de classes, sem que com isto a ordem social seja invertida. Isto ocorre porque “*o próprio sistema em cuja defesa as classes dominantes se acumpliciam – um sistema que gravita em torno da competição obsessiva pelo lucro privado*” é responsável por impedir “*que as forças sociais em que consiste a direita sejam profundamente solidárias: elas só se unem para os objetivos limitados da luta contra o inimigo comum*”⁶³⁸. Este trabalho de arregimentação em nada corrobora com leituras do fascismo como sendo estritamente uma metodologia estática de organização política, pois o compreende através de suas tomadas de posição em uma determinada relação histórica de forças. Isto é retomado por Mauro Iasi na apresentação do livro de Konder:

Presos à incapacidade de compreensão da distinção entre forma e conteúdo, os mais preocupados espíritos atormentados de liberais democratas, ou seus jovens aliados recém-liberais e tardiamente democratas, ficam à espera de uniformes marrons, camisas negras, suásticas e *facios*, e deixam escapar manifestações muito mais substanciais. O culto pós-moderno do irracionalismo combinado com a ostensiva retomada de um cientificismo neo-positivista, o elogio dos sentimentos e instintos contra a razão, o pragmatismo renovado da *realpolitik*, a negação da teoria pela revigorada ofensiva daqueles que Zizek batizou de “agnósticos new age”, e, principalmente o brutal anticomunismo, o cínico preconceito de classe contra os trabalhadores e sua sofisticada e sutil, mas nem por isso menos brutal, expressão acadêmica na tese do “fim do mundo do trabalho” e a suposta impropriedade do conceito de classe social como instrumento explicativo da sociedade contemporânea, nos alertam que os cadáveres enterrados na Itália e na Alemanha tiveram tempo de liberar a sua alma⁶³⁹.

O que pode ser observado como uma das características do fascismo clássico: seu pragmatismo radical serviu somente “*no sentido de superar a situação altamente insatisfatória que a contradição [...] tinha criado para as forças conservadoras mais resolutas*”⁶⁴⁰, não ocorria afastado das suas posições práticas. Do mesmo modo concorreu para apropriar-se de conceitos de origem do campo do “inimigo”, o marxismo, seja para esvaziá-lo de sentido social, na disputa pelo discurso competente em relação ao corpo social, seja para entender estrategicamente o posicionamento estratégico do proletariado, seja para compor seu próprio plano para a atuação

⁶³⁷CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 151-152.

⁶³⁸KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 28.

⁶³⁹IASI, M. L. “Nosso guia na floresta de papel: o artífice da palavra clara”. In: KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 17.

⁶⁴⁰KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 29.

política delimitando suas frentes para evidenciar o acirramento que já sobrevinha, utilizando politicamente a crise como elemento agrupador⁶⁴¹.

Tendo de atingir um viés que “desvele” a realidade para o militante, o fascismo recorre ao mito, ao irracional que dote de sentido de unicidade a atuação coletiva, sendo o mais comum de todos, o recurso ao nacionalismo. Este revela-se na tentativa de se suprimir as diferenças sociais dentro de determinada formação social pelo recurso da identidade imaginária assumida pelo todo, onde a multiplicidade social funde-se num carácter unidimensional, o pertencimento ou não a determinada nação, povo e/ou etnia. Esta valorização nacionalista é “inevitavelmente retórica, precisa ser agressiva, precisa recorrer a uma ênfase feroz para disfarçar o seu vazio e tende a menoscar os valores das outras nações e da humanidade em geral”. Como Konder assinala, “pode existir um fascismo que não seja racista, mas não pode existir fascismo que não seja chauvinista”⁶⁴², sendo este o elemento essencial para este desenvolvimento. “Para esclarecer a eficácia do chauvinismo fascista, convém lembrar que ele conseguiu, às vezes, tirar proveito de críticas bastante fundamentadas aos imperialismos rivais”⁶⁴³, lembrando o fascismo italiano clássico.

Precisamos ainda sublinhar que o fenómeno fascista não ocorre pela primazia de um campo social sobre outro, contradizendo os próprios fascistas, que afirmavam-se *simplesmente* como representantes de regimes onde o campo político reinaria sobre o campo económico, num reducionismo extremo do economicismo. Afinal,

se a política fosse um mero apêndice da economia e se todas as ações políticas se deixassem reduzir diretamente a determinados interesses económicos imediatos, não existiria nos quadros da burguesia uma divisão do trabalho entre o empresário e o político (afinal, há numerosos empresários que não se dedicam à política e há numerosos políticos *burgueses* que não são empresários). Portanto o marxismo não subestima a “criatividade” específica da esfera política. Mas, quando uma interpretação se fixa em alguns aspectos “criativos” da política fascista para pretender descaracterizar o conteúdo de classe do fascismo, ou para descrever o fascismo como o “domínio de um grupo que corporifica o primado do político sobre o económico”, semelhante interpretação [...] contribui objetivamente para inocentar o capital financeiro na gênese de fenómenos do tipo Mussolini e Hitler, e – ainda por cima – acolhe uma ideia muito cara aos dois falecidos ditadores, que sempre se empenharam em disfarçar o conteúdo de classe da política que punham em prática, enfatizando exatamente *o primado do político sobre o económico*⁶⁴⁴.

Também foram os fascistas clássicos os primeiros a servirem-se da moderna metodologia de propaganda, que sofre uma mudança brusca em seu alvo, não tratando mais diretamente do consumo de determinado produto, mas visando influenciar a conduta total do consumidor,

⁶⁴¹KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 33.

⁶⁴²Idem. p. 41.

⁶⁴³Ibidem. p. 46.

⁶⁴⁴Ibidem. p. 137-138.

vendendo um estilo de vida⁶⁴⁵. Este espaço foi aberto, ocupado e garantido aos fascistas pelo acesso a uma base material capaz de fazer frente aos projetos políticos que primavam pela independência de classe, já que assegurada por patrocinadores oriundos da burguesia, especialmente pelo grande capital financeiro:

Para o capital financeiro [...] o sistema só poderia ser salvo por meio de reformas que suprimissem certos estorvos, remanescentes da fase da “livre competição”, *acentuassem a concentração do capital* (uma forma de “racionalização” da economia) e *aprofundassem a interdependência entre os monopólios e um “Estado forte”*. Antes da crise mundial do capitalismo em 1929, esse programa ainda encontrou dificuldades para se traduzir em formas claras. Mussolini, durante os anos de 1920, ainda hesitava no fato de que o Estado deveria ser *politicamente forte*, mas deveria *esquivar-se a toda e qualquer intervenção na esfera econômica*⁶⁴⁶.

Contra os que desacreditam a validade do conceito de fascismo para a análise histórica, devemos, antes de qualquer discussão mais aprofundada, lembrar que o fascismo nunca deixou de ser uma opção para o capital, pois, *como fenômeno da fase imperialista do capitalismo não se resume a implementação do capitalismo monopolista de Estado*. Como o próprio Konder alerta, a utilização do conceito de fascismo somente para os casos clássicos teria de fato um fundo conservador e desmobilizador:

Para evitar os riscos de um emprego confusionista e anticientífico do conceito de fascismo (riscos obviamente muito reais) os dois fascitólogos famosos [Nolte e De Felice] *expulsaram o conceito da história que está sendo feita em nossos dias, obrigaram-no a exilar-se no passado*. O sentido conservador dessa opção é claro: independente das intenções subjetivas dos dois autores e da inegável utilidade de suas investigações historiográficas, eles acabam contribuindo para confundir e desarmar as forças antifascistas, levando-as a não poderem identificar claramente *as dimensões mundiais com que o fenômeno fascista pode reaparecer, em nossa época, no interior do capitalismo monopolista de Estado*. A louvável prudência científica de Nolte e De Felice se combina, infelizmente, com uma inaceitável subestimação do capitalismo monopolista de Estado, do imperialismo e do fascismo⁶⁴⁷.

O que também é defendido por Nicos Poulantzas, sendo que suas peculiaridades não podem ser extraídas de uma caracterização definitiva, sua possibilidade de ascensão deve ser compreendida como característica da fase imperialista do capitalismo: “*os fascismos – como aliás, todos os outros regimes de exceção – não são fenômenos limitados no tempo*”, significando que seu ressurgimento “*continua possível, sobretudo hoje – mesmo que, provavelmente não se revista agora das mesmas formas históricas de que se revestiu no passado*”, para nos indicar o cerne que devemos buscar para a compreensão destes fenômenos de exceção: as crises do capital. O fascismo acaba por fazer-se possibilidade para o autor, “*mesmo nos países da área europeia*”, caso qualquer crise do capitalismo

⁶⁴⁵KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 47.

⁶⁴⁶Idem. p. 51.

⁶⁴⁷Ibidem. p. 170.

venha a atingir “*seu próprio centro*”⁶⁴⁸. Segundo Konder:

Mesmo que a tomada do poder por parte das forças populares não esteja na ordem do dia, os grandes capitalistas percebem, apreensivos, que o aparelho de Estado não é imune às pressões e infiltrações. O número de capitalistas diminui, ao passo que o número de assalariados aumenta. E o conteúdo de classe do Estado não basta para vaciná-lo contra a contaminação de impulsos políticos provenientes da massa cada vez mais ampla e mais densa das camadas populares. Quanto mais importante se torna o controle do Estado, mais os grandes capitalistas são levado a lutar para “limpá-lo” de “incrustações democráticas”, empenhando-o cada vez mais radicalmente em funções repressivas e antipopulares. Daí a tentação do fascismo⁶⁴⁹.

Deste modo, é nas convulsões, nos conflitos sociais acarretados pelas crises que estes movimentos têm sua penetração social afirmada, e anotando que se a efetividade do movimento fascista está em completar-se como Estado, o que escapa às leituras economicistas, pois

com efeito, o imperialismo, considerado como estágio de conjunto do processo capitalista, não se limita a modificações que marquem unicamente o domínio econômico – como, por exemplo, a concentração monopolista, a fusão do capital bancário, e do capital industrial em capital financeiro, a exportação de capitais, a procura de “colônias” por simples razões “econômicas”, etc. De fato, estes dados econômicos determinam, rigorosamente, uma nova articulação do conjunto do sistema capitalista, e por isso profundas modificações *do político e da ideologia*⁶⁵⁰.

A mesma crise notada pelo autor acabou por gerar uma experiência de cunho fascistizante: o Chile de Augusto Pinochet⁶⁵¹, que por sinal e não sem coincidência foi o primeiro governo da América Latina a implantar as reformas ultraliberais de Estado, pois tendo suporte “*numa brutal ditadura militar, o Chile pôde contar com as melhores condições políticas para reciclar o modelo de um estado centrado na democracia social para um articulado em torno da esfera mercantil*”⁶⁵².

Temos que compreender que o período de ascensão dos movimentos fascistas em uma situação específica na relação de forças de determinada formação social, que entra em crise aberta, que podemos pensar através do que Gramsci nomeia crise de hegemonia, a crise dos grupos dirigentes:

Em um certo ponto de sua vida histórica, os grupos sociais se separam de seus partidos tradicionais, isto é, os partidos tradicionais naquela dada forma organizativa, com aqueles determinados homens que os constituem, representam e dirigem, não são mais reconhecidos como sua expressão por sua classe ou fração de classe. Quando se verificam estas crises, a situação imediata torna-se delicada e perigosa, pois abre-se o campo às soluções de força, à atividade de potências ocultas representadas pelos homens providenciais ou carismáticos. Como se formam estas

⁶⁴⁸POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 10.

⁶⁴⁹KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 175.

⁶⁵⁰POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 20.

⁶⁵¹KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 162.

⁶⁵²SADER, E. “Notas sobre a globalização neoliberal”. In. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS*. op. cit. p. 38.

situações de contraste entre representantes e representados, que, a partir do terreno dos partidos (organizações de partido em sentido estrito, campo eleitoral-parlamentar, organização jornalística), reflete-se em todo o organismo estatal, reforçando a posição relativa do poder da burocracia (civil e militar), da alta finança, da Igreja e, em geral, de todos os organismos relativamente independentes das flutuações da opinião pública? O processo é diferente em cada país, embora o conteúdo seja o mesmo. E o conteúdo é a crise de hegemonia da classe dirigente, que ocorre ou porque a classe dirigente fracassou em algum grande empreendimento político para o qual pediu ou impôs pela força o consenso das grandes massas (como a guerra), ou porque amplas massas (sobretudo de camponeses e de pequeno-burgueses intelectuais) passaram subitamente da passividade política para uma certa atividade e apresentam reivindicações que, em seu conjunto desorganizado, constituem uma revolução. Fala-se de “crise de autoridade”: e isso é precisamente a crise de hegemonia, ou crise do Estado em seu conjunto⁶⁵³.

Estas crises não possuem um componente único, estendendo-se pela política, pela ideologia, pela cultura, pela economia. Elas colocam em risco o total das relações sociais vigentes, não podendo ser resumidas a um campo, mesmo que este a tenha desencadeado, como a economia, pois neste caso seria passível de resolução por uma solução parcial de curto prazo. Esta crise, como já dito, é criada pela “*situação de aprofundamento e de exacerbação das contradições internas entre as classes e frações de classe dominantes*”, ou seja, a crise do bloco no poder em representar os interesses e as relações político-ideológicas da classe dominante. “*É a incapacidade de uma classe, ou fração, em impor a sua hegemonia, ou seja, ao fim e ao cabo, a incapacidade da aliança no poder em ultrapassar 'por si mesma' as suas próprias contradições exacerbadas*”, que também ligue-se “*de resto, à crise de hegemonia que atravessa o bloco no poder e os seus membros no que diz respeito, agora, à sua dominação política sobre o conjunto da formação social*”⁶⁵⁴. Obviamente, nem toda crise de hegemonia desenvolve-se automaticamente para um processo de implementação do fascismo, o que depende, em maior parte das relações de força anteriores e durante este processo, de uma conjuntura específica da luta de classes⁶⁵⁵:

A crise gera situações imediatas perigosas, já que os diversos estratos da população não possuem a mesma capacidade de se orientar rapidamente e de se reorganizar com o mesmo ritmo. A classe dirigente tradicional, que tem um numeroso pessoal treinado, muda homens e programas e retoma o controle que lhes fugia com uma rapidez maior do que a que se verifica entre as classes subalternas; faz talvez sacrifícios, expõe-se a um futuro obscuro com promessas demagógicas, mas mantém o poder, reforça-o momentaneamente e dele se serve para esmagar o adversário e desbaratar seus dirigentes, que não podem ser muito numerosos nem adequadamente treinados. A unificação das tropas de muitos partidos sob a bandeira de um único partido, que representa melhor e sintetiza as necessidades de toda a classe, é um fenômeno orgânico e normal, ainda que seu ritmo seja muito rápido e quase fulminante em relação aos tempos tranquilos: representa a fusão de todo um grupo social sob uma só direção, considerada a única capaz de resolver um problema vital dominante e de afastar um perigo mortal. Quando a crise não encontra esta solução

⁶⁵³GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 60.

⁶⁵⁴POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 77-78.

⁶⁵⁵Idem. p. 61.

orgânica, mas sim a do chefe carismático, isto significa que existe um equilíbrio estático (cujos fatores podem ser muito variados, mas entre os quais prevalece a imaturidade das forças progressistas), que nenhum grupo, nem o conservador nem o progressista, dispõe da força necessária para vencer e que até o grupo conservador tem necessidade de um senhor⁶⁵⁶.

A conjuntura que faz o fascismo possível de ascensão só ocorre “*face a uma situação onde, paralelamente, e por razões diferentes, se assista, simultaneamente, a uma crise da ideologia dominante e a uma crise da principal força dominada*”. A crise da ideologia dominante corresponde a crise de hegemonia, a crise de autoridade, que afeta de forma mediada o conjunto das relações sociais de uma formação social, e que pode mesmo abrir caminho para o avanço da classe antagônica, ou, dada a relação de forças, levar a uma reorganização de outro tipo no bloco do poder. “*Dito de outra forma: a ideologia dominante é atingida, além do mais, na sua função em relação às próprias classes dominantes*”⁶⁵⁷.

A classe trabalhadora e sua ideologia conhecem sua crise em um processo distinto da crise da ideologia dominante, mas que novamente anotemos, para uma crise fascista, tem de ocorrer paralelamente. Para a classe trabalhadora, o processo de crise é perpassado por uma série de derrotas (“*Pois que, por outro lado, toda uma série de autores, nomeadamente Daniel Guérin, ao falarem abstratamente de 'derrota' da classe operária antes do processo de fascização, concluem que o fascismo deriva unicamente das 'contradições econômicas'*”). Então não significa que esta derrota se transmute em um único acontecimento, uma derrota efetiva, já que “*pode igualmente provir do fato de não se ter travado uma batalha no momento propício*” ou do “*fracasso característico da classe operária em atingir os objetivos políticos impostos por, e possíveis, em uma situação de crise aberta*”⁶⁵⁸, o que Poulantzas chama de “processo de derrota”. É este processo que abre caminho para o fascismo, no qual a classe trabalhadora não contrapõe-se politicamente, quando seus partidos e aparelhos privados de hegemonia portam-se de modo estritamente defensivo:

A característica do processo de fascização é que a luta da burguesia contra a classe operária assume um caráter cada vez mais político, enquanto da classe operária contra a burguesia *se refugia, cada vez mais, no domínio econômico-reivindicativo*. Dito de outra maneira, na complexa articulação da luta econômica e da luta política, é a luta econômica que progressivamente assume o papel dominante da classe operária. Durante o processo de fascização, a classe operária não está “desmobilizada”, no sentido absoluto do termo⁶⁵⁹.

Embora a classe posicione-se, ela não segue a direção de nenhum partido (nenhuma direção

⁶⁵⁶GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 60-61.

⁶⁵⁷POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 83.

⁶⁵⁸Idem. p. 150-151.

⁶⁵⁹Ibidem. p. 153.

ideológica coerente), que se desvinculem da massa⁶⁶⁰, ou seja, *é em um período de crise ideológica da classe trabalhadora e de suas organizações*, que abre espaço para a influência de outras ideologias:

Esta ordem de fenômenos liga-se a uma das questões mais importantes concernentes ao partido político, isto é, à capacidade do partido de reagir contra o espírito consuetudinário, contra as tendências a se mumificar e tornar anacrônico. Os partidos nascem e se constituem como organização para dirigir a situação em momentos historicamente vitais para suas classes; mas nem sempre eles sabem adaptar-se às novas tarefas e às novas épocas, nem sempre sabem desenvolver-se de acordo com o desenvolvimento do conjunto de relação de forças (e, portanto, a posição relativa de suas classes) no país em questão ou no campo internacional. Quando se analisam estes desenvolvimentos dos partidos, é necessário distinguir: o grupo social, a massa partidária, a burocracia e o Estado-maior do partido. A burocracia é a força consuetudinária e conservadora mais perigosa; se ela chega a se constituir como um corpo solidário, voltado para si mesmo e independente da massa, o partido termina por se tornar anacrônico e, nos momentos de crise aguda, é esvaziado de seu conteúdo social e resta como que solto no ar⁶⁶¹.

Assinalando que, como Konder nota, *“a tomada do poder pelos fascistas não ocorrera logo após um grande avanço da esquerda e sim em seguida a um processo geral de deslocamento para a direita, marcado por diversas derrotas da classe operária”*⁶⁶². Com a derrota do proletariado, com a massa desligada de seus organismos organizativos, abre-se espaço para a influência dos funcionários autorizados da burguesia, a pequena-burguesia organizada. Segundo Poulantzas:

Com efeito, a própria ideologia burguesa está em crise durante o processo de fascização. O que permite, precisamente, a extensão da ideologia pequeno-burguesa na formação social e assim, igualmente – de forma muito mais intensa do que nos casos de uma ideologia dominante incontestada –, na classe operária. Além disso, a pequena burguesia atravessa uma crise profunda. Neste contexto, a ideologia pequeno-burguesa dos “pequenos-burgueses enlouquecidos”, como dizia Engels, toma formas muito particulares: formas sob as quais ela penetra de algum modo mais facilmente do que antes na classe operária, ela mesma em crise ideológica [...] Nesta situação de revolta da pequena burguesia, o aspecto “anticapitalista”, sempre inerente à ideologia pequeno-burguesa, se exacerba e toma dianteira em relação aos outros: é precisamente desta forma que esta ideologia encontra acesso à classe operária⁶⁶³.

Temos que assinalar que estas formas ideológicas das classes não se dão de maneira idealista, mas são fruto das relações históricas de classe em determinada formação social, assim sendo as atribuições da ideologia pequeno-burguesa como anticapitalistas não referem-se à existência do capitalismo, mas assumem formas de “resistência” determinadas pelos seus interesses e necessidades para sua reprodução, como a defesa da pequena e média propriedade rural através de

⁶⁶⁰POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 154.

⁶⁶¹GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 61-62.

⁶⁶²KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 37.

⁶⁶³POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 155.

incentivos e proteções, contra a formação de monopólios e oligopólios comerciais e industriais em defesa do pequeno e médio comerciante e industrial, além da utilização do componente ideológico de “desestruturação” do mundo pela modernidade, das instituições colocadas em risco, tanto pelo “capitalismo selvagem” quanto pelo comunismo – lembrando que a “*‘crise das instituições’, mesmo com seus efeitos próprios sob a luta de classes, não é, ela própria, senão o seu efeito*”⁶⁶⁴. Sobre as consequências da crise aberta, quando esta encaminha para a fascização:

[...] um dos efeitos, e não dos menores, desta situação foi a ruptura do laço representantes-representados entre estas classes e frações e os seus partidos políticos, e a falência organizacional destes partidos; um outro foi a característica e espetacular transferência dos “cães de guarda” do bloco no poder – a casta dos seus “funcionários da ideologia” credenciados – para a ideologia fascista e o seu ataque sistemático contra a ideologia burguesa tradicional. Esta conversão dos “funcionários da ideologia” burguesa, conjugada com a crise ideológica no próprio seio das classes dominantes, foi um dos fatores importantes da passagem franca e definitiva da burguesia para o fascismo [Estes funcionários] parecem adotar e preconizar o fascismo de forma muito mais radical, direta e aberta que os primeiros, entrando muitas vezes, pelos seus ataques contra os “partidos” e os “políticos”, em conflito agudo com eles. E não foi por acaso que o laço da burguesia com os seus “funcionários da ideologia” se revelou o mais forte⁶⁶⁵.

A conjuntura de ascensão fascista pode ser delineada em seu processo: primeiro, com a já citada derrota da classe operária, a ruptura entre a classe e os partidos que, em sua pluralidade, a representam, momento de crise da ideologia proletária. E uma “etapa” de relativa estabilidade das forças sociais, “*estabilização não é uma calma, pois situa-se sempre num contexto de exacerbação das lutas de classes*”, só que esta se faz explícita em “pontas”, situações “*que não chegam, no entanto, para modificar a relação, desigual mas congelada, das forças: em suma, guerra de posições*”. A burguesia neste íterim continua em sua posição privilegiada, e aproveitando desta, “*persegue e divide o adversário, prepara-se para passar à ofensiva. E, se ela é fraca, é sobretudo no sentido em que ainda não é ainda suficientemente forte para passar à ofensiva*”, ou seja, com a tomada do poder pelo fascismo, assiste-se, “*não a uma confissão da fraqueza da burguesia, mas a uma consagração, e por muito tempo, da sua força*”. Poulantzas reitera este processo com a estratégia levada a cabo pela Terceira Internacional Comunista durante a implementação dos fascismos clássicos europeus: “*O que se passou pois, efetivamente, no caso do processo de fascização, foi a correspondência entre uma crise política da burguesia e uma estratégia ofensiva. O que, bem entendido, quer dizer que as coisas não corriam otimamente para as classes dominantes*”, mas entender “*esta crise política por ‘fraqueza’ da burguesia é caracterizar a sua relação de forças com a classe operária e é precisamente aqui que o sentido atribuído pela Internacional Comunista a esta designação se releva errado (fraqueza da burguesia*

⁶⁶⁴POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 69.

⁶⁶⁵Idem. p. 83-84.

= força + ofensiva do proletariado)»⁶⁶⁶.

A *necessidade da existência de um partido ou movimento fascista* (formal ou não, que articule todo espectro fascista existente em dada sociedade), a tolerância de sua existência em uma democracia parlamentar, ocorre pela necessidade de *organizar a repressão durante o período de crise contra a classe trabalhadora, de uma forma que nenhum partido burguês conseguiria*, já que seu papel corresponde à formação de consenso entre diversos grupos e frações da burguesia, enquanto o fascismo corresponde a uma política específica da pequena e nova pequena burguesia, e do mesmo modo, que não caberia a nenhum partido “social-democrata”, mesmo que seu papel seja *“precisamente, o de desviar as massas e reprimir a revolução”*⁶⁶⁷. Sendo que este, na reorganização fascista do Estado terá de ser completamente destruído, exatamente por suas bases estarem na classe operária, mesmo que a burguesia, em dado momento da crise apele para a “colaboração de classe”, o que ocorre principalmente tendo-se em conta as contradições existentes nesta conjuntura entre o médio e o grande capital:

O fato que se verifica é que a burguesia joga a cartada, em se querendo, da “colaboração de classe”, no fim do período de estabilidade e ao início do processo de fascização. Esta cartada, de resto, é jogada quer pela própria social-democracia no poder (caso alemão), quer por partidos políticos burgueses sem a participação direta da social-democracia. Por outras palavras, esta cartada coincide com a viragem do processo de derrota da classe operária e com o retomar da ofensiva por parte da burguesia. Mas esta política, nestas circunstâncias determinadas, fracassa; ela não permite à burguesia nem a liquidação das conquistas econômico-políticas da classe operária, nem, por maioria de razão, um progresso decisivo na exploração das massas populares. Daqui por diante, e ao longo de todo o processo de fascização, só os representantes políticos do médio capital tentarão prosseguir este jogo. No entanto, e isto é importante, estes representantes políticos estão progressivamente cortados quer do grande capital, quer das suas próprias frações de classe. Quanto ao grande capital, ele deixa em absoluto de jogar paralelamente, ou ao mesmo tempo, a cartada da “colaboração de classe” – se é que alguma vez a jogou –, mas volta-se de forma decisiva, para a solução fascista⁶⁶⁸.

Reafirmando, em uma situação real, estes elementos não se apresentam predispostos tal qual nestas análises esquemáticas (que nos servem de guia, mas de modo algum suprem a análise real das relações de força), sendo que será a mediação entre a conjuntura e a época, da qual decorrerão as características específicas dos “novos” movimentos fascistas. *“Quanto ao próprio fascismo, cujo renascimento permanece possível, será preciso também não julgar que ele se revestiria forçosamente, bem como o processo de fascização que a ele conduziria de formas idênticas às do passado. A história nunca se repete absolutamente”*⁶⁶⁹. E reiteremos o fascismo não se faz a única opção da burguesia em casos de uma crise de hegemonia, mas que será pelo desenrolar histórico,

⁶⁶⁶POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 85-88.

⁶⁶⁷Idem. p. 164.

⁶⁶⁸Ibidem. p. 165-166.

⁶⁶⁹Ibidem. p. 384.

portanto específico, da luta de classes que se irá determinar a forma de Estado e de regime subsequentes: o bonapartismo, as ditaduras militares, o fascismo ou mesmo formas combinadas destes:

[...] estas crises e regimes de exceção, teoricamente estabelecidos, se apresentam freqüentemente na realidade concreta, de forma combinada. Estes regimes concretos apresentam, na maior parte das vezes, sob a dominância de uma forma de regime, caracteres que sobressaem de várias formas de regimes de exceção e de crises políticas. O que é, aliás, numa certa medida, igualmente o caso dos fascismos alemão e italiano, de que aqui tratamos apenas a título de ilustrações exemplares do fascismo, na medida em que apresentam, de forma clara e maciçamente dominante, os caracteres essenciais do fascismo. O caso espanhol, por exemplo, é diferente, na medida em que se apresenta como uma forma concreta combinada de fascismo e de ditadura militar, com dominância da ditadura militar⁶⁷⁰.

Como afirma Reginaldo Moraes:

O fascismo germina dentro de uma certa lacuna operacional, diria um observador pragmático. Uma ditadura militar ou um estado policial revelam-se insuficientes para derrotar a classe trabalhadora, atomizá-la, destruindo suas organizações, desmoralizando-a e condenando-a à resignação e à obediência. Para esse serviço, torna-se necessário um movimento de massas, no qual exerce papel decisivo uma pequena burguesia atingida pela crise – mas também as parcelas do proletariado e do subproletariado marginalizadas por essa mesma crise. Inflação, falências, desemprego, degradação das profissões e dos status sociais conduzem a um desespero de massas e a um movimento frequentemente povoado de reminiscências ideológicas, de rancor, nacionalismo e de uma certa demagogia ... anticapitalista – uma demagogia voltada para formas específicas do capitalismo, em que são satanizados os usurários, os atravessadores, os tubarões, os monopólios, o capital ocioso (mas não o ancestral e mitológico capital “criador de trabalho e de riqueza”), uma demagogia exacerbada e ao mesmo tempo prudente, já que não se volta contra o próprio instituto da propriedade privada⁶⁷¹.

Assim, a ascensão de “regimes de exceção” sequer requerem necessariamente acompanharem a crise aberta, onde as classes se delineariam de forma clara e se posicionariam para a disputa. No caso brasileiro, é crucial lembrar o golpe de Estado de 1964, e, os mais de vinte anos subsequentes de ditadura civil militar empresarial:

O resultado do golpe de 1964 é muito menos a saída desastrosa de mais uma crise do populismo conduzida pela inabilidade de um político – Jango – sem disposição para ativar o “dispositivo militar” e resistir a mais um golpe de Estado, e sim a reação política mais ou menos organizada de uma parte da sociedade brasileira à ameaça (ou melhor, à percepção subjetiva da ameaça) de uma “república sindical” ou, na pior das hipóteses, da instauração do “comunismo”. Essa percepção estava ligada a três processos: o crescimento da pressão operária sobre o Estado em nome da “proteção social” diante de um capitalismo em rápida transformação. Daí o número

⁶⁷⁰POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 383.

⁶⁷¹MORAES, R. C. “Neoliberalismo e neofascismo - *ès lo mismo pero no ès igual?*”. *Crítica Marxista*. nº. 7. Disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica7parte6dossie.pdf>, acessado em 04.07.2011.

crescente de greves e o reforço do movimento sindical urbano; a radicalização ideológica do movimento nacionalista, liderada pelo ISEB e pelo PCB; e o questionamento efetivo da estrutura agrária através das Ligas Camponesas no Nordeste. É justamente a perda de controle dos políticos populistas diante da ascensão do movimento de massas, e não a sua instrumentalização maquiavélica pelos “demagogos”, que está no centro da ruptura dessa estrutura de poder. É ela que, no fim das contas, põe em xeque o compromisso assumido em 1930 e instiga o conjunto das classes dominantes a solicitar às Forças Armadas e restauração da “ordem social”⁶⁷².

Isto ocorre porque tanto a resolução, a tomada do poder pelos fascistas na década de vinte, quanto o golpe brasileiro de 1964, não ultrapassaram o “moderantismo conservador”, ou seja, “*não modificaram substancialmente o fato das transformações serem levadas a cabo pelas classes dirigentes tradicionais, ou seja, o fascismo não ultrapassou os marcos da revolução passiva, do moderantismo conservador*”⁶⁷³. Para tanto, voltemos para Gramsci, para quem:

[...] a chegada do fascismo ao poder não representaria a substituição ordinária do governo burguês composto à época da unificação italiana por outro, mas sim uma forma estatal da dominação de classe da burguesia, a chamada democracia burguesa, pela ditadura terrorista declarada [...] a ideologia fascista marca um dos pontos de colisão entre o imperialismo e a pequena-burguesia, deslocando a dominância clássica do jurídico-político na ideologia burguesa para o econômico-tecnocrático, inseparável no fascismo, do ressurgimento de uma ordem moral. A constituição do Estado corporativo adotado pelo fascismo seria a tentativa de efetivar o controle das massas, enquanto política de colaboração de classes. O propósito admitido seria de eliminação da luta de classes através da mobilização popular “de baixo para cima”, levando-a a colaboração. Estas brechas de passividade levaram à submissão do Estado, à organização do operariado em corporações⁶⁷⁴.

A revolução passiva surge para Gramsci através de suas análises sobre o *Risorgimento*, a unificação nacional italiana ocorrida no século XIX: “*o conceito de revolução passiva me parece exato não só para a Itália, mas também para os outros países que modernizaram o Estado através de uma série de reformas ou de guerras nacionais, sem passar pela revolução política de tipo radical-jacobino*”⁶⁷⁵. A revolução passiva não trata-se de uma superação da realidade, a antítese superando a tese, mas uma transformação cujo “*erro filosófico (de origem prática!) desta concepção consiste no seguinte: pressupõe-se 'mecanicamente' que, no processo dialético, a tese deva ser 'conservada' pela antítese a fim de não destruir o próprio processo, o qual, portanto, é 'previsto', como uma repetição ao infinito*”⁶⁷⁶. E para tanto, um dos expedientes históricos que a

⁶⁷²CODATO, A. N. “O golpe de 1964: luta de classes no Brasil – a propósito de 'Jango', de Silvio Tendler”. *Espaço Acadêmico*. n.º. 36. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/036/36ccodato.htm>, acessado em 15.04.11.

⁶⁷³GONÇALVES, R. J. M. “Antonio Gramsci, a revolução passiva e a história do Brasil”. In. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.G.; KOLING, P. J. (orgs.). *Anais do II simpósio de pesquisa Estado e Poder: a hegemonia em questão*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010. p. 319.

⁶⁷⁴CARNEIRO, M. R. da S. R. *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2007. p. 75.

⁶⁷⁵GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 209-210.

⁶⁷⁶GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 292.

revolução passiva exige é a “*decapitação do inimigo*”, através do transformismo: “*o adversário é dirigido moral e intelectualmente, o que implica numa hegemonia sobre a situação histórica, através da absorção gradual de seus inimigos, de seu transformismo*”⁶⁷⁷. Assim sendo:

Na luta, “os golpes não são dados de comum acordo”, e toda antítese deve necessariamente colocar-se como antagonista radical da tese, tendo mesmo o objetivo de destruí-la e substituí-la completamente. Conceber o desenvolvimento histórico como um jogo esportivo, com seu árbitro e suas normas preestabelecidas a serem lealmente respeitadas, é uma forma de história com uma meta predeterminada, na qual a ideologia não se funda sobre o conteúdo “político”, mas sobre a forma e o método da luta. É uma ideologia que tende a enfraquecer a antítese, a fragmentá-la numa longa série de momentos, isto é, reduzir a dialética a um processo de evolução reformista “restauração-revolução”, na qual apenas o segundo termo é válido, já que se trata de consertar continuamente (de fora) um organismo que não possui internamente os próprios motivos de saúde⁶⁷⁸.

A crise econômica, que desencadeou a ascensão global de projetos políticos de cunho fascista originou-se da crise da bolha imobiliária estadunidense, que estourou em 2008. Esta crise, tal quais as ocorridas no modo de produção capitalista, é resultado da superprodução de mercadorias, não de sua escassez. É uma crise gerada exatamente pelo bom funcionamento do sistema capitalista, surgida não por sinal no país hegemônico, os EUA – o que configura ser uma crise estrutural e não conjuntural (que teria origem em algum evento específico) e ainda encadeia uma série de outras crises. Segundo os membros do *Observatório internacional da crise*:

Desde o surgimento do capitalismo existiram crises cíclicas e periódicas, de menor ou maior intensidade, extensão e duração. Desta vez, no entanto, trata-se de uma crise nova, com características distintas; é uma crise mais extensa, profunda multidimensional e com alcance global. Nós nos referimos, mais que a outra crise cíclica do capitalismo, a uma grande crise estrutural no marco de uma “Crise da Civilização”, com o potencial de eventualmente redesenhar a geografia socioeconômica e a história planetária⁶⁷⁹.

Ela origina-se na crise creditícia e imobiliária dos EUA, especialmente no chamado mercado “subprime”, que graças à inadimplência corresponde a um nível mais arriscado de investimento, garantindo lucros para a empresa que oferece este tipo de crédito. Após a bolha da NASDAQ estourar o FED, para não diminuir o nível de investimentos financeiros, passou a diminuir os juros da economia interna (em 2003 chegaram a cair para 1% ao ano), permitindo o crescimento avassalador do mercado imobiliário – a demanda cresceu de maneira drástica, já que os financiamentos e, principalmente, as hipotecas acompanharam estas mesmas taxas. A hipoteca

⁶⁷⁷GONÇALVES, R. J. M. “Antonio Gramsci, a revolução passiva e a história do Brasil”. In. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.; KOLING, P. J. (orgs.). *Anais do II simpósio de pesquisa Estado e Poder: a hegemonia em questão*. op. cit. p. 317.

⁶⁷⁸GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 396.

⁶⁷⁹OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. “Introdução. A complexidade da crise atual”. In. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 11.

passou a ser a grande alavanca para o crédito, amplamente utilizado para aquecer o mercado interno de um modo geral e a necessidade de aumento da demanda não poderia excluir “grupos de risco” (os chamados “mau pagadores”), supostamente “resolvida” pelo recurso do “subprime”. Só a Fannie Mae e Freddie Mac (duas grandes hipotecárias estadunidenses) chegaram a deter quase metade dos doze trilhões de dólares em hipotecas do país. Em 2008, “4 em cada 5 hipotecas estão vendidas e só uma está com o credor original”⁶⁸⁰. Já no ano de 2005 estava constituída a bolha do setor:

[...] comprar uma casa (ou mais de uma) tornou-se um bom negócio, na expectativa de que a valorização dos imóveis fizesse da nova compra um investimento. Também cresceu a procura por novas hipotecas, a fim de usar o dinheiro do financiamento para quitar dívidas e, também, gastar (mais) [...] Em busca de rendimentos maiores, gestores de fundos e bancos compram esses títulos "subprime" das instituições que fizeram o primeiro empréstimo e permitem que uma nova quantia em dinheiro seja novamente emprestada, antes mesmo do primeiro empréstimo ser pago. Também interessado em lucrar, um segundo gestor pode comprar o título adquirido pelo primeiro, e assim por diante, gerando uma cadeia de venda de títulos⁶⁸¹.

Isto significa que quando a dívida inicial (a hipoteca) não consegue ser paga, gera um ciclo em cascata de não pagamentos, o que termina por criar uma crise de liquidez, de retração de crédito. Isto ocorreu quando o FED, a partir de 2005 passou a aumentar os juros, e junto aumentando a inadimplência, derrubando os preços dos títulos imobiliários – forçando empresas e pessoas a buscar retirar dinheiro para o consumo em vez de consumir e investir através do crédito. Os bancos, sem dinheiro suficiente para cobrir estas retiradas buscam crédito, só que com este restrito, devidos aos juros, o mercado financeiro não consegue garantir estas retiradas (mesmo no funcionamento “normal” do mercado os bancos trabalham com cerca de 1/3 de lastro para a retirada dos fundos de seus clientes). Então é

[...] quando entram os Bancos Centrais, injetando dinheiro a juros baixos para garantir dinheiro no caixa dos bancos. Se isso não resolver, a solução é abrir falência (e sim, se você tivesse dinheiro lá ele simplesmente sumiria) ou tentar que alguém compre o banco e garanta dinheiro no caixa. Diversos bancos tradicionais acabam sendo incorporados por outros ainda maiores, numa tentativa de evitar uma quebradeira e, pior, uma crise de confiança, aonde todos iriam aos seus bancos retirar seus dinheiros e aí todos os bancos quebrariam de uma só vez⁶⁸².

Este investimento significa o aumento da dívida pública (a socialização da dívida), mas que não foi capaz de promover a revigoração da economia (vários países capitalistas centrais, como veremos adiante, praticamente faliram). Nos EUA, o investimento produtivo, “diminuiu 24% desde

⁶⁸⁰SOARES, E. P. G. *Entenda a crise da economia dos EUA e sua extensão*. 01.10.08. Disponível em <http://www.umavisaodomundo.com/2008/10/entenda-crise-economia-eua.html>, acessado em 14.01.12.

⁶⁸¹FOLHA ONLINE. “Entenda a crise hipotecária que atinge a economia dos EUA”. *Folha de S. Paulo*. 11.07.08. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u421556.shtml>, acessado em 14.01.12.

⁶⁸²SOARES, E. P. G. *Entenda a crise da economia dos EUA e sua extensão*. 01.10.08. op. cit.

o final de 2007, o que provocou um aumento do desemprego e afetou a renda. As dívidas sem capacidade de pagamento e a queda da renda implicam uma contração generalizada da demanda. A crise da economia real, em outras palavras tornou-se evidente”⁶⁸³. Segundo edição da “Folha S. Paulo” de onze de julho de 2008:

Em setembro do ano passado, o BNP Paribas Investment Partners – divisão do banco francês BNP Paribas – congelou cerca de 2 bilhões de euros dos fundos Parvest Dynamic ABS, o BNP Paribas ABS Euribor e o BNP Paribas ABS Eonia, citando preocupações sobre o setor de crédito “subprime” (de maior risco) nos EUA. Segundo o banco, os três fundos tiveram suas negociações suspensas por não ser possível avaliá-los com precisão, devido aos problemas no mercado de crédito “subprime” nos EUA. Depois dessa medida, o mercado imobiliário passou a reagir em pânico e algumas das principais empresas de financiamento imobiliário passaram a sofrer os efeitos da retração; a American Home Mortgage (AHM), uma das 10 maiores empresa do setor de crédito imobiliário e hipotecas dos EUA, pediu concordata. Outra das principais empresas do setor de financiamento imobiliário nos EUA, a Countrywide Financial, registrou prejuízos decorrentes da crise e foi comprada pelo Bank of America. A Countrywide responde por cerca de um quinto de todas as hipotecas nos EUA e foi uma das instituições mais atingidas pela crise das hipotecas “subprime”. O choque da crise chega agora a colocar em risco as duas gigantes americanas do setor hipotecário, Fannie Mae e Freddie Mac. Ambas contam com o respaldo do governo – que pode ter de intervir e assumir o comando de ambas, caso a situação financeira delas se agrave, segundo o diário americano “The New York Times” (“NYT”). As ações chegaram a cair cerca de 40% [...] as duas empresas têm cerca de US\$ 5 trilhões em débitos assegurados. Se as duas empresas ficarem impedidas de obter novos empréstimos – devido ao temor de que caíam em “default” (inadimplência) –, ficariam impedidas também de adquirir hipotecas de outras companhias do setor⁶⁸⁴.

Desta “crise de confiança”, na verdade, a incapacidade das financeiras gerirem os títulos que perderam seu valor (ou melhor, a capacidade de imporem a necessidade da extração acelerada de mais valia para cobrir o “lucro” que supostamente gerariam sozinhos) os Estados nacionais aparecem como elementos cruciais para salvar o sistema. Os EUA aprovaram um pacote de setecentos bilhões de dólares para comprar os ativos “podres” relacionados a hipotecas dos bancos e financeiras. O FED ofereceu seiscentos bilhões de dólares para dívidas relacionadas às hipotecas e mais duzentos bilhões para incentivar a oferta de crédito para o consumo. A Casa Branca ofereceu dezessete bilhões e quatrocentos milhões de dólares para empréstimos emergenciais, o *Programa de Alívio para Ativos Problemáticos*, especialmente para a indústria automobilística. Barack Obama complementou estas ações com programa de setecentos e oitenta e sete bilhões de dólares, visando especialmente conter a onda de desemprego (este pacote visaria criar três milhões e meio de

⁶⁸³OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. “Introdução. A complexidade da crise atual”. In. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 11.

⁶⁸⁴FOLHA ONLINE. “Entenda a crise hipotecária que atinge a economia dos EUA”. *Folha de S. Paulo*. 11.07.08. op. cit.

empregos)⁶⁸⁵.

Mas nem todos os países do mundo contavam com esta capacidade de endividamento, sendo que os primeiros a sentirem de maneira incisiva a crise “real” foram Irlanda, Grécia e Portugal. Estes países endividaram-se pesadamente nos últimos dez anos, montante da dívida que fez mingüarem possíveis novos empréstimos. Ao mesmo tempo estes países não podem simplesmente declarar moratória porque estão atrelados a acordos com a União Européia e com o Banco Central Europeu, que mantém as taxas de juros pagas pelos governos da zona do euro baixas, supostamente sob a condição que proveriam recursos e apoio aos países da região, evitando exatamente calotes. A moratória destes países iria aumentar os custos dos empréstimos feitos pelos países menores da União Européia, que já encontram-se em dificuldades para manter o pagamento de suas dívidas externas. Os bancos que são credores destes países entrariam em sérios problemas de solvência, abrindo intervenção e necessitando de salvamento por parte das instituições financeiras supranacionais⁶⁸⁶. As exigências para os empréstimos para estes países, aprofundando a expropriação de direitos sociais e o desmonte do Estado, trouxeram consequências sociais graves para estes países, estando a Grécia em situação de quase guerra civil desde então⁶⁸⁷.

No Brasil, desde o momento da quebra do Lehman Brothers, existiram vários investimentos do Estado visando absorver “seu cadinho” na crise: a liberação de quase meio trilhão de dólares no sistema financeiro, especialmente através dos compulsórios adicionais (visando fortalecer o sistema bancário e financeiro nacional através da centralização das carteiras de créditos nas maiores empresas do setor). O mercado financeiro ainda contou com o Banco Central como fiador para a proteção cambial, pela venda de dólares para o mercado futuro (o chamado “*swap*” cambial). Ampliaram a liberação de crédito sob formas de empréstimo para as grandes empresas e para o agronegócio, sendo que a parcela exportadora destes ainda passou a contar com a garantia de dólares para o comércio, através do BNDES, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. A agricultura, a construção civil e o investimento em infraestrutura receberam crédito de quase cinquenta bilhões de reais (isso descontando a liberação de crédito para investimentos futuros, como para as Olimpíadas ou a Copa do Mundo). O crédito ao consumidor individual é elevado para dez mil reais, com o governo subsidiando compra de eletrodomésticos e automóveis, através da diminuição do Imposto sobre Produtos Industrializados. Segundo Leda Maria Paulani:

Os impactos pelo lado real têm chegado aos poucos e têm vindo principalmente da

⁶⁸⁵ESTADÃO.COM.BR. “Como o mundo reage à crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.10.08 atualizado em 08.06.09. Disponível em <http://www.estadao.com.br/especiais/como-o-mundo-reage-a-crise,32895.htm>, acessado em 18.01.12.

⁶⁸⁶BBC.BRASIL. “Entenda a crise na Grécia e suas implicações”. *BBC.Brasil*. 29.07.11. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110616_entenda_crisegrega_pai.shtml, acessado em 14.01.12.

⁶⁸⁷Ver DANTAS, G. “O desequilíbrio econômico na Grécia, as rebeliões operárias e os limites da atual política anticrise”. *Antítese*. n.º. 8. Goiânia: CEPEC, 2010. p. 79-91.

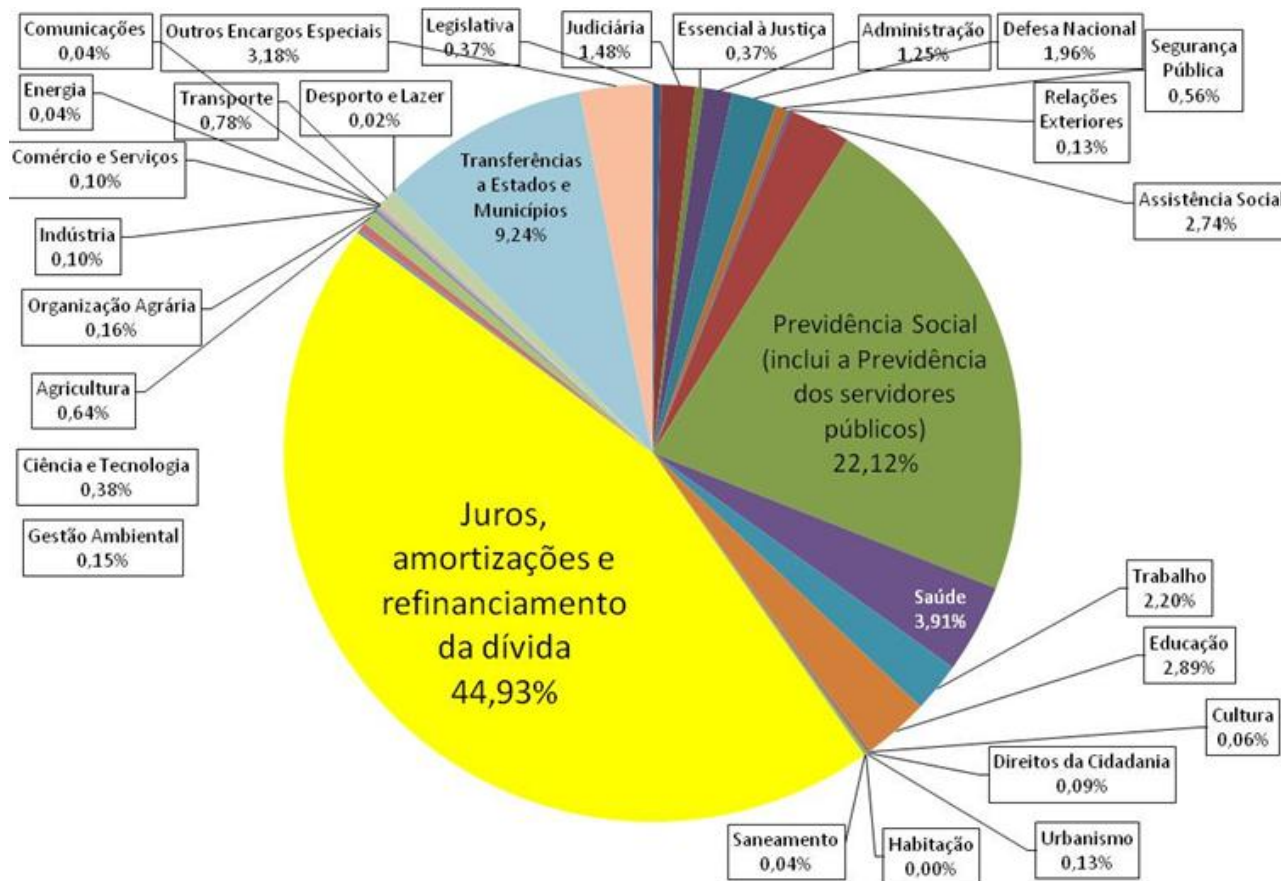
deterioração das expectativas, que poderão reverter os indicadores relativos à formação bruta de capital fixo (ou seja, investimento) que, a duras penas, estavam se recuperando, depois de duas décadas de estagnação. Os investimentos governamentais como o PAC e o pacote habitacional poderão substituir em parte o investimento privado, mas dificilmente serão suficientes para compensar a redução deste último. Do lado do consumo, o crédito não foi tão afetado, apesar de certa retração no início, particularmente no que tange a financiamento de bens de alto valor, como automóveis [...] A manutenção do nível de consumo tem feito que o Brasil seja visto hoje como o paraíso das multinacionais, pois, dado o tamanho do mercado interno brasileiro e a já famosa engorda da classe C (20 milhões a mais de pessoas com renda para consumir alguma coisa além do essencial), nossa economia tem sido vista como uma alternativa de obtenção de lucros num mundo em retração. O grande problema é que o consumo não tem dinamismo para puxar a economia, como o tem o investimento, e consumo puxado por crédito não é sustentável no longo prazo, como nos mostra o espelho americano. Esse arranjo macroeconômico, em que o investimento está novamente ameaçado de reversão e em que um consumo puxado por crédito aparece como o elemento dinâmico, está de forma evidente completamente invertido, mas é um arranjo típico de um processo de acumulação em que a finança está no comando, fomentando o crescimento de riqueza fictícia⁶⁸⁸.

Estas séries de medidas, além de diversas complementações nos quatro anos seguintes cumprem manter o país em uma posição de enfrentar a crise. Mas como visto todas as medidas dão conta de investimentos diretos do Estado na economia, sem nenhum controle ou garantia acerca destes, já que feitos através de empréstimos, crédito e abono fiscal. O país com isto acaba por aprofundar o processo de monopolização da economia em torno de conglomerados brasileiros transnacionais, mantendo os lucros recordes dos bancos privados no país e garantindo o pagamento dos juros das dívidas externa e interna (foram emitidos mais de 180 bilhões em títulos da dívida interna para os financiamentos do BNDES entre 2009 e 2010) graças a cortes em setores sociais (o que resultou em superávits recordes seguidos)⁶⁸⁹. O gráfico seguinte, elaborado pela Auditoria Cidadã da Dívida, nos mostra orçamento do Estado brasileiro, de um trilhão e quatrocentos e quatorze bilhões de reais, executado em 2010:

⁶⁸⁸PAULANI, L. M. “A crise do regime de acumulação com dominância da valorização financeira e a situação do Brasil”. *Estudos Avançados*. n.º. 66. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a03v2366.pdf>, acessado em 15.01.12.

⁶⁸⁹ESTADÃO.COM.BR. “As medidas do Brasil contra a crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.04.09. Disponível em <http://www.estadao.com.br/especiais/as-medidas-do-brasil-contr-a-cri-se,54143.htm>, acessado em 14.01.12.

FIGURA 5: Orçamento Geral da União executado em 2010 (inclui “refinanciamentos” da dívida):



FONTE: SIAFI. Banco de dados (execução do Orçamento da União). Disponível em <http://www.camara.gov.br/internet/orcament/bd/exe2010mdb.EXE>, acessado em 13.10.11. Elaboração: Auditoria Cidadã da Dívida.

Como visto, embora esta crise ainda esteja desdobrando-se os Estados nacionais dos países capitalistas avançados colocaram-se como fiadores últimos do sistema econômico como encontra-se, a declaração que determinados conglomerados financeiros privados são “grandes demais para quebrar” os tornou praticamente invulneráveis. O capital-imperialismo continua em ofensiva:

Mas os bancos e seu comportamento irresponsável e fraudulento foram os responsáveis pela crise na economia real. Com efeito, em vez de ajudar a recuperar essa economia, eles voltaram a economia de cassino, com o que provocaram ainda mais danos em quase todos os espaços econômicos mundiais. As intervenções de salvamento dos grandes bancos, em outras palavras, em vez de trazer uma solução para a economia real, estimularam que se continuasse a fazer mais do mesmo: a acumulação do capital fictício às custas do capital real. Com isso aumentou a volatilidade no sistema econômico mundial: daí a crescente acentuação da incerteza econômica social e política⁶⁹⁰.

Neste contexto, fica claro que fascismo possui uma função específica dentro do capitalismo, que é necessário ao capital, servindo como linha última para a sua reprodução em casos de crise,

⁶⁹⁰OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. “Introdução. A complexidade da crise atual”. In. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 13.

mas que não seriam capazes de manter-se como opções, caso não se transformassem para continuarem os mesmos.

6.1. A continuidade fascista no século XX:

Durante o século XX existiram mudanças, tanto no campo político quanto no campo econômico, que alteraram as características do fascismo (que do mesmo modo, irão mudar em cada formação social), o que significa, ao contrário do que diversas escolas compreendem, que o fascismo não pode ser simplificado em torno de uma metodologia organizativa, marcada, por exemplo, pela disciplina em torno de um líder carismático, por suas características paramilitares, etc. Estes elementos são importantes em sua caracterização, para identificar as experiências fascistas, mas não possuem capacidade explicativa do fenômeno, sendo que o sentido descritivo é típico de uma leitura liberal, que, como já discutido, acaba por trancafiar o conceito às experiências clássicas. Embora existam diversas leituras críticas que o corroborem neste sentido⁶⁹¹, ou ainda tentem “complementar” o conceito com adjetivos⁶⁹², o que estas leituras negam são as transformações exigidas pelas mudanças qualitativas do capital e suas superestruturas, numa interpretação que acaba por nos trazer à tona a conhecida tese das “ideias fora do lugar”, deslocando as funções do fascismo em relação às continuidades existentes no desenvolvimento do capitalismo no século XX, especialmente: o caráter nacional-estatal da reprodução da contradição capital-trabalho. Além de ignorar o encapsulamento das lutas proletária às formações sociais, ou mais especificamente a derrota do internacionalismo proletário pelo cosmopolitismo burguês⁶⁹³ durante a segunda metade daquele século. Como afirma Fontes:

O ano de 1968 expressou, de forma difusa, a emergência do descompasso entre a intensificação da internacionalização do capital, com seus efeitos sociais múltiplos, e o empenho em manter encapsuladas as lutas sociais em âmbito nacional ou mesmo subnacional. Irrompiam então reivindicações cujo escopo somente faria plenamente sentido num contexto internacional de lutas de classes de teor anticapitalista, pois não eram mais solúveis ou solucionáveis nos âmbitos nacionais. Mais além, o pós 1968 demonstraria que mesmo as lutas mais árduas e mobilizadoras, se isoladas e reduzidas ao nível infranacional ou nacional, se converteriam em processos adaptativos, reforçando o cosmopolitismo já em curso, chegando mesmo a denunciar o internacionalismo como nefasto. O aspecto revolucionário de 1968 reside menos no que efetivou concretamente em cada país e mais na exigência de internacionalização que vislumbrou, mesmo sem conseguir elaborar um novo formato popular, apto a associar diferentes dinâmicas nacionais, em face da

⁶⁹¹BORON, A. “El fascismo como categoria histórica: en torno del problema de las dictaduras en América Latina”. *Revista Mexicana de Sociología*. n.º. 2, abril-junho, 1977.

⁶⁹²SANTOS, T. dos. “Socialismo y fascismo en América Latina hoy”. *Revista Mexicana de Sociología*. n.º. 1, janeiro-março, 1977.

⁶⁹³FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. op. cit. p. 176-191.

internacionalização acelerada do capital. A resultante contrarrevolucionária residiu no reencapsulamento de enorme volume de reivindicações sociais claramente insolúveis – mas inelimináveis – em âmbitos cada vez mais estreitos, ao lado de sua expressão cosmopolita através de agências internacionais garantidoras da ordem⁶⁹⁴.

Temos de entender o fascismo dentro dos limites nacionais estatais, através da necessidade de subjugar e quebrar o espírito combativo da classe operária, seja quando esta oferece perigo real a ordem burguesa, seja quando as necessidades da reprodução do capital-imperialismo exigem uma ofensiva sobre os trabalhadores, suas organizações e suas conquistas, exigindo então a cooptação de suas lideranças e o transformismo de suas instâncias de organização e resistência. Como entende Calil, é importante inquirir que “dentre as características em comum definidoras dos movimentos fascistas destacam-se sua composição social, sua forma de estruturação interna e a ideologia adotada”⁶⁹⁵.

As grandes mudanças dos movimentos fascistas talvez girem em torno do seu entendimento da necessidade do espectro fascista na ação – somente os grupos menores e geralmente identificados com os fascismos clássicos assinalam a necessidade de um partido único; do papel do Estado, tornado mínimo, ou quando no máximo, em função do acirramento da luta de classes, acompanhando a resistência de alguns setores às reformas ultra liberais, defendendo a garantia de alguns direitos assegurados pelo Estado (caso da Frente Nacional francesa na eleição de 2012); da estrutura partidária, que mesmo sendo altamente centralizado em torno de lideranças específicas, ele não assume mais o caráter metodológico organizativo, e mesmo simbólicos, dos partidos fascistas clássicos. Estes passam a formar redes extrapartidárias, e como no caso do movimento fascista estadunidense *Tea Party*, células relativamente autônomas, evitando assim tanto sua marginalização, quanto possibilitando a ação direta das milícias sem que com isso a organização como um todo seja colocada em semilegalidade; também como resultante desta descentralização possibilitam iniciativas criativas de organização e cooptação de militantes, concretizado como exemplo maior o uso ostensivo da internet para a atuação política (não só para propaganda, para a disseminação ideológica, mas como instância organizativa, de cooptação, formação e confronto ideológico). Assinalando que

uma questão importante, como ressalta Antonio Edmilson Rodrigues, é *“ter sempre presente a diferença entre o fascismo na oposição e o fascismo no poder”*. Diversas características que marcaram a trajetória dos movimentos fascistas foram completamente abandonadas quando de sua ascensão ao poder, particularmente seu discurso anticapitalista e sua denúncia do grande capital. Todos os processos históricos concretos de ascensão do fascismo ao poder foram precedidos por um compromisso entre os movimentos fascistas e o grande capital monopolista, abandonando-se qualquer discurso ou prática de questionamento ao capitalismo.

⁶⁹⁴FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. op. cit. p. 176-177.

⁶⁹⁵CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 152. Grifos nossos.

Assim, também no caso de movimentos fascistas que não ascenderam ao poder, é necessário analisar com muito cuidado suas proposições pretensamente anticapitalistas, tendo em vista que não é possível cotejá-las a uma prática efetiva de governo⁶⁹⁶.

Iremos então, pontuar alguns partidos e seus desenvolvimentos na segunda metade do século XX. Posteriormente iremos mapear os partidos europeus e discutir um pouco sua ascensão desde a década de 80, e nos EUA o já citado *Tea Party*, o qual trataremos um pouco mais a fundo, dada a solidariedade manifesta pelo MSM e de seus leitores a este. Entenderemos estes partidos através de suas três “ondas” históricas, como indicado por Jean-Yves Camus⁶⁹⁷. A primeira onda histórica seria a do fascismo clássico, que já delineamos ideologicamente. A segunda onda corresponde aos fascismos do Pós-Guerra, ou seja, o movimento de transformação exigido aos partidos e regimes (Portugal e Espanha) para sua manutenção, assinalando duas de suas maiores mudanças ideológicas: o abandono do corporativismo, típico da primeira onda, e a justificativa maior de sua existência marcada pelo anticomunismo preventivo, ou seja, a defesa de um modelo democrático altamente formal e restritivo, dentro da conjuntura geopolítica da Guerra Fria (o *Tea Party* remete sua origem a esta onda, cujo expoente naquele país foi o movimento macarthista). A terceira onda ocorre durante e após os anos oitenta, quando os partidos fascistas passam a assumir um projeto econômico ultraliberal, assumindo uma postura de defesa “cultural” de cunho xenófobo. Embora estas peculiaridades assumam um formato “geracional” na prática isto não ocorre, pois, grupos com distintas características (assinaladas simplificadaamente através das ondas) afloram no espectro fascista dentro de uma mesma temporalidade histórica. Em especial na contemporaneidade, cabendo a cada um destes grupos a atuação em uma frente específica, como compreendido por Jefferson Barbosa⁶⁹⁸, seja através de gangues, de grupos políticos como associações civis ou partidos formais. Cada um destes formatos, ou eixos, pode reivindicar descendência direta de qualquer uma das ondas, mas o modelo mais recorrente sendo o das gangues, milícias e grupos isolados reivindicando a primeira onda; e dos partidos (formais ou não) entre a segunda e terceira onda.

Konder trabalha com o movimento de Pós-Guerra, onde mal acabada a guerra, nos países que continuaram capitalistas, existiu uma rápida reorganização dos partidos e regimes fascistas, tendo como suas principais características ideológicas o abandono do corporativismo (relativo, como em Portugal) como modo de organização estatal e a “elevação” do anticomunismo à sua tônica principal graças à conjuntura geopolítica. Estes partidos e regimes foram tomados como

⁶⁹⁶CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 151.

⁶⁹⁷CAMUS, J-Y. “Metamorfoses políticas na Europa”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. Disponível em <http://diplo.org.br/2002-05,a299>, acessado em 10.05.11.

⁶⁹⁸BARBOSA, J. R. “Entre milícias e militantes (III): skinheads nacional-socialistas e integralistas e os “carecas do subúrbio”. *Passapalavra*. 07.05.09. Disponível em <http://passapalavra.info/?p=6041>, acessado em 03.05.11.

inimigos “aceitáveis”, redimidos teoricamente com a benção dos EUA e da Inglaterra, seja através da instituição oficial do conceito de “totalitarismo”, seja como no caso alemão, onde, “*aos poucos, os estadunidenses começaram a deixar claro que não pretendiam se empenhar, na parte ocidental da Alemanha, numa política de 'desnazificação' tão radical como aquela que os soviéticos promoviam na parte oriental do país*”⁶⁹⁹. Em relação aos regimes sobreviventes, Portugal e Espanha:

Terminada a guerra, em 1945, derrotados Hitler e Mussolini, Salazar e Franco puseram-se imediatamente a manobrar no sentido de assegurar a sobrevivência de seus respectivos regimes, aproveitando-se do fato de não se terem envolvido na guerra. Salazar rebatizou seu “Estado novo” como “democracia orgânica”, dispôs-se a encenar a farsa das eleições políticas no seu país e conseguiu em 1949 ingressar na Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), recebendo ajuda estadunidense de mais de 50 milhões de dólares, então, através do Plano Marshall. Para Franco, as coisas não eram tão fáceis: por força de suas ligações com o *Duce* e o *Fuehrer*, ele se viu, no final da guerra, isolado e submetido a um bloqueio por parte da maioria dos países que integravam a ONU. Mas em outubro de 1950, os Estados Unidos conseguiram da ONU uma resolução que suspendia o bloqueio e, em setembro de 1953, firmaram com Franco um acordo que lhes permitiu construir bases militares em território espanhol⁷⁰⁰.

Nos países envolvidos diretamente na guerra, já em 1945 na Itália, diversos remanescentes fascistas organizavam-se no Partido do homem comum (*Uomo Qualunque*), de Guglielmo Giannini, que apesar da vida efêmera, chegou a receber 1,2 milhão de votos em 1946, nas eleições para a Assembleia Constituinte. Mas o partido remanescente que se afirmou foi o Movimento Sociale Italiano (MSI), que em 1972, em coligação, “*obteve quase três milhões de votos nas eleições parlamentares italianas*”⁷⁰¹. Ele unificou ex integrantes do Partido Fascista, exibindo um saudosismo nacionalista, e justificando seu resgate de Mussolini através da interpretação deste como administrador e atribuindo-lhe responsabilidade direta pela constituição da unidade nacional italiana. Para Francisco Carlos da Silva:

O fascismo propriamente dito, enquanto movimento político de características próprias, era visto como algo secundário, dispensável ao modelo de estado forte e do anti-comunismo militante. Os males infligidos à Itália surgiam como conseqüências da associação com a Alemanha hitlerista, que havia arrastado o país para o desastre. A carreira inicial do fascismo, com a violência política, a supressão das liberdades, atentados e assassinatos era, pura e simplesmente, reescrita. Assim, ao longo de todo o período do pós-guerra o MSI jamais apareceu como uma alternativa válida de poder, nem mesmo quando a Democracia-Cristã via suas instáveis coligações ameaçadas de naufrágio. Mais tarde, a guinada euro-comunista do PCI, sob Enrico Berlinguer, e a proposição do “Compromisso Histórico”, reduziriam à migalhas qualquer pretensão governativa do MSI, uma vez que o próprio PCI impunha-se como possibilidade de estabilidade governativa para a Itália. Talvez aí resida a

⁶⁹⁹KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 110.

⁷⁰⁰Idem. 131-132.

⁷⁰¹Ibidem. p. 157.

explicação básica do fermento putschista da extrema-direita italiana, com seus contatos com as Forças Armadas e os serviços especiais do Estado italiano (somente aos poucos novos dados tem sido revelados)⁷⁰².

Na Alemanha, na parte ocupada pelos EUA, em 1946 criou-se o Partido da Direita Alemã (*Deutsche Rechtspartei*), baseando-se em “*fórmulas enfaticamente cristãs*”. Mesmo tendo sua primeira vitória eleitoral anulada, em Wolfsburg, o partido “*dirigido por Adolf von Thadden, sobreviveu a várias crises e sofreu forte concorrência por parte de outras organizações de extrema-direita, que o acusavam de ser muito 'conciliador'*”. Em 1964, o mesmo von Thadden, em um congresso realizado em Hannover promoveu a fusão de várias agremiações de direita, formando o Partido Nacional Democrático da Alemanha (*Nationaldemokratische Partei Deutschlands*). Mas como Konder assinala, “*ninguém se ilude, todos percebem o artifício, imposto pelas circunstâncias da época atual. O desgaste sofrido pelo fascio littorio e pela cruz gamada em 1945 desaconselha a exumação de tais símbolos*”, do mesmo modo que “*a gesticulação frenética de Hitler e Mussolini não teria agora a mesma eficácia que teve há 40 anos, seus discípulos se empenham na busca de um estilo novo, mais 'sóbrio', mais 'tecnocrático'*”⁷⁰³. O NPD justificava-se politicamente pela necessidade política do anticomunismo na Alemanha Ocidental, e tinha como objetivo mobilizar politicamente as “*quase três milhões de pessoas, expulsas de seus lares nos antigos territórios das antigas províncias alemãs da Prússia Oriental (anexados à Polônia e à URSS)*”, propondo para tanto “*a revisão dos Acordos de Yalta e Potsdam*”. Em 1968 “*a Corte de Justiça de Hannover declarava o NPD um partido contrário à Lei Básica (a constituição) federal*” e no mesmo ano, “*a Corte Superior de Celle declarava o mesmo partido '... atuantemente inimigo, antidemocrático, neonazista, radical de direita e (...) através de [sua] defesa das idéias nazistas constitui-se em inimigo da ordem democrática'*”⁷⁰⁴.

Estes partidos não cresceram a ponto de englobar todos os antigos fascistas, pelo contrário, “*em sua maioria, aliás, os fascistas mais inteligentes preferiram, na Alemanha, renunciar à militância em organizações demasiado presas ao modelo fascistas 'clássico': muitos deles ingressaram em partidos conservadores 'respeitáveis'*”, mantendo seus velhos ideais, mas mudando seus métodos para tanto. Os mesmos partidos, que ao tomarem as massas antes pertencentes aos partidos fascistas abriram “*caminho para uma assimilação de certos aspectos essenciais do fascismo por parte do conservadorismo tradicional*”. Assim, “*para ser efetivamente 'assimilado', o fascismo precisava deixar-se 'transformar', renunciando ao que nele se mostrava 'superado'; e, para conseguir 'assimilar' verdadeiramente as energias do fascismo, o conservadorismo tradicional*

⁷⁰²SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. Disponível em http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=34, acessado em 04.07.2011.

⁷⁰³KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 158.

⁷⁰⁴SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. op. cit.

era levado a se 'fascistizar', dentro de certos limites"⁷⁰⁵. Limites determinados pelas relações de força dentro de cada formação social. Estas

[...] exigências de flexibilidade ligadas a esse processo proporcionaram certa "reabilitação" para determinadas formas "impuras" de fascismo, como o regime de Dolfuss, na Áustria, o regime de Franco, na Espanha, e o regime de Salazar, em Portugal. O ecletismo característico desses três regimes levava os analistas do fascismo a desprezá-los, a encará-los como meros produtos de circunstâncias regionais, ignorando as implicações universais (ou, melhor dito: histórico-mundiais) que eles tinham⁷⁰⁶.

Do mesmo modo este movimento ocorreu no Brasil, onde os integralistas seguiram de perto este desenrolar ocorrido na Europa, mas onde "para Salgado, o ingresso em um partido conservador 'respeitável' não era uma opção viável, tendo em vista que no interior de um partido burguês tradicional não poderia manter sua posição como 'Chefe' dos integralistas, da qual não estava disposto a abrir mão", estes tiveram de transformar-se ideologicamente buscando "apresentar o próprio integralismo como uma doutrina conservadora 'respeitável', tornando-a aceitável para a classe dominante, enquanto instrumento para o cumprimento de uma função particular, fundamentalmente voltada à mobilização anticomunista"⁷⁰⁷. Isto culminou na formação do Partido de Representação Popular:

De fato, o integralismo passou por um processo de reformulação significativa, modificando sua estratégia, na medida em que, constrangido pelos condicionantes externos – internacionais e nacionais –, deixou de se organizar voltado para a tomada imediata do poder e reformulação radical dos mecanismos de imposição da ordem burguesa, segundo uma perspectiva fascista. É importante tornar claro, no entanto, que esta modificação não implicou em abandono dos elementos centrais da ideologia integralista, mas apenas na opção por uma estratégia de afirmação progressiva desta ideologia, sem descartar o retorno à estratégia anterior, caso a conjuntura política o permitisse. De fato, parece evidente que mais do que uma opção, esta reformulação apresentava-se como única possibilidade para a reestruturação do movimento integralista no contexto de completo descrédito das ideologias e movimentos fascistas, no imediato pós-guerra⁷⁰⁸.

O PRP durou até inícios da ditadura, quando seus líderes, Salgado à frente, em uma adequação conflituosa acabaram dissolver-se na ARENA. "A extinção dos partidos políticos enterrou definitivamente a perspectiva de uma intervenção autônoma, consolidando a subordinação dos integralistas aos grupos conservadores de direita que constituíam a base de sustentação do governo militar e controlavam a ARENA", para através daí tentarem constituir posições mais autônomas, que "não prosperaram e foram derrotadas, levando ao progressivo

⁷⁰⁵KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 159-162.

⁷⁰⁶Idem. p. 162.

⁷⁰⁷CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 197-198.

⁷⁰⁸Idem. p. 794-795.

*enfraquecimento do movimento, consolidado com o afastamento de Salgado da Câmara, no final de 1974 e seu falecimento no ano seguinte*⁷⁰⁹. Sua dissolução, e o abandono de sua base partidária e militante, seguido pela morte de Salgado, acabaram por inviabilizar qualquer reorganização ampla por parte dos integralistas durante o processo de abertura. Se no Pós-Guerra o corporativismo foi execrado da cena política, naquele momento nenhuma agremiação que visasse defender a ditadura abertamente teria grandes possibilidades concretas de articulação:

Com a entrada dos anos 80 tentou-se a reorganização em formas de associações que pretendiam reviver a antiga prática integralista de doutrinação por encontros e cursos específicos. Dentre estes, o mais importante na reorganização do integralismo foi o Centro Cultural Plínio Salgado, localizado em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Seu fundador e mantenedor era o advogado Arcy Lopes Estella [...] Durante a segunda metade da década de 1990, Arcy manteve viva a idéia de união do movimento, organizando em sua caderneta a rede de contato dos que defendiam a permanência da memória integralista, desde velhos a novíssimos militantes. Alguns grupos nacionalistas, mas não necessariamente seguidores diretos do integralismo também freqüentavam o Centro Cultural Plínio Salgado. Alguns deles pertencem ao movimento “Carecas do Rio”. Atualmente, este grupo mantém estreita ligação com o movimento considerando-se parte dele, mas com certa independência em relação aos três grupos mais expressivos, a Frente Integralista Brasileira (FIB), o Movimento Integralista Linearista do Brasil (MIL-B) e a Ação Integralista Revolucionária (AIR) [...] Os debates principais, justamente se davam e ainda se dão sobre o modo de reorganização do movimento. Alguns apóiam a reorganização como Partido, outros defendem que a essência integralista é antipartidária, pois a existência de partido faz parte da essência da democracia liberal que abominam⁷¹⁰.

As “dificuldades” encontradas pelos integralistas neste novo momento democrático sem dúvida ocorrem por assumirem a “herança” direta do integralismo clássico, de primeira onda, com vários membros inclusive rejeitando ou tentando minimizar o papel do PRP na história integralista. Identificavam-se pelo resgate de uma “essência pura” integralista, retomando diretamente e, assinalemos, sem lá grandes mediações intelectuais, a doutrina da década de 30. Deste modo, não se identificando com os grupos “transformados”, isolando-se politicamente em pequenos grupos vanguardistas de ação direta, com características paramilitares, embora sejam poucos, mas não menos grave, os casos confirmados de formação de milícias (como no interior de São Paulo). Dentre o espectro fascista aproximam-se de grupos como skinheads:

Os militantes de organizações portadoras de ideologias de extrema-direita apresentam em sua práxis política a afirmação dos valores conservadores de princípios de conduta social, sexual e familiar, o repúdio das concepções políticas igualitárias e, elemento distintivo maior, o chauvinismo como paradigma político. Estes valores norteiam, por exemplo, os “Carecas do ABC” e “Carecas do Subúrbio”

⁷⁰⁹CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 697.

⁷¹⁰BARBOSA, J. R. “Ideologia e intolerância: a extrema direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do eixo”. *Aurora*. n.º. 2. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/aurora_dossie_01.pdf, acessado em 04.07.2011.

em suas ações de violência contra *punks*, roqueiros, homossexuais, emos e, no embate político direto, marxistas ou anarquistas. Já o paradigma racial de cunho nazista está presente em neonazistas e nacional-socialistas. Os fenômenos políticos das manifestações contemporâneas de extrema-direita representam bricolagens que precisam ser analisadas através de fontes de pesquisa diversas, para considerar os elementos comuns e as diferenciações presentes entre *skinheads* e grupos políticos da extrema-direita tradicional e contemporânea, marcados pelos seus caracteres atípicos em relação às formas de organização e pressupostos ideológicos dos grupos chauvinistas tradicionais, herdeiros da insanidade das antigas “Potências do Eixo”⁷¹¹.

Como Barbosa nos indica, “a atuação dos movimentos e partidos políticos de extrema-direita é complexa; estes estão atuantes desde o início do século XX, em diversos países, ganhando configurações e perfis distintos em cada época histórica”, sendo que seu espectro de atuação é largo, abrangendo “das gangs *skinheads*, ou através de grupos políticos institucionalizados como associações civis, sem registro partidário, como os grupos integralistas contemporâneos ou como, até há pouco tempo, os nacional-socialistas brasileiros do PNSB”, além das “organizações que atuam ou atuavam até recentemente nas instituições representativas. Um exemplo é o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) que já elegeu diversos deputados federais e estaduais no Brasil” ou “o do Partido Nacional Renovador de Portugal e a Frente Nacional da França, esta popularizada por Jean-Marie Le Pen”. Pluralidade de organizações e manifestações políticas que unificam-se através do “discurso por uma ordem social estabelecida em critérios morais e de higienização social sob as bandeiras do nacionalismo chauvinista, do anticomunismo, do antiliberalismo e da intolerância, em oposição àqueles que não compartilham com seus valores”⁷¹².

Do mesmo modo não podemos ingenuamente deixar de destacar que o partido formal, ou informal, deixa de agir através de gangues e milícias, como se todo o espectro fosse unificado somente por suas confluências ideológicas, deixando de lado a questão da relacionalidade organizativa, que pode “destacar” do um partido sua milícia – em especial no que referem-se às sanções jurídicas que podem ser aplicadas contra estas, o que torna sua manutenção aberta um problema para as associações civis e partidos formais – mas que este movimento pode ser estratégico, como visto em relação às milícias paramilitares que atuam na Colômbia, em plena consonância com o Estado nacional.

Em relação ao MSM, podemos citar o grupo Resistência Nacionalista, já existente há alguns anos, formado por militares e ex militares. Ele organiza-se como milícia, organização paramilitar voltada para a ação direta. O grupo tem como maior instrumento de divulgação a internet, através de sua revista virtual (no início era distribuída deste modo para a venda como zine, ou seja, seus “soldados políticos” a imprimiam e vendiam isoladamente) editado por Antônio Silva, codinome de

⁷¹¹BARBOSA, J. R. “Entre milícias e militantes (III): *skinheads* nacional-socialistas e integralistas e os “carecas do subúrbio”. *Passapalavra*. 07.05.09. op. cit.

⁷¹²Idem.

Vulto. O Resistência Nacionalista é explícito em reivindicar o MSM e seus editores como referências para a luta política, desde os primeiros números da revista são reproduzidos artigos de Júlio Severo⁷¹³ e Graça Salgueiro⁷¹⁴, e no seu número onze a seção leitura obrigatória traz a reprodução completa do prólogo d’*O Imbecil coletivo 1* de Olavo de Carvalho⁷¹⁵, além de várias referências ao MSM. É uma revista simplória e simplista, cujos argumentos são apresentados como ordens em quartel e que utiliza uma série de elementos gráficos quase infantis para corroborar suas afirmações. Segundo um de seus editoriais:

A despeito de algumas ameaças veladas e pueris, não abrandaremos nosso discurso, o único argumento plausível contra tanta perfídia, é no mínimo um discurso duro e direto. Descobri que não importa o quanto lute pela verdade e justiça, nunca haverá ninguém acima de nós para reconhecer e validar nossos atos, e mesmo que caia toda a escória comunista e que triunfe a verdade, somente caberá a nós a manutenção da Ordem para o progresso e somente Deus olhara por nós e para nosso caminho, e somente ele poderá julgar nossas atitudes e palavras como corretos ou errados pois em meio a essa podridão que assola nossa pátria, as pessoas que detém o poder são meros fantoches, joguetes em nome de uma doutrina que prega o coletivismo de um bando de cordeiros que deve seguir de cabeça baixa ao abatedouro para se sacrificar em nome dos líderes vermelhos, em nome da grande teia comunista de mentiras, traição, escravidão e morte. Você pode muito bem acreditar nas coisas que pensava que sabia, e, se você quer saber a verdade ou não quer saber a verdade a decisão é sua⁷¹⁶.

Não estamos, obviamente, tentando forçar uma relação orgânica de um grupo ao outro, mas evidenciar que sua relacionalidade ocorre de modo muito mais próximo do que se costuma referenciar em certas interpretações sobre o fascismo⁷¹⁷, como a de João Bernardo, que considera que um movimento político só pode ser considerado fascista através de seu “*carácter supraclassista e a existência de milícias, ou de alguma forma de mobilização semelhante às milícias*”⁷¹⁸. Esta

⁷¹³SEVERO, J. “Desmascarando o gayzismo”. *Resistência Nacionalista*. n.º. 1, abril, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html, acessado em 04.07.2011

⁷¹⁴SALGUEIRO, G. “Não houve Golpe de Estado em Honduras”. *Resistência Nacionalista*. n.º. 4. Julho, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/122955448/a3ab6967/RN-Numero_04.html, acessado em 04.07.2011

⁷¹⁵CARVALHO, O. de. “Prólogo”. *Resistência Nacionalista*. n.º. 11, fevereiro, 2010. Disponível em http://www.4shared.com/document/i5dmzk5I/RN-Numero_11.html, acessado em 04.07.2011.

⁷¹⁶RESISTÊNCIA NACIONALISTA. Editorial. *Resistência Nacionalista*. n.º. 1, abril, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html, acessado em 04.07.2011.

⁷¹⁷Tanto que após o “Ato Pró-Bolsonaro”, ocorrido após declarações racistas do parlamentar, no vão do MASP em São Paulo em 09.04.11, um blog declarado nacional-socialista ironizava sobre os seguidores de Carvalho, nomeados “olavetes”: “*Esse ato simbolizou muitas coisas, na verdade não era apenas um Ato Pro-Bolsonaro, mas sim um protesto contra a atual situação que nos encontramos de forma geral, ele representou o que sempre mostramos aqui que apenas sera possível com a União de todos NSs, NRs, NCs. Falar em conservadorismo, alguém viu algum ‘conservador’ judaico-‘cristão’, neoconservador, olavista no local? Claro que não esses estavam em suas confortáveis casas e nos ficamos sabendo que esses inclusive nos criticaram em seus conluios, além disso onde estavam os judeus israelistas no evento do qual Olavo de Carvalho diz também serem vítimas da Oligarquia Transnacional e da Nova Ordem Mundial, eles estavam nos apoiando? eles poderiam até estar lá mas do outro lado, mas uma ironia não? Afinal todos esses grupos Antifascistas, Feministas, Movimentos Militantes Não-Heteros e outros são financiados pelos mesmos*”. BRASIL ANTI ANTIFA. *O ato e outras cositas mas...* Disponível em <http://brasilantiantifa.blogspot.com/>, acessado em 14.01.12.

⁷¹⁸Comentário de João Bernardo em 27.03.09 em BERNARDO, J. “Entre a luta de classes e o ressentimento. A propósito do artigo “Cadilhe, o ‘coveiro rico’”. *Passapalavra*. 26.03.09. Disponível em

limitação nos impede de explicitar a relacionalidade possível entre diferentes formatos associativos (mesmo que Bernardo sublinhe este “caráter supraclassista”, buscando evidenciar o alcance social dos fascismos, recusamos tal compreensão, para nós o caráter do fascismo é plenamente burguês, embora sua origem social não o seja) em países onde a ampliação do Estado complexifica-se de tal modo que as funções remetentes ao partido podem “dissolver-se” em aparelhos especializados, destacando-se, e dificultando o reconhecimento tácito, e assim contribuindo para a sua mistificação, em especial em relação a sanções penais (impedindo a atribuição de culpa ao seu Estado-maior), e mesmo propiciando mobilidade a este centro de poder, que não deixa de ser constituído através de disputas internas na rede partidária. Olavo de Carvalho pronuncia-se sobre a ligação que uma matéria de imprensa faz sobre este, pensando exatamente nestas sanções:

Se a Resistência Nacionalista e a UCC [União Conservadora Cristã] não recebem “instrução teórica” nem de mim pessoalmente, nem de meus alunos, nem de qualquer pessoa autorizada por mim, não têm direito de falar em meu nome ou de posar como praticantes de ideias minhas. Muito menos de apresentá-las com essa identidade sem nem ter-me consultado, revelando a mentalidade traiçoeira com que escreveram a matéria no propósito de me comprometer em atividades políticas que desaprovo totalmente. Mas, por estranha e errada que me pareça a política dessas duas organizações, ela não constitui crime, nem o IG as acusa disso. Elas só entraram na matéria porque são “de direita” e, como alguns skinheads também o são, ou diz-se que são, isso facilitava a Alves e Galhardo construir, por meio de uma dupla ponte de associações de ideias, um arremedo de ligação entre o movimento skinhead e eu [...] Quando a deputada democrata Danielle Giffords foi baleada junto com outras cinco pessoas, esquerdistas assanhados se apressaram em lançar a responsabilidade mental do crime sobre a governadora Sarah Palin, por ter utilizado, num cartaz de propaganda, a palavra “alvo” com referência ao 8º. Distrito do Arizona, onde viria a se dar o sangrento episódio⁷¹⁹.

Na Europa, entre todo o espectro fascista existente, interessam-nos os partidos formais, parlamentares, que graças sua recente ascensão, *os permitiu tomarem a direção de diversos movimentos fascistas nacionais*, assumindo novas perspectivas ao mesmo tempo em que os afirmou na posição de mediadores para outras organizações nacionais de mesmo cunho. Destes partidos poucos identificam-se plenamente com os fascismos clássicos (ao contrário dos grupos menores e milícias). *“Pode-se forjar de maneira pragmática uma tipologia europeia com três grandes eixos. O primeiro é formado por grupos neofascistas marginais, que insistem na nostalgia dos trajes pretos ou marrons das divisões da SS, nas quais seus antepassados combatiam o 'bolchevismo judaico’”*. Destes, os mais significantes *“são os Republikaner alemães, a Falange Espanhola, o Movimento Social Italiano Bandeira Tricolor (MSIFT) e o Alarme Popular Ortodoxo, da Grécia”*. O segundo eixo seria *“formado por partidos antissistema, que desde os anos de 1990 se esforçam para romper*

<http://passapalavra.info/?p=1852>, acessado em 04.07.2011.

⁷¹⁹CARVALHO, O. de. *Truque sujo, parte 2*. 13.10.11. Disponível em <http://www.midiasem mascara.org/mediawatch/outros/12486-truque-sujo-parte-2.html>, acessado em 20.01.12.

o 'cordão sanitário' que os isola da direita dita republicana e conquista visibilidade". E por terceiro, "nesse espaço desertado pelos 'respeitáveis' – a política, assim como a natureza, tem horror a espaços vazios"⁷²⁰, estariam os partidos eleitorais fascistas, ou como prefere Camus (que considera estes partidos como formações nacional populistas de terceira onda) estaríamos assistindo:

[...] na realidade, ao êxito de uma direita extrema atípica, que substituiu o culto do Estado pelo ultraliberalismo, o corporativismo pelo jogo do mercado e até, às vezes, o âmbito do Estado-nação pelos particularismos regionais ou simplesmente locais. Evidentemente, há partidos políticos que ainda se valem da mesmice das ideologias autoritária e fascista, e mesmo nacional-socialista, mas, exatamente por essa razão, tornaram-se marginais, enquanto avançam os partidos sem filiação histórica e ideológica extremistas, que aparecem como capazes de fornecer soluções através de uma proposta política fechada, amplamente consensual e totalmente alinhada ao modelo econômico e social ultraliberal⁷²¹.

Estes partidos abarcaram em sua herança fascista mudanças organizativas, discursivas e ideológicas, não somente para subsistirem como parte da democracia burguesa, mas também para alçarem bases partidárias de massa. Embora demonstrem diferenças entre si, determinações exigidas pela relação de forças dentro de cada formação social, ou seja, constituindo um diálogo truncado entre estes diferentes partidos, existem similaridades: "defendem uma espécie de capitalismo ultraliberal protecionista, aceitam formalmente a democracia parlamentar e o pluralismo, reivindicando uma modernização, e não mais uma ruptura, do quadro institucional", tendo como mote comum a "revolução dentro da ordem". Isto não retira de seu ideário a ruptura institucional, mas a protela para conjunturas mais favoráveis. E do mesmo modo, "essas formações partilham uma mesma reivindicação de identidade: a preferência nacional, isto é, a atribuição de direitos políticos, econômicos e sociais somente aos nacionais de origem. Professam, igualmente, uma mesma aversão pela sociedade multicultural", tornada objeto "de todas as disfunções do corpo social, e desejam, portanto, limitar a imigração ou inverter os fluxos migratórios expulsando os residentes estrangeiros não-europeus"⁷²².

Além disso, são dirigidos por pessoas de origem popular que ascenderam socialmente, "dirigindo-se ao povo, e até afirmando sua origem modesta (Le Pen [da Frente Nacional, francesa], que 'passou fome e frio'; Christoph Blocher [da União Democrática de Centro, suíça], filho de pastor pobre), são, amiúde, muito abastados, e mesmo muito ricos", enquanto "Blocher é um bilionário que dirige uma multinacional do setor químico; encabeçando a lista do PRO, em Saxe-Anhalt, Ulrich Marseille fez fortuna criando uma cadeia de residências com serviços médicos".

⁷²⁰VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. Disponível em <http://diplomatiue.uol.com.br/artigo.php?id=843&PHPSESSID=42aea8cb512dc16234fbde253a5e6e7e>, acessado em 04.07.2011.

⁷²¹CAMUS, J-Y. "Metamorfoses políticas na Europa". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. op. cit.

⁷²²Idem.

Estes partidos possuem influências distintas, o primeiro eixo “*varia de 0,1% a 7%*”, enquanto “*os partidos dos outros dois eixos, juntos, totalizaram mais de 10% dos votos em 11 Estados europeus nas eleições do Parlamento Europeu de 2009 e em outros pleitos recentes*”⁷²³. A tabela seguinte nos mostra os resultados eleitorais destes partidos para o Parlamento Europeu:

TABELA 17: Resultados eleitorais dos partidos de “extrema-direita” para o Parlamento Europeu de 2009 (* refere-se às últimas eleições legislativas):

País	Partido	Porcentagem
Suíça	União Democrática do Centro	29*
Noruega	Fremskrittspartiet	22,9*
Áustria	FPÖ e BZÖ	17,3
Bélgica	Vlaams Belang, LDD e FN	17,1
Holanda	Partido da Liberdade	17
Hungria	Jobbik	14,8
Dinamarca	Partido Popular	14,8
Lituânia	Democrata Liberal	12,2
Bulgária	Ataka	12
Itália	Liga do Norte, MSIFT e Forza Nuova	11,5
Finlândia	Perussuomalaiset	9,8
Romênia	Partido da Grande Romênia	8,7
Grécia	LAOS	7,2
França	Frente Nacional	6,3
Reino Unido	Partido Nacional Britânico	6
Eslováquia	SNS	5,6
Letônia	Visu Latvijai e Dzimteni	3,4
Suécia	Democratas Suecos	3,3
Eslovênia	SNS	2,9
Polônia	Samoobrona e LPR	2,6
Alemanha	Republicanos e DVU	1,7
Malta	Imperium Europa	1,5
República Tcheca	SPR-RSV e DS	1,4
Portugal	PNR	0,2*
Estônia	EI	0,2*
Espanha	Falange Espanhola e DN	0,1

FONTE: VIDAL, D. “A perseguição ao Islã e o neofascismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11. p. 5.

Para Silva, foram graças às mudanças sócio econômicas dos anos oitenta que os partidos fascistas puderam avançar, como “*um amplo movimento de massas, capazes de levar ao poder pela via do voto, um partido de caráter fascista*”. Isto foi possível graças as transformações que estes

⁷²³VIDAL, D. “A perseguição ao Islã e o neofascismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. op. cit.

levaram a cabo, “*deixando entrever através de sua atuação - bem como através de sua própria imprensa - a passagem para uma nova 'etapa' ou 'fase' de atuação dos diversos grupos neofascistas, bastante diferenciada da atuação dos anos '60 e '70*”⁷²⁴. A atuação nas décadas anteriores possibilitou esta modificação qualitativa:

As diversas medidas restritivas colocadas em prática na Alemanha e na Itália, chegando inclusive à proibição constitucional de organizar partidos de nome "fascista", tiveram, nos anos '60 e '70, um sucesso apenas relativo. De um lado, as organizações atingidas pelas limitações jurídicas, quando constatado o seu caráter "fascista", procuravam se registrar com um nome diferente, tão logo eram proibidas; de outro lado, a fase política de atuação era, então, caracterizada, pelos próprios grupos, como "organizativa". Tratava-se, naquele momento, de reunir quadros, montar estruturas de contato e alistamento, organizar as finanças. Ao mesmo tempo, os temas tradicionais do fascismo, particularmente o ataque às instituições democráticas e o racismo, eram, provisoriamente, deixados em segundo plano. Além de toda a atividade organizativa dever-se-ia, então, centrar fogo na "defesa do ocidente", da civilização e da cultura ocidental frente à ameaça representada pela barbárie bolchevique. Em meio a toda a verborragia da Guerra Fria, exaltada e exagerada em ambos os lados, a fraseologia fascista era plenamente aceitável⁷²⁵.

Isto ocorria tanto em países como Alemanha, França e Itália, “*onde partidos comunistas de massa disputavam democraticamente o poder*”, quanto “*na Espanha e Portugal, onde regimes ditatoriais altamente comprometidos com as potências fascistas, o anti-bolchevismo surgia como uma arma excepcional*”. Este movimento compreendido dentro da conjuntura ideológica “*da Nova Guerra Fria (a Era Reagan) iria reeditar inúmeros clichês ('Império do Mal', 'potência satânica', 'os totalitários', etc...)*” justificava sua existência e encobria a organização destes partidos fascistas. “*A violenta luta ideológica Ocidente-Oriente recobria a atuação dos diversos grupos fascistas que viam seus temas amplamente veiculados nas relações internacionais e que se mantiveram extremamente ativos*”, sendo que ao “*fim da Guerra Fria, que trazia o risco de tais organizações ficarem sem interlocução em função do fim do 'perigo vermelho*”, trouxe “*novas perspectivas, em especial nos países do leste europeu, ex-satélites soviéticos. Desta feita, o desemprego e as práticas liberais dos novos regimes, ao lado da presença dos imigrantes – em especial islâmicos e ciganos – constituir-se-iam nos alvos centrais da ressurgência fascista*”⁷²⁶.

Para Camus, a mais importante destas é a Frente Nacional (FN) francesa, pelo seu papel de liderança para o espectro fascista, já que “*assume, através de sua constante política do 'compromisso nacionalista', um papel de unificadora das diferentes tradições ideológicas de extrema-direita*”. A FN surge na década de oitenta centrada na figura de Jean-Marie Le Pen, cujas declarações “*sobre o 'pormenor' ou 'a internacional judaica' demonstram uma persistência de 'manias' que datam das décadas de 1930 e 1940*”. Sendo que “*seu projeto econômico e social -*

⁷²⁴SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. op. cit.

⁷²⁵Idem.

⁷²⁶Ibidem.

centrado até agora na conquista do eleitorado constituído por profissionais liberais e chefes de pequenas e médias empresas - é de essência ultraliberal”, buscando a “*supressão do Imposto de Renda, idéia de Jean-Claude Martinez, assim como a constante denúncia do 'fiscalismo' e a rejeição da lei sobre as 35 horas*”. Para eles o Estado deveria tornar-se “*um Estado-policial colocando, no cerne de seu discurso, a questão relativa à segurança pública como luta contra o permissivismo moral. E o não-questionamento dos postulados da globalização liberal*”, afora um elemento “*retórico de um anti-norte-americanismo de princípio*”, é encoberto “*por algumas medidas espetaculares, como a saída da União Européia, evidentemente mais fácil de alardear do que a construção de uma necessária Europa das nações, ou a volta ao franco após o abandono do euro*”⁷²⁷. E face às funções do Estado frente ao capital-imperialismo,

na reabilitação do papel de regulador social e econômico do Estado - tanto em situações específicas, quanto como barreira contra a globalização liberal. Na ótica frentista, entretanto, não se trata de privilegiar as políticas distributivistas e o impulso estatal na economia: o Estado protege dando o benefício exclusivo do que sobra das aposentadorias e dos direitos sociais (emprego, habitação, formação) unicamente aos nacionais, valendo-se do princípio da preferência nacional⁷²⁸.

Sua principal participação eleitoral ocorreu em 2002, quando o presidente do partido, e candidato à presidência da França chegou ao segundo turno, perdendo para Nicolas Sarkozy. Resultado que pode vir a ser ultrapassado pela rápida ascensão de Marine Le Pen, filha de Jean-Marie, nas eleições presidenciais de 2012. Este crescimento é diretamente correspondente da mudança estratégica da FN após a crise de 2008, como

[...] sua atitude de não hesitar em falar de aspectos sociais com os trabalhadores, o que fez com que a Frente Nacional recuperasse muitos eleitores pouco a pouco decepcionados com a esquerda e com o sarkozismo. Ela [Marine Le Pen] dá corpo e consistência, assim, à atitude de Jean-Marie Le Pen, que, em 1º de maio de 2010, ignorou sua aproximação de outrora com o ultraliberalismo e sua posição laudatória em relação a Ronald Regan, e de repente defendeu o poder de compra, a proteção social e a aposentadoria – a fim de “relançar o consumo e encontrar novamente o caminho do crescimento”, o único processo que “proporciona empregos para todos e todas”. Além disso, nesse mesmo discurso, exigiu a defesa das fronteiras econômicas, uma reforma fiscal justa, o apoio à agricultura e às pequenas e médias empresas. A conclusão de Le Pen pai, formulada como programa para a gestão de sua filha: “Há dez anos, a distribuição de renda evolui segundo os interesses do capital financeiro. [...] Somam-se a esse fator, a diminuição dos recursos e o aumento das taxas ligadas à saúde e o questionamento do sistema de aposentadoria, medidas de viés ultraliberal e em contradição profunda com as aspirações e tradições de nosso país”⁷²⁹.

Esta mudança, atrelada a “*vantagem dos partidos irresponsáveis*”, que “*reside na promessa*

⁷²⁷CAMUS, J-Y. “Metamorfoses políticas na Europa”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. op. cit. Grifos nossos.

⁷²⁸Idem.

⁷²⁹VIDAL, D. “A perseguição ao Islã e o neofascismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. op. cit.

*dupla de 'gratuidade de serviços e isenção de impostos'*⁷³⁰, além do elemento xenófobo, que atribui culpabilidade aos imigrantes (especialmente os islâmicos) pelo desemprego e, do mesmo modo, pelo fracasso das políticas sociais – já que a inclusão de imigrantes nestas as inviabilizariam. Segundo a FN:

Por muito tempo considerado “tabu”, a questão da migração é agora visto como central por todos os observadores econômicos e políticos. O muro de silêncio e as mentiras que o fissuram, mesmo que a opacidade continue a ser a regra, em matéria de despesas gerais e das estatísticas da delinquência, por exemplo. Assim, o Tribunal de contas destacou em um relatório temático publicado em 2004, que “Qualquer avaliação parece impossível. Mesmo o Parlamento não pode dispor de certos elementos. Nenhum ministério avalia precisamente as despesas que efetua para a recepção e integração dos imigrantes.” [...] A imigração é agora de origem planetária. É o povo da França que atribuem direitos que, frequentemente, são a única afinidade com o nosso país, limitada aos benefícios materiais que eles procuram. Esta imigração é impulsionada pelo grande patronato para quem este deslocamento domiciliar é o que lhe permite comprimir os custos salariais, e pela classe política que vê uma clientela eleitoral fácil. Hoje, os Franceses estão endividando-se para financiar as prestações sociais visando responder a “miséria do mundo”, enquanto por consequência os déficits permanentes das contas públicas estão em 2 000 milhões de euros de dívida pública, que ameaçam, em curto prazo, a falência da Nação⁷³¹.

Nestes partidos europeus a articulação dos eixos observados para a atuação fascista em diferentes frentes não é explícita (para as desvelar, necessitaria para cada um destes uma pesquisa específica), mas é importante reafirmar que sua abertura para massas os permitiu “unificar” conflituosamente distintos grupos do espectro fascista sob sua liderança, ou seja, os posicionando como lideranças de um movimento que não pode ser resumido em um único partido formal. Nossa próxima análise, sobre o *Tea Party*, irá delinear a articulação entre os eixos de maneira mais evidente, que cada frente relativa às ondas não trata-se de um momento distintivo do fascismo, mas de uma atuação relacional dialeticamente entre estas frentes e diferentes grupos sociais, portanto assumindo diferentes modos de organização – o que acaba diminuindo o poder argumentativo sobre os “grupos isolados”, como as milícias, porque é exatamente este “estilhaçamento” em uma rede maior, seja extrapartidária ou mesmo solidária, a proteção maior contra sanções jurídicas e avanços

⁷³⁰VIDAL, D. “A perseguição ao Islã e o neofascismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. op. cit.

⁷³¹“*Longtemps considérée comme « tabou », la question des flux migratoires est désormais considérée comme centrale par l'ensemble des observateurs économiques et politiques. Le mur du silence et du mensonge se fissure, même si l'opacité demeure la règle, en matière de surcoût et de statistiques de la délinquance, par exemple. C'est ainsi que la Cour des comptes relevait dans un rapport thématique publié en 2004 que « toute évaluation paraît impossible. Même le Parlement ne peut disposer d'éléments certains. Aucun ministère n'évalue précisément les dépenses qu'il effectue en faveur de l'accueil et de l'intégration des immigrants. » [...] L'immigration est aujourd'hui d'origine planétaire. Elle peuple la France d'ayants droit pour qui, bien souvent, la seule affinité avec notre pays se limite aux avantages matériels qu'il leur procure. Cette immigration est poussée par le grand patronat pour qui elle est une délocalisation à domicile qui lui permet de compresser les coûts salariaux, et par la classe politique qui y voit une clientèle électorale facile. Aujourd'hui, les Français s'endettent pour financer des prestations sociales visant à répondre à la « misère du monde », avec pour conséquence les déficits permanents des comptes sociaux et les 2 000 milliards d'euros de dette publique qui menacent, à court terme, de faillite la Nation*”. FRENTE NACIONAL. *Immigration*. Disponível em http://www.frontnational.com/?page_id=1095, acessado em 07.04.11. Tradução nossa.

policiais. Neste sentido o caso do *Tea Party* é extremamente relevante, porque articulam dentro dos EUA os três eixos, candidatos parlamentares, grupos e associações da sociedade civil e milícias paramilitares (em especial as de patrulhamento na fronteira entre os EUA e o México).

O “fenômeno” *Tea Party* nasce da última crise recente do capital, que somado a falta de perspectivas oferecidas pela esquerda, proporcionou impulso para o ressurgimento de uma direita fascista nos EUA – o “tea” forma sigla para “*taxed enough already*”, algo como “já tributados o suficiente”, e o nome é uma referência histórica à revolta do chá em Boston de 1773 contra a Administração Britânica da Colônia. Ele nasce no ano seguinte às eleições de Barack Obama como um agrupamento não-partidário, de protesto contra a classe política, em especial contra as medidas federais para conter a crise gerada pela bolha imobiliária, a socialização das dívidas (nada mais que a continuidade das medidas tomadas pelo governo George W. Bush frente a mesma situação). Cresceu impulsionado majoritariamente por grupos de base e por trabalhos voluntários, semi-independentes de uma estrutura centralizada, já que não constitui partido político formal. É formado por uma série de instituições e grupos “semi-organizados”, como o *Tea Party Patriots*⁷³², organizado em mais de mil grupos filiados; o *Americans For Prosperity*⁷³³, fundada por David Koch, que conta com um milhão de membros, com mais de quinhentas afiliadas locais; a *Freedom Works*⁷³⁴, também com mais de um milhão de membros e quinhentas afiliadas; o *Tea Party Express*⁷³⁵, um ônibus em turnê constante pelos EUA dirigido pelo *Our Country Deserves Better*⁷³⁶, um comitê político conservador de Sacramento; o *Tea Party Nation*, responsável por levantar fundos, organizador da Convenção Nacional do *Tea Party*⁷³⁷; o *National Tea Party Federation*, entidade responsável pela disseminação nacional e internacional (já existe o *Republican Tea Party*, britânico), e pela unificação ideológica entre os diversos grupos; e o *Nationwide Tea Party Coalition*⁷³⁸, como o nome já indica, é uma coalizão nacional de diversos grupos locais.

Teoricamente funciona como suporte para candidaturas de qualquer partido político (excluindo-se os socialistas e comunistas), sendo que obviamente seu apoio é para o Partido Republicano, seja através de acordos mútuos, ou, como já ocorreu, simplesmente para evitarem que um candidato considerado moderado ganhasse, como quando Christine O'Donnell's veio a ganhar as primárias do Partido Republicano em Delaware contra o favorito Mike Castle. Neste caso o apoio

⁷³²Para mais informações <http://www.teapartypatriots.org/>, acessado em 08.05.11.

⁷³³Para mais informações <http://www.americansforprosperity.org/national-site>, acessado em 08.05.11.

⁷³⁴Para mais informações <http://www.freedomworks.org/>, acessado em 08.05.11.

⁷³⁵Para mais informações <http://www.teapartyexpress.org/>, acessado em 08.05.11.

⁷³⁶Para mais informações <http://www.ourcountrydeservesbetter.com/>, acessado em 08.05.11.

⁷³⁷JONSSON, P. “As others bolt, Sarah Palin stands by 'tea party' convention”. *Christian Science Monitor*. 03.02.10. Disponível em <http://www.csmonitor.com/USA/Politics/2010/0203/As-others-bolt-Sarah-Palin-stands-by-tea-party-convention>, acessado em 08.05.11. Tradução nossa.

⁷³⁸HENNESSEY, K. “Tea parties form a federation, but don't call them organized”. *Los Angeles Times*. 08.04.10. Disponível em <http://articles.latimes.com/2010/apr/08/nation/la-na-tea-federation9-2010apr09>, acessado em 08.05.11. Tradução nossa.

veio de um de seus grupos, o *Tea Party Express*, que arrecadou duzentos e cinquenta mil dólares para esta candidatura⁷³⁹.

Sua liderança “simbólica” é de Sarah Pallin, ex-candidata para vice-presidente dos EUA e ex-governadora do Alasca, o rosto mais conhecido do movimento ao lado de Glenn Beck, e mais recentemente, Donald Trump. Em 2010 o *Tea Party* apresentou candidatos em quase todos os Estados, vencendo diversas primárias republicanas, tendo sido elemento importante para que os democratas perdessem a maioria no congresso, e elegeu dois congressistas: Marco Rubio, eleito pelo Estado da Flórida, e Rand Paul por Kentucky, e manteve uma cadeira no Senado, Jim DeMint, pela Carolina do Sul. Prepararam-se para a disputa presidencial de 2012 com um comitê próprio⁷⁴⁰. Um dos seus pioneiros foi Rick Santelli, da rede televisiva CNBC, que em 19 de fevereiro de 2009, transmitindo ao vivo da Bolsa de Mercadorias e Mercado de Ações de Chicago, conclamou um protesto contra a administração Obama por esta estar auxiliando os proprietários de imóveis falidos a refinanciarem suas hipotecas:

“Nós realmente queremos subsidiar as hipotecas dos perdedores?” Ele perguntou. “Isto é América! Quantos de vocês querem pagar a hipoteca dos seus vizinhos que tem um banheiro extra, mas não conseguem pagar suas contas?” Ele passou a sugerir então que iria organizar o Chicago Tea Party em Julho, onde capitalistas iriam despejar “alguns títulos derivativos no Lago Michigan.” O vídeo de sua tirada se tornou um sucesso no YouTube, e deste modo o movimento foi criado⁷⁴¹.

Na semana subsequente, ocorreu sua primeira conclamação formal de protestos, que atingiram mais de quarenta cidades estadunidenses, tendo como “bandeira principal”, a oposição ao auxílio de estímulo econômico federal de setecentos e cinquenta bilhões de dólares. Estas manifestações foram a preparação para uma série de protestos e passeatas durante o ano, sendo que em quinze de abril, “*the tax day*”, o dia dos impostos estadunidense, foram organizado entre duzentos a setecentos e cinquenta eventos em todo o país (o número real é conflitante). Estes protestos focavam suas bandeiras contra os pacotes econômicos de estímulo, o resgate financeiro dos bancos responsáveis pela bolha, e contra a legislação de saúde pública em discussão no Congresso (chamado pejorativamente de “*Obamacare*”). Suas palavras de ordem acompanhavam acusações contra o presidente eleito e sua gestão, alegações racistas, anticomunistas, xenofóbicas,

⁷³⁹MONTOPOLI, B.; HENDIN, R. “What is the Tea Party Movement?”. *CBS News*. 15.09.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20016540-503544.html#ixzz1MAmO98oe, acessado em 05.05.11. Tradução nossa.

⁷⁴⁰TRAVIS, S. “Herman Cain wins Tea Party presidential live straw poll at Phoenix summit”. *CNN Political Tick*. 27.02.11. Disponível em <http://politicalticker.blogs.cnn.com/2011/02/27/herman-cain-wins-tea-party-presidential-live-straw-poll-at-phoenix-summit/>, acessado em 10.05.11. Tradução nossa.

⁷⁴¹“Do we really want to subsidize the losers' mortgages?’ he asked. ‘This is America! How many of you people want to pay for your neighbor's mortgage that has an extra bathroom and can't pay their bills?’ He went on to suggest that he would organize a Chicago Tea Party in July, where capitalists would dump ‘some derivative securities into Lake Michigan’. The video of his tirade became a YouTube hit, and thus the movement was born”. ROWEN, B. *History of the tea party movement*. Disponível em <http://www.infoplease.com/us/government/tea-party-history.html>, acessado em 01.05.11. Tradução nossa.

visando especialmente os imigrantes latinos e os islâmicos; homofóbicas; pela criminalização do aborto e pesquisas com células-tronco, pró-armas, contrários ao controle de armas pelo Estado, dentre outras, tendo como ponto comum todas serem embasadas e justificadas por um nacionalismo ufanista e profundamente militarizado.

Este movimento repentino, aparentemente “voluntarista” da população e caracterizado por parte da mídia como mera expressão “*redneck*” (“caipira”), começou a gerar desconfianças sobre os seus verdadeiros organizadores. Sua rede de financiamento contaria “*com grandes organizações como a American Crossroads, da qual Karl Rove, conselheiro de George W. Bush, é co-fundador, ou o Club for Growth, que prega redução de impostos e de gastos do governo*”⁷⁴², mas seus principais financiadores seriam os irmãos David e Charles Koch, donos da Koch Industries. Esta é a segunda maior empresa familiar dos EUA (depois da Cargill) com sede em Wichita, Kansas, conglomerado de refinação e transporte de petróleo, petroquímicos e papel, entre outros, que tem lucros anuais de cerca de 100 bilhões de dólares⁷⁴³. Dentre uma série de denúncias apuradas constatou-se a contratação massiva de pessoas para comparecerem aos protestos e passeatas, sendo que o ângulo mais explorado pela imprensa e pelos seus opositores foi o de tratar-se de uma organização racista, o que foi confirmado em alguns cartazes de protesto, mas que não serviu para explicar e unificar o combate contra o movimento.

O *Tea Party* é formado por 89% de brancos, contando com o apoio de somente 1% de negros, 1% de asiáticos e 6% de “outros” (não indicam o “restante”)⁷⁴⁴ – podemos apontar que tratam-se de latinos, em especial da comunidade cubana da Flórida, profundamente anticomunista. Mas a acusação de racismo acabou fracassando. Segundo Ted Nugent, famoso músico conservador, “*o primeiro motivador para o Tea Party é o Dr. Martin Luther King Jr., que eloquentemente disse, 'aqueles que estão engajados em uma direção não violenta não são os criadores da tensão. Nós estamos meramente trazendo para a superfície a tensão que já estava lá'*”⁷⁴⁵. O *Tea Party* tornou-se uma máquina de arrecadação eleitoral:

⁷⁴²BBC BRASIL. “Crise econômica é combustível para ascensão do Tea Party”. *BBC Brasil*. 28.10.10. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/bbc/crise+economica++combustivel+para+ascensao+do+tea+party/n1237813538498.html>, acessado em 11.05.11.

⁷⁴³JALIFE-RAHME, A. “As 10 transnacionais secretas que controlam as matérias primas”. *Agência Carta Maior*. 08.05.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17766, acessado em 10.05.11.

⁷⁴⁴MONTOPOLI, B. “Tea Party supporters: who they are and what they believe”. *CBS News*. 14.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20002529-503544.html, acessado em 10.05.11. Tradução nossa.

⁷⁴⁵“*A prime motivator for the Tea Party is Dr. Martin Luther King Jr., who so eloquently stated, 'Those who engage in nonviolent direct action are not the creators of tension. We are merely bringing to the surface a tension that is already there'*”. NUGENT, T. *What the Tea Parties stand for*. Disponível em <http://www.humanevents.com/article.php?id=36856>, acessado em 13.05.11. Tradução nossa. Sobre a comprovação de racismo e pagamentos para participantes dos protestos ver o documentário (*Astro*) *Turf wars: the Tea Party documentary*. Seu trailer e aquisição estão disponíveis em <http://astroturf wars.com/>. Este documentário tem como resposta do movimento o *Tea Party: the documentary film*, que para contradizer estas acusações foca em diversos membros negros da organização. Disponível em <http://www.teaparty movie.com>. Acessados em 13.05.11.

“As pessoas estão começando a perceber que o Tea Party é uma poderosa máquina de mobilização de eleitores”, disse Matt Kibbe, presidente do Freedom Works, em declarações publicadas nesta terça-feira (21/9 [de 2010]) pelo jornal *Washington Post*. “Estão nos levando cada vez mais a sério. Não há nada como ser capaz de arrecadar votos em uma eleição importante”, acrescentou Kibbe que sustenta que o movimento conta com os grupos políticos mais enérgicos do país. O apoio do Tea Party coincide com um crescente fluxo de fundos para os cofres republicanos. O comitê de ação política (PAC, na sigla em inglês) das grandes empresas do país começaram a dar a maior parte do dinheiro a candidatos republicanos revertendo a tendência dos três últimos anos. O jornal *The Wall Street Journal* menciona nesta terça-feira (21/9) que essa mudança de tendência torna provável que os republicanos consigam “lucros significativos” em novembro. Segundo dados do Center for Responsive Politics, os PAC deram 52% de suas doações de 72,2 milhões de dólares a candidatos republicanos entre janeiro e julho. No mesmo período de 2009, esses comitês tinham dado 59% de seus de dólares 64 milhões em contribuições aos democratas [...] Outros dois grupos próximos aos republicanos, American Crossroads e Crossroads GPS, criados por Karl Rove, principal assessor político durante o governo Bush, e Ed Gillespie, outro assessor político, já arrecadaram 32 milhões de dólares este ano. Esses grupos, assim como o doador anônimo do Tea Party Patriots, se beneficiam de uma falha judicial que permite que as grandes empresas façam contribuições, sem limites, às campanhas eleitorais⁷⁴⁶.

Walter Benn Michaels irá compreender o motivo pelos quais a burguesia estadunidense, exatamente os que foram amplamente favorecidos por vinte anos de políticas de desregulamentação, irá financiar e se colocar ao lado de um movimento como este: “*a indignação demonstrada por Glenn Beck e o Tea Party é, contudo, curiosa. Eles geralmente pertencem à categoria dos 20% dos americanos mais ricos, para quem o neoliberalismo não foi um mau negócio. De fato, a imigração ilegal foi uma das fontes de sua prosperidade*”⁷⁴⁷. Mas este posicionamento

[...] é incongruente apenas na aparência. É certo que a parte da riqueza nacional devolvida aos 20% mais ricos tem continuado a crescer ao longo das últimas três décadas, o que é uma boa notícia para uma força política que santifica as desigualdades. A má notícia, porém, é que esse aumento beneficia, principalmente, o topo da cadeia. Em 1982, o 1% mais rico dos americanos recolheu 12,8% da riqueza nacional quando, em 2006, ele absorvia 21,3% – quase o dobro. Ao mesmo tempo, a fatia do bolo reservada aos 20% mais prósperos passou de 39,1% para “apenas” 40,1%. Assim, quando veem a imigração como uma ameaça, os integrantes do Tea Party não estão totalmente equivocados: seus simpatizantes percebem vagamente que as desigualdades estruturais que sustentam o seu modo de vida atingiram um nível que está além de seus interesses. O capitalismo criou vencedores e agora está ameaçando torná-los perdedores⁷⁴⁸.

⁷⁴⁶OPERAMUNDI. “Movimento conservador Tea Party aumenta doações para republicanos nos EUA”. *Operamundi*. 21.09.10. Disponível em http://operamundi.uol.com.br/noticias/MOVIMENTO+CONSERVADOR+TEA+PARTY+AUMENTA+DOACOES+P+ARA+REPUBLICANOS+NOS+EUA_6493.shtml, acessado em 13.05.11.

⁷⁴⁷MICHAELS, W. B. “Contra o comunismo e o neoliberalismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11.10. Disponível em <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=806&PHPSESSID=fd25e6e417b75f7999578b00b7767c3c>, acessado em 12.05.11.

⁷⁴⁸Idem.

Então o *Tea Party*, acabou por revestir-se de uma retórica antielitista, sua principal palavra de ordem é “*we the people*”, ou seja, “nós o povo”, aliada a temas conservadores típicos, explorados em seu máximo:

[...] não foi só graças à sua fé cristã que a candidata do Tea Party, Christine O'Donnell, superou seu rival republicano no Estado de Delaware. Diretora da Aliança do Salvador para a vinda do Verdadeiro Ministério, uma seita evangélica que prega a abstinência sexual e eliminação da masturbação, o que lhe permitiu triunfar foi seu discurso inflamado contra a classe dirigente. “As elites não nos entendem, elas nos tomam por tolos. Mas nós somos o povo!”, exclamou recentemente, sob uma chuva de aplausos. Depois, atacando os democratas ricos na esteira dos republicanos ricos, ela criticou o ex-candidato à presidência John Kerry, acusado de tentar sonegar os impostos devidos sobre seu novo iate, de US\$ 7 milhões. “Eu nunca tive um emprego superbem pago, nem veículo pago pelo Estado. Eu nunca procurei esconder meu iate para escapar do Fisco e tenho certeza de que a maioria de vocês também não”⁷⁴⁹.

Discurso efetivo em um país onde, “*nos primeiros anos da administração Reagan, os pobres e a classe média, que compunham 80% da população, recebiam 48% do rendimento nacional, agora não chega a 39%*”, e onde “*44 milhões de americanos vivem abaixo da linha da pobreza, enquanto 1% da população controla metade da riqueza produzida pelo país*”⁷⁵⁰: dezoito por cento da população estadunidense se auto identifica como apoiadores do *Tea Party*. A *CBS News* e o *New York Times* entrevistaram mil quinhentos e oitenta adultos, destes oitocentos e oitenta e um apoiadores do movimento, buscando indicações para compreender a sua base social. De seus membros, 59% são homens, e 41% mulheres, cuja maioria, em faixa etária, concentra-se entre os 45-65 anos, sendo 75% do total; acima dos 65 são 29%, e abaixo de 45 anos somente 23%. 56% tem renda anual superior a 50 mil dólares; 35% abaixo de 50 mil dólares; e 20% acima de 100 mil dólares⁷⁵¹. Sobre sua escolaridade, 37% têm títulos de graduação superior; 33% são graduados; e 29% somente tem segundo grau; politicamente, 4% consideram-se liberais, 20% moderados e 73% conservadores (dentre estes 39% se proclamam “muito conservadores”), sendo que 54% consideram-se republicanos, 5% democratas e 41% independentes; 61% são protestantes, dos quais 39% evangélicos, 22% católicos; 6% responderam “outra” e outros 6% nenhuma; 38% comparecem

⁷⁴⁹MICHAELS, W. B. “Contra o comunismo e o neoliberalismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11.10. op. cit.

⁷⁵⁰Idem.

⁷⁵¹O salário nos EUA é contabilizado por hora, e com diferentes mínimos por Estado, como consta na seguinte lista de 2011, em dólares: “Alabama [não consta] Alaska \$7.25 Arizona \$7.35 Arkansas \$6.25 California \$8.00 Colorado \$7.36 Connecticut \$8.25 Delaware \$7.25 District of Columbia \$8.25 Florida \$7.25 Georgia \$5.25 Guam \$4.10 Hawaii \$7.25 Idaho \$7.25 Illinois \$8.25 Indiana \$7.25 Iowa \$7.25 Kansas \$7.25 Kentucky \$7.25 Louisiana \$7.25 Maine \$7.50 Maryland \$7.25 Massachusetts \$8.00 Michigan \$7.40 Minnesota \$7.25 Mississippi \$7.25 Missouri \$7.25 Montana \$7.35 Nebraska \$7.25 Nevada \$7.55 New Hampshire \$7.25 New Jersey \$7.25 New Mexico \$7.50 New York \$7.25 North Carolina \$7.25 North Dakota \$7.25 Ohio \$7.30 Oklahoma \$7.25 Oregon \$8.50 Pennsylvania \$7.25 Puerto Rico \$6.15 Rhode Island \$7.40 South Carolina \$7.25 South Dakota \$7.25 Tennessee \$7.25 Texas \$7.25 U.S. Virgin Islands \$6.55 Utah \$7.25 Vermont \$8.15 Virginia \$7.25 Washington \$8.67 West Virginia \$7.25 Wisconsin \$7.25 Wyoming \$5.15”. MINIMUM-WAGE.ORG. *Minimum wage by state 2011*. Disponível em <http://www.minimum-wage.org/wage-by-state.asp>, acessado em 13.05.11. Supondo como média \$7.25 por hora, um trabalhador que cumpra 40 horas semanais, em um ano terá recebido 13.920 dólares.

semanalmente ao serviço religioso; 58% admitem possuir armas em casa⁷⁵².

Ao serem perguntados em qual classe social se identificariam (as opções foram: alta, média alta, média, trabalhadora e baixa), 3% dos seus apoiadores responderam que são da classe alta; 15% da média alta; 50% na média; 26% na trabalhadora; 5% na “baixa”; e 1% não sabe ou não respondeu. Quando interrogados sobre sua preocupação em decair de sua classe social atual, 41% responderam que estariam, enquanto 58% responderam que não, e 1% não sabe ou não responderam⁷⁵³. Do total de seus apoiadores, 53% descrevem-se com “raiva” em relação às coisas “feitas em Washington”, em comparação com 19% do total de estadunidenses; Sobre as coisas com as quais mais estariam bravos, 16% identificou a reforma da saúde pública; 14% sobre o governo não representar o povo; 11% com os gastos estatais; e somente 8% com o desemprego e a economia. 92% acreditam que a “América” está no caminho errado (em aspas dada a ênfase do Estado-nação como sujeito). 88% desaprova a gestão Obama, enquanto 7% dizem que ela é boa (77% deles afirmam ser a gestão Obama “*liberal demais*”). Sobre o que não aprovam nesta gestão, a maior resposta, com 19% é a de que simplesmente não gostam dele; 11% acreditam que ele está levando o país em direção ao socialismo; 10% citaram a reforma da saúde pública; e 9% disseram que ele é desonesto. 64% acreditam que o presidente aumentou os impostos para a maioria dos estadunidenses, enquanto na realidade, como parte das medidas anti cíclicas tomadas, a maioria deles pagou menos impostos sob sua administração. Somente 1% acreditam que o Congresso está fazendo um bom serviço. 24% acreditam na necessidade da ação violenta contra o governo. 63% afirmaram obter a maioria de seus conhecimentos e notícias políticas na televisão, mais precisamente na *FOX News*, comparado com 23% da população total dos EUA; 47% afirmaram ser a televisão sua principal fonte sobre o *Tea Party*; enquanto 24% afirmaram ser a internet. 84% disseram que as perspectivas do partido refletem a vontade da maioria dos estadunidenses, enquanto somente 25% da população total afirma o mesmo, sendo que do mesmo total e 36% rejeitaram esta afirmação. Sobre o maior objetivos do *Tea Party*, por seus apoiadores, 45% afirmaram ser reduzir as funções do Estado; 9% criar empregos; 7% eleger seus candidatos; 6% cortar orçamentos; enquanto 18% responderam todas as alternativas; 7% “alguma outra coisa”; e 2% simplesmente não sabiam⁷⁵⁴.

Como visto, o *Tea Party* constitui-se através da oposição e qualificação de seus inimigos, posicionando-se diante da insatisfação dos estratos médios da sociedade, que nos últimos vinte anos

⁷⁵²MONTOPOLI, B. “Tea Party supporters: who they are and what they believe”. *CBS News*. 14.04.10. op. cit.

⁷⁵³CBS NEWS/NEW YORK TIMES POLL. “The tea party movement: who they are”. *CBS News*. 5-12.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/htdocs/pdf/poll_tea_party_who_they_are_041410.pdf?tag=contentMain;contentBody, acessado em 07.05.11. Tradução nossa.

⁷⁵⁴MONTOPOLI, B. “Tea Party supporters: who they are and what they believe”. *CBS News*. 14.04.10. op. cit. Tradução nossa.

viram seu estilo de vida proletarizar-se. Insatisfações que não podem ser minimizadas, pois como Chomsky adverte, são legítimas. “*Os motivos de queixa são legítimos. Nos últimos 30 anos, os salários reais da maioria da população estancaram ou diminuíram, enquanto que a insegurança trabalhista e a carga de trabalho seguiram aumentando, do mesmo modo que a dívida*”, a acumulação de riquezas resultante da financeirização da economia, e o “*correspondente abandono da produção doméstica. Recordando esse processo: a mania da desregulamentação defendida por Wall Street e apoiada por economistas fascinados pelos mitos da eficiência do mercado*”⁷⁵⁵, provocaram um aumento da desigualdade social sem precedentes:

O público adverte que os banqueiros, responsáveis em boa parte pela crise financeira e que tiveram que ser salvos da bancarrota, estão desfrutando de lucros recordes e suculentas bonificações, enquanto os índices do desemprego continuam em torno de 10%. A indústria encontra-se em níveis similares aos da Grande Depressão: um de cada seis trabalhadores está desempregado, e o cenário indica que os bons empregos não vão voltar. O povo, com razão, quer respostas e ninguém as dá, com exceção de umas poucas vozes que contam histórias com certa coerência interna: desde que se suspenda a incredulidade e se adentre em seu mundo de disparate e engano. Mas ridicularizar as travessuras do Tea Party não é o mais acertado. Seria muito mais apropriado tentar compreender o que sustenta o encanto desse movimento popular e nos perguntar por que uma série de pessoas irritadas estão sendo mobilizadas pela extrema direita e não pelo tipo de ativismo construtivo que surgiu nos tempos da Depressão (como, por exemplo, o Congresso das Organizações Industriais, CIO). Neste momento, o que os simpatizantes do Tea Party ouvem é que todas instituições (governo, corporações e corpos profissionais) estão apodrecidas e que nada funciona. Entre o desemprego e outros inúmeros problemas, os democratas não têm tempo para denunciar as políticas que conduziram ao desastre. Pode ser que o presidente Ronald Reagan e seus sucessores republicanos tenham sido os grandes culpados, mas essas políticas iniciaram já com o presidente Jimmy Carter e se intensificaram com o presidente Bill Clinton. Durante as eleições presidenciais, entre o eleitorado principal de Barack Obama estavam as instituições financeiras⁷⁵⁶.

Pode-se dizer mesmo, que a manifestação genérica da insatisfação foi a característica responsável por agrupar em torno do *Tea Party* os mais diversos setores dos estratos médios estadunidenses, e ao mesmo tempo explicar seu financiamento por setores da burguesia. Isto explicita porque características distintas são enfatizadas em diferentes regiões do país, ou seja, como o partido constrói suas explicações associando às questões regionais através da acusação qualificada contra a gestão democrata nacional, esta plenamente contaminada – “*noventa e dois por cento dos apoiadores do Tea Party acreditam que as políticas do presidente Obama estão movendo o país em direção ao socialismo. Cinquenta e dois por cento dos total dos americanos dividem esta crença*”⁷⁵⁷. Os membros do *Tea Party* “*estão com raiva. Mas não são articulados*

⁷⁵⁵CHOMSKY, N. “A raiva mal dirigida nos EUA”. *Agência Carta Maior*. 25.11.10. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17214, acessado em 05.05.11.

⁷⁵⁶Idem.

⁷⁵⁷“*Ninety-two percent of Tea Party supporters believe President Obama's policies are moving the country toward socialism. Fifty-two percent of Americans overall share that belief*”. MONTOPOLI, B. “Tea Party supporters: who they

sobre os pontos específicos dos quais têm raiva e como vão consertar os que acham que está errado”, mas que dada a conjuntura atual estadunidense, “*ser antigoverno, mesmo sem um plano alternativo, é uma posição que parece encontrar eco nos eleitores americanos*”⁷⁵⁸. E a irracionalidade de seu programa torna-se explícita diante das perguntas mais simples, como a que Walter Benn Michaels provocativamente fez: para o Tea Party “*qual é o inimigo mais perigoso dos Estados Unidos?*”. Entre os apresentadores da Fox News, Bill O’Reilly, “*insistia na resposta esperada, a Al-Qaeda. Durante a administração George Bush filho, o choque de civilizações estruturava a visão de mundo dos conservadores americanos*”, ou seja, “*ao abordar um tema como a imigração ilegal, seu temor era que partidários de Osama bin Laden se esgueirassem entre os manobristas de hotéis em Chicago ou fossem trabalhar nos frigoríficos de Iowa*”, enquanto seu colega Glenn Beck, posicionava-se de maneira mais “*insólita*”, ao afirmar que “*não são os mujahedins [...] que 'estão tentando destruir o nosso país', mas 'os comunistas'. Para Beck, assim como para os ativistas de direita do Tea Party [...] o terrorismo representa uma ameaça muito menos preocupante que o socialismo*”⁷⁵⁹. Michaels continua:

Por que o comunismo? E por que agora? Ao contrário da fobia contra o Islã, que usa como pretexto os milhares de americanos mortos pelos mujahedins, o anticomunismo de hoje não se baseia em nenhum elemento concreto. Não só não houve bolcheviques nos aviões que atingiram o World Trade Center, mas, além disso, não há praticamente nenhum comunista em todo os EUA e, mesmo na ex-URSS, eles são apenas um punhado [...] No entanto, como o antisemitismo sem judeus, o anticomunismo sem comunistas desempenha, hoje em dia, um papel crucial no discurso da direita, especialmente no seio daquela antineoliberal. Mas se as últimas três décadas nos ensinaram alguma coisa é que o marketing é uma política em si mesmo. Para Beck e seus milhões de simpatizantes, não é ao triunfo do capitalismo que devemos atribuir nossos problemas atuais, mas à volta do comunismo. Evidentemente, são “os imigrantes e socialistas”, e não os sauditas vindos de avião, que estão precipitando esse retorno. O mesmo raciocínio está presente nas reuniões do Tea Party, durante as quais os ânimos se agitam contra a “Obamacare” (a reforma do sistema de saúde, penosamente obtida pelo presidente dos Estados Unidos) e a suposta “socialização” da medicina. “Eu tive de explicar, educadamente, que era o Estado que lhes fornecia sua assistência médica”, observa o senador republicano Inglis, “mas eles não queriam entender nada”. Essa cegueira é facilmente explicada. Por um lado, os adeptos do Tea Party afirmam que o Medicare e a seguridade social estão em processo de colapso. Por outro, não veem que a privatização desenfreada e a falta de recursos é que levaram essas agências à beira da falência. O que eles querem, em outras palavras, é que se proteja tanto o neoliberalismo (suprimir o Obamacare) como o socialismo (não perder o Medicare)⁷⁶⁰.

É uma política de cunho plenamente ultraliberal, mas que contém em si um elemento “antiliberal” impraticável, um antielitismo meramente retórico, já que o sistema que defendem e

are and what they believe”. CBS News. 14.04.10. op. cit. Tradução nossa.

⁷⁵⁸BBC BRASIL. “Crise econômica é combustível para ascensão do Tea Party”. BBC Brasil. 28.10.10. op. cit.

⁷⁵⁹MICHAELS, W. B. “Contra o comunismo e o neoliberalismo”. Le Monde diplomatique Brasil. 01.11.10. op. cit.

⁷⁶⁰Idem.

pelo qual militam é o que economistas da Escola de Chicago fabricam, e que consegue construir somente culpados genéricos para a crise pela qual passam: “*em suma, o que o Tea Party considera a mais grave ameaça ao capitalismo nada mais é do que capitalismo...*”⁷⁶¹. Esta afirmação fica clara quando seus militantes responderam sobre o que imaginam ser o socialismo: “*cerca de metade dos adeptos Tea Party voluntariamente disseram ser a propriedade do governo ou controle, muito mais do que qualquer outra resposta. Onze por cento já tirando direitos ou limitando a liberdade, e oito por cento disseram que isso significa que a redistribuição da riqueza*”⁷⁶². A seguir, reproduzimos a lista de “crenças não negociáveis” do *Tea Party*:

1. Imigrantes ilegais estão aqui ilegalmente.
2. Empregos pró-doméstico é indispensável.
3. Um exército forte é essencial.
4. Eliminação de interesses especiais.
5. A propriedade de armas é sagrada.
6. O governo tem de ser “enxugado”.
7. O orçamento nacional tem de ser balanceado.
8. Gastos em déficit irão acabar.
9. Fianças estatais e planos de estímulo são ilegais.
10. Reduzir impostos.
10. Reduzir o imposto de renda pessoal é uma obrigação.
11. Reduzir o imposto de renda de negócios é obrigatório.
12. Cargos políticos disponíveis para os cidadãos comuns.
13. Impedimento de intrusões do governo.
14. Inglês como língua fundamental é obrigatório.
15. Encorajamento de valores tradicionais da família⁷⁶³.

Esta lista de objetivos, altamente simplificada como “palavras de ordem”, a ponto de soarem quase sem sentido, obviamente não é suficiente para constituir uma semente para um plano de longo prazo, sendo plenamente irracional em sua concretização. Mas podem-se observar suas linhas mestras: nacionalismo xenofóbico e militarista (em plena concordância com o imperialismo), avanço das reformas ultraliberais no aparelho de Estado, o entendimento que o mínimo de impostos cobrados é o máximo de ingerência que o Estado supostamente deve ter na economia. De um modo mais geral: a afirmação plena do imperativo categórico do livre mercado e da meritocracia. Outro documento que traz essas noções de um modo mais ordenado é o seu “contrato da América”, distribuído para congressistas democratas e republicanos, sendo que somente alguns deste segundo partido o assinaram:

1. Proteger a Constituição
2. Rejeitar Cap & Trade [algo como “limite e negociação”, utilizada para denominar um mecanismo de mercado que limita as emissões de gases de um setor ou grupo]
3. Exigir um orçamento balanceado
- 4.

⁷⁶¹MICHAELS, W. B. “Contra o comunismo e o neoliberalismo”. *Le Monde diplomatique Brasil*. 01.11.10. op. cit.

⁷⁶²“*Roughly half of Tea Party supporters volunteered government ownership or control, far more than any other answer. Eleven percent cited taking away rights or limiting freedom, and eight percent said it means the redistribution of wealth*”. MONTOPOLI, B. “Tea Party supporters: who they are and what they believe”. *CBS News*. 14.04.10. op. cit. Tradução nossa.

⁷⁶³“*1. Illegal Aliens Are Here Illegally. 2. Pro-Domestic Employment Is Indispensable. 3. Stronger Military Is Essential. 4. Special Interests Eliminated. 5. Gun Ownership Is Sacred. 6. Government Must Be Downsized. 7. National Budget Must Be Balanced. 8. Deficit Spending Will End. 9. Bail-Out And Stimulus Plans Are Illegal. 10. Reduce Personal Income Taxes A Must. 11. Reduce Business Income Taxes Are Mandatory. 12. Political Offices Available To Average Citizens. 13. Intrusive Government Stopped. 14. English As Core Language Is Required. 15. Traditional Family Values Are Encouraged*”. TEA PARTY. *Non-negotiable core beliefs of the tea party*. Disponível em <http://www.teaparty.org/about.php>, acessado em 05.05.11. Tradução nossa.

Decretar reformas tributárias fundamentais 5. Restabelecer responsabilidade fiscal e constitucionalmente os limites do governo 6. Acabar com a corrida de gastos do governo 7. Reembolsar, rejeitar, e substituir os serviços de saúde do governo 8. Passar uma política de energia “todas-opções-acima” 9. Parar os Earmarks [medida legislativa que direciona fundos aprovados para determinados projetos ou especifica exceções de impostos] 10. Parar o aumento de impostos⁷⁶⁴.

É uma série de medidas que se articulam ao projeto ultraliberal de economia, que atacam os direitos das classes subalternas do corpo social, ao militarem pela redução do Estado, e pelo fim de suas responsabilidades sociais, no caso específico focando o sistema de saúde, a possibilidade de se renegociar a dívida hipotecária do indivíduo com falência decretada (lembrando o papel fundamental que esta dívida teve para a circulação de mercadorias e capitais nos EUA, como já discutido), atacando o meio ambiente e os trabalhadores da indústria, militando pelo fim do controle de poluentes. É um programa explicitamente de caráter burguês, chauvinista, nacionalista, anti operário, imperialista, e como visto, plenamente articulado ao projeto econômico ultraliberal, mesmo que retoricamente se faça antielitista e contra a formação de grandes fortunas individuais (seu irracionalismo intrínseco demonstra-se, mais uma vez, na “filiação” de Trump ao movimento).

E que se articula perfeitamente à existência de milícias, embarcando os *Minuteman Civil Defense Corps*, a maior de todas as milícias de fronteira entre os EUA e o México, e a *FIRE Coalition*, organizações de patrulha e controle de imigrantes. Isto não ocorre sem alguns conflitos internos, como os sobre a lei SB-1070 do Estado da Arizona, que exige que policiais exibam prova de residência legal para quem acreditam serem imigrantes ilegais (o que inviabiliza juridicamente as chacinas perpetradas na fronteira), em que o *Tea Party Patriots* arregimentou milhares de assinaturas a favor da lei, enquanto o *Tea Party Nation* participou e ajudou a patrocinar um evento em Phoenix, Arizona, apoiando os patrulheiros “patriotas”⁷⁶⁵. De acordo com Glenn Spencer, líder do *American Control Border* e apoiador do *Tea Party*:

[...] imigração ilegal é parte de uma guerra clandestina contra os EUA, uma lenta invasão planejada pelos mais altos níveis do governo mexicano para recapturar a Califórnia, o Texas e boa parte do Sudoeste para restabelecer o mítico império asteca de Aztlan. Spencer acusa a culpa por uma série de doenças sociais contemporâneas – tudo, desde as revoltas por Rodney King em Los Angeles até o vício em meta anfetamina – sobre esta atuação do México para desestabilizar a América. Qualquer tolo pode entender que uma nação temerosa a Deus, de famílias protestantes, é muito mais difícil de invadir e ocupar que uma cheia de revoltosos viciados em crack⁷⁶⁶.

⁷⁶⁴“1. Protect the Constitution 2. Reject Cap & Trade 3. Demand a Balanced Budget 4. Enact Fundamental Tax Reform 5. Restore Fiscal Responsibility & Constitutionally Limited Government 6. End Runaway Government Spending 7. Refund, Repeal, & Replace Government-run Health Care 8. Pass an ‘All-of-the-Above’ Energy Policy 9. Reduce Earmarks 10. Stop the Tax Hikes”. THECONTRACT.ORG. *The contract from America*. Disponível em <http://www.thecontract.org/the-contract-from-america/>, acessado em 10.05.11. Tradução nossa.

⁷⁶⁵Ver BAHADUR, G. “Nativist militias get a Tea-Party makeover”. *The Nation*. 28.10.10. Disponível em http://www.theinvestigativefund.org/investigations/immigrationandlabor/1420/nativist_militias_get_a_tea-party_makeover/, acessado em 04.06.11.

⁷⁶⁶“[...] illegal immigration is part of a clandestine war against the U.S., a slow invasion planned at the highest levels of

Como visto este movimento agrega-se diretamente às características formadoras dos movimentos fascistas, sendo que o irracionalismo inerente à reprodução ampliada das relações sociais capitalistas é não somente justificado, mas explicado como parte de um complô, como parte de uma ação racional levada a cabo por um grupo social ou político de forma subterrânea, com o sentido de desestabilizar o status quo, não avalizado como a estrutura de classes realmente existente, mas sob a forma do povo nação. E caso a classe trabalhadora daquele país deixe de manifestar-se politicamente contra este tipo de projetos políticos, é difícil não prever consequências graves. Estes levantes já iniciaram, no começo de 2011 nos protestos desencadeados após a ofensiva do capital em Wisconsin. Neste estado, Scott Walker elegeu-se governador com o apoio do *Tea Party*, e assim que empossado seu primeiro ato foi beneficiar empresários com cortes de impostos no valor de 117 milhões de dólares. Em seguida, em votação considerada ilegal na Assembleia Estadual, fez aprovar um projeto de lei que praticamente eliminaria os sindicatos dos funcionários públicos, declarando que com isso estaria visando economizar 150 milhões de dólares por ano:

Não são só os sindicatos associados com os democratas o que Walter e seus colegas de *Tea Party* desejam destruir; são os sindicatos dos servidores públicos. Isto importa por razões que são muito mais obscuras que as demais, mas que estão claramente relacionadas com nossos problemas contemporâneos: a fiscalização do capitalismo contemporâneo, a globalização da indústria e do comércio e, de maneira mais geral, o ataque mundial aos avanços econômicos e sociais conquistados no último século e meio. O problema, em resumo, é que, para sobreviver o capitalismo precisa se expandir e, com tão poucas áreas com espaço disponível, a esfera pública se torna tentadora demais para resistir. É por isso que as elites econômicas miraram as instituições que até agora tinham evitado a mercantilização total. Ninguém mais as protege hoje em dia que aqueles que nelas trabalham⁷⁶⁷.

A reação organizada, mesmo que defensiva, desencadeou uma série de protestos sindicais durante cerca de um mês e meio em 50 estados dos EUA. Ainda que a classe trabalhadora demonstre seu poder de reação diante da crise através de seus sindicatos, é notada claramente a falta de partidos representativos desta classe nos EUA, capazes de organizar uma atuação ofensiva em escala nacional. Os próprios sindicatos ainda são reféns da lei Taft-Hartley, de 1947, que proíbe “*as greves sectoriais, as greves 'selvagens' (não convocadas por sindicatos), as greves políticas ou de solidariedade, os 'boicotes secundários' (ações de apoio a uma greve efectuadas noutra empresa), os piquetes secundários ou massivos, o fecho de lojas*”, além da proibição de qualquer

the Mexican government to recapture California, Texas, and much of the Southwest to reestablish the mythical Aztec empire of Aztlan. Spencer lays the blame for a host of contemporary social ills – everything from LA's Rodney King riots to meth addiction – on Mexico's attempt to destabilize America. Any fool can see that a country of God-fearing, family-oriented Protestants is much harder to invade and occupy than one that's full of rioting crackheads”. LEVINE, Y. “How the Tea Party gave new life to mexican-hunting ultra-right extremists”. *The Exiled*. 07.06.11. Disponível em <http://exiledonline.com/how-the-tea-party-gave-new-life-to-mexican-hunting-ultra-right-extremists>, acessado em 10.07.11. Tradução nossa.

⁷⁶⁷LEVINE, A. “Protestos nos Estados Unidos: por que Madison importa”. *Agência Carta Maior*. 28.02.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17493, acessado em 07.05.11.

“contribuição financeira dos sindicatos para campanhas políticas federais”⁷⁶⁸. Ou seja, apresenta-se uma conjuntura que não traz boas perspectivas para o desenvolvimento consequente da luta de classes pelo proletariado naquele país.

O *Tea Party* nos permite apontar como um movimento fascista de terceira onda plenamente desenvolvido (talvez até a vanguarda para este tipo de movimento, visto que ideologicamente sua defesa do ultraliberalismo é muito mais avançada que em seus congêneres) é integrado e atua dentro do sistema democrático parlamentar burguês. Buscam organizar a pequena burguesia e a nova pequena burguesia, embora ideologicamente também desenvolva uma atração considerável sobre o lumpenproletariado estadunidense. Sua estratégia organizativa e sua efetividade real dependem do estilhaçamento de sua rede extrapartidária, o que impede sua qualificação jurídica como fascista, ao mesmo tempo em que articula todo o espectro fascista e reacionário já existente na sociedade estadunidense (especialmente as milícias e os grupos extremistas de pouca repercussão), os colocando sob a égide de lideranças intelectuais vinculadas diretamente com o capital financeiro e os grandes conglomerados empresariais, que provém ao movimento financiamento e poder midiático. Cumprem plenamente a função de última defesa do capital, em sua fase de dominância do capital financeiro e especulativo.

6.2. O MSM e o *Tea Party*:

Este movimento acabou por ecoar diretamente no MSM, onde esta “expressão” do nacionalismo conservador estadunidense seria “*tanta que já consegue até estourar as manobras com que os globalistas vinham sutilmente, desde os anos 50, infiltrando gente sua no Partido Republicano, nominalmente a fortaleza dos conservadores*”, assim “*chicoteado pelo movimento do Tea Party, o GOP ('Great Old Party') está em discreto mas efetivo ritual de autodepuração, e quanto mais se livra de traidores e vendidos, melhor o seu desempenho nas eleições*”⁷⁶⁹. Segundo Heitor de Paola, entusiasmado:

Muito escrevi nos últimos anos sobre o Suicídio da Águia, mergulhada num lodaçal de corrupção, esquerdismo, dominação do Partido Democrata pelo ‘*shadow party*’ comandado pelos grandes financistas sob a batuta de George Soros e a modorra Republicana que os aproximava cada vez mais dos ‘liberais’ (socialistas). Parecia que a eleição de Obama seria o golpe final com seu programa claramente socialista, de abjeta submissão à ONU e à ‘comunidade internacional’, com as medidas contra a Constituição Americana para aceitar as leis internacionais como acima dos princípios

⁷⁶⁸GOODMAN, A. “‘É uma guerra de classes’: entrevista com Michael Moore”. *Passapalavra*. 13.05.11. Disponível em <http://passapalavra.info/?p=39776>, acessado em 13.05.11.

⁷⁶⁹CARVALHO, O. de. “Nacionalismo americano – I”. *Diário do Comércio*. 22.05.11. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/110322dc.html>, acessado em 10.05.11.

da mesma. Obama e o grupo de Chicago que tomou de assalto o poder defendem que sempre que a Constituição Americana, que jurou ‘preservar, proteger e defender’, contrariar a lei internacional, esta teria precedência sobre a primeira. Para implementar sua agenda revolucionária, Obama e a gangue de Chicago tinham que atacar em duas frentes, pois a excepcionalidade histórica americana reside numa genial articulação entre uma economia livre de amarras governamentais e uma arraigada e inabalável moral judaico-cristã, obra fantástica dos *Founding Fathers* e *framers* da Constituição. Para realizar a ‘*Change*’ que embalou a *obaminável* campanha Democrata de 2008 urgia atacar ambas rapidamente⁷⁷⁰.

Este posicionamento de defesa incondicional do *Tea Party* e suas ações acabou por trazer à tona duas questões: a primeira, a inviabilidade de se fazer movimento semelhante no Brasil, e a segunda, sua defesa incondicional provocou um acirramento entre os grupos com os quais o MSM dialoga. Sobre o primeiro ponto, o MSM anota que os EUA possuem uma constituição plenamente “cristã”, o que os possibilita uma base para reação, o que no Brasil seria impossível, já que nossas cartas são marcadas pelo “conservadorismo brasileiro”:

A ideologia dos fundadores da República Americana foi uma síntese originalíssima que harmonizava as reivindicações práticas do Iluminismo com as exigências e princípios do cristianismo bíblico [...] "Nossa Constituição - afirmou o segundo presidente americano, John Adams - foi feita somente para um povo moral e religioso. Ela é totalmente inadequada para o governo de qualquer outro povo." Os americanos são o único povo, em todo o universo, governado por uma Constituição cristã, que ademais tem consciência disso e que continua vendo aí uma das fontes principais de inspiração para suas lutas, ao ponto de que mesmo os políticos hostis ou indiferentes ao cristianismo se vêem forçados a fazer-se de cristãos para não perder votos (Barack Obama, anticristão e pró-muçulmano, submeteu-se a essa ginástica só até o dia da eleição; tão logo se sentiu seguro no cargo deixou de frequentar os cultos dominicais, mesmo os da Black Liberation Theology)⁷⁷¹.

Então a questão é “explicada” em termos de experiências históricas, novamente reivindicando a explicação conservadora última para a questão brasileira, nosso suposto iberismo⁷⁷²:

O movimento que virou a política americana do avesso em menos de dois anos tem raízes profundas no que há de mais expressivo historicamente naquele País, das raízes do movimento pela Independência, simbolizado pelo nome escolhido, Tea Party, em referência à reação revolucionária contra o aumento dos impostos cobrados pela Coroa Britânica após a aprovação do Stamp Act de 1765, que obrigava ao pagamento de um imposto mediante um selo aplicado a todos os documentos legais e jornais circulantes nas Colônias. Esta reação foi alimentada pelo brado de no taxation without representation (sem representação, nada de impostos) e ao boicote de mercadorias inglesas chegando à rebelião plena em 16 de dezembro de 1773 em Boston quando os carregamentos de chá foram jogados ao mar. A reação foi violenta,

⁷⁷⁰PAOLA, H. de. *No, you can't!* A águia reage!. 11.11.10. Disponível em http://www.heitordepaola.com/publicacoes_materia.asp?id_artigo=2242, acessado em 13.05.11.

⁷⁷¹CARVALHO, O. de. *O que é o nacionalismo americano?* 22.03.11. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11941-o-que-e-o-nacionalismo-americano.html>, acessado em 17.05.11.

⁷⁷²Para uma reflexão mais ampla o iberismo, e suas diversas interpretações, ver o artigo de MAIA, J. M. “Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 71. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092009000300011&script=sci_arttext&tlng=., acessado em 17.05.11.

mas encontrou os colonos unidos em Comitês, seguindo o criado por Samuel Adams em Boston um ano antes. O parlamento inglês editou novas leis destinadas a punir os revoltosos, os Intolerable Acts, levando à convocação do Primeiro Congresso Continental em 1774. Em menos de dois anos e após uma guerra contra o domínio britânico, as Colônias se tornaram independentes. No Brasil o único movimento de independência foi a Inconfidência Mineira, até mesmo inspirada nos acontecimentos nas Colônias do Norte. No entanto, o movimento não partiu do povo, mas sim de proprietários rurais, intelectuais, clérigos e militares, os mais prejudicados pela *derrama*, o imposto extra sobre os 'homens bons' para completar cem arrobas de ouro⁷⁷³.

Sendo então estes três “fatores” explicativos para nossa “cordialidade submissa natural”: primeiro, “*a falta total de apoio popular, tornando o movimento uma mera conspiração, enquanto lá os Comitês eram abertos*”, a nossa “*expressão meramente regional, pois ainda não havia uma consciência nacional*”. Segundo, por ser o Brasil “*ainda dividido em Capitânicas não permitia que reverberasse uma identidade nacional*”. E por fim, “*enquanto a Conquista do Oeste e a expansão da nacionalidade foi feita lá por homens livres em busca de território para se instalar e cuidar de suas vidas, quase sem atuação da União*” no nosso caso “*as Entradas era financiadas pela Metrópole e as Bandeiras eram expedições que, embora financiadas por particulares, tinham o único propósito de explorar e não colonizar permanentemente*”. Assim, assinalando o salto histórico realizado sem nenhum pudor, “*os brasileiros não têm experiência, e conseqüentemente noção, do verdadeiro significado de liberdade individual, vivendo desde sempre sob o tacho português e depois de governos autoritários, iludidos por uma falsa sensação de proteção*”. Do mesmo modo isto determina nossos grupos reacionários: “*certamente existem no Brasil vários movimentos conservadores, mas todos são de elite intelectual, os quais até o momento não conseguiram fazer contato político produtivo com esta imensa massa de cidadãos comuns*”⁷⁷⁴.

Sobre o segundo ponto, a defesa aberta de um projeto fascista de massas acaba por confrontar as posições mais “moderadas”, que buscam algum consenso entre os que compartilham posições da direita ultraliberal. Isto é observado na resposta de Heitor de Paola ao Instituto Millenium (em artigo cujo subtítulo é “*não vim para debater, mas para combater*”):

RECADO AO IMBECIL COLETIVO DA PSEUDO-DIREITA (Instituto Millenium - cuja grana é administrada pelo Armínio Fraga, *office-boy* de George Soros -, Reinaldo Azevedo, Demétrio Magnoli, *et cetera*): sou, sim, radical! Radical no sentido de que só se extermina a erva daninha matando a raiz, radical no sentido do *Tea Party Express*, movimento tipicamente *grassroot* (raiz de grama) significando gente arraigada aos princípios fundadores da única Nação onde impera a liberdade e o *rule of law*, radical no sentido de defender os princípios Judaico-Greco-Cristãos da Civilização Ocidental⁷⁷⁵.

⁷⁷³PAOLA, H. de. *Um movimento conservador no Brasil?* 21.12.10. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/conservadorismo/11706-um-movimento-conservador-no-brasil.html>, acessado em 17.05.11.

⁷⁷⁴Idem.

⁷⁷⁵PAOLA, H. de. *A “direita” que a esquerda adora.* 27.02.10. Disponível em

E do mesmo modo que já tratado, a estratégia é a de ampliar a noção de crise para além da questão econômica, mas a tornando reflexo de uma crise moral, gerada e amplificada pela ação dos esquerdistas, liberais e republicanos “moderados”. Crise que não os tornaria incapazes de apontarem soluções “democráticas”, mas que faria parte de seu plano maior de implementação do comunismo, aproveitando o desespero da população. “*A imensa crise das hipotecas que abalou os últimos meses da Administração Bush – tenho sérias suspeitas de que foi armada para ocorrer naquele momento exato para eleger Obama*”, já que ocorreu “*logo depois do anúncio da escolha da Vice de McCain, Sarah Palin, que deu novo ânimo à sua candidatura – pegou o povo americano atônito com a catástrofe iminente e foi fácil convencê-lo a votar na bem propagandeada Change*”, para posteriormente “*aceitar a mais brutal intervenção governamental na economia desde o New Deal, a segunda pá de cal na liberdade econômica desde a criação do FED em 1913*”⁷⁷⁶.

Em artigo publicado por Ernesto Ribeiro, intitulado *Leitor do MSM vs. André Petry* esta ligação fica clara:

Todo mundo já esperava que a revista *Veja* fosse escalar o mentiroso de plantão do André Petry pra inventar a desculpa mais esfarrapada possível “explicando” a surra que Obama levou nessa eleição. **E o vigarista não decepcionou. Ele simplesmente NÃO SABE explicar coisa nenhuma do que está acontecendo lá nos EUA** (pois se contasse a verdade, mostraria que o mito Obama foi fabricado pela própria grande imprensa, incluindo a *Veja*) e se saiu com o surrado chavão de que *o problema é só a economia*. Estúpido. **É toda a destruição FÍSICA do país**. É a invasão de milhões de criminosos 'imigrantes' ilegais mexicanos e muçulmanos, em guerra contra os cidadãos com a criminalidade crescente, estupros de crianças, assassinatos e tráfico de heroína e crack. **É a Grande Crise Constitucional e Institucional**, com o governo federal rasgando a Constituição de mais de 200 anos do país e quebrando a Lei aprovada pelos Estados. **É o crime da Alta Traição**, com o presidente que vai a ONU para atacar o próprio povo, contrariando a vontade popular, destruindo a soberania nacional, se curvando servilmente aos piores inimigos do país, facilitando o trabalho dos terroristas e perseguindo os patriotas. **É a criminalização do Cristianismo** na maior nação cristã do planeta. É a **corrupção** do mar de lama que está fazendo Washington parecer Brasília. É a **devastação do ensino** nas escolas, obrigando as crianças a engolir merda de homossexualismo, islamismo, comunismo e ódio ao próprio país. Além de transformar os filhos dos outros em clientela pra pedófilos. É o escárnio **imoral** de insistir em nomear como “Czar da Segurança nas Escolas” um pedófilo com um histórico de abuso sexual infantil – contra os protestos de milhões de pais de alunos que estão retirando seus filhos das escolas para não deixar suas crianças nas mãos desses degenerados. É a **suprema canalhice** de nomear diretor da CIA um traidor que serviu á KGB. De indicar para juíza da Suprema Corte uma advogada dos mandantes dos terroristas que mataram 3 mil americanos no 11 de Setembro. **São as centenas de manifestações de protesto pipocando em todas as grandes cidades dos EUA, com quase 100 milhões de cidadãos adultos nas ruas querendo a cabeça de Obama**. **É o ataque á [sic] liberdade de expressão**, desrespeitando todos os opositores, com a proposta indecente de “Denuncie os boateiros contrários á reforma” e tentando implantar um sistema de terror similar ao stalinismo. É o desplante de **desprezar a vontade**

http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=1684, acessado em 10.05.11.

⁷⁷⁶PAOLA, H. de. *No, you can't!* A água reage!. 11.11.10. op. cit.

contrária de 80% da população. É a escancarada **destruição da economia**, torrando o dinheiro público como lixo, criando um déficit de TRILHÕES de dólares. São as **relações escusas**, doando BILHÕES a uma ONG criminosa investigada pelo Congresso, envolvida com prostituição e fraude eleitoral. É a odiosa **facada no coração do povo**, financiando a construção de uma mesquita muçulmana de 100 MILHÕES junto aonde ficavam as Torres Gêmeas, **cuspiendo na memória das milhares de vítimas assassinadas no 11 de Setembro**, naquele que foi o maior atentado terrorista muçulmano da História⁷⁷⁷.

Este tipo de posicionamento é compartilhado pela maioria dos leitores do MSM, o que evidencia o entendimento de democracia que seus leitores defendem, como Luíza Soares:

Não importa em absoluto o quanto Obama destrua o país, 95% dos negros, algo em torno de 60% dos hispânicos e 35% dos brancos esquerdistas do país vão votar nele, PONTO. Esta gente quer recursos do governo, cargos, e benefícios e estão cagando e andando pro resto. Mas aí é que está: os "conservadores", espertos demais, apoiam o voto universal, independentemente de o sujeito declarar renda ou não, e aí chamam os comunistas para participarem das eleições. Quem os sabichões acham que, com o passar do tempo, vai criar uma base eleitoral crescente e absolutamente fiel? Acordem, gente. O Partido Democrata, assim como o PT no Brasil, não se preocupa primariamente com as próximas eleições, mas sim com seus interesses de longo prazo. É por isso que ambos os países, mesmo que em velocidades diferentes, vão inexoravelmente se transformar em ditaduras socialistas. Vocês não queriam voto universal e plena representação de ideologias na vida política? POIS TOMEM⁷⁷⁸.

Este comentário gerou a resposta de jamesmdr, que congratula a autora: *“há anos que digo que os EUA estavam sendo corroídos por dentro, com a imigração desenfreada de pessoas oriundas de países atrasados e socialistas (desculpe o pleonasma), gente com esta mentalidade”*, e que *“se multiplicaram dentro dos EUA, obtiveram o direito a voto, seus descendentes são americanos que também votam, e o resultado aí está: a destruição dos EUA! Era óbvio!”*⁷⁷⁹. A “radicalização” do movimento conservador, assim como sua abertura para as massas se faz ponto convergente e necessário, encontrando mais justificativas que negações por parte do MSM (a experiência histórica, questões de conjuntura, explicitados na falta de dinheiro para organização de um partido formal) deixa claro que seu objetivo imediato não é a formação de um partido formal, expressão das camadas médias, mas o convencimento das “elites”, da classe dominante. Este posicionamento os impede de avançar como protagonistas, mas os possibilita espaço político suficiente para disseminarem todo um modo de ser. Se esta estratégia irá alterar-se ou não, não nos cabe conjecturar.

Deste modo, compreendemos o MSM dentro de um movimento de alcance global, cujas

⁷⁷⁷RIBEIRO, E. *Leitor do MSM vs. André Petry*. 13.11.10. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/outros/11594-leitor-do-msm-vs-andre-petry.html>, acessado em 13.05.11.

⁷⁷⁸Comentário de Luíza Soares, de 19.04.2011 em CARVALHO, O. de. *O homem invisível*. 19.04.11. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/desinformacao/12017-o-homem-invisivel.html#comment-39876>, acessado 05.05.11.

⁷⁷⁹Comentário de jamesmdr, de 20.04.2011 em CARVALHO, O. de. *O homem invisível*. 19.04.11. op. cit.

características que permitem o qualificar conceitualmente como um movimento fascista de terceira onda, não estão ainda plenamente desenvolvidas exatamente porque cabe ao MSM responder *de maneira possível* às exigências da conjuntura. Esta é marcada pela complexificação do campo político, onde não há a necessidade de um único aparelho privado de hegemonia ou partido *identificar abertamente em si* todas estas características, mas o exibir através de uma rede extrapartidária (entre ligações orgânicas e solidárias) congregando uma série de grupos em torno de elementos comuns de luta, servindo desta forma como formador para uma vida pré-estatal determinada: para um Estado autoritário com características fascistas abertas.

7. O MSM E SUA REDE EXTRAPARTIDÁRIA:

O que estamos investigando neste trecho da dissertação é a rede extrapartidária formada pelo MSM em torno de si. As redes extrapartidárias compõem um desdobramento baseado na complexificação do campo político. Esta complexificação do campo político brasileiro foi fruto das contradições sociais geradas nos mais de vinte anos de ditadura civil militar empresarial, que em seu acirramento fizeram ascender forças organizadas populares de caráter contestatório, ao mesmo tempo em que a própria classe dominante vivenciou sua crise de direção hegemônica⁷⁸⁰, notadamente acerca do modelo de desenvolvimento capitalista. “No final dos anos 70 e início dos 80, a burguesia, não tendo dirigido um movimento de incorporação da classe trabalhadora ao seu conceito de cidadania”, sendo que “quando os trabalhadores iniciam as lutas por sua emancipação da regulação do Estado, tal processo se apresentaria como uma conquista que se faz contra ela, a burguesia”⁷⁸¹. Diante desta possibilidade, a classe dominante, dentro dos parâmetros da “modernização conservadora”⁷⁸², efetiva “a reforma da institucionalidade autoritária e posterior criação da institucionalidade democrática sob Estado autocrático burguês”⁷⁸³. Dentro de um processo truncado, que acaba resultando na eleição indireta de Tancredo Neves em 1985, abre-se a possibilidade de organização pluripartidária, de organização e reunião, sendo garantido os direitos individuais (entre vários, a volta do *habeas corpus*), e especialmente, eleições diretas para todos os cargos do executivo e legislativo nos três níveis de poder (municipal, estadual e federal): a institucionalização da democracia eleitoral parlamentar. Estas mudanças, especialmente sobre as eleições, como Jacob Gorender posteriormente constataria, embora fruto de lutas populares, constituiriam a legitimação maior “da aceitação pelos milhões de moradores de barracos da sua imensa desigualdade diante dos pouquíssimos milionários”, condição justificável através da “igualdade entre os dois extremos no momento mítico de depositar o voto na urna”⁷⁸⁴:

Os assalariados e os pobres em geral constituíram o grosso das massas populares que reclamaram, nas ruas, pelo fim da ditadura militar e pela realização de eleições diretas. A forma política democrática corresponde, portanto, a uma aspiração das classes subordinadas, aí incluindo também a classe média. Estas percebem que as liberdades democráticas lhes concedem espaço para sustentar reivindicações com vistas a melhoras concretas no seu viver cotidiano. Ao ceder à aspiração democratizante, a classe dominante burguesa conseguiu estabelecer o consenso

⁷⁸⁰Para mais informações ver ZEN, L. F. G. “A conciliação das elites” projeto hegemônico de democracia na revista Veja 1982-1985. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido: UNIOESTE, 2009.

⁷⁸¹ALMEIDA, G. R. de. *História de uma década quase perdida*: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 46.

⁷⁸²FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976. ver p. 318-321.

⁷⁸³MACIEL, D. “Florestan Fernandes e a questão do transformismo na transição democrática brasileira”. *IV Simpósio Gepal*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt8/11_davidmaciel.pdf, acessado em 10.01.12.

⁷⁸⁴GORENDER, J. “Hegemonia burguesa – reforçada pela prova eleitoral de 94”. *Crítica Marxista*. n.º. 2. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/cm_2.1.pdf, acessado em 16.01.12.

socialmente amplo acerca de sua própria dominação. As grandes massas populares não vêem que possa haver algo melhor para elas, em matéria de regime político, do que a democracia. Querem a democracia e, simultaneamente, só podem querer a democracia burguesa⁷⁸⁵.

A investigação em rede aqui realizada parte de um pressuposto quase óbvio, que não se faz política de forma consequente isolando-se, que é necessário uma “estrutura” (organizada diretamente ou semiautônoma) para a disputa de caráter ideológico e/ou partidária. Os intelectuais do MSM sempre assinalaram esta necessidade, e investiram tempo e trabalho para a constituição de sua rede, em plena consciência que a direita não é capaz de organizar-se de maneira homogênea por muito tempo, dados as disputas em torno de interesses econômicos imediatos, o que acabou por formatar a rede em uma série de “instâncias” – compreendidas como diferentes eixos de articulação. Em torno de pautas específicas, como a luta contra o terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (III-PNDH), apresentado pelo governo Lula em 2010 ou a luta contra a legalização do aborto, por exemplo. Em torno de objetivos políticos comuns, como a oposição contra as gestões petistas no governo federal. Em torno de um programa mínimo, como o acordado através do Foro do Brasil, fundado em setembro de 2008. Este intitula-se “*entidade patriótica que tem por missão: Estudos para contribuir com o Aprimoramento Constitucional*” e é formado por “28 entidades patrióticas em seu Conselho e representantes em oito estados”, sendo “constituído pelo Conselho Geral e 14 Conselhos em áreas específicas de atuação”. Este Conselho Geral, presidido por Ronaldo Fontes, “*reúne-se semanalmente e realiza a Assembléia Geral a cada dois meses*”⁷⁸⁶. E até mesmo em torno de um programa amplo, como os pontos citados por Carvalho em entrevista para a constituição de um “verdadeiro” partido de direita no Brasil:

1. Anticomunismo. Não queremos comunismo na América Latina. Tchau, tchau e bênção. Adeus, Fidel Castro; adeus, Hugo Chávez, não queremos nada disso; 2. Livre empresa e respeito à propriedade; 3. Moral judaico-cristã; 4. Educação clássica. As pessoas têm de ter os valores fundamentais da civilização; 5. A verdadeira liberdade de discussão. 50% a 50%. Equilíbrio entre as correntes⁷⁸⁷.

Estas articulações não são parte de uma estrutura enrijecida, pelo contrário, são extremamente dependentes da conjuntura política e econômica, mas que acaba por afirmar o MSM como uma das maiores lideranças, ou seja, que é capaz de em um momento de crise social articular toda esta rede como possibilidade política efetiva para a reorganização do bloco no poder, ascendendo politicamente como solução conservante das estruturas sociais existentes. A predominância do MSM pode ser observada na popularidade de seu domínio na *web* em relação aos demais. Segundo o Alexa, já citada ferramenta de ranking da internet, o MSM consta como número

⁷⁸⁵GORENDER, J. “Hegemonia burguesa – reforçada pela prova eleitoral de 94”. *Crítica Marxista*. n.º. 2. op. cit.

⁷⁸⁶FORO DO BRASIL. *Entrada*. Disponível em <http://www.forodobrasil.info/>, acessado em 11.01.12.

⁷⁸⁷GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. “Direita na mídia”. *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. op. cit.

4.298 entre todos os *sites* brasileiros, e número 167.906 em comparação global⁷⁸⁸. Isto demonstra um alcance altamente considerável em torno de seus visitantes, já que, segundo informações oficiais, ele habita em universo de mais de 2.763.360 *sites* registrados como “.com.br”⁷⁸⁹. Seu público “possível” é composto por 37,4% da população total brasileira, mais de 75.982.000 de brasileiros, 3,6% da população total mundial usuária da rede⁷⁹⁰, uma vez que 98,7% dos visitantes do MSM são brasileiros⁷⁹¹.

Mesmo com este alcance, o MSM não prescinde da constituição de uma rede extrapartidária, seu “estilhaçamento” em diversas frentes de atuação corresponde à necessidade de um movimento fascista na contemporaneidade de evitar sanções jurídicas diretas contra o centro de poder da rede (impedindo sua qualificação jurídica como “fascista”, no caso de não o relacionar diretamente com milícias e grupos de ação direta); consegue responder às complexificações do campo político, identificando através desta rede uma série de conhecimentos ideológicos necessários para a formação de vida pré-estatal (ou seja, dado o avanço ou retrocesso da conjuntura política e econômica, esta “atuação conjunta” do mesmo modo resguarda o centro da rede extrapartidária); forma uma rede tanto militantes orgânicos quanto de solidariedade em torno de si, buscando disseminar suas formulações ideológicas entre aparelhos privados de hegemonia, partidos e organizações que compartilham crenças, símbolos e linguagem comuns; permite espaço para certa “pluralidade” interna, tanto em termos de bandeiras de luta específicas quanto formulações gerais, mas que podem vir a convergir, aqui especialmente em relação à crise aberta (mas que pode ocorrer em diversos termos, novamente, dependendo das necessidades impostas pela conjuntura). Na contemporaneidade a exigência de agrupar certa pluralidade em torno de si não restringe-se à direita fascista, assinalando que no capitalismo qualquer pluralidade capaz de unificação é diretamente subordinada à contradição fundamental entre capital e trabalho.

Para tentarmos abranger estas questões teoricamente, iremos nos apoiar na noção de rede extrapartidária constituída por Calil, sobre a conceituação gramsciana de partido (já abordada anteriormente). Este a construiu para situar as organizações formadas em torno do Partido de Representação Popular (PRP), que reorganizou os integralistas brasileiros no Pós-Guerra e existiu até 1965. Esta rede foi construída pela “*estruturação das várias organizações extrapartidárias*”, que “*vinculava-se, de forma orgânica, a um projeto de retomada da iniciativa por parte dos*

⁷⁸⁸ALEXA. *Consulta por* www.midiasemmascara.org. Disponível em <http://www.alexa.com/siteinfo/midiasemmascara.org#>, acessado em 13.02.10.

⁷⁸⁹CETIC.BR. *Estatísticas diárias por categoria*. Disponível em <http://www.cetic.br/dominios/index.htm>, acessado em 13.02.12. O site do MSM é apresentado como .org mas quando acessado é redirecionado automaticamente para o .com.br.

⁷⁹⁰ECOMMERCE.ORG. *Os 20 países com maior número de usuários da internet*. Disponível em <http://www.e-commerce.org.br/stats.php>, acessado em 13.02.12.

⁷⁹¹ALEXA. *Consulta por* www.midiasemmascara.org. op. cit.

*integralistas, visando transcender os limites da ação estritamente partidária*⁷⁹². Assinalando que, para Gramsci, o partido, especialmente o revolucionário, para criar uma “nova concepção de homem”, sob uma concepção totalitária (no sentido de totalizante), implica ao partido a necessidade de “romper todos os fios que ligam estes membros a organismos culturais estranhos” ou “incorporá-las num sistema cujo único regulador seja o partido”⁷⁹³. Isto torna-se particularmente importante para o MSM visto seu posicionamento como partido “contrarrevolucionário” por excelência. Na pesquisa de Calil esta leitura foi corroborada pela interpretação de Plínio Salgado sobre os outros partidos do período, em especial o Partido Comunista Brasileiro (PCB), atuando conscientemente para criar e consolidar esta rede:

Você não compreendeu o sentido e o alcance das organizações que devem integrar o Movimento Nacional Brasileiro. Não somos um partido burguês do tipo da UDN [União Democrática Nacional] e do PSD [Partido Social Democrático]. Somos do tipo do PCB ou do PTB [Partido Trabalhista Brasileiro]. Ora, o PCB vive porque tem a alimentá-lo várias organizações: Liga de Emancipação Nacional, Frente das Mulheres Democráticas, CTAL (Confederação dos Trabalhadores da América Latina), Liga dos Camponeses (que está tendo grande impulso, principalmente no Paraná), Campanha do Petróleo é Nosso, etc. etc. Por outro lado, o PTB vive porque tem organizações paralelas: os Institutos e o Ministério do Trabalho ... E nós? Que temos, pelo menos para aproveitar a votação que tive, extra-PRP? Nada. E nada de nada. Não se trata, portanto, de ampliar e dispersar, como você pensa; mas de aproveitar uma massa, que me acompanha, que votara no PRP por minha causa, que não pode ser abandonada, mas utilizada⁷⁹⁴.

Calil interpretou esta “ampliação” como “a construção de um conjunto de trincheiras, visando travar uma guerra de posição, já que o assalto imediato ao poder estava descartado naquela conjuntura”, e que “pretendia-se não restringir a intervenção integralista aos aspectos meramente político-institucionais da pequena política”, os possibilitando “retomar a iniciativa de uma ação política ampla”⁷⁹⁵. No caso do PRP, esta rede extrapartidária foi constituída em sete “instrumentos” principais: o PRP em si (centro desta rede), a Livraria Clássica Brasileira, a Confederação dos Centros Culturais de Juventude (CCCJ), a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB), o jornal *A Marcha*, a Ação Nacional Brasileira e o seu programa radiofônico. Escolha estratégica que atingiu determinados objetivos:

A estratégia de “guerra de posição”, ocupando posições no parlamento e no executivo, além de facilitar a sobrevivência material do integralismo, permitiu-lhe colocar em prática alguns elementos de sua ideologia, ainda que em um ritmo e intensidade que muitas vezes decepcionava e desanimava sua militância, o que se

⁷⁹²CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 487.

⁷⁹³GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 253-254.

⁷⁹⁴Correspondência de Plínio Salgado a Herculano Ramos, 21.04.1957 *apud* CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 487.

⁷⁹⁵CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 487-488.

deve não apenas à nova estratégia assumida pelo movimento, mas também pela própria inviabilidade de concretização coerente do projeto integralista, claramente contraditório e irracionalista, como qualquer projeto fascista. Em termos gerais, a reformulação estratégica foi uma resposta aos desafios da nova conjuntura político-social, tendo obtido um relativo êxito, na medida em que tornou possível a intervenção do integralismo nas duas décadas seguintes e permitiu que os integralistas se apresentassem como “antifascistas”, o que, a despeito de todas as evidências em contrário, era reiteradamente admitido por grupos políticos e sociais vinculados às classes dominantes⁷⁹⁶.

Nosso intento ao recorrer a esta noção, não é o de somente apontar “apêndices”, que auxiliariam a atuação do partido em si, mas indicar que estas outras frentes da guerra de posição, vinculadas organicamente a um centro dirigente, atuam decisivamente para seu crescimento quantitativo e qualitativo, para o cumprimento de seu projeto histórico. Esta rede é parte crucial da construção da vontade nacional, e atua angariando solidariedade e apoio de outros grupos (que necessariamente não se comprometeriam integralmente ao projeto político, mas que é passível de haver concordância às suas linhas gerais ou bandeiras específicas); disseminando de modo mais amplo agitação e propaganda; possibilitando fazer convergir outros campos sociais para o campo político, atingindo domínios da vida social fundamentais para a construção do “homem novo”; aumentando as chances para a cooptação e a formação de novos militantes; organizando uma quantidade maior de pessoas; enfim, possibilitando que o partido intervenha ativamente além dos limites institucionalizados do campo político-eleitoral burguês, observando seu projeto em implicações sociais mais abrangentes. Para nós, *esta rede organizada é o partido*, em todas suas implicações teóricas – relembrando que, segundo Lênin: “*o partido é um conjunto de organizações interligadas num todo único. O partido é a organização da classe operária, espalhada numa rede das mais diversas organizações locais e especiais, centrais e gerais*”⁷⁹⁷.

A análise aqui desenvolvida só foi possível por considerarmos em nossas reflexões sobre a internet que o desenvolvimento tecnológico altera o próprio processo social de vida. Nesta consideração a tecnologia não coloca-se acima das classes e seus interesses, do mesmo modo que a disputa ideológica não faz-se dissociada das suas bases sociais. Então, retomando parte de nosso segundo capítulo, assinalemos novamente nosso entendimento sobre as formas e o conteúdo da internet. As formas são as determinações, materiais e virtuais que irão permitir a existência do conteúdo na rede, este referindo-se ao conjunto total das possibilidades de interações comunicativas humanas mediadas e permitidas pelas formas (material e virtual) da tecnologia. Deste modo buscamos assinalar a internet como “instrumento” que potencializa e dá forma para a atuação partidária, servindo como base para uma série de novos tipos de ações conjuntas entre os

⁷⁹⁶CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 795-796.

⁷⁹⁷LÊNIN, V. I. “Como V. Zassulich combate o liquidacionismo”. *apud*. MARX, K.; ENGELS, F.; LÊNIN, V. I. *Acerca do partido*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. p. 48.

indivíduos:

O computador é, portanto, antes de tudo um operador de potencialização de informação. Dito de outro modo: a partir de um estoque de dados iniciais, de um modelo ou de um metatexto, um programa pode calcular um número indefinido de diferentes manifestações visíveis, audíveis e tangíveis, em função da situação em curso ou da demanda dos usuários. Na verdade é somente na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem, uma vez, como já disse, o texto em papel (ou o filme em película) forçosamente já está realizado por completo. A tela informática é uma nova “máquina de ler”, o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular⁷⁹⁸.

A internet possui como fonte uma característica multifacetada, que não se permite resumir em um único modo de tratamento, sendo então, que temos de apontar sua especificidade como modo de comunicação. “*Se o acesso aos dados é possível pela interligação dos computadores dispostos em rede (net em inglês), a internet comporta diferentes formas de mídia (imagem, som, texto, gráfico, vídeo, etc.) sendo assim multimídia*”⁷⁹⁹. Deste modo, a grande característica da rede não é a imposição de um formato de mídia sobre outro, mas a interconexão destes. Como exemplos, podemos apontar “*o VoIP (Voz sobre IP), o IPTV (televisão sobre IP), o fenômeno Youtube, as redes sociais, as mensagens instantâneas e o correio eletrônico*”⁸⁰⁰. Como coloca Luciano Figueiredo, “*a reunião de texto, imagem e som parece representar uma das últimas fronteiras alcançadas pela capacidade e desenvolvimento tecnológico*”, que através do multimídia “*podem-se captar diferentes sentidos e formas de determinado recorte histórico — temático ou temporal — e concentrar todas as informações textuais, visuais e sonoras relevantes em um mesmo núcleo*”⁸⁰¹.

Esta correlação multimídia só pode ser compreendida através da noção de hipertexto, modalidade técnica marcada por ser o usuário que opta pela sequência da narrativa “*através de escolhas entre as alternativas possíveis de links que lhe são disponibilizadas a cada nó*”, interagindo diante das possibilidades oferecidas e assim, obtendo uma leitura (o acesso a informações, seja em qual for o seu formato) de modo aparentemente não sequencial, não linear. Assim sendo “*não basta haver mistura entre textos, gráficos e vídeos em um sistema multimídia*”⁸⁰², mas que o usuário tenha uma relação ativa ao navegar através do espaço informacional.

A ideia de hipertexto é criada por Vannevar Bush no artigo de 1945 chamado *As we may think*, em que criticava os sistemas de indexação existentes, cuja ordenação se dava pela hierarquização da informação em classes, subclasses, etc. Este processo não era completamente

⁷⁹⁸LEVY, P. *O que é virtual?* op. cit. p. 41.

⁷⁹⁹HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes: redes discursivas em uma enciclopédia online*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 16.

⁸⁰⁰VELOSO, E. M. *Legislação sobre internet no Brasil*. op. cit.

⁸⁰¹FIGUEIREDO, L. R. “História e informática: o uso do computador”. In. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. op. cit. p. 606-607.

⁸⁰²HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes: redes discursivas em uma enciclopédia online*. op. cit. p. 19-20.

efetivo, no que buscou superar imaginando um sistema comparado com o pensamento humano, que ocorre através de associações. Para aproximar-se deste, Bush idealizou um dispositivo que chamou de Memex (*Memory extender*) para mecanizar tanto a classificação quanto a seleção das informações por associações⁸⁰³. Mas o termo hipertexto só é cunhado por Theodore Nelson em 1965, mesmo que seu funcionamento tenha sido elaborado anteriormente. Ele trabalhava, também nos Estados Unidos, no projeto Xanadu, buscando “*expressar a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática*”, através de uma “*imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo*”⁸⁰⁴, ou seja, a disponibilidade de informação para uma série de usuários em que os documentos pudessem ser alterados por cada um destes, visando seu aprimoramento. “*O desejo de ampliar a memória humana (cognitiva) e a ânsia de concentrar todo o conhecimento do mundo, que é como mostram as propostas de Bush e Nelson, são as bases da formulação do termo 'hipertexto'*”, já que seria através da “*informática, mais especificamente em suas máquinas, o meio material para a criação de uma memória (grande, extensa) através da escrita. Essa escrita, porém, não poderia ser linear; devido à necessidade de associações e atualizações entre imensos volumes de informação*”⁸⁰⁵.

Segundo Jakob Nielsen:

“Hipertexto” é a não-sequencialidade ligando pedaços de texto ou outra informação. Se o foco de um sistema ou documento é sobre tipos não-textuais de informação, o termo hipermídia é geralmente utilizado em seu lugar. Em documentos impressos tradicionais, o único link praticamente existente é a nota de rodapé, sendo então o hipertexto geralmente referido como “a nota de rodapé generalizada”. As coisas as quais podemos ligar para ou vindas de são chamados nós, e todo o sistema irá formar uma rede de trabalho de nós interconectados com links. Links podem ser classificados e/ou ter atributos, e eles podem ser uni ou bi direcionais. O usuário acessa a informação nos nós através da navegação por links⁸⁰⁶.

A impressão de “liberdade” na navegação *online* é somente aparente, já que delimitada pelos nós que correspondem entre si. Este nós referem-se às informações em série que surgem para serem decodificadas pelo usuário na tela do computador, sendo que, cada um destes nós “*pode conter um número diverso de elementos, sejam eles palavras, imagens ou outras formas gráficas, que funcionam como dispositivo de deslocamento, isto é, são as ligações de um nó com o outro*”. Através do “*clique sobre um link é que se começa a navegação propriamente dita na internet*”, sendo que é este o “*grande marco do hipertexto, sem ele, não haveria relação entre nós disponíveis, e a cada bloco de informação a ser acessada seria necessária a digitação de todo o endereço*”.

⁸⁰³HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes: redes discursivas em uma enciclopédia online*. op. cit. p. 17.

⁸⁰⁴NIELSEN, J. “*Hypertext and hypermedia*”. Boston: Academic, 1990. p. 33. *apud* HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes: redes discursivas em uma enciclopédia online*. op. cit. p. 18.

⁸⁰⁵HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes: redes discursivas em uma enciclopédia online*. op. cit. p. 18.

⁸⁰⁶NIELSEN, J. *Hypertext'87 Trip Report*. Disponível em <http://www.useit.com/papers/tripreports/ht87.html>, acessado em 06.07.11. Tradução nossa

eletrônico que se gostaria de ler”⁸⁰⁷. Embora seja marcada pela navegação através de uma página inicial, a sequência a ser seguida através de uma única aba do navegador (o que raramente acontece em uma pesquisa genérica na rede) é através dele que é determinada a série de caminhos possíveis. “*O link é o gesto primeiro e fundamental das relações entre saberes na internet e é a relação entre os nós possíveis, mas também é o bloqueio/a restrição de tudo que ele não põe em relação: os nós impossíveis (não-linkados)*”⁸⁰⁸.

É importante compreendermos a utilização da rede para investigação social contemporânea, já que esta cria vínculos passíveis de relações, indicativos sociais, que antes eram negados ao pesquisador ou exigiam uma pesquisa extremamente desgastante. Buscamos afirmar aqui uma metodologia, que através da rede, nos permitisse relacionar estes grupos, tendo como centro o MSM, ou seja, buscando atribuir a partir deste uma rede extrapartidária, *os nós, as ligações, que articulam sua atuação através de uma série de diferentes trincheiras e que escapam de uma existência “meramente” virtual*. Como afirma Pierre Levy, faz parte das funções do hipertexto informático “*hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele destaca e remete*”⁸⁰⁹.

Desta forma trabalhamos com duas categorias metodológicas: as redes autoatribuídas e as atribuídas. As primeiras são as ligações explicitadas pelo MSM como estruturas formadoras em sua própria atuação partidária, como por exemplo, na lista que relaciona os *sites* de seus colonistas e editores. A tabela abaixo é uma versão da tabela número doze, mas desconsiderando alguns parâmetros daquela (articulistas sem *sites*, nacionalidade, profissão, artigos):

TABELA 18: *Sites* mantidos por atuais colonistas do MSM:

Nome	Site
Marcus Boeira	http://marcusboeira.blogspot.com
Leonardo Bruno	http://cavaleiroconde.blogspot.com
Olavo de Carvalho	www.olavodecarvalho.org , www.seminariodefilosofia.org , http://theinteramerican.org/
Alejandro Peña Esclusa	http://www.fuerzasolidaria.org , http://www.unoamerica.org
John Haskins	www.undergroundjournal.net
Ubiratan Iorio	www.ubirataniorio.org
Alan Keyes	www.alankeyes.com , www.aipnews.com , www.selfgovernment.us
Jeffrey Nyquist	www.jrnyquist.com
Heitor de Paola	www.heitordepaola.com , www.escolasempartido.org
Daniel Pipes	http://www.danielpipes.org

⁸⁰⁷HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes: redes discursivas em uma enciclopédia online*. op. cit. p. 19.

⁸⁰⁸Idem. p. 24-25. Grifos nossos.

⁸⁰⁹LEVY, P. *O que é virtual?* op. cit. p. 37.

Nome	Site
Klauber Cristofen Pires	http://libertatum.blogspot.com
Percival Puggina	www.puggina.org
Cel. Luis Alberto Villamarin Pulido	http://www.luisvillamarin.co.nr
Tibiriça Ramaglio	http://observatoriodepiratininga.blogspot.com
Graça Salgueiro	http://notalatina.blogspot.com
Julio Severo	www.juliosevero.com , http://escolaemcasa.blogspot.com

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. op. cit.

A rede autoatribuída também aparece no caso de organizações em rede assumidas pelo MSM, a formação de frentes. Isto é visível no caso do, já citado, Foro do Brasil, que reúne uma série de entidades representativas de um pensamento “nacionalista”:

O FORO DO BRASIL, nasceu como Grupo CAPA de discussões sobre problemas brasileiros, organizado por membros da ADESG/SP e cidadãos representantes de algumas entidades patrióticas no ano de 1996 [...] Tem como objetivo fundamental contribuir para o Aprimoramento das Instituições Nacionais. Tem como linha mestra, atuar dentro de parâmetros constitucionais, da ordem, da justiça e da verdadeira democracia. Defender os interesses da nação para que o país seja mantido livre, distante de ideologias que empregam o totalitarismo e a perpetuação do poder, seja de qualquer natureza. Acreditamos que o uso do consenso, participação e discussão das idéias, por representantes legítimos, seja a melhor forma de conseguirmos alcançar um caminho verdadeiro e sólido para o povo e nossas instituições. Trabalhamos para a reconquista e a manutenção dos Objetivos Nacionais Fundamentais a saber: – Soberania – Progresso – Paz Social – Democracia - Integridade do Território Nacional – Integração Nacional⁸¹⁰.

Na figura abaixo apresenta-se a articulação desenvolvida:

⁸¹⁰FORO DO BRASIL. *Sobre*. Disponível em http://forodobrasil.info/fb/?page_id=2, acessado em 13.02.12.

FIGURA 6: Sites de parceiros do Foro do Brasil.



Foro do Brasil

Soberania Já!

Sites de Parceiros

A Continência	www.acontinencia.com
Alerta em Rede	www.alerta.inf.br
Alerta Total	www.alertatotal.blogspot.com
A Verdade Sufocada	www.averdadesufocada.com
Blog do Clausewitz	www.blogdoclausewitz.blogspot.com
Blog do Reinaldo Azevedo	www.veja.abril.com.br/blogs/reinaldo
Brasil Acima de Tudo	www.brasilacimadetudo.lpchat.com
Cai o Pano - Christina Fontenelle	www.christina-fontenelle.blogspot.com
Câmbio	www.cambio.com.co/821
Coturno Noturno	www.coturnonoturno.blogspot.com
Defesa@Net	www.defesanet.com.br
Direto do Abismo	www.darkabysses.blogspot.com
Farol da Democracia Representativa	www.faroldademocracia.org
Fuerza Solidária	www.fuerzasolidaria.org
Grupo Guararapes	www.fortalweb.com.br/grupoguararapes
Grupo Inconfidência	www.grupoinconfidencia.com.br
Heitor de Paola	www.heitordepaola.com
Imortais Guerreiros	www.freewebs.com/imortaisguerreiros
InfoRel - Relações Internacionais	www.inforel.org
Levante-se Brasil !	www.levante-se.co.cc
Mídia sem Máscara	www.midiasemmascara.com.br
Nota Latina	www.notalatina.blogspot.com
Observatório Brasileiro	www.observatoribrasileiro.blogspot.com
Olavo de Carvalho	www.olavodecarvalho.org
Ordem e Progresso	www.ordemeprogreso.co.cc
Paz no Campo	www.paznocampo.org.br
Políticos Brasileiros	www.politicosbrasileiros.com.br
Resistência Militar	www.resistenciamilitar.blogspot.com
Ternuma	www.ternuma.com.br
Tribuna Nacional	www.tribunanacional.com.br
ucho.info	www.ucho.info
UND - União Nacionalista Democrática	www.undbrasil.org
ViVerdenovo	www.montenegroviverdenovo.blogspot.com
Voto Eletrônico, Voto Seguro?	www.voto-e.blogspot.com

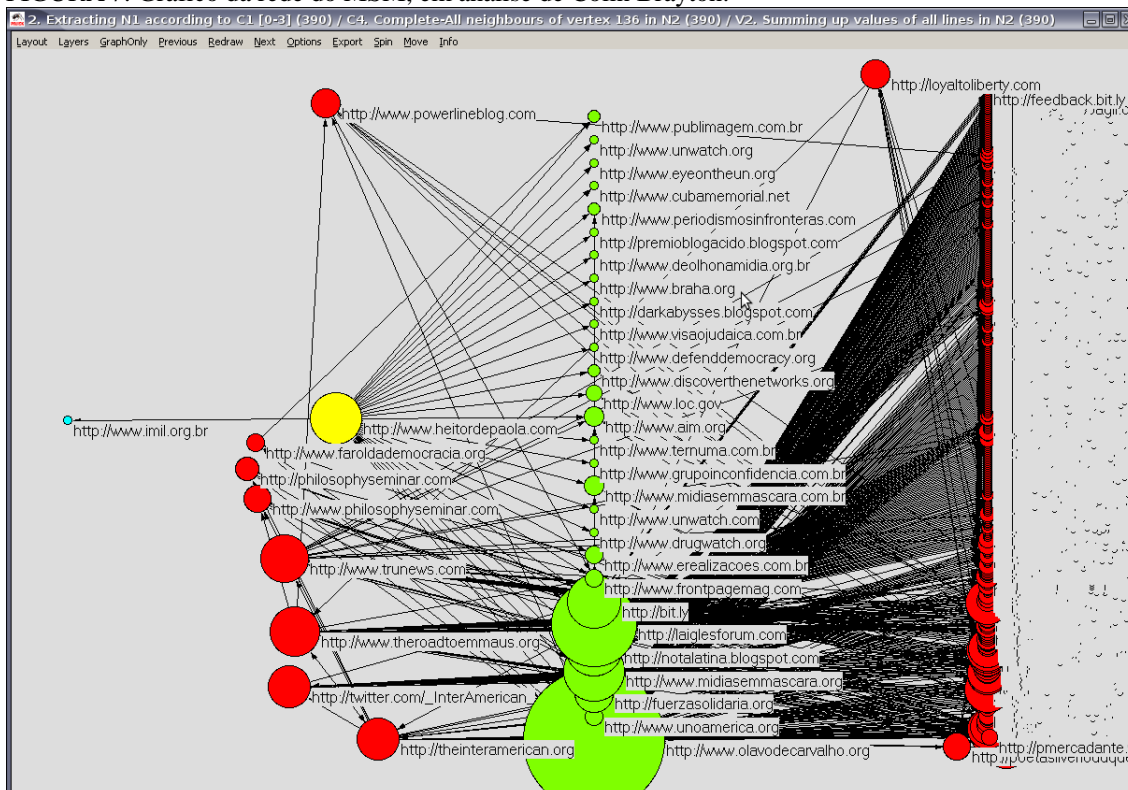
FONTE: Recebido por e-mail. 07.02.11.

Consideramos estas duas redes autoatribuídas como evidentes, já que ilustram ligações confirmadas pelo próprio MSM como parte de sua atuação partidária. Assim, não buscamos investigar cada um destes participantes para compor uma análise própria em sua relacionalidade com o MSM. Cabe-nos assinalar que estas redes são incompletas, não demonstram todo o poder de

articulação do MSM. Desta lacuna surgiu a necessidade de efetuarmos uma leitura própria, para caracterizar a rede que chamaremos “atribuída” (discutiremos as ligações pertencentes à rede atribuída junto com os resultados da rede autoatribuída).

A rede atribuída é uma leitura efetuada e determinada por nós. Sua feitura só foi possível de forma efetiva graças à ênfase do MSM em sua militância virtual, através da rede. Embora já exista uma investigação que buscava esta rede, seguindo o mesmo sentido, feita pelo jornalista estadunidense Colin Brayton, em artigo chamado *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul* de 10.01.11⁸¹¹, identificamos uma série de equívocos factuais contidos neste texto, o que impossibilitaria a apropriação de seus resultados. Para fins de comparação mencionaremos um de seus gráficos em que situa o MSM em uma rede (feita através da ferramenta da internet *Godaddy*⁸¹²), lembrando que Brayton não faz nenhuma mediação conceitual em sua leitura, considerando todos os elementos como uma espécie de bloco ideológico comum, que diferiria em seus nomes “fantasia”:

FIGURA 7: Gráfico da rede do MSM, em análise de Colin Brayton:



FONTE: BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. Disponível em <http://tupiwire.files.wordpress.com/2011/01/neoimilolavo.png>, acessado em 13.02.12.

Nossa leitura foi feita em conjunto com um tecnólogo em sistemas de informação especializado em publicidade através da rede, Ariel Patschiki, que desenvolveu, baseado em um

⁸¹¹BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. op. cit.

⁸¹²GODADDY.COM. *Web site analytics*. Disponível em <http://www.godaddy.com/hosting/website-analytics.aspx?ci=9035>, acessado em 13.02.11.

programa de código aberto já existente, a ferramenta para a leitura do MSM e sua rede extrapartidária. A técnica empregada para relacionar os *websites* é conhecida como *Web Crawler* ou *Spider*⁸¹³, que consiste em um dispositivo automatizado que verifica todos os *hiperlinks* de uma página base, e que, para cada hiperlink encontrado refaz a mesma verificação. O *Web Crawler* pode ser configurado para executar estas verificações quantas vezes forem necessárias, sendo que este número de vezes pode ser chamado de “profundidade” (“*dephts*”). Para realizar a análise do MSM, foi usada a técnica de *Web Crawler* através de um script⁸¹⁴ escrito na linguagem de programação *Ruby*⁸¹⁵ utilizando uma biblioteca específica para *Web Crawler* chamada *Anemone*⁸¹⁶.

Os passos desempenhados pelo script podem ser separados em dois momentos: primeiro analisando todos os *hiperlinks* existentes na totalidade de páginas do MSM. O resultado deste exame inicial foi uma lista de *websites* e a quantidade de *hiperlinks* existentes na soma de suas páginas. O segundo passo constituiu-se da apreciação via script de cada *site* encontrado, porém desta vez, limitando-se apenas ao segundo nível de profundidade de cada *hiperlink* (leitura que não foi tão arrojada quanto à efetuada em relação ao MSM, que foi devassado em sua totalidade, mas que foi a única possível de ser feita em prazos realistas). Durante estas duas investigações construiu-se um banco de dados com as informações de *hiperlinks* do MSM e de seus *links*, que após o fim da leitura nos permitiu efetuar uma análise de tipo *Data Mining*⁸¹⁷ para estabelecer a relacionalidade entre os *websites*. O script desenvolvido para esta análise encontra-se disponível para download e utilização pública e gratuita⁸¹⁸ e a pesquisa foi feita entre os dias primeiro de janeiro e sete de fevereiro de 2012.

O resultado da primeira fase do trabalho nos permitiu visualizar 1194 *links* de saída do MSM (entre estes resultados encontrando diferentes páginas do mesmo *site*)⁸¹⁹. Estes resultados nos permitem visualizar, além da rede, a capacidade total do MSM de gerir informações, de pesquisa em suas mais variadas fontes – há uma série de *sites* relacionados à esquerda, estatísticas oficiais, jornais nacionais e estrangeiros, *sites* e *blogs* de políticos, etc. Após a obtenção destes dados foram feitas confrontações com cada uma das ligações encontradas através do *Web Crawler*, buscando verificar se existia ou não relacionamento recíproco de cada um destes com o MSM em suas duas

⁸¹³KOBAYASHI, M.; TAKEDA, K. “Information retrieval on the web”. *ACM Computing Surveys*. n.º. 2, volume 32, junho de 2000. Disponível em <http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=358923.358934>, acessado em 13.02.12.

⁸¹⁴WIKIPEDIA. *Script* (computing). Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Script_\(computing\)#cite_note-1](http://en.wikipedia.org/wiki/Script_(computing)#cite_note-1), acessado em 13.02.12.

⁸¹⁵WIKIPEDIA. *Data mining* (programming language). Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Ruby_\(programming_language\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Ruby_(programming_language)), acessado em 13.02.12.

⁸¹⁶ANEMONE. *What is it?*. Disponível em <http://anemone.rubyforge.org/>, acessado em 13.02.12.

⁸¹⁷WIKIPEDIA. *Data mining*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Data_mining, acessado em 13.02.12.

⁸¹⁸PATSCHIKI, A. *Semantic spider*. Disponível em <https://github.com/arielpts/semantic-spider>, acessado em 13.02.12.

⁸¹⁹PATSCHIKI, L. *Tabela anexo 1194*. Disponível em <http://www.mediafire.com/?8kmur3bo6hg1ac4>, acessado em 20.02.12.

principais profundidades. Após este tratamento foram obtidos 33.949 *links* reversos em 180 *sites* (15,8% do total).

Por fim, fora feita uma última verificação pelo pesquisador, já que tratava-se de uma consideração qualitativa em relação ao nosso objeto: buscamos nestes 180 *sites* excluir do resultado final da análise retornos que considerassem denúncias, repúdios, respostas, etc. ao MSM por *sites* que o combatem ou o discordam de seu conteúdo. Por exemplo, nesta busca encontramos *sites* como o Portal de Luis Nassif, a Agência de Informação Frei Tito para América Latina (Adital), de entidades de luta pelos direitos GLBTS, etc., além de *sites* utilizados como plataforma para a disputa ideológica, tal qual o Centro de Mídia Independente ou as páginas de comentários abertas de diversos jornais – lembrando que é através deste tipo de confrontação que o MSM também busca afirmar-se partidariamente (já discutido no tópico 5.1 *Criação e afirmação do MSM*, desta dissertação)⁸²⁰. Desta leitura restaram 139 *sites*, sendo que o próximo passo foi a produção de uma breve descrição de cada um destes, visando permitir a visualização da influência recíproca constituída entre o MSM e os diversos aparelhos privados de hegemonia: associações, institutos, grupos políticos e religiosos, indivíduos, etc. Foram consideradas entre a quantidade total de *links* de saída do MSM (mais de sete mil até uma, ponderando as maiores e mais organizadas evidentemente as que exibem maiores resultados) e dos *links* de retorno (que não correspondem necessariamente a mesma importância dada pelo MSM).

Para fins de apresentação separamos esta pesquisa em torno de três tabelas, nos permitindo fazer comentários específicos em relação a quantidades de *links* de saída do MSM. A primeira tabela dá conta dos maiores resultados, de mais de sete mil até oito:

TABELA 19: Rede extrapartidária do MSM até oito *links* de saída:

<i>Site</i>	<i>Links de saída</i>	<i>Links de retorno</i>	Descrição
juliosevero.blogspot.com	7829	3476	<i>Blog do colunista Julio Severo</i>
www.heitordepaola.com	7767	4	<i>Site do colunista Heitor de Paola</i>
www.olavodecarvalho.org	7666	38	<i>Site do editor chefe do MSM Olavo de Carvalho</i>
www.nivaldocordeiro.net	7610	10	<i>Site do colunista Nivaldo Cordeiro</i>
notalatina.blogspot.com	7599	425	<i>Blog sobre América Latina mantido por Graça Salgueiro</i>
www.seminariodefilosofia.org	7578	27	<i>Site do Seminário de filosofia de Carvalho</i>
www.escolasempartido.org	7566	17	<i>Site mantido por Miguel Nagib contra a “ideologização” da escola brasileira</i>

⁸²⁰Todos os *sites* podem ser verificados pelo próprio Google, através do comando exemplificado, levando em consideração a diferença nas datas da pesquisa: “site:www.iran-press-service.com link:www.midiasemmascara.org OR link:www.midiasemmascara.com.br OR ‘midia sem mascara’”.

<i>Site</i>	<i>Links de saída</i>	<i>Links de retorno</i>	Descrição
www.padrepauloricardo.org	7557	2	Site pessoal do Padre Paulo Ricardo, da Arquidiocese de Cuiabá (MT). É bacharel em teologia e mestre em direito canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), atualmente lecionando nos cursos de Filosofia e Teologia. É autor de diversos livros e apresenta o programa “Oitavo Dia”, pela Rede Canção Nova de Televisão.
www.ubirataniorio.org	7557	5	Site pessoal de Ubiratan Iorio
unoamerica.org	7557	4	ONG’s antichavista venezuelana mantida pelo colunista Alejandro Peña Esclusa
www.faroldademocracia.org	7556	161	Entidade de defesa do “livre mercado”
www.puggina.org	7555	1	Site do colunista Percival Puggina
profetaurbano.blogspot.com	7554	366	Blog mantido pelo colunista Edson Camargo
wisdomandvirtue.blogspot.com	7554	57	Blog anônimo em inglês que serve como “armazém” de links de interesse em torno do MSM, Carvalho, etc.
www.lifesitenews.com	97	4	Site estadunidense cristão de orientação “pró-vida” e que pretende-se internacional
www.luisvillamarin.com	90	10	Site do colunista colombiano Cel. Luis Villamarin Pulido
www.mises.org.br	75	28	Site do Instituto Von Mises Brasil, presidido por Hélio Beltrão Filho
www.dcomercio.com.br	60	7	Site do jornal <i>Diário do Comércio</i> , mantido pela Associação Comercial de São Paulo
brunopontes.blogspot.com	56	64	Blog do colunista Bruno Pontes
fuerzasolidaria.org	52	4	ONG’s antichavista venezuelana fundada pelo colunista Alejandro Peña Esclusa
www.ordemlivre.org	44	3	Entidade da <i>Atlas Economic Research Foundation</i> em cooperação com o <i>Cato Institute</i> , mantido por Diogo G.R. Costa, Elisa Lucena Martins e Magno Karl
www.jrnyquist.com	24	2	Site do colunista estadunidense Jeffrey Nyquist
ecologia-clima-aquecimento.blogspot.com	22	1	Blog cujo subtítulo é “ <i>verde é o novo vermelho</i> ”, dedicado ao anticomunismo ecológico
lastdayswatchman.blogspot.com	18	2	Blog em inglês de Julio Severo
www.ternuma.com.br	16	5	Site dedicado à memória das “vítimas do terrorismo vermelho” durante a ditadura
www.averdadesufocada.com	16	29	Site do Coronel Brilhante Ustra, que busca “retratar” a imagem do Exército durante a ditadura
radardamidia.blogspot.com	13	1	Blog de comentários sobre a mídia de J. Sepúlveda
www.providaanapolis.org.br	13	1	Entidade “pró-vida” de Anápolis (GO) mantida pelo Padre Luiz Carlos Lodi da Cruz
laiglesforum.com	13	1252	Fórum estadunidense de discussão para “cristãos conservadores”
cavaleirodotemplo.blogspot.com	13	6861	Blog mantido pelo “Cavaleiro do templo” e Alex Brum Machado. Possui publicidade da Livraria Cultura
www.unbconservadora.blogspot.com	13	339	Blog da Juventude Conservadora da UnB, mantido por Felipe Melo
libertatum.blogspot.com	12	2991	Blog mantido pelo colunista Klauber Cristofen Pires
espectivas.wordpress.com	12	10	Blog português mantido por Orlando Braga
menteconservadora.blogspot.com	11	242	Blog anônimo de divulgação do “pensamento conservador”
fratresinunum.com	10	9	Blog de notícias católicas

<i>Site</i>	<i>Links de saída</i>	<i>Links de retorno</i>	Descrição
www.dicta.com.br	10	3	<i>Site da revista semestral Dicta & Contradicta do Instituto de Formação e Educação</i>
felipemourabrasil.blogspot.com	8	172	<i>Blog do redator publicitário e jornalista Felipe Moura Brasil</i>
blogdomrx.blogspot.com	8	184	<i>Blog de “Mr. X”, autor do livro Politicamente incorreto! O melhor do blog de Mr. X</i>

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

Esta primeira tabela nos mostra os sites mais próximos do MSM, responsáveis pela formação e sustentação de seu discurso ideológico e atividades partidárias. Ela é basicamente formada por colunistas e entidades próximas. Encontram-se dezessete *sites* e *blogs* de caráter pessoal (o que não significa de uso pessoal ou restrito, mas de responsabilidade pessoal), referentes a colunistas e participantes esporádicos do MSM.

Destes o maior é o *blog* de Julio Severo, identificado como escritor, sendo autor dos livros *Orações proféticas* pela editora Propósito Eterno, *O movimento homossexual* pela editora Betânia e *As ilusões do movimento gay*, sem editora. Ele milita pela observação dos preceitos morais evangélicos para a sociedade, tornando-se conhecido crítico dos movimentos de liberalização do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ele adquiriu certa visibilidade após seu “autoexílio” para os EUA, já que estaria sofrendo “assédio” da Polícia Federal no Brasil (não conta com acusações somente relativas á homofobia, mas também por educar seus filhos em casa, o que é ilegal no Brasil). Segundo ele:

O Brasil está descaradamente caminhando para uma ditadura cultural e legal pró-homossexualismo e pró outras perversões, inclusive o sacrifício de crianças com amparo estatal. Que chances tenho eu de prosseguir meu trabalho sem sofrer muitas outras ameaças? Além disso, outras posições cristãs e éticas que eu e minha família temos são encaradas injustamente como “crimes” pela pseudo-democracia brasileira, trazendo grandes riscos de segurança para nós. Defendemos abertamente a educação escolar em casa, opção educacional que estava disponível para as famílias brasileiras até que os esquerdistas suprimiram, sem que ninguém percebesse, tal liberdade na Constituição de 1988 [...] Defendo também a liberdade de os pais optarem por não vacinar seus filhos, considerando o fato gravíssimo de que a maioria das vacinas infantis é feita a partir de linha de células fetais de bebês abortados [...] Uma sociedade justa e saudável tem escolas que, em vez de doutrinarem as crianças no homossexualismo, ensinam o valor do casamento, o valor do papel do pai e da mãe, o valor do sexo conjugal e desestimulam as crianças de todo comportamento nocivo, inclusive o homossexualismo⁸²¹.

Estas ações contra ele resultaram em uma espécie de conformação como escritor autorizado de parte dos evangélicos e católicos “tradicionalistas”. Seu *blog* conta com uma abrangência considerável, com quase dois mil seguidores e indicações de cerca de cento e cinquenta mil

⁸²¹CRISTIANISMO HOJE. *Entrevista com Julio Severo*. 27.04.09. Disponível em <http://juliosevero.blogspot.com/2009/06/entrevista-original-de-julio-severo.html>, acessado em 13.02.12.

visitações mensais⁸²². Também notam-se *sites* e *blogs* pessoais, como o de “Mr. X” e o “Mente Conservadora”, que tratam da divulgação de pressupostos ideológicos partilhados com o MSM, através da produção de percepções próprias sobre a realidade social, caso do primeiro *site* indicado, ou através da mera reprodução, caso do segundo.

As “entidades” relacionadas ao MSM constam em número de onze, sendo que levamos em consideração para a inclusão nesta categoria basicamente a existência de estrutura própria em termos de organização e atuação partidária (o que não significa que estas estejam dissociadas do MSM). Deste grupo fazem parte: O Nota Latina, o Seminário de filosofia, o Escola sem Partido, a UnoAmérica, o Farol da Democracia, o Instituto Von Mises Brasil, o Fuerza Solidária, o Ordem Livre, o Ternuma, o Verdade Sufocada e o Pró-Vida Anápolis. Os dois primeiros são referentes à organização direta do MSM, enquanto o Escola sem Partido, o Farol da Democracia, o Instituto Von Mises Brasil, o Ordem Livre, o Ternuma, o Verdade Sufocada e o Pró-Vida Anápolis contam com participação de intelectuais do MSM, mas possuem certa autonomia, constituindo-se em aparelhos privados de hegemonia específicos. A UnoAmérica e o Fuerza Solidária são ONG’s venezuelanas de Alejandro Peña Esclusa, que contam com a participação de membros do MSM, especialmente Olavo de Carvalho e Graça Salgueiro, mas que não participam diretamente de sua organização, construindo-se como entidades internacionais com que solidarizam-se (participando de campanhas, abaixo-assinados, arrecadamento, etc.).

Entre eles, assinalaremos os de maior alcance: o Escola sem Partido, o Farol da Democracia Representativa e o Ternuma. O primeiro, coordenado por Miguel Nagib, acabou por tornar-se referência da direita no que refere-se à suposta “ideologização” da escola pública brasileira, graças à revista *Veja*, que tanto o citou em suas matérias quanto pela reprodução de diversos artigos de seu colunista Reinaldo Azevedo pelo já citado *site* (não sabemos em que ponto é orgânica esta relação, mas indique-se que o colunista nunca pediu para retirarem as reproduções do ar). O Farol da Democracia Representativa, presidido por Jorge Roberto Pereira, basicamente disponibiliza cadernos de leitura *online*, que consideram como “cursos”, buscando a “*disseminação dos valores culturais que estruturaram a moral, a ética, a religiosidade e o saber jurídico da civilização ocidental*”⁸²³. O Ternuma (Grupo Terrorismo Nunca Mais) foi formado por “um punhado de democratas civis e militares, inconformados com a omissão das autoridades legais e indignados com a desfaçatez dos esquerdistas revanchistas”⁸²⁴ em 25.07.98. O site começou como um memorial para as “vítimas” (ou assim consideradas) da guerrilha armada que lutou contra a ditadura no Brasil. Hoje em dia, ele expandiu-se, fornecendo aos seus leitores uma série de escritos de

⁸²²JULIO SEVERO. *Blog*. Disponível em <http://juliosevero.blogspot.com/>, acessado em 13.02.12.

⁸²³FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Quem somos*. Disponível em <http://www.faroldademocracia.org/quemsomos.asp>, acessado em 14.02.12.

⁸²⁴TERNUMA. *Quem somos*. Disponível em <http://www.ternuma.com.br/ternuma/index.php?open=1>, acessado em 13.02.12.

caráter histórico, que buscam defender a atuação dos militares naquele período. Também organiza comemorações no dia 31 de março, data do Golpe de Estado, e possui considerável biblioteca *online* de cunho chauvinista.

Entre jornais e revistas encontram-se o já discutido *Diário do Comércio* e a revista *Dicta & Contradicta* do Instituto de Formação e Educação, que oferece cursos de formação na área de Humanas e Artes. Compõem este Instituto os seguintes: Guilherme Malzoni da Motta Rabello, engenheiro naval, doutorando em Neurociência na UNIFESP; Marcello Nébias Pilar, Gerente de investimentos da Hedging-Griffo; Luiz Felipe Leite Estanislau do Amaral, bacharel em Ciências Econômicas pelo INSPER, mestrando em Economia pela FEA-USP; Henrique Elfes, formado em Letras pela PUC-PR; Joel Pinheiro da Fonseca, bacharel em Ciências Econômicas pelo INSPER e em Filosofia pela USP, mestrando em Filosofia na mesma faculdade; Julio Cesar Lazzarini Lemos, escritor, doutorando pela Faculdade de Direito da USP; Martim Vasques da Cunha de Eça e Almeida, mestre em Filosofia da Religião pela PUC-SP, diretor da área de Humanidades do Instituto Internacional de Ciências Sociais e membro do MSM; Renato José de Moraes, Mestre pela Faculdade de Direito da USP, professor do Instituto Internacional de Ciências Sociais; Rodolfo Brito, administrador de empresas; e Rodrigo Scalamandré Duarte Garcia, formado em Direito pela PUC-SP⁸²⁵.

O único grupo político formalmente organizado que aparece nesta leitura é já citada Juventude Conservadora da UnB, mesmo que ao nível do Movimento Estudantil. Este é organizado por Felipe Melo e, ao contrário da União Conservadora Cristã que é renegada por Carvalho, organiza-se diretamente em torno do MSM. Conta ainda com um fórum estadunidense, o “Laigles Forum”.

A segunda tabela refere-se aos sites que possuem a quantidade de *links* de saída do MSM entre sete e dois resultados:

⁸²⁵INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO. *Quem somos*. Disponível em <http://www.ife.org.br/quem-somos.html>, acessado em 13.02.12.

TABELA 20: Rede extrapartidária do MSM de sete até dois links de saída:

<i>Site</i>	<i>Links de saída</i>	<i>Links de retorno</i>	<i>Descrição</i>
www.domluizbergonzini.com.br	7	3	Site de Dom Luiz Bergonzini de Guarulhos, São Paulo
www.imil.org.br	7	3	Site do Instituto Millenium, entidade fundada em 2009, e que conta como mantenedores nomes como Armínio Fraga, Daniel Feffer, Gustavo Marini, Helio Beltrão, João Roberto Marinho, Jorge Gerdau Johannpeter, José Carlos de Salles Gomes Neto, Maristela Mafei, Nelson Sirotsky, Pedro Henrique Mariani, Ricardo Diniz, Roberto Civita, Roberto Mesquita, Salim Mattar, Sergio Foguel e William Ling. Neste escrevem como articulistas, entre vários, Bruno Garschagen, Denis Rosenfield, Klauber Cristofen Pires, Ubiratan Iorio, etc.
pt.danielpipes.org	7	69	Site do colunista Daniel Pipes, historiador especialista em Oriente Médio e Islamismo, com a missão de “promover os interesses americanos”
la3.blogspot.com	7	341	Blog português intitulado “Nadando contra a maré vermelha”, mantido pelo engenheiro mecânico Luis Afonso
observatoriobrasileno.blogspot.com	7	2	Versão em espanhol do Nota latina” mantido por G. Salgueiro, A. B. Machado e Luis Villamarin Pulido
www.erealizacoes.com.br	6	1	Site da editora É realizações de propriedade de Edson Filho
www.providafamilia.org.br	6	1	Site da Associação Nacional Pró-vida e Pró-família, presidido por Humberto Leal Vieira
www.freerepublic.com	6	2	Fórum estadunidense sobre “Deus, Família, Nação, Vida e Conservadores Liberais”
thenewamerican.com	6	1	Site da revista estadunidense “The New American”
livraria.seminariodefilosofia.org	5	243	Site da livraria virtual do Seminário de filosofia
salmo12.blogspot.com	5	21	Blog cristão de defesa contra o “comunismo universitário”
www.ipco.org.br	5	8	Site do Instituto Plínio Correia de Oliveira, fundado pelo engenheiro Adolpho Lindenberg, com sede “no tradicional casarão do bairro de Higienópolis, em São Paulo, que durante mais de duas décadas serviu de local de trabalho e de reuniões ao Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, na sua qualidade de fundador e presidente vitalício da Sociedade Brasileira de Defesa de Tradição, Família e Propriedade–TFP”
brasilacimadetudo.lpchat.com	5	2720	Site de cunho nacionalista reprodutor de artigos e notícias
normabraga.blogspot.com	5	72	Blog da evangélica “conservadora” Norma Braga, colunista do MSM
coturnonoturno.blogspot.com	5	251	Blog de divulgação ligado a militantes do PSDB
cursopoa.blogspot.com	5	3	Blog de propaganda para palestras de José Nivaldo Cordeiro
debateolavodugin.blogspot.com	4	2	Blog sobre o debate público entre Carvalho e Alexandre Dugin, russo representante do Partido Nacional Bolchevista, sobre “a nova ordem mundial”
livrariarc.blogspot.com	4	76	Blog da Livraria Resistência Cultural de São Luís do Maranhão
conexaoconservadora.blogspot.com	4	26	Podcast com entrevistas e séries apresentado por Alex Brum Machado
aluizioamorim.blogspot.com	4	32	Blog do jornalista Aluizio Amorim
www.deuslovult.org	4	73	Blog católico mantido por Jorge Ferraz
www.institutoliberal.org.br	4	6	Site do Instituto Liberal, presidido por Arthur Chagas Diniz
www.cubdest.org	4	5	Lista de notícias sobre Cuba noticiadas nos EUA e América Latina
www.lahistoriaparalela.com.ar	3	20	Site argentino que reproduz artigos e notícias anticomunistas da América Latina

<i>Site</i>	<i>Links de saída</i>	<i>Links de retorno</i>	<i>Descrição</i>
www.visaojudaica.com.br	3	25	<i>Site</i> da revista mensal curitibana <i>Visão Judaica</i>
montenegroviverdenovo.blogspot.com	3	34	<i>Blog</i> de Arlindo Montenegro
www.eagora.org.br	3	49	<i>Site</i> de Eduardo Graeff. Ele é mestre em ciência política pela USP e foi subchefe da Casa Civil para Assuntos Parlamentares e Secretário-Geral da Presidência da República no governo Fernando Henrique Cardoso, e coordenador do escritório de representação do Estado de São Paulo em Brasília no governo José Serra.
zenobiofonseca.blogspot.com	3	16	<i>Blog</i> de Zenóbio Fonseca. Ele é professor universitário, Mestre em Estratégia e Gestão em Meio Ambiente pela UFF, Pós-Graduado em Direito do Consumidor pela FGV e Direito Privado pela UFF, Pós-Graduado em Formação Política e Processo Legislativo - IBGEN e membro do Movimento Pró-vida no Rio de Janeiro.
www.mvb.org.br	3	1210	<i>Site</i> do “Movimento Viva Brasil”, de defesa das “liberdades individuais”, tendo extensa atuação na oposição ao controle de armas
www.vanguardapopular.com.br	3	254	<i>Site</i> de humor anticomunista conhecido por sua loja virtual, que disponibiliza uma série de camisetas e acessórios do mesmo cunho
www.alertatotal.net	3	34	<i>Site</i> do jornalista Jorge Serrão
www.imortaisguerreiros.com	3	3	<i>Site</i> de propaganda mantido por diversos membros (cerca de trinta e um), dentre os quais, Félix Maier e Carlos Alberto Baggio
temporamos.blogspot.com	3	4	<i>Blog</i> mantido por Augustus Nicodemus Lopes (Pastor presbiteriano, mestre e doutor em Interpretação Bíblica, professor no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, da IPB e autor de vários livros), Mauro Meister (também pastor e professor) e Solano Portela
www.diogochiuso.com	3	145	<i>Site</i> de Diogo Chiuso
marcusboeira.blogspot.com	2	30	<i>Blog</i> do colunista Marcus Boeira
cavaleiroconde.blogspot.com	2	437	<i>Blog</i> do “Conde”, autointitulado blogueiro da mídia golpista
carlosverezablog.blogspot.com	2	1	<i>Blog</i> do ator da Rede Globo de Televisão Carlos Vereza
www.pontocritico.com	2	4	<i>Site</i> da <i>newsletter</i> “Ponto Crítico”, dirigido por Gilberto Simões Pires. Comentarista e jornalista já atuou na TVE, na TV Guaíba, no Grupo RBS, na TV Pampa, na Rede Bandeirantes e na NET RS.
www.lojasmaconicas.com.br	2	2	<i>Site</i> maçom, mantido por Wolney da Rocha Godoy.
vigiai.net	2	2	<i>Site</i> do impresso “Vigiai” de cunho evangélico. É um site de propriedade de Vital Sousa
www.paznocampo.org.br	2	2	Entidade contra a Reforma Agrária com sede em São Paulo. É controlada pelos “seguidores da obra” de Plínio Corrêa de Oliveira. Seu porta voz é o Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança.
blogdemirianmacedo.blogspot.com	2	2	<i>Blog</i> da jornalista Mirian Macedo
quebrandoneoateismo.com.br	2	3	<i>Blog</i> sobre antiateísmo mantido por “Snowball”
www.portaldafamilia.org	2	2	<i>Site</i> da ONG Associação Família Viva, fundada por Carlos Casagrande, Marcelo Guterman e outros
www.videeditorial.com.br	2	2	Braço editorial do VIDE. É responsável pelo lançamento do último livro de Carvalho
gaysdedireita.blogspot.com	2	68	<i>Blog</i> anônimo de denúncia da suposta “manipulação” que os grupos GLBTS estariam sofrendo da esquerda
diasimdiatambem.com	2	2	<i>Blog</i> “Vida sim, aborto não” de cunho católico mantido pelo blogueiro Wagner Moura

<i>Site</i>	<i>Links de saída</i>	<i>Links de retorno</i>	<i>Descrição</i>
ucho.info	2	1	Jornal <i>online</i> que tem uma coluna de Ipojuca Pontes
www.fundadores.org.br	2	2	<i>Site</i> dos “Fundadores”, cisão da Tradição, Família e Propriedade ocorrida após a morte de Plínio Corrêa de Oliveira. Seu principal representante é o Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança
www.veritatis.com.br	2	2	<i>Site</i> do “apostolado” católico “ <i>Veritatis Splendor</i> ”, destinado à divulgação e defesa das práticas ortodoxas daquela religião
www.expressodasilhas.sapo.cv	2	7	Jornal de Cabo Verde, cujo repórter Casimiro de Pina tem artigos reproduzidos no MSM
www.conservapedia.com	2	1	Enciclopédia estadunidense, estilo “Wikipedia”, sobre conservadorismo. O MSM tem um verbete na seção sites.
archive.frontpagemag.com	2	1	<i>Site</i> da revista <i>online</i> estadunidense “ <i>FrontPage</i> ”, que conta com uma série de colunistas do MSM como colaboradores
www.if.org.br	2	2	<i>Site</i> do Instituto Federalista, que proclama-se porta voz “ <i>na difusão plena dos conceitos de federalismo, capitalismo, liberdade, autonomia, auto-gestão, governança responsável, participação social efetiva do processo decisório legislativo</i> ”, entre outras. É presidido pelo empresário curitibano Thomas Raymund Korontai, e está em vias de transformar-se em partido.
ogladio.blogspot.com	2	3	<i>Blog</i> português “conservador” mantido por Carlos Velasco
resistenciademocraticabr.blogspot.com	2	2150	<i>Blog</i> do jornal <i>online</i> “Resistência Democrática” de responsabilidade de Marília Valverde
www.jornadacrista.org	2	54	<i>Blog</i> anônimo católico

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

Esta tabela trata de *sites* importantes, mas cujas relações com o MSM são menos evidentes na formação do discurso ideológico deste, sendo que a função maior notada é a de propaganda, de disseminação ideológica e confrontação com outros discursos ideológicos existentes no corpo social. Neste sentido é importante assinalar a mudança de funções dos *sites* e *blogs* aqui observados: se na tabela anterior, maioria era de responsabilidade pessoal, aqui são voltados diretamente para a propaganda, contando com vinte e dois registros. Os mais relevantes são o “Conexão Conservadora”, *podcast* de propaganda ideológica que funciona como um programa de entrevista em formato “*talk show*”, o “Coturno Noturno” e o “Brasil Acima de Tudo”, que contam com enormes quantidades de material ideológico disponível aos seus leitores. Entre os *sites* de cunho pessoal temos que citar o de Dom Luiz Bergonzini, Bispo da Igreja Católica da Diocese de Guarulhos, São Paulo. Em seu *site* são disponibilizados opiniões sobre uma série de temas, os mais citados: aborto, estupro, ateísmo, comunismo, homossexualismo, imprensa, pedofilia e o Partido dos Trabalhadores (note-se a proposital “conjunção” contruída entre todos estes assuntos). Conta ainda com um serviço direto de comunicações, o “Pergunte ao Bispo”⁸²⁶. Do mesmo modo o *blog* de Marcus Boeira, que nos últimos anos passou a destacar-se como colunista no MSM, especialmente em cogitações sobre o Estado e o campo jurídico. Três *sites* pessoais que chamam atenção ainda são o de Eduardo Graeff, de Zenóbio Fonseca e de Carlos Vereza, cujos dois

⁸²⁶DOM LUIZ BERGONZINI. *Início*. Disponível em <http://www.domluizbergonzini.com.br/>, acessado em 14.02.12.

primeiros contam formação acadêmica formal considerável: o primeiro, que mantém o “E Agora?”, *blog* de cunho político, ligado aos Institutos Teotônio Vilela e Fernando Henrique. Este último participou ativamente da divulgação de seu último livro, escrito diretamente em inglês e disponibilizado para a venda na Amazon (a maior loja virtual do mundo) chamado *Corruption in Brazil – from Sarney to Lula*, uma “resposta” às acusações relativas às privatizações nas gestões de FHC na presidência. Foi também um dos principais organizadores da campanha virtual de José Serra nas eleições de 2011, onde especialmente no segundo turno contra Dilma Roussef, do PT, as discussões tomaram um caráter de anticomunismo grosseiro e caricato. Segundo Luis Nassif, durante aquela campanha Graeff:

[...] se transformou em um pitbull comandando o exército de trolls contratados por Serra. Dançou quando passei a fazer cruzamentos dos seguidores dos trolls no Twitter com os nomes cadastrados na Rede PSDB. A trama foi desmascarada. Graeff caiu. Esta eleição deixará indelevelmente no ex-Eduardo Graeff a marca da infâmia. Pelos próximos anos, toda vez que o virem passar, os seus ex-amigos saberão que ali está a pessoa que ajudou a transformar a face mais visível do partido de Vilmar Faria e de dona Ruth, de Vilma Motta e do Grama, no subsolo do esgoto mais fétido que a Internet já produziu [...]montou blogs apócrifos para atacar adversários, contratou profissionais da difamação e montou uma rede – Rede PSDB – com pessoas que deram ao seu partido a feição mais indigna que uma organização poderia ter⁸²⁷.

O *blog* de Zenóbio Fonseca assume um foco assumidamente cristão, ou seja, quando se refere a questões políticas e jurídicas, o faz através das mediações do campo religioso, não sendo sem motivo, já que Fonseca é um dos mais ativos militantes do Movimento Pró-Vida Rio de Janeiro. O *blog* do ator Carlos Vereza, ex comunista, serve de base para a disseminação de textos seus, onde aglutina antilulismo, espiritualismo e anticomunismo, de modo muito próximo ao MSM.

Esta tabela conta com um número muito maior de jornais, editoras, boletins e livrarias, sendo doze ao total. Entre estes encontram-se as já citadas editoras É Realizações e a Vide Editorial; as livrarias do Seminário de filosofia e a Resistência Cultural (também virtual, mas que indica a possível aquisição de uma loja no Maranhão); as revistas religiosas a *Visão Judaica* (obviamente sobre judaísmo) e a *Vigiai* (evangélica); O jornal *Expresso das Ilhas* de Cabo Verde, e as revistas estadunidenses *FrontPage Magazine* e *The New American*; por fim, os seguintes órgãos de imprensa nacionais: o jornal *online Ucho.info*, o jornal *Resistência Democrática* e o boletim *Ponto Crítico*. O *Ucho.info* é a versão *online* do jornal do Distrito Federal, que possui conexão com o MSM por ter entre seus colunistas Ipojuca Pontes. O *Resistência Democrática* foi um jornal virtual que contou com sete edições, sendo a primeira de março de 2010 e a última de setembro de 2011. Seu editor era Fernando Bilhari e contava com a participação de Francisco Vianna, Mário Fortes, Thomas Korontai, Thomas Fendel, Sueli Guerra, Valfrido M. Chaves, Iracema Pedrosa, dentre

⁸²⁷NASSIF, L. *apud* BORGES, A. *Eduardo Graeff e o submundo tucano*. Disponível em <http://www.advivo.com.br/blog/spin-in-progress/eduardo-graeff-e-o-submundo-tucano>, acessado em 17.01.12.

outros⁸²⁸. O boletim virtual *Ponto Crítico* é de responsabilidade de Gilberto Simões Pires e as referências ao MSM são somente para enfatizar as proposições anticomunistas deste. Encontram-se ainda nesta tabela o fórum estadunidense “*Free Republic*” e a “enciclopédia” de publicações “conservadoras” daquele mesmo país “*Conservapedia*”.

Em termos de propaganda não poderíamos minorar a importância da loja virtual Vanguarda Popular, que consolidou-se como site de humor anticomunista, passando a vender camisetas e acessórios de “humor político”. Em seu *site* existe um “observatório da imprensa” satírico, que pode ser recebido como boletim eletrônico e que também é divulgado através do Twitter e do Facebook e a loja de camisetas (segundo eles “*agit-prop shirts*”). Nas duas imagens seguintes vemos a página inicial do *site* e a frente da camiseta de Olavo de Carvalho vendida por eles (na data da pesquisa custando vinte e sete reais e noventa centavos):

FIGURA 8: Página inicial do site “Vanguarda Popular”:

The screenshot shows the homepage of Vanguarda Popular. At the top left is the logo featuring a man's face with a hammer and sickle, with the text 'Vanguarda Popular' and the slogan 'Guerra é Paz. Liberdade é Escravidão. Ignorância é Força.' To the right is a banner for 'MST invade fazendas no Farmville e promove matança sanguinária...'. Below the header is a navigation menu with links: 'Página Inicial', 'Quem Somos', 'Notícias', 'Comentário Popular', 'Comitê Central', 'Facebook', 'CAMISETAS', 'Contato', 'Pesquisar', and 'Walmartx'. The main content area is divided into several sections. On the left, there is an article titled 'Como enfrentar a violência policial nos protestos' by Juan Pablo Chang, with a photo of a person in a crowd. In the center, there is a 'Redes Sociais Antiimperialistas' section with icons for Twitter, Facebook, Orkut, and RSS, and a 'CAMISETAS' advertisement for a t-shirt with the text 'In God We Trust' and 'Soli Deo Gloria', priced at R\$ 21,90. On the right, there is a 'Walmartx' advertisement for HP toners with the text 'Use toners originais HP' and a Facebook link for Vanguarda Popular.

FONTE: VANGUARDA POPULAR. Página inicial. Disponível em <http://www.vanguardapopular.com.br/portal/>, acessado em 03.03.12.

⁸²⁸RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA. Edição n.º 7, setembro de 2011. Disponível em <http://www.newsflip.com.br/pub/resistenciademocratica//index.jsp?edicao=2198>, acessado em 14.02.12.

FIGURA 9: Camiseta de Olavo de Carvalho vendida na “Vanguarda Popular”:



FONTE: VANGUARDA POPULAR. ODC - Sapientiam Autem Non Vincit Malitia. Disponível em <http://d3cznlo0697e08.cloudfront.net/products/807-10d96ca3ba4f4cd10f71b82ce5b8e43e.jpg>, acessado em 14.02.12.

Entre as “entidades” encontram-se o Instituto Millenium, o Instituto Liberal, o Movimento Viva Brasil, o Instituto Federalista, o Lojas Maçônicas, o apostolado católico “*Veritatis Splendor*”, a Associação Nacional Pró-vida e Pró-família, a Associação Família Viva, os Fundadores, Instituto Plinio Correia de Oliveira e o Paz no Campo.

As Lojas Maçônicas e o apostolado católico “*Veritatis Splendor*” são entidades de cunho específico, a primeira congregando lojas do Brasil, para troca de conhecimento e experiências, e a segunda define-se como apostolado católico pela defesa da “fé cristã”. A Associação Nacional Pró-vida e Pró-família e a Associação Família Viva são entidades de defesa da “família tradicional”, focando temas como aborto, homossexualismo, feminismo, pedofilia, adoção, etc. No *site* da última encontramos o seguinte artigo do “filósofo” Iveraldo Santos:

A idéia de assassinar um feto é terrível. Dificilmente um cidadão, gozando de suas plenas faculdades mentais, concordaria com ela. O mesmo se dá com a sociedade. Ela tende a rejeitar totalmente essa idéia. Para tornar essa macabra idéia agradável e aceitável, tanto pelo cidadão como também pela sociedade, entre em cena, mais uma vez, as técnicas de lavagem cerebral de Gramsci. O movimento favorável ao aborto ou pró-aborto se utiliza, basicamente, de duas grandes técnicas desenvolvidas por Gramsci. A primeira técnica é o esquecimento [...] Nos diversos meios de comunicação como, por exemplo, TV, cinema, jornal e revistas, a imagem da gravidez e do feto está, cada vez mais, desaparecendo [...] A segunda técnica utilizada é procura modificar o sentido original das palavras. Uma palavra que antes tinha um sentido positivo, após passar pela técnica de lavagem cerebral torna-se negativa e ruim. Para tanto, utiliza-se do procedimento de substituição de palavras [...] Entre as palavras que o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto utiliza para substituir a palavra “feto” encontram-se “indesejado”, “pedaço de carne”, “massa”, “bife”, “alienígena”, “estrangeiro”, “estranho”, “monstro”, “vírus”, “doença”, “erro”, “resto”, “sobra”, “castigo” e “pacote”⁸²⁹.

⁸²⁹SANTOS, I. *Gramsci, lavagem cerebral e o aborto*. Disponível em

É por este tipo de argumentação que relacionamos ideologicamente estas entidades com o MSM, proporcionando para este uma frente fundamental de atuação política, já que passa a articular um público alvo que compartilha com uma série de pressupostos ideológicos, crenças, símbolos, linguagem, etc.⁸³⁰.

Nesta tabela encontram-se os maiores institutos com os quais o MSM dialoga, entre estes: o Instituto Millenium, o Instituto Liberal e o Instituto Federalista. Destes, o mais importante sem dúvida é o Instituto Millenium (IMIL), atualmente o maior aparelho privado de hegemonia da burguesia, contando com uma equipe fixa de manutenção de dez pessoas e com mais de duzentos colaboradores, maioria fixos, onde encontram-se nomes como Renato Skaf, Pedro Sette-Câmara, Merval Pereira, Leandro Narloch, João Mellão Neto, José Nêumanne Pinto, Washington Olivetto, Mario Vargas Llosa, José Padilha, Roberto Civita, Roberto DaMatta, Yoani Sánchez, Guilherme Fiuza, Eugenio Bucci, Carlos Alberto Sardenberg, Ali Kamel, dentre diversos⁸³¹.

O IMIL foi fundado em 2005, pela economista Patrícia Carlos de Andrade (chamado então de Instituto da Realidade Nacional), trocando de nome atual durante o “Fórum da Liberdade” de 2006 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 2009 o IMIL foi reconhecido como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. Segundo eles lançado “*com a finalidade de promover valores e princípios de uma sociedade livre*”, sendo que destes “*precisamente liberdade individual, propriedade privada, meritocracia, estado de direito, economia de mercado, democracia representativa, responsabilidade individual, eficiência e transparência*”⁸³².

Eles possuem um encontro de caráter nacional, o “Fórum da Liberdade”, que em 2011 teve sua vigésima quarta versão, chamado “Liberdade na Era Digital”, contando com transmissão *online* em tempo real. Este evento foi editado em oito “painéis”: o primeiro, contou com o músico Lobão e o jornalista “historiador” Eduardo “Peninha” Bueno; o segundo, com o fundador do *site* Buscapé, Romero Rodrigues e o diretor-geral do Terra Brasil, Paulo Castro; o terceiro, com o publicitário e fundador da agência Box 1824 Rony Rodrigues e o Doutor em direito Carlos Affonso Pereira de Souza; o quarto, com o jornalista e colunista da revista *Veja*, Reinaldo Azevedo e o Doutor em economia Raul Velloso; o quinto painel, com os jornalistas Merval Pereira e Guillermo Zuloaga, presidente da Globovisión; o sexto, com o presidente da IBM no Brasil Ricardo Pelegrini e o CEO

http://www.providafamilia.org.br/site/_arquivos/2008/350__gramsci,_lavagem_cerebral_e_o_aborto.pdf, acessado em 14.02.12.

⁸³⁰Marina Amaral em entrevista com o antigo delegado do DOPS José Paulo Bonchristiano, perguntou-lhe o motivo pelo qual eles enterravam as vítimas de tortura, sendo que poderiam queimá-los ou “desovar” seus corpos no mar, sobre o que respondeu: “*nós somos católicos, pô!*”. AMARAL, M. “Conversas com Mr. DOPS”. *Pública*. 09.02.12. Disponível em <http://apublica.org/2012/02/conversas-mr-dops/>, acessado em 14.02.12.

⁸³¹INSTITUTO MILLENIUM. *Articelistas e colunistas*. Disponível em <http://www.imil.org.br/categoria/articelistas-e-especialistas/>, acessado em 15.02.12.

⁸³²INSTITUTO MILLENIUM. *Histórico*. Disponível em <http://www.imil.org.br/institucional/historico/>, acessado em 15.02.12.

da Anhanguera Educacional Alex Dias; o sétimo, com o economista americano Tyler Cowen e o economista e presidente da *Foundation for Economic Education* Lawrence Reed; seu último painel contou com o jornalista Marcelo Tas e o humorista Marcelo Madureira. Foram premiados neste evento a blogueira cubana Yoaní Sanchez e o diretor-executivo do Instituto Millenium, Paulo Uebel.

O IMIL organiza uma série de conferências e palestras, debates e colóquios públicos (contando com intelectuais nacionais e estrangeiros); um “canal” de televisão *online* (transmitindo programas por *podcast*); boletim eletrônico; um projeto para “sala de aula”; além de manter diversas campanhas (geralmente através de anúncios em revistas e jornais de grande circulação) – na sua página de prestação de contas, conta que sua receita em 2009 fora de seiscentos e vinte mil reais; em 2010 de um milhão e noventa e um mil reais; e em 2011 de novecentos e sessenta e cinco mil reais⁸³³.

Na sua página destinada aos “parceiros”, o IMIL separa seus patrocinadores e parceiros da seguinte maneira, entre os “Mantenedores e parceiros” colocam: o Grupo Abril, o Estadão, a Gerdau, Grupo M&M, Grupo RBS, Instituto Ling, Thompson Reuters, Localiza, Máquina Public Relations, o Instituto Von Mises Brasil, a Vale e o Grupo Suzano⁸³⁴.

Entre “instituições nacionais” constam: a Abert, o Andes Libres, a Casa do Saber Rio, Espírito Santo em Ação, o Instituto Atlântico, o Instituto de Estudos Empresariais, o Instituto da Cidadania Brasil, o Instituto Liberal, o Instituto Liberdade, o Instituto de Cultura e Cidadania, novamente o Instituto Ling, o Movimento Brasil Eficiente, o Movimento Endireita Brasil, o Movimento Viva Brasil, o *Opinião e Notícia*, o *Ratio Pro Libertas*, o Trata Brasil, a revista *Leader*, o Voto Consciente, a Câmara Americana de Comércio Brasil-Estados Unidos e a Câmara de Comércio Brasil-Alemanha.

Entre as “instituições internacionais”: *Brazil In Focus*, *Investigaciones de Instituciones y Mercados de Argentina* (ESEADE-CIIMA), *Instituto de Libre Empresa*, *Latinoamerica Libre*, *Perspectiva*, Instituto para a Liberdade, *Objetivismo.org* e *Red Liberal de America Latina* (RELIAL). Como “*blogs & sites parceiros*”: o Democracia Já, Brasil Libertário, *Blog do Cristiano M. Costa*, *OrdemLivre.org*, *El Instituto Independiente*, Foro Republicano, *Implicante*, *Desde El Exílio*, Maurício Serafim, Direita Já, Autoconsciência e Vida, *Eagora.org.br*, Vitor Wilher, Movimento Consciência Brasil, Bello OAB, *Libertad y Progreso*, *Soul Brasileiro*, *Voz do Marajó* e *A Verdade Sufocada*.

E por fim apresenta seus doadores individuais: Alexandre Lourenço, Alisson Lopes Suarte Nogueira, Antonio Carlos Vidigal, Armínio Fraga, Augusto Teixeira de Freitas, Eduardo Figueiredo Salazar, Eduardo Henrique Costa Braga de Oliveira, Gustavo Guillaumon, Gustavo Marini,

⁸³³INSTITUTO MILLENIUM. *Prestação de contas*. Disponível em <http://www.imil.org.br/institucional/prestacao-de-contas/>, acessado em 15.02.11.

⁸³⁴INSTITUTO MILLENIUM. *Parceiros*. Disponível em <http://www.imil.org.br/parceiros/>, acessado em 15.02.12.

Henrique Farah, Jayme Garfinkel, João Baptista Rocca Filho, João B. Portella Pereira, João Roberto Marinho, José Celso Macedo Soares, José Francisco de Lacerda Schiavo, Josué Gomes da Silva, Leandro Jardim, Leandro Narloch, Marcelo Henriques de Brito, Marcio David Silva de Mattos, Marcos Amendola Zaidan, Marcos Buckentin Bruzzi, Miguel Nagib, Patricia Castello Stefani, Pedro Henrique Mariani, Renato Neufeld, Renato Skaf, Ricardo Lagares, Roberto Civita, Samuel Y. O Kinoshita, Thiago Jabor Pinheiro, Tiago Pechutti Medeiros e Valter Police Junior⁸³⁵.

Trata-se sem dúvida de um *think tank* de evidente importância para a classe dominante brasileira. Sua atuação busca tanto a formação de consenso intraclasse, através do “*financiamento de pesquisas de opinião acessíveis somente aos associados e mantenedores*”⁸³⁶, quanto coloca-se abertamente para a disputa ideológica, através da “*promoção de eventos abertos ao público bem como a divulgação de artigos curtos acerca de temas diversos*”, almejando a “*conscientização do público*”. Seus colaboradores são evidenciados cotidianamente como “*experts em meios de comunicação (televisão, rádio, jornais)*”. Além disto, cumpre um papel de mediador das negociações com o Estado, através da discussão política, pública e privada, com legisladores. Sua ligação com o MSM dá-se pela presença dos colunistas Klauber Cristofen Pires (36 artigos desde 2009) e Martim Vasques da Cunha (4 artigos desde 2009) como fixos, Ipojuca Pontes (3 artigos desde 2010) e Denis Rosenfield (66 artigos desde 2009) como convidados, além de estarem entre os maiores apoiadores da UnoAmerica no país⁸³⁷.

Por fim, nos cabe discutir a presença nesta tabela da Tradição, Família e Propriedade (TFP), através de sua cisão os “Fundadores da TFP”, que aparece em três referências: o site deste último, o Instituto Plínio Correia de Oliveira, e o Paz no Campo. Segundo Gizele Zanotto, a TFP é:

[...] entidade civil fundada em 1960 por um grupo de católicos leigos conservadores. Sua matriz de interpretação do mundo deriva do catolicismo integrista, doutrina contra-revolucionária que preconiza uma reedificação da ordem social cristã como única solução aceitável para a solução dos problemas engendrados desde o fim da época medieval pela chamada modernidade. Tal proposta orienta doutrinária e praticamente a atuação cultural e política dos membros da TFP frente à sociedade brasileira e reveste-se de uma dupla natureza, temporal e sobrenatural, ou seja, além de um projeto sócio-político tal restauração é considerada pelos tefepistas como uma questão vital de verdade e de salvação⁸³⁸.

Seu principal organizador foi Plínio Correia de Oliveira, autor de Revolução e contra revolução de 1959, até hoje um de seus principais documentos. Após seu falecimento em 1995, a

⁸³⁵INSTITUTO MILLENIUM. *Parceiros*. op. cit.

⁸³⁶SILVEIRA, L. “Fabricação de Ideias, Produção de Consenso: Estudo de Caso do Instituto Millenium e Casa das Garças”. *XXVIII Congresso anual da ALAS*. Disponível em http://www.sistemasmart.com.br/alas/arquivos/alas_GT17_Luciana_Silveira.pdf, acessado em 15.02.12.

⁸³⁷INSTITUTO MILLENIUM. *Articulistas e colunistas*. op. cit.

⁸³⁸ZANOTTO, G. “Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação” *In. Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências*. Disponível em http://www.larc.ufsc.br/arquivos/tfp_cristianismo_soc_salvacao.pdf, acessado em 13.02.12.

TFP dividiu-se em vários grupos, entre os quais os “Arautos do Evangelho”, a “Aliança de Fátima” e os “Fundadores da TFP”. Segundo estes últimos:

Como infelizmente não é raro acontecer, morto o fundador, um certo grupo de pessoas resolve dar outros rumos à entidade, provocando uma divisão interna. Rebelam-se contra os que participaram da fundação e a ajudaram a dirigir desde sempre; e procuram impor suas novas idéias, de mais fácil aceitação no mundo que nos cerca. Não nos interessa aqui aprofundar as novas doutrinas, rumos e métodos dessa dissidência. Este site visa espelhar a fidelidade dos **fundadores** ao pensamento e ao espírito de Plínio Corrêa de Oliveira, em confronto com as idéias e os fatos que se atropelam no mundo atual⁸³⁹.

Estes *sites* têm como articulador principal Dom Bertrand de Orleans e Bragança, herdeiro da família real brasileira, que “*percorre o Brasil fazendo conferências para produtores rurais e empresários, em defesa da propriedade privada e da livre iniciativa. Alerta para os efeitos deletérios da Reforma Agrária e dos movimentos ditos sociais*”, que segundo ele buscariam “*afastar o Brasil dos rumos benditos da Civilização Cristã, que seus antepassados tanto ajudaram a construir no País, hoje assolado por uma revolução cultural de caráter socialista*”⁸⁴⁰. Os “Fundadores” possuem sede própria, uma editora (especializada em questões relativas ao campo, como quilombolas e o MST), um sistema próprio de envio de cartas para congressistas (o “linha direta com Brasília”) e promovem uma variedade de eventos, onde política e religião são indissociáveis. Novamente, segundo Zanotto:

Concebendo o mundo atual como condenado por ser pecador - infiel ao seu Deus e apóstata por renunciar as promessas divinas -, tais grupos constroem para si um futuro de glórias através da composição de uma visão maniqueísta e, porque não, simplista da sociedade, que, muito mais do que identificar o *outro* como encarnação do mal, serve para legitimar seu próprio *status* santificador. Os tefepistas, considerados em seu meio como paladinos da contra-revolução, aos poucos são instigados a acreditar que foram providencialmente escolhidos para combater a Revolução com as idéias de seu líder, idéias estas “capazes de modificar lentamente a mentalidade do homem contemporâneo e, assim, reestruturar sua alma”⁸⁴¹.

Ainda que com todas as distinções fica claro: esta rede é crucial para sustentação de uma rápida organização do bloco do poder em caso da crise de hegemonia. Mesmo sendo a TFP uma presença inesperada, dadas às raras referências a esta no discurso do MSM, não é de todo surpreendente, pela sua atuação em 1964, apoiando e participando ostensivamente nas passeatas em apoio ao Golpe militar logo que este ocorreu. Como escreveu Luiz Alberto Moniz Bandeira, naquele momento:

⁸³⁹FUNDADORES. *Quem somos*. Disponível em <http://www.fundadores.org.br/servicos/qsomos/>, acessado em 15.02.12.

⁸⁴⁰DOM BERTRAND DE ORLEANS E BRAGANÇA. *Blog de Dom Bertrand*. Disponível em http://www.paznocampo.org.br/Blog/Blog_db.asp, acessado em 15.02.12.

⁸⁴¹ZANOTTO, G. “Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação” In. *Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências*. op. cit.

Enquanto a repressão prosseguia, com a invasão de lares e atentados aos direitos humanos, 200 000 pessoas (ponderável setor das classes médias e toda a burguesia) desfilaram pelas ruas do Rio de Janeiro, em 2 de abril, na Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade, “A única nota triste”, Gordon comentou [Lincoln Gordon, ex embaixador dos EUA no Brasil], “era a participação obviamente limitada das classes baixas”. Sim. Banqueiros, industriais, comerciantes, latifundiários, ricos e privilegiados, todos os exploradores e todos os parasitas festejaram a vitória. Menos os trabalhadores. Eram os derrotados⁸⁴².

A tabela seguinte dá conta das ligações relacionadas com o MSM com um link de saída deste:

TABELA 21: Rede extrapartidária do MSM com um link de saída:

<i>Site</i>	<i>Links de saída</i>	<i>Links de retorno</i>	<i>Descrição</i>
advhaereses.blogspot.com	1	2	<i>Blog</i> anônimo católico
www.espada.eti.br	1	1	<i>Site</i> cristão mantido por Jeremias R D P dos Santos, formado basicamente por traduções do ministério estadunidense “ <i>Cutting Edge</i> ”
renatovargens.blogspot.com	1	2	<i>Blog</i> do Pastor Renato Vargens, conferencista, escritor, diretor da Scrittura Produções e pastor presidente da Igreja Cristã da Aliança em Niterói.
polibiobraga.blogspot.com	1	32	<i>Blog</i> do jornalista e advogado Políbio Braga. Já trabalhou no <i>Diário Catarinense</i> , no <i>Correio da Manhã</i> , no <i>Última Hora</i> , na <i>Gazeta Mercantil</i> , no <i>Zero Hora</i> , no <i>Correio do Povo</i> , no <i>Jornal do Comércio</i> , na <i>Veja</i> e na <i>Exame</i>
diplomattizando.blogspot.com	1	6	<i>Blog</i> de Paulo Roberto de Almeida. Ele é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Bruxelas. Atualmente é Bolsista Sênior de Estágio no Exterior do CNPq.
antenacrista.blogspot.com	1	1	<i>Blog</i> do bibliotecário Rodney Eloy
rightwingpumping.tumblr.com	1	3	<i>Blog</i> anônimo intitulado “ <i>Conservative Attack Machine</i> ” escrito em inglês e português
www.implicante.org	1	1	Portal assumido como “ <i>oposição</i> ” ao PT. Contém notícias, columnistas, <i>blogs</i> , vídeos e a “ <i>Petralhopédia</i> ”, enciclopédia estilo “ <i>wiki</i> ” sobre políticos e acontecimentos do governo federal petista
cienciabrasil.blogspot.com	1	1	<i>Blog</i> de Marcelo Hermes, bibliotecário ex aluno da UnB, foco de maior parte de seus posts
peixotoneto.com.br	1	4	<i>Site</i> da editora Peixoto Neto, publica reproduções de artigos do MSM
olhonajihad.blogspot.com	1	459	<i>Blog</i> dedicado à propaganda anti Islã. Mantido por Guzman Moscardó, Al-Mutarjim (correspondente estadunidense) e mais um terceiro autor que prefere o anonimato
www.digestivocultural.com	1	144	<i>Site</i> de jornalismo “ <i>cultural</i> ”. Publica artigos esporádicos de Félix Maier e outras reproduções do MSM
palavrasapenas.wordpress.com	1	4	<i>Blog</i> católico mantido por Fabrício L. Ribeiro, Bacharel em ciência da computação (ele é automaticamente redirecionado para o endereço “ http://igrejadomestica.org ”
fernandopasq.blogspot.com	1	37	<i>Blog</i> católico mantido por Fernando Pasquini
geremiasdocouto.blogspot.com	1	2	<i>Blog</i> católico mantido por Geremias do Couto
liberal.sapo.cv	1	20	Jornal de Cabo Verde, cujo repórter Casimiro de Pina tem artigos reproduzidos no MSM

⁸⁴²BANDEIRA, L. A. M. *O governo João Goulart. As lutas sociais no Brasil 1961-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 185-186.

<i>Site</i>	<i>Links de saída</i>	<i>Links de retorno</i>	<i>Descrição</i>
www.analitica.com	1	1	Jornal <i>online</i> venezuelano que reproduz esporadicamente artigos do MSM
robertovargas-make.blogspot.com	1	5	<i>Blog</i> de Roberto Vargas sobre catolicismo, vinhos e motocicletas
flaviomorgen.blogspot.com	1	44	<i>Blog</i> de Flávio Morgenstern, que intitula-se “ <i>redator, Escritor, Tradutor, Analista de Mídia, Ator, Webdesigner</i> ”
rodrigoconstantino.blogspot.com	1	26	<i>Blog</i> de Rodrigo Constantino, economista pela PUC-RJ com MBA em Finanças pelo IBMEC. Trabalha no setor financeiro desde 1997 e é autor de cinco livros. É colunista da revista <i>Voto</i> , do jornal <i>O Globo</i> e do site <i>OrdemLivre.org</i> , membro-fundador do Instituto Millenium e diretor do Instituto Liberal. Foi o vencedor do Prêmio Libertas em 2009, no XXII Fórum da Liberdade.
jaelsavelli.blogspot.com	1	14	<i>Blog</i> de Jael Savelli que busca assinalar “semelhanças” entre homossexualismo e pedofilia
cristaldo.blogspot.com	1	94	<i>Blog</i> de Janer Cristaldo. Ele é formado em Direito e Filosofia e doutor em Letras Francesas e Comparadas pela Sorbonne Nouvelle (Paris III). É escritor, tradutor e jornalista, já tendo trabalhado na <i>Folha de S. Paulo</i> e no <i>Estado de São Paulo</i>
tipsdeunoamerica.blogspot.com	1	1	<i>Blog</i> de notícias da ONG venezuelana UnoAmerica
thestupidleft.blogspot.com	1	8	<i>Blog</i> anônimo de recortes da imprensa especializado na “estupidez da esquerda”
ibloga.blogspot.com	1	3	<i>Blog</i> estadunidense anti Islã, parte da “ <i>Infidel’s blogger alliance</i> ”
prosaepolitica.com.br	1	10	<i>Blog</i> da jornalista Andriana Vandoni
www.portalcristaonews.com.br	1	1	<i>Blog</i> de notícias cristãs
www.midiagospel.com.br	1	1	Portal evangélico de notícias, entrevistas, vídeos, artigos, etc.
movimentoordemvigilia.blogspot.com	1	994	Site do “Movimento Ordem e Vigília contra a Corrupção”. Foi criado como reação ao “mensalão” e é mantido por “Gabriela”. “ <i>Paralelamente ao trabalho do Fórum, a Gabriela participou inúmeras vezes (em nome do MOVCC) do Programa do Samir Achôa, na Rádio Trianon, no ‘Falando Francamente’, fazendo campanha sistemática contra a candidatura de Marta Suplicy à Prefeitura de São Paulo no pleito de 2004</i> ”.
blogsem mascara.blogspot.com	1	2185	<i>Blog</i> anônimo de reproduções de artigos e notícias anticomunistas, especialmente do MSM e de seus colunistas
www.pletz.com	1	2	<i>Site</i> de notícias da comunidade judaica
blogdafamiliacatolica.blogspot.com	1	1	<i>Blog</i> de Paulo Roberto Campos, jornalista colaborador da Revista <i>Catolicismo</i> (ligada a Tradição, Família e Propriedade) e da Agência Boa Imprensa
opiniaoenoticia.com.br	1	3	Jornal <i>online</i> ligado ao Instituto Millenium, “ <i>que acredita na democracia e na economia de mercado. Embora contemos com alguns órgãos de imprensa tradicionais e respeitáveis, falta na nossa mídia uma voz que defenda as idéias liberais nas quais acreditamos. Sentimos também a ausência de um maior interesse pela conjuntura internacional</i> ”
frenteocidental.com	1	128	<i>Blog</i> de recortes de publicações “pró Ocidente”, especialmente de Carvalho e do MSM
reporterdecristo.com	1	5	<i>Site</i> cristão que publica artigos enviados por leitores, os “repórteres de Cristo”. Reproduz uma série de matérias do MSM
angueth.blogspot.com	1	91	<i>Blog</i> de Antonio Emilio Angueth de Araujo, escritor e tradutor
christianrocha.wordpress.com	1	6	<i>Blog</i> de Christian Rocha, professor de hatha yoga, aikido e ritos tibetanos

<i>Site</i>	<i>Links de saída</i>	<i>Links de retorno</i>	Descrição
darkabysses.blogspot.com	1	22	<i>Blog</i> de divulgação e entrevistas “conservadoras” mantida por “Stella” e “Suzy” (cada uma delas mantém um <i>blog</i> separado com a mesma temática)
www.hacer.org	1	9	O HACER (sigla para <i>Hispanic American Center for Economic Research</i>) é uma organização que apóia uma série de entidades locais na América Latina (não só hispânica) tendo como objetivo promover estudos relacionados aos valores individuais, liberdade econômica, limitação estatal e responsabilidade individual. São ligados ao ATLAS e no Brasil indicam os seguintes parceiros: Instituto Liberal, Instituto Liberdade, Instituto Von Mises Brasil, Instituto Millenium e o Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista
realityisoutthere.blogspot.com	1	2	<i>Blog</i> de um anônimo “ <i>inconformado com nossa 'terceiromundice'</i> ”
libesfera-libertatum.blogspot.com	1	2	Divulga uma lista de <i>blogs</i> “liberais” intitulada “Liberesfera” feita por Klauber Cristofen Pires
palavracesa.blogspot.com	1	75	<i>Blog</i> de José Maria e Silva, jornalista e sociólogo, mestre em Sociologia pela UFG. Foi redator-chefe do Jornal <i>Opção</i> e comentarista do programa <i>Falando Sério</i> , da Rádio Interativa FM
acarajeconservador.blogspot.com	1	221	<i>Blog</i> mantido por Pedro Ravazzano e Edson Carlos de Oliveira

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

A última tabela é formada quase exclusivamente por *sites* e *blogs* de leitores “militantes”, estejam estes em processo de formação visando integrar-se ao MSM, ou que compartilhem suas premissas ideológicas básicas, integrando-as às suas próprias percepções sociais. No primeiro caso temos o “*Blog Sem Máscara*”, de Flávio Morgenstern e os participantes do “Movimento Ordem e Vigília”, não sem motivo os *sites* que possuem o maior número de *links* de retorno ao MSM. No segundo caso, encontramos o jornalista Políbio Braga, o jornalista e sociólogo José Maria e Silva, o economista Rodrigo Constantino, e o Pastor Renato Vargens. Ainda entre os “leitores militantes”, chama a atenção o “Diplomatizzando” de responsabilidade do Doutor em Ciências Sociais Paulo Roberto de Almeida, que por sua posição e status acadêmico, mediatamente acaba por revestir o discurso do MSM de certo caráter erudito, mesmo que em nível meramente formal. Do mesmo modo através do *blog* de Marcelo Hermes, ligado à Juventude Conservadora da UnB, em nível da política estudantil, indica-se certa assimilação do MSM na academia, ainda que com todas as restrições que encontradas pelo grupo neste campo.

Também temos de assinalar a efetividade do discurso ideológico do MSM em grupos católicos e evangélicos, que formam a maioria dos *sites* e *blogs* desta última tabela. Nesta verificamos ainda entidades que estão ligadas ao MSM através de mediações com os outras entidades da rede extrapartidária, caso do estadunidense HACER (*Hispanic American Center for Economic Research*, Centro Hispânico Americano para Pesquisa Econômica), que não reivindica abertamente o MSM, mas é ligado organicamente ao Instituto Liberal, Instituto Liberdade, Instituto Von Mises Brasil, Instituto Millenium e o Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista

(este último de responsabilidade de Ubiratan Iorio).

Metodologicamente esta leitura em rede, que utilizou como indicativos sociais de relacionamento os “nós” formados entre o MSM e os demais *sites*, permitiu-nos desvendar uma série de tramas, trazendo a tona diversas instituições, órgãos de comunicação e agentes políticos, que não iriam emergir através da leitura simples dos textos do MSM. Deste modo consideramos válido seu uso, mesmo com a condição de investigação de somente duas profundidades nos “*links* de saída” descobertos através da análise completa do *site* do MSM. Após a leitura destas três tabelas podemos observar que sua rede extrapartidária realiza mais do que meras “ligações”, sendo formadoras efetivas do seu discurso ideológico, caso já enfatizado na primeira tabela.

A observação mais detalhada desta rede delimita e afirma a penetração social de seu discurso, seja entre as entidades da burguesia, caso de diversos institutos presentes nas três tabelas – e especialmente verificadas na segunda (enfatizando o tamanho e importância do IMIL), bem como entidades da pequena burguesia (Associação Comercial de São Paulo, Instituto Federalista, etc.), religiosas (TFP, *blogs* e *sites* cristãos), de associações “pró-família” (talvez os mais enfáticos em reproduzirem os argumentos do MSM sobre a “crise da humanidade”, como discutiremos adiante), etc. Afirmando diferentes frentes que intencionam a “contrarrevolução” moral do homem o MSM atua tanto em sua rede extrapartidária quanto através desta buscando a formação consciente de uma base militante, “combatente” em uma série de trincheiras (baseando-se em diferentes instituições, tomadas como “decadentes”, como a Igreja, a religião cristã, a família, o exército, etc.) contra uma guerra “cultural” que perpassaria e contaminaria a totalidade do corpo social.

8. O MSM EM SEUS MARCOS IDEOLÓGICOS:

“Em contraste com as filosofias políticas antigas, que só admitiam revoluções para a restauração de direitos tradicionais usurpados, todas as ideologias revolucionárias modernas assentam-se na premissa absurda de que a mera hipótese de novos direitos, tão logo enunciada, deva conferir a seus porta-vozes o direito de matar para realizá-los: o direito à revolução torna-se ele mesmo a norma fundamental da qual derivarão todos os demais direitos. E a revolução, sendo o primeiro dos direitos, não tem de esperar que o estado de coisas se torne insuportável: é revolução permanente, empenhada em destruir não apenas um determinado mal, mas todo bem que não seja de natureza revolucionária, isto é, todo o bem que, inalteravelmente, exista desde o começo dos tempos. Assim, sempre que uma revolução terminar em banho de sangue e recrudescimento da tirania (como todas terminam), o teórico dirá que isso aconteceu porque ela não foi suficientemente revolucionária, e que é preciso começar tudo de novo e em maior escala. A mística da revolução mostra que a tendência da modernidade à idealização sentimentalista do mal traz consigo a perda do senso das proporções e o embotamento completo da inteligência moral”.

Olavo de Carvalho, *O futuro do pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 2007. p. 26.

Neste capítulo analisaremos o MSM em seu cerne ideológico, interrogando os marcos referenciais utilizados para constituírem sua *análise ideológica da realidade*. Reinteremos, não pretendemos (e nem seria possível), compreender o MSM como produtor de conhecimento, de um discurso cientificamente validável que visaria explicar e/ou desmistificar a vivência dos homens no tempo, o que nos levaria a considerar suas proposições como *interpretações possíveis (ou mesmo plausíveis) da realidade*. O que faremos aqui é buscar explicitar para nosso leitor estes referenciais entendendo que a *distorção analítica calculada do real* praticada por eles cumpre uma função social e política: a de buscar representar interesses políticos e sociais de um grupo como suposto interesse nacional, ou seja, buscando elevar as representações, valores e preconceitos de uma classe a caracterizações de caráter universal, trazendo com isto a falsa sensação de serem portadores de um projeto de sociedade particular. Neste sentido nos cabe responder suas afirmações, já que partimos da premissa de que *a verdade sempre é revolucionária*, e que deixarmos de fazer esta crítica seria menosprezar as funções sociais para as quais estas distorções prestam.

O procedimento de expulsão da verdade histórica é observado na citação escolhida para abrimos este capítulo, onde Olavo de Carvalho, seguindo um caminho aberto por Karl Manheinn⁸⁴³, afirma para seu leitor ser a filosofia política uma mera transposição ideológica, da qual resguarda desta qualificação as filosofias “antigas”, que obviamente situa em sentido metafísico, supostamente além da realidade na qual fora constituída. Esta é sua chave para associar as filosofias “modernas” – no sentido de terem nascido sob o capitalismo, e que compreendem sua

⁸⁴³Sobre isto ver SCHAFF, A. *História e verdade*. op. cit. p. 258.

função para além da teoria abstrata, como metodologias para a análise da realidade e para a atuação coletiva dos homens nesta (no que simplifica como “mera busca de direitos”), históricas e que, portanto, compreendem o estado das coisas como passível de mudança – com a perda do senso de proporções, já que colocaria o horizonte de expectativa destes homens e mulheres engajados acima de uma consciência moral a-histórica, de suposta origem divina e/ou “natural”. Nisto observa-se claramente a utilização deste discurso como recurso de convencimento, exatamente por invocar proposições morais profundamente enraizadas ideologicamente nas sociedades ocidentais, proposições como advindas “de fora da história”, teológicas, que tornam-se tabus se inquiridos como históricos.

Antes de adentrarmos o MSM, nos cabe situar conceitualmente a questão da ideologia, cujo conteúdo não pode ser resumido a uma leitura idealista, como uma batalha de ideias dissociadas de seu chão material, “à atividade material e ao intercâmbio material dos homens”⁸⁴⁴. Retornando para Marx e Engels:

São os homens os produtores de suas representações, suas ideias, etc., mas os homens reais e atuantes, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações a eles correspondentes, até chegar às suas mais amplas formações. A consciência nunca pode ser outra coisa que o ser consciente⁸⁴⁵.

A ideologia não se faz mero reflexo mecânico de uma determinada base material, que emergiria como consequência natural de dado desenvolvimento produtivo. A ideologia só pode ser compreendida dentro da análise concreta da luta de classes, não ignorando a necessidade da distinção entre verdade e falsidade, mas que a compreenda além destes marcos, através de sua função e eficácia real para agrupar classes, e frações destas, em posições de domínio e de subordinação. Para tanto iremos novamente recorrer a Gramsci. Ele conceitua ideologia através de duas categorias: a primeira é a das “ideologias historicamente orgânicas, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura”, enquanto que “têm uma validade que é validade 'psicológica': elas 'organizam' as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc.”. E a segunda encarrega-se das “ideologias arbitrárias, racionalísticas, 'voluntaristas’”, que “não criam mais do que 'movimentos' individuais, polêmicas, etc.”. Mesmo atribuindo um lugar menor para estas, ainda afirma que “nem mesmo estas são completamente inúteis, já que funcionam como o erro que se contrapõe à verdade e a afirma”⁸⁴⁶.

Para Gramsci estas duas distinções são cruciais na distinção do entendimento genérico do conceito: “um elemento de erro na consideração sobre o valor das ideologias, ao que me parece,

⁸⁴⁴MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 51.

⁸⁴⁵Idem.

⁸⁴⁶GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 237-238.

deve-se ao fato (fato que, ademais, não é casual) de que se dê o nome de ideologia tanto à superestrutura necessária de uma determinada estrutura”, assim, “como às elucubrações arbitrárias de determinados indivíduos”. Então aponta três pontos desta depreciação: primeiro, “identifica-se a ideologia como sendo distinta da estrutura e afirma-se que não são as ideologias que modificam a estrutura, mas sim vice-versa”. No segundo “afirma-se que uma determinada solução política é 'ideológica', isto é, insuficiente para modificar a estrutura, enquanto crê poder modificá-la se afirma que é inútil, estúpida, etc.”. Sendo que no terceiro ponto, “passa-se a afirmar que toda ideologia é 'pura' aparência, inútil, estúpida, etc.”⁸⁴⁷.

E retorna a Marx e Engels, para assinalar a:

[...] freqüente afirmação de Marx sobre a “solidez das crenças populares” como elemento necessário de uma determinada situação. Ele diz mais ou menos isto: “quando esta maneira de conceber tiver a força das crenças populares”, etc. Outra afirmação de Marx é a de que uma persuasão popular tem, com frequência, a mesma energia de uma força material, ou algo semelhante, e que é muito significativa. A análise destas afirmações, creio, conduz ao fortalecimento da concepção de “bloco histórico”, no qual, precisamente, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma, distinção entre forma e conteúdo meramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais⁸⁴⁸.

Aqui, se faz necessário que se esclareça a conceituação de Gramsci acerca das metáforas de infraestrutura e superestrutura de Marx. Ele as compreende como um bloco histórico, ou seja, uma unidade dialética das instâncias, sendo a “*unidade entre a natureza e o espírito (estrutura e superestrutura), unidade dos contrários e dos distintos*”. Ao que questiona: “*pode-se introduzir o critério de distinção também na estrutura? Como se deverá entender a estrutura: como sistema das relações sociais será possível distinguir os elementos 'técnica', 'trabalho', 'classe', etc.*”, conceitos situados “*historicamente e não 'metafisicamente'*?”⁸⁴⁹. Segundo Lúcia Neves e Ronaldo Sant’anna:

Entre estrutura e superestrutura existe, portanto, um nexos necessário e vital. Por isso mesmo, conforme a visão gramsciana – e este é um de seus pontos mais centrais –, as possibilidades de que as superestruturas se constituam em resultante mecânica do que os homens vivenciam no plano estrutural representam uma séria distorção, posto que a articulação entre os planos aponta, inclusive para a possibilidade de que ocorra certa autonomia das relações superestruturais, conforme a conjuntura histórica, as correlações de forças e o grau de organização de uma formação social. Tal fato evidentemente não descarta, mas reforça a mencionada articulação entre os planos, porque essa relação de reciprocidade entre forças materiais e ideologias aponta para uma possibilidade concreta de o desenvolvimento histórico das formações sociais capitalistas ser uma resultante da simultaneidade entre instrumentos de coerção, persuasão das forças político-sociais em disputa pela hegemonia político-social e

⁸⁴⁷GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 237-238.

⁸⁴⁸Idem. p. 238.

⁸⁴⁹GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 26-27.

alterações concretas nas forças materiais de produção social⁸⁵⁰.

Reafirmar esta leitura é crucial, pois como indicado, existem leituras reducionistas e distorcidas da obra de Gramsci, que se tornaram corrente através de autores como Norberto Bobbio, Perry Anderson ou até mesmo de Francisco de Oliveira, em que suas categorias orgânicas são cindidas e até tomadas como antagônicas⁸⁵¹, seja em relação ao Estado integral ou acerca do bloco histórico. O mesmo tipo de aviso que Gramsci fazia ao apagamento da relação dialética para as metáforas base e superestrutura, que alguns interpretavam em Marx, serve para os que distorcem sua obra: “a pretensão (apresentada como postulado essencial do materialismo histórico) de apresentar e expor qualquer flutuação da política e da ideologia como uma expressão imediata da infra-estrutura deve ser combatida”, seja “teoricamente, como um infantilismo primitivo, ou deve ser combatida, praticamente, com o testemunho autêntico de Marx, escritor de obras políticas e históricas concretas”⁸⁵².

A ideologia não pode ser compreendida senão dentro de determinadas correlação de forças sociais, deixando claro que isso não a torna um sinônimo de hegemonia. Esta não pode ser resumida na ideologia, que a inclui como um de seus aspectos, mas refere-se à relação dialética total da luta de classes, afetando todos os níveis e aspectos da sociedade. Como já argumentado em nosso referencial teórico metodológico, a superação do conceito de revolução permanente pelo de hegemonia é crucial para podermos compreender o terreno das lutas sociais complexificadas, já que este novo momento histórico requer uma nova estratégia de atuação, que deixa de ser baseada na guerra de movimento para assumir a guerra de posições. Esta “constitui para a arte política algo similar às 'trincheiras' e às fortificações permanentes de frente de combate na guerra de posição: faz com que seja apenas 'parcial' o elemento do movimento que antes constituía 'toda' a guerra, etc.”⁸⁵³. Gramsci, para situar esta mudança retorna ao manuscrito *Greve geral, partido e sindicatos* de Rosa Luxemburgo, “um dos documentos mais significativos da teorização da guerra manobrada aplicada à arte política”, para pensar a antiga estratégia, já assinalando a Revolução de Outubro como sendo o “último fato deste gênero na história política”, ou pelo menos no caso europeu⁸⁵⁴. A antiga estratégia baseava-se no “elemento econômico imediato (crises, etc.)”, que era “considerado como a artilharia de campo”, responsável pelos seguintes efeitos: o primeiro, por “abrir a brecha na defesa inimiga, depois de ter desbaratado o próprio inimigo e de levá-lo a perder a fé em si, em suas forças e em seu futuro”. O segundo, por “organizar de modo fulminante as próprias tropas, criar os quadros ou, pelo menos, colocar com rapidez os quadros existentes (criados até então pelo

⁸⁵⁰NEVES, L. M. W.; SANT'ANNA R. “Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia”. In. NEVES, L. M. W. *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. op. cit. p. 21.

⁸⁵¹BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008. p. 173.

⁸⁵²GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 238.

⁸⁵³GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 24.

⁸⁵⁴Idem. p. 73.

processo histórico geral) em seu lugar de enquadramento das tropas dispersas”. E por fim, por “*criar de modo fulminante a concentração ideológica da identidade do fim a alcançar*”. Sobre a guerra de movimento, o autor ainda salienta que “*era uma forma de férreo determinismo economicista, com o agravante de que os efeitos eram concebidos como rapidíssimos no tempo e no espaço; por isso, tratava-se de um verdadeiro misticismo histórico, da expectativa de uma espécie de fulguração milagrosa*”. Será, então, através da leitura analítica da relação de forças de determinada formação social, suas peculiaridades, que reside o fator decisivo para a organização, para a atuação estratégica. “*Trata-se, portanto, de estudar com 'profundidade' quais são os elementos da sociedade civil que correspondem aos sistemas de defesa na guerra de posição*”⁸⁵⁵. A citação seguinte traz elementos tanto para compreendermos a mudança estratégica quanto sua organização:

*Passagem da guerra manobrada (e do ataque frontal) à guerra de posição também no campo político. Esta me parece ser a questão de teoria política mais importante posta pelo período do pós-guerra e a mais difícil de responder corretamente. Ela está ligada às questões levantadas por Bronstein [Trotsky], que, de um modo ou de outro, pode ser considerado o teórico político do ataque frontal num período em que este é apenas causa de derrotas. Só indiretamente (mediatamente) esta passagem na ciência política está ligada àquela ocorrida no campo militar, se bem que, certamente, exista uma relação, e essencial. A guerra de posição exige enormes sacrifícios de massas imensas da população; por isto, é necessária uma concentração inaudita da hegemonia e, portanto, uma forma de governo mais “intervencionista”, que mais abertamente tome a ofensiva contra os opositores e organize permanentemente a “impossibilidade” de desagregação interna: os controles de todo tipo, políticos, administrativos, etc., reforço das “posições” hegemônicas do grupo dominante, etc. Tudo isto indica que se entrou numa fase culminante da situação política-histórica, porque na política a “guerra de posição”, uma vez vencida, é definitivamente decisiva*⁸⁵⁶.

Assim sendo, a disputa no terreno da ideologia tem que ser considerada como parte constitutiva da guerra de posições no campo político, o que Gramsci desenvolve no parágrafo intitulado *Paradigmas de história ético-política*, acerca da interpretação que Croce ofereceu para a história europeia do século XIX, e da Itália da época moderna, que resgata em seu devir histórico, indagando se “*em sua tendenciosidade, não tem uma referência atual e imediata, não tem por finalidade criar um movimento ideológico correspondente ao da época tratada*”⁸⁵⁷. Compreendendo a função de Croce como intelectual de uma classe, entende seus posicionamentos em seu alcance total, mesmo que mediado pelos campos aos quais remonta, e o faz quando situa socialmente o movimento de devir operado pelo autor, compreendendo-o em termos ideológicos e políticos, com funções distintas dentro da guerra de posições:

⁸⁵⁵GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 71-73.

⁸⁵⁶Idem. p. 255-256.

⁸⁵⁷GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 299.

A hipótese ideológica poderia ser apresentada nestes termos: ter-se-ia uma revolução passiva no fato que, por intermédio da intervenção legislativa do Estado e através da organização corporativa, teriam sido introduzidas na estrutura econômica do país modificações mais ou menos profundas para acentuar o elemento “plano de produção”, isto é, teria sido acentuada a socialização e cooperação da produção, sem com isso tocar (ou limitando-se apenas a regular e controlar) a apropriação individual e grupal do lucro. No quadro concreto das relações sociais italianas, esta pode ter sido a única solução para desenvolver as forças produtivas da indústria sob a direção das classes dirigentes tradicionais, em concorrência com as mais avançadas formações industriais de países que monopolizam as matérias-primas e acumularam gigantescos capitais. Que um tal esquema possa traduzir-se em prática, e em que medida e em que formas, isto tem um valor relativo: *o que importa política e ideologicamente, é que ele pode ter, e tem realmente, a virtude de servir para criar um período de expectativa e de esperanças, notadamente em certos grupos sociais italianos, como a grande massa dos pequenos burgueses urbanos e rurais, e conseqüentemente, para manter o sistema hegemônico e as forças de coerção militar e civil à disposição das classes dirigentes tradicionais. Esta ideologia serviria como elemento de uma “guerra de posição” no campo econômico (a livre concorrência e a livre troca corresponderiam à guerra de movimento) internacional, assim como a “revolução passiva” é este elemento do campo político. Na Europa de 1789 a 1870, houve uma guerra de movimento (política) na Revolução Francesa e uma longa guerra de posição cujo representante, além de prático (para a Itália), ideológico (para a Europa), é o fascismo*⁸⁵⁸.

Existe um papel ativo da ideologia na guerra de posições, estes embates perpassam o corpo social, a luta de classes. Iremos nos dedicar a entender os marcos que o MSM utiliza para unificar o discurso de seus militantes e o disseminar, visando sempre a guerra de posições na expectativa da crise aberta. Neste sentido iremos explorar tanto os textos destinados para a formação de seus militantes quanto para propaganda, buscando as edições do MSM, os sites de sua rede extrapartidária e os livros de Olavo de Carvalho.

8.1. O anticomunismo contra Gramsci:

Para uma observação consistente do elemento ideológico unificador que funciona como uma espécie de fio condutor explorado pelo MSM, este trabalho procura uma identificação deste elemento em seus discursos. Assim, elaboramos duas tabelas, buscando ilustrar o conteúdo veiculado pelo MSM nas matérias de seu primeiro ano de publicação. A edição escolhida – mesmo sendo um *site* eles periodizam-se aos modos de um jornal – foi a sua terceira (a primeira completa disponibilizada pelo *Internet Wayback Machine*), cuja chamada principal foi *A morte ronda Taiwan*, sobre o cerco chinês a ilha. Esta edição nos permite visualizar certa quantidade de pautas, mesmo sem a diversidade temática que alcançará depois. As matérias eram escritas a partir de recortes da

⁸⁵⁸GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 299-300. Grifos nossos.

imprensa nacional e internacional, em que os textos eram precedidos pela frase “*Qual é a caca?*”.

TABELA 22: Lista de matérias do MSM de 18.09.02:

Título matéria	Autor
<i>Pensar faz mal</i>	Evandro Ferreira
A intervenção cubana em Angola (com a ajuda do Brasil)	Paulo Diniz Zamboni
A má-fé contra a fé	Henrique Dmyterko
A medida exata dos crimes	Olavo de Carvalho
A Noviclínica: a reforma psiquiátrica que é feita pelos loucos	Humberto Campolina (convidado)
A Paz do Terror	Martim Vasques da Cunha
A promessa da revolução	José Nivaldo Cordeiro
A Quinta Coluna dos Direitos Humanos	Michael Radu
Agora são todos cabos eleitorais	Pedro Paulo Rocha
Alca: ninguém entende, todo mundo explica	Argemiro Luis Brum
Allende não vale as lágrimas	Félix Maier
As Grandes Invenções da mídia	Milla Kette
Bactérias nas asas de um pássaro cubano	Vários autores
Bêbados de Emoção	Sandro Guidalli
Cada vez mais longe do século XXI	Paulo Diniz Zamboni
De Gorilas a Macacos Amazônicos	Carlos Alberto Reis Lima
Delírio global, sabotagem local	Henri Carrières
<i>El cóndor pasa</i> (e até os urubus tapam o nariz)	Félix Maier
Neo-Lula, sugestão coletiva e cubanização	Vários autores
Lula está excomungado. Os outros candidatos também	Olavo de Carvalho
A velha China e seus filhotes, ou: a prova que faltava	Vários autores
Rússia preparam invasão da Geórgia	Olavo de Carvalho
Três fariseus no palanque	Olavo de Carvalho
Um dia de cão	José Nivaldo Cordeiro
Estou fora de Época	Olavo de Carvalho
Fidel: salvando a alma ou o regime?	Vários autores
Globo da Morte	Carlos Alberto Reis Lima
Hitler e o PT	Vários autores
Jornalismo paranóico da mídia esquerdista brasileira: a culpa é do jornalista	Paulo Diniz Zamboni
Muito barulho por nada	Milla Kette
Notas de Graça Salgueiro	Graça Salgueiro
O escândalo que não houve	Milla Kette
Opressão e propaganda nas escolas: depoimentos de estudantes	Patrícia C. de Andrade
Paz, nem pensar	Vários autores
Perderam o bonde da História... e o dinheiro da passagem	Janer Cristaldo
Perseguição religiosa em Cuba nunca parou	Vários autores
Quem fiscaliza os fiscais?	Alceu Garcia
Quem mente?	Denis Rosenfield

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. Arquivos. Disponível em <http://web.archive.org/web/20021004015706/www.midiasemmascara.org/arquivo.asp>, acessado em 10.10.10.

A tabela seguinte permite-nos situar o conteúdo veiculado naquela edição, podendo avaliar como os seus colunistas articulam uma série de temas e questões em torno de suas proposições políticas, geralmente apresentadas como conclusões, servindo os diversos tópicos como reafirmações destas. Por uma questão de apresentação, dos 38 artigos, selecionamos os 10 primeiros (selecionados por ordem alfabética):

TABELA 23: Análise de 10 matérias do MSM de 18.09.02:

Título da matéria	Assunto principal	Ênfase do autor
<i>Pensar faz mal</i>	Desautorizar a relativização da ciência defendida por de Maria José Esteves de Vasconcellos, em artigo no jornal <i>Estado de Minas</i> de 31.08.02	Qualificar a autora como esquerdista para entender sua ênfase na linguagem em suas possibilidades de alterar o mundo material como programação neurolinguística
A intervenção cubana em Angola (com a ajuda do Brasil)	Denunciar o silêncio da mídia nacional acerca do patrocínio da governo brasileiro, ainda na ditadura ao governo supostamente socialista de Angola na década de 70, que contou com apoio cubano para rechaçar as tropas da África do Sul	Denotar o caráter imperialista e expansionista do comunismo, em especial da URSS, que teria feito 100 mil vítimas em Angola; e fazer a defesa da África do Sul que foi ao combate dos comunistas e que a mídia mundial rechaçou por causa de seu regime de apartheid, motivo que levou aos EUA a não intervir no combate, isenção que só teria levado a mais mortes
A má-fé contra a fé	Apontar distorções no artigo “A Bíblia passada a limpo - Descobertas recentes da arqueologia indicam que a maior parte da escrituras sagradas não passa de lenda” publicado na edição de julho de 2002 da revista <i>SUPER Interessante</i> , especialmente com a obra do historiador conservador Paul Johnson	Ilustrar a distorção tendenciosa que a mídia opera para desacreditar a religião em termos científicos
A medida exata dos crimes	Contabilizar os mortos pela ditadura argentina, que de 30.000 acabam por serem considerados “autênticos” meros 687, o resto sendo somente “desaparecidos”	Invocar a comparação com os 10.000 mil mortos por Cuba em Angola, com o apoio de Geisel, e ressaltar que novamente a não intervenção estadunidense só resultou em mais mortes
A Noviclínica	Resposta para Gilda Paoliello, presidente da Associação Mineira de Psiquiatria, que em nota introdutória ao X Congresso Mineiro de Psiquiatria defende a continuidade e aprofundamento da reforma psiquiátrica no Brasil, considerada irresponsável	Apontar que a reforma psiquiátrica não só tem um fundo político de esquerda mas como é impraticável, visando então, “amansar consciências individuais que se aventurassem contra o pensamento monolítico do coletivismo burocrático reinante”
A Paz do Terror	Apresentar dados que denunciam a China como ator político global ofensivo (negociação com os Talibans no mesmo dia dos ataques às Torres Gêmeas nos EUA, “sequestro” de Taiwan, perseguição religiosa, educação doutrinante, bloqueio do Google, etc.)	Creditar a abertura da China ao capitalismo como parte de sua expansão política em disputa pela hegemonia global, reafirmando, mesmo sem citar, o “choque de civilizações” de Samuel Huntington
A promessa da revolução	Refutação de texto de Leonardo Boff, publicado no Jornal do Brasil em 23/08/02, utilizando para tanto argumentações de Raymond Aron	Situar Lula como o “portador” da vontade coletiva revolucionária

Título da matéria	Assunto principal	Ênfase do autor
A quinta coluna dos direitos humanos	Compreender a ação esquerdista de ONG's focando aqui as acusações destas da cumplicidade dos EUA na Operação Condor e assim isentando a responsabilidade dos grupos revolucionários pelos seus atos	Afirmar que qualquer disputa sobre o passado histórico conduzida por entidades de direitos humanos visaria somente limpar a imagens de terroristas marxistas
Agora são todos cabos eleitorais	Anotar a dificuldade de se atribuir culpa à figura do Lula "light", por ato de camuflagem desenvolvido pela esquerda para seu "pai espiritual"	Ilustrar o poder de ilusão da esquerda em consonância com a atuação da mídia nacional
Alca: ninguém entende, todo mundo explica	Refutar argumentos divulgados na imprensa sobre a perda de soberania nacional caso o país assinasse o acordo da Alca	Ilustrar que o acordo é satisfatório ao país, tal qual fora ao Japão e demais países europeus "beneficiados" por acordos no Pós-Guerra

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Arquivos*. op. cit.

O que podemos observar explicitamente é que o anticomunismo figura como tônica principal do MSM – ainda nesta edição, colateralmente fica clara a questão do imperialismo, na defesa da superioridade estadunidense no plano global como necessária para a existência do “mundo livre”. O anticomunismo foi o elemento unificador de todos estes intelectuais no MSM, é o fio condutor de toda a sua ação política, que escapa do simples discurso, pois apropria-se deste para a atuação efetiva, para seu posicionamento estratégico, sob a forma da guerra de posições. Instituiu-se, desta forma, uma rede partidária que redimensiona e amplifica o seu alcance político, articulando uma série de grupos conservadores e reacionários em uma perspectiva ofensiva, sem que com isto estes passem a se posicionar de maneira abertamente fascista, caso do Instituto Millenium, por exemplo. Esta rede é constituída para disseminar um modo de ser, sendo capaz de posicionar-se coerentemente diante das disputas do dia a dia, utilizando estes espaços para criar seus intelectuais orgânicos, destinados a agir visando sempre à crise. Em artigo de seu seminário de filosofia, escrito destinado à formação destes intelectuais, Olavo de Carvalho julga que:

Nenhuma análise séria de fatos políticos pode ser feita do ponto de vista conservador e do livre mercado a não ser que primeiro absorva a perspectiva do adversário. Se você não é capaz de fazer uma análise Marxista da situação exatamente como os teóricos e estrategistas do movimento revolucionário a fariam, suas opiniões sobre as políticas de esquerda irão sempre ser meras tentativas de projetar sobre isto categorias que não domina, ajudando, ainda, a encobrir as verdadeiras intenções e conferir às táticas e estratégias esquerdistas o privilégio de quase invisibilidade absoluta. Afinal, o Marxismo não é somente uma “ideologia”: é a estratégia da práxis revolucionária e, neste sentido, uma ciência – uma ciência extremamente complexa e sutil, sobre a qual os fazedores de opinião conservadores e do livre mercado brasileiros não sabem praticamente nada. O deslocamento entre categorias analíticas e a natureza dos fenômenos estudados é uma garantia certa de incompreensão, e incompreensão é o curso da origem dos monstruosos erros estratégicos que, nos últimos trinta anos, reduziram a economia de livre mercado e o conservadorismo de forças reinantes para exceções doentias que somente se mantêm graças à tolerância provisória do mercado. É fácil observar os erros da economia Marxista do lado de fora e pontificar cada movimento desta como condenado a fracassar. Mas a estratégia

do movimento comunista não é, de todo, uma direta e mecânica consequência da economia. E principalmente isto não ocorre na esfera da luta cultural, aonde as manobras e rodeios da intelectualidade ativista vão na direção oposta direção oposta da que se poderia deduzir do Marxismo economicista vulgar. A estratégia do movimento revolucionário é essencialmente um ramo do conhecimento que tem alguma autonomia própria e não pode ser dominada exceto após longos anos de estudo. E somente aprendendo a pensar como os teóricos da revolução mundial que cada um pode transcender sua própria visão das coisas e condenar isto de uma maneira bem fundamentada. Para atirar pedras nisto do lado de fora é cair para seu nível e se tornar uma vítima cega do processo revolucionário⁸⁵⁹.

O anticomunismo é tratado como a necessidade de se abordar conseqüentemente teórica e estrategicamente os movimentos do inimigo, uma ciência contra revolucionária, embora não resume-se a isto. É importante lembrar que este texto é para “iniciados”, para a capacitação de seus “quadros”. O anticomunismo, segundo Lavabre, em seu sentido amplo:

[...] pode ser definido como uma hostilidade sistemática ao comunismo, traduzindo-se de acordo com seu grau de desenvolvimento questionando o suporte teórico e ideológico do comunismo (o marxismo) ou das forças e regimes que o encarnariam (os partidos comunistas, os “países socialistas”). Para os comunistas, o anticomunismo é uma operação que consiste em caricaturizar os objetivos e as práticas do movimento comunista para o melhor combater⁸⁶⁰.

Ele já aparece no *Manifesto do Partido Comunista*, onde Marx e Engels demandam que a Liga dos Comunistas coloque-se em combate contra as caricaturas e distorções do programa comunista pelo que chamaram de “santa aliança”⁸⁶¹. Eles distinguiram dois elementos no

⁸⁵⁹“No serious analysis of political facts can be made from the conservative and free-market point of view unless this stance first absorbs the adversary’s perspective. If you are not capable of making a Marxist analysis of a situation exactly as the theorists and strategists of the revolutionary movement would make one, your opinions about left-wing politics will always be mere attempts to project onto it categories which are not its own, helping, therefore, to cover up its true intentions and confer upon leftism’s tactics and strategies the privilege of almost absolute invisibility. After all, Marxism is not only an “ideology”: it is a strategy of revolutionary praxis and, in this sense, a science—an extremely complex and subtle science, about which Brazilian free-market and conservative opinion makers do not know practically anything. The dislocation between analytical categories and the nature of the studied phenomenon is a sure guarantee of incomprehension, and incomprehension is in turn the origin of the monstrous strategic errors that, over the last thirty years, have reduced free-market economics and conservatism from reigning forces to sickly exceptions that only subsist thanks to the system’s provisional tolerance. It is easy to observe the errors of Marxist economics from the outside and pontificate that every movement based upon it is condemned to failure. But the strategy of the communist movement is not, at all, a direct and mechanical consequence of its economics. And chiefly it is not so in the sphere of cultural struggle, where the maneuvers and circumlocutions of activist intellectuality go in the opposite direction from that which could be inferred from vulgar Marxist economism. The strategy of the revolutionary movement is essentially a branch of knowledge that has some autonomy of its own and cannot be mastered except through long years of study. It is only learning to think as the theorists of world revolution think that one can then transcend their view of things and condemn it in a well-founded manner. To throw stones at it from the outside is to fall below its level and become a blind victim of the revolutionary process”. CARVALHO, O. de. *The secret of a terrorist*. 23.06.10. Disponível em <http://philosophyseminar.com/texts/articles/165-the-secret-of-a-terrorist.html>, acessado em 13.04.11. Tradução nossa.

⁸⁶⁰“Au sens large, l’anticommunisme se définit comme une hostilité systématique au communisme, se traduisant selon son degré d’élaboration par une mise en cause du support théorique et idéologique du communisme (le marxisme) ou des forces et régimes qui l’incarnent (les partis communistes, les “pays socialistes”). Pour les communistes, l’anticommunisme est une opération qui consiste à travestir les objectifs et les pratiques du mouvement communiste pour mieux le combattre”. LAVABRE, M-C. “Anticommunisme” (verbete). In. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982. p. 39-40. Tradução nossa.

⁸⁶¹“É tempo dos comunistas exporem, à face do mundo inteiro, seu modo de ver, seus fins e suas tendências, opondo um

anticomunismo: o primeiro, a função de difundir o medo do comunismo, focando temas como a partilha social ou a revolta popular. O que Lavabre compreende tratar-se de

[...] dotar aos objetivos imediatos dos comunistas a negação absoluta de valores (propriedade, família, nação) da sociedade burguesa. Esta operação permite desqualificar o programa dos comunistas pela imagem catastrófica de suas consequências: a abolição da propriedade individual, fruto do trabalho pessoal, os comunistas generalizantes da preguiça; a abolição da família, que iria introduzir a comunidade das mulheres; a liberdade, a pátria são da mesma forma os principais temas do anticomunismo descrito por Marx e Engels⁸⁶².

O segundo elemento refere-se à função de atribuir ao comunismo distorções, o atacando como sendo equivalente ao que se acusa de ser comunista. Sobre isto, Marx e Engels perguntaram: “*que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição, por sua vez, não lançou a seus adversários de direita ou de esquerda a pecha infamante de comunista?*”⁸⁶³. Após a Revolução Russa o anticomunismo adquire um novo formato, o de denúncia contra a “Pátria do socialismo”, baseados agora na “verificação empírica” do mal que o comunismo poderia causar. Isto dotou o anticomunismo de uma “*dimensão suplementar: a oposição mundo livre/totalitarismo, Ocidente/Oriente, ou civilização/barbárie*”⁸⁶⁴, assim taxando os Partidos Comunistas ao redor do globo de traidores da Pátria, partidos do estrangeiro, os supondo como “destacamentos avançados” de uma conspiração global, comandada pela União Soviética:

Se a luta contra o comunismo aparenta ter sido o fundamento ideológico da maioria dos políticos reacionários ou simplesmente conservadores (verificar a instauração, em seu nome, dos regimes fascistas da Europa do entre-guerras ou o macarthismo dos anos 50 nos Estados Unidos), a definição de anticomunismo escolhida, da deformação e falsificação dos posicionamentos comunistas em serviço dos políticos da direita, não apresentou problemas no uso corrente que atribuíram aos partidos comunistas. Duas classes: um projeto, a revolução; um método, o partido; um modelo, a União Soviética⁸⁶⁵.

manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo”. MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. op. cit. p. 15-16.

⁸⁶² “[...] *Plus précisément: l'anticommunisme consiste à donner pour but immédiat des communistes la négation absolue des valeurs (propriété, famille, nation) de la société bourgeoise. Cette opération permet de disqualifier le programme des communistes par le tableau catastrophique de ses conséquences : en abolissant la propriété individuelle, fruit du travail personnel, les communistes généraliseraient la paresse; en abolissant la famille, ils institueraient la communauté des femmes; la liberté, la patrie figurent de la même manière parmi les thèmes majeurs de l'anticommunisme tel que le décrivent Marx et Engels*”. LAVABRE, M-C. “Anticommunisme” (verbete). In. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. op. cit.p. 40. Tradução nossa.

⁸⁶³ MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. op. cit. p. 17.

⁸⁶⁴ LAVABRE, M-C. “Anticommunisme” (verbete). In. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. op. cit. p. 40. Tradução nossa.

⁸⁶⁵ “*Si la lutte contre le communisme apparaît bien comme le fondement idéologique de la plupart des politiques réactionnaires ou simplement conservatrices (voir l'instauration, en son nom, de régimes fascistes dans l'Europe de l'entre-deux-guerres ou le maccarthysme dans les années 50 aux Etats-L'nis), la définition de l'anticommunisme qui a été retenue, comme déformation et falsification des positions communistes au service de politiques de droite, n'est pas sans poser problème dans l'usage courant qu'en font les partis communistes. Deux classes, deux camps: un projet, la révolution; un moyen, le parti; un modèle, l'Union soviétique*”. LAVABRE, M-C. “Anticommunisme” (verbete). In. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. op. cit. p. 40. Tradução nossa.

O anticomunismo não refere-se somente a atuação de um Partido Comunista em específico, como rejeição direta deste, sendo um fenômeno que estende-se a tudo o que pode ser interpretado como contribuinte ao objetivo histórico esperado pelos comunistas. Deste modo, a abrangência do comunismo amplia-se a ponto de não poder ser quantificada de maneira simples: o “espectro” ronda todo o corpo social. Em todo este haveria a possibilidade de identificar os elementos contaminados, ou melhor, passando a dotar as práticas políticas mais diversas de um sentido político específico, o comunista, atuando em contraposição ao outro. Assim, projetos políticos de fundo irracionalista retoricamente passaram a arrogar-se de serem portadores da gênese de um projeto de sociedade, pois identificando o outro em termos sub reptícios, ao qual teriam a competência especializada para classificarem e isolarem os permitiu construir uma retórica supostamente “totalizante” de contraposição, afirmação maior da sua imunidade diante da disseminação viral do inimigo.

Tal movimento acaba por reduzir o campo político em duas posições irremediavelmente contrárias, uma leitura social binária, maniqueísta. Desta redução do campo político, entre prós e contras, gera-se uma desqualificação generalizante da própria política, que passa a ser compreendida como expressão de duas naturezas distintas (onde cada posicionamento torna-se *somatória direta* em direção a um fim da história), e que em última instância, poderiam ser resumidos na divisão entre bem e mal. Este é o objetivo último do anticomunismo, negar a capacidade racional humana de distinção entre realidade e falsificação, transmutando sua consciência histórica e social em mera sensação e, portanto, atribuindo ao conhecimento a incapacidade de basear a atuação humana, *já que incompleto pois ideológico* (e incapaz de aspirar a compreensão racional da realidade). Dota irremediavelmente o conhecimento de um sentido idealista, transcendente ao homem (seja deus ou a mão invisível do mercado), tornando o homem incapaz de julgar, de atuar *racionalmente* diante da sua realidade. Isto ecoa o entendimento de Palmiro Togliatti sobre o anticomunismo, que “*significa dividir categoricamente a humanidade em dois campos e considerar... o dos comunistas... como o campo daqueles que já não são homens, por haverem renegado e postergado os valores fundamentais da civilização humana*”. Ele delimita e constrói o campo de atuação dos partidos por contraposição, definindo as possíveis estratégias para especificar claramente quais são as alianças possíveis e os seus inimigos dentro do campo eleitoral parlamentar burguês, que aqui assume uma interpretação plenamente restritiva da democracia, sustentada com base à “*incompatibilidade radical com o campo oposto, da inconciliabilidade dos respectivos valores e interesses*”⁸⁶⁶. Retornando a Olavo de Carvalho, verificamos que esta percepção é construída de modo “autorizado” utilizando sua breve passagem pelo PCB como justificativa:

⁸⁶⁶BONET, L. “Anticomunismo” (verbete). In. BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UNB, 1998. p. 34-35.

[...] acreditamos que bastava nos dar armas e que o resto nós faríamos: construiríamos um mundo melhor. E como construiríamos um mundo melhor? Pelo velho expediente de matar — matar quem não o desejasse. Esta é sempre a solução, qualquer que seja o problema, não é mesmo? Nós tomamos em sentido literal o que dizia Jean Paul Sartre: "O inferno são os outros". Basta matá-los e está tudo resolvido, basta matar quem não concorda conosco⁸⁶⁷.

Agrega de forma grosseira que esta visão dicotômica de mundo é formadora da especificidade da atuação comunista, exatamente porque constitui a linha divisória entre “nós” e “eles” de modo claro, supostamente objetivado seu fim histórico. Em seguida este posicionamento é reafirmado como destino imutável para o campo político. Lembrando que este é um artigo feito sobre um Discurso pronunciado no Clube Militar do Rio de Janeiro, que acaba por inverter as posições de torturados e torturadores:

Qual era o crime dos militares? Eles eram *a Direita*. Ora, a Direita quer dizer necessariamente o mal, portanto eles eram o mal encarnado. Não interessava saber o que estavam fazendo, por que estavam fazendo, etc. Não era preciso saber nada a respeito deles para odiá-los e condená-los. Era uma espécie de maldade ontológica que estava grudada na constituição deles, independentemente do que fizessem ou deixassem de fazer. Se um militar socorresse um doente na rua ele continuaria sendo mau, e se um homem da esquerda maltratasse uma criancinha, ainda assim ele continuaria sendo bom, porque a bondade e a maldade não dependiam dos atos e sim da identidade ideológica. Ora esta metafísica, esta horrenda metafísica maniqueia, ela na verdade é a essência mesma da política. Um dos grandes teóricos da política no século XX foi Carl Schmitt. Ele se perguntou qual a essência da política, o que distingue a política de outras atividades, o que distingue a política da moral, do direito da economia etc. E ele diz o seguinte: quando um conflito entre facções não pode ser arbitrado racionalmente pela análise do conteúdo dos conceitos em jogo e quando portanto o conflito se torna apenas confronto nu e cru de um grupo de amigos contra um grupo de inimigos, isto chama-se — *Política*⁸⁶⁸.

Sendo a política irremediavelmente dotada destas características, acusa, citando que “*a politização geral da vida quer dizer que um garoto de quinze, de dezesseis anos, que mal está entrando na vida, que não tem a menor idéia do que se passa neste planeta, já está cooptado, já está inscrito no grupo dos amigos, cuja única finalidade é matar o grupos dos inimigos*”, para questionar: “*mas isto é vida? Isto é perspectiva que se ofereça a um jovem: politizá-lo desde o berço, oferecer-lhe o vício da militância política como se fosse a encarnação mais alta da ética e do bem?*”, para, por fim, denunciar os suposto autores de tal ato canalha: “*ora, quantas vezes não ouvi intelectuais brasileiros fazendo a apologia da politização, condenando as pessoas que não são politizadas!*”⁸⁶⁹. Obviamente esta é uma pregação deletéria, mas típica para quem advoga que as decisões devem ser tomadas sobre as massas, por uma elite intelectual e política, separada em sua

⁸⁶⁷ CARVALHO, O. de. *Reparando uma injustiça pessoal*. Discurso pronunciado no Clube Militar do Rio de Janeiro em 31.03.99. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/reparando.htm>, acessado em 04.07.11.

⁸⁶⁸ Idem.

⁸⁶⁹ Ibidem.

formação cultural e econômica do resto da população. Esta leitura maniqueísta sobre o campo político é tratada de modo distinto em seu livro de 1994, *O Imbecil coletivo 1*, quando cita um artigo da revista comunista *Novos Rumos*, do ano de 1962:

“Cabe-nos rever uma outra atitude completamente enraizada entre nós, e que evidencia uma verdadeira letargia mental. Trata-se do hábito de raciocinar dentro de esquemas fixos. Este ‘método’ de raciocínio se limita a apanhar os fatos e a enquadrá-los dentro do esquema pré-determinado. Exemplo é o esquema ‘revolucionário x reacionário’. Segundo este esquema, tudo o que temos de fazer é classificar as pessoas, os atos e os fatos em ‘revolucionários’ ou ‘reacionários’. Feito isto, está concluída a ‘tarefa’. Como poderemos compreender a realidade, mantendo esta atitude?”⁸⁷⁰.

Carvalho, intencionalmente utiliza a citação de uma revista comunista para “demonstrar” como a intelectualidade comunista “evoluiu” do enquadramento da realidade na teoria, de modo automático, para uma construção teórica mais desenvolvida, mais sedutora, visando com isto contaminar de maneira sub-reptícia os aportes teóricos metodológicos de seus inimigos. O cerne do que Carvalho entende como sendo o pensamento marxista não seria capaz de evitar a leitura propositadamente binária em termos utilitários, práticos e imediatos – a revolução tornar-se-ia a necessidade ulterior teleológica para toda a prática humana, substituindo as matrizes mais básicas de qualquer atividade destes. E cita como o “resultado” desta virada estratégica, a leitura dominante sobre arte na Universidade de Colúmbia, EUA:

O que vemos, porém, na universidade norte-americana, é a redução explícita e programática da arte à propaganda política, coisa que nenhum teórico comunista ousou jamais defender, na medida em que nunca houve incompatibilidade essencial entre marxismo e senso do ridículo [...] Que a nação norte-americana, após ter-se empenhado por mais de meio século na tarefa amarga e necessária de livrar-nos do comunismo, agora distribua ao mundo, a título de cultura acadêmica, um lixo que nem mesmo o embotado olfato soviético poderia suportar, é sinal de que alguma coisa de muito grave ali acontece. A luta vitoriosa contra o comunismo deixou no vencedor algo mais que cicatrizes gloriosas: tendo matado o gigante a dentadas, o herói descobre agora que o falecido era aidético. Alguns dos traços mais repugnantes da velha mentalidade comunista reaparecem ampliados na produção cultural

⁸⁷⁰MIGLIOLI, J. “O papel crítico do intelectual marxista”. *Novos Rumos*. nº. 163, abril, 1962. Reproduzido em *O comunismo no Brasil*. Inquérito Policial Militar nº. 709, Rio, Biblioteca do Exército, 1966. p. 230. *apud* CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 53. Do mesmo modo isto é enfatizado na resposta de Carvalho à Roseli Fischman na Folha de São Paulo de 15 de setembro de 1998: “Ela não discute um só de meus argumentos, não toca aliás nem de longe no assunto do meu artigo. Saltando sobre esses desprezíveis detalhes teóricos, reage a minhas opiniões com um ato político: aponta-me à platéia de pessoas boas e anti-racistas como a personificação do inimigo a ser abominado. Responde a argumentos com uma ordem de combate e transfere a discussão do terreno da ‘verdade versus falsidade’ para o do ‘nós versus eles’, amigo versus inimigo. Sendo ‘nós’ os representantes da tolerância e do anti-racismo, quem quer que seja designado como inimigo está automaticamente identificado como intolerante e racista, sem que seja preciso declará-lo. Mil vezes repetido - por ela mesma ou por solícitos companheiros de militância -, o discurso de D. Roseli acabará por me fazer passar por um racista: a calúnia absurda, de início tão inverossímil que não ousa vir à tona senão como um leve sussurro, terminará por ser proclamada do alto dos telhados como um dogma inquestionável e universalmente admitido, podendo eventualmente servir de prova judicial de si mesma, a título de ‘fato notório’ [...] O parentesco dessa engenharia social com o fascismo é demasiado óbvio, aliás, para ter de ser enfatizado”. CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo* – calamidades intelectuais da semana: cartas e respostas. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/imbecil.htm>, acessado em 10.06.11.

exportada pelos EUA, só que rotulados como inofensivos e próprios para o consumo pelo carimbo da *Food and Drug Administration*⁸⁷¹.

Este tipo de percepção é possível porque para Olavo de Carvalho o anticomunismo assume duas posições distintas e complementares, por vezes tomando a forma de uma ciência, a da contraposição da estratégia marxista, e por outras, a mera rejeição do comunismo. Desta forma, explica-se que não exista nenhuma tentativa de qualificar estes escritos, entre materiais de “formação” e de “propaganda”, já que, pela interpretação elitista do MSM, seria a própria capacidade intelectual do indivíduo (seu leitor) encarregada de delimitá-los. Quando trata-se de assumir a segunda forma citada de interpretação do anticomunismo, sua antítese é simplesmente considerada uma inversão da realidade, *óbvia quando compreende-se este como mera ideologia*⁸⁷², afirmando um conceito de ciência “purista”, indeferida de sua função social, onde a política certamente tem espaço fundante:

O comunismo é uma “ideologia”, isto é, um discurso de autojustificação de um movimento político identificável. O anticomunismo não é uma ideologia de maneira alguma, mas a simples rejeição crítica de uma ideologia por motivos que, em si, não têm de ser ideológicos, embora possam ser absorvidos no corpo de diversas ideologias [...] Não é preciso dizer que os conceitos comunistas do “burguês” e do “proletário” são igualmente fantasmagóricos – se bem que envoltos numa embalagem intelectualmente mais elegante. O próprio historiador marxista E. P. Thompson reconheceu que é impossível distinguir um “proletário” por traços econômicos objetivos: é preciso acrescentar informações culturais e até psicológicas – entre as quais, é claro, a própria auto-imagem do sujeito que se sente integrado nas “forças proletárias” pelo ódio à imagem do “burguês” [...] É analisando e decompondo esses compactados verbais e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem se incorporar depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: *um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica*⁸⁷³.

Ao considerar o marxismo como mera ideologia justificadora de uma prática política propositadamente mal delimitada, Olavo de Carvalho intenta justificar a inexistência de conteúdo científico e social para conceitos deste, mas argumentando de maneira plenamente anticientífica, já que não recorre para a realidade, se instrumentalizando em uma leitura concreta desta, o que

⁸⁷¹CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 55.

⁸⁷²“À guisa de amostra nacional [segundo ele, da estupidez humana], aponto a esmo a recém-publicada tese do prof. Rodrigo Patto Sá Motta, “Em Guarda Contra o ‘Perigo Vermelho’: o Anticomunismo no Brasil 1917-1964”. Há muito o que observar nela, tal a profusão dos meios a que o autor recorre para fazer a difamação vitriólica do anticomunismo parecer a coisa mais isenta e científica do mundo. Não sobra espaço para comentar a obra aqui, ficando pois o assunto para um artigo vindouro. Para os curiosos, adianto apenas o seguinte: Patto, sobrenome do autor, escreve-se com dois “t”. Pato, com um “t” só, é o leitor”. CARVALHO, O. de. “Apostando na estupidez humana”. *O Globo*. 06.06.02. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/07062002globo.htm>, acessado em 14.04.11.

⁸⁷³CARVALHO, O. de. “Ciência e ideologia”. *O Globo*. 20.09.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/09202003globo.htm>, acessado em 14.04.11.

delimitaria as possibilidades e limites em cada uso. De uma maneira simplória, e buscando apoiar-se na chamada “virada linguística”⁸⁷⁴, considera somente a dimensão discursiva destes conceitos para reconhecer seus usos em termos de “cargas simbólicas”. Ao cometer este joguete semântico dá-se por satisfeito em seus objetivos de recusa do marxismo como ciência social – ao mesmo tempo em que atira para fora das ciências sociais qualquer categoria ontológica. Esta acusação ultrapassa o marxismo (ou os partidos comunistas), é uma afirmação sobre o caráter irracional que visa dotar como formadora do campo político, *a negação da prática política racional exatamente por quem o pratica*. É a cisão completa entre dois campos sociais, o científico e o político, recusando a dialética existente entre estes, sendo o primeiro considerado criador de “justificativas simbólicas” para o segundo, um apêndice – ainda indicando implicitamente que deva ser considerado posteriormente.

Só que o MSM existe quando a União Soviética não existe mais, e a própria existência do marxismo ou do comunismo (e também do fascismo, anotemos) foi decretada acabada por autores como Francis Fukuyama, sendo que o capitalismo, a democracia parlamentar burguesa, vencedora celebraria então o *fim da história*. Para poder manter uma argumentação “da guerra fria”, Carvalho então afirma que:

O mais notável fenômeno psicológico da última década foi o “upgrade” mundial do discurso comunista, que, por meio da pura alquimia verbal, transmutou o fracasso sangrento de um regime campeão de genocídio em argumento plausível para elevar ao sétimo céu o prestígio e a autoridade moral da causa esquerdista. Foi o maior “non sequitur” de todos os tempos. Para realizá-lo, os meios empregados foram espantosamente simples: Primeiro: declarar o comunismo episódio encerrado, de modo a inibir a tentação de estudá-lo, portanto a aptidão de reconhecê-lo no seu estado presente e a vontade de combatê-lo. Segundo: trocar a palavra “comunismo” por qualquer de seus equivalentes eufemísticos tradicionais (“forças democráticas”, etc.), que, na atmosfera de esquecimento geral assim criada, poderiam sem dificuldade passar por novos. Terceiro: continuar imperturbavelmente a usar as mesmas categorias de pensamento e os mesmos meios de ação do marxismo tradicional, com a perfeita segurança de que ninguém na platéia os reconheceria. (Assim, por exemplo, a lei de quotas raciais é simples aplicação de um velho preceito de Stálin, mas quem lê Stálin hoje em dia?). Quarto: instigar a hostilidade muçulmana contra Israel e os EUA, de modo a disfarçar a guerra anticapitalista sob o manto de um conflito entre dois conservadorismos, o islâmico e o judaico-cristão [...] Pronto. Com esses poucos truques, a esquerda consegue fazer hoje a opinião pública aceitar as teses marxistas da luta de classes e da supressão completa da oposição conservadora como sinais de moderação e tolerância democrática. O mundo fica assim dividido em duas categorias de pessoas: as saudáveis, tolerantes e equilibradas, adeptas do comunismo sob qualquer nome que seja, e as radicais, insanas, fanáticas e autoritárias, adeptas de tudo o mais. O lugar das primeiras é na mídia; o das segundas, na cadeia ou no hospício⁸⁷⁵.

⁸⁷⁴Para uma introdução sobre esta discussão e sua recepção entre os historiadores ver ROIZ, D. da S. “A reconstituição do passado e o texto literário: a resposta dos historiadores à ‘virada linguística’”. *Diálogos*. n.º. 3. Volume 13. Maringá: DEHIS/PPGH UEM, 2009. p. 587-624. Para uma leitura crítica e política desta ver FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 343-413.

⁸⁷⁵CARVALHO, O. de. “Apostando na estupidez humana”. *O Globo*. 06.06.02. op. cit.

Esta afirmação indica a necessidade do anticomunismo, da demonização do outro em termos políticos, para a ampliação das relações de dominação de uma classe sob as demais, como elemento “preventivo” a ser incorporado na ofensiva ultraliberal. O anticomunismo cumpre a função de delimitar negativamente tudo o que é sólido e deve ser desmanchado para que o capital aproprie-se de todos os campos possíveis da existência dos homens. É justificado como uma necessidade para a reprodução do estado das coisas (em termos de darwinismo social) frente a possíveis (imaginárias ou não) sublevações das classes subalternas, enquanto sua principal função é a de tornar possível ao capital delimitar e atacar – o que é apropriado das escolas de economia austríaca e de Chicago, por exemplo, nas supostas influências socialistas que os Estados de Bem-estar teriam.

Para eles, a “transfiguração” da esquerda pós-1989 não significa necessariamente a sua real organização e atuação na luta de classes, colocando-se abertamente para a disputa, mas pelo contrário, seria uma etapa de preparação, anterior à fase da disputa aberta, atuando de forma subreptícia para alterar as relações de força existentes. Atuação “esclarecida”, racional de determinados grupos sociais, comunistas ou não, para alcançar um fim histórico definido: a revolução proletária. Esta é a sua grande questão, atribuir para a esquerda revolucionária uma mudança estratégica: antigamente baseada no leninismo, a guerra de movimento pregava o ataque direto ao Estado, transmutada para o que nomeia “gramscismo”, agora baseado na guerra de posições, buscando a ocupação de espaços na sociedade para realizar a mudança moral do homem, e, então, somente aí, tomar o Estado. “*O objetivo primeiro do gramscismo é muito amplo e geral em seu escopo: nada de política, nada de pregação revolucionária, apenas operar um giro de cento e oitenta graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções*”, supostamente evitando “*o confronto ideológico direto que só faria excitar prematuramente antagonismos indesejáveis*”⁸⁷⁶. Este ponto é chave para o alcance da obra de Olavo de Carvalho e dos intelectuais do MSM, pois é na suposta mudança estratégica da esquerda que eles irão centrar toda sua atuação.

Ou de modo mais sintético:

A estratégia de Gramsci virava de cabeça para baixo a fórmula leninista, na qual uma vanguarda organizadíssima e armada tomava o poder pela força, automeando-se representante do proletariado e somente depois tratando de persuadir os apatetados proletários de que eles, sem ter disto a menor suspeita, haviam sido os autores da revolução. *A revolução gramsciana está para a revolução leninista assim como a sedução está para o estupro*⁸⁷⁷.

Isto traz para o primeiro plano a atuação comunista, ainda que esta represente um grupo

⁸⁷⁶CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.

⁸⁷⁷Idem. Grifos nossos.

minoritário no campo eleitoral-parlamentar. O inimigo não estaria simplesmente “oculto”, mas sustentando tal clandestinidade como ponto nodal de sua atuação, em que, o objetivo maior figura na alteração do modo de ser da humanidade, para uma passagem para o socialismo “automática”, sem que fosse percebida pelas consciências individuais. Neste período, entendido por eles, em um sentido conceitual plenamente esvaziado de conteúdo social, seria o de disputa pela “hegemonia”, não se excluía, *“é claro, a hipótese de um comando unificado, mas, para o sucesso da estratégia gramsciana, a unidade de comando, ao menos ostensiva, é bastante dispensável na fase da luta pela hegemonia”*⁸⁷⁸. Esta “estratégia obscura” estaria sendo levada a cabo no Brasil há pelo menos quatro décadas, onde a ditadura civil militar empresarial teria aliviado parcela dos comunistas da repressão, já que teria se negado a combatê-los no campo intelectual:

O governo militar se ocupou de combater a guerrilha, mas não de combater o comunismo na esfera cultural, social e moral. Havia a famosa teoria da panela de pressão, do general Golbery do Couto e Silva. Ele dizia: “Não podemos tampar todos os buracos e fazer pressão, porque senão ela estoura”. A válvula que eles deixaram para a esquerda foram as universidades e o aparato cultural. Na mesma época, uma parte da esquerda foi para a guerrilha, mas a maior parte dela se encaixou no esquema pregado por Antonio Gramsci, que é a revolução cultural, a penetração lenta e gradual em todas as instituições de cultura, mídia etc. Foi a facção que acabou tirando vantagem de tudo isso – até da derrota, porque a derrota lhes deu uma plêiade de mártires [...] Acompanhe, por exemplo, as sessões ditas culturais dos principais jornais do país. Você vai ver que, durante 30 anos, não teve uma ideia conservadora lá. O primeiro passo para marginalizar uma corrente de ideias é excluí-la da alta cultura. Você trata aquilo como se fosse uma corrente popular, um bando de caipiras, um bando de fanáticos que não tem respeitabilidade intelectual. O período militar foi a época de maior progresso da indústria editorial de esquerda no Brasil. Nunca se publicou tanto livro de esquerda. Além de ter destacados colonistas de esquerda nos jornais, ainda havia vários semanários importantíssimos de oposição como os tabloides *Movimento, Fato Novo, O Pasquim, Ex, Versus*, as revistas *Civilização Brasileira, Paz e Terra* e muitas outras. Além disso, praticamente todos os grandes jornais eram dirigidos por homens de esquerda como Luís Garcia, Claudio Abramo, Alberto Dines, Narciso Kalili e Celso Kinjo. Outra coisa importantíssima: todos os sindicatos de jornais do país eram presididos por esquerdistas⁸⁷⁹.

A esquerda então relegada a um espaço social “relativamente autônomo” da sociedade, onde *“embora houvessem agentes do governo militar assistindo as aulas dos marxistas nas universidades, estes podiam pregar tudo, desde que não tocassem em assunto de luta armada e reforma agrária”*, supostamente se “reinventou estrategicamente”. Assim, teria utilizado este espaço que supostamente os propiciou *“toda a liberdade para falar de aborto, divórcio, sexo livre, pois isso não era identificado como marxismo”* para dali atingir toda a sociedade, sendo que esta viragem em direção ao cultural teria como objetivo destruir os “principais sustentáculos da cultura

⁸⁷⁸CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.

⁸⁷⁹CASTRO, G. “Olavo de Carvalho: esquerda ocupou vácuo pós-ditadura”. Entrevista. *Veja Online*. 03.04.11. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuopos-ditadura>, acessado em 03.04.11.

ocidental”, a saber: “o direito romano, a filosofia grega e a moral judaico-cristã”⁸⁸⁰. Este movimento seria deste modo o responsável pela cisão entre o marxismo soviético e o ocidental, o último encarregado responsável pelos ataques acima delimitados, tendo em vista a destruição do senso comum, a mudança moral do homem. Segundo Carvalho esta gênese observa-se em Gramsci, que:

[...] ficou, dizia eu, meditando na cadeia. Mussolini, que o mandara prender, acreditava estar prestando um serviço ao mundo com o silêncio que impunha àquele cérebro que ele julgava temível. Aconteceu que no silêncio do cárcere o referido cérebro não parou de funcionar; apenas começou a germinar idéias que dificilmente lhe teriam ocorrido na agitação das ruas. Homens solitários voltam-se para dentro, tornam-se subjetivistas e profundos. *Gramsci transformou a estratégia comunista, de um grosso amálgama de retórica e força bruta, numa delicada orquestração de influências sutis, penetrante como a Programação Neurolinguística e mais perigosa, a longo prazo, do que toda a artilharia do Exército Vermelho*. Se Lênin foi o teórico do golpe de Estado, ele foi o estrategista da revolução psicológica que deve preceder e aplanar o caminho para o golpe de Estado⁸⁸¹.

Ou de modo mais claro, como o Farol da Democracia Representativa, entidade ligada por laços orgânicos ao MSM, afirma para seus leitores na sessão denominada “sala de leitura” – uma introdução a seus livros e artigos disponíveis para a leitura *online*:

As tentativas e processos de implantação do comunismo nos diversos países (antes percebidas com clareza, graças à rusticidade do processo) tornaram-se sofisticados: ganharam contornos de ação cultural, psicológica e de comunicação, a ponto de as sociedades flageladas nem mesmo perceberem que estão sendo alvo de um processo revolucionário socialista. De espectador de filmes e documentários, ou de testemunhas da implantação sangrenta do sonho comunista aqui e ali, o cidadão passou a ser protagonista passivo e – pior! – agente de sua própria perda de liberdade e de dignidade. O terreno da luta se deslocou do universo exterior ao homem para um território de difícil identificação: a sua mente. Isso mesmo, caro leitor: o processo de perda da sua liberdade, da sua dignidade e de todos os seus valores morais e patrióticos está acontecendo dentro de sua própria mente. O enfrentamento é mais doloroso e angustiante ainda, quando você, para reconquistar o real sentido de sua vida, se vê desafiado a superar convicções formadas a partir de conceitos pervertidos que lhe foram impostos desde a sua infância e que de alguma forma são hoje os seus referenciais de valores. Em todos os campos de atuação e de saber, o senso comum vem sendo violentamente transformado, num processo acima de tudo dissimulado e insidioso. A sua derrota – acredite caro leitor - serão favas contadas, se não tiver a coragem e o espírito de luta para entender o que está acontecendo, e se posicionar em favor daquilo que precisa defender: a Democracia. Ambiciosa e tentacular, esta “revolução cultural” socialista está em curso, investindo na destruição de valores e comportamentos, numa rede de tolerância que se estende desde a criminalidade urbana até os descabros dos governantes no uso da máquina pública⁸⁸².

⁸⁸⁰RICARDO, P. Pe. *Introdução à filosofia – o marxismo cultural!* (extratos de uma palestra). Disponível em <http://antiforodesaopaulo.blogspot.com/2009/05/iniciacao-filosofia-o-marxismo-cultural.html>, acessado em 10.04.11.

⁸⁸¹CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit. Grifos nossos.

⁸⁸²FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Sala de leitura*. Disponível em <http://www.faroldademocracia.org/salaleitura.asp>, acessado em 14.04.11.

No Brasil a influência do marxista sardo sobre a esquerda teria sido tão poderosa, que nos dias de hoje, qualquer pessoa que “*deseje reduzir a um quadro coerente o aglomerado caótico de elementos que se agitam na cena brasileira, tem de começar a desenhá-lo tomando como centro um personagem que nunca esteve aqui, do qual a maioria dos brasileiros nunca ouviu falar*”, obviamente Antonio Gramsci, que mesmo estando “*morto há mais de meio século [...] dirige em segredo os acontecimentos nesta parte do mundo*”, sendo seu pensamento responsável pela “hegemonia esquerdista” nos campos intelectual e cultural brasileiros:

Se há um consenso imperante nos meios acadêmicos ao menos brasileiros, é aquele que faz do fundador do Partido Comunista Italiano o mais importante dos pensadores, mais importante, sob certos aspectos, do que o próprio Karl Marx. Esse consenso produziu-se aliás pelos mesmos meios preconizados por Gramsci para a imposição de qualquer outra idéia: primeiro os adeptos da idéia "ocupam os espaços", apropriando-se de todos os meios de divulgação; depois conversam entre si e dizem que as conclusões da conversa expressam o consenso universal. A coisa, dita assim, parece um estelionato grosseiro. Ela é de fato um estelionato – e na invenção desse estelionato consiste toda a pretensa genialidade de Antonio Gramsci –, mas não é nada grosseira: a fabricação do simulacro de debate chega ao requinte de forjar previamente toda uma galeria das oposições admitidas, que são precisamente aquelas cujo confronto levará fatalmente à conclusão desejada. As demais são excluídas como aberrantes, criminosas, sectárias ou não representativas⁸⁸³.

Para citarmos somente dois exemplos da penetração desta qualificação da intelectualidade brasileira – passível de ser verificado em qualquer revista de grande circulação semanal brasileira – primeiro, citaremos Kátia Abreu, senadora líder da ala ruralista, que na sua saída do Partido Democratas (DEM) para ingressar no Partido Social Democrático (PSD), declarou que:

O que vemos como urgência - e isso faz parte da reforma das mentalidades na política - é a defesa da liberdade individual, da liberdade de pensamento, liberdade para fazer suas escolhas (Liberalismo = Liberdade). Vemos cada vez mais o país sendo submetido à ação das patrulhas do pensamento, que impõem os dogmas do politicamente correto, criminalizando os que deles divergem. Liberdade de pensamento é o convívio civilizado com as idéias com que não concordamos, mesmo com as que eventualmente abominamos, nos limites da lei. Ser tolerante é tolerar o intolerável. É essa intolerância que ameaça o convívio democrático, empobrece o debate e impede a livre circulação de idéias na sociedade, não permitindo que seja juiz dos que disputam o seu voto. É essa intolerância que estigmatizou os que vêm no socialismo uma doutrina anacrônica, fracassada e ineficaz, associando o pensamento liberal ao totalitarismo fascista, que lhe é antípoda. Socialismo e fascismo, sim, têm algo em comum: o culto ao Estado, que, em ambos os casos, deixa de servidor do cidadão para tornar-se seu dono, intrometendo-se crescentemente em questões inerentes à vida privada e ao arbítrio das famílias. É contra esse estigma ideológico, falso como uma nota de três reais, que combateremos [...] A hegemonia do pensamento esquerdista, que a estratégia gramsciana de revolução cultural inoculou na academia, estabeleceu a ditadura do pensamento. Quem hoje se sente à vontade, nas universidades e meios culturais, de

⁸⁸³CARVALHO, O. de. “Antonio Gramsci e a teoria do bode”. *IEE*. 29.10.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/iee_gramsci.htm, acessado em 14.04.11.

se apresentar como sendo de direita ou liberal? Será renegado e excluído do debate, como um pária. E isso é trágico. Torna a democracia um engodo, um debate entre iguais, que deriva para uma luta por cargos. Nada mais. É para romper com esse paradigma e permitir que a sociedade brasileira - sobretudo sua classe média -, que se tem mostrado avessa à agenda comportamental do politicamente correto, que o PSD entra em cena⁸⁸⁴.

Como segundo exemplo, temos um texto de João Mellão Neto, jornalista e deputado estadual do DEM, reproduzido do jornal *Estado de S. Paulo* no site oficial do Exército Brasileiro. Neste ele interroga o motivo de Dilma Roussef durante sua campanha eleitoral ter diversas vezes reafirmado as garantias democráticas fornecidas pelas instituições:

Que instituições são essas? O Estado? Não apenas ele. O Estado nada mais é do que um reflexo dos costumes, crenças e valores da sociedade. Não é o Estado, mas a sociedade, que cria as instituições. E as modela de acordo com o que pratica e com aquilo em que acredita. Existem, assim, dois tipos de instituições: as formais, que são as igrejas, a escola, o poder público, as leis, as Forças Armadas, a universidade, etc.; e as ditas informais, como os preceitos religiosos, a ética, a moralidade e tudo o mais em que as pessoas acreditam e que norteia o seu comportamento. Mesclando as instituições formais e informais, as pessoas sentem-se à vontade para interagir economicamente [...] Por falar nisso, vale ressaltar que nossas esquerdas também têm consciência da importância das instituições, que no dicionário delas são chamadas genericamente de "superestrutura". Antes de alcançar o poder, os petistas e que tais diziam que era necessária uma insurreição popular para que pudesse ser implantado o socialismo. Agora, depois que chegaram lá, trocaram as ideias incendiárias de Ernesto Guevara pelas mais amenas, de Antonio Gramsci. Explicando melhor: os ensinamentos e o exemplo de Che Guevara na década de 1960 passaram a todas as esquerdas latino-americanas a noção de que - existindo ou não "condições objetivas" - a transição para o socialismo deveria ser feita de imediato. E se a sociedade local não estivesse madura para tanto? Não importa. A luta armada obrigaria todas as pessoas a tomar posição e assim se desencadearia a "revolução". Em toda a América Latina, essa incontinência revolucionária levou muita gente à guerrilha e à clandestinidade. A maioria foi torturada e boa parte morreu. Quatro décadas depois, nossas esquerdas descobriram que poderiam chegar ao poder de modo pacífico. Como? Via eleições, dentro das regras democráticas. Guevara foi convenientemente deixado de lado. O novo guru, agora, é o pensador italiano - também marxista - Gramsci. Segundo este, para que a revolução se dê de forma efetiva, antes de tudo é preciso aperfeiçoar o modo de pensar da sociedade. Nos corações e mentes das pessoas, os valores capitalistas têm de ser substituídos pelos socialistas. E para tanto o que deve ser feito pelos militantes da causa? Esta é a parte mais confortável. Devem, tão somente, incrustar-se no ensino, nos círculos acadêmicos e, principalmente, na administração pública, para - ocupando os postos estratégicos - poderem mudar a mentalidade geral. Ou seja, chega de sangue, suor e lágrimas! O certo, agora, é "aparelhar" o Estado e tratar de reformá-lo "por dentro". Foi assim, por meios tortos, que, no Brasil, o pensamento de esquerda incorporou o papel fundamental das instituições. Até por que, enquanto a revolução não vem, o melhor a fazer é refestelar-se, em segurança, nos bons empregos públicos⁸⁸⁵.

⁸⁸⁴ABREU, K. *Discurso no senado*. 11.04.11. Disponível em <http://www.visoesdiversas.com/2011/04/discurso-da-katia-abreu.html>, acessado em 13.04.11.

⁸⁸⁵MELLÃO NETO, J. "Enquanto a revolução não vem". *O Estado de S. Paulo*. 31.12.10. Reproduzido em http://www.exercito.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=18107&articleId=304348&version=1.0, acessado em 10.05.11.

Estes dois discursos, sobre questões distintas e veiculados em lugares diferentes nos permitem visualizar a influência que o discurso criado por Olavo de Carvalho e pelo MSM têm sobre os setores conservadores da sociedade. O anticomunismo serve como fio condutor para a penetração ideológica, pois embora estes meios que os reproduzem (Instituto Millenium, o Democratas, a *Veja*, o *Estado de S. Paulo* ou Exército Brasileiro) possam ser qualificados como reacionários e conservadores, não costumam editorialmente assumir discursos fascistas.

Sobre os motivos de se “resgatar” as elucubrações teóricas de Gramsci, Carvalho afirma que foi buscada pelos comunistas nas supostas dificuldades que o Partido Comunista Soviético teve em convencer a população russa após a revolução. O povo russo, teria um caráter “plenamente conservador” (como sempre, consideram a massa mais disposta a obedecer do que rebelar-se), ou seja, em termos últimos reprodutores de uma cultura “antiga” que rejeitava as políticas bolcheviques, e não tendo a “malícia” do marxista sardo, foram obrigados a recorrer para a violência:

Gramsci estava particularmente impressionado com a violência das guerras que o governo revolucionário da Rússia tivera de empreender para submeter ao comunismo as massas recalcitrantes, apegadas aos valores e praxes de uma velha cultura. A resistência de um povo arraigadamente religioso e conservador a um regime que se afirmava destinado a beneficiá-lo colocou em risco a estabilidade do governo soviético durante quase uma década [...] Para contornar a dificuldade, Gramsci concebeu uma dessas idéias engenhosas, que só ocorrem aos homens de ação quando a impossibilidade de agir os compele a meditações profundas: amestrar o povo para o socialismo *antes* de fazer a revolução. Fazer com que todos pensassem, sentissem e agissem *como* membros de um Estado comunista enquanto ainda vivendo num quadro externo capitalista. Assim, quando viesse o comunismo, as resistências possíveis já estariam neutralizadas de antemão e todo mundo aceitaria o novo regime com a maior naturalidade⁸⁸⁶.

O que Gramsci teria feito, segundo esta distorção extrema de sua obra, seria uma inversão estratégica do leninismo, através de “*uma distinção, das mais importantes, entre 'poder' (ou, como ele prefere chamá-lo, 'controle') e 'hegemonia'*”. O primeiro seria “*o domínio sobre o aparelho de Estado, sobre a administração, o exército e a polícia*”⁸⁸⁷, enquanto a hegemonia supostamente seria:

[...] o domínio psicológico sobre a multidão. A revolução leninista tomava o poder para estabelecer a hegemonia. O gramscismo conquista a hegemonia para ser levado ao poder suavemente, imperceptivelmente. Não é preciso dizer que o poder, fundado numa hegemonia prévia, é poder absoluto e incontestável: domina ao mesmo tempo pela força bruta e pelo consentimento popular — aquela forma profunda e irrevogável de consentimento que se assenta na força do hábito, principalmente dos automatismos mentais adquiridos que uma longa repetição torna inconscientes e coloca fora do alcance da discussão e da crítica. O governo revolucionário leninista

⁸⁸⁶CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.

⁸⁸⁷Idem.

reprime pela violência as idéias adversas. O gramscismo espera chegar ao poder quando já não houver mais idéias adversas no repertório mental do povo⁸⁸⁸.

Através desta cisão imaginada pelo MSM, a tomada do poder só viria a ocorrer quando não houvesse mais traços reconhecíveis da cultura antiga (exceto toda a sustentação material desta), pois “*a luta pela hegemonia não se resume apenas ao confronto formal das ideologias, mas penetra num terreno mais profundo, que é o daquilo que Gramsci denomina — dando ao termo uma acepção peculiar — 'senso comum'*”. Assim, as mudanças estéticas, da linguagem, das artes e da cultura popular não estariam mais relacionadas com as mudanças históricas e sociais dentro de determinada formação social (e especialmente com a classe dominante nesta), mas seriam então resultado de um esforço de manipulação monstruoso, e ao mesmo tempo quase imperceptível, pelo partido revolucionário. Quase imperceptíveis, pois, operado na “filtragem” que os indivíduos fazem da sua realidade, alterando suas percepções em relação a sua vivência nesta. E sobre o partido revolucionário, Gramsci

[...] adaptou Maquiavel às demandas da ideologia socialista, coletivizando o "Príncipe". Em lugar do *condottiere* individual que para chegar ao poder utiliza os expedientes mais repugnantes com a consciência tranquila de quem está salvando a pátria, Gramsci coloca uma entidade coletiva: a vanguarda revolucionária. O Partido, em suma, é o novo Príncipe. Como o sangue-frio dos homens fica mais frio na medida em que eles se sentem apoiados por uma coletividade, o Novo Príncipe tem uma consciência ainda mais tranquila que a do antigo. O *condottiere* da Renascença não tinha apoio senão de si mesmo, e nas noites frias do palácio tinha de suportar sozinho os conflitos entre consciência moral e ambição política, encontrando no patriotismo uma solução de compromisso. No Novo Príncipe, a produção de analgésicos da consciência é trabalho de equipe, e nas fileiras de militantes há sempre uma imensa reserva de talentos teóricos que podem ser convocados para produzir justificações do que quer que seja⁸⁸⁹.

Aqui os comunistas “escapariam” dos sindicatos e centrais sindicais, organismos da classe trabalhadora, para imiscuir-se através da mídia, da educação, etc. Buscando a transformação da realidade pela recusa na disseminação aberta do marxismo enquanto ciência, tendo como cerne exatamente esta recusa no debate aberto, o que geraria contrariedades desnecessárias. É esta percepção, afirmada como uma nova “estratégia verdadeira” que permite ao MSM atribuir culpabilidade para qualquer ator político ou social, já que escapa dos parâmetros da ação direta por determinados atores políticos, proliferando-se por todo o corpo social, o agredindo como vírus, não mais através de uma apunhalada (seja pela frente ou pelas suas costas, para seguir o mesmo tipo de metáfora que dá ao corpo social sentido de sujeito), atribuindo sentido à qualquer ação política como resultante da atuação comunista. Para tanto, um dos conceitos desenvolvidos por Antonio

⁸⁸⁸CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.

⁸⁸⁹Idem.

Gramsci tornar-se fundamental para eles: o de intelectual, que também é revestido desta concepção “etapista”. “*Os intelectuais no sentido elástico são o verdadeiro exército da revolução gramsciana, incumbido de realizar a primeira e mais decisiva etapa da estratégia*”, esta “*a conquista da hegemonia, um processo longo, complexo e sutil de mutações psicológicas graduais e crescentes, que a tomada do poder apenas coroa como uma espécie de orgasmo político*”⁸⁹⁰. Estes intelectuais, arrancados do mundo da produção – de seu sentido conceitual originário –, revolucionários profissionais distribuídos em uma miríade de lugares na sociedade e no Estado, de onde desempenhariam, de modo caricaturado, todas suas atividades visando à revolução, como pode ser visto na citação seguinte:

Os intelectuais desempenham por isso, na estratégia gramsciana, um papel de relevo. Mas isto não quer dizer que suas idéias sejam importantes em si mesmas, pois, para Gramsci, a única importância de uma idéia reside no reforço que ela dá, ou tira, à marcha da revolução. Gramsci divide os intelectuais em dois tipos: “orgânicos” e “inorgânicos” (ou, como ele prefere chamá-los, “tradicionais”). Estes últimos são uns esquisitões que, baseados em critérios e valores oriundos de outras épocas, e sem uma definida ideologia de classe, emitem idéias que, ignoradas pelas massas, não exercem qualquer influência no processo histórico: acabam indo parar na lata de lixo do esquecimento, a não ser que tenham a esperteza de aderir logo a uma das correntes “orgânicas”. Intelectuais orgânicos são aqueles que, com ou sem vinculação formal a movimentos políticos, estão conscientes de sua posição de classe e não gastam uma palavra sequer que não seja para elaborar, esclarecer e defender sua ideologia de classe. Naturalmente, há intelectuais orgânicos “burgueses” e “proletários”. Estes são a nata e o cérebro do Novo Príncipe, mas aqueles também têm alguma utilidade para a revolução, pois é através deles que os revolucionários vêm a conhecer a ideologia do inimigo [...] O conceito gramsciano de intelectual funda-se exclusivamente na sociologia das profissões e, por isto, é bem elástico: há lugar nele para os contadores, os meirinhos, os funcionários dos Correios, os locutores esportivos e o pessoal do *show business*. Toda essa gente ajuda a elaborar e difundir a ideologia de classe, e, como elaborar e difundir a ideologia de classe é a única tarefa intelectual que existe, uma *vedette* que sacuda as banhas num espetáculo de protesto pode ser bem mais intelectual do que um filósofo, caso se trate de um “inorgânico” como por exemplo o autor destas linhas⁸⁹¹.

⁸⁹⁰CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit. Nos é quase irresistível a comparação com outros anticomunistas brasileiros, aqui em relação ao integralista Olbiano de Mello, em texto datado de 1931: “*Dois são os processos usados pelos bolcheviques para a implantação de sua doutrina. Um puramente revolucionário – aquele que explodiu na Rússia em Novembro de 1917, empolgando o poder – é o que, se aproveitando dos abalos sociais por que às vezes passam os povos, assalta à mão armada as posições oficiais e nela se instala, transformando, a geito, os diversos aparelhos administrativos dos Sovietcs. O outro, mil vezes pior, terrivelmente mais perigoso, visto como é sorrateiro e maneiroso, é mentiroso e sem exemplo: é entorpecente administrado aos poucos, lentamente até que empolgue por inteiro as consciências. É o teórico, pregado pelos escritores marxistas. É o que se infiltra com pés de lã nas mais nobres instituições, aquele que transpõe os umbrais dos lares, melhores organizados, através de uma literatura adrede preparada, mascarada em romances e novelas pelos ideólogos do novo credo, aconselhando o desrespeito dos filhos aos pais e vice-versa, erigindo em uma instituição a delação, a traição, o adultério, o incesto, o amor ao prazer e ao luxo. É ainda aquele que se aboleta nas cátedras oficiais dos estabelecimentos de ensino primário, secundário e superior, antepondo às forças morais as materiais, procurando materializar os espíritos das gerações moças que lhes vêm desprevenidas às mãos*”. MELLO, O. de. “Comunismo ou fascismo?” Rio de Janeiro: Typografia Terra do Sol, 1931. p. 137-139. *apud* CHAUI, M. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. In. CHAUI, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 98-99.

⁸⁹¹CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.

Sem retornar para nossa leitura dos conceitos gramscianos, podemos afirmar que o que o MSM chama de “gramscismo” seria, para além de todas as propositais deturpações, a afirmação da revolução passiva como estratégia positiva para os comunistas, invertendo seu sentido original de uma derrota seguida da ampliação do Estado, e ainda revestindo esta estratégia de um caráter “etapista”. Nesta simulação de estratégia marxista o transformismo se torna a principal tarefa dos intelectuais revolucionários, pois quanto mais bem sucedida for sua “aparência” de alinhamento à ordem pelo partido revolucionário, mais efetiva seria a ocupação de espaços no Estado e na sociedade civil: a guerra de posições visando uma mudança moral do homem. Ela seria pautada pela disseminação viral de novas mediações teleológicas para as atividades dos homens, ou seja, a libertação do homem não ocorreria através de mudanças nas relações sociais de produção, mas sim nas representações (como mediação racional anterior à realização de determinado ato e posteriormente, sobre as consequências e objetivos atingidos por sua realização) que os homens fariam destas. O partido comunista assim abandona o proletariado visando à formação de intelectuais orgânicos (quase no sentido de dependência física do partido que o cria) e no “entrismo” destes nos aparelhos privados de hegemonia. O MSM raramente refere-se ao proletário, pois buscam associar o comunismo com a atuação de somente um grupo de lideranças, a vanguarda como sócia de uma elite. O transformismo é tido como atuação transformista, como construção de personas duplas por parte de todo um grupo político objetivando um fim histórico determinado idealmente.

Para fins de ilustração desta guerra de posições, o General do Exército Carlos Alberto Pinto Silva, ex-comandante de Operações Terrestres (COTer), do Comando Militar do Sul, do Comando Militar do Oeste, e Membro da Academia Brasileira de Defesa, baseado no livro de Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, oferece um sumário de como o “gramscismo” estaria atuando no Brasil (não encontramos relação do General com o MSM, mas ele exemplifica como esta proposição constituiu-se como “idéia-força”):

TABELA 24: Mapa da atuação do “gramscismo” segundo Sérgio Augusto de Avellar Coutinho:

Trincheiras	Idéia-Força	Temas explorados
Judiciário	<ul style="list-style-type: none"> - Instrumento de Opressão; - Parcialidade; - Ineficiência; - Improbidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Favorecimento dos ricos; - Privilégio dos burgueses; - Impunidade dos ricos e dos colarinhos brancos; - Lentidão funcional; - Corrupção e privilégios dos magistrados.
Congresso	<ul style="list-style-type: none"> - Ineficiência; - Improbidade; - Parasitismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Privilégio; - Ociosidade; - Escândalos; - Barganhas; - Falta de espírito público.
Executivo	<ul style="list-style-type: none"> - Ineficiência; - Autoritarismo; - Improbidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conduta autoritária; - Abuso de autoridade; - Corrupção; - Escândalos.
Partido político	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de representatividade; - Legenda de aluguel; - Ambição pessoal; - Fascismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fisiologismo; - Falta de programa; - Corrupção; - Verbas de campanha; - Escândalos.
Forças armadas	<ul style="list-style-type: none"> - Ineficiência; - Desnecessidade; - Ônus para o país; - Fascismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Destinação; - Acidentes de trabalho; - Escândalos; - Golpismo e ditadura; - Tortura.
Aparelho policial	<ul style="list-style-type: none"> - Ineficiência; - Truculência; - Improbidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reforma e extinção da Polícia Militar; - Escândalos; - Violência; - Corrupção.
Igreja católica	<ul style="list-style-type: none"> - Anacronismo da moral cristã; - Opressão moral e intelectual; - Aliança com o poder. 	<ul style="list-style-type: none"> - Celibato clerical; - Escândalos sexuais; - Inflexibilidade doutrinária (homossexuais, aborto, controle de nascimento, indissociabilidade do matrimônio); - Inquisição; - Papel político-histórico; - Devoções populares e culto de leigos (fora das Igrejas).
Capitalismo	<ul style="list-style-type: none"> - Divisão de classes e exploração do proletariado urbano e camponês; - Imperialismo; - Má divisão de renda. 	<ul style="list-style-type: none"> - Greves e protestos; - Domínio econômico; - Ambição e abuso; - Injustiça social; - Neoliberalismo; - Globalização; - Desemprego.

FONTE: SILVA, C. A. P. *Entendendo aspectos da conjuntura brasileira atual “Brasil e a revolução no Ocidente”*. Extratos do livro “A revolução gramscista no Ocidente. A concepção revolucionária de Antônio Gramsci em os Cadernos do cárcere” de Sérgio Augusto de Avellar Coutinho. Rio de Janeiro: Estandarte, 2002. Disponível em <http://ultradireita.wordpress.com/2010/07/28/entendendo-aspectos-da-conjuntura-brasileira-atual-%e2%80%9cbrasil-e-a-revolucao-no-ocidente%e2%80%9d/>, acessado em 06.06.11.

A atuação comunista, para ser funcional neste esquematismo teórico, não poderia estar *completamente desorganizada, exatamente porque esta impressão de desorganização é a suposta chave-mestra da estratégia*. Ela teria de reportar-se a um organismo maior, sendo este o partido nacional revolucionário, que não se apresentaria como tal, dada a necessidade de dissimular suas

intenções para poder disseminar-se por todo o corpo social, além de coordenar a atuação nacional com a perspectiva internacionalista. No caso brasileiro o partido revolucionário é identificado com o Partido dos Trabalhadores, que, como já assinalamos, de um nascimento combativo passa a integrar a ordem, capacitando-se como agente competente para a gestão do capitalismo brasileiro quando alcança a presidência com Lula. Esta mudança é para o MSM a grande jogada da estratégia, pois ao revestir-se dos interesses da classe dominante, tornando-se “inofensivo” (a imagem maior desta brandura seria a divulgada pelo PT na campanha de 2002, do Lula “light”), o partido supera a tática leninista para atuar de maneira plena através do “gramscismo”:

Estávamos conversando sobre a política nacional, quando surgiu o nome do ex-Presidente Molusco, do Sr. Lula, e da stalinista búlgara Stella, ou Dilma Rousseff. Eu fiquei perplexo com a conclusão do meu amigo jornalista: ele achava que o PT tinha se tornado um partido de direita! Tal resposta deixou-me intrigado. E aí ele finalizou: achava que o PT era de direita porque modificou toda sua política anterior. Negociava com banqueiros, cooptava empresários e ainda era tão ou mais corrupto quanto os governantes anteriores, além de aceitar a estrutura democrático-parlamentar. Se meu amigo fosse marxista, Lênin diria que ele sofre do problema do “*esquerdismo*”, a doença infantil do comunismo⁸⁹².

Precisamente no momento do “transformismo” petista, para eles, a guerra cultural da esquerda teria adquirido uma nova forma ofensiva, que ficaria evidente na “gestão” do Estado sobre os caracteres morais da população brasileira. “*A normalidade do sistema deve estar acima das preferências partidárias, mas a esquerda se colocou acima do sistema, engoliu o Estado e o transformou em instrumento do partido. Note que nem mesmo os militares fizeram isso*”, sendo que na ditadura, supostamente, “*no Parlamento, na mídia e nas cátedras universitárias havia mais esquerdistas naquele tempo do que direitistas hoje. Os milicos foram autoritários, mas não totalitários. Hoje estamos caminhando para o totalitarismo perfeito e indolor*”⁸⁹³. A tomada do poder, deste modo, só aguardaria uma crise social, que colocaria a massa já doutrinação ao lado dos marxistas:

*A “esquerda moderada” é um inimigo ainda mais perigoso dos conservadores do que poderiam sê-lo os próprios comunistas de carteirinha, os quais sem ela não teriam poder nenhum. Entre liberais e conservadores, no Brasil e no resto do mundo, só uns poucos têm uma noção clara de quem é seu inimigo e de como enfrentá-lo. A maioria luta apenas contra uma esquerda idealizada, um *trompe l’oeil* fabricado pela própria esquerda para ser consumido por seus adversários como uma droga estupefaciente, paralisante e incapacitante. O modelo do artifício é copiado de algo que já existiu historicamente: uma esquerda humanitária, democrática, anticomunista, só separada da direita pela diferente concepção dos meios, mais estatistas do que capitalistas, a ser usados para realizar valores que no fundo eram os*

⁸⁹²BRUNO, L. *Questões de coerência*. 03.03.11. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/cultura/11898-questoes-de-coerencia.html>, acessado em 13.04.11.

⁸⁹³LEÃO, S. R. “O PT já nasceu corrompido”. Entrevista com Olavo de Carvalho. *Jornal de Brasília*. 31.01.10. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/entrevistas/10772-qq-pt-ja-nasceu-corrompidoq.html>, acessado em 14.04.11.

mesmos de parte a parte – liberdade, direitos humanos e uma vida decente para todos [...] Na América Latina, a encarnação mesma da “esquerda moderada”, o Partido dos Trabalhadores, é discretamente o coordenador do Foro de São Paulo, isto é, o estrategista máximo da violência revolucionária no continente. Em suma, a esquerda democrática, civilizada, concorrente leal dos conservadores, já não existe mais como força política independente. Financiando e acobertando movimentos terroristas e subversivos por toda parte, e impondo sob outros nomes as mesmas políticas que seriam rejeitadas pela população se apresentadas com o rótulo de comunistas, a “esquerda moderada” é um inimigo ainda mais perigoso dos conservadores do que poderiam sê-lo os próprios comunistas de carteirinha, os quais sem ela não teriam poder nenhum⁸⁹⁴.

Como citado, o organismo internacionalista, a coordenação estratégica gramsciana em nível internacional estaria a cabo do Foro de São Paulo, entidade supranacional formada pelo PT em 1990 e presidida por Lula até 2002. Para o MSM ele agruparia as mais variadas tendências e facções de esquerda latino-americanas, “*mais de uma centena de partidos legais e várias organizações criminosas ligadas ao narcotráfico e à indústria dos seqüestros, como as FARC e o MIR chileno*”⁸⁹⁵ além da Organização dos Estados Americanos (OEA) e *think tanks* estadunidenses com o único propósito de resguardar e coordenar o comunismo na América Latina. Segundo Carvalho:

1) Conforme afirmo desde o início, e contra todo o exército de achismos e desconversas, o Foro de São Paulo existe e é a coordenação estratégica do movimento comunista na América Latina [...] 2) Ao longo de seus dezessete anos e meio de atividade, não se observa nas atas de suas assembleias e grupos de trabalho a menor divergência, muito menos conflito sério, entre as centenas de facções de esquerda que o compõem. Todas as declarações finais foram assinadas pela unanimidade dos participantes [...] Nenhuma das queixas e recriminações vociferadas pelos antipetistas de esquerda na mídia que eles mesmos chamam de direitista e burguesa foi jamais levada às discussões internas do Foro, o que prova que a esquerda latino-americana permanece unida por baixo de suas divergências de superfície, por mais que estas impressionem a platéia ingênua. 3) As ações do Foro prolongam-se muito além daquilo que consta das atas. Segundo confissão explícita do sr. presidente da República, os encontros da entidade são ocasião de conversações secretas que resultam em decisões estratégicas de grande alcance, como, por exemplo, a articulação internacional que consolidou o poder de Hugo Chávez na Venezuela [...] Estas decisões e sua implementação prática subentendem uma unidade estratégica e tática ainda mais efetiva do que aquela que transparece nas atas. 4) Segundo as Farc, a criação desse mecanismo coordenador salvou da extinção o movimento comunista latino-americano e foi diretamente responsável pela ascensão dos partidos de esquerda ao poder em várias nações do continente [...] 5) As declarações de solidariedade mútua firmadas no Foro de São Paulo entre partidos legais e organizações criminosas (ver por exemplo X Foro de São Paulo, “Resolução de Condenação ao Plano Colômbia e de Apoio ao Povo Colombiano”) não ficaram no papel, mas traduziram-se em ações políticas em que as entidades legais eram instantaneamente mobilizadas para proteger e libertar os agentes das Farc e do Mir presos pelas autoridades locais⁸⁹⁶.

⁸⁹⁴CARVALHO, O. de. *A esquerda inventada*. 06.03.09. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/174-a-esquerda-inventada.html>, acessado em 14.04.11. Grifos nossos.

⁸⁹⁵CARVALHO, O. de. “A maior trama criminosa de todos os tempos”. *Digesto Econômico*. Setembro/dezembro 2007. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/0709digestoeconomico.html>, acessado em 14.04.11.

⁸⁹⁶CARVALHO, O. de. “Digitais do Foro de São Paulo”. *Diário do Comércio*. 2801.08. Disponível em

Obviamente aqui não nos cabe defender o PT, plenamente incorporado na ordem e representante competente do projeto ultraliberal, cuja direção é praticamente alheia a sua base social e mesmo partidária; ou o Foro de São Paulo, um agrupamento heterogêneo de partidos e forças de esquerdas que reivindicam a via eleitoral como caminho revolucionário (ou estão tentando se integrar a esta), numa espécie de ressurreição do “espírito” da Segunda Internacional, em que se isentam de uma coordenação política efetiva.

Por fim, cabe-nos sublinhar novamente que o anticomunismo assumido como postura política não se resume a um partido ou linha política, mas atinge a esquerda como um todo. A denúncia das práticas “comunistas” tem como objetivo desacreditar a ação das lideranças populares e entidades classistas historicamente constituídas, frear as classes de reconhecerem-se enquanto tais, generalizar os resultados de qualquer ação imediata comunista como caminho mecânico para a “ditadura do proletariado” (em aspas dada a quantidade de significados atribuídos a esta, o mais comum como sinônimo de “totalitarismo”), e em última instância, desacreditar o próprio campo político, visando sua restrição ou extinção. Assim, o MSM apresenta-se como o agente competente para a denúncia, caça e repressão aberta dos comunistas, não somente justificando as perseguições sofridas pelos movimentos contra hegemônicos do passado e do presente – o assassinato, a tortura, o expurgo sistemático de toda tentativa de avanço democrático no século XX no Brasil – como vai além, *afirmando que só o que foi feito não foi suficiente*. Não nos enganemos, a proposta maior do MSM é a exclusão completa do comunismo, da existência real dos comunistas e de todo seu “espectro”. Não advogam simplesmente um Estado autoritário, mas desenvolvimento em sua plenitude terrorista.

8.2. A história entre a revolução e a reação:

Neste trecho da dissertação iremos continuar a investigação dos pressupostos ideológicos que o MSM reivindica, apresentando criticamente como entendem suas funções políticas e sociais, seu lugar na história – explicitada através de sua interpretação histórica que, como adiantamos no título, baseia-se em uma leitura binária dos movimentos e transformações históricas: entre revolucionários e contrarrevolucionários. Deste modo as formulações aqui abordadas “para além” do anticomunismo não são no sentido que o superam, mas que o utilizam como base para constituir toda sua leitura ideológica. Estas discussões estão presentes no processo de formação de seus quadros e militantes, ainda que a organização de seus grupos ativistas não seja explícito no MSM

(como nos partidos formais, onde estes são qualificados através de “manuais” e treinamentos), uma vez que a formação de seu leitor como militante e mesmo sua passagem para “quadro” derivaria da capacidade, disciplina e esforços próprios em se auto educar através dos marcos ideológicos oferecidos.

Desta maneira, compreender a formação do quadro participativo do MSM não reside na análise de escritos restritos. A capacidade de entendê-los é uma das tarefas incumbidas aos seus militantes potenciais (tal como criatividade na propaganda e/ou “novas” interpretações ideológicas, geralmente a reprodução do cerne ideológico desenvolvido pelo Estado maior sob algum campo específico da realidade). Obviamente aqui a questão da hierarquia torna-se explícita, através da obediência ideológica definida como “retidão” e coerência intelectual diante do inimigo: o MSM o tempo todo busca que seus leitores e militantes entrem em confronto com qualquer indivíduo discordante de suas posições, o que funcionaria de maneira dupla: estratégia de propaganda e processo de formação para o leitor militante. Abrindo um parêntese, lembremos que foi Olavo de Carvalho o responsável pela reedição comentada e ampliada de *Como vencer um debate sem precisar ter razão* de Arthur Schopenhauer pela editora Topbooks em 1997⁸⁹⁷, onde o filósofo alemão discorre sobre 38 estratagemas genéricos⁸⁹⁸ para sair-se vitorioso de qualquer querela que não inclua a violência física (desconsiderando o amplo uso desta obra para argumentação jurídica, onde a violência estatal alça *status* de justiça⁸⁹⁹).

O protagonismo da militância é uma das estratégias centrais no processo de formação de um membro ativo, ligado ideologicamente às proposições do MSM. Como Klauber Pires escreve, em artigo publicado em sua coluna no Instituto Millenium, acabar com as influências da esquerda “*somente pode ser conseguido mediante a incorporação de um senso de militância, onde cada pessoa deve agir como a protagonista*”⁹⁰⁰. O MSM atua como organismo responsável pela formação de ideologia, sendo seus militantes-leitores encarregados por estarem “*divulgando às outras os conceitos de uma sociedade livre e estimulando-as a se unirem em torno da diminuição*”

⁸⁹⁷TOPBOOKS. Apresentação “*Como vencer um debate sem precisar ter razão*”. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frApres_ComoVencer.htm, acessado em 24.12.11.

⁸⁹⁸A saber: Ampliação indevida; Homonímia sutil; Mudança de modo; Pré-silogismos; Uso intencional de premissas falsas; Petição de princípio oculta; Perguntas em desordem; Encolerizar o adversário; Perguntas em ordem alterada; Pista falsa; Salto indutivo; Manipulação semântica; Alternativa forçada; Falsa proclamação de vitória; Anulação do paradoxo; Várias modalidades do argumentum ad hominem; Distinção de emergência; Uso intencional da mutatio controversiæ; Fuga do específico para o geral; Uso da premissa falsa previamente aceita pelo adversário; Preferir o argumento sofístico; Falsa alegação de petitio principii; Impelir o adversário ao exagero; Falsa reductio ad absurdum; Falsa instância; Retorsio argumenti; Provocar a raiva; Argumento ad auditores; Desvio; Argumentum ad verecundiam; Incompetência irônica; Rótulo odioso; Negação da teoria na prática; Resposta ao meneio de esquiva; Persuasão pela vontade; Discurso incompreensível; Tomar a prova pela tese; Último estratagema. SCHOPENHAUER, A. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 7-10.

⁸⁹⁹Sobre direito, leis e justiça ver THOMPSON, E. P. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁹⁰⁰PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. Disponível em <http://www.imil.org.br/artigos/o-antipolitico/>, acessado em 14.04.11.

dos impostos, da máquina pública e das leis que limitem as liberdades individuais”⁹⁰¹, em um processo ativo. Neste mesmo artigo, encontramos uma citação de um colaborador pertencente ao *Ludwig Von Mises Institute*, Hans-Hermann Hoppe (que tem a peculiaridade de ser monarquista, e é mais conhecido por suas declarações homofóbicas que propriamente por sua obra):

Para trazermos o estatismo e o socialismo ao fim, nem mais nem menos deve ser feito que uma mudança na opinião pública que iria levar as pessoas a não mais usarem as saídas institucionais para participação política de desejo de poder, mas, ao contrário fazê-las suprimir qualquer desejo dessa natureza e tornar esta própria arma organizacional do estado contra ele e empurrá-lo incondicionalmente a um fim à tributação e regulação dos proprietários naturais onde e quando haja uma chance de influenciar a política⁹⁰².

Este ataque ao campo político burguês constituído extrapola em muito a mera caracterização como “liberais” e mesmo de um mero caráter “conservador”, explicitando a defesa de um Estado de cunho fascista. Como intitulam-se *liberais conservadores*, cabe-nos distinguir estas características autoatribuídas, começando pela sua interpretação do liberalismo. No liberalismo advogado pelo MSM, a propriedade privada figura como garantia para a liberdade do homem civilizado, sendo o traço que distingue a humanidade do estado de selvageria. Apoiam sua conceituação em cinco “valores” fundamentais, “*de forma absolutamente diferente do que estabelece a Constituição brasileira de 1988*”⁹⁰³, segundo o Farol da Democracia Representativa:

1. Do valor jurídico: a primeira forma de obtenção da propriedade privada é a “apropriação original”. Por este conceito, um indivíduo declara ser dono sobre um dado recurso natural jamais antes pertencente a outro indivíduo. O conceito de propriedade emerge sempre que pensamos em raridade dos recursos, e é por si mesmo, a medida solucionadora de disputas entre dois seres humanos. Mesmo o próprio local no qual um ser humano põe os pés sugere a necessidade de um critério pacífico de resolução de conflitos, dado que duas pessoas não têm como ocupar o mesmo lugar no espaço. Da apropriação original, surgem diversos destinos que uma pessoa pode dar ao seu bem: a troca, a doação, o empréstimo, gratuito ou oneroso, ou outras formas mais complexas de relacionamento com outros humanos, todas pacíficas e porque voluntárias, também mutuamente benéficas. 2. Do valor filosófico: do conceito de propriedade privada surge a garantia de liberdade de um ser humano. A primeira propriedade de uma pessoa é o seu próprio corpo. Um ser humano tem um elo lógico, naturalmente aceitável por qualquer um, para declarar seu corpo como sendo sua propriedade: é ele quem o ocupa, que o forma e que o mantém; qualquer outro critério que alguém alegue para declarar a sua propriedade sobre o corpo de outrem, digamos por exemplo, o fato de ser mais forte, ou mais claro, ou de ter sido encarregado de uma missão divina, é destituído de qualquer vínculo natural e lógico, mas antes, baseado em conceitos puramente arbitrários por ele mesmo estabelecidos. 3. Do valor moral: a liberdade, que é o fruto garantido pelo direito de propriedade, não tem um valor finalístico próprio, mas é ela mesma

⁹⁰¹PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. op. cit.

⁹⁰²HOPPE, H-H. “Uma teoria sobre o socialismo e o capitalismo”. p. 100-101. *apud* PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. op. cit.

⁹⁰³FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Economia e livre iniciativa*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura_detalhe.asp?id_tema=24, acessado em 13.04.11.

incondicionalmente ligada à procura da felicidade. Dado que não há, absolutamente, nenhum critério pelo qual um ser humano possa ditar a outro como ser feliz, a busca da felicidade, objetivamente considerada, deve envolver somente o juízo de cada indivíduo, e do que ele estabelece para si mesmo como sendo o alvo de suas aspirações. Quando alguém – um indivíduo, ou um grupo de indivíduos unidos por uma convenção, digamos, o Estado - começa a ditar restrições ao direito de propriedade, ou mais sutilmente, sobre as variações de uso da propriedade, por exemplo, sobre o modo como as trocas podem ser feitas, inexoravelmente inicia um processo de derrogação da liberdade e portanto, da felicidade humana individual. 4. Do valor econômico: Já vimos até aqui que, com a propriedade privada, surge a possibilidade de os seres humanos efetuarem trocas. Estas trocas, quando realizadas pacífica e voluntariamente, atendem ex-ante aos anseios dos seus protagonistas e permitem, com o uso de um meio de troca, ou seja, da moeda, uma avaliação cada vez mais apurada e precisa dos valores que uma dada população atribui a cada bem, dado que os indivíduos, com o objetivo de incrementarem suas condições de vida, tendem a balancear as relações de custo X benefício⁹⁰⁴.

Trata-se de uma apropriação extrapolada das mesmas conceituações tratadas pelos clássicos liberais, especialmente John Locke e Thomas Hobbes. As doutrinas destes teriam desenvolvido acertadamente “*um corpo científico em Economia, inovador e, a meu ver, definitivo, para explicar a lei da escassez, o processo de produção e distribuição de riquezas e - o mais valioso de tudo - determinar o exato papel do Estado no processo de produção das riquezas*”, além de haver cultivado “*a liberdade, a política assim como a individual, abrindo uma nova dimensão para o ser humano, sem igual na História. Essas grandes conquistas foram uma aquisição permanente para a humanidade*”⁹⁰⁵. Mas ao mesmo tempo, estas doutrinas teriam levado “*ao desenvolvimento da variação jacobina do liberalismo, as doutrinas historicistas que se fundaram sobretudo em Rousseau, mas não podem negar sua gênese em Locke*”⁹⁰⁶. Sobre o que, Nivaldo Cordeiro afirma ter chego a

[...] raiz do problema, que é dupla: de um lado, a doutrina do jusnaturalismo, que propõe uma nova antropologia filosófica, assumindo saber o que é a natureza humana e, a partir daí, propondo a tese do contrato social e a doutrina dos direitos fundamentais, que são os mal afamados *direitos humanos*. Essa suposta natureza humana seria moldável e aperfeiçoável, a grande ilusão dos revolucionários desde então. Não é possível estudar o assunto sem concluir que os direitos humanos de segunda e terceira geração têm a sua raiz teórica em Hobbes [...] Do outro lado temos a questão dos *valores*, sejam eles de origem religiosa, sejam as virtudes filosóficas. A exacerbação do individualismo e de sua liberdade anárquica leva à degeneração dessa aquisição preciosa da tradição, descambando para o relativismo moral e para o niilismo. O liberalismo vinculou-se indelevelmente a esse aspecto deletério da modernidade e está na raiz da crise totalitária do século XX. No século XIX o apogeu do liberalismo clássico só foi possível de ser conquistado porque a inércia dos valores cristãos impediu o regresso civilizacional verificado no século

⁹⁰⁴FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Economia e livre iniciativa*. op. cit.

⁹⁰⁵CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10838-liberalismo-e-conservadorismo.html>, acessado em 03.03.11.

⁹⁰⁶Idem.

subseqüente, tanto na Europa como nos EUA e em toda parte⁹⁰⁷.

Carvalho, em entrevista a Jeffrey Nyquist, afirma a mesma lógica para os processos do presente, para a história vivida:

“Um dos fatores que causou esta mudança, com suas consequências altamente corrosivas para a vida diária dos americanos, foi o “neo-liberalismo” em voga, que via o mundo dos negócios como um poder auto-regulatório, capaz de se sobrepor à moralidade, à religião e à cultura e de ditar padrões de conduta com base no poder supostamente milagroso das leis do mercado. O que tornou os EUA grandes não foi só a economia de livre mercado, mas uma síntese disso com a moralidade cristã e com uma cultura que incluía o amor ao país e à família. Separada dessas forças regulatórias, a economia capitalista se torna um motor de auto-destruição, que é exatamente o que está acontecendo hoje.” Sem dúvida, há muita verdade na afirmação de que a sociedade americana tradicional sofreu colapso, sendo substituída pela “sociedade aberta”, assim batizada por George Soros e Karl Popper, a sociedade aberta se define como *“não reconhecendo nenhum valor transcendente e deixando tudo à mercê de conveniências econômicas - conveniências que se alegam até para se justificar a própria demolição do mercado livre e sua substituição pelo estado de bem-estar social, baseado em taxaço e dívida.”* Carvalho está dizendo que o livre mercado não torna os homens bons. Ele não os treina para serem morais. Ele não se dá ao trabalho de se defender do socialismo. Esses elementos na sociedade que no passado instilavam valores morais não são mais tão eficazes, se é que têm alguma eficácia⁹⁰⁸.

Assim a moral (em sentido civilizacional) e o econômico convergiriam para a manutenção da sociedade, mas não de modo dialético, já que seria possível observar sua suposta cisão – a primazia do econômico como imperativo moral na sociedade capitalista. Cisão a quem pode ser atribuída culpabilidade (as origens revolucionárias do liberalismo e a atuação consciente da esquerda mundial). Aqui vemos o primeiro descolamento que o MSM se propõe a protagonizar: ao identificar o “neoliberalismo” em voga com um processo de “liberdade anárquica”, situa a denúncia intelectual de um suposto “comunismo” generalizante como uma tarefa moral, a ser empreendida por seus pares, como uma contraposição necessária a um processo histórico existente, que, para garantir a reprodução econômica do capitalismo, *fim da história*, atribuiu sua gestão política a gerentes de outras classes que não a burguesa, o que traria mudanças decisivas na relação de forças (sendo o perigo dado que, para eles, toda experiência comunista *realmente existente* não passou de uma modalidade desastrosa de gestão política deste mesmo capitalismo). No caso brasileiro, este movimento teria culminado na vitória presidencial do Partido dos Trabalhadores, implicando que outras classes sociais poderiam ser consideradas competentes para a gestão do Estado capitalista, o que é considerado uma vitória crucial na guerra de posições, já que o acesso ao aparelho de Estado permite a concretização uma série de demandas sociais, não necessariamente econômicas, mas que

⁹⁰⁷CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. op. cit.

⁹⁰⁸NYQUIST, J. *Aviso de um filósofo*. Entrevista com Olavo de Carvalho. 27.02.11. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11885-aviso-de-um-filosofo.html>, acessado em 01.03.11. Grifos nossos.

alterariam o senso moral de determinada formação social – modificando, portanto, o quadro geral das relações de força. Marcus Boeira, discutindo a ascensão do fascismo na Alemanha, alega que:

A tarefa das instituições políticas é, em qualquer cultura de ordem, adaptar-se a essa mesma cultura de maneira a representar não a vontade dos governantes ou mesmo a vontade/interesses do povo, senão os símbolos autenticamente significativos da ordem dessa mesma cultura, isto é, representações da verdadeira existência dessas sociedades, manifestas pelo consentimento da comunidade política (Voegelin, Eric. *The authoritarian state: an essay on the problem of the Austrian State*). Em teoria política, chamamos tal consentimento de aceitação por parte de todos com relação aos valores que referem aspectos existenciais comuns entre todos, valores significativos do ser humano enquanto homem pertencendo a uma cultura. Ser um homem dentro de uma cultura é ter uma existência cujos aspectos são decerto manifestações ativas e passivas em uma dialética entre o espírito, a alma e o corpo. Tal dialética existencial é a reprodução mesma da vida do homem e, por sua vez, da sociedade [...] Não há sociedade e, assim, não há homem sem cultura, pois esta é a primeira concepção de ordem presente tanto externa quanto internamente no homem. Externa porque a vida em sociedade só é ordenada por fatores culturais que produzem nas instituições políticas um amplo respeito e admiração pelos valores que acabam por fazerem dessas mesmas instituições entes que servem a sociedade e que, assim, são naturalmente limitadas em seu agir político. Internamente, porque reflete na alma do homem um agir em conformidade com esses mesmos valores, que participam na formação do caráter atribuindo à constituição da personalidade uma ordem indispensável para a integridade do homem, bem como seus juízos constitutivos acerca da vida e do significado da existência. A cultura, nesse aspecto antropológico, aparece como ordem⁹⁰⁹.

Então, sendo função maior do Estado a garantia da ordem, e, reconhecendo que a passagem “da propriedade para a felicidade” não ocorre de modo automático, quando (e inevitavelmente, como assinalado) os políticos liberais e democratas são imiscuídos de valores pluralistas, estes deixariam de refletir a ordem cultural (o consentimento) de determinado povo. Ou ainda, compreendendo que os responsáveis por esta hegemonia são os intelectuais, isto os permite fazer uma leitura elitista da própria cultura, já que o terreno da disputa é entre esta elite, não entre a “massa irracional”. Assim a pluralidade (a negação da falsa unidade, por eles afirmada verdadeira e também conservadora) só teria como fim fazer avançar a disputa de classes e grupos sociais, correspondendo, necessariamente, a um avanço para os grupos minoritários (que nesta interpretação, só poderia ser uma derrota para os grupos dominantes, não podendo corresponder a uma mudança histórica), em direção à crise aberta. Obviamente, esta é uma interpretação grosseira e brutal do convencimento das classes subalternas, mas é constituída buscando enfatizar a necessidade da coerção aberta e generalizada contra os grupos “revolucionários”, dissidentes, já que estes supostamente seriam os únicos com condições de sobressair em uma crise de hegemonia:

Olhando a história política desde meados do século XIX dei-me conta da paulatina

⁹⁰⁹BOEIRA, M. *Porque Weimar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11378-por-que-weimar-cede-ao-totalitarismo.html>, acessado em 01.04.11.

derrota dos liberais dentro do poder de Estado, em toda parte, inclusive e sobretudo nos EUA. A causa dessa derrota é que liberais e socialistas têm o mesmo paradigma filosófico originário, os primeiros fazendo um discurso racional e os segundos um discurso que chamei "do coração", emocionando as massas. A cada direito humano conquistado, a cada eleição realizada o campo liberal perdeu forças para os socialistas. O resultado foi também duplo: a implantação do totalitarismo e do Estado de bem estar social, sua variação homeopática, que venceu em toda parte. [...] *Os liberais, por apelarem para a razão e por defenderem valores assemelhados com os socialistas, não têm como fazer reverter o quadro dentro da normalidade democrática. Os conservadores podem fazer isso. Há um anseio das massas por uma ordem justa e por valores compatíveis com a tradição.* Há um anseio por um Estado que não ameace a vida prática, que não tome o cidadão por mera mônada indefesa, à disposição dos burocratas, esses engenheiros sociais portadores de total insensibilidade [...] Chegou o tempo dos conservadores irem à praça pública e passar sua mensagem, retomar a tradição, reconstruir o Estado que tem sido deformado em todas as dimensões, sobretudo na dimensão jurídica, pelos sucessivos governos socialistas.⁹¹⁰

Ou seja, o ultraliberalismo assumido pelo MSM é truncado, conciliando discursivamente a concordância com alguns pontos dos clássicos, relativas à mínima interferência do Estado e do livre exercício do mercado, com a rejeição dos seus aspectos morais. Para tanto recorrem a Eric Voegelin, que entende o liberalismo como fruto do “*movimento interno da modernidade depois da ruptura com o cristianismo e a filosofia clássica. Desde então haverá uma sucessão de revoluções, contra-revoluções, restauração e conservadorismo, todos elementos do drama moderno oriundos da ruptura original*”⁹¹¹. Segundo Cordeiro, Voegelin divisa o liberalismo em quatro ângulos:

[...] o político, o econômico, o religioso e o científico. Há uma tendência a se olhar a doutrina liberal apenas sob a ótica dos dois primeiros. O liberalismo político logrou grande parte da sua aceitação e legitimidade porque a luta contra os abusos do poder absolutista carregava em si um elemento óbvio de justiça, propondo a separação de poderes e a limitação do tamanho do Estado. *Da mesma forma, o liberalismo econômico, que demonstrou cientificamente a superioridade da ordem fundada no Estado mínimo e nas livres trocas, com o mínimo ou a total ausência de regulação.* O aspecto religioso do liberalismo, que inicialmente se identificou com a Reforma e, posteriormente, com o materialismo ateu, é a sua ponte mais ostensiva com os movimentos coletivistas revolucionários da mesma natureza. Por isso que os liberais estão na linha de frente em questões como o aborto, gayzismo, a eutanásia, a liberação das drogas e a livre sexualidade (e a destruição do casamento monogâmico tradicional, sua consequência inevitável). Talvez por isso que nos EUA, “liberal” equivale a esquerdista, pois aqui não há que se fazer distinção: ambos comungam da rebelião contra Deus. A adoção das doutrinas epicurista e estoica (utilitarismo e centralidade imanentista no ego como um substituto de Deus) é elemento que torna o liberalismo e o marxismo, por exemplo, uma única e mesma realidade política doutrinal⁹¹².

Este seria o próprio ideário liberal clássico “*essencialmente revolucionário, mas toda*

⁹¹⁰CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. op. cit. Grifos nossos.

⁹¹¹CORDEIRO, N. *Liberalismo e revolução*. 15.03.10. Disponível em <http://www.midiasem mascara.org/artigos/conservadorismo/10903-liberalismo-e-revolucao.html>, acessado em 01.12.10.

⁹¹²Idem.

revolução gera o seu contrário e o próprio liberalismo acabou por ser ele mesmo a variante que precisa controlar a anarquia revolucionária, estabilizando-a”⁹¹³, este aspecto uma característica intrínseca da doutrina, ela necessariamente contém um elemento a ser fortemente combatido, o que os permite “assemelhar” projetos históricos tão distintos como o marxista e o liberal (mesmo que o primeiro possa ser considerado contenção do segundo, este só existe em função do primeiro) nos mesmos termos de fim histórico, o que nos remete para a discussão sobre o maniqueísmo exigido pelo anticomunismo feita no tópico anterior. Segundo Olavo de Carvalho, “o liberalismo, no sentido em que uso o termo, acredita que a liberdade é um princípio fundante da política, mas a liberdade é apenas uma regra formal”, que quando tratada como “condição de princípio, resulta no esvaziamento relativista de todos os valores, fomentando a mutação revolucionária e a extinção da própria liberdade”⁹¹⁴.

Esta apreensão marca sua peculiaridade política em relação aos liberais “tradicionais”, pois mesmo retoricamente partilhando com a luta pelo avanço do desmonte do Estado e da intervenção deste no mercado, eles utilizam justificativas civilizacionais, morais, para desta base constituírem seus elementos ideológicos de cunho fascista. Não trata-se de uma “evolução normal” de uma direita “extremada”, mas da configuração de um projeto fascista nas bases econômicas exigidas pelo capitalismo em sua historicidade. Tanto que, no movimento da modernidade assinalam sua expressão máxima com o marxismo, doutrina que teria como mote o assassinato de deus, a inspiração maior para os totalitarismos, já que, supostamente partiria de uma concepção acabada de história – portanto de um projeto acabado de sociedade, destinado a forçar a realidade à utopia:

A essencialidade (*Wesenhaftigkeit*) do homem na natureza torna a busca de uma essência além da natureza como inessencialidade (*Unwesentlichkeit*) do ser alienante divino. Deixará de ser preciso o ateísmo como negação de Deus enquanto condição de posicionamento da existência do homem. O socialismo é a auto-consciência positiva da realidade humana sem a mediação da negação religiosa. (*Manuscritos 1844*, 3, pp.125 e ss.) O comunismo é uma contra-ideia que visa ultrapassar um estado histórico; não é uma reforma institucional; é uma mudança na natureza do homem. O comunismo em bruto (*roher Kommunismus*) pretende a propriedade privada geral e o nivelamento social. É movido pela inveja e é uma manifestação de selvageria, *Niedertracht*, na comunização dos bens e das mulheres. O socialismo ou verdadeiro comunismo, *wahre Kommunismus, Sozialismus*, é o regresso do homem a si mesmo como ser social. É um naturalismo humanístico com a solução do conflito entre o homem e a natureza⁹¹⁵.

Ao retirar-se do indivíduo a capacidade de mediar a realidade sensível com um plano transcendental, metafísico e a-histórico, lugar de que seria proveniente a moral, os valores, as

⁹¹³CORDEIRO, N. *Liberalismo e revolução*. 15.03.10. op. cit.

⁹¹⁴GARSCHAGEN, B. “*Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante*”. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/0801entrevista.html>, acessado em 10.04.11.

⁹¹⁵VOEGELIN, E. *Karl Marx (1818-1883)*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/mendo2_2.htm, acessado em 11.03.11.

normas civilizacionais, garantias de uma vivência humana *possível*, estaria cumprida a grande missão do marxismo e dos marxistas. Estes resumiriam o homem em uma dimensão única, social, que é por ele compreendida como funcionalista:

Na raiz da ideia marxiana está uma doença espiritual, a revolta gnóstica de quem se fecha à realidade transcendente. A incapacidade espiritual aliada à vontade mundana de poder provoca o misticismo revolucionário [...] A tendência para estreitar o campo da experiência humana à área da razão utilitária e pragmática; a tentação de a tornar a preocupação exclusiva do homem; a tentação de a tornar socialmente preponderante por pressão económica e por violência, fazem parte de um processo cultural que visa operar a substância humana através de uma vontade planeadora pragmática. Mas o sonho de criar o super-homem que sucederá à criatura divina, a ideia do indivíduo total que se apropria das faculdades do sistema industrial, para a sua auto-actividade, são empiricamente irrealizáveis. A mudança da natureza humana através da experiência da revolução é um estéril misticismo intramundano⁹¹⁶.

Como visto, o entendimento “funcionalista” dos diferentes projetos históricos e sociais surgidos na modernidade o permitem configurações metafísicas absolutamente distorcidas sobre estes projetos, pois sejamos justos com o próprio funcionalismo, o que o MSM e seus intelectuais cometem ideologicamente é uma somatória abstrata de assemelhações, que exatamente por esta só ser possível no terreno do abstracionismo mais idealista, julga todas as operações dos mais distintos projetos sociais como sendo da mesma ordem. É a inadequação completa de qualquer dialética entre a abstração e a realidade social, e mesmo entre os mais distintos níveis de abstração possíveis de serem entendidos na produção do conhecimento. E exatamente esta justificativa “transcendental” que os permite compreender ideologicamente um elemento fortemente liberal, no sentido que só o capitalismo de livre mercado pode prover ao homem o *máximo possível de sua liberdade*, e ao mesmo tempo o elemento dominante estritamente reacionário, combativo e distintivo dos liberais “puros”, dado sua necessidade de combater a molécula revolucionária contida no liberalismo clássico – o que só seria possível através do imperativo categórico metafísico das normas sociais. “Agostinho estava convencido de que nada na história acontecia sem o conhecimento e sem a aprovação de Deus. O mal, nessa perspectiva, deriva da perversidade do homem, que abusa da dádiva do livre arbítrio. E também carrega consigo a mancha do pecado original”, que configuraria esta “tese” como “a verdadeira antropologia cristã e quer me parecer que é a expressão da verdade enquanto tal”⁹¹⁷. Este entendimento alegadamente errôneo é o que os permitem “enxergar” no Leviatã, no Estado moderno todas estas supostas implicações sociais e culturais, já que gestor da formação (ou deformação) moral do homem – que nos dias de hoje negaria este papel de conciliação cultural, contrapondo-o à religião, à família –, forçando os homens

⁹¹⁶VOEGELIN, E. *Karl Marx (1818-1883)*. op. cit.

⁹¹⁷CORDEIRO, N. *A questão do mal natural*. 20.01.11. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/cultura/11777-a-questao-do-mal-natural.html>, acessado em 03.01.11.

a reduzir e deformar suas características naturais, cujas formas mais extremas ocorreriam sob o totalitarismo:

O que Voltaire fez foi supor, como de resto todos os Iluministas, que o homem nasce “bom” e a sociedade é que o desencaminha. Vão além dessa tese, ao dizer que o homem pode ser aperfeiçoado moralmente, desde que direcionado para isso pela via do Estado. Daí a fé de que o sistema jurídico estatal pode criar o homem perfeito neste mundo. Desde então o esforço nessa direção tem sido total. Não deixa de ser irônico que o Jardim da Infância na estrutura escolar - o Kindergarten - tenha sido uma criação nazista mundialmente copiada, no suposto de que, tirando a criança da família biológica ainda cedo e entregando-a ao Estado, se estaria construindo um mundo melhor. Não demorou para que os criadores dessa monstruosidade inaugurarem os fornos crematórios. Enfim, o mal natural é um dado da existência que só prova a fragilidade do homem e a única coisa sábia a fazer é aceitar os ensinamentos da tradição⁹¹⁸.

Isto significa que o MSM compreende o Estado em seu sentido integral para assim o negar, entendendo claramente a necessidade de um Estado forte para a gestão econômica liberal, mas focando no mesmo sentido que Gramsci viu a taylorização, da atuação civilizacional sobre os homens, assim justificando sua atuação neste campo. O combate contra este Estado se faz possível em especial pela força de pressão sobre o campo jurídico, o que na maior parte dos casos ocorre de modo reativo. Segundo Gramsci:

A formulação do movimento do livre-câmbio baseia-se num erro teórico cuja prática não é difícil identificar, ou seja, baseia-se na distinção entre sociedade política e sociedade civil, que de distinção metodológica é transformada e apresentada como distinção orgânica. Assim, afirma-se que a atividade econômica é própria da sociedade civil e que o Estado não deve intervir em sua regulamentação. Mas, dado que sociedade civil e Estado se identificam na realidade dos fatos, deve-se estabelecer que também o liberalismo é uma “regulamentação” de caráter estatal, introduzida e mantida pela via legislativa e coercitiva: é um fato de vontade consciente dos próprios fins, e não a expressão espontânea, automática, do fato econômico. Portanto, o liberalismo é um programa político, destinado a modificar, quando triunfa, os dirigentes de um Estado e o programa econômico do próprio Estado⁹¹⁹.

Isto é consoante com sua atuação política como guerra cultural, pois mesmo concordando com o projeto econômico ultraliberal, alinhando-se assim as proposições da classe dominantes, diretamente dependentes do capital-imperialismo, o fazem também para ser possível ir além, já que compreendem que as transformações morais advêm do mesmo Estado, que teria de garantir a ordem social, apenas possível, na concepção do MSM, com um Estado que admita plenamente suas funções como combatente da “desordem”. Este tipo de proposições ainda que os aproxime da burguesia nacional, ao mesmo tempo impede que seu projeto seja assumido por todas suas frações. Novamente, que advogar um projeto político que almeje como horizonte a derrubada dos dirigentes

⁹¹⁸CORDEIRO, N. *A questão do mal natural*. 20.01.11. op. cit.

⁹¹⁹GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 47.

atuais do Estado não o faz ser um fim em si, *mas constituiu a sua base para atuação política*. Sua justificativa assume um caráter totalizante do Estado, pois a sociedade política teria supostamente sido infectada pelo liberalismo e pelo comunismo, conivente com a ascensão de uma série de símbolos culturais “artificiais” advindos da permissão da existência de uma elite intelectual “revolucionária” na sociedade civil – existência elitista, pois contrária à “índole” do povo brasileiro, que naturalmente ansearia pela busca da ordem:

Porém, quando as instituições estatais não se vinculam mais aos símbolos representativos dessa ordem cultural, a saber, aos nexos de consentimento da comunidade política, o primeiro passo certo seria uma reforma profunda no seio dessas mesmas instituições. No entanto, quando as instituições permanecem as mesmas, sobretudo quando o coração dessas instituições é neutro, vazio e sem sentido cultural, como o que aconteceu com Estado administrativo germânico nos anos 30, a saída não pode ser outra senão a criação artificial de novos símbolos representativos da ordem. Artificiais porque os símbolos não mais seriam manifestações do consentimento da sociedade, mas representações criadas pelos homens que exerciam poder político para manter seus cargos e usarem dos mesmos para realização de um projeto messiânico escatológico. O totalitarismo, assim, foi entrando em uma cultura cega, pueril, em uma sociedade sem condições existenciais de avaliar a ordem e a desordem reinante. Os responsáveis pela maturação do Estado total foram criadores de símbolos artificiais em uma cultura de desordem espiritual. Daí o sucesso desses homens! A desconexão entre a realidade política (símbolos artificiais) e os símbolos anteriores (símbolos naturais, frutos do consentimento) provocou uma dissociação entre os valores autênticos da cultura e a própria realidade existencial, tornando as instituições passivas diante do quadro instaurado⁹²⁰.

Fica claro, que é tendo como perspectiva a crise de hegemonia que estes intelectuais atuam, mesmo que a significando em termos “culturais”, enfatizando a existência de descompasso entre o Estado e os símbolos da ordem. Desta maneira defendem que o Estado teria sido relegado ao “*mundo dos negócios como um poder auto-regulatório, capaz de se sobrepor à moralidade, à religião e à cultura e de ditar padrões de conduta com base no poder supostamente milagroso das leis do mercado*”, sendo que separada das idéias-força que incutiam e assim reproduziria a ordem cultural, a “*moralidade cristã e com uma cultura que incluía o amor ao país e à família*”, já que o livre mercado, a atuação das grandes corporações e seus *think tanks*, por si mesma “*não torna os homens bons. Ele não os treina para serem morais. Ele não se dá ao trabalho de se defender do socialismo. Esses elementos na sociedade que no passado instilavam valores morais não são mais tão eficazes, se é que têm alguma eficácia*”⁹²¹. Portanto, o estado em crise deve ser combatido para a manutenção do mesmo. Para compreendermos a função que a crise tem como elemento operativo em um discurso ideológico, retornamos para Chauí, que entende que, quando os conflitos internos de uma sociedade são representados como impossíveis de serem “*controlados surge uma idéia-chave, panacéia de todos os males, uma explicação irrecusável daquilo que 'efetivamente' estaria*

⁹²⁰BOEIRA, M. *Porque Weirnar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. op.cit.

⁹²¹NYQUIST, J. *Aviso de um filósofo*. Entrevista com Olavo de Carvalho. 27.02.11. op. cit.

ocorrendo no real”, esta: “a imagem da crise”⁹²².

Esta crise gerada na realidade social e enfatizada pelo discurso, “é imaginada como um movimento de irracionalidade que invade a racionalidade, gera desordem e caos e precisa ser conjurada para que a racionalidade (anterior ou outra, nova) seja restaurada”, assim servindo “para opor uma ordem ideal a uma desordem empírica, na qual a norma ou a lei são contrariadas pelo acontecimento, de sorte que a 'conjuntura' põe em risco a 'estrutura””, mas sempre pressupondo um “dever-ser contrariado pelo acontecer, mas que poderá ser restaurado justamente porque é um dever-ser”⁹²³. A clara identificação acerca do elemento metafísico, capaz de adquirir e formular lógica ao discurso, ao mesmo tempo nos provém do elemento irracional, da necessidade reacionária da busca pelo direito natural do homem, só podendo mensurar este através da mediação transcendental. “Quando a verdade se torna óbvia demais e as mentes obstinadas continuam a negá-la sem que se possa acusá-las de ocultação interesseira, então estamos diante daquele fenômeno que Eric Voegelin chamava 'estupidez criminosa””, que constitui “o abuso intolerável do direito à imbecilidade”⁹²⁴. Sobre suas funções para o discurso contrarrevolucionário Chauí anota dois sentidos complementares:

[...] por um lado serve de explicação (saber) para a emergência do irracional no coração da racionalidade (isto é, serve para ocultar a crise verdadeira), por outro lado, mobiliza os agentes sociais acenando-lhes o risco da perda da identidade, suscitando-lhes o medo da desagregação social, isto é, da revolução e oferece-lhes a oportunidade de restaurar uma ordem não crítica graças à ação de alguns salvadores da ordem ameaçada (eis porque a crise, no discurso contra-revolucionário, é posta como crise de autoridade) [...] A crise é usada para fazer com que surja diante dos agentes sociais o sentimento de um perigo que ameaça igualmente a todos, dá-lhes sentimento de uma comunidade de interesses e de destino e leva-os a aceitar a bandeira da salvação da sociedade supostamente homogênea. Nesta medida, a imagem da crise pode funcionar como mola propulsora de um discurso e de uma prática contra-revolucionários porque visa a impedir que as classes sejam assumidas como tais⁹²⁵.

Retornamos para Boeira, na sua análise sobre a República de Weimar, onde entende que o Estado optou por não partilhar desta disputa cultural, assim conscientemente abdicando o papel de gestor principal dos símbolos da ordem:

Ainda assim, é importante que se diga que no início dos anos 30 as instituições administrativas, como instituições estatais que eram, não estavam mais representando a existência e o consentimento da comunidade na prestação "devida" dos serviços, mas eram instituições burocráticas cujo único caráter era o de servir

⁹²²CHAUÍ, M. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. In. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. op. cit. p. 127.

⁹²³Idem. op. cit. p. 127-128.

⁹²⁴CARVALHO, O. de. “Estupidez criminosa”. *Diário do Comércio*, 26.02.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070226dc.htm>, acessado em 10.02.11.

⁹²⁵CHAUÍ, M. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. In. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. op. cit. p. 129.

não mais ao público, mas ao poder. Assim, o crescimento do Estado administrativo no final dos anos 20 levou à falência de uma representação legítima das instituições burocráticas com relação à comunidade política. A idéia de consentimento não servia mais como a base para a legitimação racional legal e o projeto idealizado por Weber não mais se fazia representar. A maior ênfase na finalidade política e não burocrática levou a administração e, assim, o Estado a desconsiderar a substância do poder (consentimento da comunidade), levando a ausência de conexão entre o arranjo de instituições e o *consensus* político-social. Essa ausência provocou uma distância entre o Poder, o Direito e a Administração de um lado, e a sociedade alemã, inserida em um ambiente cultural maciçamente coletivista e materialista, de outro. E, se o direito, que é a base do poder e da administração em um Estado de Direito estão distantes do consentimento social, ele fica a mercê daqueles que exercem esses mesmos cargos em órgãos estatais. Resultado: *a situação caótica de uma democracia sem ordem fez com que o primeiro antidemocrata que subisse ao poder implementasse seu “Estado Ideal” goela a baixo da sociedade alemã.* O *Rechtsstaat* foi substituído por um Estado Totalitário, cuja ideologia era encarada como “verdade absoluta” da história. Seu líder: um messias revolucionário, que apareceria como salvador de uma Alemanha devastada, não por fora, mas por dentro, vez que o lado espiritual da cultura alemã havia desaparecido com o romantismo e com o coletivismo historicista⁹²⁶.

Esta argumentação permite ao MSM compreender o totalitarismo em formulações plenamente ultraliberais, partindo exatamente da leitura totalizante do Estado capitalista e suas funções gestoras das formas de exploração nos limites nacionais, já discutida. A questão para eles torna-se problemática pela ampliação deste, entre as formas de gestão da coerção e do convencimento: qualquer abertura no aparato de Estado para as reivindicações das classes não proprietárias assim como para grupos sociais que em seu modo de vida diverjam das proposições idealistas chauvinistas concebidas entre povo e Nação (com predominância clara do primeiro sobre o segundo, o formando e normatizando). Qualquer expressão da luta de classes dentro dos aparelhos de Estados é considerada elemento danoso à passagem da liberdade para a felicidade. Assim é possível, para eles, considerar todas as ampliações dos Estados capitalistas (que associam com a “sociedade aberta” tal qual formulada por Karl Popper) relacionadas com a comunização da sociedade, permissivas com caráter revolucionário da etapa histórica que vivemos e que em última instancia (seguindo a mesma lógica que já discutimos em relação ao anticomunismo) só poderia levar ao mesmo fim social: o totalitarismo burocrático. O Estado somente deveria fazer-se palanque para a classe dominante, prioritariamente coercitivo, autoritário e chauvinista. A ampliação dos Estados capitalistas durante o século XX, em seu aumento considerável relativo tanto ao crescimento da necessidade de funcionários, cujos encargos burocráticos giram em torno da gestão das formas de dominação, de exploração, da expropriação, somente ofuscariam a necessidade da ênfase nos “símbolos da ordem”, da coerção estatal sobre todas as classes subalternas assim como os “desviantes”, estes sendo de qualquer origem social.

As ascensões dos regimes totalitários só poderiam estar relacionados com as crises que as

⁹²⁶BOEIRA, M. *Porque Weimar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. op.cit.

doutrinas da modernidade (como elemento base para uma interpretação cultural unidimensional e com um forte elemento irracionalista das crises sociais do capitalismo) obrigatoriamente fazem aflorar, sendo que como elemento “preventivo”, só poderiam então ser contidas, combatidas em nome da reação, da disputa pela ordem, do direito natural dos homens, considerado “*religiosa e filosoficamente transcendental*”. A disputa desvincula-se do campo social para mistificar-se em uma necessidade “*que a ordem temporal seja o reflexo da ordem da alma. Esse é o verdadeiro tema de nosso tempo*”⁹²⁷. Tema este que figura como domínio alegadamente exclusivo do MSM e dos intelectuais que reivindica. A citação seguinte é um pouco longa, mas é crucial para compreender a relação entre a direita e a reação, ou seja, expõe “historicamente” o traço distintivo que o MSM busca afirmar para si:

Independentemente e acima das definições mutáveis que os grupos políticos dão a si mesmos e a seus adversários, existe a realidade histórica que o estudioso pode apreender desse mesmo conjunto de mutações tal como aparece num período de tempo suficientemente longo. Historicamente – não ideologicamente – “esquerda” é o movimento revolucionário mundial, “direita” é a reestabilização periódica da sociedade segundo o arranjo possível entre os valores tradicionais da civilização judaico-cristã e o estado de coisas criado pelas expansões e retrações do movimento revolucionário a cada etapa do processo histórico. Nesse sentido – e só nele –, sou, com toda a evidência, um direitista. Também nesse sentido é corretíssima a denominação que os esquerdistas deram à direita em geral: “reação” [...]. O movimento revolucionário como um todo é uma tradição de pleno direito, com unidade e continuidade conscientes, refletidas não só nos incessantes reexames históricos a que seus líderes e mentores se entregam com mal disfarçada volúpia, mas na história dos grupos, correntes e organizações militantes, notáveis pela sua estabilidade e permanência ao longo dos tempos. A “reação” não tem nenhuma unidade em escala mundial [...] Uma “internacional direitista” é quase inconcebível, e é de certo modo inevitável que seja assim. A ação revolucionária é global de nascença, seu campo de ação é o mundo inteiro. As reações não poderiam ser senão locais e esporádicas, conforme a multiplicidade casual dos valores – patrióticos, religiosos, morais, sociais e econômicos – que pareçam mais diretamente ameaçados pelo movimento revolucionário em cada lugar e ocasião. Voltando-se contra aspectos determinados e parciais da revolução, as reações vivem num perpétuo desencontro do qual só poderão sair quando enxergarem a unidade do inimigo e entrarem num acordo de combatê-lo como um todo, não por pedaços isolados. Uma dificuldade que se opõe a isso é que, como as dissidências internas do movimento revolucionário se rotulam mutuamente de reacionárias, com frequência algumas delas passam como verdadeiramente direitistas perante a população mal informada e até perante a liderança reacionária, que assim acaba dividida por efeito da infiltração e das intrigas. Outra dificuldade é que, tomadas isoladamente, nem todas as propostas do movimento revolucionário são más ou destrutivas. Ao contrário, muitas delas não são senão valores tradicionais usurpados, adulterados e colocados a serviço do plano revolucionário de conjunto⁹²⁸.

Para Carvalho, somente se pode compreender o real papel, tanto das direitas quanto das esquerdas na história, através da procura entre as “*diferenças estruturais de percepção da realidade*,”

⁹²⁷CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. op. cit.

⁹²⁸CARVALHO, O. de. “Estupidez criminoso”. *Diário do Comércio*. op. cit.

das quais os sucessivos discursos historicamente registrados como de direita e esquerda pudessem se desenvolver com toda a sua variedade interna alucinante, sem prejuízo das estruturas básicas”, sendo que para ele, este resultado só teria chegado a resultados práticos, quando teria substituído *“os termos 'esquerda' e 'direita' pelos de 'revolução' e 'reação'. Daí para diante, foi ficando cada vez mais evidente para mim a unidade histórica do movimento revolucionário*”, possibilitando-o compreender como *“muitos movimentos tidos popularmente como 'de direita' operavam, de fato, na clave revolucionária e não reacionária*”. Estes *“acabavam jogando lenha na fogueira da revolução, e trabalhando, portanto, contra seus próprios ideais declarados*”. Desta conclusão extraiu sua profissão de fé, a necessidade de *“captar e descrever a unidade do movimento revolucionário*”, de apresentar *“a verdadeira natureza do seu inimigo permanente. É desfazer uma infinidade de confusões catastróficas, que determinaram, ao longo do tempo, outras tantas políticas suicidas”*⁹²⁹.

Esta interpretação do processo histórico, entendido como resultado da disputa entre grupos sociais antagônicos, e irreconciliáveis ideologicamente (propositadamente não há nenhuma indicação sobre a questão em termos sociais), apresentaria a arena de combate para o conservador, que entendendo que a este cabe a manutenção do existente e a negação do futuro histórico prometido pelos outros, já que, por seu caráter “irrealizável”, só levaria a terríveis consequências. *“Tomar a sua própria ideologia como culminação e objetivo final da História e depois redesenhar a sucessão dos tempos passados para forçá-la a confirmar esse preconceito*”, seria um vício advindo dos *“pensadores modernos, que acabou por penetrar fundo na alma dos povos e consolidar-se como um dogma da religião civil em quase todos os países do mundo*”. Isto se verificaria nos repetição levada a cabo nos *“debates populares os partidários das correntes mais díspares apelam aos lugares-comuns do 'avanço' e do 'retrocesso', do 'progresso' e do 'atraso', não só para comparar sua imagem de si próprios com a de seus adversários*”, sendo que *“se tornou natural e improblemático imaginar a totalidade do movimento histórico como uma linha unidirecional com trajeto uniforme e objetivo predeterminado”*⁹³⁰. Em entrevista, Carvalho explicita esta questão:

Se o oposto de revolução é “reação” ou “conservadorismo”, um reacionarismo ou conservadorismo consciente não atacará o movimento revolucionário apenas na superfície dos seus ideais proclamados ou da sua conduta política ostensiva, mas na base mesma, que é a inversão revolucionária da consciência e das consciências. Como todo movimento revolucionário se arroga o papel de representante do futuro, ele só responde perante o tribunal do futuro, mas como esse futuro, por definição, é móvel, o seu automeado representante no presente não tem jamais de responder perante ninguém. A mentalidade revolucionária é, na base, a reivindicação de uma autoridade ilimitada, de um poder divino. As pretensões explícitas de tal ou qual

⁹²⁹GARSCHAGEN, B. *“Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante”*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. op. cit.

⁹³⁰CARVALHO, O. de. *“Estupidez criminosa”*. *Diário do Comércio*. 26.02.07. op. cit.

líder revolucionário podem até parecer modestas e sensatas na formulação verbal que ele lhes dê no momento, mas no fundo delas está sempre essa reivindicação, essa exigência implícita. Os movimentos revolucionários não criaram as grandes ditaduras genocidas do século XX por um desvio dos seus belos ideais ou por um acidente histórico qualquer. *Eles as criaram por necessidade intrínseca da própria dialética revolucionária, que sempre terminará em totalitarismo sangrento, seja por um caminho, seja por outro caminho aparentemente inverso. É nesse ponto, precisamente, que a mentalidade revolucionária tem de ser atacada de maneira implacável e incansável: ela é demência megalômana na sua essência mesma. Ela nunca pode produzir nada de bom. Ela é a mentira existencial mais vasta e profunda que já infectou a alma humana desde o início dos tempos. Ela é crime e maldade desde a sua raiz mesma – e é essa raiz que tem de ser cortada, não as ramificações mais aparentes apenas.* A boa notícia é que o movimento revolucionário não é uma constante na história humana. Ele apareceu numa dada civilização e num dado momento do tempo. Ele teve um começo e terá um fim. Apressar esse fim é o dever de todos os homens de bem⁹³¹.

Neste artigo aparece novamente o caráter fascistizante da prática política do MSM, que em momento nenhum esconde sua apregoada função enquanto formadores de uma nova intelectualidade capaz de gestar o Estado e a sociedade, atuando exatamente como escolas de vida estatal. *“Na esquerda, os intelectuais têm uma função orgânica, são os formuladores de estratégias gerais que os políticos seguem com uma constância admirável. Já a direita quer intelectuais apenas como propagandistas de idéias prontas”,* que teriam como *“agravante de que aquelas idéias não são nem idéias, são apenas os preconceitos, ilusões e regras de bom-tom da classe economicamente privilegiada, cuja máxima aspiração é amolecer o coração da esquerda, na vã esperança de que, bem afagada, ela a deixará em paz”*⁹³². Então assumindo-se como parte de um contra movimento maior que si (a necessidade histórica de sua função), ostenta-se a exata perspectiva já equacionada em relação à liberdade: *sua atuação política também é condicionada ao possível.* Isto significa que não apresentando o MSM como partido formal (o que segundo Carvalho custaria muito dinheiro) e, ao mesmo tempo, não assumindo o papel típico de “salvador” de determinada conjuntura social (o que por sinal dotam ainda de irracionalismo intrínseco, mas sempre enfatizando sua eficácia) para atuar dentro do possibilismo, o que supostamente impediria acusar esta prática política como fascista.

Isto é observado dentro do próprio possibilismo como uma posição estratégica, já que a conjuntura não permite avançar neste sentido – mensurado mais em termos de aceitação entre a burguesia do que do ponto de vista da disputa entre classes, pois nota-se a aproximação clara entre as direitas reacionárias, inclusive seu armamento, ao mesmo tempo que só nos resta constatar a desmobilização sistemática da maioria das organizações historicamente constituídas pela classe trabalhadora (vide-se o caso das Centrais Sindicais nacionais, fenômeno de alcance global). Para o

⁹³¹GARSCHAGEN, B. *“Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante”*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. op. cit. Grifos nossos.

⁹³²CARVALHO, O. de. *Quem avisa amigo é*. 02.03.10. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10858-quem-avisa-amigo-e.html>, acessado em 13.11.10.

MSM, as tarefas para o combate do movimento revolucionário iniciariam pela pressão para o avanço das reformas ultraliberais, a “modernização” das economias nacionais, mas ao mesmo tempo enfatizando a necessidade de *trazer à tona os símbolos da ordem*, perspectiva deixada de lado pelo que chamam de neoliberais globalistas, convictos da hegemonia de seu projeto histórico – que não supre as revoltas e rebeliões, mas tiram de seu plano imediato a possibilidade revolucionária, contanto em última instância, com o poder coercitivo do capital-imperialismo e seu maior representante, os Estados Unidos, como visto nos levantes árabes. Para o MSM trata-se de resolver nacionalmente, no interior de cada formação social as convulsões e rebeliões sociais geradas pela contradição capital-trabalho, investindo como solução para as crises o Estado de exceção, capaz de aniquilar “cirurgicamente” os intelectuais capazes de atuar para que estas rebeliões se politizem, tanto que o exemplo que sempre reivindicam é o da ditadura civil militar empresarial brasileira, que teria tido uma capacidade estratégica de contenção dos elementos subversivos muito mais eficiente, e que teria errado somente ao não ser levada a suas últimas conseqüências, graças à teoria da panela de pressão de Golbery.

Quando indagado sobre as características que diferenciaria os direitistas conservadores dos alinhados aos revolucionários, dos perigos de não existir uma contraposição conseqüente ao movimento revolucionário, Carvalho respondeu que:

O principal e mais desastroso reflexo é que o próprio impulso conservador, um dos mais básicos e mais saudáveis da humanidade, acaba por não ter meios próprios de expressão e por copiar as estratégias e táticas revolucionárias, infectando-se da mentalidade que desejaria combater. Só para dar um exemplo, quando você rejeita alguma proposta revolucionária, logo lhe perguntam: “Mas o que você propõe em lugar disso?” Aí o conservador começa a inventar hipotéticas soluções conservadoras para todos os problemas humanos, e perde a autoridade da prudência, passando a discursar na chave psicótica das “propostas de sociedade”. *Ser conservador é não ter nenhuma proposta de sociedade, é aceitar que a própria sociedade presente vá encontrando pouco a pouco a solução para cada um dos seus males [...]* Ser um conservador é saber que os limites da capacidade humana não desaparecerão só porque Lênin mandou ou porque Trotski disse que no socialismo cada varredor de rua será um novo Leonardo da Vinci.⁹³³

Mas no caso do Brasil, segundo o MSM, por sua característica formação histórica, sempre visou a conciliação entre as elites, de modo a perpetuar o grupo dominante, nosso “conservadorismo” acabou por ter características específicas e negativas, derivadas de nosso “iberismo”⁹³⁴ – a maneira tonitruante da direita “explicar” o desenvolvimento nacional através da

⁹³³GARSCHAGEN, B. “*Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante*”. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. op. cit. Grifos nossos.

⁹³⁴“*O anseio da unidade divina, nostalgia da coincidentia oppositorum, já havia sido notado por Hermann Keyserling como uma das constantes da alma portuguesa. Mas os portugueses nunca acreditaram que a paz entre o lobo e o cordeiro pudesse ser realizada neste mundo. Nunca confundiram a esperança apocalíptica com a fé em promessas autocontraditórias de políticos espertalhões*”. CARVALHO, O. de. “Um clássico e um paralelo”. *O Globo*. 07.06.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/030607globo.htm>, acessado em 10.04.11.

“via prussiana”. Discutindo o livro *A consciência conservadora no Brasil*, de Paulo Mercadante, Carvalho entende plenamente confirmada sua hipótese, que apresenta nas três proposições abaixo:

1. A mentalidade conservadora em geral, tal como se delineia numa tradição que vem de Edmund Burke a Russel Kirk, define-se pelo senso da continuidade temporal, pela ojeriza às súbitas mutações revolucionárias, pelo desejo de preservar a integridade do legado civilizacional por baixo das lutas e traumatismos ideológicos de cada momento histórico. 2. No Brasil, essa mentalidade adquire uma nuance peculiar, que a diferencia de todos os conservadorismos conhecidos no mundo. É que entre nós ela se instaura e se mantém por meio de uma estratégia de conciliação que, no afã de evitar as rupturas, tenta harmonizar até mesmo o incompatível. O caso mais flagrante, entre mil outros citados no livro, é a quase candura com que os mentores da nossa independência adaptaram a ideologia do liberal-capitalismo às exigências da economia escravagista, em contraste com os americanos que não hesitaram em se matar nos campos de batalha para afirmar a preponderância de um dos lados. 3. A conciliação a todo preço, estando na base da unidade nacional, é a origem das venturas e desventuras do conservadorismo brasileiro. De um lado, ela permitiu que o país atravessasse mudanças profundas com pouquíssimo dispêndio de sangue humano. De outro, a acomodação pragmática aos impulsos desencontrados rebaixa o valor das idéias, degradando-as a meros pretextos para os arranjos de interesses, dessensibilizando as inteligências para a diferença entre a verdade e o erro, infectando toda a cultura nacional com o vírus do fingimento e sedimentando, de tempos em tempos, o “compromisso da banalidade” como fórmula mágica para a solução aparente de problemas que, por baixo dos sorrisos do *establishment*, conservam toda a sua carga explosiva⁹³⁵.

Compreendendo que esta “tese é imbatível”, a verifica “da maneira mais patente, na corrida geral dos 'direitistas' para aderir a um partido que chegou ao poder prometendo excluí-los para sempre da arena política”, o mesmo governo que na “ânsia de conciliações impossíveis” busca “ao mesmo tempo reprimir o narcotráfico e continuar amiguinho das Farc, harmonizando a lei e o crime”. Assim sendo, o conservadorismo nacional acaba por não ser “uma filosofia política, não é nem mesmo uma ideologia: é uma atitude -- ou vício -- do espírito, que, fugindo aos confrontos, foge à realidade. E que o faz, não raro, camuflando em efusões de triunfalismo retórico a sua impotência de agir”, sendo que tanto a “direita e esquerda no Brasil são, nesse sentido, igualmente 'conservadoras’”⁹³⁶. Conservadorismo marcado como expressão de um compromisso social em torno de frações da burguesia, e de modo restrito em relação às demais classes subalternas (julgando que, afinal, o “conservadorismo brasileiro”, teria evitado banhos de sangue), ou seja, este conservadorismo polui-se por sua incapacidade de rejeitar tanto o socialismo proletário quanto o liberalismo interessista de nossa burguesia, ambos convergentes para a crise da sociedade. Então, embora este conservadorismo seja funcional, afinal teria vigorado por tanto tempo a ponto de tornar-se um caractere nacional, ele não prevê uma ação definitiva, suprimindo o surgimento de um conservadorismo capaz de impor-se sem estas mediações, que por tentar fazer convergir os interesses de diferentes classes sociais dentro de um mesmo projeto político (a ênfase não ocorre

⁹³⁵CARVALHO, O. de. “Um clássico e um paralelo”. *O Globo*. 07.06.03. op. cit.

⁹³⁶Idem.

pelo desenvolvimento da hegemonia, pela incorporação de interesses parciais das classes subalternas para a reprodução da dominação de classes) acaba por convergir em um só ponto: que numa sociedade em que existem duas classes fundamentais, qualquer tipo de conciliação só pode ser feita para o detrimento dos estratos intermediários – os mesmos que o MSM reivindica como representante autorizado.

O MSM não posiciona-se como anticapitalista, mas dotado uma posição “antineoliberal” retórica, pois ao beneficiar o desenvolvimento de monopólios e oligopólios o capital-imperialismo necessita superar as bases econômicas do qual se originou, acabando com o espaço social ocupado pelo empreendedor capitalista pequeno burguês, o estrato médio da sociedade, que tende a ocupar com trabalhadores urbanos adequados às exigências do mercado de trabalho⁹³⁷. Utilizam sua interpretação distinta do papel do elemento econômico e do político, o seu ultraliberalismo assumido para poder situar-se em uma posição onde seria possível qualificar os que defendem um Estado interventor (ou melhor, que intervenha na economia de maneira explícita, seguindo um projeto político) no campo econômico de fascistas: “*É dado comum condenar o liberalismo como a causa de muitos males sociais*”, segundo eles no meio acadêmico, que também busca o associar *indevidamente ao fascismo, ainda que a doutrina liberal seja anti-estatista e defenda a integridade do indivíduo contra a coletividade e arbitrariedade do governo, além da apologia ao livre mercado*⁹³⁸.

Através desta cisão retórica entre o campo político e o campo econômico, que MSM cria sua aparência “democrática”, defensora das liberdades garantidas pelo direito natural do homem para ao mesmo tempo atacar os defensores de um tipo de Estado intervencionista, em última instância “totalitário”. Caso que estaria ocorrendo no Brasil contemporâneo, que estaria vivenciando “*um 'capitalismo de concessão', de 'união não voluntária'. A liberdade econômica foi*

⁹³⁷Discurso que assemelha-se ao dos “neoliberais globalistas”, como visto em artigo de Fernando Henrique Cardoso, presidente de honra do PSDB, em que conclama a “oposição” a buscar na classe média a base para voltar ao poder: “*é preciso que a oposição diga alto e bom som que os mecanismos de mercado, a competição, as regras jurídicas e a transparência das decisões são fundamentais para o Brasil se modernizar, crescer economicamente e se desenvolver como sociedade democrática [...] Na vida política tudo depende da capacidade de politizar o apelo e de dirigi-lo a quem possa ouvi-lo. Se gritarmos por todos os meios disponíveis que a dívida interna de R\$ 1,69 trilhão (mostrando com exemplos ao que isto corresponde) é assustadora, que estamos pagando R\$ 50 bilhões por ano para manter reservas elevadas em dólares, que pagamos a dívida (pequena) ao FMI sobre a qual incidiam juros moderados, trocando-a por dívidas em reais com juros enormes, se mostrarmos o quanto custa a cada contribuinte cada vez que o Tesouro transfere ao BNDES dinheiro que o governo não tem e por isso toma emprestado ao mercado pagando juros de 12% ao ano, para serem emprestados pelo BNDES a juros de 6% aos grandes empresários nacionais e estrangeiros, temos discurso para certas camadas da população. Este discurso deve desvendar, ao mesmo tempo, o porquê do governo assim proceder: está criando um bloco de poder capitalista-burocrático que sufoca as empresas médias e pequenas e concentra renda. Este tipo de política mostra descaso pelos interesses dos assalariados, dos pequenos produtores e profissionais liberais de tipo antigo e novo, setores que, em conjunto, custeiam as benesses concedidas ao grande capital com impostos que lhe são extraídos pelo governo. O lulopetismo não está fortalecendo o capitalismo em uma sociedade democrática, mas sim o capitalismo monopolista e burocrático que fortalece privilégios e corporativismos*”. CARDOSO, F. H. “O papel da oposição”. *Interesse Nacional*. n.º 13. abril-junho, 2011. Disponível em http://interessenacional.uol.com.br/artigos-integra.asp?cd_artigo=101, acessado em 14.04.11.

⁹³⁸BRUNO, L. *O liberalismo visto pelo imaginário universitário*. 08.05.09. Disponível em <http://cavaleiroconde.blogspot.com/2009/04/o-liberalismo-visto-pelo-imaginario.html>, acessado em 04.12.2011.

esquecida, praticamente abolida”, sendo então “nossos plutocratas, a começar pelos banqueiros, não passam de sócios do Erário e mais das vezes tornam-se serviçais do poder por puro instinto de sobrevivência. Haverá cartório mais perfeito do que o setor bancário no Brasil? Fora do compadrio estatal não há prosperidade”⁹³⁹.

Esta percepção é o que permite leituras como a de Carvalho sobre as forças ideológicas globais em disputa, que segundo ele, estariam delimitadas entre três blocos ideológicos dominantes. O primeiro destes seria o já citado “neoliberalismo globalista”, que “*proclama que a liberdade econômica é a condição necessária e suficiente de todas as outras liberdades, que toda interferência de valores extra-econômicos na vida econômica é uma ameaça ao progresso*”, sendo para seus defensores “*que o enriquecimento de todas as pessoas é o objetivo moral supremo e que portanto as leis, os Estados, as religiões, as artes e os costumes devem ser julgados segundo sua maior ou menor capacidade de fomentar a prosperidade geral num ambiente de livre mercado*”. Isto resulta “*que todas as barreiras nacionais, religiosas e culturais que se opõem à mundialização do mercado são obstáculos ao progresso humano*”. Para superar estas percalços “*ele cria a técnica da engenharia social que permite destruir os valores tradicionais, abolir as diferenças de culturas nacionais e religiosas por meio da educação em massa, da propaganda e das leis*”, sendo então que “*todos os atos, sentimentos e reações humanas, mesmo os mais íntimos, tornam-se então objeto de planejamento estatal – e, quando finalmente a liberdade econômica impera sobre o mundo, todas as demais liberdades desapareceram para sempre*”⁹⁴⁰.

O segundo seria o comunista, que “*proclama que a igualdade é o supremo valor. Não existe pior mal no mundo do que um homem ser rico e o outro pobre. Quando todos estiverem economicamente nivelados, um não poderá mais oprimir o outro pela ameaça da fome e do desemprego*”. Este bloco ideológico supostamente afirmaria, que “*para instituir a igualdade, é preciso quebrar a espinha dorsal do poder econômico, e o instrumento para fazer isso é o Estado. Mas como quem tem o poder econômico não o cede de mão beijada, o Estado, para tomá-lo, tem de ser forte, muito mais forte do que o ralo Estado liberal*”, que nunca efetivamente existiu. No Estado socialista “*o poder não somente se centraliza, mas se eleva. Abolido o poder econômico, resta apenas o poder político. As diferenças entre os homens não desapareceram, mas agora só há uma diferença essencial*”, que seria marcada “*entre quem tem e quem não tem poder político, entre quem está dentro e quem está fora da Nomenklatura. Antigamente, o homem alijado do poder político podia usar do poder econômico, seu ou emprestado, para fazer face à autoridade do Estado*”, sendo que “*o poder econômico fazia a mediação entre os de cima e os de baixo. Agora não há mais*

⁹³⁹CORDEIRO, N. *O feixe*. 03.01.10. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/10658-o-feixe.html>, acessado em 12.02.11.

⁹⁴⁰CARVALHO, O. de. “Viva o fascismo!”. *Jornal da Tarde*. 04.05.99. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/990304jt.htm>, acessado em 12.12.10.

mediação. Quem sobe, sobe dentro do Estado. Quem cai, cai pelo cano do esgoto do Estado. E como não há poder fora do Estado” acaba por até ser “compreensível que quem está dentro não queira sair nunca, e quem está fora não tenha como entrar senão por especial concessão dos de cima”. Concluindo-se que, “quando finalmente se estabelece a perfeita igualdade econômica, a desigualdade de poder político é tamanha, que torna o governante socialista uma divindade inacessível aos clamores de baixo”⁹⁴¹.

Carvalho afirma ainda que que toma por possível conclusão histórica do destino das disputas entre estes dois blocos ideológicos, um terceiro, exatamente o fascista, que sairia vitorioso. Mesmo que “*hoje ele não encanta senão a uma minoria, mas é uma minoria profética. Ele proclama que o liberalismo é a ditadura do poder econômico, o socialismo a ditadura do poder político. Quem tem de mandar, diz ele, não é este nem aquele: é a nação*”. Para consolidar esta nação “*ele propõe uma aliança do poder econômico com o poder político, do capital com o Estado. A nação é a unidade, a conciliação dos contrários, a superação de todas as divergências. Com os dois poderes irmanados e cantando em uníssono na harmonia do Estado-síntese*”, ou seja, “*a nação ergue a cabeça entre as nações e, se alguém reclamar, pau nele*”. Então “*se o neoliberalismo realizava a liberdade mediante a supressão das liberdades, se o socialismo realizava a igualdade mediante a absolutização da desigualdade, o fascismo encarna o terceiro ideal da modernidade*”, já que somente “*ele realiza a fraternidade: no fascismo todos os que têm poder são irmãozinhos, e não gostam que a gente se meta nos assuntos de família deles*”, só ele “*pode tornar felizes, ao mesmo tempo, os neoliberais e os socialistas. E nós? Ora, eles vão estar tão felizes que não vão querer saber a nossa opinião. E, a essa altura, se vocês querem meu conselho, será melhor mesmo não ter nenhuma*”⁹⁴². Neste sentido qualquer qualificação que Carvalho e seus pares façam como sendo meros “liberais” desaparece, é contra estes que combatem nestas formulações. Ao aproximarem sem mediações teóricas noções vagas de “totalitarismo” e “estatismo”, militam abertamente pela aniquilação de qualquer “direito” ou garantia de cunho estatal, incluindo aqui não só as classes subalternas, mas contra parte da própria classe dominante, defendendo o fim das garantias estatais “individuais” (seriam supostamente substituídas por critérios meritocráticos) à burguesia através da gestão das formas de exploração. E citam os fascistas, de sua própria boca, para defender esta posição:

Benito Mussolini resumiu a doutrina fascista numa regra concisa: “Tudo para o Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado.” No Brasil, se você é contra essa idéia, se você é a favor da iniciativa particular e das liberdades individuais, logo aparece um chimpanzé acadêmico que tira daí a esplêndida conclusão de que você é Benito Mussolini em pessoa. E não caia na imprudência de imaginar que essa conversa é demasiado pueril para enganar o resto da macacada. Quando você menos espera, guinchados de ódio cívico se erguem da platéia, e uma frota de micos,

⁹⁴¹CARVALHO, O. de. “Viva o fascismo!”. *Jornal da Tarde*. 04.05.99. op. cit.

⁹⁴²Idem.

lêmures, babuínos, orangotangos e macacos-pregos se precipita sobre você, às dentadas, piamente convicta de estar destruindo, para o bem da humanidade símia, um perigoso fascista. Cuidado, portanto, com o que diz por aí. Você não faz idéia da autoridade intelectual dos chimpanzés na terra do mico-leão⁹⁴³.

Através da repetição da argumentação ideológica dos próprios fascistas, assim como a defesa da escola econômica ultraliberal, seriam os dois traços que os distanciariam do fascismo, obviamente de modo retórico, visto todas as medidas organizativas em torno da necessidade da ação diante da crise aberta, todas as justificativas ultraliberais são tratadas indistintamente como fins históricos a serem alcançados como parte do combate “reacionário”. O que não torna nenhuma surpresa quando Calil em sua pesquisa sobre o PRP assinala a defesa que o integralismo fazia em torno das doutrinas ultraliberais, referenciando nominalmente Friederich Hayek. Nas palavras de Plínio Salgado: “*Repugna-nos a idéia das planificações com excessiva intervenção do Estado, mesmo nas democracias liberais, como hoje acontece, as quais levam, na opinião de Friederich Hayek, ao caminho da servidão e da ditadura*”⁹⁴⁴. Lembremos que para os teóricos ultraliberais, a ditadura, o Estado de exceção e mesmo o fascismo nunca fizeram-se problemas. Segundo Ludwig Von Mises: “*não se pode negar que o fascismo e movimentos semelhantes, visando ao estabelecimento de ditaduras, estejam cheios das melhores intenções e que sua intervenção, até o momento, salvou a civilização europeia*” sendo que este “*mérito que, por isso, o fascismo obteve para si estará inscrito na história*”⁹⁴⁵.

E existe dentro do MSM outra interpretação sobre o “estado das coisas” no Brasil, mais refinada teoricamente, que não é dominante, e é utilizada como demonstrativo de como distintas investigações teóricas chegam às mesmas conclusões políticas. Esta vertente é representada por Denis Rosenfield e José Antônio Giusti Tavares, ambos professores acadêmicos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estes compartilham a caracterização do Estado brasileiro como sendo um “totalitarismo democrático”, derivado de uma suposta estratégia da esquerda para os países “democráticos” que nomeiam de “bonapartismo plebiscitário”. Sobre as origens deste “totalitarismo democrático”, Tavares diz que:

A noção de totalitarismo democrático não me pertence e tem a sua origem no século XIX. Creio que deve ser datada dos anos 1835 a 1840, ao longo dos quais Alexis de Tocqueville escreveu os quatro tomos de sua obra *A Democracia na América*, notável pela penetrante acuidade e pela compreensão profética dos destinos da democracia não apenas na sociedade norte-americana mas no mundo. Em 1871, Fiódor Dostoievski, em seu romance *Os Demônios*, fez uma análise de extraordinária densidade psicológica sobre o tema, recorrendo a uma versão livre e

⁹⁴³CARVALHO, O. de. “Viva o fascismo!”. *Jornal da Tarde*. 04.05.99. op. cit.

⁹⁴⁴SALGADO, P. “Trigésimo aniversário da Ação Integralista Brasileira e atualidade de seus princípios”. 06.04.1962 In. “Discursos Parlamentares”. Brasília. Câmara dos Deputados, 1982. p. 466-485, p. 472. *apud*. CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. op. cit. p. 739.

⁹⁴⁵MISES, L. V. *Liberalismo – segundo a tradição clássica*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal; José Olympio, 1987. p. 53.

com pseudônimos da conspiração terrorista liderada pelo psicopata Nietcháiev, que elaborara um *Manifesto*, famoso na literatura socialista e anarquista, cujo amoralismo e cuja brutalidade constituem, sem exagero, uma antecipação do espírito de Lenine. Em 1945, a expressão *A Democracia Totalitária* apareceu, provavelmente pela primeira vez, como título do capítulo XIV do livro de Bertrand de Jouvenel, *O Poder. História Natural de seu Crescimento*. Enfim, em 1951, Jacob Loeb Talmon, o celebrado professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, publicou *As Origens da Democracia Totalitária* e, em 1960, *O Messianismo Político*, obras nas quais traça o desenvolvimento da ideologia totalitária de Rousseau a Marx e ao comunismo⁹⁴⁶.

Esta noção daria conta de explicitar como a politização “sem limites” teria um objetivo definido, exatamente o de desacreditar/minar as próprias instituições políticas, já que caberia somente a estas delimitar o campo político dentro de um Estado de direito. Segundo Rosenfield:

Há duas acepções da democracia em questão, a da democracia totalitária e a da democracia representativa ou constitucional. A democracia totalitária volta-se contra o espaço de liberdade próprio da sociedade, de suas regras, leis e instituições, o que é precisamente assegurado pela democracia representativa. Esta se baseia no exercício da liberdade em todos os seus níveis, da liberdade de imprensa, de expressão, de organização política, econômica até o respeito à divisão dos Poderes republicanos, passando pela consideração do adversário como alguém que compartilha os mesmos princípios. Disputas partidárias, por exemplo, são regradas e não desembocam no questionamento das próprias instituições, vale dizer, da Constituição. Nesse sentido, processos eleitorais se inscrevem neste marco mais geral, não podendo, portanto, ter a autonomia de subverter os princípios constitucionais, o ordenamento das instituições. Processos desse tipo são necessariamente limitados. Nas democracias totalitárias temos um processo de outro tipo, em que o voto passa a ser utilizado de forma ilimitada, como se ele fosse por si mesmo, graças à manipulação de um líder carismático e de seu partido, o princípio do ordenamento institucional. Eis por que tal tipo de regime político tenta funcionar por meio de assembleias constituintes e referendos sistemáticos, num constante questionamento de todas as instituições, tidas por “burguesas” e expressão das “elites”. A democracia totalitária não admite nenhuma limitação, nenhuma instância que a regre [...] Ela terá como alvo a ser destruído todo espaço que se configure como independente, em particular aquele espaço que torna possíveis as liberdades individuais e o processo de livre escolha⁹⁴⁷.

Ela assinalaria parte da estratégia a ser utilizada para a implementação de um Estado “totalitário”, baseada no *Dezeto Brumário de Luís Bonaparte* de Marx, o que chamam de bonapartismo plebiscitário:

Quanto ao bonapartismo plebiscitário, são fundamentais as análises de Aléxis de Tocqueville, sobretudo em seu livro *Souvenirs*, sobre as jornadas revolucionárias de 1848, e de Karl Marx, em seu *O Dezeto Brumário de Luís Bonaparte*, obra que, concluída em março de 1852, descreve o ciclo de instalação da ditadura do Príncipe Presidente, de 1848 ao golpe de Estado de dezembro de 1851. O *Dezeto Brumário* é, certamente, o texto mais objetivo e verdadeiro de Marx, um autor para o qual a

⁹⁴⁶TAVARES, J. A. G. *Totalitarismo democrático: I. Paranoia e política*. 21.01.11. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11781-totalitarismo-democratico-1-paranoia-e-politica.html>, acessado em 10.05.11.

⁹⁴⁷ROSENFELD, D. L. “Democracia totalitária”. *O Estado de S.Paulo*. 03.07.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090803/not_imp412618,0.php, acessado em 10.05.11.

objetividade e a verdade jamais constituíram valores essenciais⁹⁴⁸.

Então, substituindo a história real pela suposta estratégia de um grupo, “o texto de Marx, que aqui é tratado como um estudo, converteu-se provavelmente, para os comunistas, em um manual que ensina a estratégia”. Sendo possível afirmar que estaria ocorrendo um processo similar na América Latina, cujo motor não seriam as massas, mas as lideranças carismáticas: “organizações, os partidos e os governos - embora ainda não regimes -, neo-comunistas da América do Sul têm arrebatado o controle hegemônico, proto-totalitário, dos países em que se instalaram: a Venezuela, a Bolívia, o Equador, o Paraguai, a Argentina e o Brasil”⁹⁴⁹. Este processo só estaria ainda em andamento pela convivência das classes dominantes destes países com os “partidos não constitucionais”: “em uma democracia constitucional e representativa, sobretudo quando erodida e fragilizada pela decadência de suas elites, bem como pela corrupção e pela desinformação políticas generalizadas”, os chamados “partidos constitucionais e a própria ordem pública constitucional devem enfrentar o paradoxo de que se encontram com frequência em inferioridade de condições frente aos partidos não constitucionais que, entretanto, participam da política institucional”.

Supostamente os partidos subversivos teriam vantagens, já que, primeiro “beneficiam-se das prerrogativas e dos recursos que ela confere, sem obrigar-se aos valores, às regras e aos limites que ela impõe e, sobretudo, sem abrir mão do comportamento revolucionário, conspiratório, insurrecional e golpista”. Segundo, porque “os partidos totalitários apelam para a participação e para a mobilização políticas permanentes, para o profissionalismo, para o ativismo revolucionário de tempo integral e, enfim, para a politização da totalidade das esferas da existência, desde aquelas mais íntimas”. Terceiro, porque “a compreensão adequada dos valores sobre os quais está fundada a democracia constitucional e das normas e das instituições com as quais opera, bem como os processos econômicos por referência aos quais se definem as políticas públicas e o comportamento dos partidos”, exigem “dos indivíduos, em virtude de sua complexidade e sutileza, um nível muito elevado de discernimento intelectual, que se encontra normalmente fora do alcance da informação e do entendimento do homem comum”, o que não seria problema para o subversivo, já que “recorre a uma simplificação brutal da realidade política e econômica, substituindo a informação e a análise racional pela ideologia, um 'saber' de custo baixo, próximo de zero, que contém, por outro lado, um apelo direto à emocionalidade e ao inconsciente de indivíduos”, já que sendo “a maioria das pessoas, pouco capazes de suportar a incerteza e os riscos da própria liberdade, a ideologia totalitária proporciona uma explicação mágica e omnicompreensiva da

⁹⁴⁸TAVARES, J. A. G. *Totalitarismo democrático*: I. Paranóia e política. 21.01.11. op. cit.

⁹⁴⁹Idem.

realidade e da história, que lhes devolve a segurança a baixo custo”⁹⁵⁰. Estas deturpações, que baseiam-se e compartilham premissas marxistas para as esvaziarem de sentido racional e social, tem menos abrangência e circulação, especialmente porque requerem a leitura compreensiva (ideológica, mas mesmo assim trabalhosa) das obras marxistas, sendo restrita a poucos círculos universitários de Pós-Graduação, sendo que mesmo nestes níveis não tornaram-se referencia, geralmente as leituras distorcidas sobre os marxistas não incentiva investigação real da obra destes, mas seu abandono.

Retornado ao posicionamento principal do MSM, o esquematismo em blocos ideológicos de Olavo de Carvalho, onde somando-se dois extremos ideológicos se desenvolveria como fruto o irreconciliável, anota-se o perigo em que estaria a sociedade burguesa, pois além da “reforma moral do homem” que acompanha as mudanças neoliberais, o próprio centro de poder político estaria sendo destacado do Estado-nação, assim ultrapassando todas as instituições políticas tradicionais. Poder que estaria sendo retirado do Estado pelas entidades supranacionais relativas ao capital-imperialismo, cabendo à “nação” lidar com as consequências drásticas, anárquicas desta perda de soberania, especialmente na manutenção da contradição capital-trabalho:

E quando ouvir um esquerdista fazer um discurso inflamado contra o neoliberalismo, lembre-se de três coisas: 1ª Neoliberalismo não tem nada a ver com liberalismo. Liberalismo é liberdade para a iniciativa econômica popular; neoliberalismo é economia global dirigida — o socialismo dos ricos. 2ª O neoliberalismo é um projeto abrangente, que inclui (e compatibiliza com os interesses da estratégia global) todos os programas atualmente defendidos pela esquerda no Brasil (aborto, controle de armas, casamentos gays, quotas raciais etc. etc.). 3ª A palavra “neoliberalismo”, na nossa imprensa, não significa nada disso, mas é sinônimo de FHC. Ao falar contra o neoliberalismo, a esquerda está apenas disputando com FHC o cargo de executor local dos planos neoliberais. Ela jamais baterá de frente nos interesses estrangeiros que a sustentam. Não se trata portanto de uma luta contra o dono, mas apenas contra o gerente. Derrubado FHC, mudará o estilo da subserviência: passaremos do esculacho risonho à anarquia sangrenta. Os donos do mundo já anunciaram: para eles, dá na mesma⁹⁵¹.

O ápice para os “donos do mundo” seria a sujeição dos Estados nacionais a um suposto governo mundial da ONU, sendo que nesta luta estariam empenhados tanto as corporações transnacionais quanto a esquerda mundial – modo de poderem denunciar de modo mistificado as instâncias supranacionais capital-imperialistas, resumindo uma série de entidades como a OMC, o FMI, o BM, dentre uma série em uma única, a ONU, cujo próprio formato associativo já é considerado superado. Esta pluralidade de atores mundiais se uniria em torno de uma série de ministérios dirigidos sob a ONU, já atuando para a profunda modificação da humanidade. Segundo Heitor de Paola:

⁹⁵⁰TAVARES, J. A. G. *Partidos não constitucionais em democracias constitucionais*. 01.02.11. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11811-partidos-nao-constitucionais-em-democracias-constitucionais.html>, acessado em 11.05.11.

⁹⁵¹CARVALHO, O. de. *Quem trabalha para quem*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/coimbra.htm>, acessado em 12.04.11.

O Governo Mundial não é uma ameaça: é uma realidade; já está instalado e em pleno funcionamento. O que ocorre é que quem está submerso no processo não percebe, tal como Maria Antonieta que, ao mandar o povo comer brioques já estava quase sem cabeça e não sabia de nada! Quem tem autoridade moral – e logo, logo, militar – sobre todo o mundo hoje em dia? Quem dita as normas de conduta ética? Quem tem o poder de guerra e de paz? Não é a Organização das Nações Unidas? Estamos acostumados a tomar como certo tudo que a ONU diz e determina. Suas estatísticas são incontestáveis. Suas recomendações são ordens. Tudo que de lá vem é bom, por princípio! Pois não é lá que se defende a paz e a harmonia entre os homens? Uma espécie de deus de uma religião pagã? Seus funcionários se metem em tudo através das diversas ‘agências’ – sofisma que será empregado até poderem usar o nome verdadeiro: **Ministérios Mundiais!** A burocracia já atingiu níveis nunca alcançados em nenhum outro lugar, nem mesmo na URSS [...] É a OMS que diz o que podemos comer, como devemos cuidar de nosso corpo e mente, que medidas sanitárias devemos usar. A OMC determina como deve ser o comércio mundial. A AIEA determina quem pode ter armas nucleares. A UNICEF estabelece as categorias nas quais temos que cuidar de nossos filhos, quantos devemos ter. A FAO distribui os plantios agrícolas. O complexo bancário FMI/BANCO MUNDIAL/BID decide quais países serão economicamente viáveis, quais devem falar [...] São tantas as 'agências/ministérios' que nem sei quem determina a falácia chamada IDH – Índice de Desenvolvimento Humano⁹⁵².

Acertam em compreender diferentes instâncias de organização e consenso do capital-imperialismo como formadoras e disseminadoras de todo um modo de ser, mas mistificam esta perspectiva quando alheiam de seu conteúdo a realidade do imperialismo, que nem de longe presta-se a simplificação de uma “economia global planejada”, para a fazerem confluír as esquerdas e as direita ultraliberal sobre o mesmo processo de “revolução cultural”, agrupando sobre o mesmo rótulo desde o multiculturalismo das instituições Ford e Rockefeller até a luta anticapitalista de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, grupos de guerrilha como as FARC e organizações simplesmente criminosas como o Comando Vermelho. É um trabalho de mistificação extremamente frágil, mas que adquire força explicativa, ou ao menos assim seus formuladores advogam, como parâmetro maior da crise da modernidade. Novamente, segundo Paola, que vê nesta atuação ainda a acusação mistificadora contra os EUA:

Limitar-me-ei, por ora, a uma das maiores mentiras que vem sendo administrada de forma gradual e eficientíssima na mente das pessoas: a da necessidade de um Governo Mundial que assegure a eterna Paz entre os homens, do qual a Organização das Nações Unidas já seria o embrião. Esta seria a verdadeira globalização, mas enquanto isto se lança a idéia oposta: de que a globalização seria do interesse dos Estados Unidos da América. Esta é uma das mais eficientes estratégias de dissimulação. Lança-se um projeto, atribui-se o mesmo ao inimigo como coisa do demônio e, enquanto ele é combatido, instala-se aquilo mesmo que se finge combater. A idéia inicial data de 1931 e tem sua origem na Escola Lênin de Guerra Política, de Moscou⁹⁵³.

⁹⁵²PAOLA, H. de. *Governo mundial: realidade ou mito?* 31.08.06. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/arquivos/5479-governo-mundial-realidade-ou-mito.html>, acessado em 12.04.11.

⁹⁵³PAOLA, H. de. *True Lies*. 20.01.04. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/9622-true-lies.html>, acessado em 13.04.11.

Estranhamente, como exemplo da força deste governo sobre as individualidades, o autor cita a campanha anti tabagista levada a cabo pela OMS:

Da mesma forma que a campanha contra o fumo foi um teste bem sucedido, como denuncia Estulin, para medir o grau de sujeição hipnótica da população mundial, a campanha do desarmamento também o é. A absurda aversão ao cigarro e aos fumantes prova que uma propaganda subliminar bem feita é capaz de converter facilmente milhões em robôs ou cães de Pavlov: toca a campanha os cães salivam, acenda um cigarro e os robôs se enchem de indignação! Ninguém se espante se algum dia a OMS disser que andar de quatro faz bem para a coluna, aumente exponencialmente o número de quadrúpedes na Terra, todos alegres com as ‘melhoras’ obtidas⁹⁵⁴.

E o fim histórico que agrupa esta multiplicidade de atores econômicos, políticos e culturais é o de uma “nova era cultural”, movimento altamente tortuoso e arriscado, mas que permite ao MSM alinhar adversários estritamente contraditórios, os dotando de sentidos e significados dentro de uma idealização a-histórica evolutiva em direção a uma “nova ordem mundial”, marcadamente através de “planos” secretos, “protocolos” restritos aos líderes responsáveis pela subversão de toda ordem cultural ocidental. Entre estes, figuram, segundo o MSM, o capitalista George Soros:

O Sr. Soros é um imperialista esquerdista que busca erguer um governo de um mundo único. Ele é um anti-capitalista furioso. Ele defende impostos altos, gastos públicos abundantes, estatismo *a la* welfare, maciça distribuição de renda aos pobres e um sistema regulatório das finanças internacionais rigidamente controlado. Ele despreza o nacionalismo e a herança judaico-cristã do Ocidente. Sua meta é dar início a uma nova ordem global - baseada no materialismo científico e na engenharia social progressista. Ele defende anistia para os imigrantes ilegais e a supressão de nossas fronteiras com o México e o Canadá. Em sua opinião, a religião, os estados-nacionais e a família são instituições repressoras que devem ser abolidas. Ele é inimigo da América e da democracia [...] Ele é um estudante perspicaz de história. Como Leon Trotsky, um dos líderes de Revolução Bolchevique de 1917, o Sr. Soros acredita no fomento permanente da crise a serviço da revolução permanente. Uma crise econômica prolongada dizimará a classe média - e trará com ela a aceitação de uma intervenção sem precedentes do governo. É isto que por vários anos ele esperou que acontecesse [...] O Sr. Soros é, em última análise, um megalomaniaco amoral alienado da realidade. Ele se refere a si mesmo como “o patrão do papa.”⁹⁵⁵

Deste modo o capital-imperialismo e suas consequências, como o papel dominante do capital portador de juros, a formação de novos oligopólios mundiais, as expropriações, a brutal distribuição de renda, as crises do capitalismo, permitem serem dotadas de um sentido lógico, “explicativo” e mistificador, que tira o foco do imperialismo monetário, para situar a disputa “última” na questão da unidade civilizacional nacional, onde as burguesias nacionais “neoliberais” e as esquerdas “sem pátria” *compartilhariam um mesmo modo último de ser*, confundindo

⁹⁵⁴PAOLA, H. de. *Governo mundial: realidade ou mito?* 31.08.06. op. cit.

⁹⁵⁵KUHNER, J. T. *O império de Soros*. 03.09.10. Disponível em <http://www.midiaseम्मascara.org/artigos/globalismo/11569-o-império-de-soros.html>, acessado em 17.12.10.

propositadamente o cosmopolitismo burguês e o internacionalismo proletário.

O MSM justifica sua existência pela emergência esperada de uma crise capaz de abrir espaço para a quebra da ordem social existente, uma crise revolucionária, apoiando-se na descrença da democracia liberal, apresentando-se como capaz de alterar a situação de forças de modo mais efetivo. O anticomunismo é fundante em sua construção doutrinária, embora articulado de maneira distante das condições objetivas de existência social, pois serve para constituir uma contraposição binária, entre eles e seus inimigos, mote fundamental para a mobilização – o MSM reproduz uma série de elementos das três ondas do fascismo: chauvinismo, apropriação seletiva de elementos provenientes do arcabouço teórico marxista, alinhamento com o capital financeiro, “antiultraliberalismo” retórico, etc. Sua intitulação como “liberais conservadores” é a chave principal de sua atuação “possível”, resguardando-se contra incriminações jurídicas e intelectuais, ao mesmo tempo que permite sua aproximação com grupos e instituições representantes das frações mais avançadas da burguesia, sem detrimento para estas. Seu conservadorismo consiste em assumir um lado em uma cisão maniqueísta da luta de classes, que reduz a dialética histórica a uma leitura binária, entre revolucionários e reacionários (sendo que os últimos só existiriam em consequência dos primeiros, uma construção idealista que busca remeter ao “equilíbrio natural do universo” através de pares inversos). Seu liberalismo é a garantia da manutenção do imperialismo, do livre mercado, do trabalho alienado e do Estado capitalista como ditadura terrorista declarada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“Não há nunca testemunhas. Há desatentos. Curiosos, muitos. Quem conhece o drama, quando se precipita, sem máscara?”.

Carlos Drummond de Andrade. *Tarde de Maio*. 1951.

Buscamos nesta dissertação uma investigação de caráter totalizante em relação ao nosso objeto, o MSM, não com o sentido de buscar esgotar a realidade constituinte deste, mas de identificar as relações e conexões fundamentais para sua explicação. Compreender seu sentido e significado histórico exigiu apontar o próprio sistema social que o “permitiu” em seus desdobramentos históricos e sociais, não como determinação evolutiva para além do homem, mas em suas contradições, continuidades, transformações, conflitos e possibilidades de emancipação. Esta perspectiva exigiu um plano de investigação amplo, abordando diversos aspectos históricos, os quais desculpamo-nos por abordá-los de modo por vezes pontual, mas que intencionaram proporcionar ao leitor a formação de um panorama, de um quadro geral em camadas, tendo o MSM como foco central.

Nossa primeira investigação foi em busca das mudanças históricas no modo de produção dominante, suas transformações qualitativas durante o século XX, procurando especialmente situar sua fase atual: o capital-imperialismo. Somente desta maneira pudemos delinear as determinações sociais constituintes de nosso objeto e do “suporte” que permitiu a organização e atuação do MSM, a internet. Analisando o desenvolvimento social da pesquisa, ampliação e difusão das tecnologias de comunicação e informação pudemos descartar uma série de suposições reproduzidas pela grande mídia e por alguns setores da academia, especialmente sobre a tecnologia ser uma área “neutra” no tecido social, com funções e utilizações que seriam próprias aos que dela se apropriassem. A internet não é um espaço público, sua arquitetura de poder é extremamente limitadora em suas normas de utilização e possibilidades de subversão, que mesmo existentes não escapam destas. As determinações em torno de suas formas e conteúdos resultam de disputas entre as empresas exploradoras do setor em instâncias distantes de qualquer participação popular: seja pelas decisões, na prática unilaterais, dos EUA através do ICANN, uma das muitas teias do capital-imperialismo, seja no caso brasileiro, através do Comitê Gestor da Internet no Brasil, que até serviu como modelo de exclusão popular inspirador para o ICANN.

A acusação sobre a falta da liberdade na internet costuma ser feita em relação aos países que passaram por mudanças sociais de cunho socialista ou comunista, mas o que se vê é que nestes países, especialmente a China, é a radicalização de pressupostos que estão presentes na configuração da internet dos países capital-imperialistas: a Inglaterra tirou do ar quase todo seu sistema de telecomunicações durante as revoltas do ano de 2011, e os EUA já tentou aprovar

integralmente diversas leis neste sentido, como a *Combating Online Infringement and Counterfeits Act* (Lei de Combate à Violação Online e Falsificações) o SOPA (*Stop Online Piracy Act*, Ato para Impedir a Pirataria Online) e o PIPA (*Protect IP Act*, Ato de Proteção de IP) para poder ampliar seu poder de repressão e censura que já vem sendo praticado sobre a rede, seja de maneira legal, como nas ações sob o *Patriotic Act* (Ato Patriota) de George W. Bush, seja sob a atuação coercitiva de suas agências governamentais, como o FBI e a CIA. As leis de censura sobre a internet foram barradas em sua integralidade tanto pela incapacidade das propostas técnicas para a restrição ao conteúdo (a filtragem de DNS) quanto por pressão da comunidade usuária da internet, mas o Congresso estadunidense já anunciou que estas medidas serão aprimoradas em conjunto com representantes da indústria e retornarão à votação.

Reafirmemos a necessidade da investigação de cunho social para os fenômenos relativos à rede mundial de computadores, uma vez que grande parte destas diminui ou ignora este aspecto em favor de uma leitura reduzida, espécie de “batalha de ideias” sem base material (ou considerando esta somente em sua dimensão discursiva). Também nos referimos às investigações que assumem proposições filosóficas como realidades históricas, a contemporaneidade como sendo a “era da informação”, “era digital”, “pós-moderna”, dentre uma gama de outras denominações, considerando estas hipóteses epistemológicas como pressupostos totalizantes evidentes, contribuindo para a fetichização dos acontecimentos e processos sociais. A criação e a expansão da rede mundial de computadores são inimagináveis sem considerar as determinações históricas do capital, da ampliação das suas formas de reprodução, na qual a tecnologia é uma das suas maneiras mais efetivas de “demonstração de supremacia”, de pedagogia, estando diretamente ligada às novas expropriações, à superexploração e ao sobretrabalho exigidos pelo capital-imperialismo⁹⁵⁶, seja através da chamada reestruturação produtiva ou pelo que Francisco de Oliveira chamou de “trabalho fantasmagórico”⁹⁵⁷: nada mais é que os capitalistas em ofensiva direta contra as classes subalternas. Ofensiva, que tal qual a rede, tem alcance global. Isto não significa que devemos abandonar a internet para a organização e atuação contra hegemônica, pelo contrário, mas deve-se sublinhar um antigo aviso de Lênin, que sem a teoria, sem a análise concreta da relação de forças existente, não pode haver luta revolucionária consequente⁹⁵⁸.

O MSM convive com o fenômeno burguês da convergência midiática, que congregando e sincronizando informações em diferentes mídias, possibilita às grandes corporações globais atingir uma nova escala tanto na fabricação social da amnésia quanto no monismo explicativo dos acontecimentos e processos da realidade social, o que Octávio Ianni chamou de “Príncipe

⁹⁵⁶FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 84-99.

⁹⁵⁷OLIVEIRA, F. de. *O ornitorrinco*. op. cit.

⁹⁵⁸LÊNIN, V. I. *Que fazer?* Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/cap01.htm>, acessado em 31.12.11.

Eletrônico”. Este movimento evidencia o crescimento significativo das superestruturas no capital-imperialismo e, por conseguinte, dos profissionais da ideologia e da política, os intelectuais. Apresenta-se como um “observatório da imprensa”, o que podemos entender como autoatribuição de um suposto papel crítico sobre as funções sociais da mídia, e que é plenamente ancorado no mito liberal da imparcialidade da imprensa, *“a confusão, a mistificação e até mesmo a ingenuidade que cercam a discussão sobre a ‘verdade’”* no jornalismo. *“O senso comum vê a realidade como definitiva, pensa a existência de um mundo único e de uma verdade inquestionável”*⁹⁵⁹. Aproveitando a brecha maior deixada pela convergência, que produz discursos exclusivos ou semelhantes em termos de “verdades”, o MSM utiliza esta simples constatação como mote para arrogar-se produtor de conhecimento, afirmando-se capaz de obter análises críticas e validáveis sobre a realidade social (completamente generalizantes e nada elucidativas, sublinhemos). A falibilidade de suas conclusões é observada no quadro do campo midiático brasileiro, onde para o MSM existiriam *“dois grupos de interesse que hoje partilham quase sem conflitos, por um acordo de cavalheiros, o domínio sobre o jornalismo nacional: os donos das empresas e os grupos políticos que fazem a cabeça da classe jornalística”*. Cabendo aos primeiros tratar *“jornais e revistas como produtos, que devem atender à demanda do mercado”* e os outros *“como meios de criar ressentimento e ódio no povo para produzir uma revolução e tomar o poder”*⁹⁶⁰.

Este tipo de percepção maniqueísta irá ser uma das marcas mais evidentes do discurso ideológico do MSM e é diretamente tributária de seu anticomunismo (no qual Olavo de Carvalho, assim como outros membros do Estado maior do MSM, afirmam-se “especialistas”, justificando-se através de experiências anteriores como militantes de partidos e organizações de cunho comunista). Sua peculiaridade, o anticomunismo contra Gramsci, serviu tanto para unificar diversos intelectuais em torno de seu projeto, quanto para fazer ascender seus posicionamentos, acompanhando o vagalhão anticomunista iniciado na vitória presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002 – a ascensão de um representante da classe trabalhadora como gestor competente do Estado capitalista foi uma novidade na autocracia burguesa brasileira, que utilizou seu domínio sobre a imprensa nacional para pressioná-lo a cumprir os acordos assumidos por este com a classe dominante brasileira e representantes do imperialismo. O discurso anticomunista não regrediu através dos anos, mesmo depois que Lula consolidou a hegemonia ultraliberal no país em novos patamares qualitativos, o que segundo Perry Anderson, pode ser explicado pela diminuição da força de influência da imprensa nacional nas relações de força eleitorais, através da ampliação das políticas federais de transferência direta de renda, de grande repercussão social, que do mesmo modo

⁹⁵⁹HERNANDES, N. *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 18-19.

⁹⁶⁰CARVALHO, O. de. *Jornalismo e verdade*. Entrevista a um grupo de estudantes da PUC-Minas. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/jornalismo.htm>, acessado em 10.10.10.

diminuiu a efetividade política das relações clientelistas regionais⁹⁶¹.

O anticomunismo pretende reduzir o campo político em duas posições antagônicas, movimento que busca desqualificar a própria política, que passa a ser espaço de conflito entre *ideologias* de duas naturezas distintas, sendo que cada “vitória” ou “derrota” (não existindo mais nenhum espaço para mediações, acordos temporários, etc.) é a conquista de mais uma etapa em direção a um fim histórico determinado. Visa recusar a capacidade de julgamento e atuação racional dos homens perante a realidade social, em distinguir entre a realidade e a distorção, julgando ser a verdade histórica e científica mera percepção e a consciência histórica e social mera sensação. Impõe ao conhecimento humano um sentido irremediavelmente idealista, incompleto já que ideológico, e incapaz de aspirar ao conhecimento totalizante, já que transcendental. É a afirmação do irracionalismo no campo onde, em termos aristotélicos, deveria encontrar-se o ápice da racionalidade humana⁹⁶². Seu discurso ideológico é composto por sofismas a-históricos, que arrogam uma falsa continuidade “espiritual”, como se estes fossem atributos “metafísicos” do homem “civilizado” (mas “natural”, segundo a argumentação liberal clássica de Hobbes ou Locke). Pela operação da sensação de “desmascaramento”, que supostamente promovem, afirmam seu protagonismo político, sua eficiência real em consolidar preconceitos rasos e leituras baixas da realidade social, seja entre seus pares ou adversários, cumprindo uma função específica na dominação para além da “disseminação ideológica”: a conformação cultural e ética de todo um modo de ser.

Visando a pequena burguesia e a nova pequena burguesia, que em sua vivência intermediária, longe dos centros de decisão hegemônicos e contra hegemônicos, encontra eco para sua radicalidade retórica, mas que busca, incentiva, pleiteia a ação. Exatamente por distarem-se de qualquer protagonismo, a pequena burguesia e nova pequena burguesia encontram espaço para o radicalismo dentro do sistema democrático liberal burguês, o que determina o “possibilismo” como estratégia, sendo que em caso de acirramento da luta de classes acaba por aproximá-los da classe dominante, os elevando como “solução” para um período de crise de hegemonia.

Sublinhando suas características ideológicas condizentes com o fascismo, o MSM cumpre perfeitamente o papel “profilático” que assume – novamente, nenhuma violência se faz preventiva senão contra alguém ou algo – prevendo o acirramento da luta de classes, da possível ascensão de organizações revolucionárias do proletariado e do campesinato. Embora seu caráter de classe seja plenamente burguês e imperialista, a origem social de seus intelectuais, sua intenção organizativa e ideológica é toda voltada para a pequena burguesia e para a nova pequena burguesia. Posicionam-se

⁹⁶¹ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit.

⁹⁶²Isto não significa que concordamos com a dimensão universal que Aristóteles atribui para a política: o homem enquanto animal político – o que supõe o Direito e o Estado como categorias ontológicas, incapazes de superação. Para mais detalhes ver LESSA, S. “Marxismo e ética”. *Crítica Marxista*. n°. 14. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/D_SLessa.pdf, acessado em 20.02.12.

como “defensores” destes, denunciando de forma mais dura os resultados negativos daquele mesmo projeto, os atribuindo ao “governo” (propositadamente confundido com o Estado), que visaria a proletarização de toda a sociedade pela via revolucionária do “gramscismo”. Deste modo dissociam o projeto econômico de suas consequências, tornadas políticas em determinada especificidade (através da atuação de dado grupo). Esta cisão retórica entre economia e moral que levam a cabo, os permite defender argumentos ultraliberais em relação à economia enquanto moralmente advogam por uma sociedade plenamente submetida e controlada através de instituições tradicionais, capazes de disseminar “símbolos de ordem” que já estariam contidos “naturalmente” no povo (ou seja, assumem uma aparência de primado da moral sob a economia, mesmo que esta não necessite de demasiado “controle estatal”). O maior responsável por “disseminar símbolos de ordem” seria um Estado capaz de definitivamente silenciar os que tentariam impor “novos símbolos”. Sua qualificação como “liberais conservadores” busca encobrir seu conteúdo fascista, permitindo aproximação e diálogo os mais diversos grupos e instituições sociais, excluindo obviamente às da classe trabalhadora. Seu conservadorismo advém de uma cisão binária que imaginam entre revolucionários e reacionários através de dados períodos da história, e é assim, o assumir de uma missão histórica contra seus antagonistas. Seu liberalismo é a intransigente defesa do livre mercado como fim histórico. Assumem profundamente em seu discurso ideológico o recurso à imagem da crise, o que os permite construir explicações mistificadoras da crise real, deste modo atuando de maneira a impedir as classes de tomarem consciência de si. Utilizam para a disseminação de sua propaganda uma série de recursos técnicos provenientes da publicidade de massas. Seu elitismo dota as massas de uma completa irracionalidade, que mesmo quando constituídas na sujeição passiva à liderança que as constrói, impedem a ação racional coletiva, já que afirmam que todo conhecimento da realidade é incompleto para o homem, portanto, fadado ao desastre histórico.

Seu entendimento da “revolução cultural gramsciana” – uma leitura distorcida da revolução passiva como estratégia positiva para a esquerda – teria exigido que assumissem a estratégia de guerra de posições, que os permitiu não só marcarem-se como agentes anticomunistas competentes, mas também capazes de qualificar como “revolucionários” os mais diversos atores políticos, e reconhecer o “espectro” comunista nos mais diversos setores e espaços sociais. Deste modo agregando sentido político aos mais diversos fenômenos sociais, que convergeriam para a destruição das “bases morais do capitalismo”. Apropriam-se de um cabedal conceitual oriundo do marxismo não só para constituírem-se em oposição a este (o que chamam de “ciência estratégica marxista”), mas para aniquilar qualquer conteúdo social e analítico original. Sua luta prevê não só a destruição dos direitos sociais obtidos pela classe trabalhadora, como vai contra qualquer direito democrático garantido pela luta popular, como os direitos das minorias, etc. Este movimento os qualifica e os enquadra à aliados estratégicos ultraliberais, que visam o mesmo tipo de objetivo: a

expropriação massiva de direitos e garantias sociais das classes subalternas radicalizada através da defesa do extermínio intelectual e físico de qualquer oposição proletária e campesina: um Estado desenvolvido em suas funções coercitivas autoritárias e terroristas, guiado por um chauvinismo derivado de uma leitura rasa da realidade social, capaz de agrupar bases de sustentação para a reorganização violenta do bloco no poder em caso de uma crise aberta.

O MSM mesmo que não “desenvolvendo-se” como um partido parlamentar formal, cumpre efetivamente esta função. Ao consolidar-se como “portal” hierarquiza as iniciativas, os modos de atuação e sua rede extrapartidária. Percebemos que seu sucesso em levar este empreendimento adiante foi marcado pelo contexto político do período e sua inovação consiste no domínio das novas possibilidades de inserção política permitidas pela internet. Ao realizar esta tarefa de maneira organizada tornou-se atraente para uma série de intelectuais. Podemos afirmar que a formação destes “quadros” foi bem sucedida, consolidando-se como expressão legítima da pequena burguesia e nova pequena burguesia. Colocam-se como elemento ativo no campo político brasileiro, disputando cotidianamente “ideia por ideia, cabeça por cabeça”, produzindo material de propaganda e de formação, obtendo cada vez mais espaço na grande mídia e no mercado editorial, conscientemente visando à contrarrevolução moral do homem através da guerra de posições. Mantém uma estrutura organizada e disciplinada que gira em torno de Olavo de Carvalho, centralização extremada que ainda não os possibilita ampliar-se em termos de massa (seja pela estruturação como partido formal parlamentar ou periódico impresso), mas que ao mesmo tempo os permite lidar de modo incisivo com suas contradições internas (especialmente pela expulsão de editores e colunistas). Mesmo seus intelectuais sendo alvo de sanções judiciais (especialmente Júlio Severo) sequer chegou-se a cogitar a extinção do MSM.

Entendemos que sua opção pela guerra de trincheiras (além da justifica ideológica) serviu para guiar a constituição de sua rede extrapartidária, movimento que observamos recorrente em outros movimentos fascistas na contemporaneidade. Compreendemos os desdobramentos dos movimentos e partidos fascistas através de suas três “ondas” históricas, como verificado por Jean-Yves Camus⁹⁶³. A primeira relativa aos fascismos clássicos, a segundo correspondente aos desdobramentos transformativos do Pós-guerra para sua manutenção. E a terceira “onda” emergindo após os anos oitenta, quando estes partidos assumem um projetos econômicos de cunho ultraliberal associado à defesa “cultural” de cunho chauvinista. A estratégia organizativa que marca esta onda é o estilhaçamento de sua rede extrapartidária, da qual depende sua efetividade real, permitindo a articulação do “espectro” fascista (especialmente as milícias), os colocando sob a égide de lideranças intelectuais vinculadas diretamente com o capital financeiro e os grandes conglomerados empresariais. Cumprem plenamente a função de última defesa do capital, em sua fase de

⁹⁶³CAMUS, J-Y. “Metamorfoses políticas na Europa”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. op. cit.

dominância do capital financeiro e especulativo. O “estilhaçamento” destes partidos em várias frentes de atuação responde às complexificações do campo políticos nos países “ocidentais”, evitam a caracterização como movimento fascista (resguardando o centro de poder da rede, impedindo sua qualificação jurídica e impedindo a simples relação com milícias e grupos de ação direta, do mesmo modo que propicia certa “mobilidade”, já que este centro de poder passa a ser constituído através de disputas internas na rede partidária); os permitem abranger uma série de campos da sociedade utilizando a rede para a formação da vida pré-estatal (que dado o avanço ou retrocesso do contexto, do mesmo modo resguarda o centro da rede extrapartidária); abarca tanto militantes orgânicos quanto indivíduos solidários, atuando politicamente entre aparelhos privados de hegemonia, partidos e organizações que compartilham crenças, símbolos e linguagem comuns; permite espaço para certa “pluralidade” interna, tanto em termos de bandeiras de luta específicas quanto formulações gerais.

A nossa leitura da rede extrapartidária do MSM permitiu visualizar os grupos sociais com que dialoga e organiza-se, nos proporcionando embasamento para afirmar sua proximidade com grupos da grande (e pequena) burguesia, apoio que compreendemos como uma “prática histórica” da autocracia burguesa brasileira: a manutenção de grupos de suporte para “golpes preventivos” em caso de acirramento da luta de classes⁹⁶⁴. Não buscamos forçar uma relação orgânica de um grupo ao outro, mas evidenciar que sua relacionalidade ocorre não somente em termos ideológicos, e que esta proximidade organizada serve para a rápida unificação em momentos de crise. A crise cuja expectativa os fazem assumir uma postura ideológica e organizativamente específica (que não foi compartilhada pela segunda onda fascista, que não previa a possibilidade de ruptura institucional como iminente – o que não significa que não a previam ou descartavam) é entendida como sendo a crise de 2008, desencadeada no centro do sistema capitalista, os EUA, e que ainda encontra-se em seus desdobramentos – no Brasil ainda são esperadas suas consequências, foram tomadas medidas anticíclicas pelo Estado que impediram sua sincronia, mas não seus efeitos. Sublinhemos novamente, o fascismo não é contraponto da democracia liberal burguesa, a ofensiva ultraliberal das últimas décadas atende os mesmos objetivos últimos: extermínio dos partidos e centrais sindicais comunistas, submissão dos sindicatos e a expropriação massiva de direitos sociais, conquistados em séculos de lutas pelas classes subalternas.

Duas questões convergentes tornaram-se claras ao fim desta pesquisa: a necessidade da defesa da especificidade do conceito de fascismo em sua atualidade, ou seja, como ferramenta analítica para a compreensão de fenômenos deste tipo na contemporaneidade. Incorre em erro ignorar ou minimizar a capacidade de atuação destes grupos, tal como prescrito por intelectuais

⁹⁶⁴Para mais detalhes ver FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. op. cit.

como Emir Sader, para quem “*Olavo de Carvalho não existe*”⁹⁶⁵, Carlos Nelson Coutinho, que alegou ser este “*uma figura isolada*”⁹⁶⁶, ou mesmo Caio Navarro de Toledo, que em artigo dedicado a criticar o retorno da participação de Carvalho na “*Folha de S. Paulo*”, escreveu que “*examinar os trabalhos do ‘filósofo de província’ não seria pura vacuidade intelectual ou ‘render-se ao seu jogo’?*”⁹⁶⁷. Analisar criticamente movimentos e partidos fascistas (mesmo que ainda não plenamente desenvolvidos) de modo algum significa “superestimá-los” – como afirmamos em toda esta dissertação, estes são prepostos, funcionários: *os litores da nossa burguesia* – ou atribuir para estes legitimidade. Significa antes de qualquer coisa defender uma leitura totalizante das relações de forças das sociedades. Em outra perspectiva, mas neste mesmo sentido, autores como Gilles Deleuze e Michel Foucault prestaram um desserviço à capacidade explicativa das ciências humanas quando autorizaram o conceito de fascismo para análises genéricas do cotidiano social⁹⁶⁸. Assinalemos, estes posicionamentos podem levar a graves consequências políticas, estes grupos assumiram um combate diário e ininterrupto, uma guerra por eles declarada. Esta pode ainda não apresentar-se em suas facetas mais cruentas, mas ignorar ou minimizar este tipo de declaração somente tem efeito desmobilizador diante das tarefas do presente, jamais perdendo de vista que: *enquanto existir a sociedade de classes existirão cães de guarda a serviço da classe dominante.*

⁹⁶⁵SADER, E. *Olavo de Carvalho não existe*. 09.04.03. Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/04/252167.shtml>, acessado em 22.02.12.

⁹⁶⁶VALOR ECONÔMICO. “Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho”. *Valor Econômico*. 24-26.11.00. op. cit.

⁹⁶⁷TOLEDO, C. N. de. “Caio Toledo: Folha reabilita o ideólogo da ditabranda”. *Viomundo*. 19.11.11. Disponível em <http://www.viomundo.com.br/politica/caio-toledo-folha-reabilita-o-ideologo-da-ditabranda.html>, acessado em 22.02.12.

⁹⁶⁸FOUCAULT, M. “Preface”. In. DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Anti-oedipus: capitalism and schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977. p. 11-14.

BIBLIOGRAFIA:

Livros:

- ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ALMEIDA, G. R. de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- ANDERSON, P. “As antinomias de Gramsci”. In. ANDERSON, P. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- ANDERSON, P. “Balanço do neoliberalismo”. In. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o Estado democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- ARBEX JR., J. “O legado ético de Perseu Abramo e Aloysio Biondi”. In. ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.
- AZEMA, J-P. “Tempo presente” (verbete). In. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- BANDEIRA, L. A. M. *O governo João Goulart. As lutas sociais no Brasil 1961-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.
- BLOCH, M. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- BONET, L. “Anticomunismo” (verbete). In. BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UNB, 1998.
- BONNAFOUS, S. “Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen”. In. GREGOLIN, M. do R. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BOURDIEU, P. *Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século; Sociedade unipessoal, 2003.
- BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BURGUIÈRE, A. “Anais (escola dos)” (verbete). In. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- CALIL, G. G. “A pequena burguesia e projeto social”. In. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.; KOLING, P. J. *Estado e poder: Abordagens e perspectivas*. Cascavel: Edunioeste, 2008.
- CARCANHOLO, R. A. “A grande depressão do século XXI: a função do trabalho improdutivo e do capital fictício”. In. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização. Fim da história ou começo de uma nova história?* Goiânia: CEPEC, 2010.
- CARDOSO, C. F. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Bauru: EDUSC, 2005.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede. Fim de milênio. Volume 3*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede. O poder da identidade. Volume 2*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAUÍ, M. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. In. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. “Questões para a história do presente”. In. CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
- CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

- CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Global, 1986.
- CONTADOR, C. R. “Introdução”. In. KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Global, 1982.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrênia. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DIDEROT, D. *Paradoxo sobre o comediante*. São Paulo: Escala, 2006.
- EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: UNESP, 2011.
- FALCON, F. “História e poder”. In. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.
- FIGUEIREDO, L. R. “História e informática: o uso do computador”. In. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 In. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FONSECA, F. C. P. da. *O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- FONTANA, J. *A história dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004.
- FONTES, V. “A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e lutas teóricas na década de 1980” In LIMA, J. C.; NEVES, L. M. W. *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006.
- FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.
- FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Bom texto, 2005.
- FONTES, V.; GARRONI, S. “O trabalho abstrato e a cultura contemporânea, os desafios atuais do pensamento histórico” In. FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Bom texto, 2005.
- FOUCAULT, M. “Preface”. In. DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Anti-oedipus: capitalism and schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977.
- FRANSMAN, M. *Telecoms in the internet age: from boom to bust to...* Oxford University Press, 2002.
- GARCIA, A. S. “Empresas transnacionais brasileiras: dupla frente de luta”. In. INSTITUTO ROSA LUXEMBURG STIFTUNG (org.). *Empresas transnacionais brasileiras na América Latina: um debate necessário*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- GONÇALVES, R. J. M. “Antonio Gramsci, a revolução passiva e a história do Brasil”. In. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.G.; KOLING, P. J. (orgs.). *Anais do II simpósio de pesquisa Estado e Poder: a hegemonia em questão*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GRAMSCI, A. *Escritos políticos*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HERNANDES, N. *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006.
- IASI, M. L. “Nosso guia na floresta de papel: o artífice da palavra clara”. In. KONDER, L.

Introdução ao fascismo. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

IASI, M. L. *As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Global, 1982.

KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LACOUTURE, J. “A história imediata”. In. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAVABRE, M-C. “Anticomunismo” (verbetes). In. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

LE GOFF, J. “A história nova”. In. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, J. “A visão dos outros: um medievalista diante do presente”. In. CHAVEAU, A.; TÉTART, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

LÊNIN, V. I. “Como V. Zassulich combate o liquidacionismo”. *apud*. MARX, K.; ENGELS, F.; LÊNIN, V. I. *Acerca do partido*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Brasília: Nova Palavra, 2007.

LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LOUREIRO, I. *A revolução alemã, 1918-1923*. São Paulo: UNESP, 2005.

MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MARX, K. *O Capital*. Volume 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. Lima: Los Libros Más Pequeños del Mundo, 2010.

MEDEIROS, C. A. de. “O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar”. In. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MESZAROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.

MISES, L. V. *Liberalismo – segundo a tradição clássica*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal; José Olympio, 1987.

MORAZÉ, C. *A lógica da história*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

NEVES, L. M. W.; SANT’ANNA, R. “Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia”. In. NEVES, L. M. W. *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo: Xamã, 2005.

NOVAES, H. T. *O fetiche da tecnologia. A experiência das fábricas recuperadas*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. “Introdução. A complexidade da crise atual”. In. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização. Fim da história ou começo de uma nova história?* Goiânia: CEPEC, 2010.

OLIVEIRA, F. de. “O enigma de Lula: ruptura ou continuidade?” In. ESTANQUE, E.; SILVA, L. M. e; VÉRAS, R.; FERREIRA, A. C.; COSTA, H. A. (orgs.) *Mudanças no trabalho e ação sindical: Brasil e Portugal no contexto da transnacionalização*. São Paulo: Cortez, 2005.

PAILLARD, B. “Imediata (história)” (verbetes). In. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PETRAS, J. *Armadilha neoliberal e alternativas para a América Latina*. São Paulo: Xamã, 1999.

POULANTZAS, N. *As classes sociais no capitalismo hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

POULANTZAS, N. *O Estado, o poder, o socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RÉMOND, R. “Introdução”. In. RÉMOND, R. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro:

- FGV, 2003.
- RODRIGUES, G. “História: uma ciência do presente”. In. FERNANDEZ, E. P. F.; PADRÓS, E. S.; RIBEIRO, L. D. T.; GORKON, C. Van. *Contrapontos – Ensaios de história imediata*. Porto Alegre: Folha da história/Palmares, 1999.
- RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SADER, E. “Notas sobre a globalização neoliberal”. In. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.
- SAES, D. “Classe média e política”. In. FAUSTO, B. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano. Volume 3: Sociedade e Política 1930-1964. Rio de Janeiro, Bertand, 1991.
- SAES, D. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- SANTOS, M. *O poder norte-americano e a América Latina no pós-guerra fria*. São Paulo: Anneblume; Fapesp, 2007.
- SARDENBERG, R. M. “Apresentação”. In. TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil: livro verde*. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.
- SCHAFF, A. *A sociedade informática: as conseqüências sociais na segunda revolução industrial*. São Paulo: UNESP; Brasiliense, 1995.
- SCHAFF, A. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SILVA, A. S.; ORTIZ, F.; DE POLLI, M. et all. *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004.
- SILVA, C. L. *Veja: o indispensável partido neoliberal*. Cascavel: Edunioeste, 2009.
- SIMIAND, F. *Método histórico e ciência social*. Bauru: EDUSC, 2003.
- SIMONCINI, P. “Garantizar el acceso a la información”. In. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafíos a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. Buenos Aires: Ameghino, 1999.
- SRAFFA, P. *Produção de mercadorias por meio de mercadorias*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil: livro verde*. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.
- THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Sem editora, 2009.
- THOMPSON, E. P. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ZAVERUCHA, J. *Frágil democracia: Collor, Itamar, FHC e os militares (1990-1998)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Teses e dissertações:

- CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005.
- CARNEIRO, M. R. da S. R. *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2007.
- COELHO, E. *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese de Doutorado. Niterói, UFF: 2005.
- COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder: o caso da Argentina e do Brasil*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil (1984-1994)*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003.
- GARCIA, C. *PT: da ruptura com a lógica da diferença à sustentação da ordem*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2008.
- GONÇALVES, R. J. M. *História fetichista: o aparelho de hegemonia filosófico Instituto Brasileiro de Filosofia/Convivium (1964-1985)*. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009.
- HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes: redes discursivas em uma enciclopédia online*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

- MELLO, N. B. *Subdesenvolvimento, imperialismo, educação, ciência e tecnologia no Brasil: a subordinação reiterada*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2004.
- MONTEIRO, A. Q. *Trabalho, ciberespaço e acumulação de capital: estudo sobre produção e consumo na interatividade da internet comercial*. Dissertação de Mestrado. Marília: UNESP, 2008.
- MUNIZ, K. da S. *Piadas: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004.
- OLIVEIRA, F. R. de. *Trajetórias intelectuais no exílio: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974)*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2010.
- OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do “novo sindicalismo”: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008.
- PEREIRA, J. M. M. *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944-2008)*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2009.
- PERISSINOTTO, R. M. *Estado e capital cafeeiro: burocracia e interesse de classe na condução da política econômica (1889-1930)*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997.
- SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008.
- SIMON, C. L. *Launching the DNS war: dot-com privatization and the rise of global internet governance*. Tese de Doutorado. Coral Gables: University of Miami, 2006.
- ZEN, L. F. G. *“A conciliação das elites” projeto hegemônico de democracia na revista Veja 1982-1985*. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido: UNIOESTE, 2009.

Revistas acadêmicas:

- BOITO JR, A. “Classe média e sindicalismo”. *Politeia: história e sociedade*. n.º. 1. Volume 4. Vitória da Conquista: DEHIS UESB, 2004.
- BORON, A. “El fascismo como categoria histórica: en torno del problema de las dictaduras en América Latina”. *Revista Mexicana de Sociologia*. n.º. 2. México: UNAM, 1977.
- DANTAS, G. “O desequilíbrio econômico na Grécia, as rebeliões operárias e os limites da atual política anticrise”. *Antítese*. n.º. 8. Goiânia: CEPEC, 2010.
- DIAS, E. F. “Democrático e popular?”. *Outubro*. n.º. 8. São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2003.
- MACIEL, D. “‘Melhor impossível’: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula”. *Universidade e Sociedade*. n.º. 46. Brasília: ANDES-SN, 2010.
- ROIZ, D. da S. “A reconstituição do passado e o texto literário: a resposta dos historiadores à ‘virada linguística’”. *Diálogos*. n.º. 3. Volume 13. Maringá: DEHIS/PPGH UEM, 2009.
- SAES, D. “Classe média e políticas de classe (uma nota teórica)”. *Contraponto: Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos Noel Nutels*. Ano II, n.º. 2, novembro 1977.
- SANTOS, T. dos. “Socialismo y fascismo en América Latina hoy”. *Revista Mexicana de Sociologia*. n.º. 1. México: UNAM, 1977.

Sites:

- AFONSO, C. A. *Internet no Brasil: o acesso para todos é possível?* Disponível em <http://reseau.crdi.ca/uploads/user-S/10245206800panlacafoant.pdf>, acessado em 10.10.10.
- AGÊNCIA REUTERS. *Classes A e B lideram e-commerce brasileiro*. 08.12.10. Disponível em <http://info.abril.com.br/noticias/mercado/classes-a-e-b-lideram-e-commerce-brasileiro-08122010-28.shl>, acessado em 05.01.11.
- ALEXA. *Consulta por* www.midiaseम्मascara.org. Disponível em <http://www.alexa.com/siteinfo/midiaseम्मascara.org#>, acessado em 13.02.10.
- ALEXA. *Site info for* www.olavodecarvalho.org. 19.01.12. Disponível em

<http://www.alexa.com/siteinfo/olavodecarvalho.org#>, acessado em 19.02.12.

ALVES, N.; GALHARDO, R. “Extrema direita universitária se alia a skinheads. Jovens estudantes neo-conservadores fogem ao estereótipo de arruaceiros mas defendem ação violenta das gangues”. *Ig*. 26.09.11. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/extrema-direita-universitaria-se-alia-a-skinheads/n1597226175495.html>, acessado em 14.11.11.

AMARAL, M. “Conversas com Mr. DOPS”. *Pública*. 09.02.12. Disponível em <http://apublica.org/2012/02/conversas-mr-dops/>, acessado em 14.02.12.

ANDERSON, P. “Lula’s Brazil”. *London Review of Books*. Vol. 33, nº. 7, 31.03.2011. Disponível em <http://www.lrb.co.uk/v33/n07/perry-anderson/lulas-brazil>, acessado em 10.09.11.

ANDES-SN. *Educação à distância, abertura do mercado educacional ao capital estrangeiro e ampliação espúria da educação superior: Uma crítica à política de EAD do governo Lula da Silva*. Disponível em <http://www.andes.org.br/imprensa/Uploads/Circ290-05.zip>, acessado em 13.11.10.

ANEMONE. *What is it?*. Disponível em <http://anemone.rubyforge.org/>, acessado em 13.02.12.

ARTEN, F. *O domínio norte-americano e a dromocracia na sociedade cibercultural*. Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_pi-arten.pdf, acessado em 20.08.10.

ATTUCH, L. “A redenção da Delfin”. *Istoé Dinheiro*. 05.04.06. Disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843_A+REDENCAO+DA+DELFIN, acessado em 14.01.11.

AVESTRAND, H. T. *RFC 3935*. Disponível em <http://www.ietf.org/rfc/rfc3935.txt>, acessado em 12.01.11.

BAB.LA. *Brokerage* (verbete). Disponível em <http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/brokerage>, acessado em 09.10.11.

BAHADUR, G. “Nativist militias get a Tea-Party makeover”. *The Nation*. 28.10.10. Disponível em http://www.theinvestigativefund.org/investigations/immigrationandlabor/1420/nativist_militias_get_a_tea-party_makeover/, acessado em 04.06.11.

BARBIERI, C. P. *Perversão, humor e sublimação*. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso, acessado em 30.09.10.

BARBOSA, A. F.; CAPPI, J.; GATTO, R. *Os caminhos para o avanço do governo eletrônico no Brasil*. Disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo63.htm>, acessado em 04.04.11.

BARBOSA, J. R. “Entre milícias e militantes (III): skinheads nacional-socialistas e integralistas e os “carecas do subúrbio”. *Passapalavra*. 07.05.09. Disponível em <http://passapalavra.info/?p=6041>, acessado em 03.05.11.

BARBOSA, J. R. “Ideologia e intolerância: a extrema direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do eixo”. *Aurora*. nº. 2. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/aurora_dossie_01.pdf, acessado em 04.07.2011.

BARONAS, R. L. *Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada*. Disponível em <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/7.pdf>, acessado em 30.10.10.

BARRETO, A. de A. *Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica*. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651998000200003&script=sci_arttext&tlng=es, acessado em 13.10.10.

BARROS, C. *Para um novo paradigma historiográfico*. Disponível em http://www.h-debate.com/cbarros/spanish/articulos/nuevo_paradigma/hacia/tempo.htm, acessado em 10.09.10.

BATISTA, A. B. “Paulo Francis e o cenário político-ideológico de 1989: Análise do discurso sobre o fim do socialismo no leste europeu’ e ‘o perigo Lula’ no processo político-eleitoral brasileiro daquele ano”. *Anais do Simpósio Nacional de História 2011*. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846_ARQUIVO_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf, acessado em 20.02.12.

BATISTA, P. N. *O Consenso de Washington*. A visão neoliberal dos problemas latino-americanos. Disponível em http://www.fau.usp.br/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aup0270/4dossie/nogueira94/no

g94-cons-washn.pdf, acessado em 13.01.11.

BBC BRASIL. “Crise econômica é combustível para ascensão do Tea Party”. *BBC Brasil*. 28.10.10. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/bbc/crise+economica+e+combustivel+para+ascensao+do+tea+party/n1237813538498.html>, acessado em 11.05.11.

BBC.BRASIL. “Entenda a crise na Grécia e suas implicações”. *BBC.Brasil*. 29.07.11. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110616_entenda_crisegrega_pai.shtml, acessado em 14.01.12.

BECKSTROM, R. *O futuro da ICANN. Fala de abertura do Primeiro fórum .ORG anual*. Washington, 28.01.10. Disponível em <http://www.icann.org/pt/presentations/future-of-icann-beckstrom-28jan10-pt.htm>, acessado em 16.10.11.

BERNARDO, J. “Entre a luta de classes e o ressentimento. A propósito do artigo “Cadilhe, o 'coveiro rico””. *Passapalavra*. 26.03.09. Disponível em <http://passapalavra.info/?p=1852>, acessado em 04.07.2011.

BOITO JR., A. “Burguesia no governo lula”. *Crítica Marxista*. n.º. 21, 2005. Disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-A-boito.pdf>, acessado em 29.01.12.

BOITO JR., A. “Neoliberalismo e relações de classe no Brasil”. *Idéias*. n.º. 1. Disponível em <http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf>, acessado em 29.01.12.

BOITO JR., A. *As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil*. Disponível em <http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf>, acessado em 22.01.12.

BOITO JR., A.; GALVÃO, A.; MARCELINO, P. *Brasil: o movimento sindical e popular na década de 2000*. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal26/05boito.pdf>, acessado em 10.11.11.

BOLAÑO, C. R. S.; CASTAÑEDA, M. V. *A economia política da internet e sua crise*. Disponível em <http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolívia2002/trabalhos%20completos%20Bolívia%202002/GT%20%20%20cesar%20bolano/Marcos%20Bolano.doc>, acessado em 01.09.10.

BORGES, A. *Eduardo Graeff e o submundo tucano*. Disponível em <http://www.advivo.com.br/blog/spin-in-progress/eduardo-graeff-e-o-submundo-tucano>, acessado em 17.01.12.

BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. Disponível em <http://tupiwire.files.wordpress.com/2011/01/neoimilolavo.png>, acessado em 13.02.12.

BRENNER, R. “A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão?”. *Outubro*. n.º. 3. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3_02.pdf, acessado em 13.10.11.

BRESSANE, R. “Senhora do destino”. *Trip*. n.º. 138. Disponível em <http://revistatpm.uol.com.br/49/vermelhas/home.htm>, acessado em 03.03.12.

BRYAN, N. A. P. “Educação, trabalho e tecnologia em Marx”. *Educação & Tecnologia*. n.º. 1. Disponível em <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1010>, acessado em 10.10.11.

CAMUS, J-Y. “Metamorfoses políticas na Europa”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. Disponível em <http://diplo.org.br/2002-05,a299>, acessado em 10.05.11.

CAPÍTULO BRASILEIRO DO CLUBE DE ROMA. *Quem somos*. <http://www.clubofrome.at/brasil/organisation/index.html>, acessado em 29.12.11.

CARCANHOLO, M. D. “Crise econômica atual: seus impactos para a organização da classe trabalhadora”. *Aurora*. n.º. 6. Disponível em <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/1%20CARCANHOLO.pdf>, acessado em 04.06.11.

CARVALHO, M. L. B. de. *Linha do tempo da internet no Brasil*. Disponível em <http://homepages.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/Brasil.html>, acessado em 20.10.10.

CAVALCANTI, J. C. *Economia de redes*. Disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo1.htm>, acessado em 04.11.10.

CBS NEWS/NEW YORK TIMES POLL. “The tea party movement: who they are”. *CBS News*. 5-12.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/htdocs/pdf/poll_tea_party_who_they_are_041410.pdf?tag=contentMain;contentBody, acessado em 07.05.11.

CENTRAL NACIONAL DE ASTROLOGIA. *Juan Alfredo César Müller*. 27.01.10. Disponível em <http://cnaastrologia.org.br/site/blog/2010/01/27/juan-alfredo-cesar-muller/>, acessado em 10.01.11.

CETIC.BR. *Estatísticas diárias por categoria*. Disponível em <http://www.cetic.br/dominios/index.htm>, acessado em 13.02.12.

CGI.BR. “No podium”. *Revista CGI.br*. nº 3. Disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03>, acessado em 18.11.10.

CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTER*. Disponível em <http://www.nic.br/grupo/gter.htm>, acessado em 20.12.10.

CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTS*. Disponível em <http://www.nic.br/grupo/gts.htm>, acessado em 13.12.10.

CGI.BR. *Histórico*. Disponível em <http://www.cgi.br/sobre-cg/definicao.htm>, acessado em 30.10.10.

CHESNAIS, F. “A teoria do regime de acumulação financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações”. *Economia e Sociedade*. nº. 1. Disponível em <http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/instituto/revistas/economia-e-sociedade/V11-F1-S18/01-Chesnais.pdf>, acessado em 16.10.11.

CHOMSKY, N. “A raiva mal dirigida nos EUA”. *Agência Carta Maior*. 25.11.10. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17214, acessado em 05.05.11.

CIA. *World factbook*. Disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2079rank.html?countryName=United%20States&countryCode=us®ionCode=noa&rank=1#us>, acessado em 10.10.11.

CINTRA, A.; LOBREGATTE, P. “A deterioração ética e moral do jornalismo. Entrevista com Luis Nassif”. *Portal Vermelho*. 05.03.08. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=2796, acessado em 20.01.12.

CLINTON, W. J.; GORE JR., A. *Technology for America's economic growth, a new direction to build economic strength*. 22.02.1993. Disponível em <http://ntl.bts.gov/lib/jpodocs/briefing/7423.pdf>, acessado em 14.03.11.

CMI Brasil. *Leia com atenção*. Disponível em <http://prod.midiaindependente.org/indymediabr/servlet/OpenMir>, acessado em 14.11.11.

CODATO, A. N. “O golpe de 1964: luta de classes no Brasil – a propósito de 'Jango', de Silvio Tendler”. *Espaço Acadêmico*. nº. 36. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/036/36ccodato.htm>, acessado em 15.04.11.

COGGIOLA, O. “O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial”. *Olho da história*. nº. 1. Disponível em <http://www.oohodahistoria.ufba.br/01sentid.html>, acessado em 01.06.11.

COSTA, P. R. N. “Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990”. *Opinião Pública*. nº. 2. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci_arttext, acessado em 21.01.12.

COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 57. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a07v2057.pdf>, acessado em 20.01.12.

DESCICLOPÉDIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo_de_Carvalho, acessado em 19.01.12.

DIAS, E. F. “Reestruturação produtiva: forma atual da luta de classes”. *Outubro*. nº. 1. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01_03.pdf, acessado em 16.10.11.

DIEESE. *Médias anuais do salário mínimo*. Disponível em <http://www.dieese.org.br/esp/salmin/tabela.zip>, acessado em 10.09.11.

DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Universidade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da270620011.htm>, acessado em 13.01.12.

ECOMMERCE.ORG. *Os 20 países com maior número de usuários da internet*. Disponível em <http://www.e-commerce.org.br/stats.php>, acessado em 13.02.12.

ESTADÃO.COM.BR. “As medidas do Brasil contra a crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.04.09. Disponível em <http://www.estadao.com.br/especiais/as-medidas-do-brasil-contr-a-crise,54143.htm>, acessado em 14.01.12.

ESTADÃO.COM.BR. “Como o mundo reage à crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.10.08 atualizado em 08.06.09. Disponível em <http://www.estadao.com.br/especiais/como-o-mundo-reage-a-crise,32895.htm>, acessado em 18.01.12.

FEDERAL NETWORKING COUNCIL. *Definition of internet*. Disponível em http://www.nitrd.gov/fnc/Internet_res.html, acessado em 14.10.11. Tradução nossa.

FELITTI, G. “IGF 2007 confirma função do ICANN, mas debate novo gerenciamento”. *IDGNow!* Disponível em <http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/11/19/idgnoticia.2007-11-19.8192687980>, acessado em 10.11.10.

FOLHA ONLINE. “Entenda a crise hipotecária que atinge a economia dos EUA”. *Folha de S. Paulo*. 11.07.08. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u421556.shtml>, acessado em 14.01.12.

FONSECA, F. *O ultraliberalismo e seus contendores*. Disponível em <http://cbrayton.files.wordpress.com/2006/09/teopol15.pdf>, acessado em 17.02.12.

FONTES, V. *Considerações sobre um debate eleitoral*. Disponível em <http://www.artnet.com.br/~gramsci/arquiv236.htm>, acessado em 10.10.10.

FREE NET PROJECT. *Home*. Disponível em <http://freenetproject.org/>, acessado em 20.02.12.

GADELHA, A. C. “Editorial”. *Revista CGI.br*. n.º. 3. Disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03>, acessado em 18.11.10.

GANTOIS, G. *Aumento do crédito e do consumo são heranças de Lula*. Governo aproveitou os anos dourados da economia mundial, mas deixa inflação em risco. 31.12.2010. Disponível em <http://noticias.r7.com/economia/noticias/aumento-do-credito-e-do-consumo-sao-herancas-de-lula-20101231.html>, acessado em 13.03.11.

GENTILI, V. “Levinsohn vs. Veja”. *Observatório da imprensa*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da090520011.htm>, acessado em 22.01.12.

GIANNOTTI, V. “Comunicação e hegemonia. A batalha da hegemonia exige convencimento e força”. *Brasil de Fato*. 18.10.11. Disponível em <http://www.brasildefato.com.br/content/comunica%C3%A7%C3%A3o-e-hegemonia>, acessado em 14.11.11.

GLOBAL ONENESS. *History of the internet: encyclopedia II - history of the internet - maintaining the infrastructure*. Disponível em http://www.experiencefestival.com/a/History_of_the_Internet_-_Maintaining_the_infrastructure/id/5164084, acessado em 12.01.11.

GODADDY.COM. *Web site analytics*. Disponível em <http://www.godaddy.com/hosting/website-analytics.aspx?ci=9035>, acessado em 13.02.11.

GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. “Direita na mídia”. *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo_destaca_ascensao_da_dir_eita_na_midia, acessado em 14.01.12.

GOODMAN, A. “É uma guerra de classes!: entrevista com Michael Moore”. *Passapalavra*. 13.05.11. Disponível em <http://passapalavra.info/?p=39776>, acessado em 13.05.11.

GORENDER, J. “Hegemonia burguesa – reforçada pela prova eleitoral de 94”. *Crítica Marxista*. n.º. 2. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/cm_2.1.pdf, acessado em 16.01.12.

HARTUNG, W. “Profits of war: the fruits of the permanent military-industrial complex”. *Multinational monitor*. janeiro/fevereiro, 2005. Disponível em

http://www.thirdworldtraveler.com/Military_Industrial_Complex/Profits_of_War.html, acessado em 08.10.11.

HENNESSEY, K. “Tea parties form a federation, but don't call them organized”. *Los Angeles Times*. 08.04.10. Disponível em <http://articles.latimes.com/2010/apr/08/nation/la-na-tea-federation9-2010apr09>, acessado em 08.05.11.

HISTÓRIA AGORA. “Entrevista com o professor Ciro Flamarion Cardoso (19.03.07)”. *História Agora*. n.º 1. Disponível em http://www.historiagora.com/index.php?option=com_content&task=view&id=10&Itemid=30, acessado em 10.09.10.

HTMSTAFF. *História da internet*. Disponível em <http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=65>, acessado em 13.07.10.

IANNI, O. “O príncipe eletrônico”. *Questiones*. n.º 4. Disponível em <http://www.journals.unam.mx/index.php/cuc/article/view/2033/1595>, acessado em 20.12.10.

IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/ianni.rtf>, acessado em 20.12.10.

ICANN. *Board representation by nationality*. Disponível em <http://www.icann.org/en/maps/board.htm>, acessado em 12.12.10.

ICANN. *Fatos*. Disponível em <http://www.icann.org.br/general/fact-sheet.html>, acessado em 12.12.10.

ICANN. *Nominees of the 2003 Nominating Committee to the ICANN board, GNSO council, and At-Large advisory committee*. 16.06.03. Disponível em <http://www.icann.org/en/committees/nom-comm/nominee-biographies-16jun03.htm>, acessado em 05.12.11.

IETF. *NomCom*. Disponível em <http://www.ietf.org/nomcom/>, acessado em 12.01.11.

INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Historique*. Disponível em <http://www.ihp.cnr.fr/spip.php%3Frubrique1&lang=fr.html>, acessado em 13.09.10.

INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. Disponível em http://web.archive.org/web/*/http://www.midiasemmascara.org, acessado em 13.10.10.

INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta sobre www.olavodecarvalho.org*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20020802221943/www.olavodecarvalho.org/>, acessado em 13.10.10.

INTERNET WORLD STATS. *Internet world users by language*. Disponível em www.internetworldstats.com/stats7.htm, acessado em 10.09.10.

ISTOÉ DINHEIRO. “Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn”. *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. Disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADAS, acessado em 13.01.12.

JALIFE-RAHME, A. “As 10 transnacionais secretas que controlam as matérias primas”. *Agência Carta Maior*. 08.05.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17766, acessado em 10.05.11.

JONSSON, P. “As others bolt, Sarah Palin stands by 'tea party' convention”. *Christian Science Monitor*. 03.02.10. Disponível em <http://www.csmonitor.com/USA/Politics/2010/0203/As-others-bolt-Sarah-Palin-stands-by-tea-party-convention>, acessado em 08.05.11.

KNEBEL, P. “Estudo ressalta a nova classe média digital no país”. *Jornal do Comércio*, 01.11.2010. Disponível em <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=45175>, acessado em 05.01.11.

KOBAYASHI, M.; TAKEDA, K. “Information retrieval on the web”. *ACM Computing Surveys*. n.º 2, volume 32, junho de 2000. Disponível em <http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=358923.358934>, acessado em 13.02.12.

KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise econômica actual*. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Orgdemo/A_severidade_da_crise_economica_atual_S_et_2010.doc, acessado em 13.10.11.

LÊNIN, V. I. *As três partes e as três fontes constitutivas do marxismo*. Disponível em

[http://files.agb-recife.webnode.com.br/200000028-b54e4b649e/As%20Tr%C3%AAs%20Fontes%20e%20as%20Tr%C3%AAs%20partes%20Constitutivas%20do%20Marxismo%20\(Lenin\).pdf](http://files.agb-recife.webnode.com.br/200000028-b54e4b649e/As%20Tr%C3%AAs%20Fontes%20e%20as%20Tr%C3%AAs%20partes%20Constitutivas%20do%20Marxismo%20(Lenin).pdf), acessado em 14.10.11.

LÊNIN, V. I. *Que fazer?* Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/cap01.htm>, acessado em 31.12.11.

LESSA, S. “Marxismo e ética”. *Crítica Marxista*. n.º. 14. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/D_SLessa.pdf, acessado em 20.02.12.

LEVINE, A. “Protestos nos Estados Unidos: por que Madison importa”. *Agência Carta Maior*. 28.02.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17493, acessado em 07.05.11.

LEVINE, Y. “How the Tea Party gave new life to mexican-hunting ultra-right extremists”. *The Exiled*. 07.06.11. Disponível em <http://exiledonline.com/how-the-tea-party-gave-new-life-to-mexican-hunting-ultra-right-extremists>, acessado em 10.07.11.

LIMA, R. *Como era gostoso meu Wunderblog*. Disponível em <http://www.nacaradogol.mondo-exotica.net/arquivo/002520.htm>, acessado em 19.01.12.

Literalmente um “pedido de comentário”, documento que descreve previamente os padrões de cada protocolo da rede a serem considerados um padrão.

LITMAN, J. *The DNS wars: trademarks and the internet Domain Name System*. Disponível em <http://www-personal.umich.edu/~jdlitman/papers/DNSwars.pdf>, acessado em 12.01.11.

LÖWY, M. “O romantismo revolucionário de maio 68”. *Espaço Acadêmico*. n.º. 84. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/084/84esp_lowyp.htm, acessado em 10.08.10.

MACHADO, C. E. “Para ‘mentor’ do Wunderblog.com, blogueiro tem ironia e falta de respeito”. *Folha.com*. 03.07.04. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45593.shtml>, acessado em 19.01.12.

MACIEL, D. “Florestan Fernandes e a questão do transformismo na transição democrática brasileira”. *IV Simpósio Gepal*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt8/11_davidmaciel.pdf, acessado em 10.01.12.

MACIEL, D. “Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula”. *Anais Marx e o marxismo 2011: teoria e prática*. Disponível em <http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MM2011/TrabalhosPDF/AMC401F.pdf>, acessado em 10.12.11.

MAIA, J. M. “Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n.º. 71. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092009000300011&script=sci_arttext&tlng=., acessado em 17.05.11.

MARTINS, R. “Veríssimo: imprensa brasileira é de direita”. *Direto da Redação*. 19.11.07. Disponível em <http://www.diretodaredacao.com/noticia/verissimo-imprensa-brasileira-e-de-direita>, acessado em 21.01.12.

MARX, K. “Maquinaria e trabalho vivo (os efeitos da mecanização sobre o trabalhador)”. *Crítica Marxista*. n.º. 1. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/CM_1.7.pdf, acessado em 11.10.11.

MICHAELS, W. B. “Contra o comunismo e o neoliberalismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11.10. Disponível em <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=806&PHPSESSID=fd25e6e417b75f7999578b00b7767c3c>, acessado em 12.05.11.

MINIMUM-WAGE.ORG. *Minimum wage by state 2011*. Disponível em <http://www.minimum-wage.org/wage-by-state.asp>, acessado em 13.05.11. Supondo como média \$7.25 por hora, um trabalhador que cumpra 40 horas semanais, em um ano terá recebido o salário de 13.920 dólares.

MOLIANI, J. A. *Curriculum lattes*. Disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=N539772>, acessado em 23.01.12.

MONTOPOLI, B. “Tea Party supporters: who they are and what they believe”. *CBS News*. 14.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20002529-503544.html,

acessado em 10.05.11.

MONTOPOLI, B.; HENDIN, R. “What is the Tea Party Movement?”. *CBS News*. 15.09.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20016540-503544.html#ixzz1MAmO98oe, acessado em 05.05.11.

MORA, E. A. “Tensões na formação profissional da CUT e na disputa dos fundos públicos”. *Outubro*. n.º. 6. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/06/out6_06.pdf, acessado em 10.11.10.

MORAES, D. de. “Mídia e poder mundial”. *História e Luta de Classes*. n.º. 2, fevereiro, 2006. Disponível em <http://site.projetoam.com.br/arquivos/revistas/2.Linguagem%20Comunicacao%20e%20Cultura.edicaocompleta.pdf>, acessado em 13.10.11.

MORAES, R. C. “Neoliberalismo e neofascismo - ès lo mismo pero no ès igual?”. *Crítica Marxista*. n.º. 7. Disponível em <http://www.unicamp.br/ce marx/criticamarxista/critica7parte6dossie.pdf>, acessado em 04.07.2011.

MOREIRA, D. “O que é uma startup?”. *Exame.com*. 20.10.10. Disponível em <http://exame.abril.com.br/pme/dicas-de-especialista/noticias/o-que-e-uma-startup>, acessado em 09.10.11.

MUELLER, R. S. III. *Countering the terrorist threat*. Preparedness group conference. 06.10.10. Disponível em <http://www.fbi.gov/news/speeches/countering-the-terrorism-threat>, acessado em 12.11.10.

NIC.BR/CGI.BR. *TIC domicílios e TIC empresas 2007. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil: a evolução da internet no Brasil 2008*. Disponível em <http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf>, acessado em 12.11.10.

NIELSEN, J. *Hypertext'87 Trip Report*. Disponível em <http://www.useit.com/papers/tripreports/ht87.html>, acessado em 06.07.11.

NÓBREGA, J. “Alternativa P2P tenta desafiar ICANN”. *Computerworld.com.pt*. 30.11.10. <http://www.computerworld.com.pt/2010/11/30/alternativa-p2p-tenta-desafiar-icann>, acessado em 12.12.10.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Objetivos*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/objetivos.asp>, acessado em 10.10.10.

OLIVEIRA, F. de. “O momento Lênin”. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n.º. 75. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci_arttext, acessado em 29.01.12.

OLIVEIRA, F. de. *O ornitorrinco*. Disponível em <http://afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Oliveira,%20Francisco/Francisco%20de%20Oliveira%20-%20%20O%20Ornitorrinco.rtf>, acessado em 13.12.10. Grifos nossos.

OPERAMUNDI. “Movimento conservador Tea Party aumenta doações para republicanos nos EUA”. *Operamundi*. 21.09.10. Disponível em http://operamundi.uol.com.br/noticias/MOVIMENTO+CONSERVADOR+TEA+PARTY+AUMENTA+DOACOES+PARA+REPUBLICANOS+NOS+EUA_6493.shtml, acessado em 13.05.11.

PADRÓS, E. S. “História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos”. *Tempo e argumento*. n.º. 1. Disponível em <http://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/708/599>, acessado em 12.12.10.

PATSCHIKI, A. *Semantic spider*. Disponível em <https://github.com/arielpts/semantic-spider>, acessado em 13.02.12.

PATSCHIKI, L. *Tabela anexo 1194*. Disponível em <http://www.mediafire.com/?8kmur3bo6hg1ac4>, acessado em 20.02.12.

PAULANI, L. M. “A crise do regime de acumulação com dominância da valorização financeira e a situação do Brasil”. *Estudos Avançados*. n.º. 66. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a03v2366.pdf>, acessado em 15.01.12.

PINTO, L. F. “Paulo Francis e a bomba esquecida”. *Observatório da Imprensa*. 04.05.10. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/paulo-francis-e-a-bomba>

esquecida, acessado em 14.01.11.

POSTEL, J. *RFC 349*. Disponível em <http://tools.ietf.org/html/rfc349>, acessado em 12.01.11.

POULANTZAS, N. *As classes sociais*. Disponível em http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/as_classes_sociais.pdf, acessado em 10.03.10.

R7. *Confrontos virtuais vão substituir a guerra fria, diz ex-agente da CIA*. Governos ainda discutem represálias aos ataques virtuais. Disponível em <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/confrontos-virtuais-va-substituir-a-guerra-fria-diz-ex-agente-da-cia-20110803.html>, acessado em 16.10.11.

RECUERO, R. *Uma reflexão sobre redes sociais online e offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/uma_reflexao_sobre_redes_sociais_online_e_offline.html, acessado em 13.10.10.

RECUERO, R. *Redes sociais online x redes sociais offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/redes_sociais_online_x_redes_sociais_offline.html, acessado em 23.10.10.

RÉMOND, R. *Por que a história política?* Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1975>, acessado em 10.09.10.

REYNOLDS, J. K. *RFC 1060*. Disponível em <http://tools.ietf.org/html/rfc1060>, acessado em 12.01.11.

RIPAMONTE, N. *Os riscos do grande avanço na democratização da internet*. Disponível em [http://www.cbeji.com.br/br/downloads/secao/O%20Comitê%20Gestor%20da%20Internet%20do%20Brasil%2001_07_04\[1\].doc](http://www.cbeji.com.br/br/downloads/secao/O%20Comitê%20Gestor%20da%20Internet%20do%20Brasil%2001_07_04[1].doc), acessado em 10.10.10.

RODA VIVA. *Entrevista com Octavio Ianni*. 25.11.01. Transcrição disponível em <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0776>, acessado em 20.12.10.

ROWEN, B. *History of the tea party movement*. Disponível em <http://www.infoplease.com/us/government/tea-party-history.html>, acessado em 01.05.11.

SADER, E. *Olavo de Carvalho não existe*. 09.04.03. Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/04/252167.shtml>, acessado em 22.02.12.

SALVADORI, F. “Banda larga no Brasil é cara e ruim; entenda”. *Galileu*. Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI138571-17770,00-BANDA+LARGA+NO+BRASIL+E+CARA+E+RUIM+ENTENDA.html>, acessado em 03.05.11.

SANTOS, I. G. “A ‘eficiência real’: apontamentos de Gramsci para uma história/concepção dos partidos políticos”. *Anais V CEMARX*. Disponível em http://www.unicamp.br/ce marx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessao2/Igor_Santos.pdf, acessado em 19.03.11.

SARTORATO, D. “Afif diz que só paulistas têm vontade de trabalhar”. *ABDCD Maior*. 20.05.08. Disponível em http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=6774, acessado em 22.01.12.

SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. 23.02.00. Disponível em https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2000/cyberthreats_022300.html, acessado em 10.10.10.

SIAFI. *Banco de dados* (execução do Orçamento da União). Disponível em <http://www.camara.gov.br/internet/orcament/bd/exe2010mdb.EXE>, acessado em 13.10.11. Elaboração: Auditoria Cidadã da Dívida.

SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. Disponível em http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=34, acessado em 04.07.2011.

SILVEIRA, L. “Fabricação de Ideias, Produção de Consenso: Estudo de Caso do Instituto Millenium e Casa das Garças”. *XXVIII Congresso anual da ALAS*. Disponível em http://www.sistemasmart.com.br/alas/arquivos/alas_GT17_Luciana_Silveira.pdf, acessado em 15.02.12.

SMANIOTTO, M. A. “Software livre e possibilidades contra-hegemônicas”. *Anais IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina*. Disponível em <http://www.uel.br/grupo->

pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt2/12_MarcosSmaniotto.pdf, acessado em 20.02.12.

SOARES, E. P. G. *Entenda a crise da economia dos EUA e sua extensão*. 01.10.08. Disponível em <http://www.umavisaodomundo.com/2008/10/entenda-crise-economia-eua.html>, acessado em 14.01.12.

TAVARES, M. da C. “A retomada da hegemonia norte-americana”. *Revista de Economia Política*. n.º. 2. Disponível em <http://www.rep.org.br/pdf/18-1.pdf>, acessado em 13.02.11.

TELECO. *Privatização: telecomunicações no mundo. Evolução do setor de telecomunicações*. Disponível em http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialprivat/pagina_2.asp, acessado em 09.10.11.

TOLEDO, C. N. de. “Caio Toledo: Folha reabilita o ideólogo da ditabranda”. *Viomundo*. 19.11.11. Disponível em <http://www.viomundo.com.br/politica/caio-toledo-folha-reabilita-o-ideologo-da-ditabranda.html>, acessado em 22.02.12.

TOLEDO, C. N. de. “Crônica política sobre um documento contra a 'ditabranda'”. *Sociologia Política*. n.º. 34. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a14v17n34.pdf>, acessado em 20.03.11.

TRAVIS, S. “Herman Cain wins Tea Party presidential live straw poll at Phoenix summit”. *CNN Political Tick*. 27.02.11. Disponível em <http://politicalticker.blogs.cnn.com/2011/02/27/herman-cain-wins-tea-party-presidential-live-straw-poll-at-phoenix-summit/>, acessado em 10.05.11.

UOL NOTÍCIAS. *Reunião mundial no Rio debate internet mais segura e democrática*. 10.11.07. Disponível em <http://governanca.cgi.br/noticias/reuniao-mundial-no-rio-debate-internet-mais-segura-e-democratica-1>, acessado em 12.10.10.

VACCA, G. *Guerra de posição e guerra de movimento*. Disponível em <http://www.franca.unesp.br/GUERRA%20DE%20MOVIMENTO.pdf>, acessado em 06.01.12.

VALOR ECONÔMICO. “Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho”. *Valor Econômico*. 24-26.11.00. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al0512200091.htm>, acessado em 21.01.12.

VELOSO, E. M. *Legislação sobre internet no Brasil*. Consultoria Legislativa da Câmara de Deputados, 05.09. Disponível em http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/fiquePorDentro/temas/regulacao_da_internet/2009-6863%20Estudo%20Internet.pdf, acessado em 12.12.10.

VIANA, N. “Crise financeira, Estado e regularização jurídica”. *Direito GV*. n.º. 6. Disponível em <http://www.direitogv.com.br/subportais/publica%C3%A7%C3%B5e/direitogv10/06.pdf>, acessado em 13.10.11.

VIDAL, D. “A perseguição ao Islã e o neofascismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. Disponível em <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=843&PHPSESSID=42aea8cb512dc16234fbde253a5e6e7e>, acessado em 04.07.2011.

WIKIPEDIA. *Data mining* (programming language). Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Ruby_\(programming_language\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Ruby_(programming_language)), acessado em 13.02.12.

WIKIPEDIA. *Data mining*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Data_mining, acessado em 13.02.12.

WIKIPEDIA. *Diego Casagrande*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Diego_Casagrande, acessado em 12.12.10.

WIKIPEDIA. *Internet Assigned Numbers Authority*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Assigned_Numbers_Authority, acessado em 12.01.11.

WIKIPEDIA. *Internet Engineering Task Force*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Engineering_Task_Force#Chairs, acessado em 12.01.11.

WIKIPEDIA. *Script* (computing). Disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Script_\(computing\)#cite_note-1](http://en.wikipedia.org/wiki/Script_(computing)#cite_note-1), acessado em 13.02.12.

ZANOTTO, G. “Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação” *In. Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências*. Disponível em http://www.larc.ufsc.br/arquivos/TFP_cristianismo_soc_salvacao.pdf,

acessado em 13.02.12.

FONTES:

Livros:

CARVALHO, O. de. *A longa marcha da vaca para o brejo & os filhos da PUC*. O imbecil coletivo II. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

CARVALHO, O. de. *O futuro do pensamento brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade da Cidade, 1997.

CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo I*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997.

CARVALHO, O. de. *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

SCHOPENHAUER, A. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

Sites:

ABREU, K. *Discurso no senado*. 11.04.11. Disponível em <http://www.visoesdiversas.com/2011/04/discurso-da-katia-abreu.html>, acessado em 13.04.11.

ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. Disponível em <http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/olavcrtl.htm>, acessado em 19.02.11.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *A ACSP*. Disponível em <http://www.acsp.com.br/institucional/institucional.html>, acessado em 21.01.12.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional_historia.html, acessado em 21.01.12.

BERTOL, R. “Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *O Globo*. 25.05.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/acidental.htm>, acessado em 13.11.11.

BOEIRA, M. *Porque Weimar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/conservadorismo/11378-por-que-weimar-cedeu-ao-totalitarismo.html>, acessado em 01.04.11.

BRASIL ANTI ANTIFA. *O ato e outras cositas mas...* Disponível em <http://brasilantiantifa.blogspot.com/>, acessado em 14.01.12.

BRUNO, L. *Diga não aos verdadeiros golpistas*. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/governo-do-pt/11425-diga-nao-aos-verdadeiros-golpistas.html>, acessado em 20.12.10.

BRUNO, L. *O liberalismo visto pelo imaginário universitário*. 08.05.09. Disponível em <http://cavaleiroconde.blogspot.com/2009/04/o-liberalismo-visto-pelo-imaginario.html>, acessado em 04.12.2011.

BRUNO, L. *Questões de coerência*. 03.03.11. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/cultura/11898-questoes-de-coerencia.html>, acessado em 13.04.11.

CALDAS, S. *O instituto*. 08.08.10. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/o-instituto/quem-somos.html>, acessado em 22.01.12.

CARDOSO, F. H. “O papel da oposição”. *Interesse Nacional*. nº. 13. abril-junho, 2011. Disponível em http://interessenacional.uol.com.br/artigos-integra.asp?cd_artigo=101, acessado em 14.04.11.

CARPEAUX, O. M. *A idéia da universidade e as idéias das classes médias*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/carp3.htm>, acessado em 21.10.10.

CARVALHO, O. de. “A nova religião nacional”. *Diário do Comércio*. 26.03.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070326dc.html>, acessado em 14.01.12.

CARVALHO, O. “História marxista é charlatanismo”. *O Globo*. 27.05.02. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/05272002globo.htm>, acessado em 10.10.10.

CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em <http://www.midiase mascar a.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html>, acessado em 18.09.10.

CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em <http://www.midiase mascar a.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html>, acessado em 18.09.10.

CARVALHO, O. de. “A burguesia indefesa”. *Diário do Comércio*. 17.08.09. Disponível em <http://www.midiase mascar a.org/editorial/7949-a-burguesia-indefesa.html>, acessado em 08.10.10.

CARVALHO, O. de. “A falta que a militância faz”. *Diário do Comércio*. 05.07.10. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/100705dc.html>, acessado em 05.10.10.

CARVALHO, O. de. “A farsa radical”. *Jornal do Brasil*. 21.06.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070621jb.html>, acessado em 13.04.11.

CARVALHO, O. de. “A maior trama criminoso de todos os tempos”. *Digesto Econômico*. Setembro/dezembro 2007. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/0709digestoeconomico.html>, acessado em 14.04.11.

CARVALHO, O. de. “A word from our presidente”. *The Inter-American Institute*. 04.06.10. Disponível em <http://www.theinteramerican.org/about-us/mission-statement/128.html>, acessado em 10.01.12.

CARVALHO, O. de. “Antonio Gramsci e a teoria do bode”. *IEE*. 29.10.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/iee_gramsci.htm, acessado em 14.04.11.

CARVALHO, O. de. “Apostando na estupidez humana”. *O Globo*. 06.06.02. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/07062002globo.htm>, acessado em 14.04.11.

CARVALHO, O. de. “Barbárie mental”. *Jornal do Brasil*. 15.02.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070215jb.html>, acessado em 09.09.10.

CARVALHO, O. de. “Ciência e ideologia”. *O Globo*. 20.09.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/09202003globo.htm>, acessado em 14.04.11.

CARVALHO, O. de. “Digitais do Foro de São Paulo”. *Diário do Comércio*. 28.01.08. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/080128dc.html>, acessado em 13.04.11.

CARVALHO, O. de. “Escolha desgraçada”. *Diário do Comércio*. 25.05.10. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/100525dc.html>, acessado em 20.01.12.

CARVALHO, O. de. “Estupidez criminoso”. *Diário do Comércio*, 26.02.07. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070226dc.htm>, acessado em 10.02.11.

CARVALHO, O. de. “Geração maldita”. *Diário do Comércio*. 08.12.09. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/091208dc.html>, acessado em 18.09.10.

CARVALHO, O. de. “Introdução”. In. *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*. São Paulo: É Realizações, 2006. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/terraqueo.html>, acessado em 19.01.12.

CARVALHO, O. de. “Moral postiça”. *Jornal da Tarde*, 23.12.99. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/991223jt.htm>, acessado em 13.04.11.

CARVALHO, O. de. “Nacionalismo americano – I”. *Diário do Comércio*. 22.05.11. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/110322dc.html>, acessado em 10.05.11.

CARVALHO, O. de. “Prólogo”. *Resistência Nacionalista*. n.º. 11, fevereiro, 2010. Disponível em http://www.4shared.com/document/i5dmzk5I/RN-Numero_11.html, acessado em 04.07.2011.

CARVALHO, O. de. “Traição anunciada”. *Diário do Comércio*. 08.05.06. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/060508dc.html>, acessado em 20.01.12.

DOMINGUES, G. A. *A nova Digesto cultural*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova_digesto.htm, acessado em 10.01.12.

CARVALHO, O. de. “Um capítulo de memórias”. *Diário do Comércio*. 23.06.08. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/080623dc.html>, acessado em 27.02.12.

CARVALHO, O. de. “Um clássico e um paralelo”. *O Globo*. 07.06.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/030607globo.htm>, acessado em 10.04.11.

CARVALHO, O. de. “Viva o fascismo!”. *Jornal da Tarde*. 04.05.99. Disponível em

<http://www.olavodecarvalho.org/semana/990304jt.htm>, acessado em 12.12.10.

CARVALHO, O. de. *A esquerda inventada*. 06.03.09. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/conservadorismo/174-a-esquerda-inventada.html>, acessado em 14.04.11. Grifos nossos.

CARVALHO, O. de. *A filosofia não é para os tímidos*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/timidos.htm>, acessado em 10.10.10.

CARVALHO, O. de. *Aos visitantes desta homepage*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/aosvisitantes.htm>, acessado em 12.01.12.

CARVALHO, O. de. *Apelo urgente de Olavo de Carvalho a seus leitores brasileiros*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/donation.html>, acessado em 22.01.12.

CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outsppeak*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/true_outsppeak.html, acessado em 09.09.10.

CARVALHO, O. de. *Aviso de Alberto Dines & considerações sobre a universidade*. 30.06.01. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/dines2.htm>, acessado em 19.01.12.

CARVALHO, O. de. *Aviso*. Editorial. 12.03.11. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/editorial/11915-aviso.html>, acessado em 20.01.12.

CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000007.html>, acessado em 08.01.12.

CARVALHO, O. de. *Gramscianos enfezadinhos, uni-vos!*. 26.12.98. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/enfeza.htm>, acessado em 29.03.12.

CARVALHO, O. de. *Jornalismo e verdade*. Entrevista a um grupo de estudantes da PUC-Minas. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/jornalismo.htm>, acessado em 10.10.10.

CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/english/1Resume.pdf>, acessado em 14.01.12.

CARVALHO, O. de. *Links*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2>, e http://www.olavodecarvalho.org/semana/arquivo_2002.htm, acessados em 09.10.10.

CARVALHO, O. de. *Livraria (in)Cultura agride covardemente o Mídia Sem Máscara*. Disponível em http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=2471, acessado em 20.01.12.

CARVALHO, O. de. *Lógica da mistificação, ou: o chicote da tiazinha*. 05.04.99. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/tiazinha.htm>, acessado em 23.10.10. Grifos nossos.

CARVALHO, O. de. *Minha aluna e Marcos Bagno*. Carta e comentários. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/bagno.htm>, acessado em 23.09.11.

CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000009.html>, acessado em 08.01.12.

CARVALHO, O. de. *O homem invisível*. 19.04.11. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/desinformacao/12017-o-homem-invisivel.html#comment-39876>, acessado 05.05.11.

CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo – calamidades intelectuais da semana: cartas e respostas*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/imbecil.htm>, acessado em 10.06.11.

CARVALHO, O. de. *O que é o nacionalismo americano?* 22.03.11. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/conservadorismo/11941-o-que-e-o-nacionalismo-americano.html>, acessado em 17.05.11.

CARVALHO, O. de. *Opiniões da crítica*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/critica.htm>, acessado em 12.01.12.

CARVALHO, O. de. *Pauteiro da USP*. 30.06.01. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/pauteiro.htm>, acessado em 14.01.12.

CARVALHO, O. de. *Publicações de alunos e amigos*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2>, acessado em 09.10.10.

CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* Disponível em <http://www.seminariodefilosofia.org/o-que-e>, acessado em 10.01.12.

CARVALHO, O. de. *Quem avisa amigo é*. 02.03.10. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/conservadorismo/10858-quem-avisa-amigo-e.html>, acessado em 13.11.10.

CARVALHO, O. de. *Quem somos*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20021028120828/www.midiase mascara.org/quem.asp>, acessado em 13.10.10.

CARVALHO, O. de. *Quem trabalha para quem*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/coimbra.htm>, acessado em 12.04.11.

CARVALHO, O. de. *Reparando uma injustiça pessoal*. Discurso pronunciado no Clube Militar do Rio de Janeiro em 31.03.99. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/reparando.htm>, acessado em 04.07.11.

CARVALHO, O. de. *Sucesso total do I Congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/sucesso.htm>, acessado em 19.01.12.

CARVALHO, O. de. *The secret of a terrorist*. 23.06.10. Disponível em <http://philosophyseminar.com/texts/articles/165-the-secret-of-a-terrorist.html>, acessado em 13.04.11.

CARVALHO, O. de. *True outspread*, sem data. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=OhGx8NXX5V4>, acessado em 12.12.10. Transcrição nossa.

CARVALHO, O. de. *Truque sujo, parte 2*. 13.10.11. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/mediawatch/outros/12486-truque-sujo-parte-2.html>, acessado em 20.01.12.

CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. Disponível em <http://web.archive.org/web/19991004034606/http://olavodecarvalho.org/>, acessado em 19.01.12.

CARVALHO, O. de. “Dialética da inveja”. *Folha de S. Paulo*. 26.08.03. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/030826fsp.htm>, acessado em 20.10.10.

CARVALHO, O. de. “Por trás das palavras”. *Diário do Comércio*. 08.02.10. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/100208dc.html>, acessado em 08.08.10.

CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/livros/negramsci.htm>, acessado em 27.10.10.

CARVALHO, O. de. *Karl Marx na fonte da juventude*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070730dc.html>, acessado em 22.10.10.

CASTRO, G. “Olavo de Carvalho: esquerda ocupou vácuo pós-ditadura”. Entrevista. *Veja Online*. 03.04.11. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuopos-ditadura>, acessado em 03.04.11.

CEDET. *Livrarias virtuais CEDET*. Disponível em <http://www.cedet.com.br/index.php?/CEDET/Informacoes-para-Clientes/livrarias-virtuais-cedet.html>, acessado em 25.01.12.

CIDRAL, F. “Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Vida aqui*. 31.10.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/quee.htm>, acessado em 13.01.12.

COMUNIDADE ERIC VOEGELIN. *Apresentação*. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=114660>, acessado em 20.12.10.

CORDEIRO, N. *A questão do mal natural*. 20.01.11. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/cultura/11777-a-questao-do-mal-natural.html>, acessado em 03.01.11.

CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/conservadorismo/10838-liberalismo-e-conservadorismo.html>, acessado em 03.03.11.

CORDEIRO, N. *Liberalismo e revolução*. 15.03.10. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/conservadorismo/10903-liberalismo-e-revolucao.html>, acessado em 01.12.10.

CORDEIRO, N. *O feixe*. 03.01.10. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/economia/10658-o-feixe.html>, acessado em 12.02.11.

CRISTIANISMO HOJE. *Entrevista com Julio Severo*. 27.04.09. Disponível em <http://juliosevero.blogspot.com/2009/06/entrevista-original-de-julio-severo.html>, acessado em 13.02.12.

Disponível em ORKUT. *Serviço de busca*. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=>, acessado em 10.10.10.

DIVERSOS. *Cartas ao Globo e a Olavo de Carvalho*. Parte I. Cartas enviadas ao Globo. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas_oglobo_oglobo.htm, acessado em 20.01.12.

DOM BERTRAND DE ORLEANS E BRAGANÇA. *Blog de Dom Bertrand*. Disponível em http://www.paznocampo.org.br/Blog/Blog_db.asp, acessado em 15.02.12.

DOM LUIZ BERGONZINI. *Início*. Disponível em <http://www.domluzbergonzini.com.br/>, acessado em 14.02.12.

DOMINGOS, G. A. *Informar e estimular o debate*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/mundo_real/03_prefacio.htm, acessado em 10.09.10.

É REALIZAÇÕES. *Catálogo*. Disponível em <http://www.erealizacoes.com.br/editora/catalogo.asp>, acessado em 25.01.12.

ESCORSIM, F. “A seriedade de Alegria”. *Paraná Online*. 19.10.07. Disponível em <http://www.parana-online.com.br/colunistas/201/50421/?postagem=A+SERIEDADE+DE+IALEGRIAI>, acessado em 23.01.12.

ESCORSIM, F. *Por que elegância?* Disponível em <http://cinemaelegante.blogspot.com/2005/03/por-que-elegancia.html>, acessado em 23.01.12.

FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Economia e livre iniciativa*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura_detalhe.asp?id_tema=24, acessado em 13.04.11.

FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Quem somos*. Disponível em <http://www.faroldademocracia.org/quemsomos.asp>, acessado em 14.02.12.

FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Sala de leitura*. Disponível em <http://www.faroldademocracia.org/salaleitura.asp>, acessado em 14.04.11.

FONSECA, E. “Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil”. *Panorama Mercantil*. 07.07.11. Disponível em <http://www.midiaseммассara.org/artigos/entrevistas/12147-entrevista-de-olavo-de-carvalho-ao-site-panorama-mercantil.html>, acessado em 19.02.12.

FONSECA, J. C. S. da. *Dilma na luta armada*. Disponível em <http://www.midiaseммассara.org/artigos/eleicoes-2010/11403-dilma-na-luta-armada.html>, acessado em 20.12.10.

FONSECA, J. C. S. da. *Farsa moral do politicamente correto*. 09.05.10. Disponível em <http://www.midiaseммассara.org/artigos/movimento-revolucionario/11055-farsa-moral-do-politicamente-correto.html>, acessado em 13.10.10. Grifos do autor.

FORO DO BRASIL. *Entrada*. Disponível em <http://www.forodobrasil.info/>, acessado em 11.01.12.

FORO DO BRASIL. *Sobre*. Disponível em http://forodobrasil.info/fb/?page_id=2, acessado em 13.02.12.

FRENTE NACIONAL. *Immigration*. Disponível em http://www.frontnational.com/?page_id=1095, acessado em 07.04.11.

FUNDAÇÃO LIBERDADE E CIDADANIA. *A fundação*. Disponível em <http://www.flc.org.br/fundacao.asp>, acessado em 26.01.12.

FUNDADORES. *Quem somos*. Disponível em <http://www.fundadores.org.br/servicos/qsomos/>, acessado em 15.02.12.

GARCIA, A. *Observando o observatório*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0156.htm>, acessado em 19.09.10.

GARSCHAGEN, B. “*Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante*”. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/0801entrevista.html>, acessado em 10.04.11.

GOOGLE STREET VIEW. *R. Visconde do Rio Branco, 449*. Mercês, Curitiba. Foto de junho de

2011. Disponível em http://maps.google.com.br/maps?q=visconde+do+rio+branco+449+curitiba&um=1&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x94dce408143850cf:0x80007abc7f4cfdff,R.+Visc.+do+Rio+Branco,+449+-+Merc%C3%AAs,+Curitiba+-+PR,+80410-000&gl=br&ei=NKsdT7DiGMvo2gXuydH0Cw&sa=X&oi=geocode_result&ct=title&resnum=1&ved=0CCYQ8gEwAA, acessado em 23.01.12.

I CONGRESSO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE HUMANIDADES. *Primeira comunicação*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/congresso.htm>, acessado em 19.01.12.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://www.institutodefiosofia.com.br/pdf/grandes_fb.pdf, acessado em 20.01.12. Olavo de Carvalho nega este patrocínio.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO. *Quem somos*. Disponível em <http://www.ife.org.br/quem-somos.html>, acessado em 13.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Articulistas e colunistas*. Disponível em <http://www.imil.org.br/categoria/articulistas-e-especialistas/>, acessado em 15.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Histórico*. Disponível em <http://www.imil.org.br/institucional/historico/>, acessado em 15.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Parceiros*. Disponível em <http://www.imil.org.br/parceiros/>, acessado em 15.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Prestação de contas*. Disponível em <http://www.imil.org.br/institucional/prestacao-de-contas/>, acessado em 15.02.11.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Atendimentos individuais*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/atendimentos.html>, acessado em 23.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Cursos*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/cursos.html>, acessado em 23.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/inscricoes.html>, acessado em 22.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Palestras e eventos*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/palestras-e-eventos.html>, acessado em 23.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Pesquisa e estudos*. Disponível em <http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/pesquisa-e-estudo.html>, acessado em 23.01.12.

IORIO, U. *João, Maria, José, empreendedorismo e intervencionismo*. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/11466-joao-maria-jose-empendedorismo-e-intervencionismo.html>, acessado em 13.10.10.

JULIO SEVERO. *Blog*. Disponível em <http://juliosevero.blogspot.com/>, acessado em 13.02.12.

JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Conservadores da UFSC, bem vindos!* Disponível em <http://unbconservadora.blogspot.com.br/2012/05/conservadores-da-ufsc-bem-vindos.html>, acessado em 21.04.12.

JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Manifesto da Juventude Conservadora da UnB*. Disponível em <http://unbconservadora.blogspot.com.br/2010/06/carta-manifesto-da-juventude.html>, acessado em 03.03.12.

KUHNER, J. T. *O império de Soros*. 03.09.10. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11569-o-imperio-de-soros.html>, acessado em 17.12.10.

LEÃO, S. R. “O PT já nasceu corrompido”. Entrevista com Olavo de Carvalho. *Jornal de Brasília*. 31.01.10. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/10772-qo-pt-ja-nasceu-corrompidoq.html>, acessado em 14.04.11.

LIVRARIA CULTURA. *Pesquisa sobre Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.livrariacultura.com.br/scripts/busca/busca.asp?palavra=olavo+de+carvalho&tipo_pesq=&tipo_pesq_new_value=false&tkn=0, acessado em 05.01.12.

LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Livros à venda*. Disponível em <http://livraria.seminariodefilosofia.org>, acessado em 09.07.11.

LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA; CEDET. *Quem somos*. Disponível em <http://livraria.seminariodefilosofia.org/sobre-o-site/informacoes-gerais/quem-somos.html>, acessado em 25.01.12.

MADRETERNA. *4º oficina de música e arte católica*. Releases da área de expressão. Disponível em <http://www.zizafernandes.com/oficina/releaseexpressao.php>, acessado em 23.01.12.

MAIER, F. *Olavo “Denisovich” Carvalho*. 17.03.02. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0132.htm>, acessado em 19.01.12.

MARTINS, T. F. *Resistência e reação*. 17.07.10. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/conservadorismo/11247-resistencia-e-reacao.html>, acessado em 13.10.10.

MATEVSKI, N. “Na base do doa a quem doer. Entrevista com Olavo de Carvalho”. *Gazeta do Povo*. 20.06.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista_gazeta.htm, acessado em 13.01.12.

MELLÃO NETO, J. “Enquanto a revolução não vem”. *O Estado de S. Paulo*. 31.12.10. Reproduzido em http://www.exercito.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=18107&articleId=304348&version=1.0, acessado em 10.05.11.

MÍDIA SEM MÁSCARA. *Arquivos*. Disponível em <http://web.archive.org/web/20021004015706/www.midiase mascara.org/arquivo.asp>, acessado em 10.10.10.

MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em <http://replay.waybackmachine.org/20030402124624/http://midiase mascara.org/autor.asp?cod=69>, acessado em 13.04.1.

MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/colunistas.html>, acessado em 10.05.11.

MISES BRASIL. *Autores*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Authors.aspx?type=articles>, acessado em 26.01.12.

MISES BRASIL. *Biblioteca*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Ebooks.aspx?type=99>, acessado em 26.01.12.

MISES BRASIL. *Loja virtual*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Products.aspx>, acessado em 26.01.12.

MISES BRASIL. *Sobre nós*. Disponível em <http://www.mises.org.br/About.aspx>, acessado em 26.01.12.

MISES BRASIL. *Trabalhos acadêmicos*. Disponível em <http://www.mises.org.br/Ebook.aspx?id=38>, acessado em 26.01.12.

MISES INSTITUTE. *Daily*. Disponível em <http://mises.org/>, acessado em 26.01.12.

NEDELCO, D. “Entrevista com Olavo de Carvalho”. *Rádio Nacional*. Bucareste, 12.11.98 <http://www.olavodecarvalho.org/textos/nedelcu.htm>, acessado em 10.01.12..

NUGENT, T. *What the Tea Parties stand for*. Disponível em <http://www.humanevents.com/article.php?id=36856>, acessado em 13.05.11.

NYQUIST, J. *Aviso de um filósofo*. Entrevista com Olavo de Carvalho. 27.02.11. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/globalismo/11885-aviso-de-um-filosofo.html>, acessado em 01.03.11.

PAOLA, H. de. *A “direita” que a esquerda adora*. 27.02.10. Disponível em http://www.heidordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=1684, acessado em 10.05.11.

PAOLA, H. de. *Governo mundial: realidade ou mito?* 31.08.06. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/arquivos/5479-governo-mundial-realidade-ou-mito.html>, acessado em 12.04.11.

PAOLA, H. de. *No, you can't! A águia reage!*. 11.11.10. Disponível em http://www.heidordepaola.com/publicacoes_materia.asp?id_artigo=2242, acessado em 13.05.11.

PAOLA, H. de. *True Lies*. 20.01.04. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/globalismo/9622-true-lies.html>, acessado em 13.04.11.

PAOLA, H. de. *Um movimento conservador no Brasil?* 21.12.10. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/conservadorismo/11706-um-movimento-conservador-no-brasil.html>, acessado em 17.05.11.

PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. Disponível em <http://www.imil.org.br/artigos/o-antipolitico/>, acessado em 14.04.11.

PIRES, K. C. *Vamos trabalhar juntos?* 12.02.10. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/cultura/10789-vamos-trabalhar-juntos.html>, acessado em 08.10.10.

PONTES, I. “Vocação: editor”. *Tribuna da Imprensa*. 12.12.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_TI_121203.htm, acessado em 25.01.12.

PONTES, I. *Jornalismo falido x jornalismo on line*. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/cultura/11284-jornalismo-falido-x-jornalismo-on-line.html>, acessado em 20.12.10.

PONTES, I. *Se Lula existe, tudo é permitido*. 22.12.09. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/governo-do-pt/10628-se-lula-existe-tudo-e-permitido.html>, acessado em 12.12.10. Grifos nossos.

QUEM. “Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro”. *Quem*. 14.11.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_QUEM_141103.htm, acessado em 25.01.12.

RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA. Edição n.º 7, setembro de 2011. Disponível em <http://www.newsflip.com.br/pub/resistenciademocratica//index.jsp?edicao=2198>, acessado em 14.02.12.

RESISTÊNCIA NACIONALISTA. Editorial. *Resistência Nacionalista*. n.º 1, abril, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html, acessado em 04.07.2011.

RIBEIRO, E. *Leitor do MSM vs. André Petry*. 13.11.10. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/mediawatch/outros/11594-leitor-do-msm-vs-andre-petry.html>, acessado em 13.05.11.

RICARDO, P. Pe. *Introdução à filosofia – o marxismo cultural!* (extratos de uma palestra). Disponível em <http://antiforodesaopaulo.blogspot.com/2009/05/iniciacao-filosofia-o-marxismo-cultural.html>, acessado em 10.04.11.

ROBSON, R. *Sobre o medo de ser flagrado lendo Olavo de Carvalho*. 26.12.08. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/081226sobreomedo.htm>, acessado em 12.10.10.

ROSENFELD, D. L. “Democracia totalitária”. *O Estado de S.Paulo*. 03.07.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090803/not_imp412618,0.php, acessado em 10.05.11.

SALGUEIRO, G. “Não houve Golpe de Estado em Honduras”. *Resistência Nacionalista*. n.º 4. Julho, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/122955448/a3ab6967/RN-Numero_04.html, acessado em 04.07.2011

SALGUEIRO, G. *Brasil: opção preferencial pela ilegalidade – Parte 2*. Disponível em <http://www.midiase mascara.org/artigos/governo-do-pt/8935-brasil-opcao-preferencial-pela-ilegalidade-parte-2.html#comment-15925>, acessado em 12.12.10.

SANTOS, I. *Gramsci, lavagem cerebral e o aborto*. Disponível em http://www.providafamilia.org.br/site/_arquivos/2008/350__gramsci,_lavagem_cerebral_e_o_aborto.pdf, acessado em 14.02.12.

SEM AUTOR. *Descrição da comunidade “Mídia Sem Máscara”*. Disponível em <http://www.orkut.com.br/>, acessado em 13.10.10.

SEM AUTOR. *Descrição da comunidade “Olavo de Carvalho”*. Disponível em <http://www.orkut.com.br/>, acessado em 20.12.10.

SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Assine já*. Disponível em <http://www.seminariodefiosofia.org/assine>, acessado em 13.01.12.

SEVERO, J. “Desmascarando o gayzismo”. *Resistência Nacionalista*. n.º 1, abril, 2009. Disponível

em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html , acessado em 04.07.2011

SILVA, C. A. P. *Entendendo aspectos da conjuntura brasileira atual “Brasil e a revolução no Ocidente”*. Extratos do livro “A revolução gramscista no Ocidente. A concepção revolucionária de Antônio Gramsci em os Cadernos do cárcere” de Sérgio Augusto de Avellar Coutinho. Rio de Janeiro: Estandarte, 2002. Disponível em <http://ultradireita.wordpress.com/2010/07/28/entendendo-aspectos-da-conjuntura-brasileira-atual-%e2%80%9cbrasil-e-a-revolucao-no-ocidente%e2%80%9d/>, acessado em 06.06.11.

SOUZA, R. A. *Biografia*. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/bio.htm>, acessado em 10.01.12.

TAVARES, J. A. G. *Partidos não constitucionais em democracias constitucionais*. 01.02.11. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11811-partidos-nao-constitucionais-em-democracias-constitucionais.html>, acessado em 11.05.11.

TAVARES, J. A. G. *Totalitarismo democrático: I. Paranoia e política*. 21.01.11. Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11781-totalitarismo-democratico-1-paranoia-e-politica.html>, acessado em 10.05.11.

TAVARES, N. *Instituto Mises Brasil divulga o resultado do I Prêmio IMB*. 01.03.10. Disponível em <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=631>, acessado em 26.01.12.

TEA PARTY. *Non-negotiable core beliefs of the tea party*. Disponível em <http://www.teaparty.org/about.php>, acessado em 05.05.11.

TERNUMA. *Quem somos*. Disponível em <http://www.ternuma.com.br/ternuma/index.php?open=1>, acessado em 13.02.12.

THE INTER-AMERICAN INSTITUTE. *Fellows*. Disponível em <http://www.theinteramerican.org/about-us/fellows.html>, acessado em 20.01.12.

THECONTRACT.ORG. *The contract from America*. Disponível em <http://www.thecontract.org/the-contract-from-america/>, acessado em 10.05.11.

TOPBOOKS. *A editora*. Disponível em <http://www.topbooks.com.br/>, acessado em 25.01.12.

TOPBOOKS. *Apresentação “Como vencer um debate sem precisar ter razão”*. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frApres_ComoVencer.htm, acessado em 24.12.11.

TÓPICO DA COMUNIDADE “MÍDIA SEM MÁSCARA”. *Novo na comunidade*. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=775794&tid=6254698>, acessado em 20.12.10.

Optamos por corrigir os erros de português das mensagens do Orkut.

TÓTORA, R. “Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Porto do Céu*. 01.06.00. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm>, acessado em 10.01.12.

UNIVERCIDADE. *Editora*. Disponível em <http://www.univercidade.br/editora/index.asp#ciepol>, acessado em 15.01.12.

UNIVERCIDADE. *Histórico*. Disponível em <http://www.univercidade.br/ainstituicao/historia.asp>, acessado em 15.01.12.

VANGUARDA POPULAR. *ODC - Sapientiam Autem Non Vincit Malitia*. Disponível em <http://d3cznlo0697e08.cloudfront.net/products/807-10d96ca3ba4f4cd10f71b82ce5b8e43e.jpg>, acessado em 14.02.12.

VANGUARDA POPULAR. *Página inicial*. Disponível em <http://www.vanguardapopular.com.br/portal/>, acessado em 03.03.12.

VICTOR, F. “O que é, que é?”. *Folha de S. Paulo*. 12.01.12. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha_Ilustrada_07-01-2012.pdf, acessado em 25.01.12.

VIDE EDITORES. *UnoAmérica*. 19.12.08. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/unoamerica-uniao-de-organizacoes-democraticas-da-america.html>, acessado em 18.03.12.

VIDE EDITORIAL. *Índice do Dicionário de obras básicas da cultura ocidental*. Disponível em <http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/indice/indice.html>,

acessado em 26.01.12.

VIDE EDITORIAL. *Vide editorial*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=40&Itemid=55, acessado em 26.01.12.

VIDE. *Artigos*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/>, acessado em 26.01.12.

VIDE. *Direita*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/direita.html>, acessado em 26.01.12

VIDE. *Editoriais*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/>, acessado em 26.01.12.

VIDE. *Esquerda*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/esquerda.html>, acessado em 26.01.12.

VIDE. *Manifesto*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/VIDE-Info-macoes-Gerais/Documentos-VIDE/manifesto-do-vide.html>, acessado em 26.01.12.

VIDE. *Revolucionário*. Disponível em <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/revolucionario.html>, acessado em 26.01.12.

VOEGELIN, E. *Karl Marx (1818-1883)*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/mendo2_2.htm, acessado em 11.03.11.

ANEXOS:

ANEXO 1: Tabela dos membros titulares do CGI.br, por origem de representação, de 2005-2010:

Representantes do governo	Membros titulares empossados em 06.01.05	Membros titulares empossados em 17.02.07	Membros titulares empossados 30.09.08
Ministério da Ciência e Tecnologia	Arthur Pereira Nunes (coordenador)	Augusto Cesar Gadelha Vieira (coordenador)	Augusto Cesar Gadelha Vieira (coordenador)
Casa Civil da Presidência da República	Sérgio Amadeu da Silveira	Renato da Silveira Martini	Renato da Silveira Martini
Ministério das Comunicações	Plínio de Aguiar Júnior	Marcelo Bechara de Souza Hobaika	Marcelo Bechara de Souza Hobaika
Ministério da Defesa	Antonio Carlos Ayrosa Rosière	Marcelo Andrade de Melo Henriques	Vago, titular; Vago, suplente
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	Manuel Fernando Lousada Soares	Jairo Klepacz	Vago, titular; Manuel Fernando Lousada Soares, suplente
Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão	Rogério Santanna dos Santos	Rogério Santanna dos Santos	Rogério Santanna dos Santos
Agência Nacional de Telecomunicações	José Alexandre Novaes Bicalho	Plínio de Aguiar Junior	Plínio de Aguiar Junior
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico	José Roberto Drugowich de Felício	José Roberto Drugowich de Felício	José Roberto Drugowich de Felício
Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência e Tecnologia (em 2005 ainda Fórum)	Denise Aparecida Carvalho	Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti	Alexandre Aguiar Cardoso
Representante de Notório Saber em Assuntos de Internet:	Demi Getschko	Demi Getschko	Demi Getschko
Representantes do setor empresarial	Membros titulares empossados em 06.01.05	Membros titulares empossados em 17.02.07	Membros titulares empossados 30.09.08
Segmento dos provedores de acesso e conteúdo da Internet	Antônio Alberto Tavares	Antônio Alberto Tavares	Jaime Barreiro Wagner
Segmento dos provedores de infra-estrutura de telecomunicações	Carlos de Paiva Lopes	Carlos de Paiva Lopes (<i>in memorian</i>)	Alexandre Annenberg Netto
Segmento da indústria de bens de informática, de bens de telecomunicações e de software do setor empresarial	Henrique Faulhaber	Henrique Faulhaber	Henrique Faulhaber
Segmento do setor empresarial usuário	Cássio Jordão Motta Vecchiatti	Cássio Jordão Motta Vecchiatti	Nivaldo Cleto

Representantes do terceiro setor	Membros titulares empossados em 06.01.05	Membros titulares empossados em 17.02.07	Membros titulares empossados 30.09.08
	Carlos Alberto Afonso	Carlos Alberto Afonso	Carlos Alberto Afonso
	Gustavo Gindre Monteiro Soares	Gustavo Gindre Monteiro Soares	Gustavo Gindre Monteiro Soares
	Marcelo Fernandes	Marcelo Fernandes	Marcelo Fernandes
	Mário Luís Teza	Mário Luís Teza	Mario Luis Teza
Representantes da comunidade científica e tecnológica	Membros titulares empossados em 06.01.05	Membros titulares empossados em 17.02.07	Membros titulares empossados 30.09.08
	Luci Pirmez	Luci Pirmez	Nelson Simões da Silva
	Nelson Simões da Silva	Nelson Simões da Silva	Lisandro Zambenedetti Granville
	Luis Fernando Gomes Soares	Luiz Fernando Gomes Soares	Flávio Rech Wagner

FONTE: SEM AUTOR. *Lista dos membros do Comitê Gestor Internet Brasil*. Disponível em <http://www.abusando.info/denuncias/comitegestor.html>, acessado em 10.10.10.

ANEXO 2: Tabela do perfil dos representantes eleitos para o CGI.br em 2011.

Setor empresarial	Provedores de acesso e conteúdo da Internet	Provedores de infraestrutura de telecomunicações	Indústria de bens de informática, telecomunicações e software	Setor empresarial usuário
	Eduardo Fumes Parajo. Iniciou no mercado de provimento de acesso e serviços Internet em 1996, e desde abril de 2007 é presidente da ABRANET, onde exerce o cargo pelo segundo mandato consecutivo até 2011. Suplente: Ricardo Lopes Sanchez.	Eduardo Levy Cardoso Moreira. Engenheiro Eletricista e de Telecomunicações pela PUC-RJ, ocupou cargos na Telerj, Telebrás e Embratel. É o atual Diretor Executivo do SINDITELEBRASIL. Suplente: Alexandre Annenberg Netto.	Henrique Faulhaber (reeleito). Matemático com Mestrado em Engenharia de Sistemas, é diretor da empresa Calandra, do SEPRORJ e membro do conselho da Riosoft. Suplente: Norberto Dias.	Cássio Jordão Motta Vecchiatti. Sócio e diretor da DataCast Assessoria Ltda., tem formação em Tecnologia da Informação e Eletrônica. Atualmente é Diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia do Sistema Fiesp/Ciesp e Presidente do Conselho da Fundação Vanzolini. Suplente: Nivaldo Cleto.

Terceiro Setor				
	<p>Sergio Amadeu da Silveira. Professor da UFABC, Doutor em Ciência Política pela USP. Implementou e coordenou o Projeto Telecentros da Prefeitura de São Paulo. Foi Diretor-Presidente do ITI. Integra o Conselho Científico da ABCiber. É membro da comunidade de <i>software</i> livre. Suplente: José Ricardo Negrão.</p>	<p>Veridiana Alimonti. Formada em Direito e mestranda em Direito Econômico pela USP. É advogada do IDEC, com atuação na área de telecomunicações, incluindo as iniciativas relativas à governança da Internet e participação social na regulação dos serviços. Suplente: Vitor Hugo Das Dores Freitas</p>	<p>Carlos Alberto Afonso (reeleito). Cofundador do Ibase e da APC. Coordenou o primeiro projeto Internet desenvolvido para uma conferência mundial da ONU, a ECO-92. Atualmente é colaborador do Instituto Nupef e membro do Conselho de Administração da Telebrás. Suplente: Marcus Aurélio Ribeiro Manhães</p>	<p>Percival Henriques de Souza Neto. Físico e bacharel em Direito, foi diretor técnico do Inmetro/Imeq na Paraíba e é especialista em gestão pública. Atualmente, exerce a presidência da Associação Nacional para Inclusão Digital – ANID. Suplente: Flávia Lefèvre Guimarães.</p>
Comunidade científica e tecnológica				
	<p>José Luiz Ribeiro Filho. Engenheiro Eletrônico pela UFRJ, Mestre em Ciência da Computação pela COPPE Sistemas e Ph.D. em Ciência da Computação pela Universidade de Londres. Atualmente, é Diretor de Serviços e Soluções da RNP.</p>	<p>Flávio Rech Wagner (reeleito). Graduado em Engenharia Elétrica pela UFRGS, é Doutor em Informática pela Universidade de Kaiserslautern, Alemanha. Foi Presidente e Conselheiro da Sociedade Brasileira de Computação e atualmente é professor titular da UFRGS.</p>	<p>Lisandro Zambenedetti Granville (reeleito). Professor-doutor do Instituto de Informática da UFRGS. É especialista em Gerenciamento de Redes de Computadores e Serviços. Pesquisador CNPq. Suplente: Omar Kaminski</p>	<p>-</p>

FONTE: NIC.BR. *CGI.br anuncia nomes dos representantes eleitos da sociedade civil*. 23.02.11. Disponível em <http://www.inclusaodigital.gov.br/noticia/cgi-br-anuncia-nomes-dos-representantes-eleitos-da-sociedade-civil/>, acessado em 04.04.11.

ANEXO 3: Tabela de posse e uso de computador e internet (percentual sobre o total):

Domicílios	2005		2006		2007	
	%	Projeção domicílios	%	Projeção domicílios	%	Projeção domicílios
Possui computador	17	7 436 000	20	8 820 000	24	11 040 000
Possui acesso à internet	13	5 720 000	14	6 525 000	17	7 774 000
Pessoas						
Já utilizou computador	45	56 500 000	46	58 039 000	53	69 037 000
Utilizou computador nos últimos 3 meses	30	37 125 000	33	42 037 000	40	52 924 000
Nunca utilizou computador	55	68 500 000	54	68 961 000	47	61 963 000
Já utilizou internet	32	40 250 000	33	42 291 000	41	53 317 000
Utilizou internet nos últimos 3 meses	24	30 500 000	28	35 306 000	34	44 933 000
Nunca utilizou internet	68	84 750 000	67	84 709 000	59	77 683 000

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em <http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf>, acessado em 20.12.10.

ANEXO 4: Tabela de posse e uso de computador e internet por renda:

Renda familiar	Posse computador			Posse internet		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007
Até 1 SM	2	2	3	1	0	1
1SM – 2 SM	3	3	9	1	2	4
2 SM – 3 SM	6	10	24	2	6	15
3 SM – 5 SM	15	23	40	10	16	28
+ 5 SM	46	54	67	40	44	57
Total	17	20	24	13	14	17
Renda familiar	Uso computador nos últimos 3 meses			Uso internet nos últimos 3 meses		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007
Até 1 SM	7	9	17	4	5	12
1 SM – 2 SM	12	15	27	8	11	21
2 SM – 3 SM	21	25	44	15	20	38
3 SM – 5 SM	32	41	58	26	34	51
+ 5 SM	60	63	74	55	59	68
Total	30	33	40	24	28	34

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em <http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf>, acessado em 20.12.10.

ANEXO 5: Tabela de motivos pelos quais nunca utilizou a internet:

Percentual		Falta de habilidade com o computador/internet	Não tem necessidade ou interesse	Não tem condições de pagar o acesso	Não tem de onde acessar	Outros
Total		55	39	31	18	15
Sexo	Masculino	57	43	28	16	14

Grau de instrução	Feminino	52	34	35	20	15
	Analfabeto/Ed. Infantil	64	29	32	21	17
	Fundamental	56	35	30	17	16
	Médio	48	49	31	17	13
	Superior	52	37	34	17	13
Renda	Até 1 SM	62	225	38	20	17
	1 SM - 2 SM	58	38	30	21	12
	2 SM - 3 SM	44	44	36	21	13
	3 SM - 5 SM	51	41	26	12	21
	+ 5 SM	43	61	24	11	14

BASE: 10.800 entrevistados de áreas urbanas que nunca utilizaram a internet. FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em <http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf>, acessado em 20.12.10.

ANEXO 6: Tabela de motivos para a falta acesso à internet no domicílio, por renda (em porcentagem).

	Total	Até 1 SM	1 SM – 2 SM	2 SM – 3 SM	3 SM – 5 SM	5 SM ou +
Tem acesso em outro lugar	23	12	18	16	27	30
Falta de habilidade/não sabe usar	13	8	7	16	14	13
Não tem necessidade/interesse	16	4	12	16	16	19
Acesso à rede inexistente na localidade	4	5	3	7	2	4
Custo de acesso muito elevado	58	70	72	68	58	33
Preocupações com segurança ou privacidade	6	0	5	7	9	4
Outros motivos NS/NR	35	57	34	22	32	41

Base: 1.165 domicílios entrevistados em áreas urbanas sem acesso à internet, mas com computador. FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em <http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf>, acessado em 20.12.10.

ANEXO 7: Tabela de motivos para a falta de computador no domicílio (percentual sobre o total de domicílios em que seus membros não tem computador):

	Total	Até 1 SM	1 SM – 2 SM	2 SM – 3 SM	3 SM – 5 SM	5 SM ou +
Custo elevado	78	87	83	77	87	51
Não há necessidade/interesse	30	32	30	29	28	28
Falta de habilidade	28	31	31	27	21	23
Tenho acesso ao computador em outro lugar	11	5	8	14	18	26
Outros motivos	14	10	11	14	21	22

BASE: 12.917 domicílios entrevistados em áreas urbanas em que seus membros não tem acesso a um computador. FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em <http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf>, acessado em 20.12.10.

ANEXO 8: Tabela de tipos de conexão à internet por renda:

Renda familiar	Modem tradicional			Banda larga		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007

Até 1 SM	71	88	17	0	12	26
1 SM – 2 SM	63	57	11	3	28	11
2 SM – 3 SM	87	57	50	10	25	13
3 SM – 5 SM	79	19	13	8	37	51
+ 5 SM	61	47	36	28	46	57
Total	66	49	42	22	40	50

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil. A evolução da internet no Brasil 2008.* Disponível em <http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf>, acessado em 20.12.10.

ANEXO 9: Tabela de locais de acesso à internet (percentual sobre total usuários da rede):

	2005	2006	2007
Em casa	42	40	40
No trabalho	26	24	24
Na escola	21	16	15
Na casa de outra pessoa	18	16	24
Centro público pago	18	30	49
Centro público gratuito	2	3	6
Outro	3,5	2	2

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil. A evolução da internet no Brasil 2008.* Disponível em <http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf>, acessado em 20.12.10.